

*do autor do best-seller*  
A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS

MARKUS ZUSAK

O  
construtor  
de pontes





# O construtor de pontes

Markus Zusak

Tradução de Stephanie Fernandes e Thaís Paiva



Copyright © 2018 by Markus Zusak

Trecho retirado do filme *Mad Max*, de 1979.

Trecho retirado do filme *Gallipoli*, de 1981.

Trecho retirado do filme *Carruagens de Fogo (Chariots of Fire)*, de 1981.

TÍTULO ORIGINAL

Bridge of Clay

REVISÃO

Ângelo Lessa

Giu Alonso

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

Juliana Werneck

Luisa Suassuna

Mariana Bard

ARTE DE CAPA

Aline Ribeiro | [linesribeiro.com](http://linesribeiro.com)

IMAGEM DE CAPA

© Shutterstock / Ildar Galeev

REVISÃO DE E-BOOK

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0399-2

Edição digital: 2019

1ª edição digital

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Antes do início: A velha Tec-tec

Parte um: cidades

Retrato de um assassino quando homem de meia-idade

Escola Clay de aquecimento

Bárbaros

Bernborough

Os gregos o pegaram

O rolo compressor humano

Sinal de fumaça

Os idiotas

Show de horrores

O sorridente

No compasso do assassino

Como um furacão

Parte dois: cidades + águas

A rainha dos erros

As cercanias

Ela chorou a viagem toda até Viena

Medindo forças

A garota do aniversário

O algoz no bolso

Casas de papel

A levantadora de bundas e o Minotauro

Os espólios da liberdade

Carey e Clay e El Matador no quinto

Morte à tarde

A ponte de Clay

Os entregadores

A última onda

Parte três: cidades + águas + criminosos

O corredor

O assassino nem sempre foi o assassino

A mão de menino

Homens e mulheres

A casa do assassino

O vento sul noturno que varria o litoral

O sono exagerado

Zátopek

O Amahnu



Uma galeria de Abbeys

Pont du Gard

Cinco anos e um piano, e subsequente mão sobre mão

Parte quatro: cidades + águas + criminosos + arcos

A pilha de Clay

As vidas antes de nós

O garoto de mãos ensanguentadas

Feito esquiadores no topo da montanha

O tradicionalista

Pintura no piano

O garoto que saiu do forno

A noiva do nariz quebrado

Guerra das rosas

A casa número 18 da rua Archer

Violência entre irmãos

A Tec-tec, a cobra e Lua

Parte cinco: cidades + águas + criminosos + arcos + histórias

Entrada triunfal

A escola Dunbar

Peter Pan

Guerras do piano

Cláudia Kirkby dos braços quentes

Hartnell

O triunvirato

O único cigarro

Central

A mulher que se tornou um garoto Dunbar

Retorno ao rio

Quando garotos ainda eram garotos

Parte seis: cidades + águas + criminosos + arcos + histórias + sobreviventes

A garota que saiu do rádio

Mãos de carrasco

Arkansas

As buscas

O cavalo de Riverina

A sobrevivência dos garotos Dunbar

A foto

O amor nos tempos do caos

Os escravos

A mão entre as dunas de areia

Carey Novac no oitavo

O campeonato estadual e o aniversário

Parte sete: cidades + águas + criminosos + arcos + histórias + sobreviventes +  
pontes

A garota do hipódromo Gallery

As figuras no rio

Aquiles às quatro da manhã

Dois baús do tesouro

As discussões

O segredo da bicicleta

O ás do término

As duas portas

Seis Hanleys

A corredeira

A garota do programa de auditório

A última carta

El Matador vs. Dama de Copas

A cama em chamas

Parte oito: cidades + águas + criminosos + arcos + histórias + sobreviventes +  
pontes + fogo

A piadista no corredor

A mula de Silver

Antes de a primeira luz do dia encontrar a casa

Pacto com o diabo

As sete cervejas de Penny Dunbar

Tour guiado pela cidade de Featherton

Comerciantes e vigaristas

Futebol no leito do rio

A copa do mundo da morte

Retrato de um pai quando homem velho

O quintal radiante

A hora das águas grandiloquentes

Depois do fim: a velha Tec-tec, o retorno

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça os outros títulos do autor

Leia também

Para Scout, Kid e Little Small.

Para Cate, e em memória de nossa querida K.E.: uma grande apaixonada  
pela *linguagem*.

**antes do início**  
a velha tec-tec

NO INÍCIO HAVIA um assassino, uma mula e um menino, mas este não é exatamente o início, é antes disso, sou eu, Matthew, e aqui estou, na cozinha, no meio da noite — a boa e velha foz de luz —, com os golpes, o tec-tec-tec. O restante da casa está em silêncio.

Só sei que, no momento, todos dormem.

Estou à mesa da cozinha.

Só eu e a máquina de escrever — eu e a velha Tec-tec, que era como, de acordo com nosso saudoso pai, nossa saudosa avó a chamava, mas essas esquisitices nunca foram muito o meu negócio. Sou mais conhecido pelos hematomas e pela responsabilidade, porte alto e músculos e blasfêmias, e por uma dose de sentimentalismo. Se você for como a maioria das pessoas, talvez duvide que eu consiga formular uma frase completa, e mais ainda que eu conheça algo sobre os épicos, ou os gregos. Às vezes é bom ser subestimado dessa forma, mas é muito melhor quando alguém reconhece.

No meu caso, dei sorte:

Porque tive Cláudia Kirkby.

Tive também um menino, um filho, um irmão.

Aliás, no nosso caso foi assim desde o começo: tivemos um irmão, e foi ele — de nós cinco — quem carregou tudo nas costas. Como de costume, me contou tudo baixinho, decidido, e é claro que não errou nem uma vírgula.

Havia *mesmo* uma velha máquina de escrever enterrada no velho quintal de uma velha cidade de fundo de quintal, mas eu tive que prestar muita atenção às distâncias, para não correr o risco de desenterrar um cachorro morto ou uma

cobra (o que acabei fazendo de qualquer forma). Mas aí concluí que, se o cachorro estava lá e a cobra também, a máquina de escrever não poderia estar longe.

Um tesouro perfeito e sem piratas.

\*\*\*

No dia seguinte ao meu casamento, peguei a estrada.

Saí da cidade.

Ganhei a noite.

Cruzei as cordilheiras de espaço vazio, e um pouco além.

A cidade era um reino de fantasia árido e distante, um imenso campo de palha com maratonas de céu aberto, cercada por eucaliptos e por uma vegetação rasteira selvagem. E não é que era verdade? Vi com meus próprios olhos: as pessoas ali viviam cabisbaixas, encurvadas. Cansadas deste mundo.

Foi em frente ao banco, perto de um dos vários pubs da região, que uma mulher me indicou o caminho. Era a moça mais empertigada da cidade.

— Pega a esquerda na rua Turnstile, está bem? Depois segue reto por uns duzentos metros, e aí esquerda de novo.

De cabelo castanho e bem-vestida, a mulher usava calça jeans e botas, camisa vermelha, e fechava um dos olhos por conta do sol. A única coisa que a entregava era o triângulo invertido de pele à mostra, logo abaixo do pescoço: cansada e velha e cheia de vincos em zigue-zague, como a alça de um baú de couro.

— Entendeu?

— Entendi.

— Que número você está procurando?

— Vinte e três.



— Ah, então você está atrás dos Merchison, certo?

— Humm, mais ou menos.

A mulher se aproximou, e eu observei aqueles dentes dela, brancos e brilhantes e, ainda assim, amarelados; muito parecidos com o sol soberbo. Quando ela chegou ainda mais perto, estendi a mão, e lá ficamos eu e ela e os dentes dela e a cidade dela.

— Meu nome é Matthew — falei, e a mulher, ela era Dafne.

Então ela se virou e largou para trás o caixa eletrônico. Chegou a abandonar o cartão do banco para ficar ali, com a mão na cintura. Eu já estava com metade do corpo no banco do motorista quando Dafne assentiu, compreendendo. Praticamente tudo se encaixou para ela; foi como alguém lendo uma notícia no jornal.

— Matthew Dunbar.

Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Lá estava eu, a doze horas de casa, numa cidade em que nunca tinha posto os pés em todos os meus trinta e um anos de vida, e, de alguma forma, parecia que todos estavam à minha espera.

\*\*\*

Ficamos um bom tempo nos entreolhando, no mínimo alguns segundos, e tudo foi escancarado, exposto. Surgiram pessoas vagando pelas ruas.

— O que mais você sabe? — perguntei. — Sabe que estou aqui para pegar a máquina de escrever?

Ela abriu o olho.

Enfrentou o sol de meio-dia.

— Máquina de escrever? — Eu tinha deixado a mulher totalmente perdida. — Que máquina de escrever?

Bem na hora, um senhor começou a gritar, perguntando se ela era a dona da merda do cartão que estava empatando a merda da fila da merda do caixa eletrônico, e ela correu para pegar suas coisas. Talvez eu pudesse ter explicado — dito que havia uma velha máquina de escrever nessa história toda, do tempo em que ainda se usavam máquinas de escrever em consultórios médicos, as secretárias lá, batendo nas teclas. Se ela estava interessada ou não, aí já não sei. Só sei que as instruções que me deu foram certas.

Rua Miller.

Uma tranquila linha de montagem de casinhas elegantes assando ao sol. Estacionei, bati a porta do carro e atravessei o gramado ressecado.

\*\*\*

Foi bem nesse instante que me arrependi de não ter levado a garota com quem havia acabado de me casar — ou melhor, a mulher com quem havia acabado de me casar, mãe das minhas duas filhas — e, é claro, minhas filhas também. As meninas teriam adorado aquele lugar, teriam saído saltitando, dançando, com as pernas longas e o cabelo reluzindo ao sol. Teriam dado estrelas no gramado, gritando: “Não olha para a nossa calcinha, hein?”

Uma lua de mel e tanto:

Cláudia trabalhando.

As meninas na escola.

É claro que parte de mim ainda gostava daquilo; muito de mim ainda gostava muito.

Respirei fundo, soltei o ar e bati à porta.

\*\*\*

Lá dentro, a casa era um forno.

A mobília estava queimada.

As fotos, torradas.

Tinha um ar-condicionado. Quebrado.

Serviram chá e biscoitos, enquanto o sol estapeava a janela. À mesa, o que não faltava era suor. Pingava do braço para a toalha.

Quanto aos Merchison, o que tinham de honestos tinham de peludos.

O casal era um homem de regata azul e costeletas grandes e fartas, feito dois cutelos nas bochechas, e uma mulher chamada Raelene. Ela usava brincos de pérola, tinha cachos pequeninos e não largava sua bolsinha. Passou o tempo todo fazendo que ia ao mercado, mas foi ficando. No instante em que mencionei o quintal e que poderia haver algo enterrado lá, aí que não saiu mesmo. Quando terminamos o chá e deixamos apenas as migalhas dos biscoitos, encarei as costeletas. O homem falou comigo com franqueza e cortesia:

— Então, mãos à obra.

\*\*\*

Do lado de fora, no longo quintal infértil, fui em direção a um varal e a uma árvore de banksias maltratada e sem viço. Olhei para trás por um instante: a casa pequena, as telhas de zinco. O sol ainda banhava o telhado, mas já recuava, inclinando-se para oeste. Cavei com a pá e as mãos, e lá estava.

— Droga!

A cachorra.

Outra vez.

— Droga!

A cobra.

Ambos reduzidos a ossos.

Limpamos os dois com cuidado.

Colocamos no gramado.

— Minha nossa!

O homem repetiu isso três vezes, a exclamação mais alta quando finalmente encontrei a velha Remington cinza-chumbo. Como se fosse uma arma enterrada, estava enrolada em três camadas de plástico grosso mas tão transparente que revelava as teclas: primeiro o Q e o W, depois toda a seção intermediária com o F e o G, o H e o J.

Passei algum tempo olhando para ela, só olhando:

Aquelas teclas pretas, como dentes de um monstro, dentes de um monstro bonzinho.

Por fim, eu me estiquei e a tirei de lá com cuidado, as mãos imundas. Tapei os três buracos no quintal. Desembrulhamos o plástico e nos agachamos para observá-la com atenção.

— Uma relíquia e tanto — disse o sr. Merchison, fazendo os cutelos peludos tremelicarem.

— É, sim — concordei; era mesmo sublime.

— Quando acordei hoje de manhã, como eu ia imaginar que algo assim fosse acontecer?

Ele pegou a Remington e a entregou para mim.

— Quer ficar para o jantar, Matthew?

Foi a senhora quem perguntou, meio surpresa, mas a surpresa não ofuscou o jantar.

Sem ter me levantado ainda, ergui os olhos.

— Obrigado, sra. Merchison, mas continuo com a barriga cheia de tanto biscoito. — Olhei a casa mais uma vez; já estava encoberta pelas sombras. — Na verdade, é melhor eu ir andando. — Apertei a mão de ambos, dizendo: — Não tenho palavras para agradecer.

Comecei a me afastar com a máquina de escrever aninhada nos braços.

O sr. Merchison não ficou nada satisfeito e não fez questão de esconder:

— Ei!

E o que mais eu poderia fazer?

Não dá para sair desenterrando dois animais sem apresentar uma boa explicação, então dei meia-volta e, já embaixo do varal — um Hills Hoist velho de guerra, igualzinho ao nosso —, fiquei esperando para ouvir o que ele diria.

— Não está se esquecendo de nada, não, camarada?

Então indicou os ossos do cachorro e da cobra.

\*\*\*

E foi assim que peguei a estrada de novo.

No banco de trás da velha perua havia os restos mortais de um cachorro, uma máquina de escrever e o esqueleto fino de uma cobra mulga.

Parei o carro mais ou menos na metade do caminho. Eu até conhecia um lugar onde encontraria uma cama para descansar de verdade, mas preferi não sair da rota. Eu me deitei no carro mesmo, com a cobra bem no meu cangote. Antes de

cair no sono, fiquei pensando em como há momentos antes do início por toda parte — porque antes, e antes de tantas coisas, havia um menino naquela cidade de fundo de quintal que se ajoelhou no chão quando a cobra matou aquele cachorro e o cachorro matou aquela cobra... Mas isso tudo ainda está por vir.

Por ora, basta saber isto:

Cheguei em casa no dia seguinte.

Voltei para a cidade, para a rua Archer, onde se deu, aí sim, o início de tudo, e onde a coisa se desenrolou de várias maneiras. A discussão sobre o que havia passado pela minha cabeça quando decidi trazer a cobra e o cachorro já tinha morrido fazia algumas horas, quem tinha que ir foi e quem tinha que ficar ficou. Chegar discutindo com Rory por causa da minha carga no banco de trás do carro é que foi a cereja do bolo. Logo com Rory. Mais do que qualquer um, ele sabe bem quem, por que e o que nós somos:

Uma família destrozada pela tragédia.

Uma história em quadrinhos explosiva sobre meninos e sangue e bichos.

Nós nascemos para colecionar recordações assim.

No meio do bate-boca acalorado, Henry sorriu, Tommy gargalhou e ambos disseram: “Como sempre.” O quarto de nós estava dormindo e assim ficou durante todo o tempo em que eu estive fora.

Quanto às minhas filhas, assim que chegaram, as duas ficaram impressionadas com os ossos e perguntaram:

— Por que você trouxe isso pra casa, papai?

Porque o papai é um idiota.

Flagrei Rory pensando exatamente isso, mas ele nunca diria algo assim na frente das meninas.

Quanto a Cláudia Dunbar — que antes se chamava Cláudia Kirkby —, ela só balançou a cabeça e me deu a mão. Estava feliz, tão feliz que eu quase desabei outra vez. Tenho certeza de que foi porque eu estava contente.

Contente.

Contente é uma palavra que parece meio estúpida, mas estou aqui escrevendo e contando isso tudo para você pura e simplesmente porque é assim que nós somos. Estou ainda mais contente porque amo esta cozinha neste momento, e toda a sua grandiosa e terrível história. Tenho que fazer isso aqui. Nada mais apropriado do que fazer isso aqui. Fico contente ao ouvir minhas anotações sendo fincadas na página.

Bem diante de mim está a velha Tec-tec.

Embaixo dela, o tampo da mesa de madeira todo arranhado.

Um saleiro e um pimenteiro descombinados, na companhia de teimosos farelos de torrada. A luz do corredor é amarela, a luz da cozinha é branca. Estou aqui sentado, pensando, escrevendo. O velho tec-tec-tec das teclas. Escrever é sempre difícil, mas fica mais fácil quando se tem algo a dizer:

Quero lhe contar sobre o nosso irmão.

O quarto garoto Dunbar, chamado Clay.

Tudo aconteceu com ele.

Todos nós mudamos por causa dele.

**parte um**  
cidades



# retrato de um assassino quando homem de meia-idade

SE ANTES DO início (pelo menos na escrita) havia uma máquina de escrever, um cachorro e uma cobra, no início em si — onze anos antes — havia um assassino, uma mula e Clay. Mas, mesmo quando se trata de inícios, alguém precisa chegar antes, e naquele dia não poderia ter sido outro senão o Assassino. Afinal, foi ele quem fez a história seguir em frente e todos nós olharmos para trás. E, para isso, bastou chegar. Ele chegou às seis horas.

Tudo foi muito apropriado, numa noite escaldante de fevereiro, e o resto é história: o dia quente de rachar o concreto, o sol dolorosamente a pino. O calor era tão constante, tão palpável, que dava para carregá-lo nos braços — ou melhor, o calor *carregava* o Assassino nos braços. De todos os assassinos da história, aquele era, com certeza, o mais patético:

Com um metro e setenta e sete, tinha uma estatura mediana.

Com setenta e cinco quilos, tinha um peso normal.

Mas não se deixe enganar: ele era uma ruína ambulante trajando um terno; encurvado, decrépito. Andava escorado no ar, como se apenas esperasse o dia em que nem isso lhe restasse e ele fosse despencar de vez, mas isso não aconteceria, pelo menos não naquele dia, pois, acredite ou não, aquele não era um bom momento para assassinos pedirem favores.

Não, naquele dia ele conseguia sentir.

Conseguia distinguir o cheiro no ar.

Ele era imortal.

O que basicamente resume tudo.

Conte com um Assassino para ser invencível justo no único momento em que estaria melhor morto.

\*\*\*

Ele passou um bom tempo então, pelo menos uns dez minutos, parado na entrada da rua Archer, aliviado por ter, enfim, conseguido chegar, mas apavorado por estar ali. A rua parecia nem se importar; uma brisa leve a percorria, o aroma esfumaçado quase tangível. Os carros não estavam estacionados, e sim imprensados como guimbas de cigarro, e os fios elétricos vergavam sob o peso de pombos silenciosos incomodados com o calor. À sua volta, uma cidade se erguia e dizia:

Bem-vindo de volta, Assassino.

A voz era acolhedora em seu ouvido.

Parece que você está passando por maus bocados... Na verdade, maus bocados é pouco... Você está vivendo um inferno.

E ele sabia disso.

E então veio o calor.

A rua Archer começou a se preparar para sua missão, praticamente esfregando as mãos, ansiosa, e o Assassino quase entrou em erupção. Sentiu a chama o envolvendo, nascendo dentro do paletó, trazendo as perguntas:

Será que ele seguiria em frente, concluiria o início?

Será que conseguiria ir até o fim?

Por um último instante, ele se deu ao luxo de se deleitar na tranquilidade, então engoliu em seco, massageou a coroa de espinhos que formava seu cabelo e, com uma determinação amarga, caminhou até o número 18.

Um homem vestindo um terno em chamas.

\*\*\*

É claro que, naquele dia, ele estava indo ver cinco irmãos.

Nós, os garotos Dunbar.

Do mais velho para o mais novo:

Eu, Rory, Henry, Clayton, Thomas.

Nós nunca mais seríamos os mesmos.

Para ser honesto, nem ele.

E para dar pelo menos um gostinho daquilo que o Assassino estava prestes a enfrentar, convém contar como nós éramos:

Muitos nos consideravam desajustados.

Bárbaros.

No geral, tinham razão:

Nossa mãe havia morrido.

Nosso pai havia fugido.

Falávamos palavrões que nem condenados, brigávamos feito cão e gato e travávamos batalhas épicas na sinuca ou no pingue-pongue (sempre em mesas de terceira ou quarta mão, muitas vezes instaladas no gramado irregular do quintal), no Monopoly, nos dardos, no futebol, no baralho e em qualquer outra coisa que parasse nas nossas mãos.

Tínhamos um piano que ninguém tocava.

Nossa TV estava cumprindo prisão perpétua.

Nosso sofá pegou vinte anos.

Às vezes o telefone tocava, e um de nós saía correndo pela varanda e entrava na casa ao lado; era só a sra. Chilman, nossa vizinha idosa, que tinha comprado outra lata de molho de tomate e não conseguia abrir sozinha aquela porcaria. Então, quem tinha saído voltava para casa, deixando a porta bater ao entrar, e a vida continuava.

Sim, para nós cinco, a vida sempre continuava:

Essa era uma lição que vínhamos tentando aprender na base do tapa, ainda mais quando tudo estava dando muito certo, ou muito errado. Era nessas ocasiões que saíamos pela rua Archer, à tardinha. Caminhávamos pela cidade. Os prédios, as ruas. As árvores apreensivas. Absorvíamos as conversas gritadas nos bares, nas casas e nos condomínios, com a certeza absoluta de que ali era o nosso lugar. Acho que no fundo esperávamos conseguir pegar tudo aquilo, meter debaixo do braço e levar para casa — mesmo que, no dia seguinte, sempre acordássemos e descobríssemos que tudo havia sumido, prédios e luzes intensas à solta por aí.

Ah... mais uma coisa.

Talvez a mais importante.

Além de termos uma lista seleta de bichos de estimação perturbados, éramos os únicos donos de uma mula, até onde sabíamos.

E que mula ela era.

\*\*\*

O animal se chamava Aquiles, e era muito longa a história de como ele tinha ido

parar no quintal da nossa casa, um bairro de subúrbio com uma pista de turfe, apenas um dos muitos da cidade. De um lado, as cocheiras e a pista de treinos atrás da nossa casa, um estatuto regional ultrapassado e um velho gordo e triste com sérios problemas de ortografia. Do outro, havia nossa mãe morta, nosso pai foragido e o caçula, Tommy Dunbar.

Na ocasião, nem todo mundo na casa foi consultado, e a chegada da mula gerou controvérsia. Após pelo menos uma discussão acalorada com Rory...

(— Ô Tommy, o que que é isso aqui?

— O quê?

— Como assim, “o quê”? Você só pode estar de sacanagem com a minha cara.

Tem um burro no quintal!

— Não é um burro, é uma mula.

— E daí?

— Um burro é um burro, uma mula é o cruzamento entre...

— Por mim pode ser um cruzamento de um cavalo quarto de milha com a porra de um pônei Shetland, tô nem aí! O que ele tá fazendo embaixo do varal?

— Comendo a grama.

— Isso eu percebi!)

... nós demos um jeito de ficar com ele.

Ou, para ser mais direto, a mula ficou.

Assim como a maioria dos outros bichos de estimação do Tommy, Aquiles também tinha alguns problemas. O mais notável era a ambição: como nossa porta de tela já havia ido para o espaço fazia muito tempo, Aquiles era mestre em entrar em casa quando encontrava a porta dos fundos encostada — se estivesse escancarada, então, nem se fala. Acontecia pelo menos uma vez por semana, e pelo

menos uma vez por semana eu surtava. Era mais ou menos assim:

— Je-sus *Cristo*! — Na época, eu ficava meio descontrolado quando xingava, e todos já conheciam o meu hábito de enfatizar o Jesus em detrimento do Cristo. — Eu já falei pra vocês uma, duas, *cem* vezes, seus imbecis! É pra deixar a porcaria da porta dos fundos *fechada*!

E por aí vai.

\*\*\*

O que nos leva de volta ao Assassino. Como ele poderia saber?

Poderia ter suposto que, quando chegasse, talvez nenhum de nós estivesse em casa. Poderia ter previsto que ficaria na dúvida entre usar sua chave antiga ou nos esperar na varanda — para então fazer sua única pergunta, sua proposta.

Sem dúvida, era escárnio humano o que esperava; e de certa forma até pedia por isso.

Jamais estaria preparado para aquilo, porém.

Que rasteira:

A casinha cruel, o massacre de silêncio.

E aquela ladrazinha, aquela tratante, que era a nossa mula.

Por volta das seis e quinze, ele percorreu cada passo da rua Archer, e o burro de carga deu uma piscadela.

\*\*\*

E foi assim.

Dentro de casa, o primeiro com quem o Assassino cruzou olhares foi Aquiles, e ninguém mexia com Aquiles. Estava na cozinha, a alguns passos da porta dos

fundos, em frente à geladeira, com sua clássica expressão de “Tá olhando o quê?” estampada na cara comprida e assimétrica. De narinas infladas, mastigava alguma coisa. Blasé. No controle da situação. Se estava tomando conta da cerveja, fazia um ótimo trabalho.

E aí?

Àquela altura, parecia que Aquiles estava monopolizando a conversa.

Primeiro a cidade, agora a mula.

Em tese, até que fazia certo sentido. Se era para um espécime equino surgir em algum lugar daquela cidade, só poderia ter sido ali; as cocheiras, a pista de treino, os ecos distantes dos locutores.

Mas uma mula?

O choque foi indescritível, e o ambiente também não ajudava. Aquela cozinha tinha geografia e clima próprios:

Paredes nubladas.

Chão infértil.

Um litoral de pratos sujos que se estendia pela pia.

E o calor, aquele calor.

A mula chegou a aliviar sua beligerância vigilante por conta do calor terrível, pesado. Do lado de dentro estava pior do que lá fora, e isso era uma façanha.

Ainda assim, Aquiles logo voltou ao seu posto, ou será que o Assassino estava tão desidratado a ponto de delirar? Tanta cozinha no mundo... Ele chegou a pensar em esfregar os olhos para enxergar direito, mas seria inútil.

Aquilo era real.

Ele tinha certeza de que o bicho — aquela maldita mula de pelo cinza e castanho-avermelhado, todo irregular, a cara de palha, os olhos arregalados, as

narinas redondas, se sentindo em casa — estava ali, plantado no linóleo rachado, irreduzível, triunfante, passando uma mensagem clara e irrefutável:

Um assassino pode fazer muitas coisas, mas jamais deveria, em hipótese alguma, voltar para casa.



## escola clay de aquecimento

DO OUTRO LADO da cidade, enquanto o Assassino encontrava a mula, havia Clay, e Clay estava se aquecendo. Verdade seja dita, Clay estava sempre se aquecendo. Naquele momento, fazia isso em um velho prédio residencial; degraus sob os pés, um menino nas costas e uma nuvem de chuva dentro do peito. O cabelo preto curto grudava na cabeça e havia uma chama em cada olho.

À direita corria outro menino — louro, um ano mais velho —, acompanhando-o com muita dificuldade, mas mesmo assim o instigando. À esquerda, uma border collie disparava, o que significava que Henry e Clay, Tommy e Aurora estavam fazendo o mesmo de sempre:

Um falava.

Um treinava.

Um se dedicava com unhas e dentes.

Até a cachorra dava tudo de si.

Para esse método de treinamento, contavam com uma chave, que compraram de um amigo; assim garantiram o acesso ao prédio. Dez dólares por um pedaço de concreto. Nada mau. Eles corriam.

— Seu desgraçado — disse Henry (o mais amigável, o cara do dinheiro) ao lado de Clay.

Ele penava em seu trote, mas não deixava de gargalhar. O sorriso escorregou

do rosto; ele o segurou. Naquelas ocasiões, ele se comunicava com Clay por meio de insultos de eficácia comprovada.

— Você é um zero à esquerda — dizia ele. — Um molenga. — Ele sofria, mas tinha que continuar falando. — Você é mole que nem gelatina, moleque. Me dá nojo ver você correndo desse jeito.

Também não tardou até que outra tradição fosse honrada.

Tommy, o mais jovem, o acumulador de bichos de estimação, perdeu um tênis.

— Mas que merda, Tommy, eu não mandei você amarrar bem esse cadarço? Vamos, Clay, seu fraco, seu ridículo. Para de fazer corpo mole.

Chegaram ao sexto andar, e Clay jogou Tommy para um lado e o linguarudo para outro. Caídos no chão sujo, Clay abriu um meio sorriso, os outros dois gargalharam, todos limparam o suor da testa. No meio da briga, Clay conseguiu dar uma chave de braço em Henry. Ergueu o irmão e saiu carregando-o no colo.

— Você está precisando de um banho, cara – disse Henry. Isso era a cara do Henry. Sempre dizíamos que sua maior arma era a lábia. — Que fedor horroroso.

Henry sentia no pescoço os músculos rijos de Clay, que tentava a todo custo calar sua boca.

Do alto de seus treze anos, Tommy resolveu interromper: correu e pulou em cima deles, derrubando os três: braços e pernas, meninos e chão. Aurora também se meteu; o rabo empinado, jogando o corpo para a frente. Pernas pretas. Patas brancas. Ela latia, e eles continuavam brigando.

Quando acabou, passaram um tempo deitados; o ambiente era todo uma janela no último lance da escada, luz bolorenta e peitos arfantes. O ar estava pesado. Lufadas expelidas dos pulmões. Henry respirava com dificuldade, mas a língua continuava afiada.

— Tommy, seu pestinha. — Ele olhou para o irmão e sorriu. — Acho que você acabou de salvar minha vida, garoto.

— Obrigado.

— Não, não. Eu é que agradeço — disse, então apontou para Clay, que já se levantava e levava a mão ao bolso. — Não sei por que a gente atura esse maluco.

— Nem eu.

Mas eles sabiam, sim.

Em primeiro lugar, ele era um Dunbar; em segundo, quando se tratava do Clay, as pessoas *queriam* saber.

\*\*\*

Mas saber o quê?

O que havia para se saber a respeito de Clayton, nosso irmão?

Fazia anos que as perguntas o perseguiram; por exemplo, por que ele sorria, mas nunca gargalhava?

Por que brigava, se nunca era para ganhar?

Por que gostava tanto de ficar sentado no telhado de casa?

Por que corria, não pelo prazer, mas pelo desconforto — uma espécie de atalho para a dor e o sofrimento —, sempre suportando ao máximo a situação, sem nunca reclamar?

Nenhuma dessas, no entanto, era a pergunta preferida dele.

Essas eram apenas o aquecimento.

E ponto final.

\*\*\*

Após passarem um tempo deitados, repetiram o treino mais três vezes, e Aurora catou o tênis perdido no caminho.

— Ei, Tommy.

— Oi.

— Da próxima vez, vê se amarra esse cadarço direito, ouviu?

— Pode deixar, Henry.

— Dá um nó duplo, senão eu vou quebrar sua cara.

— Tá, Henry.

No térreo, ele deu um tapinha no ombro do irmão — sinal para que se pendurasse nas costas de Clay outra vez —, e eles subiram correndo a escada, depois desciam pelo elevador. (Algumas pessoas diriam que era trapaça, mas, na verdade, acabava sendo muito mais difícil assim, porque reduzia o tempo de recuperação.) Depois da última subida, Henry, Tommy e Aurora pegaram o elevador, mas Clay foi de escada. Do lado de fora, foram até o carro de Henry, uma lata-velha caindo aos pedaços com um adesivo de habilitação provisória, e seguiram a boa e velha rotina:

— Aurora, sai daí. — Ela havia se sentado no banco do motorista, as orelhas erguidas formando dois triângulos. Parecia prestes a mudar a estação do rádio. — Vamos, Tommy, tira ela, fazendo o favor.

— Vem logo, garota.

Henry enfiou a mão no bolso.

Um punhado de moedas.

— Toma aqui, Clay. A gente se vê lá.

Dois iam de carro, e o outro, correndo.

Com a cabeça para fora da janela, Henry gritou:

— Ei, Clay!

Ele continuou correndo. Não se virou, mas estava ouvindo bem. Era sempre assim.

— Se conseguir, arruma umas margaridas. Eram as preferidas dela, lembra?

Como se ele fosse esquecer.

O carro deu partida com a seta ligada.

— E vê se não dá bobeira na hora de pagar, hein!

Clay correu mais rápido.

Subiu a colina.

\*\*\*

No início, quem o treinava era eu, depois foi Rory; enquanto eu adotava uma conduta conservadora e ingênua, Rory tirava o couro, mas deixava o garoto vivo. Já Henry encarava como trabalho: fazia pelo dinheiro, mas também porque amava aquilo, o que vamos testemunhar muito em breve.

Desde o começo, era um processo bem simples, ainda que espantoso:

Dizíamos a ele o que fazer.

Ele fazia.

Podíamos torturá-lo.

Ele suportava.

Henry era capaz de chutá-lo do carro se visse amigos andando na chuva; Clay sairia e começaria a correr na mesma hora. Então, quando o carro passava por ele, os irmãos gritavam “Nada de moleza!” pela janela, e ele corria ainda mais rápido. Tommy, com o sangue-frio de um sádico, ficava olhando pelo para-brisa traseiro, e Clay observava até perder o carro de vista. Via o corte de cabelo horrível

ficando cada vez menor, e as coisas eram assim:

Até poderia parecer que nós estávamos treinando Clay.

Só que, na realidade, não chegamos nem perto.

Com o passar do tempo, as palavras foram perdendo espaço, e o método, ganhando. Sabíamos o que ele queria, mas não o que pretendia fazer com aquilo.

Para que Clay Dunbar estava treinando?

\*\*\*

Às seis e meia, com tulipas aos seus pés, ele se pendurou nas grades do cemitério. Ali era alto e agradável; Clay gostava. Ficou olhando o sol morder o topo dos arranha-céus.

Cidades.

Esta cidade.

Lá embaixo, o rebanho de carros seguia para casa. Os sinais de trânsito fechavam. O Assassino chegava.

— Ei. — Nada. Ele agarrou a grade com mais força. — Rapaz!

Clay olhou para baixo e viu uma senhora apontando para ele e lambendo os lábios. Devia estar gostoso.

— Por favor. — Seus olhos tinham contornos indefinidos, usava um vestido gasto e meia-calça; o calor não significava nada para ela. — Por favor, se importa de me dar uma dessas?

Ele observou a ruga profunda no rosto da mulher, um vinco comprido acima dos olhos dela. E lhe entregou uma tulipa.

— Obrigada, obrigada, rapaz. É para o meu William.

O menino assentiu e entrou atrás dela no cemitério, caminhando em meio aos

túmulos. Ao chegar lá ele se agachou ele se levantou ele cruzou os braços ele encarou o sol de fim de tarde. Não fazia ideia de quanto tempo levou até que Henry e Tommy parassem um de cada lado do epitáfio, junto com a cachorra com a língua para fora. Os três meninos ficaram ali, cabisbaixos e tensos, as mãos nos bolsos. Se a cadela tivesse bolsos, também estaria com as patinhas dentro, com certeza. Toda a atenção estava voltada para o túmulo e as flores na frente dele, murchando a olhos vistos.

— Não tinha margaridas?

Clay só encarou o irmão.

Henry deu de ombros.

— Já foi, Tommy, chega.

— O quê?

— Passa pra ele, é a vez dele.

Clay estendeu a mão. Já sabia o que fazer.

Pegou a lata de polidor e borrifou a placa de metal. Depois, lhe entregaram a manga de uma camiseta cinza, e ele começou a esfregar a lápide com vontade, dando uma boa polida.

— Ficou faltando um pedaço.

— Onde?

— Tá cego, Tommy? Bem ali no canto, *olha* pra onde eu tô apontando. Precisa de óculos?

Clay então poliu o ponto em movimentos circulares, deixando o pano preto com toda a imundice da cidade. Os três usavam camisetas e bermudas velhas. Os três estavam com os dentes trincados. Henry deu uma piscadela para Tommy.

— Bom trabalho, Clay. Vamos nessa? Não quero que a gente se atrase para o

principal.

Henry na frente e Tommy com a cachorra logo atrás, sempre a mesma coisa.

Depois Clay.

Quando Clay se juntou a eles, Henry disse:

— Bons cemitérios dão bons vizinhos.

Sinceramente, ele falava muita merda.

— Odeio vir aqui — disse Tommy. — Você sabe disso, não sabe?

E Clay?

Clay — que era o mais quieto, o mais sorridente — apenas se virou uma última vez, e seu olhar percorreu a área formada por estátuas, cruzeiros e túmulos iluminados pelo sol.

Pareciam troféus de consolação.

Todos eles, sem exceção.



# bárbaros

DE VOLTA AO número 18 da rua Archer, as negociações na cozinha tinham chegado a um impasse.

Devagar, o Assassino se encaminhou ao restante da casa. O silêncio ali dentro era sublime — um imenso parquinho para a culpa correr solta até atropelá-lo —, mas também um pouco decepcionante. A geladeira zumbia, a mula fungava e havia vários outros animais lá. Depois de voltar para o corredor, ele conseguia sentir a movimentação. Será que o Assassino estava sendo farejado e caçado?

Improvável.

Não, os animais estavam longe de representar uma ameaça; eram os dois mais velhos de nós que ele temia.

Eu era o responsável:

Quem botava comida na mesa havia mais tempo.

Rory era o invencível:

O rolo compressor humano.

\*\*\*

Por volta das seis e meia, Rory estava do outro lado da rua, encostado em um poste telefônico, dando um sorriso cínico e amargo, sorrindo só por sorrir; o mundo era nojento, e ele também. Após uma breve busca, conseguiu tirar da boca um longo fio de cabelo. Quem quer que fosse, estava em algum lugar por aí,

deitada de pernas abertas na mente de Rory. Uma garota que ele nunca chegaria a conhecer ou ver.

Falando em garotas conhecidas, instantes antes ele havia topado com uma delas, Carey Novac. Foi bem na frente da casa dela.

Ela, que tinha cheiro de cavalo, gritara um oi.

Desceu da bicicleta velha.

Com olhos verdes gentis e cabelo castanho-avermelhado — uma longa cascata pelas costas —, ela mandou um recado para Clay. Tinha a ver com um livro; um dos três que foram importantes para tudo.

— Diz pra ele que ainda estou amando o Buonarroti, tá?

Rory ficou surpreso, mas não mexeu nada além da boca.

— Bona-*quem*?

A menina deu uma risada a caminho da garagem de casa.

— Só diz isso pra ele, pode ser?

Mas então Carey se apiedou e deu meia-volta, cheia de certeza e de sardas nos braços. Ela tinha um quê de generosidade, de calor e de suor e de vida.

— Michelangelo. Sabe?

— Hã?

Só serviu para deixá-lo ainda mais confuso. Essa menina é louca, pensou ele. Uma graça, mas completamente biruta. E eu lá quero saber de Michelangelo, porra?

Mas por algum motivo aquilo ficou na cabeça de Rory.

Ele encontrou aquele poste, ficou encostado ali por um tempo. Depois atravessou a rua e foi para casa. Estava com um pouco de fome.

\*\*\*

Quanto a mim, eu estava por aí, sei lá onde, preso no trânsito.

Ao meu redor, à frente, atrás, havia milhares de carros enfileirados, todos indo na direção de diferentes lares. Uma onda constante de calor atravessava as janelas da minha perua (que, inclusive, é a mesma até hoje), em uma procissão infinita de outdoors, vitrines e fragmentos de pessoas. A cada movimento, a cidade se entranhava no carro, que também tinha o meu odor característico de madeira, lã e verniz.

Coloquei o braço para fora da janela.

Parecia que meu corpo era feito de lenha.

Minhas mãos estavam grudentas de cola e terebintina, e tudo que eu mais queria era chegar em casa. Aí eu poderia tomar um banho, preparar o jantar e talvez ler um pouco ou assistir a um filme antigo.

Era pedir muito?

Apenas chegar em casa e descansar?

Sem chance.

# bernborough

PARA DIAS COMO esse, Henry tinha regras.

Primeiro, cerveja.

Segundo, tinha que ser gelada.

Por isso, deixou Tommy, Clay e Aurora no cemitério e ficou de encontrá-los mais tarde, no parque Bernborough.

(O parque Bernborough, para quem não conhece a região, é uma velha pista de atletismo. Na época, tinha uma arquibancada caindo aos pedaços e um estacionamento que mais parecia uma zona de guerra. Também foi palco dos mais famigerados treinos de Clay.)

No entanto, antes de entrar no carro, Henry sentiu necessidade de passar algumas instruções de última hora para Tommy. Aurora também estava prestando atenção.

— Se eu me atrasar, fala pro pessoal esperar um pouco, entendeu?

— Entendi, Henry.

— E manda eles já separarem o dinheiro.

— Entendi, Henry.

— Essa merda de “Entendi, Henry” significa que você entendeu mesmo?

— Sim.

— Continua assim que eu coloco você para correr com ele. É isso que você quer?

— Não, Henry, obrigado.

— Isso aí, garoto esperto.

Um sorriso breve despontava de uma mente zombeteira e treinada. Deu um tapinha leve certo na orelha de Tommy e então agarrou Clay, dizendo:

— E você... vê se me faz um favor. — Segurou o rosto do irmão. — Não deixa esses dois moleques para trás.

\*\*\*

Na nuvem de poeira que o carro deixou, a cachorra olhou para Tommy.

Tommy olhou para Clay.

Clay não olhou para nenhum dos dois.

Pôs a mão no bolso e sentiu, e dentro de si havia tanto querer — queria sair dali, sair correndo de novo —, mas, com a cidade se derramando à frente deles e o cemitério atrás, ele deu dois passos e enfiou Aurora debaixo do braço.

Clay se levantou, e a cachorrinha sorria.

Os olhos dela eram como trigo e ouro.

Aurora ria para o mundo sob suas patas.

\*\*\*

Eles já estavam na avenida Entreaty, no topo da grande colina que tinham acabado de subir, quando, por fim, Clay botou a cachorrinha no chão. Passaram por cima das árvores de jasmim-manga mortas no caminho para a avenida Poseidon, que era a principal sede do turfe naquela área. Um quilômetro e meio de lojas enferrujadas.

Enquanto Tommy estava doido para ir à pet shop, Clay trocava tudo por

outros lugares; pelas ruas e pelos monumentos a *ela*.

Lonhro, pensou ele.

A alameda de Bobby.

A praça Peter Pan e seus paralelepípedos.

Ela tinha cabelo castanho-avermelhado e olhos verdes gentis, e era aprendiz de Ennis McAndrew. Seu cavalo preferido era o El Matador. Sua corrida preferida era sempre a de Cox Plate. Seu vencedor preferido dessa corrida foi o poderoso Kingston Town, uns trinta anos antes. (As melhores coisas sempre acontecem antes de nós nascermos.)

O livro que ela lia era *O marmoreiro*.

Um dos três que foram importantes para tudo.

\*\*\*

Fritando no calor da avenida Poseidon, os meninos e a cachorra continuaram caminhando, e logo ela se revelou: a pista de atletismo.

Foram andando e entraram por uma brecha na cerca ao lado.

Na reta, ao sol, eles aguardaram.

Em minutos, surgiu o grupo de sempre — meninos-abutres sobrevoando a carcaça do campo esportivo: as raia da pista cobertas de erva daninha, o chão vermelho todo descascado, a pista transformada em selva.

— Olha lá — disse Tommy, apontando.

Chegavam mais e mais meninos, em toda a sua glória do auge da puberdade. Mesmo de longe dava para ver os sorrisos nos rostos bronzeados e contar as cicatrizes do subúrbio. Também dava para sentir: exalavam o cheiro daquele estado de eternos homens-quase-feitos.

Durante um tempo, Clay ficou na raia de fora, observando-os. Bebiam, coçavam o covado. Atiravam garrafas. Alguns chutavam as escadas das pistas. Até que, por fim, ele decidiu que já era hora.

Pôs a mão no ombro de Tommy e foi até a sombra da arquibancada.

A escuridão o engoliu.

## os gregos

### o pegaram

O ASSASSINO RECEBEU um prêmio de consolação constrangedor ao chegar à sala e encontrar o restante deles — “o rol de bichos de estimação idiotas do Tommy”, como chamávamos. Isso para não falar dos nomes. Alguns diriam que eram sublimes; outros, ridículos. O primeiro que o homem viu foi o peixinho-dourado.

Ele olhou de soslaio para a janela e encontrou o aquário. Viu quando o peixe disparou, deu de cara no vidro e cambaleou para trás.

Suas escamas pareciam uma penugem.

Sua cauda, um ancinho dourado.

AGAMENON.

Uma etiqueta descascada na parte de baixo do aquário o apresentava com garranchos infantis e irregulares escritas com canetinha verde. O Assassino conhecia aquele nome.

Deitado no sofá detonado, entre o controle remoto e uma meia imunda, dormia um gato cinza e bestial que atendia pelo nome de Heitor: um felino tigrado com patas pretas gigantescas e um rabo que parecia um ponto de exclamação.

Por vários motivos, Heitor era o animal mais desprezado da casa, e, mesmo com todo o calor, ele estava todo enroladinho, um C peludo e gordo, exceto pelo rabo, que parecia uma espada felpuda fincada ao corpo. Quando trocou de



posição, tufos e mais tufos de pelo voaram no ar, mas o bichano continuou dormindo, plácido — e ronronante. O motorzinho ligava toda vez que alguém se aproximava. Até assassinos. Heitor nunca foi muito criterioso.

Por fim, no topo da estante de livros, jazia uma gaiola grande e larga que abrigava um pombo.

E ali ele aguardava, imóvel e austero, mas feliz.

A porta da gaiola estava completamente aberta.

Quando decidia caminhar um pouco, a cabecinha roxa balançando com muita prudência, movimentava-se num ritmo perfeito. Era isso que o pombo fazia, dia após dia, enquanto esperava para se empoleirar no ombro de Tommy.

Na época o chamávamos de Telê. Ou Tetê.

Mas nunca, em hipótese alguma, o chamávamos pelo seu enervante nome completo: Telêmaco.

Nossa, como a gente odiava Tommy por ter escolhido aqueles nomes.

A sorte dele é que todos nós entendíamos:

O garoto sabia muito bem o que estava fazendo.

\*\*\*

Quando entrou na sala, o Assassino olhou ao redor.

Parecia que aquilo era tudo:

Um gato, um pássaro, um peixe-dourado, um assassino.

E, é claro, uma mula na cozinha.

Um bando nada perigoso.

Em meio àquela luz estranha e ao calor persistente, e entre os demais itens da sala — um notebook velho muito maltratado, os braços do sofá manchados de

café, os livros didáticos empilhados pelo carpete —, o Assassino sentiu a presença intimidante da peça logo atrás. Só faltou ela dizer “bu!”.

O piano.

O piano.

Meu Deus, pensou ele, o piano.

Um piano vertical de madeira, todo empertigado, acomodado em um canto, com a tampa fechada e coberto por um mar de poeira:

Circumspecto e calmo, tremendamente triste.

Um piano e nada mais.

Não se engane: o instrumento poderia parecer inofensivo, mas, assim que o viu, o Assassino sentiu uma comichão no pé esquerdo. Sentiu uma dor tão forte no peito que quase fugiu em disparada pela porta.

Um momento e tanto para o primeiro pé pisar na varanda.

\*\*\*

Havia uma chave, uma porta, um Rory e nenhum instante para se recompor. Todas as palavras que o Assassino poderia ter ensaiado fugiram de sua boca, e o ar já começava a lhe faltar. Sentia apenas o gosto do coração acelerado. Só conseguiu vê-lo de relance, porque o garoto disparou pelo corredor como um raio. E o pior é que o homem não conseguiu discernir quem era. Vergonhoso.

Eu ou Rory?

Henry ou Clay?

Com certeza não era Tommy. Alto demais.

Tudo que conseguiu assimilar foi o corpo que se dirigia à cozinha, de onde, naquele instante, veio um rugido alegre.

— Aquiles, seu desgraçado! Cara de pau!

A geladeira abriu e fechou, e foi então que Heitor levantou a cabeça. Pulou com um baque surdo no carpete e alongou as patas traseiras daquele jeito trêmulo que os gatos fazem. Saiu andando e entrou na cozinha pelo outro lado. O tom de voz mudou no mesmo instante.

— Porra, Heitor, o que você quer agora, hein, seu merdinha? Já falei: se você subir na minha cama de novo, juro que vai virar churrasquinho.

O farfalhar de um saco de pão, o som de um pote de vidro se abrindo. E então outra risada.

— Aquiles, Aquiles, meu camarada...

É claro que ele não levou a mula para fora. Tommy que cuide disso, pensou. Ou melhor, eu que encontrasse o bicho dentro de casa mais tarde. Seria impagável. Pronto, decidiu-se.

Tão rápido quanto entrara, o vulto passou pelo corredor rumo à sala, a porta da frente bateu, e o Assassino se viu sozinho de novo.

\*\*\*

Como é de se imaginar, levou um bom tempo para se recuperar daquele quase encontro.

Coração acelerado, respiração ofegante.

A cabeça pendeu para a frente, uma trégua para os pensamentos.

O peixe-dourado bateu a cabeça no aquário.

O pássaro ficou olhando para ele, então começou a marchar de um lado para outro como um coronel, e logo o gato retornou; Heitor adentrou a sala de estar e se sentou, esperando a cena seguinte como um espectador. O Assassino tinha

certeza de que conseguia ouvir as palpitações — a fricção, o estrondo. Dava para sentir nos próprios pulsos.

Uma coisa, pelo menos, era certa.

Ele precisava se sentar.

Sem delongas, ele se instalou no sofá.

O gato lambeu o focinho e saltou.

O Assassino o flagrou em pleno ar — uma bola gorda e cinzenta de pelos e listras — e se preparou para acomodar o felino. Por um instante, ficou em dúvida: deveria acariciar o gato? Para Heitor, não fazia diferença — ele só queria ronronar no colo do estranho, inclusive afofando-o, destroçando as coxas do Assassino. Foi então que outra pessoa chegou.

Ele mal conseguia acreditar.

Eles estão vindo.

Eles estão vindo.

Os meninos estão vindo, e aqui estou eu, com o maior gato domesticado de que já se teve notícia. Era como estar preso sob uma bigorna — e uma bigorna ronronante, para piorar.

\*\*\*

Quem entrou foi Henry, afastando o cabelo dos olhos e voando até a cozinha. Não achou a situação tão hilária quanto Rory, mas também não se preocupou em fazer nada.

— Aquiles! De novo você aqui dentro... O Matthew vai surtar outra vez quando chegar em casa.

Até parece!

Ele abriu a geladeira e, dessa vez, se lembrou dos bons modos.

— Amigão, pode chegar a cabeça pro lado só um pouquinho? Obrigado.

O ambiente foi tomado pelo tilintar de latas de cerveja sendo tiradas da geladeira e largadas numa bolsa térmica, e logo ele já estava de saída, a caminho do parque Bernborough, deixando para trás, mais uma vez, o Assassino.

O que estava acontecendo ali?

Será que ninguém era capaz de notar a presença do homem?

Não, não ia ser tão fácil assim, e o Assassino ficou ali, estatelado no sofá, contemplando os detalhes de sua invisibilidade natural. Empacado entre o alívio que aquela bênção lhe trazia e a vergonha da própria impotência, apenas se permitiu a inércia. Estava cercado por um ciclone de pelo de gato que rodopiava à luz do anoitecer. O peixinho voltou à sua batalha contra o vidro, enquanto o pombo caminhava a toda velocidade.

Ao fundo, o piano vigiava a cena.

# **o rolo compressor humano**

DEPOIS QUE O último da turma chegou ao parque Bernborough, eles conversaram, riram. Deleitaram-se. Bebiam como todo adolescente, sedentos, de boca escancarada. Cumprimentavam-se com apertos de mãos e dizendo “Oi!” e “Ei!” e “Por onde você andou, bafo de bunda?!?”. Eram virtuosos da aliteração e nem sabiam.

Assim que colocava o pé para fora do carro, a primeira tarefa de Henry era conferir se Clay já estava no vestiário. Ali embaixo da arquibancada, ele se familiarizaria com a leva do dia; havia seis garotos, todos à espera, e aconteceria o seguinte:

Sairiam pelo túnel.

Se posicionariam na pista de quatrocentos metros.

Três na linha de cem.

Dois na linha de duzentos.

E um em qualquer ponto entre a linha de trezentos e a chegada.

Por último, e mais importante, os seis fariam tudo que pudessem para impedir Clay de completar uma volta. Falar era fácil, fazer já era outra história.

Quanto ao bando que assistia, tentavam adivinhar o resultado. Cada um chutava um tempo específico, e era aí que Henry entrava. Ele cuidava das apostas com o maior prazer. Com um toquinho de giz na mão e um cronômetro antigo

em volta do pescoço, estava preparado.

\*\*\*

Naquele dia, aos pés da arquibancada, ele foi rodeado por vários garotos em questão de segundos. Para Henry, vários deles nem eram de verdade: não passavam de apelidos que vinham com garotos de brinde. Quanto a nós todos, exceto por dois, nossa amizade começava e terminava ali; eles sempre seriam esses imbecis. Parando para pensar, até que é legal.

— E aí, Henry? — indagou Lepra.

Só dá para sentir pena de alguém com esse apelido. Cheio de perebas de todas as formas, tamanhos e cores. Aparentemente, começou a fazer manobras estúpidas de bicicleta aos oito anos e nunca parou.

Henry quase sentiu pena também, mas optou por um sorrisinho debochado.

— E aí o quê?

— Ele tá cansado já?

— Não muito.

— Ele já subiu a escadaria do prédio do Barrão? — Dessa vez, foi o Gargalo. Charlie Drayton. — E o morro até o cemitério?

— Olha, ele tá no ponto, ok? Em perfeitas condições. — Henry esfregou as mãos, entusiasmado. — Temos seis feras na pista também. Até o Starkey.

— *Starkey!* Então o filho da puta voltou, é? Isso vai render pelo menos mais uns trinta segundos, aposto.

— Ah, nem vem, Peixe, o Starkey só fala. O Clay vai passar fácil por ele.

— Quantos andares tem seu prédio mesmo, Barrão?

— Seis — respondeu Henry —, e a chave já tá ficando enferrujada, cara.

Descola uma nova pra gente, e quem sabe eu não deixo você apostar de graça?

Barrão, de cabelo crespo e rosto crespo, lambeu o beijo encrespado.

— Como é que é? Tá falando sério?

— Tá bom, paga metade.

— Ei! — disse um cara chamado Fantasma. — Por que só o *Barrão* ganha aposta de graça?

Henry interrompeu antes mesmo de haver algo a ser interrompido.

— O negócio é o seguinte, Fantasma, seu branquelo idiota: o Barrão tem algo a oferecer em troca. Ele é útil. — Abraçou o garoto e caminhou ao seu lado, como um mentor transmitindo conhecimentos. — Você, por outro lado, é um *inútil*. Entendeu?

— Tá bom, Henry. — Barrão não desistiu. — Então que tal você ficar com a *minha* chave e me dar três apostas por conta da casa?

— Por conta da casa? Virou tratante agora, foi?

— De onde você tirou que “por conta da casa” é coisa de tratante? Tem nada a ver.

Henry ficou procurando quem tinha dito aquilo no meio do bando.

— Foi você, Chewie, sua bola de pelos? Mal aprendeu a falar e já vem querer me dar lição? — E para o restante: — Dá pra acreditar?

Todos riram.

— Boa, Henry.

— E não me venham com essa de Boa-Henry.

— Ei, Henry! — Barrão. Última tentativa. — E se...?

— Ai, *merda*!

Soltou uma bola fumegante de fúria, mas era pura encenação, zero raiva. Aos



dezessete, ele já tinha ultrapassado todas as pedras que a vida na família Dunbar colocara em seu caminho, e sempre sorrindo. Também tinha certo carinho pelas quartas-feiras no Bernborough e pelos garotos que ficavam assistindo atrás da cerca. Ele adorava que aquilo fosse o evento da semana, e que Clay encarasse mais como um aquecimento.

— Certo, cambada, quem vai primeiro? Dez de adiantamento, ou cai fora!

Ele pulou em um banco de madeira cheio de farpas.

\*\*\*

As apostas variavam de 2'17" a 3'46", com um sonoro 2'32". Com o toquinho de giz verde, Henry escreveu os nomes e tempos no concreto sob os pés deles, ao lado das apostas da semana anterior.

— Tá bom, Pavão, já chega.

Pavão, conhecido também como Vong, ou Kurt Vongdara, estava agonizando havia um bom tempo. Tinha poucas coisas que ele levava muito a sério, mas, ao que tudo indicava, as apostas entravam na seleta lista.

— Certo — disse ele. — Com o Starkey na pista, marca... Ai, caralho... Cinco e onze.

— Meu Deus! — Henry sorriu, agachado. — E lembrem-se, garotos, nada de mudar de ideia ou mexer com o giz...

Ele viu alguma coisa.

Uma pessoa.

Por pouco eles não tinham se encontrado em casa, na cozinha, mas naquele momento ele viu bem — implacável e inconfundível, de cabelo ruivo bem escuro e olhos de sucata, mastigando um chiclete. Henry ficou bem satisfeito.

— O que houve? — Uma pergunta coletiva, em coro. — O que está acontecendo? O que...

Henry ergueu os olhos, em sincronia com a voz, que no exato momento parou entre as apostas de giz.

— Senhores...

Por um breve instante, no rosto de cada um dos garotos surgiu um olhar impagável de puta-merda, então correram até Henry.

E mudaram as apostas.

## sinal de fumaça

MUITO BEM. JÁ chega.

Ele estava farto.

Por mais que estivesse se sentindo culpado, desanimado e arrependido, o Assassino tinha tomado uma decisão: nós até poderíamos odiá-lo, mas não iríamos ignorá-lo. Por outro lado, o que ele fez depois pareceu até uma gentileza; já que entrara na nossa casa sem ser convidado, o mínimo que poderia fazer era nos dar algum aviso:

Tirou Heitor do colo.

Foi até o piano.

Em vez de levantar a tampa das teclas (*isso* ele jamais teria coragem de fazer), o Assassino abriu o tampo, na parte de cima, onde ficavam as cordas, e o que encontrou talvez fosse ainda pior: dois livros cinzentos em um vestido de lã azul. Um dos botões do vestido estava guardado no bolso, e embaixo ele encontrou aquilo que procurava: um maço de cigarros.

Ele o pegou, bem devagar.

Debruçou-se lá dentro para alcançar.

Depois de muito esforço, conseguiu pegar o maço e se erguer de novo.

Mais esforço para fechar o tampo do piano e voltar à cozinha. Encontrou um isqueiro na gaveta de talheres e ficou lá, cara a cara com Aquiles.

— Ah, que se dane.

Pela primeira vez, atreveu-se a dizer algo. Tinha se dado conta de que a mula não estava em condições de atacar ninguém, então acendeu o cigarro e foi para a pia.

— Já que estou aqui, não custa nada lavar a louça.

## os idiotas

AS PAREDES INTERNAS do vestiário exalavam tristeza, com um grafite amador nada menos do que vergonhoso. Sentado no chão, descalço, Clay não estava nem aí para isso. De frente para ele, Tommy tirava tufo de grama da barriga de Aurora, que se levantou e foi até Clay. Ele pousou a mão no focinho da border collie.

— Dunbar.

Como era de se esperar, havia seis outros garotos, cada um em sua pequena área do grafite. Cinco deles conversavam e brincavam. Um desfilava com uma menina: o animalesco Starkey.

— Ei, Dunbar — chamou ele.

— Que foi?

— Não você, Tommy, seu merdinha.

Clay ergueu os olhos.

— Toma — disse Starkey, jogando um rolo de fita adesiva no garoto.

A fita bateu no peito de Clay e caiu no chão, indo parar na boca de Aurora em questão de segundos. Clay assistia à luta da cadela com o rolo enquanto Starkey tagarelava.

— Nem adianta vir com suas desculpinhas esfarrapadas quando eu acabar com você lá fora. Aliás, tenho lembranças vívidas daquele seu truque de merda com fita adesiva, de quando a gente era mais novo. E tá cheio de caco de vidro lá fora. Não quero que você machuque seus lindos pezinhos.

— Você disse *vívidas*? — perguntou Tommy.

— Só porque sou pobre não posso falar bonito? Eu disse *seu merdinha* também, e caiu como uma luva pra você e sua laia.

Starkey e a garota riram, e por alguma razão Clay simpatizou com ela, notando seu batom e o sorriso malicioso. Ele também gostou da alça do sutiã caída, da forma como pendia no ombro, e não ligava para o que os dois estavam fazendo, se tocando e se pegando, a virilha dela na coxa de Starkey, uma perna de cada lado. Claro, ele tinha curiosidade, mas nada de mais. Para começo de conversa, ela não era nenhuma Carey Novac. Sem contar que aquilo não fazia parte da vida dele. Para os que estavam do lado de fora, os garotos ali eram como engrenagens de um lindo maquinário; entretenimento impuro. Para Clay, eram colegas com um propósito específico. Até que ponto conseguiriam machucá-lo? Até que ponto ele conseguiria sobreviver?

\*\*\*

Ele sabia que logo iriam para a pista, então se recostou, fechou os olhos e imaginou Carey ao seu lado; o calor e a luz que emanavam dos braços dela. As sardas no rosto, furinhos — bem profundos e vermelhos, minúsculos — formando um diagrama, ou, melhor ainda, um desenho no estilo “ligue os pontos” dos livros infantis. No colo dela repousava o livro de capa desbotada que compartilhavam, com letras douradas e descascadas: O MARMOREIRO

O subtítulo dizia: *Tudo que você sempre quis saber sobre Michelangelo Buonarroti — uma mina inesgotável de grandeza*. Logo no começo do livro, um filete rasgado de uma folha faltando, a que trazia a biografia do autor. O marcador de página era um pule de uma aposta recente:

Royal Hennessey, Páreo 5

#2 Matador

Vitória: \$1

Em seguida, ela se levantou e se apoiou nele.

Ela sorriu daquele seu jeito intrigante, de quem encara tudo de frente. Aproximou-se mais ainda e começou; encostou o lábio inferior no lábio superior dele, segurando o livro entre os dois.

— “Ele soube na mesma hora que este era o mundo, e que não passava de uma visão.”

Conforme ela recitava uma de suas passagens favoritas, sua boca encostava suavemente na dele — três, quatro vezes, cinco, até — e recuava de leve:

— Sábado, então?

Ele assentiu, visto que sábado à noite, dali a apenas três dias, eles se encontrariam no mundo real, em outro campo abandonado, o favorito dele, um lugar chamado Cercanias. Lá, naquele lugar, passariam a noite em claro. O cabelo dela roçaria nele por horas. Mas ele jamais moveria ou arrumaria um fio.

— Clay — disse ela, desaparecendo aos poucos. — Chegou a hora.

Mas ele não queria abrir os olhos.

\*\*\*

Enquanto isso, um garoto dentuço que chamavam de Fuinha se retirou, e Rory, como sempre, deu as caras. Toda vez que ele aparecia para relembrar os velhos tempos era a mesma história.

Ele entrou no vestiário caindo aos pedaços, e até Starkey interrompeu os amassos quando o viu. Rory levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio. Bagunçou o cabelo de Tommy de um jeito quase hostil e parou diante de Clay. Examinou o irmão com seus inestimáveis olhos de sucata e seu sorriso casual.

— Ei, Clay! — Ele não se conteve. — Ainda metido nessas merdas, é?

Clay também sorriu para ele, não lhe restava outra opção.

Sorriu, mas não olhou para o irmão.

\*\*\*

— Prontos, garotos?

Henry, com o cronômetro em mãos, era quem dava o sinal.

Clay se levantou, Tommy fez a pergunta; tudo parte do ritual. Apontou casualmente para o bolso do irmão.

— Quer que eu guarde pra você, Clay?

Clay nada disse, mas não era preciso.

A resposta era sempre a mesma.

Ele nem balançou a cabeça.

\*\*\*

Então o grafite ficou para trás.

Eles passaram pelo túnel.

Adaptaram-se à luz.

Na arena havia mais de vinte imbecis, metade de cada lado, para torcer por eles. Imbecis torcendo por imbecis, que fantástico. Era o que faziam de melhor.

— Vamos lá, garotos!



As vozes eram encorajadoras. As palmas também.

— Corre, Clay! Derruba eles!

A luz amarela persistia por trás da arquibancada.

— Não precisa matar ninguém, viu, Rory?

— Acaba com ele, Starkinho, seu filho duma égua!

Risadas. Starkey parou.

— Ei! — Com um dedo em riste, ele falou como um personagem de filme. — Que tal eu acabar com vocês antes?

Para *filho duma égua* ele não dava a mínima, mas *Starkinho* o deixava furioso. Starkey olhou para trás e viu sua garota se aventurar pelos bancos de madeira da arquibancada. Ela não tinha nada que estar ali com aqueles arruaceiros; um arruaceiro já estava de bom tamanho para ela. Ele botou o corpo robusto em movimento para alcançar os outros.

Em pouco tempo, todos estavam na pista, e logo os garotos do vestiário se dispersaram. Os três primeiros eram Sumido, Maguire e Sininho: dois com agilidade e força, o terceiro um paredão de tijolos no caminho.

A dupla na linha dos duzentos metros era Schwartz e Starkey, um deles um perfeito lorde, e o outro um brutamontes profissional. O problema de Schwartz, no entanto, era que, embora fosse um defensor ferrenho da justiça, era impiedoso na competição. Depois, vinha com sorrisos cheios de dentes e tapinhas nas costas. Mas, posicionado ao lado da gaiola de lançamento de disco, era um trem em alta velocidade que atropelava quem quer que estivesse em seu caminho.

\*\*\*

Os apostadores estavam em polvorosa.

Dispararam até a última fileira da arquibancada, lá em cima, para enxergar o campo todo.

Os garotos na pista se preparavam:

Davam soquinhos nos quadríceps.

Alongavam-se, estapeavam os próprios braços.

Na marca dos cem metros, cada um ia para a sua raia. Os meninos emanavam uma aura incrível, as pernas iluminadas pelo sol poente ao fundo.

Na linha dos duzentos metros, Schwartz balançava a cabeça. Cabelo louro, sobrancelhas louras, olhos focados. Na raia ao lado, Starkey cuspiu no chão. O bigode dele estava encardido e alerta, espichado. O cabelo parecia um capacho. Mais uma vez, ele encarou os demais e cuspiu.

— Ei! — disse Schwartz, sem tirar os olhos da linha dos cem metros. — É capaz de a gente ir parar nesse chão todo cuspidos em dois segundos.

— E daí?

E então, por último, no fim da reta, a uns cinquenta metros da linha de chegada, estava Rory, bem à vontade, como se momentos como aquele fizessem sentido; porque era assim que tinha que ser.

# show de horrores

POR FIM, O barulho de um motor:

O som da porta do carro batendo, como um grampeador.

O Assassino tentou ignorar, mas sua pulsação estava um pouco mais acelerada que o normal, sobretudo no pescoço. Ele estava tão desesperado que quase pediu a Aquiles que lhe desejasse boa sorte, mas, no fim das contas, a mula parecia vulnerável; ela fungou e levantou um casco.

Passos na varanda.

A fechadura violada, dando voltas.

Senti o cheiro de fumaça na hora.

Na entrada de casa, uma longa lista de blasfêmias que eu trazia na ponta da língua se verteram em silêncio. Um espetáculo descortinado revelando choque e terror, seguido de quilômetros e quilômetros de indecisão e um par de mãos pálidas. O que eu faço? O que eu faço, cacete?

Quanto tempo fiquei ali parado?

Quantas vezes pensei em dar meia-volta e sair andando?

Na cozinha (descobri anos depois), o Assassino permaneceu à espreita. Respirava o mormaço. Olhava para a mula com gratidão:

Nem pense em sair daqui agora.

## o sorridente

— TRÊS... DOIS... UM... Já!

Um clique do cronômetro, e Clay saiu em disparada.

Ultimamente, era assim que faziam; Henry adorava o momento da largada nas competições de esqui que via na TV e resolveu adotar o método.

Como de costume, Clay começou a contagem regressiva a certa distância da linha. Estava impassível, imperturbável, e os pés descalços pareciam prontos para voar. Pousaram tranquilos na linha na hora do *já*. Só quando começou a correr foi que sentiu duas lágrimas, pungentes e ardidas, se avolumarem nos olhos. Foi aí que cerrou os punhos; estava pronto para a brigada de imbecis, para aquele mundo estupendamente adolescente. Ele nunca mais o veria ou faria parte dele.

A grama sob seus pés balançava de um lado para outro, ávida por sair de seu caminho. Até o ar que ele respirava parecia louco para escapar dali. Ainda assim, seu rosto nada demonstrava, apenas os dois trajetos arqueados das lágrimas, secando conforme ele fazia a primeira curva e se aproximava de Sumido, Maguire e Sininho. Dunbar sabia como feri-los. Podia ter dois braços e duas pernas, mas era como se tivesse uns mil cotovelos.

— É agora.

Como se combinado, convergiram.

Clay foi recebido na raia quatro por suor tóxico e axilas; suas pernas continuaram correndo, cortando o ar. A vantagem, de um jeito ou de outro, era

dele. A mão direita entrou na jogada, então um joelho, e ele empurrou Maguire para trás; esquivou-se do rosto de Sumido, e pouco depois só restou a Clay a visão embaçada do pobre garoto, que ele derrubou em seguida, sem dó nem piedade.

Àquela altura, o rechonchudo Brian Bell, também conhecido por Sininho, ou pelo apelido menos usado de Senhor Roliço, entrou em cena com um ataque voraz. Era punho atravessando garganta, peitoral batendo nas costas. Com um sussurro quente e rouco, o garoto soltou um “te peguei”. Clay não gostava que sussurrassem coisas em seu ouvido e pouco se importava com um “te peguei” qualquer, e não demorou muito para que um saco deprimente de carne se estatelasse no gramado. Um saco com uma orelha sangrando.

— Merda!

Clay já tinha sumido de vista.

Sim, Sininho ficou para trás, mas os outros dois voltaram para a pista, um lesionado, outro, inteiro; não deram conta. Clay se soltou. Seguiu a passos largos. Dominou a reta.

\*\*\*

Então ele encarava mais dois adversários, que não o esperavam tão cedo.

Schwartz se preparou.

Starkey cuspiu de novo. O garoto era uma maldita fonte de saliva. Uma gárgula!

— Vem!

Era a criatura na garganta de Starkey que falava, chamando para a briga, aos gritos. Ele já deveria saber que Clay não se sentiria ameaçado ou perturbado. Ao fundo, os primeiros três garotos estavam encolhidos, não passavam de borrões na

cena, conforme Clay fazia a curva aberta e mudava de raia. Sua atenção estava voltada para Starkey, que já não cuspiam mais, apenas se aproximava, a tempo de engancha um dedo na costura do short de Clay; e então, é claro, veio Schwartz.

O garoto cumpriu a promessa e atropelou Clay.

O expresso dos 2'13".

Sua franja arrumadinha foi jogada para trás quando ele soterrou Clay sem piedade entre a raia um e o gramado, e Starkey deu uma ajudinha com os joelhos e os pelos faciais, que arranharam a bochecha de Clay. Até beliscões Starkey deu, conforme os garotos chutavam e arrancavam pedaços uns dos outros em meio a sangue, empurrões e o bafo de cerveja de Starkey. (Coitada da garota na arquibancada.)

Mais parecia que estavam sufocando, os corpos se debatendo no chão.

De longe, talvez de quilômetros de distância, veio uma reclamação da arquibancada.

— Não tô vendo merda nenhuma!

Se eles continuassem na área interna do campo, os torcedores teriam que descer até a vala.

Estavam atacad os meio do gramado do parque Bernborough, mas Clay sempre dava um jeito. Para ele, não havia vitória, derrota, uma marca de tempo ou dinheiro. Por mais que o machucassem, nunca conseguiriam machucá-lo. Por mais que o segurassem, nunca conseguiriam segurá-lo. Ou, pelo menos, nunca conseguiriam machucá-lo de fato, não *o bastante*.

— Segura o joelho dele!

Uma sugestão prudente de Schwartz, mas chegou tarde demais. Um joelho livre significava Clay livre, e ele conseguiu se desvencilhar, saltar os cem quilos a

seus pés e acelerar.

\*\*\*

A torcida vibrava, assoviava.

Uma horda de apelidos desmoronou da arquibancada para a pista. Àquela distância, os gritos eram quase inaudíveis — como os sons do vento sul que volta e meia batiam à sua janela, à noite —, mas estavam presentes, assim como Rory.

Por cento e cinquenta metros, Clay teve toda a superfície ocre para si. O coração dele ressoava, as linhas de lágrimas ressequidas rachando.

Ele correu rumo à luz hostil, aos raios corpulentos e teimosos.

Observou a própria marcha ao longo do saibro.

Ele corria para os gritos da torcida, para os garotos que clamavam por ele na beira da arquibancada. Em algum lugar ali estava a garota de lábios vermelhos e ombros rebeldes e despreocupados. Não havia malícia nesse pensamento, apenas uma noção familiar de diversão. Ele pensou nela deliberadamente, porque sabia que o sofrimento se aproximava. Não importava se era o tempo mais rápido que fizera até então. Nada. Não significava nada, porque ali, a cinquenta metros da linha de chegada, Rory o aguardava feito um rumor.

\*\*\*

Quanto mais perto chegava, mais Clay tinha certeza de que precisaria ser categórico. Hesitar seria sua ruína. A inibição poderia matá-lo. Pouco antes de se enfrentarem, na extremidade direita de seu campo de visão, ouviu gritos variados de vinte e quatro garotos. A arquibancada praticamente veio abaixo com o vislumbre de Rory à frente. Ele costumava ser bruto e cruel.

E Clay?

Ele lutou contra todos os impulsos de dar um passo para o lado, fosse para a esquerda ou para a direita. Praticamente escalou o homem à sua frente e de alguma forma chegou ao outro lado. Ele sentiu a anatomia do irmão: o amor e a adorável raiva. Garoto e chão colidiram, e um pé foi agarrado. O braço travado em seu tornozelo era a única coisa que separava Clay de algo considerado inatingível havia muito tempo. Não dava para ultrapassar Rory. Nunca. Contudo, lá estava ele, arrastando-o. Virando-se para trás e tentando se desvencilhar. O braço de Clay enrijeceu, e, a um ou dois palmos de seu rosto, a mão de Rory emergiu das profundezas feito um titã. Em um aperto de mãos perverso, ele esmagou os dedos de Clay sem sequer fazer força, e assim o levou ao chão.

A dez metros da chegada, Clay se estatelou na pista. Como lidar com a leveza de Rory? Era um paradoxo. Ele era conhecido por ser um rolo compressor, o que sugeria um peso intolerável, mas o garoto mais parecia uma névoa. Você se virava, e lá estava ele, e quando você tentava pegá-lo, já não restava mais nada. Ele já estava em outro lugar, aterrorizante como sempre. As únicas coisas que tinham massa e peso nele eram a profundidade e a ferrugem de seu cabelo, e aqueles olhos densos de um cinza metálico.

Ele conseguiu prender Clay de jeito. As vozes dos garotos e do céu fechado desciam e os alcançavam.

— Vai, Clay! São só dez metros, você tá quase lá!

Tommy:

— O que Zola Budd faria, Clay? O que o Escocês Voador faria? Tem que lutar até a linha de chegada!

Aurora latia.



Henry:

— Rory não deixa barato mesmo, hein?

Rory encarou o irmão e sorriu com os olhos, enigmático.

Outra voz não Dunbar, para Tommy:

— Que merda é essa de Zola Budd? E de Escocês Vaiador?

— Voador.

— Grandes merdas!

— Podem fazer o favor de calar a boca? Tem uma briga acontecendo ali na frente!

Geralmente era assim que a contenda se configurava.

Os garotos se demoravam, acompanhando cada lance, em parte desejando ter a mesma coragem para brigar daquele jeito, mas ao mesmo tempo gratos por não terem. O falatório era uma medida de segurança, pois havia algo de abominável entre aqueles meninos engalfinhados na pista, a respiração e os pulmões estراçalhados.

Clay se contorcia, mas Rory não saía de cima.

Somente uma vez, passados longos minutos, ele quase se libertou, até viu a linha de chegada, praticamente sentiu o cheiro da tinta, mas foi recapturado pelo irmão.

— Oito minutos — anunciou Henry. — Ei, Clay, não acha que já deu pra você, não?

Os meninos formaram um círculo inevitável e turbulento em volta dos irmãos; sabiam demonstrar respeito. Caso alguém sacasse um celular para filmar ou tirar foto, seria escorraçado.

— Ei, Clay! — chamou Henry, um pouquinho mais alto. — Já deu, né?

Não.

Foi o que ele disse, como sempre, sem dizer nada, porque ainda não estava sorrindo.

Nove minutos, dez, logo chegaram à marca dos treze, e Rory considerou esganá-lo; mas então, perto da marca de quinze minutos, Clay finalmente relaxou, jogou a cabeça para trás e abriu um sorriso largo e relaxado. Como se fosse um prêmio de consolação, por entre as pernas deles, Clay viu a garota lá em cima, na sombra, com a alça do sutiã e tudo, e Rory suspirou, aliviado.

— Graças a Deus.

Tombou para o lado e assistiu enquanto Clay — devagar, com uma das mãos boa, a outra sem forças — se arrastava pela linha de chegada.

# **no compasso do assassino**

EU ME RECOMPUS.

Entrei na cozinha com ímpeto — e lá, ao lado da geladeira, estava Aquiles.

Ao lado da montanha de louça lavada, oscilei o olhar entre o Assassino e a mula, tentando decidir com quem lidar primeiro.

Dos males, o menor.

— Aquiles — falei. Era preciso ter muito autocontrole nessas horas de aborrecimento, de exaustão. — Deus do céu, aqueles imbecis deixaram a porta dos fundos aberta de novo?

A mula, para variar, empacou, inabalável.

Sem rodeios, resignado, Aquiles levantou as duas questões de praxe:

Que foi?

Qual o problema?

E ele tinha razão; era a quarta ou quinta vez naquele mês que ele entrava na casa. Provavelmente, quase um recorde.

— Aqui — falei, agarrando o animal pelo cangote.

Na porta, olhei para o Assassino.

Pragmático.

— Se prepara, você é o próximo.

## como um furacão

A CIDADE ESTAVA sombria, mas viva.

Dentro do carro, o silêncio.

Não restava nada além da volta para casa.

Mais cedo, veio a cerveja, compartilhada com certeza.

Sumido, Sininho, Maguire.

Schwartz e Starkey.

Todos ganharam uma graninha, inclusive o tal do Lepra, que tinha apostado em catorze minutos redondos. Quando começou a se vangloriar, os outros meninos disseram na lata que ele deveria era se preocupar em fazer um transplante de pele, isso, sim. Henry ficou com o resto do dinheiro. Tudo isso se deu sob um céu rosa-acinzentado. O melhor grafite da cidade.

Em determinado momento, Schwartz estava contando a eles aquela sacanagem dos cuspes na linha dos duzentos metros, quando a garota, de bobeira com Starkey no estacionamento, fez a pergunta.

— O que aquele garoto tem? — Essa não era a questão em questão, no entanto, logo ficaria claro qual era. — Correndo daquele jeito. Brigando daquele jeito... — continuou ela, pensando um pouco e depois bufando. — Que brincadeira ridícula é essa de vocês? Seus imbecis!

— Imbecis... — repetiu Starkey. — Valeu!

Ele a abraçou como se tivesse acabado de receber um elogio.

— Ei, gatinha!

Henry.

Garota e gárgula se viraram para olhar, e Henry deu um sorrisinho contido.

— Não é uma brincadeira, é treino!

Ela pôs a mão no quadril, e já dá para imaginar o que a garota com a alcinha de renda caída perguntou depois. Henry fez o que pôde para satisfazer a curiosidade dela.

— Certo, Clay, ajuda a gente a entender. Você treina tanto pra quê?

Só que Clay não estava prestando atenção ao ombro da garota. Estava concentrado no arranhão na bochecha que não parava de latejar, cortesia do bigode de Starkey. Com a mão boa, mexeu no bolso, resoluto, então se agachou.

É importante mencionar que o propósito dos treinos de nosso irmão era um mistério igualmente incompreensível para ele também. Clay só sabia que estava se preparando e esperando pelo dia em que compreenderia — e o dia, por acaso, era aquele. A resposta estava à espera, em casa, na cozinha.

\*\*\*

Rua Carbine e travessa Empire, e então um trecho da Poseidon.

Clay sempre gostou daquele caminho para casa.

Gostava das mariposas no alto, amontoadas nos postes de luz. Ele se perguntava se a noite as deixava agitadas ou calmas; em todo caso, conferia propósito a elas. As mariposas sabiam o que fazer.

Logo chegaram à rua Archer.

Henry: dirigindo com uma só mão, sorrindo.

Rory: pés apoiados no painel.

Tommy: meio adormecido por cima da cachorra ofegante.

Clay: sem saber que chegava a hora.

Por fim, Rory não aguentou mais... a calmaria.

— Porra, Tommy, essa cachorra precisa mesmo respirar tão alto?

Três deles deram uma risada curta e seca.

Clay olhava pela janela.

Henry podia dar a impressão de ser um doido ao volante, jogando o carro na calçada de qualquer jeito, mas não, ele não era assim.

Ligou a seta em frente à casa da sra. Chilman, a vizinha.

Fez uma curva suave na entrada da nossa garagem — tão suave quanto aquele carro permitia.

Faróis desligados.

Portas abertas.

A única coisa que traiu a paz absoluta foi fechá-las, quatro tiros disparados na direção da casa.

Juntos, atravessaram o gramado.

— O que tem pra comer? Algum tonto aqui sabe?

— Sobras de ontem.

— Imaginei.

Os pés passaram pela varanda.

\*\*\*

— Lá vêm eles — falei. — Melhor você se preparar pra dar o fora daqui.

— Entendi.

— Você não entendeu nada.

Naquele momento, eu tentava compreender por que tinha deixado o homem ficar. Poucos minutos antes, quando ele me contou a razão de ter dado as caras, minha voz ricocheteou na louça e voou até a garganta do Assassino:

— Você quer *o quê*?!?

Talvez fosse a crença de que a história já estivesse em curso; aconteceria de qualquer jeito e, se fosse aquele o momento, paciência. Além disso, apesar do estado lastimável do Assassino, eu sentia algo mais ali. Havia um quê de resolução, e, claro, expulsá-lo teria sido um prazer e tanto — ah, agarrá-lo pelo braço! Erguê-lo. Enxotá-lo porta afora. Jesus, teria sido lindo pra cacete! Mas nos deixaria vulneráveis. O Assassino poderia voltar a agir quando eu não estivesse por perto.

Não. Melhor assim.

A melhor maneira de controlar a situação seria nos juntarmos, nós cinco, numa demonstração de força.

Não, espera aí.

Nós quatro, e um traidor.

\*\*\*

Daquela vez, foi instantâneo.

Henry e Rory não tinham farejado o perigo antes, mas, ali dentro da casa na rua Archer, ele era palpável. Havia cheiro de discussão no ar, e de bituca de cigarro.

— Shhh — fez Henry, esticando o braço para trás. — Cuidado.

Eles seguiram pelo corredor.

— Matthew?

— Aqui.

Absorta e profunda, minha voz confirmou tudo.

Por alguns instantes, os quatro se entreolharam, em alerta, confusos, pesquisando em um arquivo interno algum registro do próximo passo.

Henry de novo:

— Tá tudo bem com você, Matthew?

— Tudo tranquilo! Vem cá!

Eles deram de ombros, conformados.

Não havia mais razão para não entrarem, então, um a um, dirigiram-se à cozinha, onde a luz parecia um encontro entre mar e rio, o amarelo se transformando em branco.

Eu estava diante da pia, de braços cruzados. Atrás de mim estava a louça, limpa e reluzente, como uma peça rara e exótica de museu.

À esquerda dos meus irmãos, à mesa, estava ele.

\*\*\*

Céus, dá para ouvir daí?

O coração deles?

A cozinha virou um pequeno continente à parte, os quatro garotos se movimentando em uma terra de ninguém, em uma espécie de migração em grupo. Quando chegaram à pia, ficamos aglomerados, Aurora entre nós. É curioso como funcionam os garotos; não nos incomodamos com contato físico — ombros, cotovelos, articulações, braços —, e todos encaramos nosso agressor, que se encontrava sentado, sozinho, à mesa. Uma pilha de nervos da cabeça aos pés.

O que pensar numa hora dessas?

Cinco garotos e pensamentos embaralhados, e Aurora com os caninos à



mostra.

Sim, a cachorra instintivamente o desprezava também, e foi ela quem quebrou o silêncio: rosnou e se preparou para avançar no homem.

Calmo e contundente, estendi a mão.

— Aurora.

Ela parou.

O Assassino logo abriu a boca.

Nada saiu.

A luz estava branca feito aspirina.

\*\*\*

A cozinha então começou a se abrir, ou pelo menos se abriu para Clay. O restante da casa ruiu, e o quintal cedeu, sucumbiu ao nada. A cidade e o subúrbio e todos os campos abandonados foram destroçados e assolados em uma onda apocalíptica, negra. Para Clay só havia aquele lugar, a cozinha, que num fim de tarde passara de zona climática a continente, e agora isto:

Um mundo de mesa-e-torradeira.

De irmãos e suor à beira da pia.

A atmosfera ainda estava opressiva, quente e granulada, como o ar antes de um furacão.

O Assassino parecia estar com a cabeça longe, como se considerasse todos esses elementos, mas logo a içou de volta. Agora, pensou ele. Preciso agir agora. Então agiu, um esforço colossal de sua parte. Levantou-se, e havia algo de aterrorizante em sua tristeza. Ele havia imaginado aquele momento inúmeras vezes, mas chegou ali oco, esvaziado. Uma casca de tudo que era. Poderia muito

bem ter surgido do armário ou de debaixo da cama:

Um monstro manso e confuso.

Um pesadelo, de repente mais vívido do que nunca.

\*\*\*

Mas então — de repente —, era o bastante.

Fez-se uma declaração silenciosa, e os anos de sofrimento equilibrado não seriam tolerados nem mais um segundo; a corrente rachou e por fim se quebrou. A cozinha já tinha visto de tudo aquele dia, e então todo aquele movimento cessou e se resumiu a cinco corpos o encarando. Cinco garotos estavam unidos, lado a lado, mas um deles estava sozinho, exposto — pois já não tocava irmão algum —, apreciando e detestando a situação. Ele a abraçou, lamentou por ela. Só lhe restava dar aquele passo em direção ao único buraco negro da cozinha:

Enfiou a mão no bolso mais uma vez e, quando a tirou, segurava pecinhas. O garoto as exibiu — mornas e vermelhas e plásticas —, as partes de um pregador de roupa despedaçado.

Depois disso, o que restava?

Clay o instigou, a voz brotando no silêncio, emergindo da escuridão rumo à luz:

— Oi, pai.

**parte dois**  
cidades  
+  
águas

# **a rainha dos erros**

CERTA VEZ, NA maré do passado Dunbar, houve uma mulher de muitos nomes, e que mulher ela era.

Primeiro, o nome de nascença: Penélope Lesciuszko.

Então o nome de batismo no piano: Rainha dos Erros.

Em trânsito, chamavam-na de Garota do Aniversário.

O apelido que ela se deu foi Noiva do Nariz Quebrado.

E, enfim, o nome de morte: Penny Dunbar.

Convenientemente, ela veio de um lugar que era mais bem descrito por uma frase dos livros que cresceu lendo.

Ela veio de um mar ruidoso.

\*\*\*

Muitos anos atrás, assim como tantos antes dela haviam feito, a jovem chegou com uma mala e um olhar franzido.

Ficou estarecida com a luz agressiva que encontrou aqui.

Esta cidade.

Era tão quente e vasta, e branca.

O sol era uma espécie de bárbaro, um viking no céu.

Saqueava e depredava.

Colocava as mãos em tudo, do bloco mais alto de concreto à menor pedrinha do mar.

No país de onde ela veio, no Bloco do Leste, o sol era mais como um brinquedo, uma engenhoca. Lá, naquela terra distante, eram nuvem e chuva, gelo e neve que ditavam as regras — não aquela curiosa bolinha amarela que aparecia de vez em quando; os dias mais quentes eram racionados. Mesmo nas tardes mais minguadas e inférteis, havia umidade. Garoa. Pés encharcados. Era a Europa comunista em seu auge declinante.

De muitas formas, isso a definiu. Fuga. Solidão.

Mais precisamente, solitária.

Ela jamais se esqueceria da chegada aqui, completamente aterrorizada.

Do céu, a cidade parecia à mercê do próprio tipo de água (a salgada), mas, em terra firme, a jovem não demorou muito para sentir e identificar a força avassaladora do verdadeiro opressor; o rosto dela ficou imediatamente crivado de suor. Lá fora, ela esperava junto a um rebanho, uma horda — não, uma ralé — de pessoas igualmente atônitas e grudentas.

Após uma longa espera, o bando foi reunido, encurralado numa espécie de pavilhão, banhado por luzes fluorescentes, o calor preenchendo o ar em todas as direções.

— Nome? — Nada. — Passaporte?

— *Przepraszam?*

— Merda.

O homem de uniforme ficou na ponta dos pés e espiou por cima da multidão de cabeças de novos imigrantes. Que bando de rostos lamentáveis, mormacentos.

Ele encontrou o homem que procurava.

— Ei, George! Bilski! Tenho uma aqui pra você!

Foi quando a mulher de quase vinte e um anos que aparentava dezesseis o puxou pelo rosto, segurando a caderneta cinza diante dele como se fosse estrangular as bordas das páginas.

— *Parshporrte.*

Um sorriso, de resignação.

— Tá bom, meu anjo.

Ele pegou o documento e deu uma olhada no nome dela.

— *Leskazna-o quê?*

Penélope o ajudou, tímida porém desafiadora.

— *Less-choosh-ko.*

Ela não conhecia ninguém aqui.

As pessoas com quem convivera no acampamento durante nove meses, nas montanhas austríacas, haviam se dispersado. Enquanto eram enviadas, família depois de família, para o outro lado do Atlântico, a jornada de Penélope Lesciuszko seria mais longa, e aqui estava ela. Tudo que lhe restava era se dirigir ao novo acampamento, aperfeiçoar o inglês, encontrar um emprego e um lugar para morar.

Depois, e mais importante, comprar uma estante. E um piano.

Isso era tudo que Penélope esperava do mundo novo e incandescente que se abria diante dela — e, com o tempo, ela conseguiu. Isso, e muito mais do que pediu.

Você certamente já conheceu pessoas neste mundo e ouviu falar de seus infortúnios, perguntando-se o que fizeram para merecê-los.

Nossa mãe, Penny Dunbar, era uma delas.

Acontece que ela jamais se descreveria como azarada; ela colocava um cacho de cabelo louro atrás da orelha e dizia não ter arrependimentos — explicava que tinha ganhado muito mais do que perdido, e parte de mim tende a concordar com isso. A outra parte conclui que a má sorte sempre deu um jeito de encontrá-la, sobretudo em momentos marcantes:

A mãe dela morreu ao dar à luz.

Ela quebrou o nariz um dia antes do casamento.

E depois, claro, sua morte.

Sua morte foi memorável.

\*\*\*

Quando ela nasceu, os problemas foram a idade e a pressão; seus pais já estavam bem velhos para ter filhos, e, após horas de batalha e uma cirurgia, o corpo de sua mãe ficou destroçado, morto. O pai, Waldek Lesciuszko, ficou destroçado, vivo. Ele criou a filha da melhor forma que pôde. Condutor de bonde, tinha muitas qualidades e peculiaridades, e as pessoas o comparavam não ao próprio Stálin, mas a uma estátua dele. Talvez fosse o bigode. Talvez outra coisa. Podia ser a rigidez do homem, ou seu silêncio, pois era um silêncio extraordinário.

Na vida privada, contudo, havia mais detalhes. Ele tinha um total de trinta e nove livros, dois dos quais eram sua obsessão. Provavelmente porque cresceu em Estetino, próximo ao mar Báltico, ou porque adorava mitologia grega. Qualquer que fosse a motivação, Waldek sempre retornava a eles — dois épicos em que os

personagens abriam caminho pelo mar. As obras ficavam na cozinha, dispostas no meio de uma estante empenada e comprida, arquivadas na letra H:

*Ilíada. Odisseia.*

Enquanto outras crianças pegavam no sono com histórias de cachorrinhos, gatinhos e pôneis, Penélope cresceu com o *rápido Aquiles*, o *engenhoso Odisseu* e todos os demais nomes e epítetos.

*Havia Zeus, o amontoador de nuvens.*

*Afrodite, amante do riso.*

*Heitor, o provocador.*

E sua xará: *a paciente Penélope.*

O filho de Penélope e Odisseu: *o inteligente Telêmaco.*

E um de seus eternos favoritos:

*Agamenon, rei dos homens.*

Ela passou muitas noites em claro na cama, viajando pelas imagens de Homero e suas inúmeras repetições. Quantas vezes os exércitos gregos lançaram suas embarcações no *mar vinoso*, no *mar ruidoso*? Velejavam pela *aurora de dedos róseos*, e a garotinha sossegada se encantava, seu rosto pequenino se inflamava. A voz do pai sacolejava em ondas cada vez menores, até que ela finalmente caía no sono.

Os troianos poderiam retornar no dia seguinte.

Os aqueus, com seus cabelos compridos, poderiam lançar e relançar suas naus ao mar, para conduzi-la em outra noite, mais uma vez.

\*\*\*

Waldek Lesciuszko também transmitiu à filha outra habilidade notável; ele a ensinou a tocar piano.



Sei o que você deve estar pensando:

Nossa mãe recebeu uma educação erudita.

Obras-primas gregas na hora de dormir?

Aulas de música clássica?

Mas não.

Aquelas coisas eram resquícios de outro mundo, uma época completamente distinta. A pequena coleção de livros fora passada de geração em geração, talvez a única posse da família. O piano foi adquirido num carteador. O que nem Waldek nem Penélope sabiam ainda era que ambos seriam cruciais.

Foram eles que tornaram pai e filha mais próximos do que nunca.

E foram eles que os separaram para sempre.

\*\*\*

Eles moravam em um apartamento no terceiro andar.

Um prédio como outro qualquer.

À distância, era uma luzinha em um golias de concreto.

De perto, tinha espaço de sobra para os dois, embora fosse apertado.

O piano empertigado ficava perto da janela — empertigado, preto, imponente, lustroso —, e sempre nos mesmos horários, de manhã e de noite, o velho se sentava com ela, com um ar severo e diligente. Seu bigode ficava estático, cravado entre o nariz e a boca.

O pai só se mexia quando virava a página da partitura para ela.

Penélope tocava e se concentrava nas notas, sem piscar. No começo, canções de ninar, e depois, quando ele a colocou em aulas pelas quais não tinha condições de pagar, Bach, Mozart e Chopin. Por vezes, era o mundo lá fora que piscava

enquanto ela praticava, antes coberto de gelo, depois castigado pelo vento; antes raios de sol, depois tempo feio. A garota sorria quando começava. O pai dela pigarreava. O metrônomo fazia *clic*.

Em alguns momentos, ela escutava a respiração do pai nas lacunas da música, lembrando que ele era de carne e osso, e não de pedra, como a estátua da qual as pessoas tanto debochavam. Mesmo diante das incursões de erros dela, quando a menina sentia a raiva do pai tomando forma, ele se via preso entre o semblante carrancudo e o profundamente irritado. Pelo menos uma vez na vida, ela adoraria ter visto o homem explodir — um tapa na própria coxa, ou um puxão no emaranhado de cabelo envelhecido. Ele nunca explodiu. Apenas ficava a postos, segurando o galho de abeto, que usava para açoitar os dedos da filha com uma ferroada contida toda vez que ela relaxava as mãos ou cometia algum erro. Certa manhã de inverno, quando ela ainda era uma criança pálida e retraída, tomou vinte e sete advertências, por vinte e sete pecados musicais. Então o pai criou um apelido para ela.

No fim da aula, a neve caindo do lado de fora, ele a interrompeu e segurou suas mãos, castigadas e pequenas e mornas. Então as fechou com delicadeza entre os próprios dedos monolíticos.

— *Juz wystarczy, dziewczyna błędów...* — disse ele, o que ela traduziu para nós como:

— Já chega, rainha dos erros.

Ela tinha oito anos na época.

Quando completou dezoito, ele decidiu tirá-la dali.

O dilema, evidentemente, era o comunismo.

Uma ideia bela e simples.

Milhares de limitações e defeitos.

Na infância, Penélope nunca percebeu.

Que criança percebe?

Não havia nada a que comparar.

Por anos, ela não se deu conta de como o período e o lugar eram envoltos em mistérios e segredos. Não via que, embora todos fossem iguais, na verdade não eram. Ela nunca olhava para cima, para as varandas de concreto, para as pessoas à espreita.

A política era uma presença aterrorizante, e o governo controlava tudo: trabalho, bolso, pensamentos e crenças — ou pelo menos o que as pessoas *diziam* pensar e seguir. Caso alguém levantasse a menor suspeita de filiação ao *Solidarność*, o movimento Solidariedade, certamente pagaria o preço. Como eu disse, as pessoas ficavam à espreita.

A verdade é que aquele sempre foi um país difícil, um país triste. Era uma terra onde invasores chegavam de todas as direções, século após século. Se tivesse que escolher, no entanto, eu diria que era mais difícil que triste, e no período comunista não foi diferente. No fim das contas, era uma época em que se passava de uma longa fila para outra, à espera de qualquer coisa, de suprimentos médicos a papel higiênico, e provisões cada vez mais escassas de alimentos.

E o que as pessoas podiam fazer?

Ficar na fila.

Esperar.

Temperaturas abaixo de zero. Nada mudava.

As pessoas ficavam na fila.

E esperavam.

Porque era preciso.

\*\*\*

O que nos traz de volta a Penélope e ao pai dela.

Para a garota, nada disso importava muito, pelo menos não naquela época.

Para ela, era apenas uma infância.

Era um piano e parquinhos congelados, e Walt Disney nas noites de sábado — uma das pequenas concessões daquele mundo que se estendia por um caminho errante rumo ao Ocidente.

Quanto ao pai, era cuidadoso.

Vigilante.

Mantinha a cabeça baixa e guardava todas as suas ideias políticas na escuridão dos lábios silenciosos, mas isso não garantia conforto algum. Preservar-se enquanto o sistema todo ao redor ruía só servia para lhe dar mais tempo de sobrevivência, não a sobrevivência de fato. Um inverno eterno por fim terminava, para então voltar em tempo recorde, e lá estavam todos de novo, no trabalho:

Horas fixas, curtas.

Relações amigáveis, sem amizade.

Lá estavam todos, em casa:

Em silêncio, porém pensativos.

Existe alguma saída?

A resposta se formou, e foi aperfeiçoada.

Definitivamente não para ele.

No entanto, talvez para ela existisse.

\*\*\*

Sobre esse ínterim, o que mais pode ser dito?

Penélope cresceu.

O pai ficou visivelmente mais velho, o bigode visivelmente mais cinza.

Eles viveram bons momentos, grandes momentos — e por mais velho e turrão que fosse, Waldek surpreendia a filha uma vez por ano, se tanto, e apostava corrida com ela até os trilhos do bonde, geralmente a caminho de uma aula particular de música ou de um recital. Em casa, nos últimos anos do colégio, ele fazia as vezes de parceiro no salão de dança da cozinha, tenso e metódico. Panelas faziam estardalhaço. Um banquinho frágil tombava. Facas e garfos caíam no chão, e a garota ria, e o homem cedia; ele sorria. A menor pista de dança do mundo.

Uma das lembranças mais vívidas de Penélope era de seu aniversário de treze anos, quando foram para casa pelo parquinho. Ela se sentia adulta demais para essas coisas, mas mesmo assim se sentou no balanço. Muitas décadas depois, relataria essa ocasião, mais de uma vez, ao quarto dos cinco filhos — aquele que amava as histórias. Ela já estava em seus últimos meses de vida, ora perdida em devaneios, ora grogue de morfina, deitada no sofá.

— De vez em quando — dizia ela —, ainda vejo a neve derretendo, os prédios desbotados, inacabados. Escuto as correntes barulhentas. Sinto as luvas dele na minha nuca.

Nossa mãe sorria com dificuldade naquela época, seu rosto em processo de deterioração.

— Lembro que gritei com medo de ir muito alto. Implorei para ele parar, mas

no fundo não queria que ele parasse.

Era isto que tornava as coisas tão difíceis:

Um coração inundado de cores em meio a tanto cinza.

Para ela, em retrospecto, ir embora não foi bem uma libertação, mas um *abandono*. Por mais que os amasse, Penélope não queria deixar o pai sozinho com seu elenco grego de amigos navegantes. Afinal, o que o rápido Aquiles poderia fazer naquela terra de frio e neve? Acabaria morrendo congelado. E será que Odisseu seria engenhoso o bastante para fazer a companhia necessária ao pai dela, para mantê-lo vivo?

Para ela, a resposta era clara.

Não seria.

\*\*\*

Mas então, claro, aconteceu.

Ela fez dezoito anos.

A fuga foi instaurada.

Ele levou dois longos anos.

Aparentemente, tudo corria bem: ela terminou a escola com boas notas e conseguiu um emprego de secretária em uma fábrica na região. Fazia anotações durante as reuniões, era responsável por todas as canetas. Cuidava da papelada, contabilizava os grampeadores. Era esse o ofício dela, sua função naquele mundo, e certamente havia outras muito piores.

Foi mais ou menos nessa época que ela passou a integrar alguns conjuntos musicais, acompanhando pessoas pela cidade e apresentando composições próprias também. Waldek a incentivava bastante, e em pouco tempo ela já estava

viajando para tocar. As restrições eram cada vez menos monitoradas, por conta da desordem geral e (o que era mais ameaçador) da certeza de que as pessoas poderiam até partir, mas seus familiares *ficavam*. De qualquer forma, volta e meia Penélope era liberada para atravessar a fronteira, e chegou até a ir além da Cortina uma vez. Em momento algum ela imaginou que seu pai estivesse plantando a semente da deserção; ela gostava de sua vida, estava feliz.

Mas o país, à época, estava em ruínas. Os corredores dos mercados estavam praticamente vazios. As filas, cada vez maiores.

Muitas vezes, na neve, no granizo e na chuva, pai e filha passavam horas em pé à espera de pão, e quando chegava a vez deles não restava mais nada — e ele logo se deu conta. Ele sabia.

Waldek Lesciuszko.

A estátua de Stálin.

Era uma ironia, na verdade, porque ele não disse uma palavra; estava decidindo *por* ela, forçando-a a ser livre, ou, no mínimo, impondo a escolha a ela.

Ele nutriu o plano, dia após dia, e então chegou o momento.

Ele enviaria a filha a Viena, na Áustria, para tocar em um concerto — um festival de artes —, e deixaria claro que ela não deveria voltar nunca mais.

E foi assim que, para mim, nós, os garotos Dunbar, surgimos.

## as cercanias

ENTÃO LÁ ESTAVA ela, nossa mãe.

Gelo e neve, e todos aqueles anos atrás.

E eis aqui Clay, no futuro remoto.

O que podemos dizer sobre ele?

Onde e como a vida recomeçou no dia seguinte?

Foi bem simples, na verdade, com uma multidão de perguntas à espreita:

Ele acordou no maior quarto da cidade.

\*\*\*

Para Clay, era perfeito, outro lugar estranho e ainda assim sagrado: uma cama no meio de um campo abandonado, a luz incandescente da alvorada e telhados distantes; ou, mais precisamente, um colchão velho e desbotado, largado na terra.

Ele frequentava bastante o local (sempre aos sábados à noite), mas fazia um bom tempo que não varava a madrugada no campo atrás da nossa casa. Mesmo assim, era um privilégio curiosamente reconfortante; aquele colchão sobreviveu por muito mais tempo do que tinha direito.

Por isso, tudo parecia normal quando ele abriu os olhos. O mundo estava em silêncio, estático como uma pintura.

Mas então tudo cambaleou e ruiu.

O que foi que fui e fiz?



\*\*\*

O nome oficial do lugar era Cercanias.

Uma pista de treino com uma cocheira do lado.

Mas isso foi anos atrás, outra vida.

Na época, era onde todos os proprietários falidos, os treinadores mal das pernas e os jóqueis baratos iam trabalhar e rezar:

Um veloz preguiçoso. Um lento honesto. Por favor, pelo amor de Deus, que pelo menos um deles consiga dar a volta por cima.

O que receberam foi um presente especial do Jóquei Clube Nacional.

Falência decretada. Devastação.

O plano era vender a propriedade, mas os trâmites demoraram mais de meia década e, como era comum na cidade, não deram em nada. Tudo que restou foi um vazio — um prado enorme, acidentado, e um jardim de esculturas de lixo domiciliar.

TVs problemáticas. Máquinas de lavar surradas.

Micro-ondas catapultados.

Um colchão duradouro.

Tudo isso e muito mais se esparsava pelo terreno, e embora a maioria das pessoas visse o lugar apenas como mais um cenário de abandono urbano, para Clay era recordação, memória. Afinal, foi aquele lugar que Penélope espiou por uma cerca quando decidiu morar na rua Archer. Foi ali que todos ficamos parados certo dia, com um fósforo aceso sendo soprado pelo vento oeste.

Outro ponto digno de nota é que, desde que foi abandonado, o gramado do lugar não tinha crescido muito; era a antítese do parque Bernborough: baixo e

devastado em algumas áreas, na altura do joelho e viscoso em outras, e foi nessa parte que Clay tinha acabado de acordar.

Anos depois, quando o questionei a respeito disso, ele permaneceu um bom tempo em silêncio. Sentado a esta mesa, apenas encarou o horizonte e disse:

— Não sei, talvez a grama estivesse tão triste que não tinha forças para crescer.

Mas depois cortou a hipótese pela raiz.

Para ele, era um sentimentalismo ridículo.

— Nossa, esquece que eu disse isso.

Mas não consigo.

Não consigo esquecer, porque jamais entenderei:

Uma noite ele viria a encontrar a mais pura beleza ali.

E cometer seu maior erro.

\*\*\*

Mas voltemos àquela manhã; o primeiro dia depois do retorno do Assassino. Clay deitado todo encolhido, depois estirado. O sol não só nasceu, como colheu o garoto, e havia algo leve e fino no bolso esquerdo de seu short jeans, junto ao pregador quebrado. Ele decidiu ignorar isso por ora.

Estava atravessado no colchão.

Pensou ter escutado a voz dela...

Mas é de manhã, pensou ele, e é quinta-feira.

Em momentos como aquele, pensar nela doía.

O cabelo dela no pescoço dele.

A boca.

Os ossos, os peitos e, por fim, a respiração.

— Clay. — Um pouco mais alto então. — Sou eu.

Mas ele teria que esperar até sábado.

# **ela chorou a viagem toda até viena**

NO PASSADO, LÁ está ela de novo, sem saber de absolutamente nada, pois nem a respiração de Waldek Lesciuszko sugeria qualquer coisa do que estava tramando.

O homem era meticoloso.

Absolutamente inabalável.

Um concerto em Viena? Não.

Vivo me perguntando como deve ter sido para ele comprar a passagem obrigatória de ida e volta, sabendo que a filha só faria a viagem de ida. Eu me pergunto como deve ter sido mentir e fazê-la requisitar o passaporte novamente, seguindo o protocolo exigido a cada vez que alguém decidia deixar o país, ainda que por pouco tempo. Então foi o que Penélope fez, como sempre.

Como mencionei antes, não seria o primeiro concerto dela.

Ela já havia passado pela Cracóvia. Por Gdańsk. Pela Alemanha Oriental.

Viajara uma vez também para uma cidadezinha chamada Nebenstadt, a oeste da Cortina, mas ainda perto demais do Oriente. Os concertos tinham uma aura de requinte, mas não muito, pois ela era uma boa pianista, brilhante, mas não *brilhante*. Costumava ir sozinha, mas nunca deixava de voltar no horário estipulado.

Até então.

\*\*\*

Daquela vez, o pai a convenceu a levar uma mala maior e um casaco extra. À noite, ele acrescentou algumas meias e roupas de baixo. Também colocou um envelope entre as páginas de um livro — de capa dura preta, primeiro volume de dois. O envelope continha palavras e dinheiro:

Uma carta e dólares americanos.

Os livros foram embalados em papel pardo.

No topo, em letras garrafais, estava escrito: PARA A RAINHA DOS ERROS, QUE TOCA CHOPIN COM PERFEIÇÃO, E MOZART, E BACH.

Ao pegar a bagagem pela manhã, ela sentiu na hora que estava mais pesada, óbvio. Começou a abrir a mala para ver o que era, mas o pai na mesma hora a interrompeu:

— Coloquei um presentinho para você abrir no caminho. Já estamos em cima da hora, vamos. — Ele a apressou. — No trem você vê.

E ela acreditou nele.

Usava um vestido azul de lã com botões grandes e finos.

O cabelo batia na cintura.

O semblante era confiante e afável.

Por fim, as mãos, frias e firmes, e perfeitamente lavadas.

Ela não se parecia em nada com uma refugiada.

\*\*\*

Na estação foi estranho, pois o homem que jamais demonstrara um pinga de emoção de repente estava trêmulo, com os olhos marejados. O bigode estava

vulnerável pela primeira vez em sua vida resoluta.

— *Tato?*

— Porcaria de frio!

— Mas nem está tão frio hoje.

Ela tinha razão, não estava. O clima estava ameno, fazia sol, a luz intensa pintando a cidade com seu cinza glorioso.

— Você quer discutir comigo agora? Não devemos brigar quando alguém está de partida.

— Verdade, *Tato*.

Quando o trem parou na plataforma, o pai se afastou. Em retrospecto, é claro que ele estava se segurando para não desabar na frente dela, quase rasgando os bolsos da calça. Mexia neles para se distrair, para manter as emoções sob controle.

— *Tato*, chegou.

— Estou vendo. Sou velho, não cego.

— Pensei que era para não brigarmos.

— Agora você está discutindo comigo de novo!

Ele jamais levantava a voz assim, nem em casa, quanto mais em público. Aquilo não fazia sentido.

— Desculpa, *Tato*.

Então deram três beijinhos, um em cada bochecha e o terceiro na direita.

— *Do widzenia*.

— *Na razie*.

Nos vemos em breve.

Não vão, não.

— *Tak, tak. Na razie*.

Até o fim da vida, ela sentiu um alívio descomunal por ter se virado e falado para ele:

— Não sei como vou tocar sem você batendo em mim com aquele galho.

Era o que ela dizia todas as vezes.

O homem apenas meneou a cabeça, sem deixar a filha ver seu rosto se desmanchar e se derramar, tão ruidoso quanto o mar Báltico.

O Báltico.

Era assim que ela sempre explicava. Contava que o rosto do pai tinha virado um corpo de água. As rugas profundas, os olhos. Até o bigode. Tudo afogado em luz do sol e água fria, muito fria.

\*\*\*

Ela passou quase uma hora olhando pela janela do vagão, observando a Europa Oriental se estendendo ao seu lado. Pensou muitas vezes no pai, mas foi só quando viu outro homem — um tipo parecido com Lênin — que ela se lembrou do presente. A mala.

O trem seguia seu rumo.

Os olhos dela encontraram as roupas de baixo primeiro, depois as meias, e então o pacote pardo, e ela ainda não tinha ligado os pontos. As roupas adicionais possivelmente se explicavam pelas excentricidades de um senhor. Ela foi tomada por uma grande felicidade ao ler o bilhete sobre Chopin, e Mozart e Bach.

Então abriu o pacote.

E viu os dois livros pretos.

A impressão nas capas não estava em seu idioma.

Ambos tinham *Homero* escrito no topo, e abaixo, respectivamente, *Iliada* e

*Odisseia.*

Quando folheou o primeiro e se deparou com o envelope, o baque foi repentino e severo. Ela se levantou com um sobressalto e murmurou “Nie” para o trem não muito cheio.

*Querida Penélope,*

*Imagino que você esteja lendo esta carta na viagem a Viena, e quero deixar claro desde o princípio: não dê meia-volta. Não volte. Eu não a receberei de braços abertos e ainda me afastarei. Acho que você já sabe que há outra vida para você agora, outra forma de ser.*

*Dentro deste envelope estão todos os documentos necessários. Quando chegar a Viena, não pegue um táxi até o acampamento. É caro demais, e você chegaria muito cedo. Tem um ônibus que vai até lá. Além disso, não diga que está tentando sair do país por motivos financeiros. Diga apenas o seguinte: você teme represálias do governo.*

*Imagino que não será fácil, mas você vai conseguir. Você vai sobreviver e ter uma vida, e um dia, espero, vamos nos rever, e você vai ler estes livros para mim em inglês — pois é o idioma que espero que estará falando. Se por acaso você nunca mais voltar, peço que leia para seus filhos, caso seja esse o seu rumo mundo afora, no mar vinoso.*

*A última coisa que direi é que ensinei apenas uma pessoa neste mundo a tocar piano, e embora você seja a grande rainha dos erros, foi um prazer e um privilégio para mim. Foi o que melhor amei, o que mais amei.*

*Atenciosamente e com amor,  
Waldek Lesciuszko*

Bem, o que você faria? O que você diria?

Penélope, a Rainha dos Erros, permaneceu de pé mais alguns segundos e então afundou lentamente em seu assento. Permaneceu calada, trêmula, a carta em mãos e os livros no colo. Sem emitir qualquer som, começou a chorar.

Diante da paisagem transitória da Europa lá fora, Penélope Lesciuszko chorou lágrimas errantes, silenciosas. Ela chorou a viagem toda até Viena.



# medindo forças

ELE NUNCA TINHA ficado bêbado, portanto nem de ressaca, mas Clay imaginava que a sensação fosse exatamente aquela.

Estava com a cabeça pesada e a colocou no lugar.

Ficou um tempo sentado, rastejou pelo colchão e encontrou a lona plástica jogada na grama ali perto. Com ossos cansados e mãos trêmulas, usou-a para cobrir a cama, então foi até a cerca — divisão obrigatória da pista esportiva, só com ripas horizontais, sem tábuas verticais — e descansou o rosto na madeira. Respirou as brasas dos telhados da cidade.

Por um bom tempo, tentou esquecer:

O homem à mesa.

O barulho baixinho dos irmãos ao fundo e um sentimento de traição pairando no ambiente.

Aquela história da ponte dele insistia em voltar à sua mente nos mais variados contextos, mas, naquela manhã, vinham à tona sobretudo fragmentos da noite anterior.

\*\*\*

Oito horas antes, quando o Assassino se retirou, um silêncio desconfortável perdurou por uns dez minutos entre eles. Foi Tommy quem o quebrou:

— Jesus, ele está com uma cara de morte. Parece que morreu e esqueceram de enterrar.

Ele carregava Heitor perto do coração. O gato ronronou, uma bola listrada de pelo.

— Merecia estar pior ainda — retruquei.

Henry e Rory se pronunciaram, um após o outro:

— Não engoli aquele terno!

— Quero nem saber. Vou pro bar.

Os dois estavam lado a lado feito elementos fundidos, uma mistura de areia e ferrugem.

Clay, famoso por não dizer quase nada, nada disse. Já havia batido a cota de falatório da noite. Por um momento, se perguntou: por que agora? Por que ele apareceu aqui em casa *agora*? Até que se deu conta. Era dia 17 de fevereiro.

Ele mergulhou a mão machucada em um balde de gelo e tentou manter a outra longe do arranhão no rosto, por mais tentador que fosse cutucá-lo. À mesa éramos eu e ele, um confronto silencioso. Para mim, não restavam dúvidas: eu tinha apenas um irmão com quem me preocupar, e era o que estava na minha frente.

Oi, pai, pelo amor de Deus.

Olhei para o gelo boiando em torno do pulso dele.

Vai precisar de um balde do seu tamanho, garoto.

Não falei nada, mas percebi que havia ganhado a batalha quando Clay apontou dois dedos em forma de arma para o hematoma embaixo do olho. Aquele imbecil que nunca abria a boca chegou a assentir discretamente, pouco antes de a pilha de louça limpa, de sua altura absurda, desmoronar na pia.

Não acabou com nosso impasse, no entanto — não mesmo.

Eu, particularmente, insisti em encará-lo.

Clay prosseguiu com os dedos.

Tommy colocou Heitor no chão, guardou os pratos e logo retornou com o pombo (Tetê acompanhava a cena do ombro dele), mal vendo a hora de sair dali. Resolveu dar uma olhada em Aquiles e Aurora — ambos exilados lá fora, no quintal. Saiu e tratou de fechar a porta.

\*\*\*

Claro que, pouco antes, quando Clay pronunciou aquelas duas fatídicas palavras, nós quatro ficamos parados atrás dele, como testemunhas na cena de um crime. Um crime terrível. Entre o espanto e o orgulho, havia muito em que se pensar, mas só consegui me lembrar de uma coisa:

Ali, nós o perdemos para sempre.

Mas eu estava disposto a lutar.

— Você tem dois minutos — falei, e o Assassino assentiu devagar. Ele afundou na cadeira grudada ao chão. — Bem, então pode começar. Dois minutos não são muito tempo, velho.

Velho?

O Assassino ia contestar, mas com o mesmo ímpeto se resignou. Ele *era* velho, uma velha lembrança, uma ideia esquecida — e, ainda que na meia-idade, para nós era tido como morto.

Colocou as mãos na mesa.

Ressuscitou a voz.

Dirigiu-se à plateia em prestações.

— Eu preciso de... Quer dizer, queria saber se...

Ele não soava mais como a mesma pessoa, não para nós. Nós nos lembrávamos dele um tanto diferente, aqui e ali.

— Estou aqui para perguntar...

Louvado seja Rory, que, em sua voz abrasiva, descarregou uma resposta sanguinolenta na gagueira acanhada do nosso pai.

— Pelo amor de Deus, desembucha, porra!

Ficamos parados.

Todos nós, temporariamente.

Mas então Aurora latiu de novo, tivemos um momento de alguém-cala-a-boca-dessa-cachorra, e em algum lugar, no meio disso, as palavras vieram:

— Tá bom, é o seguinte. — Ele se agarrou àquele momento de coragem. — Não vou mais tomar o tempo de vocês, sei que não tenho direito algum, mas vim aqui porque moro longe agora. Moro pra lá da cidade, bem no interior, e é bastante chão e tem um rio e estou construindo uma ponte. Aprendi na marra que o rio enche. E que, se você bobear, pode ficar preso tanto de um lado quanto de outro. — A voz estava cheia de farpas, uma cerca de madeira em sua garganta. — Vou precisar de ajuda na construção, e gostaria de saber se algum de vocês...

— Não. — Fui o primeiro.

Mais uma vez, o Assassino assentiu.

— Caralho, você é cara de pau mesmo, hein! — Rory, caso você ainda não tenha adivinhado.

— Henry?

Henry seguiu a minha deixa e manteve a compostura, engolindo o ultraje.

— Não, obrigado.

— Ele não merece seu *obrigado*. Clay?

Clay balançou a cabeça.

— Tommy?

— Não.

Um de nós estava mentindo.

\*\*\*

A partir daquele momento, um silêncio devastou a cena.

A mesa era um território árido entre pai, filhos e migalhas. Um saleiro e um pimenteiro descombinados postados no meio, como uma dupla de humoristas. Um alto, um gordo.

O Assassino assentiu e foi embora.

Antes, deixou um pedacinho de papel em meio às migalhas.

— Meu endereço. Caso mudem de ideia.

— Agora pode ir. — Cruzei os braços. — E deixa os cigarros.

\*\*\*

O papel com o endereço foi rasgado na mesma hora.

Joguei os picotes no caixote de madeira ao lado da geladeira junto com garrafas de vários tipos e jornais velhos.

Ficamos ali sentados, de pé, escorados.

A cozinha em silêncio.

O que dizer?

Se tivemos uma conversa profunda sobre nos unirmos ainda mais em momentos como esse?

Claro que não.

Trocamos as poucas palavras de sempre, e Rory foi o primeiro a sair, direto para o bar. O Naked Arms. De saída, colocou a mão quente e úmida, por apenas alguns segundos, na cabeça de Clay. No bar, provavelmente se sentaria no lugar onde nos sentamos juntos uma vez, todos nós — inclusive o Assassino —, numa noite que jamais esqueceríamos.

Em seguida, Henry saiu pelos fundos, provavelmente para organizar livros velhos e discos, achados de vendas de garagem.

Então Tommy se foi também.

Após Clay e eu passarmos um bom tempo sentados, ele se levantou e se dirigiu ao banheiro em silêncio. Tomou um banho e ficou parado diante da pia. O ralo estava entupido de cabelo e pasta de dente; tudo tinha virado uma massa de sujeira. Talvez fosse daquilo que ele precisava para provar que grandes feitos poderiam brotar do nada.

Mas ele ainda evitava o espelho.

\*\*\*

Mais tarde, resolveu ir aonde tudo começou.

Ele tinha uma coleção de lugares sagrados.

Claro que um deles era o parque Bernborough.

E também o colchão nas Cercanias.

O cemitério no morro.

Mas tinha uma boa razão para tudo ter começado aqui mesmo, anos atrás.

Ele subiu no telhado.

\*\*\*

Naquela noite ele saiu pela porta da frente e deu a volta, passando rente à casa da sra. Chilman: pulou da cerca para a caixa do medidor e depois para o telhado. Como de costume, sentou-se bem no meio, camuflado; conforme crescia, aperfeiçoava a técnica.

Na infância, subia sempre à luz do dia, mas com o tempo preferiu passar despercebido pelos transeuntes. Só ficava na cumeeira ou na beirada quando subia acompanhado.

Observou a casa de Carey Novac, do outro lado da rua, um pouco mais à frente.

Número 11.

Tijolos marrons.

Janelas amarelas.

Ele sabia que ela estaria lendo *O marmoreiro*.

Passou um tempo observando as silhuetas variadas, mas logo se virou. Por mais que adorasse vê-la, ter um vislumbre que fosse, não era por causa dela que subia no telhado. Aquele canto se tornara seu muito antes de Carey se mudar para a rua Archer.

Então ele chegou um pouco para o lado, umas dez telhas à esquerda, e se concentrou na extensão da cidade, que se erguia de seu abismo, grandiosa, vasta, com as ruas iluminadas. Ele observou tudo com a placidez de sempre.

— Oi, cidade.

De vez em quando, gostava de conversar com ela: para se sentir ao mesmo tempo menos e mais solitário.

\*\*\*

Meia hora depois, Carey saiu apressada de casa. Com uma das mãos tocou o corrimão da varanda e com a outra acenou devagar, bem alto.

Oi, Clay.

Oi, Carey.

E entrou de volta.

Cada dia, para ela, era sempre um começo brutal, e o dia seguinte não seria diferente. Ela levaria a bicicleta jardim afora, às quinze para as quatro, para treinar na cocheira de McAndrew, no clube Royal Hennessey.

Já quase no fim, Henry apareceu, saindo da garagem com uma cerveja e um pacote de amendoim. Sentou-se na beirada, perto de uma *Playboy* enrolada na calha; uma edição de janeiro com alguma musa morta ou moribunda. Fez sinal para Clay se aproximar, e quando o irmão chegou perto ofereceu o amendoim e a cerveja gelada.

— Não, valeu.

— Ele fala! — Henry deu um tapa nas costas do irmão. — Duas vezes em uma hora! Essa noite vai entrar para a história mesmo. Vou correr até a banca amanhã e jogar na loteria.

Clay observava em silêncio:

O adubo formado pela mistura de arranha-céus com o subúrbio.

Por um instante, chegou a olhar para o irmão e seus goles de cerveja inabaláveis. Gostou da ideia da loteria.

Os números de Henry eram de um a seis.

\*\*\*



Um pouco mais tarde, Henry apontou para a rua, de onde vinha Rory, penando ladeira acima com uma caixa de correio nos ombros. Atrás dele, o pé de madeira arrastava no chão, até que Rory o largou no jardim, triunfante.

— Ei, Henry! Joga aqui um amendoim, seu varapau do cacete!

Ele pensou um instante, mas esqueceu o que estava dizendo. Algo hilário, com certeza, porque foi gargalhando até a varanda. Então tropeçou nos degraus e se estabacou.

Henry suspirou.

— Vou precisar de ajuda.

E Clay desceu pelo outro lado, onde Henry tinha colocado uma escada. Ele não olhou para as Cercanias ou para a longa paisagem de telhados inclinados. Não, tudo que ele via era o quintal e Aurora correndo em volta do varal. Aquiles ficou ruminando ao luar.

\*\*\*

Quanto a Rory, ele pesava uma tonelada de álcool, mas enfim conseguiram carregá-lo até a cama.

— Imbecil — disse Henry. — Deve ter entornado umas vinte canecas.

Eles nunca tinham visto Heitor se mover com tanta destreza. Foi impagável seu olhar assustado ao saltar de colchão em colchão e sair do quarto. Na outra cama, Tommy dormia encostado na parede.

\*\*\*

No quarto deles, mais tarde, bem mais tarde, o velho rádio-relógio de Henry (mais uma barganha de uma venda de garagem) informava 1:39, e Clay estava de

pé, de costas para a janela aberta. Pouco antes, Henry havia se sentado no chão para escrever uma redação para a escola, mas já não se mexia havia alguns minutos; tinha desabado nas folhas de papel, e Clay se sentiu seguro para agir:

Agora.

Trincou o maxilar.

Foi até o corredor, mas seu destino final era a cozinha, e antes do esperado estava ao pé da geladeira, tateando em meio à caixa de lixo reciclável.

A luz se acendeu de repente.

Jesus!

Era branca e forte e atingiu seus olhos feito um hooligan. Quando voltou a se apagar, ele levou as mãos aos olhos, que ainda latejavam. No recém-instaurado e sufocante breu estava Tommy, só de cueca, com Heitor a tiracolo. O gato era uma sombra em movimento, ainda assustado pela iluminação repentina.

— Clay? — Tommy perambulou até a porta dos fundos. Babava as palavras, sonâmbulo. — Quiles nem que... com... — Numa segunda tentativa, quase desvendou a própria frase. — Aquiles tem que... comida.

Clay o puxou pelo braço e assistiu enquanto o irmão perambulava pelo corredor. Ele até se agachou e fez carinho no gato, desencadeando um breve ronronar. Por um momento, Clay imaginou que Aurora fosse latir ou que Aquiles fosse relinchar, mas não o fizeram, e ele vasculhou o caixote.

Nada.

Mesmo quando se arriscou e abriu a geladeira — só uma fresta, roubando um pouco da luz —, não conseguiu encontrar nem um pedacinho. Qual não foi sua surpresa, portanto, ao voltar para o quarto e se deparar com o papel remendado com fita adesiva em sua cama.

## a garota do aniversário

NEM É PRECISO dizer que Penélope não chegou a ir ao festival de artes; não foi a um ensaio sequer, nem passeou pela cidade de telhas verde-água. Ela ficou na estação de Westbahnhof, na plataforma, sentada na mala, cotovelos apoiados nos joelhos. Com os dedos limpos e ressecados, ela brincou com os botões do vestido de lã azul. Havia trocado sua passagem de volta por outra, para retornar o quanto antes para casa.

Horas depois, quando o trem que a levaria embora dali estava pronto para partir, ela deu um pulo. Um condutor, barba por fazer, acima do peso, despontou de um vagão.

— *Kommst einer?*

Penélope apenas olhou para ele, tomada pela indecisão, girando um botão na altura do peito. A mala estava diante dela. Uma âncora aos seus pés.

— *Nah, kommst du jetzt, oder net?!*

Havia algo de encantador no desleixo do condutor.

— Você vem ou não vem?

Até os dentes dele eram tortos. Ele se inclinava para a plataforma de um jeito quase infantil, como um colegial, e em vez de soprar o apito apenas gritou para a frente do trem.

— *Geht schon!*

E sorriu.

Abriu um sorriso que era mais uma confusão de dentes, e nesse momento Penélope estendeu a mão direita, com o botão na palma.

\*\*\*

Como o pai dela havia previsto, contudo, a viagem correu bem.

Ela era apenas uma maleta e vulnerabilidade, mas, exatamente como Waldek planejava, conseguiu.

Havia um acampamento em um lugar chamado Traiskirchen, que não passava de um exército de beliches e um banheiro de piso vinoso. O primeiro problema foi encontrar o fim da fila. Por sorte Penélope tinha muita prática; se havia uma coisa que a Europa Oriental lhe ensinara era a ficar na fila. O segundo problema, uma vez lá dentro, foi andar pelo mar de recusas em que ela afundou até o tornozelo. Um mar ruidoso e tanto, um teste de nervos e resistência.

As pessoas da fila estavam cansadas e apáticas, e cada uma tinha os próprios medos, embora compartilhassem o maior deles. Não poderiam, sob circunstância alguma, ser enviadas de volta para casa.

Quando chegou a vez dela, foi interrogada.

Tiraram suas impressões digitais, traduziram o que ela disse.

A Áustria era essencialmente um local de retenção, e na maioria dos casos levava vinte e quatro horas para a pessoa ser analisada e enviada para um albergue, onde aguardaria a aprovação de outra embaixada.

O pai de Penélope havia pensado nos mínimos detalhes; só não lhe ocorreu que sexta-feira seria um dia ruim para chegar. Ela teria que resistir a um fim de semana no acampamento — que não era lá um mar de rosas —, mas resistiu. Afinal, em suas próprias palavras, tampouco era o inferno na Terra. Nada

comparado ao que outras pessoas enfrentaram. O pior era não saber.

\*\*\*

Na semana seguinte, ela pegou outro trem, daquela vez para as montanhas, para outro conjunto de beliches, e começou o processo de espera.

Imagino que, depois de nove meses, fosse possível se familiarizar com aquele lugar, mas o que sei de fato sobre aquele período? O que Clay sabia? Ao que parece, a vida nas montanhas era um dos poucos períodos sobre o qual ela não comentava muito — mas quando o fazia, falava com simplicidade e beleza, e o que podemos chamar de luto. Nas palavras dela para Clay:

Houve um breve telefonema, e uma canção antiga.

Pequenas partes para contar o todo.

\*\*\*

Nos primeiros dias, ela reparou que pessoas faziam ligações de uma antiga cabine telefônica na beira da estrada. Era um corpo estranho na vastidão da floresta e do céu.

Dava para ver que estavam ligando para casa: ficavam de olhos marejados e volta e meia sofriam para sair da cabine depois que desligavam.

Penélope, como muitos outros, hesitou.

Avaliou se era seguro.

Os boatos de escutas do governo eram o bastante para deixar as pessoas nervosas. Como já falei, os que ficavam é que eram punidos.

O que muitos ali tinham a seu favor era o fato de estarem viajando por períodos supostamente longos. Então por que não ligariam para casa após

algumas semanas fora? Para Penélope, não era tão simples: ela já deveria ter voltado. Será que um telefonema colocaria seu pai em perigo? Por sorte, enrolou tanto tempo que um homem chamado Tadek esbarrou nela. Ele tinha uma voz e um corpo, era como uma das árvores que cercavam o lugar.

— Quer ligar pra casa, mocinha? — Diante da relutância de Penélope em falar, Tadek encostou no vidro para mostrar que a cabine telefônica não mordia. — Tem alguém da sua família no movimento? — E então, foi mais específico: — *Solidarność*?

— *Nie*.

— Você já mexeu com quem não devia? — Ela balançou a cabeça. — Foi o que pensei. — Ele sorriu, como se tivesse pegado emprestado os dentes do condutor de trem austríaco. — Então, se me permite a pergunta, são seus pais?

— Meu pai.

— E tem certeza de que não causou nenhum problema?

— Tenho.

— E ele?

— É só um velho condutor de bonde, mal abre a boca.

— Ah, muito que bem, então acho que não tem problema. O Partido está passando por maus bocados. Acho que estão sem tempo pra se preocupar com um velho condutor de *Tramwaj*. Difícil ter alguma certeza hoje em dia, mas disso estou certo.

Foi então que, segundo ela, Tadek olhou pelos pinheiros e corredores de luz e perguntou:

— Ele foi um bom pai pra você?

— *Tak*.

— E ficaria feliz de receber notícias?

— *Tak.*

— Bom, então tome aqui. — Ele se virou para ela e jogou alguns trocados. —

Diga oi por mim.

E saiu andando.

\*\*\*

Na conversa telefônica, houve dez breves palavras, traduzidas como:

— *Alô?*

Nada. Ele repetiu.

Aquela voz, feito cimento, feito pedra.

Somente um ruído.

— *Alô?*

Ela estava perdida em uma encosta de montanha cheia de pinheiros, os punhos brancos de tão apertados.

— Rainha dos Erros? Rainha dos Erros, é você?

Então ela o imaginou na cozinha, e a estante com trinta e nove livros; encostou a cabeça na vidraça da cabine, como se dissesse “Sim”.

Então desligou com cuidado.

As montanhas ao redor sumiram.

\*\*\*

Agora vamos à música, poucos meses depois, à noite, na pensão.

A lua contra o vidro.

A data era o aniversário do pai dela.

Na Europa Oriental, davam mais importância à celebração do onomástico, mas no exterior as coisas ganhavam outra dimensão. Ela deixou escapar isso para uma das mulheres.

Não tinham *wódka*, mas sempre havia schnapps de sobra, e surgiu uma bandeja com taças. Assim que foram distribuídas, o dono da bebida ergueu a sua, propôs um brinde e olhou para Penélope, no salão. Meia dúzia de pessoas estava reunida, e quando ela ouviu as palavras em seu idioma, “A seu pai”, levantou o rosto e sorriu, tentando aguentar firme. Nesse momento, outro homem se levantou. Claro que era Tadek, que começou um canto de beleza e dor:

*Sto lat, sto lat,  
niech żyje, żyje nam.  
Sto lat, sto lat,  
niech żyje, żyje nam...*

Ela não se conteve.

Desde os primeiros dias, do telefonema, estava tudo guardado, e Penélope não conseguiu segurar mais. Ela se levantou e cantou, mas algo dentro de si se rompeu. Ela entoou a canção de seu país que falava sobre acaso e companheirismo, enquanto se perguntava como podia ter deixado o pai. As palavras vinham em ondas de amor e autodesprezo, e, quando acabou, muitos ali choravam. Não sabiam se veriam suas famílias de novo; deveriam se sentir gratos ou condenados? A única certeza definitiva era de que isso estava fora da alçada deles. Tinha começado e precisava terminar.

A propósito, estes são os primeiros versos da canção:

*Cem anos, cem anos,  
Que você viva cem anos.*



Enquanto cantava, ela sabia que ele não viveria.

Ela nunca mais o veria.

\*\*\*

Para Penélope, era difícil não reviver sempre aquele sentimento, não deixar que ele tomasse conta durante o tempo que lhe restava naquele lugar — ainda mais levando uma vida tão cômoda.

Todos a tratavam muito bem.

Gostavam dela — de sua tranquilidade, daquela insegurança polida —, e passaram a chamá-la de Garota do Aniversário; geralmente pelas costas, quase nunca na sua frente. De quando em quando, sobretudo os homens, diziam na lata, em diversas línguas, quando ela fazia faxina, ou lavava roupa, ou amarrava o cadarço de uma criança.

*“Dziękuję, Jubilatko.”*

*“Vielen Dank, Geburtstagskind.”*

*“Děkuji, Oslavenkyně...”*

Obrigado, Garota do Aniversário.

Um sorriso precisava desbravar o caminho até seu rosto.

\*\*\*

Enquanto isso, tudo que lhe restava eram a espera e as lembranças do pai. Às vezes, parecia que ela sobrevivia movida por certo rancor, mas isso em seus momentos mais depressivos, quando a chuva desabava das montanhas.

Em dias assim, ela trabalhava com mais vigor e por mais tempo.

Cozinhas e limpava.

Lavava a louça e trocava a roupa de cama.

No fim, foram nove meses de esperança culpada e nenhum piano, até que por fim um país a aceitou. Ela se sentou na beirada do beliche, envelope em mãos. Seu olhar se perdeu pela vidraça branca e embaçada da janela.

Mesmo agora, não consigo deixar de visualizá-la nesse lugar, nos Alpes que volta e meia imagino. Consigo invocar a imagem dela na época, ou como Clay uma vez a descreveu:

A futura Penny Dunbar, entrando em mais uma fila, para voar para longe, para o sul e, de certa forma, direto para o sol.

## **o algoz no bolso**

PENÉLOPE ATRAVESSOU MUNDOS, e Clay atravessou a cerca:

Ele cruzou a pequena via entre as Cercanias e a nossa casa, onde as ripas de madeira adquiriram um tom cinza, fantasmagórico. Naquela época, tínhamos uma portinhola de madeira para o Aquiles — ou melhor, para Tommy entrar e sair com ele. No quintal, ele agradeceu por não ter que pular; manhãs-seguintes eram naturalmente terríveis, e os instantes a seguir seriam cruciais:

Primeiro, ele passou pelo caminho sinuoso de maçãs deixado pela mula.

Depois, pelo labirinto de merda de cachorro.

Ambos os réus ainda estavam dormindo; um deles, empertigado na grama, o outro, estirado no sofá da varanda dos fundos. Lá dentro, a cozinha cheirava a café — fui mais rápido que ele, pelo visto em muitos sentidos. Então foi a vez de Clay entrar no meu compasso.

\*\*\*

Como de costume, eu estava tomando café da manhã na varanda.

Estava apoiado no corrimão de madeira, sob o céu quente e com o cereal frio. Os postes ainda estavam acesos. A caixa de correio de Rory jazia na grama.

Quando Clay abriu a porta da frente e parou a poucos passos de mim, continuei comendo o cereal até acabar.

— Meu Deus! Mais uma caixa de correio?

Clay sorriu, um sorriso nervoso, senti, mas minha cordialidade se limitava a isso. Afinal, o endereço estava no bolso dele; remendei da melhor forma que pude.

No início, não me mexi.

— E aí? Tá com você? — perguntei.

De novo, percebi que ele assentiu.

— Pensei em poupar você do trabalho de procurar.

Minha colher tilintou na cumbuca.

Algumas gotas de leite respingaram no corrimão.

— Tá no seu bolso?

Outro aceno.

— Você tá pensando em ir?

Clay me observava.

Ele me observava sem dizer nada, ao passo que eu tentava, de alguma forma, entendê-lo, esforço que era constante naquela época. Éramos bem parecidos fisicamente, mas eu era uns quinze centímetros mais alto. Meu cabelo era mais cheio, e meu corpo também, mas era questão de idade. Enquanto eu trabalhava agachado em carpetes, assoalhos e concreto todo dia, Clay ia para a escola e corria. Seguia uma série rigorosa de abdominais e flexões, e tinha o corpo rijo, firme e definido. Acho que dá para dizer que éramos diferentes versões da mesma coisa, e nossos olhos eram prova disso. Tínhamos fogo nos olhos, e não importava de que cor eram, porque o fogo sobressaía.

No meio disso tudo, eu sorri, e foi doloroso.

Balancei a cabeça.

Os postes piscaram.

Perguntei o que era preciso perguntar.

E estava prestes a dizer o que era preciso ser dito.

\*\*\*

O céu se abriu, a casa se fechou.

Não me aproximei, não apontei o dedo, não intimidei.

Só falei:

— Clay.

Depois, ele me contou que foi aquilo que o irritou.

A paz do momento.

Em meio àquela atmosfera estranhamente doce, ele pagou o preço. Algo o invadiu, preenchendo sua garganta, esterno, pulmões, e amanheceu por completo na rua. Do outro lado, as casas permaneciam irregulares e silenciosas, feito uma gangue de arruaceiros, só esperando meu comando. Mas nós dois sabíamos que eu não precisaria de ninguém.

Após alguns segundos, me afastei do corrimão e com o olhar depositei o peso do meu desprezo em seus ombros. Eu poderia perguntar da escola. E a escola? Mas nós dois sabíamos a resposta. E que direito tinha eu de pedir que ele ficasse na escola? Justo eu, que também tinha largado antes de me formar.

— Pode ir. Não tenho como impedir, mas...

E o resto se desfez.

Uma sentença tão difícil quanto a própria tarefa... E, no fim das contas, esta era a verdade:

Quem ia tinha que voltar.

Quem cometia o crime tinha que enfrentar a punição.

Voltar e voltar para casa:

Duas coisas diferentes.

Ele podia ir embora da rua Archer e trocar os irmãos pelo homem que nos abandonou — mas voltar para casa significava me enfrentar.

— É uma grande decisão — falei, mais direto dessa vez, cara a cara, não mais olhando para seus ombros. Fiz mais do que falar, mencionei as palavras. — E, se não estou enganado, tem uma grande consequência.

Primeiro Clay olhou para mim, depois para longe.

Reconheceu meus punhos endurecidos pelo trabalho, minhas mãos, meus braços, a jugular no meu pescoço. Percebeu a relutância dos nós dos meus dedos, apesar da vontade de ir até o fim. Mas, acima de tudo, ele viu o fogo em meus olhos, implorando:

Não nos deixe por ele, Clay.

Não nos deixe.

Mas caso você vá.

\*\*\*

O fato é que, hoje, já aceitei.

Clay sabia que precisava fazer aquilo. Só não estava certo de que conseguiria.

Entrei em casa, e ele ainda ficou lá fora um tempo, ancorado na varanda pelo peso de sua escolha. Afinal, eu nem tinha conseguido pronunciar minha promessa. Qual *era* a pior coisa que poderia acontecer com um garoto Dunbar, afinal?

Para Clay, isso estava claro, e havia razões para partir, e razões para ficar, e eram basicamente as mesmas. Ele estava preso em um ponto no meio do processo

— de destruir tudo que tinha para se tornar o que precisava ser —, e o passado, cada vez mais próximo, pesava nas suas costas.

Parado na rua Archer, à espreita.

## **casas de papel**

A MARÉ TRAZIA vitórias e batalhas, de forma que a estreia de Penélope na vida da cidade grande poderia ser resumida a um estado de constante desamparo e encantamento.

Havia uma imensa gratidão pelas portas abertas.

Também um medo da novidade, do calor.

E, claro, a culpa:

Cem anos que ele jamais viveria.

Tão egoísta, tão insensível era partir.

\*\*\*

Era novembro quando ela chegou, e, embora normalmente não fosse a época mais quente do ano, vez ou outra uma semana vinha lembrar que o verão se aproximava. Se havia um momento ruim para chegar, era aquele: um mapa meteorológico binário de calor, umidade, calor. Até os moradores pareciam estar sofrendo.

Como se não bastasse, ela era claramente uma intrusa. O quarto dela no acampamento na verdade pertencia a um esquadrão de baratas, e, minha nossa, ela nunca tinha visto criaturas tão aterrorizantes. Tão grandes! Além de incansáveis. Lutavam dia após dia pelo território.

Não é de se admirar que sua primeira aquisição no país tenha sido uma lata de



Baygon. E um par de chinelos.

Para todos os efeitos, ela viu que neste lugar se chegava longe com um calçado vagabundo e umas latinhas de um bom inseticida. Assim ela seguiu em frente. Dias. Noites. Semanas.

\*\*\*

O acampamento ficava incrustado na malha indomável e desornada que eram os subúrbios.

Ali lhe ensinaram, do zero, a falar o idioma. Às vezes ela dava uma volta pelas redondezas, pelas fileiras de casas peculiares — cada uma instalada no meio de um gramado enorme e aparado. Pareciam feitas de papel.

Quando perguntou sobre elas para um professor de inglês, desenhando uma casa e apontando para o papel, ele caiu na gargalhada.

— Eu sei, eu sei! — Mas logo explicou a ela. — Não, não é papel. É *fibro*. Fibrocimento.

Ela repetiu devagar.

— Isso.

\*\*\*

Outro detalhe do acampamento, com seus pequenos aposentos, é que lembrava muito a cidade; esparramava-se, mesmo em um espaço tão apertado.

Havia pessoas de todas as cores.

De todas as palavras.

Havia os orgulhosos de nariz empinado e os delinquentes fracassados da pior espécie. Havia também as pessoas que sorriam o tempo todo, para manter as

inseguranças resguardadas. Mas o que todos tinham em comum é que pareciam gravitar, em graus variados, em torno de pessoas da mesma nacionalidade. O país de origem falava mais alto que quase tudo, e era assim que as pessoas se conectavam.

Penélope chegou a encontrar conterrâneos, inclusive da mesma cidade que ela. Geralmente, eram muito gentis, mas estavam em família — e o sangue falava ainda mais alto que o país de origem.

De vez em quando, ela era convidada para um aniversário ou uma celebração de onomástico — ou mesmo para uma reuniãozinha com *wódka* e *pierogi*, *barszcz* e *bigos* —, mas era estranho, porque ela sempre ia embora cedo. O cheiro daquela comida no ar sufocante estava tão deslocado ali quanto ela.

Mas no fundo não era isso que a incomodava.

Não, o que mais a afligia era ver e ouvir homens e mulheres se levantando e pigarreando para mais uma interpretação de “Sto Lat”. Cantavam para a terra natal como se cantassem para a terra dos sonhos — como se não houvesse razões para deixá-la. Clamavam por amigos e familiares, como se as palavras pudessem trazê-los.

\*\*\*

Mas, como eu contei, outros momentos eram gratificantes — o Réveillon, por exemplo, quando ela caminhou pelo acampamento à meia-noite.

Em algum lugar não muito longe soltaram fogos; dava para ver em meio aos prédios. Havia grandes plumas de vermelho e verde no ar, pessoas gritando felicitações, e ela parou para ver.

Sorriu.

Observou o movimento das luzes no céu e se sentou na rua pedregosa. Penélope abraçou o próprio corpo e se balançou, só um pouquinho. *Piękne*, pensou, é lindo, e era ali que ela viveria. Aquela ideia a fez fechar os olhos com força e falar com o chão fervilhante.

— *Wstań*. — E de novo. — *Wstań, wstań*.

Levante-se.

Mas Penélope não se mexeu.

Ainda não.

Logo mais.

## a levantadora de bundas e o minotauro

— PELO AMOR DE Deus! Acorda, caralho!

Enquanto Penny entra em cena, Clay começa a se retirar, bem lentamente.

No primeiro dia depois do meu ultimato na varanda, ele seguiu seu caminho até o saco de pão e o café frio. Mais tarde, secou o rosto no banheiro e ficou me ouvindo sair para trabalhar. Já com o uniforme velho e encardido, parei perto da cama de Rory. Ele ainda estava meio adormecido, meio morto, resultado da noite anterior.

— Ei, Rory! — Dei uma chacoalhada nele. — *Rory!*

Ele tentou se mexer, mas não conseguiu.

— Porra, Matthew, que foi?

— Porra digo *eu*! Não se faz de desentendido! Tem uma caixa de correio lá fora, de novo.

— Ah, é isso? Mas quem disse que fui eu?

— Vou fingir que não ouvi isso. Só coloca essa merda de volta no lugar!

— Não sei nem onde arrumei esse troço.

— É só ver a porra do número!

— O problema é que não sei a *rua*.

Agora, o momento pelo qual Clay ansiava:

— Je-sus *Cristo*! — Mesmo em outro cômodo, ele percebeu o tamanho da

minha fúria, mas me ative à praticidade. — Tô pouco me lixando pro que você vai fazer, mas quando eu chegar não quero nem sinal disso aqui. Entendeu?

Logo depois, Clay entrou no quarto, notando que a conversa toda se dera com Heitor atracado ao pescoço de Rory. O gato ficou ali deitado, soltando pelo e ronronando. Os ronrons alcançavam o tom agudo do pombo.

Ao reparar em uma nova presença na porta, Rory perguntou, com a voz abafada:

— Clay? É você? Faz o favor de tirar essa porra desse gato de cima de mim. — Então esperou o gato soltar as duas últimas garras teimosas e: — *Ahhhhhh!*

Ele soltou um longo suspiro de alívio, envolto na tempestade de pelo de gato. O despertador do celular de Rory já estava apitando fazia um bom tempo — estava deitado em cima do aparelho, imobilizado por Heitor.

— Você ouviu o Matthew? Aquele resmungão do caralho! — Apesar da dor de cabeça lancinante, Rory esboçou um sorriso cansado. — Pode jogar a caixa nas Cercanias pra mim?

Clay assentiu.

— Valeu, moleque. E me ajuda aqui, tô atrasado pro trabalho. — Mas uma coisa de cada vez. Primeiro ele deu um tapão na cabeça de Tommy. — E você... Já falei pra deixar esse gato... — ele reuniu forças — LONGE DA MINHA CAMA, PORRA!

\*\*\*

Quinta-feira, Clay foi para a escola.

Na sexta, abandonou o lugar para sempre.

Naquela segunda manhã, ele se dirigiu à sala dos professores, que tinha

cartazes fixados à parede e um quadro cheio de anotações. Eram cartazes bem engraçados. Jane Austen em um vestido de babados, segurando bem alto uma barra de pesos. A legenda dizia LITERATURA É PARA OS FORTES. O outro era só texto: MINERVA MCGONAGALL É DEUS.

Ela estava com vinte e três anos, a professora.

Seu nome era Cláudia Kirkby.

Clay gostava dela porque, quando conversavam, ela conseguia manter com ele uma relação informal mesmo sendo sua professora.

Quando o sinal tocava, ela olhava para ele.

— Vai, moleque, circulando... Levanta essa bunda daí e vai pra aula.

Cláudia Kirkby entendia de poesia.

Era morena, de cabelo castanho-escuro e olhos castanho-claros e uma única sarda no meio da bochecha. Estava sempre com um sorriso paciente, e panturrilhas, belas panturrilhas, e salto alto, era bem alta, e sempre bem-vestida. Por alguma razão, simpatizou com a gente de cara; até com o Rory, que era um pesadelo.

Quando Clay entrou na sala antes do horário naquela sexta-feira, ela estava debruçada na mesa.

— Bom dia, sr. Clay.

Estava corrigindo redações.

— Tô indo embora.

Ela parou abruptamente e olhou para ele.

Nada de levanta-a-bunda naquele dia.

Ela se sentou, ficou séria e disse:

— Hummm.

\*\*\*

Às três, eu estava na escola, sentado na sala da sra. Holland, e não era minha primeira vez ali — foi um longo caminho até a expulsão de Rory (em águas por vir). A diretora da escola era uma dessas mulheres estilosas de cabelo curto, com mechas grisalhas e brancas, e olheiras que mais pareciam pintadas com giz de cera.

— Como vai o Rory?

— Arrumou um emprego, mas não mudou nada.

— Hum, mande lembranças nossas.

— Pode deixar. Ele vai ficar contente.

Até parece, aquele imbecil.

Cláudia Kirkby também estava presente, em seu salto decoroso, saia preta, camisa creme. Sorriu para mim como sempre sorria, e eu sabia que deveria falar — bom te ver —, mas não conseguia. Afinal, era uma tragédia. Clay estava abandonando a escola.

Sra. Holland:

— Então... Hum, como eu disse ao telefone, hum... — Nunca vi alguém tão cheio de hums. Conheci pedreiros que faziam menos hums que ela. — Hum, estamos com o jovem Clay aqui, ahh, prestes a nos deixar.

Minha nossa, ela disparou um *ahh*; a coisa estava feia.

Olhei de relance para Clay, sentado ao meu lado.

Ele ergueu o rosto, mas não disse nada.

— É um bom aluno — disse ela.

— Eu sei — falei.

— Assim como você era.

Não reagi.

Ela prosseguiu.

— Mas está com dezesseis anos. Por lei, hum, não podemos fazer nada.

— Ele quer ir morar com nosso pai — contei.

Pensei em acrescentar *por um tempo*, mas as palavras não saíram.

— Entendi. Bom, hum, podemos ver qual é a escola mais próxima da casa do seu pai...

De repente bateu: fui acometido por uma tristeza paralisante na sala da diretora, à luz meio apagada, meio fluorescente. Não haveria outra escola, não haveria qualquer outra coisa. Era o fim da linha, e todos nós sabíamos.

Eu me afastei, passei por Cláudia Kirkby, e ela também parecia triste, de um jeito tão respeitoso, tão vorazmente doce.

Depois, quando Clay e eu entramos no carro, ela gritou nosso nome e correu até nós. Eram pés silenciosos, rápidos. Tinha deixado os sapatos na porta da sala.

— Aqui — disse ela, com uma pequena pilha de livros. — Pode ir, mas tem que ler esses livros.

Clay concordou e se dirigiu a ela com gratidão.

— Obrigado, srta. Kirkby.

Apertamos as mãos e nos despedimos.

— Boa sorte, Clay.

E que mãos bonitas, pálidas, porém mornas, e o brilho de um sorriso triste em seu olhar.

No carro, Clay voltou-se para a janela e falou como quem não quer nada, embora decidido.



— Sabe, ela gosta de você.

Disse isso enquanto nos afastávamos da escola.

É curioso pensar que, um dia, eu acabaria me casando com aquela mulher.

\*\*\*

Mais tarde, Clay foi à biblioteca.

Chegou às quatro e meia, e às cinco estava sentado entre duas grandes pilhas de livros. Tudo que conseguiu encontrar sobre pontes. Milhares de páginas, centenas de técnicas. Cada tipo, cada medida. Os jargões todos. Clay folheou os volumes e não entendeu nada. Mas ele gostava de ver as pontes: os arcos, as suspensões, os cantilévers.

— Rapaz... — Ele ergueu o rosto. — Quer pegar algum desses emprestado? São nove horas. Vai fechar.

Em casa, ele cambaleou pela porta, sem acender as luzes. A bolsa azul abarrotada de livros. Disse ao bibliotecário que passaria muito tempo fora e conseguiu estender o prazo de devolução.

O acaso não deixa barato, e, quando ele entrou, fui o primeiro que encontrou, rondando o corredor tal qual o Minotauro.

Paramos, ambos olhamos para o chão.

Uma bolsa pesada daquele jeito falava por si.

À penumbra, meu corpo parecia indiferente, mas meus olhos estavam acesos. Eu estava cansado naquela noite, com muito mais que vinte anos; era um ancião, lânguido e grisalho.

— Pode passar.

No caminho, ele viu que eu segurava uma chave inglesa; estava consertando a

torneira do banheiro. Eu não era nenhum Minotauro, era a merda de um *faz-tudo*. Ficamos os dois encarando a bolsa de livros, e o corredor parecia se fechar, prestes a nos esmagar.

\*\*\*

Então sábado, e a espera por Carey.

De manhã, Clay deu umas voltas de carro com Henry, para acompanhá-lo com os livros e discos nas vendas de garagem; ele assistia à pechincha. Em uma calçada sinuosa havia uma coletânea de contos chamada *Pináculo infinito*; um belo exemplar de bolso, com um atleta saltando obstáculos em relevo na capa. Ele pagou um dólar e presenteou Henry, que pegou o livro, abriu e sorriu.

— Garoto — disse ele —, você é um lorde.

\*\*\*

A partir dali, caiu a noite.

Mas eles precisavam de conquistas.

À tarde, Clay foi até o Bernborough dar voltas na pista. Leu os livros na arquibancada e começou a entender. Termos como *compressão*, *treliça* e *pegão* aos poucos ganhavam sentido.

A certa altura, ele correu pelo canal de escadarias entre os bancos farpados. Ele se lembrou da garota de Starkey ali e sorriu por causa dos lábios dela. Uma brisa sacolejava o campo interno, enquanto ele disparava na reta final.

Faltava pouco.

Ele logo estaria nas cercanias.

# os espólios da liberdade

PENÉLOPE SOBREVIVEU AO verão.

Seu grande teste foi escolher apreciá-lo.

Na primeira vez em que tentou ir à praia, foi recebida por duas circunstâncias contraditórias e inevitáveis — sol escaldante e ventania. Nunca vira tantas pessoas se movimentando tão rápido, sendo varridas com tanta areia. O lado bom é que poderia ter sido muito pior: assim que avistou as águas-vivas flutuando no mar, elas lhe pareceram tão serenas, puras e etéreas... Mas só quando as crianças saíram correndo da água em variados níveis de desespero Penélope percebeu que elas estavam com queimaduras na pele. *Biedne dzieci*, pensou ela, pobres crianças, enquanto os pequeninos corriam para os pais. Enquanto a maioria se estrebuchava debaixo dos chuveiros, chorando e gritando sem pudor, ela observou uma mãe impedindo a filha de se esfregar. A menina, alucinada, agarrava um punhado de areia e passava na pele.

Penélope se sentiu impotente diante da cena.

A mãe cuidou de tudo.

Abraçou e acalmou a menina, e quando conseguiu controlar a situação e constatou que estava tudo sob controle, ergueu o olhar, deparando-se com a imigrante mais próxima. Não houve palavras — ela apenas se agachou para acariciar o cabelo embolado da filha. Seu olhar encontrou o de Penélope, e ela assentiu e levou a menina embora. Penélope ainda levaria anos para descobrir que

encontros com águas-vivas raramente eram graves.

Outro fato que a surpreendeu foi ver que a maioria das crianças acabou voltando para a água, o que também não durou muito, por conta dos ventos uivantes; vindos aparentemente do nada, trouxeram junto nacos cinzentos de céu.

Para completar, ela passou aquela noite em claro, sentindo o corpo quente latejando das queimaduras de sol e ouvindo o tamborilar das patas dos insetos.

Mas as coisas estavam melhorando.

\*\*\*

O primeiro acontecimento considerável de sua vida no novo país foi arrumar um emprego.

Ela se tornou membro oficial da mão de obra não qualificada.

O acampamento era filiado à central de empregos do governo, e, ao comparecer ao escritório deles, deu sorte. Ou, pelo menos, sua “sorte” de praxe. Após uma longa entrevista e um mar de burocracia, foi liberada para fazer o trabalho sujo.

Resumindo: serviços públicos de limpeza.

Você sabe quais.

Como era possível que tantos homens mijassem com tanta imprecisão? Por que as pessoas faziam tanta sujeira e inventavam de cagar em todos os lugares menos dentro do vaso? Será que aqueles eram os espólios da liberdade?

Ela ficava lendo as pichações nos reservados.

Com o esfregão em mãos, ela se lembrava das aulas mais recentes de inglês e recitava a matéria para o chão. Aquele era um jeito e tanto de demonstrar seu respeito pelo novo país: colocando a mão na massa, esfregando e limpando os

cantinhos mais imundos. Havia, também, certo orgulho por saber que tinha disposição. Em vez de ficar sentada em um almoxarifado frio e frugal apontando lápis, ela vivia agachada no chão, inalando ares de alvejante.

\*\*\*

Passados seis meses, seu objetivo estava quase palpável.

Seu plano estava se delineando.

É claro que as lágrimas teimavam em surgir todas as noites, e às vezes durante o dia também, mas seu progresso era indiscutível. Por pura necessidade, seu inglês ia ganhando corpo, embora ainda fosse uma mistura calamitosa de erros de sintaxe e frases com inícios hesitantes e finais imprecisos.

Décadas depois, mesmo quando já dava aulas de inglês em uma escola do outro lado da cidade, em casa ela às vezes incorporava um sotaque mais forte, e nós adorávamos, vibrávamos e pedíamos mais. Ela nunca conseguiu nos ensinar sua língua materna — as lições de piano já eram árduas o bastante —, mas amávamos quando “ambulância” virava “ombolância” e quando ela arrastava os erres. Quando “o suco” virava “a suco”. Ou então: “Ficam quietas! Nom consigo pensar com tanta barulha!” Mas nosso momento preferido com certeza era quando ela se embolava com as palavras grandes. As palavras ficavam muito melhores quando ela fazia as sílabas se atropelarem.

\*\*\*

Sim, no início, tudo na vida dela se resumia a uma dedicação religiosa a duas coisas:

As palavras, o trabalho.

Ela já havia escrito algumas vezes para Waldek e até ligava para ele quando tinha condições de arcar com o custo, compreendendo, enfim, que o pai estava em segurança. Ele lhe confessou tudo que tivera que fazer para tirá-la do país e que, por mais difícil que tivesse sido, aquele dia na plataforma fora o ponto alto de sua vida. Um dia ela chegou a ler para ele, com seu inglês imperfeito, um pouco de Homero, e sentiu, com certeza, que ele começava a ceder, que sorria.

O que ela não esperava era que os anos fossem transcorrer tão rápido, quase rápido demais. Esfregava alguns milhares de privadas, limpava quilômetros e quilômetros de azulejos rachados. Suportava todas aquelas contravenções sanitárias, mas também ia encontrando novos trabalhos, fazendo faxina em várias casas e apartamentos.

Acontece que ela *também* não esperava que:

Em breve, seu futuro seria determinado por três coisas relacionadas.

Uma era um vendedor de instrumentos musicais com uma audição sofrível.

Outra era um trio de entregadores imprestáveis.

Contudo, primeiro viria a morte.

A morte da estátua de Stálin.

# **carey e clay**

## **e el matador**

### **no quinto**

ELE JAMAIS ESQUECERIA o dia em que a viu pela primeira vez na rua Archer, ou melhor, o dia em que *ela* olhou para cima e o viu.

Era início de dezembro.

Ela havia feito uma viagem de carro de sete horas com os pais, e a tarde já se aproximava do fim quando estacionaram na rua. Logo atrás vinha um caminhão de mudança com caixas, mobília e eletroeletrônicos, alocados primeiro na varanda e depois carregados para dentro da casa. Também havia selas, rédeas e estribos, o material de turfe tão importante para o pai dela. Ele foi jóquei, vinha de uma família de jóqueis, e os irmãos mais velhos dela também seguiam os passos do patriarca, participando de competições em cidades com nomes esquisitos.

Devia fazer uns quinze minutos que eles tinham chegado quando de repente a menina parou no meio do gramado. Estava com uma caixa debaixo de um braço, enquanto o outro se ocupava com uma torradeira que, de alguma maneira, se soltara no caminho, o fio do aparelho arrastando pelo chão.

— Olha ali — disse ela, apontando casualmente para o outro lado da rua. — Tem um menino naquele telhado.

Um ano e alguns meses depois, naquela noite de sábado, um farfalhar de pés anunciava sua chegada às Cercanias.

— Oi, Clay.

Ele sentiu a boca e o sangue e o calor e o coração dela. Tudo em um único suspiro.

— Oi, Carey.

Eram umas nove e meia, e ele esperava por ela no colchão.

Também havia mariposas por lá. E a lua.

O menino se deitou de costas.

A garota parou na beirada e pôs algo no chão, então se deitou também, passando a perna de leve por cima do corpo dele. Clay sentiu o cabelo castanho-avermelhado dela roçando em seu pescoço e, como sempre, se deleitou com as cócegas. Sentiu que ela havia notado o vermelho em seu rosto e decidido que era melhor não tocar no assunto ou procurar outros ferimentos.

Mas ela não conseguiu se conter.

— Vocês são fogo... — disse, alisando o machucado, esperando Clay dizer alguma coisa.

— Está gostando do livro? — perguntou ele. As palavras saíram com dificuldade no começo, pesadas, como se precisassem ser suspensas por uma roldana. — Continua bom da terceira vez?

— Está ainda melhor. Rory não te falou?

Clay tentou lembrar se Rory tinha mencionado algo do tipo.

— Eu esbarrei com ele na rua um dia desses — prosseguiu ela. — Acho que foi um pouquinho antes de...

Clay estava prestes a se levantar, mas se deteve.



— Antes... antes do quê?

Ela sabia.

Sabia que ele tinha voltado para casa.

Por ora, Clay achou melhor deixar essa conversa pra lá, preferindo voltar sua atenção para *O marmoreiro* e para o pule de aposta velho e desbotado que servia como marcador de página, o do El Matador no quinto.

— Aliás, em que parte você está? — perguntou. — Ele já foi trabalhar em Roma?

— E em Bolonha também.

— Que rápida. Ainda está apaixonada pelo nariz quebrado dele?

— Claro. Você sabe que eu não resisto.

Ele abriu um sorriso grande, porém breve.

— Eu também não.

Carey adorava saber que Michelangelo, quando adolescente, bancou o espertinho e acabou arranjando um nariz quebrado. Era um lembrete de que ele era humano. Uma insígnia de imperfeição.

Para Clay, a questão era ligeiramente mais pessoal.

Porque acontece que aquele não era o primeiro nariz quebrado de que ele tinha conhecimento.

\*\*\*

Um tempo atrás — bastante tempo atrás, na verdade, dias após a mudança de Carey —, Clay estava na varanda de casa comendo uma torrada, com o prato apoiado no corrimão. Tinha acabado de dar a última mordida quando Carey atravessou a rua Archer, vestindo uma camisa de flanela com as mangas dobradas

até os cotovelos e jeans muito surrados, trazendo consigo o último raio de sol:

O brilho de seus antebraços.

Os ângulos de seu rosto.

Os dentes dela, por exemplo, não eram exatamente brancos, não eram exatamente retos, mas havia algo de notável neles, algo especial. De tanto rangê-los durante o sono, eles ganharam um aspecto peculiar, como vidro marinho, erodidos até ficarem lisos.

Carey não sabia se ele tinha notado sua presença, mas então o garoto desceu timidamente os degraus da varanda, ainda com o prato nas mãos.

A uma distância curta-porém-cautelosa, ela o estudou, com interesse, com uma curiosidade faceira.

A primeira palavra que ele lhe disse foi:

— Desculpa.

Falou para baixo, para o prato.

\*\*\*

Após o silêncio confortável de costume, Carey tornou a falar. Seu queixo estava encostado na clavícula dele, e, daquela vez, ela o faria confrontar a realidade.

— Então... — começou ela. — Ele voltou...

Ali eles nunca falavam aos sussurros. Conversavam baixinho, com serenidade, como amigos.

— Matthew me contou — confessou ela.

Clay sentiu o machucado repuxar.

— Você encontrou o Matthew?

Ela assentiu bem de leve e o tranquilizou:

— Na quinta agora. Ele estava tirando o lixo quando eu cheguei. É meio impossível não esbarrar com os garotos Dunbar, sabia?

E Clay quase desmoronou:

O nome Dunbar, prestes a desaparecer.

— Deve ter sido bem difícil ver... — comentou ela, completando a frase logo depois — ... Vê-lo.

— Já vi coisas mais difíceis.

Era verdade, e ambos sabiam.

— Matthew falou algo sobre uma ponte...

Era verdade, eu tinha falado mesmo. Era uma das características mais desconcertantes de Carey Novac: você sempre acabava contando para ela muito mais do que deveria.

Mais silêncio. Uma mariposa rodopiava.

O som ficou mais próximo quando ela voltou a falar. Clay sentiu o peso de cada uma daquelas palavras, como se estivessem sendo depositadas em sua garganta.

— Clay, você vai embora para construir uma ponte?

Aquela mariposa se recusava a ir embora.

\*\*\*

— Por quê? — perguntara ela, naquela varanda de tanto tempo atrás. — Por que você está pedindo desculpas?

A noite já se espalhara pela rua.

— Ah, porque naquele dia eu devia ter ajudado você com a mudança, em vez de só ficar sentado, olhando.

— No telhado?

Ele já gostava dela.

Gostava das suas sardas.

Da forma que elas se distribuíam pelo rosto dela.

Só dava para notar se você olhasse de verdade.

\*\*\*

Clay navegou, então, para um lugar livre do nosso pai.

— Ei — disse, virando-se para ela. — Você ficou de me passar umas dicas de aposta. Acha que vai me dar hoje?

Ela se aninhou com mais vontade nele e falou, brincando:

— Se eu vou te dar, é? Que abusado. Vê se me respeita, garoto.

— Não... Não foi isso que eu quis dizer... Queria que você me desse *umas dicas*...

A voz dele foi se dissipando, e tudo aquilo era parte do jogo. Era sempre assim nas Cercanias, por mais que sábado à noite fosse o pior dia para receber orientações de aposta, já que todas as corridas importantes já tinham acontecido na tarde do mesmo dia. O outro dia de competições, menos prestigioso, era quarta-feira, mas, como eu disse, esse diálogo sobre apostas não passava de um ritual.

— O que andam falando por aí? — retomou ele.

Carey deu um sorrisinho, animada para mais uma provocação.

— Vou te dar tantas dicas que você não vai conseguir pensar em outra coisa — disse, deslizando os dedos pela clavícula dele. — El Matador no quinto.

Clay notou que, embora ela estivesse se divertindo com a conversa, seus olhos lutavam para conter as lágrimas, e a abraçou com um tantinho mais de força, e

Carey aproveitou para baixar o rosto, pousando a cabeça no peito dele.

O coração dele disparou portões afora.

Ele se perguntou se ela conseguia escutar.

\*\*\*

Ainda em frente à casa dele, eles continuaram conversando. Ela estava interessada nos números.

— Quantos anos você tem?

— Quase quinze.

— Ah, é? Eu tenho quase dezesseis.

A garota chegou mais para perto e meneou a cabeça de leve em direção ao telhado.

— Por que você não está lá em cima agora?

Ele ficou agitado. Carey sempre o deixava assim — não que ele não gostasse.

— Matthew me falou para tirar o dia de folga. Ele vive me dizendo isso.

— Matthew?

— Já deve ter cruzado com ele por aí. É meu irmão mais velho. Fala “Jesus Cristo” toda hora.

Clay sorriu, e ela aproveitou a oportunidade.

— Por que você vai lá para cima?

— Ah, sabe como é... — Ele pensou na melhor maneira de explicar. — Dá para ver bem longe de lá.

— Posso subir um dia?

Ele ficou surpreso com o pedido e sentiu uma vontade incontável de fazer uma piadinha.

— Não sei, não. Não é nada fácil chegar lá em cima.

Carey riu, mordendo a isca.

— Difícil porra nenhuma. Se você consegue, eu também consigo.

— Porra nenhuma?

Ambos deram um risinho frouxo.

— Prometo que não vou te distrair. — Então ela teve uma ideia. — Se me deixar subir, levo meus binóculos.

Parecia que ela sempre estava pensando à frente.

\*\*\*

Às vezes, quando estava com Carey, as Cercanias pareciam mais amplas.

Os eletrodomésticos carcomidos davam a impressão de ser apenas monumentos distantes.

O subúrbio parecia ainda mais remoto.

Naquela noite, depois das dicas de Carey e do El Matador, eles conversaram sobre as competições. Clay perguntou se ela conseguiria participar de alguma corrida, algo além de treinos e páreos-teste. Carey respondeu que McAndrew ainda não dissera nada, mas que sabia o que estava fazendo. Se insistisse muito, seria pior para ela, acabaria prejudicando o progresso feito até ali.

É claro que, enquanto ela falava, sua cabeça permanecia pousada no peito dele, ou no pescoço, o momento preferido de Clay no mundo. Em Carey Novac, o garoto encontrara alguém que o conhecia, alguém que *era* ele, em todos os aspectos que importavam — exceto um. Clay sabia que, se pudesse, ela daria tudo para compartilhar com ele também aquilo:

O motivo pelo qual ele carregava o pregador.

Em troca, ela abriria mão de sua vaga de aprendiz de joqueta, de sua primeira vitória no pomposo Grupo Um ou até de uma vaga em uma corrida de grande prestígio. Tenho certeza, inclusive, de que ela abriria mão da chance de competir na corrida anual da cidade, ou na que mais amava: a Cox Plate.

Mas ela não podia fazer nada disso.

O que ela *podia* fazer era definir, sem pensar duas vezes, a melhor forma de se despedir dele. Por isso, bem baixinho, ela suplicou, suave mas assertiva:

— Não faz isso, Clay. Não vai, não me deixa... mas vai.

Se estivesse em um dos épicos de Homero, seria a Carey Novac dos olhos cintilantes, ou a Carey dos olhos preciosos. Ela fez questão de deixar claro o tamanho da saudade que sentiria dele, mas que também esperava — na verdade, exigia — que ele fosse fazer o que tinha que ser feito.

Não faz isso, Clay. Não vai, não me deixa... mas vai.

\*\*\*

Lá atrás, logo depois de ir embora, ela se deu conta.

Cruzando a rua Archer, deu meia-volta.

— Ei, qual é o seu nome?

O garoto, lá na frente da varanda:

— Clay.

Silêncio.

— E você? Não quer saber qual é o *meu nome*?

Ela falava como se já o conhecesse desde sempre, e Clay se corrigiu, fez a pergunta, e a menina andou até ele.

— Meu nome é Carey — disse ela, e já estava se virando para ir embora de

novo quando Clay teve uma dúvida repentina.

— Ei, como se soletra o seu nome?

Então ela voltou correndo e pegou o prato.

Com a ponta do dedo, escreveu cuidadosamente o nome entre as migalhas, rindo ao perceber que era impossível decifrar a palavra, mas ambos já sabiam que letras estavam ali, principalmente o C e o R.

Então ela abriu um sorriso para ele, breve porém afável, atravessou a rua e foi para casa.

\*\*\*

Eles permaneceram ali mais uns vinte minutos, em silêncio, assim como as Cercanias que os envolviam.

Então veio a pior parte de sempre:

Carey Novac se afastou dele.

Sentou-se na beira do colchão, mas, em vez de se levantar e ir embora, se ajoelhou ao lado da cama, no lugar em que se detivera ao chegar, e havia um pacote em suas mãos, embrulhado em jornal; então, bem devagar, ela o colocou no peito dele. Nada mais foi dito.

Nada de *Olha só, trouxe um presente para você.*

Ou *Toma.*

Muito menos um *Muito obrigado* da parte de Clay.

Ele só abriu o pacote depois que a menina partiu, e o que havia ali dentro o surpreendeu.



## morte à tarde

PARA PENÉLOPE, TUDO ia bem.

Os anos chegavam e partiam.

Já fazia tempo que ela saíra do acampamento, e na época morava sozinha em um apartamento térreo na rua Pepper. Pimenta. Ela adorava aquele nome.

Além disso, trabalhava com outras mulheres: uma Stella, uma Marion, uma Lynn.

Elas formavam duplas alternadas e faziam faxinas por toda a cidade. É claro que Penélope já economizava para comprar um piano usado, aguardando o momento da aquisição com paciência. Em seu apartamento pequenino na rua Pepper, ela guardava o dinheiro em uma caixa de sapatos embaixo da cama.

Também continuava travando sua batalha para domar a língua inglesa e sentia que a cada noite chegava mais perto do objetivo. Suas ambições de ler, de cabo a rabo, tanto a *Iliada* quanto a *Odisseia* começavam a ganhar contornos reais. Ela varava noites e noites sentada na cozinha, com o dicionário ao lado. Não raro, era assim que caía no sono, com a cara amassada e marcada pelas páginas; era seu Everest diário, os ossos do ofício de imigrante.

Não poderia ser mais típico, ou mais perfeito.

Afinal de contas, estamos falando de Penélope.

Quando enfim o evento se abateu sobre ela, o mundo inteiro desmoronou aos seus pés.

\*\*\*

Era como nos dois livros.

Sempre que uma guerra estava prestes a ser vencida, um deus se punha no caminho. Naquele caso, foi a obliteração:

Uma carta chegou.

Informava que ele tinha morrido; ao ar livre.

Seu corpo foi encontrado ao lado de um banco de parque velho. Aparentemente, estava perto dos balanços, o rosto coberto por um pouco de neve, o punho cerrado enterrado no peito. Não era um gesto patriótico.

A data do enterro precedia à da carta.

Tudo muito discreto.

Ele havia morrido.

\*\*\*

Naquela tarde, o sol iluminava a cozinha, e, quando ela largou a correspondência, a carta flutuou no ar, como um pêndulo de papel, e foi parar sob a geladeira. Ela passou vários minutos de quatro, enfiando a mão no vão, tentando recuperá-la.

Meu Deus, Penny.

Lá estava você.

Lá estava você, arranhando e esticando os joelhos no chão, com a mesa abarrotada de livros logo atrás. Lá estava você, com os olhos turvos e o peito pesaroso, o rosto colado no chão — a bochecha e a orelha —, as costas magras voltadas para cima.

Graças a Deus você fez o que fez em seguida.

Nós amamos o que você fez em seguida.

# a ponte de clay

ASSIM TRANSCORREU AQUELA noite, quando Carey foi embora das Cercanias e Clay revelou o que havia dentro do embrulho.

Ele descolou a fita adesiva com delicadeza.

Dobrou bem a seção de turfe do jornal e o alisou, acomodando-o embaixo da perna. Só então olhou para o presente em si — uma caixa de madeira velha —, segurando com as duas mãos o objeto arranhado cor de avelã. Era do tamanho de um livro de capa dura, com dobradiças enferrujadas e uma lingueta quebrada.

À volta dele, as Cercanias pareciam mais vastas do que nunca.

Uma brisa sutil rondava o lugar.

Que leveza.

Clay abriu a pequena tampa de madeira, e ela rangeu como uma tábua de assoalho, caindo para trás.

Lá dentro havia outro presente.

Um presente dentro de um presente.

E uma carta.

\*\*\*

Clay teria lido a carta primeiro, mas, para chegar até ela, precisou pegar o

isqueiro; era um Zippo feito de estanho, quase do tamanho de uma caixa de fósforos.

Antes mesmo de pensar em segurá-lo, Clay já estava com o objeto na mão.

Girando-o.

Apertando-o.

Ficou surpreso ao notar como era pesado, e ao girá-lo outra vez ele viu; correu o dedo pelas palavras gravadas no metal:

*El Matador no quinto.*

Aquela menina era de outro mundo mesmo.

\*\*\*

Ao abrir a carta, ficou tentado a acender o Zippo, a recorrer ao brilho de sua chama, mas o luar já provia iluminação suficiente.

A caligrafia pequena e precisa de Carey dizia:

*Querido Clay,*

*Quando você estiver lendo isto, já teremos conversado... mas eu só queria dizer que sei que você vai partir muito em breve e que eu vou sentir saudade. Já estou com saudade.*

*Matthew me contou sobre um lugar remoto e uma ponte que você talvez vá construir. Tento imaginar do que essa ponte será feita, mas no fim das contas acho que isso não fará diferença. Queria poder levar crédito pela frase, mas sei que você vai se lembrar dela, do texto de orelha de O marmoreiro:*

*“tudo que ele construiu na vida era feito não apenas de bronze ou de mármore ou de tinta, mas dele... e de tudo que havia dentro dele.”*

*Tenho certeza de uma coisa:*

*Essa ponte vai ser feita de você.*

*Se não tiver problema, quero ficar com o livro por enquanto... Talvez para me*

*certificar de que você vai voltar um dia para buscar, e voltar também pras Cercanias.*

*Quanto ao Zippo, dizem que quem brinca com fogo acaba se queimando, mas quero te dar o isqueiro de presente mesmo assim, ainda que seja só para dar sorte e para que tenha algo que o faça se lembrar de mim. Além disso, um isqueiro até que faz sentido. Clay, argila. E você sabe o que dizem sobre a argila, não sabe? É claro que sabe.*

*Com amor,  
Carey*

*P.S.: Me desculpe pelo estado da caixa, mas algo me diz que você vai gostar dela mesmo assim. Pode usá-la para guardar algumas coisas preciosas. Mal não vai fazer. Coloque mais coisas aí, e não só um pregador.*

*P.P.S.: Espero que goste da gravação.*

Bem, o que você faria?

O que você diria?

Clay continuou lá, no colchão, imóvel.

Perguntou a si mesmo:

O que, afinal, dizem sobre a argila?

Mas então, de repente, entendeu.

Na verdade, compreendeu antes mesmo de chegar ao fim da pergunta, e permaneceu nas Cercanias por um bom tempo. Leu e releu a carta.

Por fim, quando rompeu a imobilidade, foi apenas para pegar o isqueiro pequeno e pesado e encostá-lo nos lábios. Por um momento, quase sorriu:

*Essa ponte vai ser feita de você.*

Não que Carey apreciasse atos grandiosos ou quisesse receber atenção, amor, ou sequer respeito. Não. Carey era feita de pequenos gestos, dando a tudo seu toque descomplicado da verdade — e daquela vez não fora diferente, ela tinha

conseguido:

Deu a Clay uma dose a mais de coragem.

E deu um rumo a esta história.

# os entregadores

DEITADA NO CHÃO da cozinha, Penélope tomou uma decisão.

Era a vontade do pai que ela tivesse uma vida melhor, portanto era isso que faria:

Ela se despiria de sua brandura, de sua polidez.

Ela tiraria a caixa de sapatos de debaixo da cama.

Ela pegaria o dinheiro.

Ela enfiaria as notas no bolso e iria até a estação de trem — sempre com a carta, e Viena, na memória:

*Há outra forma de existir.*

Sim, e ela decidiu abraçá-la naquele dia.

*Bez wahanía.*

Sem mais delongas.

\*\*\*

Ela carregava um mapa dos estabelecimentos na cabeça.

Já fizera a ronda antes e era capaz de enumerar todas as lojas de música da região de acordo com localização, preço e especialidade. Uma delas sempre chamava sua atenção, em grande parte por causa do preço; era a única opção viável para ela. Contudo, também apreciava o aspecto caótico do lugar: os rolos de partitura, o busto empoeirado de um Beethoven pra lá de emburrado num canto, o vendedor debruçado no balcão. Ele tinha um rosto magro e amigável, e



estava quase sempre comendo gomos de laranja e gritando para se ouvir, pois era meio surdo.

— Pianos? — ribombara o homem, da primeira vez em que ela entrara na loja.

Ele atirou uma casca de laranja na lixeira e errou. (“Merda, tão perto!”) Apesar da má audição, notou o sotaque dela.

— O que uma turista como a senhorita quer com um piano? É pior do que amarrar uma bigorna no pescoço! — dissera, levantando-se e indo até a Hohner mais próxima. — Uma moça magrinha como você precisa é de uma dessas. Vinte contos.

Ele abriu o estojinho e correu os dedos pela gaita. Será que aquele era seu jeito de informar que ela não tinha como comprar um piano?

— Dá pra levar pra qualquer lugar — anunciara ele.

— Mas eu não vou a lugar algum.

A atitude do velho senhor mudou.

— Certo. — Ele lambeu as pontas dos dedos, se empertigando. — Quanto você tem?

— No momento, não muito. Uns trezentos dólares, acho.

Ele soltou uma gargalhada, emendando num acesso de tosse.

O balcão recebeu alguns pedacinhos de laranja.

— Meu bem, deixa eu te dizer uma coisa: você está delirando. Se quer um piano bom, ou pelo menos um razoável, volte quando tiver mil pratas.

— Mil pratas?

— Mil dólares.

— Ah. Posso tocar algum?

— Claro!

Mas até então ela não tinha chegado a tocar nenhum dos pianos, nem naquela nem em nenhuma outra loja. Se precisava de mil dólares, precisava de mil dólares, e só depois de reunir a quantia ela ia procurar um piano, experimentá-lo e comprá-lo, tudo no mesmo dia.

E o dia, por acaso, era aquele.

Mesmo se lhe faltassem cinquenta e três dólares.

\*\*\*

Ela entrou na loja com os bolsos estufados.

O rosto do vendedor se iluminou.

— Você voltou!

— Sim — respondeu, ofegante e encharcada de suor.

— Trouxe os mil dólares?

— Trouxe... — Ela pegou as notas. — Novecentos... e quarenta e sete.

— Sim, mas...

Penny bateu no balcão com as duas mãos, deixando marcas na poeira, as palmas e os dedos pegajosos. Olhou bem nos olhos do vendedor, o corpo tão tenso que os ombros estavam prestes a se deslocar.

— Por favor. Preciso tocar piano hoje. Pagarei o resto assim que tiver o dinheiro... mas preciso tocar hoje, por favor.

Pela primeira vez, o homem não abriu seu sorriso forçado, e seus lábios se mexeram o suficiente para falar:

— Tudo bem. — Ele saiu andando e falando ao mesmo tempo. — Aqui.

É claro que ele a levou até o piano mais barato, mas era um belo instrumento, cor de avelã.

Ela se sentou no banco. Abriu a tampa.

Olhou para o desfile de teclas.

Algumas estavam meio lascadas, mas, por entre as lacunas do próprio desespero, Penny já estava apaixonada, e ainda nem tirara uma única nota daquele instrumento.

— E aí? — Ela se virou devagar para o vendedor, a um passo de desmoronar; era a Garota do Aniversário novamente. — Ora, vamos logo com isso, então.

Ela assentiu e voltou a atenção para o piano, para a lembrança de um país antigo. Para a lembrança de um pai, e das mãos dele em suas costas. Penélope estava voando, bem alto — uma estátua entre os balanços —, e tocou, e chorou. Apesar do longo período de seca, tocou lindamente (um dos noturnos de Chopin), sentindo nos lábios o gosto das lágrimas. Fungou, engolindo-as, e tocou cada nota com perfeição.

A Rainha dos Erros não cometeu erro algum.

Ao lado dela, o aroma de laranja.

— Entendi — disse ele. — Já entendi. — Ele estava de pé à direita dela. — Acho que entendi o que você quer dizer.

Ele fez o piano por novecentos e providenciou a entrega para ela.

\*\*\*

O único problema era que o vendedor não tinha apenas uma audição medonha e uma loja caótica — sua caligrafia também era um terror. Se seus garranchos tivessem sido um pouco mais legíveis, talvez eu e meus irmãos nem existíssemos, porque, em vez de mandar o piano para a rua Pepper 3/7, os rabiscos do homem acabaram enviando os entregadores para o número 37.

Como é de se imaginar, os funcionários ficaram possessos.

Era sábado.

Três dias após a compra.

Enquanto um batia à porta, os outros dois começaram a descarregar. O instrumento já havia sido retirado do caminhão e aguardava na calçada. O chefe falou com um homem na varanda da casa e logo se virou para gritar com os outros dois.

— O que vocês estão fazendo, cacete?

— Como assim?

— Estamos na porra do lugar errado!

O entregador entrou para usar o telefone do morador e logo voltou, resmungando sem parar.

— Idiota — praguejou. — *Babaca* comedor de laranja.

— O que aconteceu?

— A entrega é em outro lugar. Número 3, apartamento 7.

— Mas olha ali, não tem como estacionar no número 3!

— Então vamos parar no meio da rua mesmo.

— Os vizinhos vão chiar.

— Os vizinhos vão chiar só de ver *você* aqui.

— Como assim?

A boca do chefe se retorceu em expressões variadas de desaprovação.

— Tá bom. Deixa eu ir lá ver. Já vão preparando o carrinho de mão. Não dá para empurrar o piano até o outro lado da rua, vai ser a sentença de morte das rodinhas, e a nossa também. Vou ver se tem gente em casa. Só o que me falta agora é a gente levar isso lá e dar com a cara na porta.

— Boa ideia.

— É claro que é uma boa ideia. Agora, vocês dois nem me *encostem* nesse piano, ouviu?

— Ouvi.

— Só quando *eu* mandar.

— Tá bom!

\*\*\*

O chefe saiu, e os outros entregadores olharam para o homem na varanda:

O que não queria um piano.

— E aí, tudo bem? — perguntou ele para os funcionários.

— Tudo. Só um pouco cansados.

— Querem beber alguma coisa?

— Nem. O chefe não ia gostar.

O homem no alpendre não era nem muito alto nem muito baixo. Tinha cabelo escuro e ondulado, olhos de um azul bem claro e um coração combalido. Quando o chefe voltou, apareceu com uma mulher tímida de rosto pálido e braços bronzeados, bem no meio da rua Pepper.

O homem desceu para a calçada enquanto os entregadores colocavam o piano no carrinho.

— Olha — disse ele —, eu posso ajudar, se vocês quiserem.

E foi assim que, numa tarde de sábado, quatro homens e uma mulher empurraram um piano de madeira cor de avelã por um trecho considerável da rua Pepper. Nos lados opostos do instrumento estavam Penélope Lesciuszko e Michael Dunbar — e Penélope não tinha como saber. Mesmo percebendo a

simpatia dele com os moços do frete e seu zelo pela integridade do piano, jamais poderia adivinhar que estava diante da maré que a levaria ao resto-de-sua-vida, a um sobrenome e a um apelido.

Como ela disse a Clay, ao recontar a história:

— É curioso pensar que, um dia, eu acabaria me casando com aquele homem.

## a última onda

COMO ERA DE se esperar em uma residência de meninos e rapazes, quando um de nós partia, quase não se falava sobre o assunto. Apenas acontecia.

Tommy sabia.

A mula, idem.

Clay passara a noite nas Cercanias outra vez e acordara domingo de manhã com a caixa ainda nas mãos.

Ele se sentou e releu a carta.

Pegou o isqueiro e o *El Matador no quinto*.

\*\*\*

Ao chegar em casa, guardou na caixa o endereço remendado do Assassino, empurrou-a bem fundo debaixo da cama e foi fazer seus abdominais em silêncio, no carpete.

Lá pela metade, Tommy apareceu. Clay enxergava o irmão a cada vez que voltava ao chão. O pombo, Tetê, estava encarapitado no ombro do garoto, e uma leve brisa agitava os pôsteres de Henry, a maioria de músicos das antigas. Algumas atrizes, jovens e exuberantes.

— Clay — chamou Tommy, surgindo em seu campo de visão. — Depois você me ajuda com os cascos dele?

Ele acabou o exercício e foi com o irmão para o quintal, onde encontraram

Aquiles perto do varal. Clay se aproximou e estendeu ao bicho a palma da mão aberta com um torrão de açúcar, depois se abaixou e cutucou uma pata.

O primeiro casco subiu; limpo.

Depois o segundo.

Ao fim da limpeza, Tommy estava machucado, como sempre, mas não havia nada que Clay pudesse fazer. Mulas não mudam de opinião com muita facilidade.

Para animá-lo, Clay pegou mais dois cubinhos brancos de açúcar.

Estendeu um para Tommy.

A manhã transbordava no quintal.

Um pufe vazio e murcho estava largado no chão, uma bicicleta sem guidão jazia na grama e o varal permanecia ali, estático, parado ao sol.

Aurora chegou logo depois, saindo da casinha que tinham construído para Aquiles nos fundos da casa, indo até o varal e correndo em volta dele, enquanto o açúcar derretia na boca dos meninos.

Já quase no fim, Tommy soltou:

— Quem é que vai me ajudar a fazer isso quando você for embora?

Então Clay fez algo que nem ele esperava:

Segurou Tommy pela camisa e o jogou no lombo de Aquiles, sem sela.

— Merda!

Tommy levou um susto e tanto, mas na mesma hora se entregou ao momento e abraçou a mula, risonho.

\*\*\*

Após o almoço, Clay estava prestes a sair de casa quando Henry o deteve.

— Aonde você pensa que vai?



Uma breve pausa.

— Ao cemitério. Talvez Bernborough.

— Espera aí — pediu Henry, pegando as chaves. — Vou contigo.

Quando chegaram lá, pularam a cerca e caminharam por entre os túmulos. Eles procuraram eles acharam eles se agacharam eles se levantaram eles cruzaram os braços eles se voltaram para o sol vespertino; eles observaram os restos mortais das tulipas.

— Nada de margaridas?

Esboçaram uma risada.

— Ei, Clay.

Ambos estavam encurvados e tensos, e Clay se virou para o irmão; Henry estava cordial como sempre, mas de uma forma diferente, seu olhar vagando pelas estátuas.

A princípio, ele só disse:

— Meu Deus. — Um longo silêncio. — Meu Deus, Clay. — E então tirou algo do bolso. — Toma.

De uma mão para outra:

Um belo maço de notas.

— Leva. — Clay olhou mais de perto. — É seu, Clay. Sabe as apostas em Bernborough? Você não tem noção de quanto dinheiro ganhamos. E eu nunca te paguei.

Mas não, ali não tinha dinheiro só das apostas, era mais do que isso, um peso de papel feito de notas.

— Henry...

— Anda, pega.

Quando Clay segurou e apertou o bolo, ficou ainda mais chocado com o volume. Não era como o Zippo, mais pesado do que aparentava; aquilo pareceu afundar na mão dele.

— Clay — disse Henry. — Ei, Clay — continuou, encarando o irmão bem no fundo dos olhos. — Por que você não faz que nem qualquer pessoa normal e compra a merda de um celular, hein? Que tal? Aí você avisa pra gente quando chegar lá.

E Clay, com um sorriso de desdém:

Não, Henry, não precisa.

— Então tá, gasta até o último centavo naquela merda de ponte. — O mais matreiro dos sorrisos. — Só me traz o troco quando terminar.

\*\*\*

Em Bernborough, Clay deu algumas voltas e, ao contornar o que restara da gaiola de proteção para lançamento de disco, teve uma bela surpresa — pois ali, na marca dos trezentos metros, estava Rory.

Clay parou, pousando as mãos nos quadríceps.

Rory o observava com seus olhos de sucata.

Clay não ergueu o olhar, mas sorriu.

Longe de estar com raiva ou sentindo-se traído, Rory gravitava em algum lugar entre a empolgação com a violência vindoura e uma compreensão perfeita da mente do irmão.

— Tenho que admitir, garoto... Você tem coragem.

Clay ergueu o rosto, o corpo empertigado, mas a princípio manteve-se calado enquanto Rory prosseguia.

— Você pode ficar fora três dias ou três anos... Mas sabe que o Matthew vai te matar, né? Quando você voltar.

Um aceno de cabeça.

— Vai estar preparado para ele?

— Não.

— Quer se preparar?

Ele pensou a respeito

— Ou talvez você nunca volte.

Clay espumou de raiva por dentro.

— Eu vou voltar — disse ele, enfático. — Vou sentir falta dessas nossas conversas existenciais.

Rory sorriu.

— Tá bom, mas olha... — Esfregou as mãos. — Quer treinar um pouco? Acha que eu pegava pesado aqui? O Matthew está em outra categoria.

— Não precisa, Rory.

— Você não vai aguentar nem quinze segundos.

— Mas eu sei muito bem como apanhar.

Rory, um passo mais perto.

— Disso eu sei, mas posso te mostrar, pelo menos, como durar um pouquinho mais.

Clay olhou para ele, bem para o pomo de adão.

— Não se preocupe, agora é tarde demais.

Rory sabia melhor do que ninguém — Clay já estava pronto; tinha passado a vida inteira treinando para aquele momento, e eu podia matá-lo à vontade.

Clay simplesmente se recusava a morrer.

\*\*\*

Quando ele voltou para casa, dinheiro na mão, eu estava assistindo ao primeiro *Mad Max* — pouco sombrio ou quer mais? Tommy estava comigo, mas começou a implorar para vermos outra coisa.

— A gente não pode mesmo ver uma coisa que não seja dos anos 1980?

— Já estamos vendo — respondi. — Esse filme é de 1979.

— É disso que eu tô falando! Não vale nada dos anos 1980 ou de antes! A gente nem *pensava* em nascer nessa época! Então por que a gente não...

— Você *sabe* por quê — cortei. Então vi a expressão no rosto dele, e o garoto estava prestes a chorar... — Ah, merda... Desculpa, Tommy, de verdade.

— Mentiroso!

Ele tinha razão, eu não sentia muito coisa nenhuma; aquilo fazia parte de ser um Dunbar.

Quando Tommy saiu, Clay entrou. Já tinha guardado o dinheiro na caixa e se sentou no sofá.

— Oi — disse, se virando para mim.

Não me dei ao trabalho de desviar o olhar da tela. Não queria papo.

— Ainda tem o endereço?

Ele assentiu, e ficamos assistindo a *Mad Max*.

— Anos 1980 de novo?

— Nem começa.

Ficamos em silêncio até a parte em que o assustador líder da gangue fala: “E Cundalini quer a mão de volta!”, então olhei para meu irmão.

— Ele tá falando sério, não tá? — comentei.

Clay sorriu, mas não reagiu.

Nós também estamos.

\*\*\*

À noite, quando todo mundo já estava na cama, com a TV ligada no mudo, Clay olhou para Agamenon, o peixinho-dourado, que retribuiu o olhar com tranquilidade antes de dar mais uma cabeçada vigorosa no aquário.

Clay foi até a gaiola e, de supetão, pegou o pombo. Apertou-o entre as mãos, mas com delicadeza.

— E aí, Tetê, beleza?

O pássaro balançou um pouco a cabeça, e, pela plumagem, Clay sentiu sua respiração, as palpitações de seu coração.

— Quietinho, garoto, quietinho...

Então, de repente, arrancou uma pena miúda do pescoço do pássaro; cinza, com uma borda esverdeada, singela, na palma da mão esquerda.

Pôs o pássaro de volta na gaiola.

O pombo ficou olhando para ele com um semblante sério, então se pôs a andar de um lado para outro.

\*\*\*

Depois disso vieram as prateleiras e os jogos de tabuleiro:

Jogo da Vida, Palavras Cruzadas, Lig 4.

Logo abaixo estava o que ele queria.

Clay abriu o jogo e ficou momentaneamente distraído pelo filme na TV. Parecia bom — preto e branco, uma moça discutindo com um homem em uma

lanchonete —, mas logo se voltou aos tesouros do Monopoly. Mexeu no dado e nos hotéis até encontrar a bolsinha que estava procurando e, pouco depois, entre seus dedos, estava o ferro de passar.

Clay, o sorridente, sorriu.

\*\*\*

Perto da meia-noite, foi mais fácil do que poderia ter sido; o quintal estava livre de merda de cachorro e merda de mula, cortesia de Tommy, bendito seja.

Clay parou diante do varal, os pregadores um pouco acima dele em fileiras de cores sortidas. Pegou um meio desbotado, mas que um dia já fora de um azul bem vivo.

\*\*\*

Então ele se ajoelhou perto da haste.

É claro que Aurora apareceu, e Aquiles estava de guarda, com cascos e patas ao lado do garoto. A crina, apesar de escovada, estava cheia de nós — e Clay estendeu o braço e tocou de leve na pata da mula. Tudo dentro dele parecia imenso.

Em seguida foi a vez de Aurora; bem devagar, ele segurou uma de suas patas preta e branca:

O dourado nos olhos dela, um adeus para ele.

Ele amava aquele olhar canino de esguelha.

Então saiu pelos fundos e foi até as Cercanias.

\*\*\*

E o resto é história. Ele nem ficou muito tempo lá; já havia partido, portanto nem

chegou a retirar o plástico. Não, tudo que fez foi se despedir e prometer que voltaria.

De volta à casa, no quarto que dividia com Henry, olhou no fundo da caixa; o pregador era o acréscimo final. No escuro, observou os demais objetos, da pena ao ferro, o dinheiro, o pregador e o endereço remendado do Assassino. E é claro, o isqueiro de metal, com a inscrição dela para ele — *El Matador no quinto*.

Em vez de dormir, ele acendeu a luminária, leu seus livros e se deixou carregar pelas horas.

Já passava um pouco das três e meia, então ele sabia que Carey logo sairia de casa:

Clay se levantou, guardou os livros na bolsa, sempre com o isqueiro na mão. No corredor, bateu outra vez as palavras gravadas no metal.

Abriu a porta sem fazer barulho.

Deteve-se no corrimão da varanda.

Muitas eras atrás, ele estivera lá comigo.

O ultimato na porta da frente.

Logo surgiu Carey Novac, mochila nas costas e bicicleta ao lado.

Primeiro ele viu uma roda: os raios.

Depois a garota.

Seu cabelo estava solto, seus passos eram ligeiros.

Estava de jeans. A camisa de flanela de sempre.

A primeira coisa que ela fez foi olhar para o outro lado da rua; ao vê-lo, largou a bicicleta no chão, que ficou ali, apoiada no pedal, a roda de trás ainda girando, enquanto a menina caminhava devagar na direção dele, até parar bem no meio da rua.

— Oi — disse ela. — Gostou?

Falou baixinho, mas pareceu um grito.

Um radiante ato de rebeldia.

A quietude da rua Archer antes do amanhecer.

Quanto a Clay, naquele momento ele pensou em várias coisas que queria dizer a ela, que queria que ela soubesse, mas a única coisa que saiu de sua cabeça foi “El Matador”.

Mesmo a distância, dava para ver aqueles dentes não-exatamente-brancos e não-exatamente-retos, o sorriso que desvelava a rua. Ela ergueu a mão, e seu rosto trazia algo inédito para ele — faltavam palavras à garota.

Quando ela foi embora, caminhou e o observou, então o observou por mais um instante.

— Tchau, Clay.

Foi só quando imaginou que ela já estaria na avenida Poseidon que ele olhou outra vez para a mão, para o isqueiro. De maneira calma e deliberada, ele o abriu, e a chama brotou no mesmo instante.

\*\*\*

E foi assim que foi.

No escuro, ele apareceu para ver cada um de nós — eu, estirado na cama, passando por Henry e seu sorriso adormecido e chegando a Tommy e ao absurdo que era Rory. Num ato final de bondade (para ambos), tirou Heitor do peito de Rory e o carregou no ombro como se fosse mais uma bagagem. Na varanda, colocou o gato tigrado no chão, e o bicho ronronava, mas também sabia que Clay estava indo embora.



E então?

Primeiro foi a cidade, depois a mula, e agora era o gato quem monopolizava a conversa.

Ou talvez não.

— Tchau, Heitor.

Mas ele não partiu, ainda não.

Não, durante um longo tempo, pelo menos alguns minutos, ele esperou a alvorada tomar a rua, dourada e gloriosa, e, quando enfim chegou, ela escalou os telhados da rua Archer carregando consigo a maré do passado:

Lá fora, em algum lugar, havia uma rainha dos erros e uma distante estátua de Stálin.

A Garota do Aniversário arrastando um piano.

Um coração colorido em meio ao cinza, às casas de papel.

Tudo isso avançava cidade adentro, tomando as Cercanias e Bernborough. Foi ganhando força pelas ruas, e, quando Clay finalmente partiu, o lugar estava inundado de luz e maré. Cobriu primeiro seus pés, depois os tornozelos, e, quando ele chegou à esquina, a água batia na cintura.

Clay olhou para trás uma última vez antes de mergulhar — para dentro e para fora — na direção de uma ponte, que atravessaria o passado e o levaria a um pai.

E assim ele mergulhou nas águas tingidas de ouro.

**parte três**  
cidades + águas  
+  
criminosos

## o corredor

ENTÃO FOI ATÉ ali que a maré o levou.

Entre as árvores.

Fazia anos que Clay imaginava um momento como aquele — em que seria forte, em que estaria seguro e pronto —, mas essas imagens foram varridas de sua mente; ele era uma casca de tudo que era.

Tentando recuperar a determinação, ficou parado ali naquela alameda de eucaliptos robustos. Sentiu a pressão no peito: uma sensação de ondas prestes a quebrar, embora, naquele momento, fossem ondas de ar. Precisou lembrar a si mesmo de respirar.

À frente dele, em algum ponto, ficava o lugar para onde as águas fluíam.

À frente dele, em algum ponto, ficava o lugar para onde os assassinos fugiam.

\*\*\*

Atrás dele, havia sono e leitura, e os bairros mais ermos da cidade. Uma corrente preguiçosa de metal, e quilômetros a perder de vista de puras terras agrestes. Do alto da ignorância de Clay, parecia um lugar de grande simplicidade. Havia um trilho de trem e havia terra, e cordilheiras de espaço vazio.

Havia uma cidade chamada Silver; e não, não é a cidade em que você está pensando (a do cão, da Tec-tec e da cobra), mas uma no meio do caminho.

Casas pequenas. Gramados bem cuidados.

E, enredado em toda essa área seca e rachada, um rio largo e torto passava. Tinha um nome estranho, mas até que ele gostava.

Rio Amahnu.

Quando chegou naquela tarde, cogitou deixar o rio conduzi-lo ao pai, mas acabou se deixando levar pela cidade. Comprou um mapa no posto de gasolina.

\*\*\*

Nas ruas, seguiu as placas enferrujadas e o rastro de bebedeira das latinhas de cerveja espalhadas. Encontrou uma estrada rumo ao noroeste, deixou a cidade para trás.

Conforme caminhava, encontrava um mundo cada vez mais vazio, como se tudo fosse minando à sua volta, e também havia aquela outra sensação de que, ao mesmo tempo, aquele mundo o confrontava. Sentia muito claramente uma quietude à espreita, seguindo-o cada vez mais de perto; sentia todos os passos dela. Quanto maior o vazio, mais perto chegava do lar solitário de nosso pai.

\*\*\*

Em algum lugar da estrada, no meio de lugar nenhum, havia um desvio para a direita. Uma caixa de correio informava o número, e Clay o reconheceu do endereço guardado na caixa de madeira. Pegou a estradinha de terra.

No início, era um desvio abrupto e aberto na estrada, mas, após alguns metros, depois de uma leve inclinação, Clay chegou à alameda. Bem na altura dos olhos, os troncos mais lembravam pernas musculosas — como se ele estivesse cercado de gigantes. O chão estava coberto de cascas de árvore e galhos caídos, que se despedaçavam sob os pés dele. Clay ficou onde estava; não iria embora.

Mais adiante, ainda do mesmo lado, havia um carro estacionado:

Um Holden, um caixote comprido e vermelho.

Do outro lado do leito seco do rio, um portão iluminado. Depois do portão ficava uma casa; um corcunda com uma boca e de olhos tristes.

Havia muita vida entre os arbustos altos e ossudos. Entre as urzes, a vegetação rasteira e o matagal parecido com o de Bernborough, o ar estava infestado. Ouvia-se o som denso de insetos, elétrico e erudito. Um idioma inteiro em uma única nota. Sem esforço.

Já Clay não estava tão à vontade. Sofria uma hemorragia de medo e culpa e incerteza. O fluxo o inundava, em três camadas.

Quanto conseguiria protelar?

Quantas vezes ainda abriria o pequeno baú de madeira, avaliando cada item ali guardado?

Ou mexeria na mala?

Quantos livros pegaria para ler?

Quantas cartas para Carey escreveria mentalmente?

Em dado momento, ergueu a mão para uma longa faixa de luz vespertina do sol.

— Vamos lá.

Chegou a dizer.

Ficou estarecido quando as palavras saíram de sua boca.

E mais ainda na segunda vez:

— Vamos lá, cara.

Vamos lá, Clay.

Vá dizer a ele por que você veio. Olhe bem para o rosto envelhecido e para

aqueles olhos fundos de assassino. Deixe que o mundo veja você como realmente é:

Ambicioso. Obstinado. Traidor.

Hoje você não é um irmão, pensou ele.

Nem irmão, nem filho.

Vai lá, vai logo.

E ele foi.

# **o assassino nem sempre foi o assassino**

SIM, CLAY SAIU e não voltou, mas quem era o homem a que ele se dirigia naquela tarde agonizante? Quem era ele de verdade, de onde viera e quais teriam sido as decisões e as indecisões que fizeram dele o homem que era e que não era? Se imaginarmos que o passado de Clay avança junto com a maré, podemos dizer que o Assassino embarcou nela, partindo de uma terra firme, distante e seca, e que jamais foi um bom nadador.

Talvez seja melhor resumir assim:

No presente, havia um garoto caminhando em direção àquilo que, até então, não passava de uma incrível ponte imaginária.

No passado, houve outro garoto que cruzou outro caminho, muito mais longo e demorado, mas que também terminava ali, em meio às árvores, com esse garoto já adulto.

Às vezes preciso me esforçar para lembrar.

O Assassino nem sempre foi o Assassino.

\*\*\*

Assim como Penélope, ele também veio de longe, mas de um lugar *neste* lugar, onde as ruas eram largas e quentes, e a terra, amarelada e seca. Uma cidade

cercada por eucaliptos e por uma vegetação rasteira selvagem, e as pessoas ali viviam cabisbaixas, encurvadas, em um estado permanente de sudorese.

De cada coisa naquele lugar, havia apenas um exemplar:

Um ensino fundamental, um ensino médio.

Um rio, um médico.

Um restaurante chinês, um supermercado.

Quatro bares.

Na parte mais distante da cidade, uma igreja perfurava o céu, e as pessoas fervilhavam lá dentro: homens de terno, mulheres de vestidos floridos, crianças de camisa, bermuda e botões, todos doidos para jogar os sapatos longe.

Quanto ao Assassino, na infância, queria ser datilógrafo feito a mãe. Ela trabalhava para o único médico da cidade e passava os dias no consultório, com o velho tec-tec-tec das teclas de sua velha Remington cinza-chumbo. Às vezes ela levava a máquina para casa, para escrever cartas, e pedia ao filho que a carregasse.

— Vem cá, deixa eu ver esse muque! — dizia ela. — Pode me ajudar com a velha Tec-tec?

Sorridente, o menino carregava a máquina.

Os óculos eram vermelho-secretária.

O corpo atrás da escrivaninha era rechonchudo.

Falava de modo afetado e andava sempre com o colarinho engomado. Ao redor dela, os pacientes aguardavam com suor e chapéus, com suor e estampas floridas, com suor e crianças fungando; aguardavam com o suor no colo. Ficavam ouvindo Adelle Dunbar encurralar a máquina de escrever num canto e esmurrar as teclas sem piedade. Paciente por paciente, o velho dr. Weinrauch surgia, como o fazendeiro com o forcado na pintura *American Gothic*, sempre recebendo todos



com um grande sorriso.

— Adelle, quem é o próximo a entrar na faca?

Por força do hábito, ela olhava a prancheta.

— É a sra. Elder.

E quem quer que fosse o paciente — uma mulher manca com problemas de tireoide, um velho beerrão com o fígado detonado ou uma criancinha com brotoeja e joelhos ralados —, todos se levantavam e se encaminhavam ao consultório suando em bicas, faziam suas queixas... e sentado entre todos eles, no chão, ficava o filhinho da secretária. No carpete puído, ele construía torres e devorava trilhões de revistas em quadrinhos explosivas, cheias de mistérios e caos. Ele ignorava os olhares intimidadores de cada garoto sardento da escola que adorava arrumar briga e controlava o voo de suas espaçonaves pela sala de espera: um gigantesco sistema solar em miniatura em uma gigantesca cidade em miniatura.

\*\*\*

A cidade se chamava Featherton — e, apesar de trazer no nome a palavra “pena” em inglês, não era nem mais nem menos passarineira do que qualquer outra. É claro que, como Michael morava na rua Miller, perto do rio, seu quarto vivia inundado — ao menos nas épocas chuvosas — pelos sons dos pássaros, os gritos e as risadas deles. Ao meio-dia, os corvos almoçavam carcaças de animais na estrada, volta e meia fugindo dos caminhões que passavam. Já no fim da tarde, as cacatuas guinchavam — olhos pretos, crista amarela embranquecida pelo céu ofuscante.

Com ou sem pássaros, Featherton era famosa por outra coisa.

Era um lugar de fazendas e gado.

De minas com túneis profundos.

Mais do que qualquer outra coisa, contudo, era um lugar de fogo.

Uma cidade onde as sirenes uivavam e os homens dos mais variados feitios, e também algumas mulheres, vestiam macacões laranja e adentravam as chamas. Na maioria das vezes retornavam, deixando para trás a paisagem destruída e esturricada, mas de vez em quando o fogo estendia as garras um pouco mais além e, das trinta pessoas que entravam, voltavam apenas vinte e oito ou vinte e nove, trôpegas, lúgubres, silenciosas. Era então que meninos e meninas magricelas de rostos cansados ouviam: “Sinto muito, filho”, “Sinto muito, querida”.

Antes de ser o Assassino, ele era Michael Dunbar.

Ele só tinha a mãe, e a mãe só tinha ele.

\*\*\*

Como você já deve ter percebido, sob vários aspectos, ele era quase a outra metade de Penélope; eram idênticos e opostos, uma simetria projetada ou predestinada. Ela vinha de um lugar longínquo e úmido; ele, de um lugar remoto e seco. Ele era a única família de uma mulher solitária; ela era a filha solitária de um homem sem família. E, por fim, como veremos em breve — e esta era a maior equivalência, o paralelo mais definitivo do destino —, enquanto ela praticava Bach, Mozart e Chopin, ele tinha a própria obsessão artística.

\*\*\*

Era uma manhã de primavera, durante as férias. Michael, com uns oito anos, estava sentado na sala de espera; segundo o termômetro no batente da porta, fazia

trinta e nove graus.

Ali perto, o sr. Franks cheirava a torrada.

O bigode ainda sujo de geleia.

Ao lado de Michael estava uma menina da escola chamada Abbey Hanley:

Tinha cabelo preto escorrido e braços poderosos.

O garoto havia acabado de consertar uma nave espacial.

O carteiro, sr. Harty, tentava sem sucesso abrir a porta, e Michael largou seu brinquedinho cinza aos pés da menina para ajudar o entregador aflito, que mais parecia um messias azarado parado ali, com aquela claridade infernal às costas.

— Ei, Mikey.

Por algum motivo, o jovem futuro-assassino odiava o apelido, mas mesmo assim se lançou até a porta e o deixou entrar. Virou o rosto bem a tempo de testemunhar Abbey Hanley levantando-se para sua consulta e pisoteando a espaçonave. Seus chinelos eram como um trator.

— *Ah-bey!* — A mãe riu, e então, um tanto constrangida: — Isso não foi legal!

O menino, assistindo ao infeliz incidente, fechou os olhos. Tinha apenas oito anos, mas entendia o significado de *filha de uma puta* e nem teve medo de pensar na expressão. Por outro lado, pensar aquilo não levava a nada, e ele também entendia o que aquilo significava. A menina abriu um sorriso, fez um pedido bem sem-vergonha de desculpas e saiu pisando forte para a sala do bom e velho Weinrauch.

A poucos passos, o carteiro deu de ombros. A camisa dele estava com um botão faltando no ponto onde sua pança se projetava para a frente com grande determinação.

— Tão novinho e já está tendo problema com as mulheres, é?

Nossa, muito engraçado.

Michael sorriu, respondendo, baixinho:

— Não, acho que ela não fez de propósito.

Aquela filha de uma puta.

Harty ainda insistiu:

— Ah, fez, sim.

Franks, o homem da torrada com geleia, concordou com um risinho tossido, e Michael tentou mudar de assunto.

— O que é que tem aí nessa caixa?

— Eu só faço a entrega, garoto. Vou botar aqui e você mesmo pode fazer as honras. É pra sua mãe e está com o endereço da sua casa, mas achei melhor trazer pra cá. Mete bronca.

\*\*\*

Quando a porta se fechou, Michael olhou com mais atenção.

Circundou a caixa, ressabiado, pois havia acabado de compreender o que era — já tinha visto outras parecidas.

No primeiro ano, fora entregue em mãos, acompanhada de condolências e doces murchos.

No segundo, largaram na varanda da casa.

Naquele ano, só meteram no correio e pronto.

Caridade para crianças carbonizadas.

\*\*\*

É claro que o Michael Dunbar em si não ficara nada carbonizado, mas, em tese,

sua vida, sim.

Todos os anos, no início da primavera, quando começavam os arredios incêndios florestais, uma máfia filantrópica local chamada Clube da Última Ceia se incumbia da responsabilidade de amparar as vítimas do fogo, quer tivessem sido queimadas fisicamente, quer não. Adelle e Michael Dunbar se enquadravam no perfil, e aquele ano foi como os demais — era quase uma tradição a caixa transbordar, ao mesmo tempo, de boas intenções e de um monte de merda. Bichos de pelúcia sempre vinham irreparavelmente mutilados. Era certo que os quebra-cabeças teriam peças faltando. Os homens de Lego vinham sem cabeça, sem os braços ou sem as pernas.

Daquela vez, Michael foi buscar uma tesoura sem o menor entusiasmo, mas quando voltou e começou a abrir a caixa, até o sr. Franks cedeu ao impulso de espiar o que havia dentro. O menino tirou de lá uma espécie de montanha-russa de plástico com contas de ábaco em um dos lados, depois um jogo de peças de Lego — aquelas imensas, para crianças pequenas.

— Nossa, que tesouro... Parece que esse povo roubou um banco — comentou Franks, que tinha limpado a geleia, finalmente.

Em seguida veio um ursinho de pelúcia caolho que tinha só metade do nariz. Veja só... Vandalizado. Surrado no beco escuro entre o quarto e a cozinha de alguma criança por aí.

Também veio uma coleção de revistas *Mad* (que, a bem da verdade, até que era bem legal, mesmo que a página final delas já estivesse preenchida).

Por último e mais estranho... O que era aquilo?

Que *merda* era aquela?

Só podiam estar de sacanagem.

Porque, lá no fundo da caixa, escorando as laterais de papelão, havia um calendário chamado *Homens que mudaram o mundo*. Era um catálogo para Michael Dunbar escolher uma nova figura paterna?

Por que não? Ele poderia abrir o mês de janeiro e escolher John F. Kennedy.

Ou abril: Emil Zátopek.

Maio: William Shakespeare.

Julho: Fernão de Magalhães.

Setembro: Albert Einstein.

Ou dezembro — em que, ao virar a página, ele encontrou uma breve biografia e a obra de um homenzinho de nariz quebrado que, ao longo do tempo, se tornaria a maior fonte de admiração do futuro-assassino.

É claro que era Michelangelo.

O quarto Buonarroti.

\*\*\*

O mais estranho não era tanto o conteúdo do calendário, mas a data: era do ano anterior. Provavelmente só estava ali para reforçar a estrutura da caixa, e claramente tinha sido muito usado: a cada página, além da foto ou da ilustração do homem do mês, havia várias datas rabiscadas com eventos e afazeres.

4 de fevereiro: *Revisão carro. Ok.*

19 de março: *Aniversário Maria M.*

27 de maio: *Jantar com Walt.*

Quem quer que fosse, o dono anterior do calendário jantou com o Walt na última sexta-feira de todos os meses.

\*\*\*

Agora uma pequena observação a respeito de Adelle Dunbar, a secretária dos óculos de armação vermelha.

Ela era uma mulher prática.

Quando Michael mostrou a caixa de Lego e o calendário, ela franziu a testa e abaixou os óculos.

— Isso aí é um calendário *usado*?

— Aham. — De repente, Michael tinha ficado realmente interessado. — Posso ficar com ele?

— Mas é do ano passado... Dá isso aqui, deixa eu olhar.

Folheou o calendário. Não demonstrou nenhuma reação exagerada. Chegou a pensar em ter uma conversinha com a mulher responsável por enviar aquela merda de caixa de caridade, mas não fez isso. Engoliu a fagulha de raiva. Conteve tudo por baixo de sua voz devidamente afetada e, assim como o filho, prosseguiu:

— E as *mulheres* que mudaram o mundo? Você acha que tem um calendário com elas?

O menino ficou meio perdido.

— Não sei.

— Mas você não acha que *deveria* ter?

— Não sei.

— Tem muita coisa que você não sabe, não é mesmo? — Contudo, ela suavizou o tom. — Vamos fazer o seguinte. Você quer essa porcaria?

Diante da possibilidade real de perdê-lo, o menino queria o calendário mais do que tudo. Com energia renovada, assentiu.

— Está bem. — Lá vinham as regras e o sorrisinho da mãe. — Que tal você me listar vinte e quatro mulheres que também mudaram o mundo? Diga quem elas eram e o que fizeram. Aí você pode ficar com esse troço.

— *Vinte e quatro?! — O menino ficou perplexo.*

— Que que tem?

— Aqui só tem doze!

— Vinte e quatro mulheres. — Adelle estava começando a se divertir. — Já terminou de dar seu piti ou devo aumentar para trinta e seis?

Ela ajeitou os óculos e voltou ao trabalho enquanto Michael retornava à sala de espera. Afinal, havia umas contas de ábaco a empurrar de um canto para outro e as revistas *Mad* para defender. As mulheres teriam que esperar.

Contudo, um minuto depois, ele perambulou de volta para perto da mãe, que estava à máquina de escrever.

— Mamãe.

— O que foi, meu filho?

— Posso botar a Elizabeth Montgomery na lista?

— Elizabeth quem?

— Sabe, *A Feiticeira*.

Era o programa preferido dele, assistia às reprises todas as tardes, e Adelle não se conteve. Soltoou uma bela risada, arrematada por um potente ponto final.

— Claro que pode.

— Obrigado.

No meio da pequena negociação, Michael estava concentrado demais para perceber Abbey Hanley, chorosa e com o braço dolorido, saindo do terrível laboratório de experimentos do médico.



Se *tivesse* percebido, teria pensado:

Uma coisa é certa, *você* não entraria na minha lista.

O momento teve um pouco do piano, ou do estacionamento da escola, se é que você me entende — pois era curioso pensar que, um dia, eu acabaria me casando com aquela garota.

## a mão de menino

AO SE APROXIMAR do rio, Clay encontrou o leito seco, rachado. Cortava a paisagem feito uma cicatriz.

Na beirada, enquanto descia, notou algumas vigas de madeira fincadas na terra. Pareciam farpas gigantescas, tortuosas e quebradas, deixadas ali pelo rio — e então sentiu outra mudança dominá-lo.

Menos de cinco minutos antes, ele dissera a si mesmo que não era nem filho nem irmão, mas ali, envolto nos últimos fiapos de luz e diante do que parecia a boca de um gigante, toda a sua pretensão em relação a si mesmo desapareceu. Pois como se vai até seu pai sem ser um filho? Como se deixa o próprio lar sem reconhecer de onde se vem? As perguntas o atropelaram rumo à outra margem do rio.

Será que o pai ouviria a chegada dele?

Será que ia ao encontro do estranho parado no leito de seu rio?

Chegando ao outro lado, tentou não pensar nisso; sentiu um calafrio. A mochila pesada era um fardo em suas costas e a mala tremia em sua mão, que se revelava, no fim das contas, apenas a mão pueril de um menino.

Michael Dunbar — o Assassino.

Nome e apelido.

Clay o viu então, no meio de uma campina obscurecida em frente à casa.

Ele o viu, assim como nós o vimos, bem de longe.

# homens e mulheres

VERDADE SEJA DITA:

O jovem Michael Dunbar tinha uma determinação louvável.

Conseguiu ficar com o calendário de homens notáveis, mas só depois de recorrer à mãe, pedindo ajuda para listar as vinte e quatro mulheres solicitadas — incluindo a própria Adelle, que ele descreveu como a maior datilógrafa do mundo.

Precisaram de alguns dias de pesquisa e de uma pilha de enciclopédias, mas até que encontraram com facilidade mulheres que tinham transformado o mundo:

Marie Curie, Madre Teresa.

As irmãs Brontë.

(“Elas não valem por três?”)

Ella Fitzgerald.

Maria Madalena!

A lista era infinita.

Por outro lado, com apenas oito anos e tão machista quanto qualquer garotinho poderia ser, só os homens ganharam espaço no quarto dele. Só os homens foram pendurados na parede.

\*\*\*

Ainda assim, devo admitir.

De uma maneira meio estranha, até que era legal — um menino vivendo a vida real, seguindo a rotina de sua cidade escaldante, mas também com o próprio recorte temporal, em que o mais próximo de um pai que chegava a ter era uma sequência de páginas com alguns dos maiores ícones da história. No mínimo, esses homens aguçariam a curiosidade dele ao longo dos anos.

Aos onze, conheceu Albert Einstein e foi pesquisar. Não aprendeu nada sobre a teoria da relatividade (sabia apenas que era genial), mas amava o velho de cabelo arrepiado mostrando a língua na folha central do calendário. Aos doze, antes de dormir, imaginava-se fazendo treinos de altitude com Emil Zátopek, o lendário fundista tcheco. Aos treze, espantou-se com Beethoven em seus últimos anos de vida, compondo sem conseguir ouvir uma única nota que tocava.

E então — aos catorze:

A grande descoberta veio no início de dezembro, arrancando a folha do prego na parede.

Minutos depois, sentou-se com o calendário.

Passados mais alguns minutos, ainda não havia tirado os olhos do calendário.

— Meu Deus.

Nos anos anteriores, na última página, ele passara muitas manhãs, muitas noites observando o gigante mais conhecido como *Il David*, ou a estátua de Davi — no entanto, naquele momento, notou algo diferente. E instantaneamente percebeu a quem devotaria toda a sua lealdade. Quando se levantou, não sabia dizer quanto tempo tinha passado ali, perscrutando a expressão no rosto de Davi — uma estátua que era a personificação da determinação. Resoluto. Temeroso.

Também havia uma ilustração menor em um dos cantos. *A criação de Adão*, da Capela Sistina. A curvatura do teto.

Aí, repetiu:

— Meu Deus.

Como era possível que alguém tivesse criado algo assim?

\*\*\*

Então ele foi atrás de livros, e havia um total de três volumes sobre Michelangelo na biblioteca da escola e na biblioteca pública de Featherton, somando os dois acervos. Da primeira vez, leu os três, um por um, depois releu dois ao mesmo tempo. Lia-os todas as noites, a luminária acesa até altas horas da madrugada. O objetivo seguinte foi desenhar por cima de algumas das obras, memorizando-as para depois reproduzi-las outra vez.

Às vezes, ficava se perguntando o porquê daquilo tudo.

Por que Michelangelo?

Pegava-se dizendo o nome dele ao atravessar a rua.

Ou enumerando suas obras preferidas, sem uma ordem em particular:

*Centauromaquia.*

*Davi.*

*Moisés. A Pietà.*

*Prisioneiros*, ou, como também eram conhecidos, *Escravos*.

Estes últimos sempre o intrigavam por serem inacabados — figuras gigantescas, aprisionadas no mármore. Um dos livros, chamado *Michelangelo: o mestre*, detalhava aquelas quatro esculturas e onde viviam agora, no corredor da Galeria da Academia, em Florença; elas abriam caminho até *Davi* (embora outras duas tivessem fugido para Paris). Em um domo de luz erguia-se um príncipe — uma perfeição —, e ao redor, abrindo caminho, ficavam aqueles prisioneiros

tristes-porém-deslumbrantes, todos em uma luta eterna para se libertarem do mármore:

Todos brancos, maculados.

Com as mãos aprisionadas na pedra.

Eram cotovelos, costelas, mãos e pés torturados, contorcidos de dor; uma luta claustrofóbica por ar, por vida, enquanto as hordas de turistas passavam... Todos atentos, hipnotizados por *ele*:

A realeza resplandecente mais adiante.

Um dos escravos, chamado *Atlas* (de quem havia muitas fotos, sob diversos ângulos, naquele livro da biblioteca), ainda carregava o prisma de mármore no pescoço, digladiando-se com suas dimensões e seu peso: nos braços, uma erupção de mármore; seu torso era uma guerra sobre pernas.

Michael Dunbar, o adolescente, foi mais um fisgado por *Davi*, mas também tinha uma queda pelos esplêndidos e sofridos escravos. Às vezes, lembrava-se de um traço, um detalhe, e o passava para o papel. Às vezes (e isso o deixava um tanto constrangido) chegava mesmo a desejar *ser* Michelangelo, transformar-se no mestre nem que fosse por um ou dois dias. Passava noites em claro permitindo-se fantasiar, mesmo sabendo muito bem que chegara com alguns séculos de atraso e que Featherton era muito longe da Itália. Para completar (e, na minha opinião, essa é a melhor parte), suas notas em arte sempre tinham sido péssimas e, aos catorze anos, nem mesmo cursava essa matéria na escola.

Além disso, o teto dele era plano e media três por quatro.

\*\*\*

Mas Adelle fazia de tudo para encorajá-lo.

Nos anos antes do início, e nos que ainda estavam pela frente, comprou novos calendários para o filho, e livros também: as grandes maravilhas naturais do mundo, assim como as do mundo moderno. Outros artistas — Caravaggio, Rembrandt, Picasso, Van Gogh —, e ele lia os livros, copiava as obras. Tinha um apreço especial pelos retratos que Van Gogh fizera do carteiro (talvez uma homenagem ao bom e velho Harty); com o passar dos meses, ele cortava as imagens dos calendários e colava na parede. Na escola, assim que pôde, matriculou-se de novo na aula de artes, e aos poucos foi melhorando, até alcançar e ultrapassar os outros alunos.

No entanto, nunca conseguiu se desfazer do primeiro calendário.

Este continuou em lugar de destaque, bem no meio do quarto.

Quando Adelle implicou com ele por causa disso, o garoto falou:

— Vou nessa, que está na hora.

— E aonde o senhor pensa que vai?

Foi o mais próximo que ele chegara de um sorriso astuto, lembrando-se do jantar mensal.

— Para a casa do Walt, é claro.

Ia levar o cachorro para passear, isso, sim.

— E o que ele vai servir hoje?

— Espaguete.

— *De novo?*

— Trago um pouco pra você.

— Não precisa. Quando você chegar é bem provável que eu já esteja dormindo aqui na mesa — falou ela, dando um tapinha na velha Tec-tec.

— Tudo bem, mas vê se não exagera, hein?

— Exagerar, eu? — Ela enfiou uma folha em branco na barriga da máquina cinzenta. — De jeito nenhum. Só vou escrever para uns amigos e acabou.

Riram, quase sem motivo — talvez fosse só felicidade.

Ele saiu.

\*\*\*

Aos dezesseis, ele encorpou, seu cabelo tomou forma.

Não era mais o menino que precisaria de todas as forças para carregar a máquina de escrever, e sim um adolescente bonito de olhos cor de mar, cabelo escuro ondulado e um físico que se desenvolvia rápido. Começava a mostrar talento para o futebol e para quaisquer outras coisas consideradas importantes, o que basicamente significava “esportes”.

No entanto, Michael Dunbar não se interessava muito por esportes.

Entrou para o time de futebol da escola, é claro; era lateral, e dos bons. Travava os adversários. Parava para ver se o jogador que precisava marcar era bom e às vezes se aventurava no ataque; dava algumas assistências para os atacantes e de vez em quando até fazia gols.

Fora do campo, era dotado de uma bondade que o distinguia dos demais, além de uma curiosa perseverança. Era um sofrimento para se enturmar, e tinha dificuldade de mostrar quem era de verdade; tendia a fiar-se a esperanças maiores, como a de encontrar alguém que fosse conhecê-lo por inteiro.

Como ditava a tradição (pelo menos com meninos atléticos), logo apareceram as garotas, e elas eram previsíveis: vinham em um conjunto de saias e sapatos e farra. Mascavam chicletes. Bebiavam bebidas.

— Ei, Mikey.



— Ah... oi.

— Ei, Mikey, o pessoal vai lá no Astor hoje à noite.

Mikey não estava interessado — pois, enquanto Michelangelo era o único homem que ele amava de verdade, o garoto também vivia às voltas com três garotas:

Primeiro, a grande datilógrafa — a boxeadora de teclas na sala de espera.

Depois, a velha boiadeira australiana de pelo avermelhado que ficava ao seu lado no sofá, assistindo às reprises de *A Feiticeira* e *Agente 86*, e que dormia pesado enquanto ele limpava o consultório, três noites por semana.

Por fim, aquela que se sentava no canto direito da fileira da frente na aula de inglês, encurvada e adorável, magricela como um bezerro. (E essa era a que ele vivia desejando que o notasse.) Tinha olhos cinzentos cor de fumaça, usava o uniforme xadrez verde, e seu cabelo era tão longo que, solto, chegava aos quadris.

A destruidora de espaçonaves da sala de espera também havia mudado.

\*\*\*

Toda noite, ele caminhava pela cidade com a cadela de pelo avermelhado que se chamava Lua; o nome tinha sido em homenagem à lua cheia na noite em que a mãe levava o animal para casa.

Lua tinha pelo vermelho-acinzentado e dormia no chão do barracão nos fundos do quintal enquanto o menino desenhava na bancada de trabalho do pai ou pintava ao cavalete — presente de Adelle no aniversário de dezesseis anos do filho. Quando ele fazia carinho em sua barriga, Lua rolava de costas na grama e sorria para o céu.

— Vem, garota.

E ela ia.

Trotava toda feliz ao lado de Michael Dunbar enquanto ele percorria a pé os meses de anseios e rascunhos, anseios e retratos, anseios e paisagens; as obras de arte e Abbey Hanley.

Todas as vezes, em uma cidade que voltava vagarosamente para a escuridão — dava para sentir a escuridão chegando a quilômetros de distância —, ele a admirava de longe. Seu corpo era uma pincelada. O longo cabelo negro, uma trilha.

O menino e a cachorra podiam pegar qualquer rua para atravessar a cidade: eles sempre iam dar na estrada. Paravam em frente a uma cerca de arame.

Lua aguardava.

Arfava, lambia o nariz.

Michael levava a mão à cerca, tocando nos nós do arame farpado; inclinava-se para a frente, esquadrinhando o telhado de metal corrugado sobre a propriedade distante.

Poucas luzes acesas.

Uma TV piscando em tons de azul.

Toda noite, antes de ir embora, Michael ficava ali, imóvel, com a mão na cabeça da cachorra.

— Vem, garota.

E ela ia.

Foi só quando Lua morreu que ele conseguiu cruzar a cerca.

\*\*\*

Pobre Lua.

Foi numa tarde comum, depois da escola.

A cidade estava besuntada de sol.

Ela estava caída no chão perto dos degraus nos fundos da casa, com uma cobra mulga, também morta, ao seu lado.

Para Michael, foi um “Ah, meu Deus” e passos apressados. Correu até o quintal e ouviu a mochila arrastar no chão enquanto se ajoelhava ao lado de Lua. Jamais se esqueceria do concreto quente, do cheiro morno de cachorro e da sensação de enterrar a cabeça no pelo avermelhado dela.

— Ah, meu Deus... Luazinha, não...

Implorou a ela que respirasse.

Ela não respirou.

Insistiu que ela virasse de barriga para cima e sorrisse ou saísse trotando até o pote de comida. Ou dançasse, levantando as patinhas, esperando a avalanche de ração.

Ela não fez nada disso.

Já não restava nada além de corpo e mandíbula, os olhos vidrados pela morte, e ele ajoelhado sob o sol de fundo de quintal. O menino, a cachorra e a cobra.

Mais tarde, pouco antes de Adelle chegar em casa, ele carregou Lua para o meio do quintal, passando por baixo do varal, e a enterrou ao lado de uma árvore de banksia.

Fez duas escolhas.

Primeiro, cavou outro buraco, coisa de alguns pés para a direita, e ali colocou a cobra; amiga e inimiga, lado a lado. Depois, decidiu que finalmente cruzaria a cerca de Abbey Hanley naquela noite. Iria até a porta cansada na frente da casa e enfrentaria a TV com seus tons de azul.

\*\*\*

À noite, na estrada, tinha a cidade atrás dele, as moscas e a dor do luto pela cachorra — o ar nu, sem arquejos. O vazio ao lado dele. Mas então surgiu aquele outro sentimento. Aquela doçura nauseante de fazer algo acontecer: a novidade. E Abbey. O tudo que equivalia a ela.

Ao longo do caminho, ele repetia para si mesmo que não deveria ficar parado na frente da cerca, mas, ao chegar, cedeu à tentação. Sua vida ficou reduzida a minutos até que engoliu em seco e dirigiu-se à porta. Foi Abbey Hanley quem a abriu.

\*\*\*

— É você — disse ela, o céu explodindo de estrelas.

Uma abundância excessiva de água-de-colônia.

Um garoto com os braços em chamas.

A camisa dele era grande demais, em um país que também era grande demais; à porta da casa, tinha um enxame de ervas ao redor. O restante da família estava lá dentro tomando sorvete, e o teto de zinco ali em cima o pressionava, intimidador, enquanto ele tentava encontrar as palavras — e a presença de espírito. As palavras ele até achou. A presença de espírito, não.

Dirigindo-se às canelas dela, disse:

— Minha cachorra morreu hoje.

— Eu estava mesmo me perguntando por que você veio sozinho. — Ela sorriu, a dois passos da arrogância. — Sou a substituta?

Estava tirando o couro dele!

Ele aguentou firme.

— Ela foi mordida. — Pausa. — Por uma cobra.

E, de alguma maneira, aquela pausa mudou tudo.

Enquanto ele virava o rosto para a escuridão que caía, a menina passou da arrogância ao estoicismo em questão de segundos; se aproximou e olhou para o mesmo ponto. Parou tão perto dele que seus braços quase se tocavam.

— Eu rasgaria a cobra ao meio antes que ela pensasse em chegar perto de você.

\*\*\*

Depois disso, os dois se tornaram inseparáveis.

Assistiam àqueles sitcoms já reprisados incansavelmente nos anos anteriores — o dele era *A Feiticeira*, o dela, *Jeannie É Um Gênio*. Ficavam sentados na beira do rio ou andavam pela estrada até sair da cidade, o mundo crescendo diante de seus olhos. Faziam a faxina do consultório e escutavam as batidas do coração um do outro com o estetoscópio de Weinrauch. Verificavam a pressão até o braço ficar a ponto de explodir. No barracão dos fundos, ele desenhava as mãos dela, os tornozelos, os pés. Empacava quando chegava a vez do rosto.

— Ah, Michael, qual é... — Ela ria, cutucando o peito dele. — Será possível que você não consegue me desenhar direito?

Ah, mas ele conseguia, sim.

Conseguia encontrar a fumaça nos olhos dela.

Seu sorriso zombeteiro e corajoso.

Mesmo na folha de papel, ela parecia prestes a falar.

— Vamos ver se você é bom mesmo... Agora pinte com a outra mão.

Certa tarde, na fazenda à beira da estrada, ela se entregou a ele. Colocou uma

pilha de livros atrás da porta do quarto para fechá-la, pegou-o pela mão e o ajudou com tudo: os botões, os fechos, o caminho até o chão.

— Vem — disse ela.

E então havia o carpete e o calor dos ombros e costas e quadris. Havia o sol na janela, e livros da escola, e trabalhos ainda por terminar espalhados por todos os lados. Havia a respiração — a respiração dela — e o fim, repentino. E o constrangimento. Um rosto que se voltou para o outro lado, mas que foi logo trazido de volta.

— Olha pra mim. Michael, olha pra mim.

E ele olhou.

A garota, seu cabelo e a fumaça.

— Sabe — disse ela, a doçura entre os seios. — Eu nunca te disse que sentia muito.

Michael olhou para ela.

Embaixo do corpo de Abbey, seu braço estava dormente.

— Por quê?

Ela disse, sorrindo:

— Por causa da sua cachorra, e... — Estava à beira das lágrimas — ... e por pisar na sua nave espacial aquele dia no consultório.

Michael Dunbar poderia ter deixado o braço ali para sempre; estava aturdido, estático, perplexo.

— Você se lembra disso?

— É claro — respondeu Abbey, e foi sua vez de desviar o olhar para o teto. — Você ainda não entendeu? — Metade do corpo dela estava nas sombras, mas o sol cobria as pernas. — Naquela época, eu já te amava.

## a casa do assassino

LOGO DEPOIS DE passar pelo leito seco do rio, Clay apertou a mão de Michael Dunbar no escuro, e ambos estavam com o coração rugindo nos ouvidos. A terra resfriava. Por um momento, imaginou o rio entrando em erupção naquele momento, só para ter algum barulho, alguma distração. Algum assunto.

Cadê a maldita água?

Mais cedo, assim que se viram, trocaram olhares e viraram o rosto. Foi só a poucos metros de distância que enfim se olharam por mais do que um segundo.

O chão parecia vivo.

A escuridão era definitiva, mas, ainda assim, não havia barulho algum.

— Quer ajuda com as malas?

— Não, obrigado.

A mão do pai estava úmida e fria de uma maneira desagradável. Os olhos nervosos mal piscavam. O rosto era impassível; ele caminhava com exaustão e mal se ouvia sua voz. E ainda assim Clay conseguia ouvir. Ele a conhecia muito bem.

Quando eles foram para casa e se sentaram no degrau da varanda, o Assassino murchou. Amparou a cabeça nos braços.

— Você veio.

Sim, pensou Clay. Eu vim.

Se fosse qualquer outra pessoa, ele teria afagado suas costas, dizendo que

estava tudo bem.

Mas com o pai não conseguia.

Sua mente só produzia e reproduzia um mesmo pensamento.

Eu vim. Eu vim.

Dessa vez, isso teria que bastar.

\*\*\*

Depois que o Assassino se recuperou, ainda passaram um bom tempo sentados ali até entrarem. Quanto mais de perto se olhava, mais incômoda parecia a casa.

Calhas enferrujadas, pintura descascando.

Virulentas ervas daninhas por toda a volta.

Diante deles, a lua brilhava, banhando a entrada deteriorada.

Lá dentro, havia paredes bege e uma forte lufada de vazio; tudo cheirava a solidão.

— Vai um café?

— Não, obrigado.

— Chá?

— Não.

— Alguma coisa pra comer?

— Não.

Ficaram sentados na silenciosa sala de estar. Uma mesinha de centro estava quase desabando sob o peso de livros, diários e plantas da ponte. Um sofá engoliu ambos, pai e filho.

Meu Deus.

— Desculpe... Está sendo um choque e tanto, não é?



— Tranquilo.

Eles estavam se dando superbem.

\*\*\*

Por fim, levantaram-se outra vez, e o menino foi levado em um tour pela casa.

Não durou muito, mas era útil conhecer o lugar em que dormiria e saber onde ficava o banheiro.

— Vou deixar você desfazer as malas e tomar um banho, se quiser.

Em seu quarto havia uma escrivaninha de madeira, onde ele arrumou todos os livros, um por um. Guardou as roupas no armário e se sentou na cama. Tudo que queria era estar em casa outra vez. Tinha vontade de chorar só de pensar em passar por aquela porta. Ou em se sentar no telhado com Henry. Ou em ver Rory cambaleando pela rua Archer, carregando nas costas as caixas de correio da vizinhança inteira...

— Clay?

Ele ergueu a cabeça.

— Vem comer alguma coisa.

Sua barriga estava roncando.

Inclinou-se para a frente, com os pés colados ao chão.

Segurou a caixa de madeira, pegou o isqueiro e olhou para *El Matador no quinto*, para o pregador recém-colhido.

Por diversos motivos, Clay não conseguia se mexer.

Por enquanto não, mas em breve.

# **o vento sul noturno que varria o litoral**

É LÓGICO QUE Abbey Hanley nunca teve a intenção de destruí-lo.

Foi só uma dessas coisas da vida.

Mas uma coisa dessas acaba virando outras, que incorrem em mais coincidências, que, por sua vez, muitos anos depois, incorrem em garotos e cozinhas, garotos e ódio — e, sem aquela menina perdida tanto tempo antes, não teria havido nada:

Nem Penélope.

Nem garotos Dunbar.

Nem ponte, nem Clay.

\*\*\*

Tantos anos antes, tudo era claro e lindo para Michael e Abbey.

Ele a amava com linhas e cores.

Ele a amava mais do que a Michelangelo.

Ele a amava mais do que a *Davi* e outras estátuas de escravos extenuados.

Tanto ele quanto Abbey se formaram na escola com boas notas, boas o suficiente para a cidade grande, números de fuga e de deslumbramento.

Ele até ganhou um ou outro tapinha nas costas.

Alguns parabéns.

Mas, de vez em quando, ele também era alvo de um leve desprezo, como se não entendessem por que teria vontade de ir embora dali. Essa era uma especialidade dos homens, sobretudo os mais velhos, o rosto curtido, um dos olhos sempre cerrado contra o sol. Os comentários eram bem tendenciosos:

— Então você vai pra cidade grande, é?

— Sim, senhor.

— *Senhor?* Que porra é essa? Você ainda nem se mudou!

— Cacete, desculpa...

— Tudo bem, mas vê se não deixa eles te transformarem em um cuzão, ouviu?

— Como?

— Você me ouviu muito bem... Não deixa eles mudarem você, como acontece com todo filho da puta que vai embora daqui. Nunca se esqueça de onde veio, sacou?

— Tá.

— Ou do *que* você é.

— Tá.

Bom, Michael Dunbar certamente vinha de Featherton e era um filho da puta, potencialmente um cuzão. O problema foi que ninguém nunca disse a ele: “E não dê motivos para chamarem você de *Assassino*.”

O mundo lá fora era grande demais, e as possibilidades, infinitas.

\*\*\*

No dia em que o resultado saiu, bem na época do Natal, Abbey contou a ele que ficara esperando do lado da caixa de correio. Ele até poderia pintar a cena:

Uma imensidão de céu aberto.

A mão na cintura.

Ela torrando no sol por uns vinte minutos antes de voltar lá dentro para buscar uma cadeira de praia e um guarda-sol, mesmo a milhares de quilômetros do mar. Depois, indo buscar uma bolsa térmica e uns picolés; minha nossa, ela precisava desesperadamente dar o fora daquele lugar.

No centro da cidade, Michael arremessava tijolos para um cara em um andaime que, por sua vez, os arremessava para outro cara. Em algum lugar bem mais alto, alguém estava assentando aqueles tijolos, e um novo pub tomava forma: para mineiros, fazendeiros e menores de idade.

Na hora do almoço, ele foi para casa andando e avistou de longe o seu futuro, dobrado e quase caindo do cilindro reservado para panfletos de propagandas da caixa de correio.

Ignorando o mau agouro, ele abriu a carta. Sorriu.

Ligou para Abbey e ela atendeu ofegante, pois tinha acabado de correr para dentro de casa.

— Ainda estou esperando! Essa merda de cidade parece que faz questão de me segurar aqui durante mais uma hora ou duas, só para me castigar.

Mais tarde, porém, quando ele já tinha voltado ao trabalho, ela apareceu por lá e parou atrás dele. Michael olhou para trás, largou os tijolos, um de cada lado, e se virou para encará-la.

— E aí?

Ela assentiu.

Ela soltou uma risada, e ele também, até que uma voz veio lá de cima e pousou entre eles.

— Ô Dunbar, seu pirralho! Manda a porra do tijolo, caralho!

Abbey gritou de volta, na lata:

— Poesia!

Abriu um sorriso e partiu.

Semanas depois, *eles* partiram.

\*\*\*

Sim, eles fizeram as malas e se mudaram para a cidade grande, e como posso resumir aqueles quatro anos de uma aparente felicidade idílica? Se Penny Dunbar era muito boa em usar a parte para contar o todo, essas partes não passavam disto: meros fragmentos e momentos efêmeros.

Viajaram onze horas de carro, até que avistaram o horizonte da cidade.

Pararam no acostamento para admirar toda a sua extensão, e Abbey subiu no capô.

Continuaram dirigindo até que se viram dentro dela, e parte dela, a garota correndo atrás de seu diploma em administração, enquanto Michael pintava e esculpia, pensando para se manter entre os gênios que o cercavam.

Ambos tinham trabalhos de meio expediente:

Uma era garçonete numa boate.

O outro trabalhava na construção civil.

À noite, se atiravam na cama, e um no outro.

Eram duas peças que se encaixavam.

Estação após estação.

Ano após ano.

De quando em vez, passavam a tarde na praia comendo peixe frito com batatas e observando as gaivotas surgirem como em um passe de magia, como coelhos

saindo da cartola. Sentiam a miríade de brisas do mar, cada qual sempre diferente da anterior, e o peso do calor e da umidade. Às vezes, permaneciam sentados enquanto uma gigantesca nuvem preta acimava o horizonte, como uma nave-mãe, então saíam correndo com a chegada da chuva. Era uma chuva que se assemelhava à própria cidade, com seu vento sul noturno que varria o litoral.

Também havia efemérides e aniversários; em uma dessas datas em especial, ela o presenteou com um livro — uma linda edição em capa dura com letras douradas — chamado *O marmoreiro*, e Michael varou as madrugadas lendo, noite após noite, enquanto ela dormia deitada em suas pernas. Antes de fechar, ele sempre voltava ao início, à página com a minibiografia do autor, na qual, logo abaixo, bem no meio da folha, ela escrevera:

*Para Michael Dunbar, o único homem  
que eu amo, e amo, e amo.  
Com carinho, Abbey*

Pouco depois, é claro, houve o momento de voltar à cidade natal para se casarem, em um dia tranquilo de primavera, com os corvos crocitando do lado de fora da igreja como piratas em terra firme:

A mãe de Abbey chorava de alegria na primeira fileira.

Seu pai trocara a costumeira camiseta puída de trabalho por um terno.

Adelle Dunbar estava sentada ao lado do bom doutor, olhos marejados por trás dos óculos novinhos em folha, de armação azul.

Houve Abbey chorando, toda molhada, vestido branco e fumaça.

Houve Michael Dunbar, o jovem, carregando-a no colo para o sol que brilhava lá fora.

Houve a viagem de volta dias depois, e a parada no meio do caminho, no ponto onde o rio era uma coisa extraordinária, delirante, com uma correnteza violenta — um rio com um nome estranho, mas que eles amavam: Amahnu.

Houve o momento de ficarem deitados ali, sob a árvore, o cabelo dela fazendo cócegas nele, e ele fazendo questão de não afastá-lo, jamais, e Abbey dizendo que adoraria voltar àquele lugar, e Michael afirmando:

— Claro, vamos trabalhar, juntar dinheiro e construir uma casa, para voltar aqui sempre que quisermos.

Houve Abbey e Michael Dunbar:

Dois dos filhos da puta mais felizes que já tiveram a audácia de deixar a cidade.

Sem saber tudo que estava por vir.

## o sono exagerado

A NOITE FOI longa e, com os pensamentos de Clay, escandalosa.

Em determinado momento, ele se levantou para ir ao banheiro e topou com o Assassino, quase engolido pelo sofá. Soterrado por livros e diagramas.

Ficou de pé ao lado dele por um tempo.

Olhou para os livros e as plantas baixas no peito do Assassino. Parecia que a ponte era seu cobertor.

Então chegou a manhã — uma manhã que de manhã não tinha nada, pois eram duas da tarde quando Clay despertou no susto, o sol agarrado em seu pescoço como Heitor, uma imensa presença no quarto.

Levantou-se mortificado; cambaleou. Não, não. Onde está ele? Apressado, foi aos tropeços até a porta da frente, saiu de casa e parou na varanda, de pijama. Como pude dormir tanto?

— Olá.

O Assassino o observava.

Tinha acabado de chegar pela lateral do terreno.

\*\*\*

Clay se vestiu, e então os dois se sentaram à mesa da cozinha; dessa vez, ele comeu. O relógio preto e branco do fogão antigo mal tinha acabado de passar das 2:11 para 2:12, e Clay já estava terminando de comer algumas fatias de pão e um



bom punhado de ovos assassinos.

— Coma mais. Você vai precisar de muita força.

— O quê?

O Assassino continuou mastigando, parado ali, sentado de frente para ele.

Será que estava omitindo alguma coisa de Clay?

Sim.

Gritos durante a manhã inteira.

Enquanto dormia, ele gritou o meu nome.

\*\*\*

Um sono exagerado, e já fiquei para trás.

Esse era o pensamento que não saía da cabeça de Clay enquanto comia a contragosto — e decidiu que faria de tudo para se livrar daquilo.

Pão e palavras.

— Não vai acontecer de novo.

— O quê?

— Nunca durmo tanto assim. Na verdade, mal durmo.

Michael sorriu; sim, ele era mesmo o Michael. Será que o sangue vital do passado estava voltando a correr em suas veias? Ou era só impressão?

— Está tudo bem, Clay.

— Mas não... ah... meu Deus!

Ele deu um pulo da cadeira, levando a mesa junto com o joelho.

— Clay... por favor...

Pela primeira vez, meu irmão observou o rosto diante de si. Era uma versão mais velha de mim, mas sem o fogo nos olhos. No entanto, o resto, desde o cabelo

preto até o próprio cansaço, era igual.

Então, Clay afastou a cadeira, dessa vez como manda a educação, mas o Assassino estendeu a mão, pedindo:

— Espera.

Clay, contudo, estava pronto para sair, e não só da cozinha.

— Não — falou. — Eu...

Outra vez a mão. Calejada e gasta. Mãos de trabalhador. Acenou, como se quisesse espantar uma mosca de um bolo de aniversário.

— Shh. O que você acha que vai encontrar lá fora?

Ou seja:

O que foi que trouxe você aqui?

Tudo que Clay conseguia ouvir eram os insetos. A nota única.

E então o pensamento de algo grandioso.

Levantou-se, debruçando-se na mesa. Mentiou, dizendo:

— Não há nada lá fora.

O Assassino não engoliu aquilo.

— Não, Clay, essa coisa trouxe você até aqui, mas você está com medo, então é mais fácil ficar aí sentado e discutir comigo.

O garoto se empertigou.

— De que merda você está falando?

— Só estou dizendo que está tudo bem... — A voz de Michael morreu enquanto ele analisava com atenção um garoto que não conseguia tocar ou alcançar. — Não sei bem quanto tempo você passou lá fora, entre aquelas árvores, mas se saiu de lá para vir até aqui, deve ter sido por um bom motivo...

Meu Deus.

O pensamento invadiu a casa junto com o calor.

Ele me viu. A tarde inteira.

E então:

— Fica aí — pediu o Assassino — e come mais um pouco. Porque amanhã eu tenho que te mostrar... Tem uma coisa que você precisa ver.

# zátpek

A RESPEITO DE Michael e Abbey Dunbar, talvez tenha chegado a hora de nos perguntarmos:

O que havia entre eles era felicidade genuína?

Qual era a verdade?

A mais pura verdade?

Vamos começar com as obras de arte.

Não havia dúvidas de que ele pintava bem, lindamente até; conseguia capturar um rosto, tinha um olhar apurado. Era capaz de desenvolver seus temas no papel ou na tela, mas a verdade é que ele sabia muito bem: fazia o dobro de esforço de todos os outros estudantes, que ainda produziam mais rápido. E seu talento se restringia a uma única área, à qual ele se agarrava com unhas e dentes.

Ele era bom em retratar Abbey.

\*\*\*

Inúmeras vezes, chegou bem perto de desistir da graduação em belas-artes.

A única coisa que o impedia era a ideia de ter que ir até ela e admitir o fracasso. Então ele continuou. Sobreviveu aos trancos e barrancos, valendo-se de bons trabalhos teóricos e arroubos de brilhantismo sempre que a incluía em alguma obra, mesmo que em apenas um detalhe. Alguém sempre olhava e dizia: “Puxa, gostei *desta* parte aqui.” A paciência e a inspiração eram só para ela.

Em seu trabalho de conclusão de curso, encontrou uma porta abandonada e pintou Abbey na madeira, dos dois lados. Em um painel, ela estendia a mão para a maçaneta; no outro, estava indo embora. Entrava como adolescente; a menina com uniforme escolar, macia, apesar de magricela, e o cabelo infinito. Na parte de trás, ela ia embora — salto alto, cabelo curto, uma mulher de negócios —, virando o rosto para trás, espiando tudo que acontecera entre os dois momentos. Ao receber a avaliação final, ele já sabia o que estaria escrito antes mesmo de ler. E acertou:

*O conceito da porta é bem clichê.*

*Proficiência na técnica, porém nada além disso. Admito, contudo, que a mulher me intriga.*

*Quero saber o que aconteceu entre os dois momentos.*

O que quer que houvesse no mundo entre as duas imagens, dava para saber de antemão que, do outro lado, a mulher ficaria bem — e, sobretudo, que ficaria sem ele, o que de fato acabou acontecendo.

\*\*\*

Quando voltaram para a cidade, casados, alugaram uma casinha na rua Pepper. Número 37. Abbey arrumou um trabalho no banco — o primeiro cargo a que se candidatou; Michael trabalhava como ajudante de obra e continuava pintando na garagem.

As rachaduras começaram a aparecer com uma rapidez surpreendente.

Não levou nem um ano.

Algumas questões foram ficando cada vez mais óbvias — por exemplo, que todas as ideias sempre partiam dela:

A casa alugada, os pratos com bordas pretas.

Iam ao cinema quando ela sugeria, nunca ele, e enquanto o diploma alavancara a carreira dela de imediato, ele permanecia onde sempre estivera, batendo laje; parecia que ela tinha fome de viver, enquanto ele apenas vivia. No início, o fim começou assim:

Era noite.

Na cama.

Ela suspirou.

Ele levantou a cabeça e a encarou.

— O que houve?

Ela respondeu:

— Assim não.

A partir daí a coisa foi de “Então me mostra” para “Eu não tenho mais o que te ensinar”; de “Como assim?” para ela se levantando e dizendo “Eu não posso mais ficar te ensinando tudo, não posso ficar te carregando nas costas. Você precisa aprender sozinho”.

Michael ficou abismado com a calma dela ao desferir cada golpe, na escuridão que entrava pela janela.

— Durante todo esse tempo em que estamos juntos, acho que você nunca chegou a... — Ela hesitou.

— O quê?

Ela engoliu em seco, a menor das preparações.

— Nunca chegou a tomar a iniciativa.

— Iniciativa? Iniciativa pra quê?

— Não sei... Pra tudo... Onde morar, o que fazer, o que comer, quando, onde e como nós...

— Meu Deus, eu...

Ela ficou ainda mais ereta.

— Você nunca me seduz. Nunca passa a sensação de que *precisa* me ter, a qualquer custo. Se dependesse de você, eu me sentiria sempre...

Ele preferia não saber.

— Você se sentiria... como?

Em um tom ligeiramente mais brando:

— Como o menino que puxei pro chão do meu quarto, ainda na casa dos meus pais...

— Eu...

Mas não saiu mais nada.

Só eu.

Eu e o nada.

Eu e o abismo, e as roupas penduradas em uma cadeira... e Abbey ainda não tinha terminado.

— E talvez todo o resto também, como eu disse...

— Todo o resto?

Naquele momento, o quarto parecia uma costura prestes a rasgar.

— Não sei. — Ela se empertigou ainda mais, tomando coragem. — Se não fosse por mim, talvez você nunca tivesse saído de casa. Talvez você estivesse lá até hoje, com aqueles capiaus de regata, fazendo faxina naquela merda de consultório e atirando tijolos para outros caras que atiram tijolos para outros caras.

Sentiu o coração ser corroído pela escuridão.

— Eu fui bater na sua porta.

— Só quando a cachorra morreu.

O golpe o acertou em cheio.

— Esse tempo todo você só estava esperando para me tratar como um viralata?

(Tenho certeza de que esse trocadilho não foi intencional.)

— Claro que não. Saiu sem querer. — Ela cruzou os braços, mas sem chegar a se cobrir, e estava tão linda e nua, com as clavículas tão pronunciadas. — Mas talvez eu sempre tivesse guardado isso dentro de mim.

— Você tinha ciúme da cachorra?

— Não! — Mais uma vez, a questão principal escapava a Michael. — É só que... é impossível não me perguntar por que você levou *meses* para bater na minha porta depois de passar tanto tempo só parado em frente à minha casa, olhando, esperando! Na esperança de que eu fosse fazer isso por você... que eu fosse correr atrás de você pela rua.

— Você nunca fez isso.

— Claro que não... Eu não poderia fazer isso. — Ela não sabia para onde olhar, então acabou olhando para o nada atrás dele. — Meu Deus, você não entende, né?

Esse comentário foi o último prego no caixão — uma verdade tão serena e tão brutal. O esforço consumiu todas as energias dela, mesmo que por um momento, e ela voltou a se deitar ao lado dele; sua bochecha parecia pedra contra o pescoço dele.

— Sinto muito — disse ela. — Muito mesmo.

Contudo, sabe-se lá por quê, ele persistiu.

Talvez quisesse abraçar a derrota vindoura.

— Me fala.

O gosto na voz dele. Era seco e arenoso, como se tivessem atirado *nele* todos



aqueles tijolos, enfiado goela abaixo, um por um.

— Só me fala o que posso fazer para consertar as coisas.

De repente, o ato de respirar se tornou uma modalidade olímpica, e onde estava Emil Zátopek quando Michael precisava dele? Por que não tinha treinado como aquele tcheco insano? Um atleta com aquele nível de resistência certamente suportaria bem um dia como aquele.

Já Michael...

Outra vez.

— Me fala o que fazer, e eu vou consertar tudo.

— Não dá.

A voz de Abbey estava na horizontal, largando as palavras sobre o peito dele. Sem ansiedade, sem dificuldade.

Sem a menor vontade de consertar ou ser consertada.

— Talvez não haja *mesmo* nada a fazer — constatou. — Talvez seja isso. — Ela chegou a um ponto final, depois retomou: — Talvez nós não sejamos... uma boa combinação, ao contrário do que acreditávamos.

Ele suspirou, o último suspiro.

— Mas eu te... — sua voz engasgou na garganta — ... tanto.

— Eu sei. — Havia tanta pena na voz dela, mas era irreduzível. — Eu também, mas talvez não seja o bastante.

Se ela tivesse usado uma agulha para desferir o golpe final, ele teria sangrado na cama até a morte.

## **o amahnu**

APÓS DORMIR TANTO durante o dia, a noite foi tão terrível e agitada quanto a anterior. Olhou o conteúdo da caixa de madeira e pensou na varanda daquela manhã:

O leite respingando corrimão.

A jugular pulsando no meu pescoço.

Ele viu Aquiles e Tommy e Rory.

E Carey.

É óbvio que pensou em Carey, e no sábado, e se perguntou se ela iria às Cercanias mesmo que ele não estivesse lá. Daria tudo para saber, mas nunca perguntaria a ela, então parou de repente ao se dar conta de uma coisa, uma última e intensa descoberta.

Levantou-se e se debruçou na escrivaninha.

Você se foi, pensou ele.

Você foi embora.

\*\*\*

Pouco depois do nascer do sol, o Assassino também já estava acordado, e eles foram caminhar pelo rio; saindo da casa, seguiram pelo leito como se fosse uma estrada.

Primeiro havia uma boa inclinação, e o terreno começou a se elevar.

No entanto, horas depois, eles escalavam gigantescos rochedos áridos, segurando-se em troncos de carvalho e eucalipto. Fosse íngreme ou gradual, uma coisa nunca mudou ao longo da subida: o poder estava sempre evidente. As margens tinham marcas. Havia um histórico claro de escombros.

— Olha só pra isso — disse o Assassino.

Estavam em um trecho de vegetação densa; o sol, bem acima das sombras, despejava raios em várias direções, os feixes de luz como degraus. Ele estava com um dos pés apoiado numa raiz desgarrada. Uma capa de musgo e folhagem.

E mais essa agora, pensou Clay.

Estava diante de uma pedra imensa, que aparentava ter sido arrastada.

A caminhada tomou mais da metade do dia, e eles pararam para almoçar em uma imensa saliência de granito. Ficaram observando os maciços montanhosos ao redor.

O Assassino abriu a mochila.

Água. Pão e laranjas. Queijo e chocolate amargo. Tudo foi passado de mão em mão, mas palavras mesmo eles quase não trocaram. No entanto, Clay tinha certeza de que estavam pensando na mesma coisa — no rio e em suas demonstrações de força.

Então é isso que nós temos que enfrentar.

\*\*\*

Ao longo da tarde, eles desceram a trilha de volta. Aqui e ali, a mão de um surgia para ajudar o outro no caminho, e, quando chegaram ao escuro do leito do rio, pouco havia sido dito.

Mas aquele era o momento, com certeza.

Se havia uma hora para começar, só poderia ser aquela.

Mas não.

Não era mesmo:

Ainda havia perguntas demais, lembranças demais — no entanto, um deles teria que dar o braço a torcer; e não poderia ter sido diferente, foi o Assassino. Se alguém deveria estabelecer uma relação de parceria ali, esse alguém era ele. Depois de percorrerem muitos quilômetros juntos, ele olhou para o filho e perguntou:

— Você quer construir uma ponte?

Clay assentiu, mas desviou o olhar.

— Obrigado.

— Por quê?

— Por ter vindo.

— Não foi por sua causa que eu vim.

Laços de família, à moda de Clay.

## uma galeria de abbeyes

DE MUITAS MANEIRAS, acho que é verdade o que dizem: até os momentos ruins são cheios de bons momentos (e ótimos momentos), e com o fim deles não poderia ser diferente. Ainda havia as manhãs de domingo, quando ela pedia que ele lesse para ela na cama e o beijava com seu hálito matinal, e tudo que Michael podia fazer era se render. Com prazer, lia para ela *O marmoreiro*. Primeiro, corria o dedo pelo relevo do título na capa.

Ela perguntava:

— Qual é mesmo o nome do lugar onde ele aprendeu sobre mármore e rochas?

Baixinho, ele respondia.

A cidade era Settignano.

Ou então:

— Lê mais uma vez o que ele fala sobre os *Escravos*.

Página 265:

— “Eram selvagens e retorcidos, antiquados e incompletos, mas nem por isso deixavam de ser colossais, monumentais, e parecia que sempre insistiriam em lutar para sempre.”

— Sempre para sempre? — Ela rolava para cima dele e beijava sua barriga; sempre amou aquela barriga. — Será que é erro de revisão?

— Não, acho que ele quis dizer isso mesmo. Devia apostar que nós acharíamos que é um erro... Imperfeito, como os *Escravos*.

- Hum. — Ela beijava e beijava, de um lado para outro, e subia até as costelas.
- Amo quando fazem isso.
- O quê?
- Lutam pelo que amam.

\*\*\*

Mas ele não conseguiu lutar por ela.

Pelo menos, não da forma como ela desejava.

Para ser justo, não havia nada de perverso em Abbey Dunbar, mas, conforme o tempo se alastrava e os bons momentos rareavam, a cada dia ficava mais claro que suas vidas tomavam rumos diferentes. Para ser mais preciso, ela estava mudando, e ele continuava o mesmo. Abbey nunca teve a intenção de atacá-lo. É só que foi ficando cada vez mais escorregadia aquela coisa de se agarrar ao relacionamento.

Em retrospecto, Michael se lembrava dos filmes. Lembrava-se das noites de sexta-feira, quando o cinema inteiro caía na gargalhada, quando *ele* caía na gargalhada, e Abbey só continuava assistindo, impassível. Então, quando o exército de frequentadores do cinema se calava, Abbey sorria de algo em particular, algo entre a tela e ela. Se ao menos ele soubesse rir quando ela ria, talvez estivessem bem até hoje...

Contudo, ele se conteve.

Aquilo era ridículo.

Cinema e pipoca de plástico não aumentam as chances de aniquilamento, né? Não, o problema era mais uma compilação: um *melhores momentos* de duas pessoas que correram o mais rápido que puderam juntas, mas acabaram definhando no fim.

\*\*\*

Às vezes, ela recebia em casa uns amigos do trabalho.

Todos tinham unhas limpas.

Tanto mulheres quanto homens.

Passavam muito longe dos canteiros de obra.

Além de tudo, Michael pintava muito na garagem, então vivia com as mãos ou empoeiradas ou manchadas de tinta. Bebia café coado, enquanto eles bebiam o da máquina.

Quanto a Abbey, seu cabelo ficava cada vez mais repicado, seu sorriso, cada vez mais comercial, e no fim das contas ela conseguiu reunir a coragem necessária para deixá-lo. Ela podia até tocar o braço dele e fazer um comentário bem-humorado, como nos velhos tempos, ou fazer uma piadinha acompanhada de uma piscadela e um sorriso para ele — mas era cada vez menos convincente. Ele sabia muito bem que, mais tarde, na hora de dormir, eles ficariam em hemisférios opostos da cama.

— Boa noite.

— Te amo.

— Também te amo.

Muitas vezes, ele se levantava.

Ia para a garagem e pintava, mas sua mão pesava uma tonelada, como se coberta de cimento. Muitas vezes, ele pegava *O marmoreiro* e lia as páginas como se fossem uma espécie de receita médica; palavra por palavra para amenizar a dor. Lia e trabalhava até os olhos arderem e uma verdade se aproximar de mansinho e envolvê-lo.

Ali estavam ele e Buonarroti.

Mas só havia um artista no recinto.

\*\*\*

Talvez se eles brigassem.

Talvez fosse isso que estava faltando.

Alguma volatilidade.

Ou talvez se ele limpasse mais a casa.

Não. A verdade era um fato puro e simples:

A vida de Abbey Dunbar havia tomado outro rumo, e atrás dela estava sempre aquele menino que ela amou um dia. Se antes ele a pintava e ela amava, isso tinha virado um mero bote salva-vidas. Ele conseguia capturar Abbey rindo enquanto lavava a louça. Ou em frente ao mar, com surfistas ao fundo caçando as ondas. Ainda eram belas, as pinturas, esplêndidas, mas se antes eram compostas apenas de amor, se tornaram à base de amor e carência. Nostalgia; amor e perda.

\*\*\*

Então um dia ela parou no meio de uma frase.

Sussurrou:

— É uma pena... — A quase tranquilidade suburbana. — É mesmo uma pena, porque...

— O quê?

Como vinha se tornando cada vez mais comum, ele não queria ouvir e deu as costas para a resposta. Estava em frente à pia da cozinha.

Ela disse:



— Acho que você ama mais a Abbey das suas pinturas... A Abbey que você pinta é melhor do que eu sou de verdade.

O sol cintilava.

— Não diga isso. — Naquele instante, ele morreu, teve certeza disso. A água ficou cinza, como se estivesse nublada. — Nunca mais diga isso de novo.

\*\*\*

Quando finalmente acabou, ela deu a notícia na garagem.

Ele ficou parado, com o pincel na mão.

Ela já estava de malas feitas.

Ele podia ficar com todas as pinturas.

Ela ouviu as perguntas inúteis dele com uma expressão de quem pedia desculpas. Por quê? Era outro? Será que a igreja, a cidade, será que tudo não significava nada?

Mas mesmo naquele momento, quando a fúria deveria ter destronado a razão, a única coisa que ficou pendurada nas vigas do teto foram fiapos de tristeza. Balançaram e oscilaram como teias de aranha, tão frágeis e, ao que parecia, sem peso algum.

Atrás dele, uma galeria de Abbeys assistia à cena:

Ela gargalhava, ela dançava, ela o absolvía. Bebia e comia e se abria, nua, na cama; enquanto isso, a mulher diante dele — a que não era uma pintura — explicava. Não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer. Um minuto inteiro de desculpas. Por tudo e qualquer coisa.

E o penúltimo apelo saiu em forma de pergunta.

— Ele está te esperando lá fora?

Abbey fechou os olhos.

E o último, quase como um reflexo, foi assim:

No banquinho ao lado do cavalete estava *O marmoreiro*, com a capa virada para baixo. Ele pegou o livro e lhe ofereceu; por alguma estranha razão ela o aceitou. Talvez fosse apenas para que, anos depois, um menino e uma menina pudessem ir buscá-lo... Eles o guardariam com todo o carinho e o leriam e ficariam obcecados por ele, deitados num colchão jogado em um campo abandonado em uma cidade inteira de campos abandonados — e tudo isso viria dali.

Ela o pegou.

Segurou-o com as duas mãos.

Beijou os próprios dedos e levou os dedos beijados à capa, e estava muito triste, e ainda assim tão elegante, e o levou embora, e a porta se fechou com um estrondo depois que ela passou.

\*\*\*

E Michael?

Da garagem, ele ouviu o motor do carro.

Outro alguém.

Desabou no banquinho respingado de tinta e disse “Não” para a garota que estava por toda parte, e o motor roncou mais alto, então o som foi diminuindo até desaparecer por completo.

Ficou ali sentado durante um bom tempo, quieto e trêmulo, e, sem emitir o menor ruído, começou a chorar. Chorou suas lágrimas silenciosas e errantes rodeado pelos rostos das obras de arte — até que acabou cedendo e se deitando no chão, todo encolhido. E Abbey Dunbar, que não era mais Abbey Dunbar, o velou

durante toda a noite, em suas inúmeras formas.

## pont du gard

NOS QUATRO OU cinco dias seguintes, pai e filho estabeleceram uma rotina. Era uma parceria cuidadosa, equilibrada, talvez como dois boxeadores nos primeiros rounds. Nenhum dos dois estava disposto a correr muito risco, por medo de sofrer um nocaute. Michael era o que se expunha menos. Não queria viver outro daqueles momentos “não foi por sua causa que eu vim”. Aquilo seria ruim para todos — ou talvez só para ele.

No sábado, dia em que Clay sentia mais saudade de casa, eles desciam o leito do rio, em vez de subir, e às vezes o garoto se sentia tentado a puxar assunto.

No início, foram apenas coisas bobas.

O Assassino tinha emprego?

Quanto tempo fazia, mais ou menos, que morava ali?

Contudo, logo foi ficando mais inquisitivo, provocador:

Que droga ele estava esperando?

Quando começariam a construção?

Aquela ponte era só uma forma elaborada de procrastinar?

Lembrou-se de Carey e do velho McAndrew — de como fazer perguntas poderia acabar atrapalhando. No entanto, no caso dele, já havia um histórico.

Considerando que era um menino que amava histórias, já tinha sido melhor em fazer perguntas.

Quase toda manhã, o Assassino ia para o leito do rio.

Passava horas ali.

Então, entrava para ler, ou escrever em suas folhas soltas de papel.

Clay saía sozinho.

Às vezes subia o rio; até os imensos blocos de pedra.

Sentava-se ali e ficava, sentindo saudade de todos.

\*\*\*

Na segunda-feira, foram à cidade comprar mantimentos.

Atravessaram o leito em toda a sua secura.

Entraram na caixa vermelha que chamavam de carro.

Clay mandou uma carta para Carey e um bilhete coletivo para casa, aos cuidados de Henry. Enquanto a primeira tecia um relatório detalhado de basicamente tudo que acontecera até então, o segundo era comunicação típica de irmãos.

*Oi, Henry.*

*Aqui tá tudo bem.*

*E aí?*

*Avisa aos outros.*

*Clay*

Lembrou que Henry havia sugerido que ele comprasse um celular e pensou que, de certa forma, fazia sentido; seu bilhete parecia mais uma mensagem de texto.

Foi um drama decidir se deveria preencher o endereço do remetente, e acabou colocando só no envelope para Henry. Já no de Carey... Ele não sabia. Não queria

que ela se sentisse obrigada a responder. Ou talvez estivesse com medo de que ela não respondesse.

\*\*\*

Na quinta, tudo mudou, ou pelo menos só um pouquinho; à noite, quando Clay foi ficar com ele por livre e espontânea vontade.

Foi na sala de estar, e Michael não disse nada, só lançou ao filho um olhar cauteloso, e Clay se sentou no chão, perto da janela. Começou lendo o último dos livros dela — da generosa Cláudia Kirkby —, mas logo passou para um almanaque de pontes; aquele que lia com mais frequência. O título não era muito promissor, mas o que ele amava era o conteúdo ali dentro. *As pontes mais incríveis do mundo*.

Durante um tempo, teve dificuldade para se concentrar, mas depois de uma boa meia hora, o primeiro sorriso estampou seu rosto quando ele viu sua ponte preferida.

A Pont du Gard.

*Incrível* não era uma palavra incrível o bastante para descrever aquela ponte, que também servia de aqueduto.

Foi construída pelos romanos.

Ou pelo diabo, dependendo da versão em que você acreditasse.

Admirando as estruturas da ponte — meia dúzia de imensos arcos na base, onze na seção do meio e trinta e cinco no topo —, Clay abriu um sorriso que foi crescendo.

Quando percebeu, se recompôs.

Foi por pouco.

O Assassino quase notou.

\*\*\*

Domingo à noite, o homem encontrou Clay no leito do rio, no ponto em que cortava as duas vias da estrada. De longe mesmo, avisou:

— Preciso passar dez dias fora.

Ele tinha um trabalho, afinal.

Na mina.

Ficava a seis horas de carro dali, depois de sua antiga cidade, Featherton.

Enquanto falava, o sol poente parecia cheio de preguiça, ao longe. A sombra das árvores se alongava.

— Você pode voltar para casa durante esses dez dias ou pode ficar aqui.

Clay se levantou e fitou o horizonte.

O céu lutava com unhas e dentes, mas já começava a sangrar.

— Clay?

Então o menino se virou e deu ao pai a primeira prova de sua camaradagem, ou um pedacinho de si mesmo; contou uma verdade.

— Não posso ir para casa. — Ainda era cedo demais para tentar isso. — Não posso voltar. Ainda não.

A resposta de Michael foi tirar algo do bolso.

Era um panfleto de imobiliária, com fotos do terreno, da casa e de uma ponte.

— Toma — disse ele —, dá uma olhada.

A ponte era bonita. Uma construção de cavalete simples, com dormentes e vigas de madeira, que no passado unira as duas margens bem no ponto em que eles estavam.

— Ficava aqui?

Ele assentiu.

— O que achou?

Clay não viu motivo para mentir.

— Gostei.

O Assassino correu os dedos pelo cabelo ondulado. Esfregou um dos olhos.

— O rio a destruiu, pouco depois que me mudei. Quase não chove desde então.

Já faz um bom tempo que o leito está seco desse jeito.

Clay deu um passo na direção dele.

— Sobrou alguma coisa?

Michael apontou para as poucas ripas cravadas.

— Só isso?

— Só isso.

Do lado de fora, o trovão de escarlata seguia tomando o céu, uma hemorragia silenciosa.

Andaram de volta para casa.

Nos degraus da frente, o Assassino perguntou:

— É o Matthew? — Mais do que falar, ele entregou a pergunta. — Você fala muito o nome dele enquanto dorme. — Então hesitou. — Na verdade, você fala o nome de todos eles, e alguns outros. Tem uns de que eu nunca nem ouvi falar.

Carey, pensou Clay, mas então Michael disse El Matador. Perguntou:

— El Matador no quinto?

Mas chega.

Melhor não abusar da sorte.

Quando Clay olhou para ele *daquele* jeito, o Assassino compreendeu. Voltou à pergunta original.



— Matthew proibiu você de voltar para casa?

— Não, não é bem assim.

Não precisava dizer mais nada.

Michael Dunbar conhecia bem a alternativa.

— Você deve sentir saudade deles.

A raiva que sentia do pai se acendeu no peito de Clay.

Pensou em meninos, quintais e pregadores no varal.

Olhou bem nos olhos dele e disse:

— E você não?

\*\*\*

Cedo, bem cedo, por volta das três da manhã, discerniu a sombra do Assassino de pé ao lado da cama dele. Ficou se perguntando se aquilo trazia ao Assassino a mesma recordação que trazia a ele próprio, da última vez em que fizera exatamente aquilo, na horrível noite em que nos abandonara.

Primeiro, pensou que era um invasor, mas logo conseguiu enxergar. Reconheceria aquelas mãos de algoz em qualquer lugar. Ouviu a voz moribunda:

— Pont du Gard?

Silêncio, tanto silêncio.

Então ele o vira, no fim das contas.

— Essa é a sua preferida?

Clay engoliu em seco e assentiu na escuridão.

— É.

— Alguma outra?

— A de Regensburg. A Ponte do Peregrino.

— Essa tem três arcos.

— Sim.

Os pensamentos não davam trela.

— Mas e a Coathanger, você gosta?

Coathanger.

A grande ponte da cidade.

A grande ponte de casa:

Um tipo diferente de arco, de metal, que se erguia por cima da estrada.

— Eu amo.

— Por quê?

Clay semicerrou os olhos e os abriu em seguida.

Penny, pensou.

Penélope.

— Porque sim.

Por que ainda precisava de explicação?

\*\*\*

Lentamente, o Assassino recuou para o resto da casa e disse a ele:

— Até logo. — Mas então acrescentou, em um momento de esperança e impulsividade: — Conhece a lenda da Pont du Gard?

— Preciso dormir.

Porra, é claro que ele conhecia.

\*\*\*

Pela manhã, contudo, na casa vazia, ele se deteve no meio da cozinha assim que

viu — escrito com carvão grosso.

Abaixou o dedo até tocar o papel:

Pensou em Carey e pensou nos arcos, e mais uma vez foi surpreendido pela própria voz:

*Planta final da ponte: Primeiro esboço*



— Essa ponte vai ser feita de você.

# **cinco anos e um piano, e subsequente mão sobre mão**

DURANTE CINCO LONGOS anos, ele permaneceu deitado no chão daquela garagem, até que, de repente, aconteceu.

Algo fez com que se levantasse:

O piano.

Um endereço errado.

A luz comprida da tarde.

Lá veio uma mulher que trazia consigo a música e dois épicos, e o que mais ele poderia ter feito?

Em se tratando de segundas chances, Michael Dunbar não poderia ter tido mais sorte.

\*\*\*

Mas tudo bem, e o que aconteceu durante esses cinco anos?

Ele assinou os papéis, com as mãos trêmulas.

Abandonou a pintura de vez.

Ficou tentado a voltar para Featherton, mas então se lembrou da voz no escuro, e do rosto encostado em seu pescoço:

Talvez você estivesse lá até hoje.

E a humilhação.

Voltar para casa sem a garota.

“Cadê ela?”, perguntariam. “O que aconteceu?”

Não, ele nunca mais poderia voltar a morar lá. A notícia se espalharia de qualquer jeito, mas ele não queria estar lá para ouvir. Já era ruim demais ter que ouvir os próprios pensamentos.

“Como é?”

Surgiam com certa frequência, no meio do jantar ou enquanto escovava os dentes.

“Ela simplesmente *largou* ele, foi?”

“Coitado.”

“Bem, acho que todo mundo já esperava isso... Ela era selvagem, e ele era, bom... Ele nunca foi muito sagaz, não é mesmo?”

Não, era melhor continuar na cidade, naquela casa, que recendia a ela cada dia menos. Lá sempre havia trabalho. A cidade estava crescendo. Havia sempre uma ou duas cervejas para tomar, em casa, sozinho ou com Bob, Spiro e Phil — só uns caras do trabalho, que tinham esposa e filhos ou não tinham nada, como ele.

\*\*\*

Só voltava a Featherton de vez em quando para visitar a mãe. Ficava feliz ao vê-la envolvida com a tradicional gama de aventuras de cidade do interior. Banquinhas de bolo para caridade. Desfiles patrióticos. Boliche na grama com o dr. Weinrauch aos domingos. Aquilo é que era vida.

Quando deu a notícia sobre Abbey, ela não disse muita coisa.

Pegou a mão dele.

Muito provavelmente estava pensando no próprio marido, que corra em direção às chamas. Ninguém entendia por que algumas pessoas entravam e nunca mais saíam. Será que elas tinham um cadinho menos de vontade de voltar do que as outras? Pelo menos Michael Dunbar nunca teria a menor sombra de dúvida sobre o que Abbey queria.

\*\*\*

Ainda havia as pinturas, para as quais ele não conseguia nem mais olhar.

Só de olhar para a imagem dela, ele começava a imaginar.

Onde ela estaria.

Com quem estaria.

Tinha que resistir à tentação de imaginá-la em movimento, com outro homem. Um homem melhor. Bem desagradável.

Queria ser menos frívolo e poder dizer que aquelas coisas não importavam, mas seria mentira. Aquilo o atingia, mirando um ponto mais profundo, no qual ele não queria chegar.

Certa noite, uns três anos após o ocorrido, ele arrastou todas as pinturas para um canto da garagem e cobriu tudo com lençóis: uma vida por baixo dos panos. Mesmo depois de terminar, foi incapaz de resistir: deu uma última olhada atrás da cortina e passou a mão pela maior das pinturas, que a mostrava à beira da praia, com os sapatos na mão.

— Anda, vai — dizia ela. — Pega.

Mas não restara mais nada a que ele pudesse se agarrar.

Largou os lençóis outra vez.

\*\*\*

Enquanto o tempo não passava, ele foi engolido pela cidade.

Trabalhava, dirigia.

Cortava a grama; um bom rapaz, um bom inquilino.

E como é que ele ia saber?

Como é que ele ia saber que, em dois anos, o pai de uma jovem imigrante morreria no banco de um parque europeu? Como é que ia saber que ela sairia de casa em um arroubo de amor e desespero e compraria um piano, e que o instrumento acabaria sendo entregue não na casa dela, mas na dele? E que ela apareceria andando pelo meio da rua Pepper na companhia de um trio de entregadores imprestáveis?

Sob vários aspectos, ele ainda não tinha conseguido sair do chão daquela garagem, tanto que às vezes é impossível *não* imaginar:

Ele se agacha e enfim se levanta.

O som do trânsito distante — tão parecido com o do oceano — ficou para trás uns cinco anos, e eu sempre penso:

Anda, agora.

Vai logo ver a mulher e seu piano.

Se não for lá agora, nenhum de nós vai existir — os irmãos, Penny, pais e filhos —, e o que mais importa é que você tenha, construa, e que aproveite enquanto puder.

**parte quatro**  
cidades + águas + criminosos  
+  
arcos



## a pilha de clay

NAQUELA SEGUNDA-FEIRA, DEPOIS que Michael partiu ainda no escuro e Clay viu o esboço na cozinha, o garoto preparou seu café da manhã e foi para a sala de estar. As anotações, os projetos e outros papéis do Assassino estavam divididos em sete pilhas de papel na mesa de centro. Algumas eram maiores que outras, e todas tinham uma identificação no topo. Sobre cada pilha havia uma pedra, um grampeador ou uma tesoura, para que a papelada não voasse. Com calma, ele leu os títulos:

*MATERIAIS*

*MÃO DE OBRA*

*ANDAIME*

*O PLANO VELHO (PONTE DE CONCRETAGEM)*

*O PLANO NOVO (ARCOS)*

*RIO*

e

*CLAY*

Ele se sentou.

Deixou o sofá devorá-lo.

Escreveu o nome de Carey nas migalhas da torrada e pegou a pilha *ANDAIME*.

\*\*\*

Dali em diante, passou o dia todo lendo.

Não comeu ou foi ao banheiro.

Apenas leu e observou e aprendeu tudo sobre a ponte idealizada pelo pai, aquela confusão de rabiscos em carvão e lápis de ponta grossa. Em especial, O *PLANO VELHO*, cuja pilha tinha cento e treze páginas (ele contou) repletas de estimativas de gastos em madeira, técnicas e sistemas de roldanas, além de anotações que tentavam explicar por que a ponte anterior desabara.

O *PLANO NOVO* somava seis folhas ao todo — claramente redigidas na noite anterior. A primeira página da pequena pilha dizia apenas uma coisa, diversas vezes.

*PONT DU GARD.*

As seguintes estavam cheias de rascunhos e desenhos, e uma lista interminável de definições:

*Enjuntas e aduelas.*

*Arranque e cimbre.*

*Flecha e chave do arco.*

Os famosos *pegão* e *pênsil*.

Em suma, as *enjuntas* são os blocos triangulares de pedra encaixados entre os arcos e a estrutura reta acima deles, e as *aduelas*, os blocos recurvos que formam os arcos. O *arranque* é o ponto final de apoio, o encontro entre os arcos e a pilastra. Por alguma razão, a parte favorita de Clay era o *cimbre* — o molde sobre o qual os arcos são construídos, uma estrutura curva de madeira. É a peça que sustenta a ponte e que depois é removida: o primeiro teste de sobrevivência para cada arco.

\*\*\*

E então *CLAY*.

Ele não tirava os olhos dessa pilha, mesmo enquanto estudava as outras. A ideia de botar as mãos nela o empolgava, mas também o deixava reticente. No topo, uma velha chave enferrujada servia de peso, e na pilha havia apenas uma única folha.

Quando Clay finalmente terminou de ver e estudar tudo, folha por folha, já tinha anoitecido.

Ele pegou a chave e brincou com ela, e quando virou a página com o título, encontrou o seguinte:

*Clay:*

*Veja a página 49 do PLANO VELHO.*

*Boa sorte.*

*Michael Dunbar.*

Página 49.

Era o trecho que explicava a importância de cavar uma vala ao longo dos quarenta metros de extensão do rio — para trabalharem, a todo momento, em um leito de rocha firme. Como pontoneiros de primeira viagem, o papel dizia, eles deveriam ser mais meticolosos que os ditos especialistas, para não correrem riscos. Tinha até um esboço: quarenta por vinte metros.

Ele leu e releu a passagem inúmeras vezes, até decorar as medidas:

Quarenta por vinte.

E só Deus sabe a profundidade.

Eu deveria ter começado por essa pilha.

Já havia perdido um dia inteiro de trabalho.

Após uma breve investigação, Clay descobriu que a chave abria um barracão nos fundos da casa, onde encontrou a pá, recostada na bancada, à espera dele. Pegou o objeto e deu uma olhada em volta. Havia também uma picareta e um carrinho de mão.

Saiu do barracão e, sob a última luz do fim da tarde, trilhou o caminho até o leito do rio. Ao chegar lá, encontrou o local demarcado por spray laranja fluorescente. Não tinha reparado naquilo, já que passara o dia todo dentro de casa.

Quarenta por vinte, ruminou, enquanto contornava as margens.

Clay se agachava, se levantava, observava a lua que subia no céu — e logo o trabalho o chamou. Ele abriu um sorrisinho e pensou em Henry, na contagem regressiva que o irmão faria para ele.

Por mais que estivesse sozinho ali, o passado que trazia consigo convergia com o presente — em três segundos... e já. A pá se uniu ao solo.

## as vidas antes de nós

NA MARÉ DO passado Dunbar, eles se cruzaram, Michael e Penélope, e é claro que começou com o piano. Devo dizer que sempre foi um mistério para mim, esse princípio, essa sedução da felicidade duradoura. Imagino que seja assim com os pais de todo mundo — as vidas que tiveram antes de nós.

Numa tarde ensolarada aqui na cidade, empurraram o instrumento pela rua Pepper e trocaram olhares, enquanto os entregadores se exasperavam:

— Ei, camarada!

— Que é?

— Tá achando que tá num desfile de moda, é?

— Como é que é?

— *Empurra com vontade!* Pra cá, imbecil. Por *aqui*.

Um para o outro, aos sussurros:

— Nenhum salário no mundo compensa ter que aturar esse mala.

— Nem me fale!

— Vamos, *mexam-se!* A moça tá mais empenhada que vocês dois juntos.

Então para Penélope, do outro lado do dorso empertigado do piano.

— Ei, tá precisando de emprego?

Ela deu um sorrisinho.

— Não, obrigada, já tenho muitos.

— Dá pra ver. Não é que nem esses dois pesos mortos... Ei, vocês! É por *aqui*!

E ali, logo ali, ela espreitou por cima do piano, e o homem do número 37 deixou escapar um vinco de sorriso colegial, que logo tratou de guardar para si novamente.

\*\*\*

No apartamento, com o piano devidamente instalado junto à janela, Michael Dunbar não se demorou. Ela perguntou como poderia agradecer pela ajuda, se aceitaria um vinho ou uma cerveja, ou *wódka* (ela disse aquilo mesmo?), mas ele foi enfático ao recusar a oferta. Despediu-se e partiu, embora a garota tenha percebido que, quando começou a tocar, ele ficou escutando; suas primeiras notas experimentais. O piano ainda precisaria ser afinado.

Ele estava do lado de fora, entre as lixeiras.

Ela se levantou para dar uma olhadinha, mas ele já tinha sumido.

\*\*\*

Nas semanas seguintes, definitivamente *algo* estava acontecendo.

Até o dia do piano, eles nunca tinham se visto, mas agora se esbarravam por toda parte. Na fila do supermercado, com papel higiênico debaixo do braço, lá estava a jovem no caixa ao lado, com um saco de laranjas e um pacote de biscoitinhos amanteigados. Depois do expediente, no caminho para casa, ela o viu sair do carro, logo adiante.

No caso de Penélope (e ela admitia para si que era constrangedor), ela dava algumas voltas aleatórias no quarteirão só pelos segundinhos em que passava pela casa de Michael. Será que ele está na varanda? Será que a luz da cozinha está

acesa? Será que ele vai aparecer e oferecer um café, um chá ou qualquer outra coisa? O ritual fazia todo o sentido, claro, se nos lembrarmos de Michael e Lua, e das antigas caminhadas dele em Featherton com a cachorrinha. Até quando se sentava ao piano, volta e meia ela dava uma espiada. Quem sabe ele não estaria entre as lixeiras de novo?

\*\*\*

Já Michael resistia.

Não queria estar *naquela posição* novamente, em que tudo vai bem e depois não vai, em que tudo pode ir por água abaixo. Na cozinha, ele pensava em Penélope, e no piano, e nos corredores assombrados por Abbey. Ele viu os braços dessa nova mulher, e o amor nas mãos dela, ajudando a empurrar o instrumento pela rua... mas estava decidido a não ir atrás da garota.

\*\*\*

Finalmente, meses depois, em abril, Penny vestiu um jeans e uma camisa.

E lá se foi ela pela rua Pepper.

Estava escuro.

Ela se convencera de que a situação era ridícula, ela era uma mulher, não uma garotinha. Tinha viajado milhares de quilômetros para chegar ali. Já tinha mergulhado os pés no piso vinoso dos banheiros, e isso não era nada comparado àquilo. Decerto ela poderia passar pelo portão e bater à porta do homem.

Sem dúvidas.

E assim o fez.

\*\*\*

— Bom tarrde — arranhou ela. — Acho que... Não sei se você lembrar de mim.

Ele parecia solitário, bem como a luz da casa, e o espaço atrás dele, no corredor. Outra vez aquele sorriso. De pronto emergiu, mas logo se foi.

— Claro que lembro... O piano.

— Sim.

Ela estava ficando nervosa, o inglês não subia à boca; cada frase saía exatamente assim — um castigo particular. Era preciso firmar o próprio idioma no meio do caminho para só então contorná-lo. Ela deu um jeito de convidá-lo à casa dela. Ela poderia tocar piano, isto é, se é que ele gostava de piano, e tinha café e pão com passas e...

— Biscoitinhos amanteigados?

— Sim.

Por que tão tímida?

— Sim. Sim, tenho um pacote — respondeu ela.

Ele lembrava. Ele lembrava.

Ele lembrava, e, apesar de todo o autocontrole e toda a disciplina, deixou escapar o sorriso que tanto continha. Parecia até um filme de comédia, desses em que o incompetente e desafortunado recruta do exército tenta escalar uma parede e despenca do outro lado; burro e desajeitado, porém grato.

Michael Dunbar sucumbiu:

— Adoraria ouvir você tocar. Ouvi algumas notas aquele dia, quando fizeram a entrega.

Então uma pausa, uma longa pausa.



— Não quer entrar um pouco? — perguntou ele.

\*\*\*

Na casa dele havia certa amabilidade, mas também algo de enervante. Penélope não conseguia identificar muito bem o que era, porém Michael sabia. Uma vida passada, perdida.

Na cozinha, eles se apresentaram.

Ele puxou uma cadeira.

E a reparou reparando as mãos dele, ásperas e calejadas, e foi assim que tudo começou. Passaram um bom tempo, três horas ao menos, sentados à mesa, que estava toda riscada, a madeira ainda quente. Tomaram chá com leite e biscoitos, e falaram da rua Pepper e da cidade. Construções e faxina. Ele ficou surpreso com a fluidez dela, uma vez que parou de se preocupar com o inglês. Afinal, ela tinha muito o que contar:

Um novo país, e ver o oceano.

O choque e o pavor dos ventos do sul.

A certa altura, ele indagou mais sobre o lugar de onde ela tinha vindo, e a viagem até ali, e Penélope tateou o próprio rosto. Afastou uma mecha loura dos olhos, e aos poucos a maré baixou. Ela se lembrou da garota pálida que ouvia aqueles livros, lidos e relidos à exaustão; pensou em Viena e no exército de beliches ordenados. E falou muito, sobretudo do piano, e do mundo árido e gélido à janela. Falou de um homem e um bigode, e de amor sem comoção.

Em voz baixa, com muita calma, ela revelou:

— Cresci com a estátua do Stálin.

\*\*\*

Conforme a noite se estendia, eles trocaram histórias sobre as razões e os lugares de que eram feitos. Michael contou sobre Featherton — os incêndios, as minas, o som dos pássaros à beira do rio. Não mencionou Abbey, ainda não, mas ela estava lá, pairando.

Penélope, em compensação, por vezes sentia que deveria parar de falar, se preservar, mas de repente tinha muito a dizer. Quando mencionou as baratas, e o terror que infligiam, Michael riu, mas em solidariedade; em seus lábios, notava-se uma linha tênue de fascínio pelas casas feitas de papel.

Quando ela se levantou para ir embora, já passava da meia-noite. Ela pediu desculpas pelo falatório, e Michael Dunbar retrucou:

— Não.

Estavam de pé diante da pia. Ele lavava as xícaras e os pratos.

Penélope secava, e permaneceu ali.

Algo se rebelou nela, e, ao que parecia, nele também. Anos de uma suave aridez. Cidades inteiras jamais tomadas, ou vividas. E como ambos sabiam que não eram muito diretos nem decididos, havia mais uma verdade em jogo — aquele haveria de ser o grande momento:

Sem espera, sem etiqueta.

Um mar ruidoso insurgia dentro deles.

\*\*\*

Logo ficou insustentável.

Ele não aguentava mais sofrer calado, nem mais um segundo, então deu um

passo à frente, esticou o braço e arriscou, com as mãos ainda cobertas de espuma.

Ele a puxou pelo pulso, firme e calmo ao mesmo tempo.

Não entendeu muito bem como ou por quê, mas colocou a outra mão no quadril dela, e, sem pensar, a abraçou e beijou. O braço dela estava molhado, a roupa estava molhada, bem naquele pedaço da camisa — e ele puxou o pano de prato com força, e cerrou o punho.

— Meu Deus, me desculpa, eu...

E Penélope Lesciuszko deu um baita susto em Michael Dunbar.

Pegou a mão molhada dele, colocou debaixo da camisa — no mesmo pedaço, mas direto na pele — e pronunciou uma expressão do Leste.

— *Jeszcze raz.*

Em voz baixa, muito séria, quase sem sorrir, como se cozinhas fossem feitas para aquilo.

— Significa — disse ela — *de novo*.

## **o garoto de mãos ensanguentadas**

ERA SÁBADO, o período de ausência do Assassino já na metade, e Clay caminhava pela estradinha da propriedade, na escuridão da noite recém-chegada.

Seu corpo estava elástico e duro ao mesmo tempo.

As mãos, cheias de bolhas. Em carne viva.

Por dentro, ele estava prestes a se dilacerar.

Cavava sozinho desde segunda-feira.

O solo não era tão profundo quanto ele temia, porém algumas camadas davam mais trabalho que outras. Em determinados momentos, suspeitou que nunca chegaria ao fundo — até que lá estava, a tão esperada pedra.

\*\*\*

Quando terminou, já não sabia dizer que noites tinha dormido em casa e que noites tinha virado trabalhando; volta e meia, acordava no leito do rio.

Levou um tempo para entender que era sábado.

Fim de tarde, não madrugada.

E, entre a confusão mental e o delírio, com as mãos ensanguentadas, pegando fogo, ele decidiu rever a cidade, levando na bolsa apenas o essencial: a caixa, seu livro favorito sobre pontes e mais nada.

Tomou um banho e ardia, se vestiu e ardia, e assim cambaleou até a cidade. Por

uma vez hesitou, pensou em voltar, ver seu trabalho, e isso lhe bastou:

No meio da estrada, sentou, e o cenário do interior se fechou ao redor dele.

— Eu consegui.

Nada mais que duas palavras, ambas com sabor de terra.

Ficou um tempo estirado no chão — o solo pulsando, o céu estrelado. Então se forçou a andar.

# feito esquiadores no topo da montanha

NAQUELA PRIMEIRA NOITE, na rua Pepper, no número 37, ficou combinado.

Ele a acompanhou de volta e disse que no sábado, às quatro da tarde, passaria na casa dela.

A rua estava escura e vazia.

Nada mais foi dito.

Quando o sábado chegou, ele apareceu de barba feita e com margaridas.

Demorou um pouco até ela tocar piano e, quando tocou, Michael ficou ao seu lado, o dedo pousado na última tecla da direita.

Ela assentiu, para que ele a apertasse.

Acontece que a nota mais alta de um piano é instável.

Se você não apertar forte o bastante, ou do jeito certo, não sai nada.

— De novo — disse ela, e sorriu, nervosa, e ele sorriu também, nervoso, e dessa vez deu certo.

Como um tapinha na mão de Mozart.

Ou no pulso de Chopin ou Bach.

E dessa vez foi ela:

Havia hesitação e constrangimento, mas ela lhe deu um beijo na nuca, bem de leve, bem suave.

E então comeram os biscoitinhos amanteigados.

Até não sobrar nenhum.

\*\*\*

Quando penso nisso hoje, recapitulo tudo que me disseram, e especialmente tudo que disseram a Clay, e me pergunto o que é mais importante.

Imagino que tenha sido o seguinte:

Durante seis ou sete semanas, eles se viram, alternando pontos de encontro, pra lá e pra cá na rua Pepper. A todo instante, Michael Dunbar tinha a impressão de que algo estava brotando em meio à novidade e ao cabelo louro de Penélope. Quando a beijava, sentia o gosto da Europa, mas também o gosto da ausência de Abbey. Quando se levantava para ir embora e ela apertava suas mãos, Michael sentia o toque de um refugiado, e era ela, mas também ele.

\*\*\*

Finalmente, ele contou a ela, nos degraus do número 37.

Era domingo de manhã, um dia cinza e ameno, e os degraus estavam frios — e ele já tinha sido casado, e se divorciado; o nome dela era Abbey Dunbar. Ele ficou prostrado no chão da garagem.

Passaram um carro e uma garota de bicicleta.

Ele contou que ficou arrasado, seguiu em frente, aguentou firme, sozinho. Contou que queria ter ido ao encontro dela muito antes. Queria, mas não foi capaz. Não poderia arriscar uma queda como aquela de novo, não mais.

É curioso ver como se desenrolam as confissões:

Admitimos quase tudo, e é o quase que conta.

No caso de Michael Dunbar, duas coisas foram deixadas de fora.

Em primeiro lugar, ele simplesmente não admitiu que também era capaz de produzir algo próximo à beleza — as pinturas.

Além disso, como extensão do primeiro item, ele não revelou que, no fundo, nos recônditos mais obscuros de sua alma, seu maior medo não era ser deixado novamente, mas condenar alguém a ser o segundo melhor, a ficar em uma posição inferior. Era assim que ele se sentia em relação a Abbey e à vida que um dia tivera e perdera.

\*\*\*

Mas até aí, que escolha ele tinha?

Aquele era um mundo onde a lógica era desafiada por entregadores de piano briguentos e desajeitados. Onde o destino poderia bater à porta, ao mesmo tempo pálido e corado. Por Deus, até *Stálin* estava envolvido. Como ele poderia dizer não?

Há quem diga que não nos cabe tomar decisões. Talvez seja verdade.

Achamos que estamos no controle, mas não estamos.

Damos voltas na vizinhança.

Passamos por certa porta.

Quando apertamos uma tecla de piano e não sai nada, apertamos de novo, porque temos que apertar. Precisamos ouvir *algo* e esperamos que não seja um erro...

Para começo de conversa, não era nem para Penélope estar ali.

Não era para nosso pai ter se divorciado.

Mas lá estavam, seguindo em frente, dando o melhor de si rumo a uma linha de chegada. Esperaram a contagem regressiva, feito esquiadores no topo da



montanha, e pressionaram a tecla na hora do *já*. O resto é história.

## o tradicionalista

NA ESTAÇÃO SILVER, ele viu o brilho do trem noturno que se aproximava.

De longe, parecia uma tocha mágica se movendo em câmera lenta.

Por dentro, era o paraíso.

O vento estava fresco, e o assento, quentinho.

O coração dele era uma engrenagem com defeito.

Os pulmões, feitos de cera.

Ele se deitou e dormiu.

\*\*\*

O trem parou na cidade pouco depois das cinco da manhã de domingo.

— Ei, garoto. *Garoto!* Chegamos — avisou um homem, que o sacudia para acordá-lo.

Clay levou um susto, mas se levantou, e, apesar de tudo — da enxaqueca colossal, da dor lancinante ao pegar a mala —, o chamado era inconfundível.

Ele sentiu o fulgor do lar.

Em sua cabeça, já estava lá, assistindo ao mundo contido na rua Archer; estava no telhado, via a casa de Carey. Se olhasse para trás, encontraria as Cercanias. Clay já ouvia, inclusive, o filme passando na TV da nossa sala de estar — mas não. Ele não poderia passar por lá, muito menos naquele estado. Precisava esquecer que aquele lugar existia.

A rua Archer teria que esperar mais um pouco.

\*\*\*

Em vez disso, saiu andando.

Percebeu que, quanto mais se movia, menos doía, então se arrastou pela cidade, pela rua Hickson, até chegar debaixo da ponte, onde parou e descansou um pouco, encostado na estrutura inclinada. Os trens chacoalhando acima, o porto tão azul que ele mal conseguia olhar, os rebites enfileirados acima da cabeça dele, o grande arco cinzento que se estendia até o infinito.

Não era à toa que aquela era a ponte preferida dele. Ali ele ficou, recostado, e custou a ir embora.

\*\*\*

À tarde ele finalmente conseguiu sair dali, percorrendo as curvas do terminal de balsas da cidade, o Circular Quay, passando por palhaços, um guitarrista, além dos tradicionais didgeridus.

O pessoal da balsa de Manly acenou para ele.

O cheiro de batata frita quase foi sua ruína.

Ele pegou o trem, fez baldeação em Town Hall, contou as paradas e seguiu a pé. Teria rastejado, se fosse preciso. Ao menos a um lugar aonde poderia ir.

Quando chegou lá, no topo da colina, pela primeira vez em muito tempo, prestou a devida atenção à lápide:

*PENÉLOPE DUNBAR*  
*UMA MULHER DE MUITOS NOMES:*

*a Rainha dos Erros, a Garota do Aniversário, a Noiva do Nariz Quebrado e Penny*

\*\*\*\*

*MUITO AMADA POR TODOS, MAS EM ESPECIAL PELOS GAROTOS DUNBAR*

Enquanto lia, ele se agachou.

Sorriu com a última linha e se deitou. Nosso irmão ficou ali sozinho um bom tempo, o rosto colado na terra, e chorou em silêncio, por quase uma hora.

Volta e meia penso nisso, em como queria ter estado lá com ele. Como aquele que logo lhe daria uma surra, o derrubaria e o puniria por seus pecados, lamento por não saber de tudo na época.

Eu teria tomado aquele menino nos braços e falado bem baixinho.

Eu teria dito: Clay, vem pra casa.

## pintura no piano

LOGO ELES SE casariam.

Penélope Lesciuszko e Michael Dunbar.

Em termos de tempo, levou aproximadamente um ano e sete meses.

Em outros termos, mais difíceis de medir, levou uma garagem repleta de retratos e uma pintura no piano.

Foi uma curva à direita e uma colisão.

E uma figura — a geometria do sangue.

\*\*\*

Esse período costuma vir em lampejos.

O tempo reduzido a momentos.

Por vezes, são momentos muito dispersos — como o inverno, e ela aprendendo a dirigir. Ou setembro, e as horas preenchidas por música. Há todo um novembro de esforços desastrosos dele para tentar aprender a língua dela, e então dezembro e depois fevereiro chegando a abril, e algumas visitas à cidade em que ele cresceu, e o suor e o calor vigoroso do local.

Claro, havia os filmes (e ele não ficava de olho para ver se ela ria ou não de suas partes preferidas), e a paixão que ela desenvolveu por eles — possivelmente os melhores professores de inglês que teve. Ela gravava os filmes que passavam na TV para praticar: um catálogo da década de 1980, de *E.T.: O Extraterrestre* a *Entre*

*Dois Amores, de Amadeus a Atração Fatal.*

Havia a leitura contínua da *Iliada* e da *Odisseia*. Partidas de críquete na TV. (Como era possível uma coisa daquelas durar *cinco dias inteiros*?) E incontáveis passeios de balsa por aquela água salgada reluzente e de ondinhas brancas.

Também havia turbilhões de dúvidas quando ele desaparecia, ia a algum lugar, resguardando-se com todas as forças dentro de si. O terreno interno da ausência de Abbey novamente; um cenário tão vasto quanto árido. Ela o chamava pelo nome, mesmo estando ao lado dele:

— Michael. *Michael*?

Ele levava um susto.

— *Que foi?*

Eles pisavam nos limites da raiva, em brechas de pequenas irritações, ambos ensaiando para ir mais fundo. Mas, assim que ele pensava em dizer: “Não venha atrás de mim, não insista”, pousava a mão no braço dela. E assim, com o passar dos meses, os medos dela foram apaziguados.

\*\*\*

De vez em quando, contudo, os momentos se estendem.

Param, desdobrando-se por completo.

Para Clay, esses eram os momentos que Penny descrevera nos últimos meses de vida — quando estava sob o efeito da morfina, ardendo de febre e desesperada para contar tudo direito. Dois foram mais memoráveis, ambos passados na mesma data, com exatos doze meses de intervalo.

Penélope se referia a eles por títulos:

*A noite em que ele finalmente me mostrou.*

*E Pintura no piano.*

\*\*\*

O dia era 23 de dezembro, antevéspera de Natal.

No primeiro ano, jantaram juntos na cozinha de Michael e, assim que acabaram, ele se virou para ela e murmurou:

— Vem cá. Vou te mostrar.

Os dois saíram da casa e foram até a garagem.

Era estranho como, em tantos meses, ela nunca pisara naquele lugar. Em vez de entrar pela porta lateral, por dentro da casa, ele abriu o portão automático, que fez o estrondo de um trem.

Quando ele acendeu a luz e removeu os lençóis, Penny ficou estupefata — envoltas por grãos flutuantes de pó havia inúmeras telas, todas esticadas sobre chassis de madeira. Algumas eram enormes. Outras, do tamanho de um bloco de papel. Em cada uma delas estava Abbey, e às vezes ela era uma mulher, às vezes, uma garota. Ora cheia de malícia, ora com a camisa abotoada até o pescoço. O cabelo batendo na cintura, as corredeiras de madeixas amparadas pelos braços, ou cortadas na altura dos ombros. Em todas as obras, contudo, ela era uma força vital cuja ausência não perdurava por muito tempo. Penélope se deu conta de que qualquer pessoa que visse aqueles quadros saberia que o autor sentia muito mais do que sugeria nos retratos. Estava em cada pincelada diante dela e em cada pincelada omitida. Era a precisão da tela esticada, e os erros mantidos perfeitamente intactos — como o pinga de violeta no tornozelo dela, ou a orelha que pairava a um milímetro do rosto.

A perfeição não importava:

Tudo estava certo.

Em um quadro, o maior deles, no qual os pés dela afundavam na areia, Penny quase pediu emprestados os sapatos que a mulher segurava com as mãos delicadas. Enquanto ela estudava as pinturas, Michael se sentou no chão e se recostou na parede, e quando Penny viu tudo que lhe cabia ver, se sentou ao lado dele, joelhos e cotovelos se roçando.

— Abbey Dunbar? — perguntou.

Michael fez que sim.

— Antes Abbey Hanley, agora não faço ideia.

Ela sentiu o coração quase sair pela boca e, devagar, o forçou a voltar para o lugar.

— Me desculpa... — Ele mal conseguia reunir forças para falar. — Por não ter mostrado antes...

— Você sabe pintar?

— Sabia. Não sei mais.

Seu primeiro instinto foi medir o que pensaria ou faria a seguir — mas depois se recusou veementemente. Não pediria para ser pintada; não, jamais competiria com aquela mulher, e agora passava a mão pelo cabelo dele.

— Não quero que você me pinte, jamais. — Ainda um pouco desnorteada, ela se recompôs e tomou coragem. — Tente fazer alguma outra coisa...

Aquela era uma memória que Clay guardava com carinho, pois foi difícil para ela contar tudo (a morte foi uma motivação e tanto); Penny contou como Michael se aproximou, e ela o conduziu diretamente ao ponto onde Abbey o deixara, onde outrora ele estivera largado, arrasado, no chão.

“Eu disse a ele...”, relatara ela, já definhando. “Eu disse: *Me mostre exatamente*



*onde você estava, e ele mostrou na hora.”*

Sim, os dois foram até lá e se abraçaram e cederam e se bateram e brigaram e escorraçaram tudo que não desejavam. Havia a respiração dela, o som dela, e uma enchente do que se tornaram; assim ficaram pelo tempo que se fez necessário — e entre os turnos, deitavam-se e conversavam; quase sempre Penélope falava primeiro. Ela contou que fora uma criança solitária e que queria pelo menos cinco filhos, e Michael disse que tudo bem. Ele até brincou:

— Minha nossa, só espero que a gente não tenha cinco meninos!

Deveria ter sido mais cuidadoso.

— Vamos nos casar.

Foi ele quem disse — simplesmente saiu.

Estavam totalmente esfolados a essa altura, cobertos de hematomas; braços, cotovelos e costas.

Ele continuou.

— Vou dar um jeito de fazer o pedido. Talvez nessa mesma época, ano que vem.

E, debaixo dele, abraçou-o com força.

— Claro — respondeu, beijando-o e rolando com ele, ficando por cima.

E então, quase em silêncio, um último “de novo”.

\*\*\*

E no ano seguinte veio o segundo título.

*Pintura no piano.*

23 de dezembro.

Era segunda à noite, a luz se avermelhando do lado de fora.

O barulho dos garotos da vizinhança invadiu a casa. Estavam jogando handebol. Penélope tinha acabado de passar por eles.

Todas as segundas, ela chegava em casa por volta desse horário, pouco depois das oito e meia; fizera a última faxina do dia, em um escritório de advocacia, e naquela noite seguiu a rotina de sempre:

Entrou em casa e deixou as sacolas na porta.

Dirigiu-se ao piano e se sentou — mas daquela vez algo parecia diferente. Ela abriu a tampa e viu as palavras pintadas nas teclas, letras simples, mas muito bonitas:

P|E|N|É|L|O|P|E L|E|S|C|I|U|S|Z|K|O  
Q|U|E|R C|A|S|A|R C|O|M|I|G|O

Ele lembrou.

Ele lembrou, e ela levou as mãos à boca, e abriu um sorriso gigante, e sentiu faíscas saindo dos olhos; toda a dúvida foi levada para longe, distante já naquele momento, em que ela hesitava diante das letras. Ela não queria perturbá-las ou borrar a tinta. Por mais que estivessem secas havia horas...

Mas ela logo se resolveu.

Deixou os dedos pousarem com delicadeza no meio das palavras CASAR e COMIGO.

Ela se virou e chamou.

— Michael?

Nada de resposta, então ela saiu de casa, e os garotos já haviam ido embora, e havia apenas a cidade, o céu vermelho e a rua Pepper.

Ele estava sentado, sozinho, na entrada de sua casa.

\*\*\*

Depois, muito depois, enquanto Michael Dunbar dormia na cama de solteiro que volta e meia dividiam no apartamento dela, Penélope deixou o quarto no escuro.

Acendeu a luz da sala.

Girou o interruptor até a penumbra e se sentou ao piano. Devagar, suas mãos deslizaram, e com cuidado ela apertou as notas mais altas. De leve, mas com vontade e precisão, onde usara a tinta restante.

Ela tocou as teclas S | I | M.

# **o garoto que saiu do forno**

— NÃO ACREDITO NO que estou vendo. Achei que você só fosse dar uma adiantada no serviço.

Foi o que Michael Dunbar disse sobre a vala gigantesca cavada por um único garoto em menos de uma semana. Não deveria ficar surpreso.

— Mas como diabos você fez isso? Cavou dia e noite sem parar?

Clay olhou para baixo.

— Dormi um pouco também.

— Com a pá do lado?

O Assassino viu as mãos dele, e o garoto levantou a cabeça.

— Jesus... — disse o homem.

Quando Clay me contou essa façanha, focou mais no resultado do que no processo em si. Ele estava louco para visitar a rua Archer, e as Cercanias, mas não podia, claro; por dois motivos.

Em primeiro lugar, não estava em condições de me encarar.

Segundo, voltar e *não* me encarar seria covardia da parte dele.

Não; depois do cemitério, Clay pegou o trem de volta para a estação Silver e passou alguns dias se recuperando. Não havia um pedaço dele que não estivesse doendo. No entanto, as mãos cheias de bolhas eram a pior parte, e ele dormia,

passava noites em claro, e esperava.

\*\*\*

Quando o Assassino voltou, estacionou o carro do outro lado do rio, entre as árvores.

Desceu a margem e parou no fundo do fosso cavado.

Dos dois lados, havia ondas gigantescas de pedregulhos e de terra.

Ele observou a vala e balançou a cabeça, incrédulo, então se voltou para a casa. Lá dentro, procurou Clay e o fuzilou com o olhar; suspirou, relaxou os ombros e balançou a cabeça mais uma vez, entre o choque e a decepção. E finalmente pensou em algo para dizer:

— Tenho que admitir, garoto... Você tem coragem.

Clay não se conteve.

Aquelas palavras.

Elas iam e vinham sem parar, e agora Rory estava na cozinha, como se tivesse saído do forno, direto do parque Bernborough, da lendária marca dos trezentos metros:

Tenho que admitir, garoto...

Exatamente as mesmas palavras que Rory dissera a ele.

E Clay não conseguiu se conter.

Disparou pelo corredor e irrompeu no banheiro, batendo a porta e se jogando no chão, e...

— Clay? Clay, tá tudo bem?

A pergunta foi como um eco, como se ouvisse aqueles berros debaixo d'água; ele veio à tona para respirar.

## a noiva do nariz quebrado

ELES IAM SE casar, e não havia muito o que organizar, então foi tudo bem rápido. Em certo ponto, Michael pensou no que fazer com as obras de arte — os quadros de Abbey —, se deveria guardar, destruir ou jogar tudo fora; Penélope foi categórica.

— Se eu fosse você, guardava ou vendia. Seus quadros não merecem ser destruídos. — Com delicadeza, ela tocou em uma das obras. — Nossa, ela é tão linda...

Foi quando, sem querer, ela sentiu:

Uma fagulha de ciúmes.

Por que não posso ser assim?, ela se perguntou, pensando no vasto e longínquo terreno dentro dele, onde às vezes ele se enfiava e desaparecia, bem do lado dela. Em momentos como aquele, era o que ela queria, desesperadamente — ser mais e melhor que Abbey. Mas os quadros eram evidências em vias de formação: provas de que tudo aquilo um dia já pertenceu a Abbey.

Foi um alívio, no fim das contas, quando venderam os quadros:

Expuseram uma das maiores telas em uma rotatória perto da rua Pepper, junto a um cartaz com a data do leilão, e mais tarde, ao anoitecer, roubaram a obra. O evento na garagem não durou uma hora sequer; a coleção foi embora rápido, porque as pessoas simpatizavam com elas; tanto com Abbey quanto com Penny.

“Você tinha que pintar *essa* aqui, isso sim”, diziam muitos dos compradores,

apontando para Penélope, e Michael apenas sorria.

“Essa aqui é muito melhor em pessoa”, dizia.

\*\*\*

O obstáculo seguinte na jornada foi fruto da típica sorte de Penélope:

Não foi exatamente obra do destino — foi mais falta de discernimento —, mas só poderia ter acontecido quando aconteceu: na manhã antes do casamento. Ela fez a curva na rua Lowder para pegar a estrada Parramatta, no velho sedan de Michael.

Ela nunca chegou a pegar no volante no Bloco do Leste, mas seu olhar estava treinado para conduzir na pista oposta. Aqui, ela fez autoescola, passou com relativa tranquilidade e volta e meia dirigia o carro de Michael. Jamais tivera problemas, mas, naquele dia, isso pouco importou. Ela fez uma curva perfeita à direita, porém na pista errada.

No banco de trás estava o modesto e esvoaçante vestido de noiva que ela havia acabado de buscar, e o carro foi atingido na lateral, como se um demônio tivesse tirado um naco com uma mordida. Penélope fraturou as costelas. Seu nariz foi deslocado, quebrado; o rosto atingira o painel.

O homem do outro carro só fazia xingar, mas parou assim que viu o sangue.

Ela se desculpou em duas línguas.

\*\*\*

Logo chegou a polícia, além de homens competitivos em guinchos de reboque, que negociavam, suavam e fumavam. Quando chegou a ambulância, tentaram convencê-la a ir para o hospital, mas disseram que não poderiam forçá-la.

Penny insistiu que estava bem.

Via uma mancha estranha diante dela:

Um longo mural de sangue.

Não, ela iria ao médico do bairro mesmo, e todos concordaram: a imigrante era mais casca-grossa do que parecia.

Os policiais brincaram, fingiram que a prendiam (só porque a levariam na viatura) e a conduziram devagar até sua casa. O oficial mais jovem, o que mascava chiclete de menta, cuidou do vestido.

Com delicadeza, ele o ajeitou no porta-malas.

\*\*\*

Em casa, ela sabia o que precisava fazer.

Limpar-se.

Tomar uma xícara de chá.

Ligar para Michael, e então para a seguradora.

Como era de se esperar, não fez nenhuma dessas coisas.

Não; ela reuniu todas as forças, estirou o vestido no sofá e se sentou ao piano, completamente abatida, arrasada. Tocou metade de “Sonata ao luar”, sem enxergar uma nota sequer.

\*\*\*

No médico, uma hora depois, ela não deu um pio.

Michael segurou sua mão enquanto as costelas eram pressionadas de leve, e o nariz, golpeado de volta ao lugar.

Penélope só prendeu a respiração e engoliu em seco.



Na saída do consultório, no entanto, ela se contorceu e se deitou no chão da sala de espera. As pessoas se esticaram para ver.

Quando Michael se agachou para ajudá-la, notou em um canto o típico acervo de brinquedos no consultório, mas deu de ombros e logo afastou o olhar. Ele a carregou porta afora.

\*\*\*

No sofá usado de casa, ela se deitou com a cabeça no colo dele. Então pediu que ele lesse a *Iliada*, e Michael foi tomado por uma percepção reveladora — em vez de pensar o óbvio, algo como “não sou seu falecido pai”, ele destrinchou algo muito mais profundo. Percebeu e se acostumou a uma verdade: ele a amava muito mais do que a Michelangelo ou a Abbey Hanley juntos.

Ele secou a lágrima na bochecha dela.

Havia sangue ressequido em seus lábios.

Pegou o livro e leu, e ela chorou, e pegou no sono, ainda sangrando...

Lá estavam o *rápido Aquiles*, o *engenhoso Odisseu* e todos os demais deuses e guerreiros. Os favoritos dele eram *Heitor, o provocador* — conhecido também como *domador de cavalos* —, e *Diomedes, filho de Tideu*.

Ele passou a noite toda sentado com ela.

Lia, virava as páginas e lia.

\*\*\*

Então veio o casamento, realizado conforme os planos, no dia seguinte.

17 de fevereiro.

Eram poucos convidados:

Alguns amigos peões no lado de Michael.

Um grupo de faxineiras junto a Penny.

Adelle Dunbar estava presente, bem como o velho Weinrauch, que ofereceu anti-inflamatórios à noiva. Felizmente, o inchaço tinha diminuído; ela ainda sangrava de quando em quando, e um olho roxo cintilava através da camada de maquiagem, por mais que tivessem tentado ocultá-lo.

A igreja era pequena, mas um tanto cavernosa. Os vitrais exibiam um Cristo torturado e colorido e quebravam um pouco da escuridão. O padre era alto e calvo, e riu quando Michael se aproximou de Penélope e disse:

—Viu? Nem mesmo um acidente de carro te livrou dessa.

Mesmo com a brincadeira, ele não conseguiu esconder o ar de tristeza quando a primeira gota de sangue pingou no vestido e se expandiu como uma inundação varrendo a cidade.

Convidados de ambos os lados se apressaram para socorrê-la, e Penny respondeu com um sorriso enternecido. Pegou o lenço oferecido por Michael e proclamou:

— Você está se casando com uma noiva de nariz quebrado.

— Muito bem — disse o padre, quando o sangue foi estancado, e prosseguiu timidamente, e o Cristo colorido assistiu a tudo, até que homem e mulher se tornaram Michael e Penélope Dunbar.

Eles se viraram, como fazem quase todos os casais, e sorriram para a congregação.

Assinaram os devidos papéis.

Marcharam pela nave da igreja, em direção às portas que se abriam para a luz branca e escaldante do sol que os recebia, e quando penso na cena, vejo aquela

mesma sedução; saíram de lá puxando pela mão a felicidade indomável e levaram-na para a vida.

Naquelas vidas antes de nós, ainda restavam dois capítulos.

## guerra das rosas

MAIS UMA VEZ, o tempo passou.

Passaram-se semanas, quase um mês, dias e dias aproveitados das mais diversas formas.

Os dois começaram, como manda o figurino, pelo mais difícil:

No rio, escavando a terra.

O sol ia e vinha, e eles trabalhavam, rezando para a chuva não cair e levar seus esforços rio abaixo. Se o Amahnu descesse, e costumava descer com tudo, traria consigo silte e terra.

À noite, sentavam-se na cozinha ou na sala, na beirada do sofá, e ficavam debruçados sobre os modelos na mesa de centro. Juntos, projetaram um andaime e fizeram duas maquetes — do cimbre e da ponte propriamente dita. Michael Dunbar gostava de fazer cálculos e era metódico com as angulações das pedras. Conversava com o garoto sobre a trajetória dos arcos e sobre como cada bloco demandava perfeição. Clay estava cansado de pensar em aduelas, enjuntas e todos aqueles termos difíceis.

Exausto física e mentalmente, cambaleou até o quarto e leu um pouco. Então pegou a caixa e tirou todos os itens de dentro. Acendeu o isqueiro apenas uma vez.

Sentia cada vez mais falta de todos, até que chegou correspondência. Na caixa de correio, encontrou um envelope com duas cartas escritas à mão.

Uma de Henry.

Uma de Carey.

Clay esperava por isso desde que botou os pés no rio Amahnu, mas não leu as cartas de imediato. Beirando o rio, subiu até as pedras e os eucaliptos, e se sentou à luz do sol, filtrada pelos galhos.

Leu na ordem em que as encontrou.

Oi, Clay.

*Obrigado pela carta semana passada. Esperei um pouco para compartilhar com os outros — não sei por quê. Estamos com saudade. Você quase não abre a boca, mas estamos com saudade. O telhado é quem mais sente a sua falta, eu diria. Bom... ele, e eu, aos sábados... Estou levando Tommy para me ajudar nas vendas de garagem, mas o garoto é mais inútil que as tetas de um touro. Você conhece a peça.*

*O mínimo que você poderia fazer é nos visitar. Só precisa se resolver antes com... você sabe quem. Sério, quanto tempo leva para construir a porcaria de uma ponte?*

*Atenciosamente,*

*Vossa Excelência Henry Dunbar*

*P.S.: Me faz um favor? Quando for voltar, antes me liga e me diz que horas acha que vai chegar em casa. Nós todos temos que estar aqui. Vai que...*

Ao ler a carta, Clay sentiu apenas gratidão, pela *henrysse* das palavras. A ladainha dele era *mesmo* inesgotável, mas Clay morria de saudade mesmo assim. E, convenhamos, Henry era muito afetuoso; as pessoas se esqueciam disso, ofuscadas pelo egocentrismo e pela ganância. Henry fazia da gente pessoas melhores.

Depois veio Tommy, e estava claro que Henry pedira a ele e Rory que contribuíssem com algumas palavras.

Ou, mais provável, coagira os dois.

Tommy primeiro:

Oi, Clay.

*Não tenho muita coisa pra falar, só que o Aquiles está com saudade. Agora é o Henry me ajuda a checar os cascos dele. ISSO é o que eu chamo de INÚTIL!!!!!!*  
*(Também estou com saudade.)*

Depois Rory:

*Ei, Clay... Vem pra casa, porra! Pelo amor de Deus! Sinto falta das nossas conversas existenciais.*

*Rá!*

*Acha que não lembro das palavras difíceis, né?*

*Olha, me faz um favor. Dá um abraço no pai por mim.*

*Brincadeira! Vê se dá um chute no saco dele, tá? Um chutão daqueles.*

*Diz assim: PRESENTE DO RORY, CARALHO!*

*Vem pra casa.*

Embora Tommy fosse gentil e prestativo, curiosamente era sempre Rory quem mexia com ele, quem fazia Clay sentir as coisas com mais intensidade. Talvez porque Rory fosse do tipo que não amava nada nem ninguém de verdade, mas amava Clay, e demonstrava das maneiras mais esquisitas.

*Querido Clay,*

*Impossível colocar numa carta quanto sinto a sua falta ou como é ficar de boeira nas Cercanias aos sábados, imaginando você do meu lado. Não fico deitada no colchão. Não faço nada. Só chego lá e torço pra você aparecer, mas você não aparece, e eu sei por quê. É assim que tem que ser, acho.*

*Que saco! As últimas semanas foram as melhores da minha vida, e não tenho nem como contar pra você.*

*Semana passada, montei pela primeira vez. Dá pra acreditar??? Foi na quarta-feira, num cavalo chamado Guerra das Rosas. É meio velhinho e usado mais para treinos e tal, só entrou no páreo pra fazer volume, mas não precisei levantar o chicote nenhuma vez. Só dei uma palavrinha e corri até a linha de chegada, equilibrada na sela, e ele ficou em terceiro. Terceiro!!! Cacete, dá pra acreditar? Foi a primeira vez em anos que minha mãe foi a um hipódromo. A farda era preta,*

*branca e azul. Pode deixar, conto tudo quando você voltar pra casa, mesmo que demore. Tenho outra montaria semana que vem...*

*Meu Deus, tem tanta coisa acontecendo que nem perguntei.*

*Como você tá?*

*Sinto falta de ver você no telhado.*

*Por fim, terminei O marmoreiro de novo. Já sei por que você gosta tanto desse livro. Ele fez tantas coisas extraordinárias. Torço para que você faça algo extraordinário por aí também. Você vai. Tem que fazer. Você vai.*

*A gente se vê em breve, espero. Nas Cercanias.*

*Ainda quero te dar.*

*As dicas.*

*Prometo.*

*Com amor,  
Carey*

Bem, o que você faria? O que você diria?

Com o rio logo abaixo, ele leu tudo, repetidas vezes, e entendeu.

Depois de um bom tempo refletindo, concluiu que já haviam se passado setenta e seis dias desde que saíra de casa e que ele e o Amahnu ainda teriam um longo futuro pela frente — mas já era hora de voltar e me encarar.

## a casa número 18 da rua archer

QUANDO MICHAEL DUNBAR e a Noiva do Nariz Quebrado se casaram, a primeira coisa que fizeram foi empurrar o piano outra vez pela rua Pepper, até o número 37. Precisaram da ajuda de mais seis homens da vizinhança e também de um engradado de cerveja. (A exigência era a mesma dos garotos de Bernborough: a cerveja tinha que estar gelada.) Entraram pelos fundos da casa para não terem que subir os degraus.

— A gente tinha que ter chamado os mesmos caras da outra vez — disse Michael mais tarde. Apoiou um dos braços no tampo de noqueira, como se ele e o piano fossem bons amigos. — Eles entregaram o piano no endereço certo, no fim das contas.

Penny Dunbar apenas sorriu.

Estava com uma das mãos apoiada no instrumento.

E a outra nele.

\*\*\*

Alguns anos depois, eles compraram a casa dos sonhos e para lá se mudaram. Era relativamente perto, próximo a um hipódromo, com uma pista e cocheiras logo atrás.

Fizeram a visita numa manhã de sábado:



Uma casa na rua Archer, número 18.

O corretor aguardava lá dentro e perguntou o nome deles, os únicos que dever ter ouvido naquele dia, porque pelo visto mais ninguém havia demonstrado interesse pelo imóvel.

Na casa da rua Archer havia corredor, havia cozinha. Havia três quartos, um banheiro, um quintalão com um grande varal redondo, e a imaginação de Penny e Michael ganhou asas; viram crianças correndo pelo gramado e surtos de caos pueril. Para eles, era o paraíso, amor à primeira vista:

Com um dos braços na haste do varal e os olhos focados nas nuvens acima, Penny ouviu um barulho. Ela se virou para o corretor e indagou:

— Com licença, mas que barulho é esse?

— Perdão?

Era o momento que ele mais temia, possivelmente a razão de ter perdido os outros casais a quem mostrara a propriedade — todos com sonhos e ideais parecidos sobre a vida naquela casa. Era provável que também houvessem imaginado as mesmas crianças risonhas arrumando confusão por causa de trapças nos jogos de futebol ou arrastando bonecas pela relva e pela terra.

— Não está ouvindo? — insistiu ela.

O homem ajustou a gravata.

— Ah, *isso*?

\*\*\*

Na noite anterior, quando estudaram o mapa do bairro no guia de ruas, viram que havia um terreno atrás da casa, e a legenda dizia apenas *Cercanias*. Agora Penny estava certa de que ouvia cascos se aproximando nos fundos e decifrou o cheiro

que pairava no quintal — de animal, feno e cavalos.

O corretor se apressou para levá-los para dentro da casa.

Não deu certo.

Penny estava hipnotizada pelo trote vindo do outro lado da cerca.

— Ei, Michael! — chamou ela. — Pode me levantar?

Ele cruzou o quintal e foi até ela.

Os braços dele, as coxas de varapau dela.

\*\*\*

Do outro lado, Penny viu as cocheiras, o hipódromo.

Atrás da cerca, uma pista de asfalto fazia a curva ao redor da casa; a sra. Chilman era a única vizinha. Então Penny viu o gramado e as construções com telhado inclinado, e a cerca branca, obrigatória no esporte — dali, mais pareciam palitos de dente.

Cavalariços conduziam os animais do hipódromo para as cocheiras, a maioria sem notar a presença dela, alguns acenando com a cabeça. Um ou dois minutos depois, um deles, bem mais velho do que os outros, se aproximou, guiando o último cavalo. O animal baixou a cabeça, e o homem o enxotou com desdém. Pouco antes de avistar Penny, deu um tapinha na boca do animal.

— Vem logo!

Penny, como não poderia deixar de ser, sorriu diante da cena.

— Bom tarrre! — Ela pigarreou. — Olá!

O cavalo notou a presença dela na hora, mas o cavaliço continuou alheio.

— Ué? Tem alguém aí? — perguntou o homem.

— Aqui em cima.

— Jesus amado, assim você me mata do coração!

Era um tipo atarracado, de cabelo encaracolado, com rosto e olhos úmidos, e o cavalo o arrastava pelo terreno, se aproximando de Penélope. O animal tinha um raio branco traçado do topo da cabeça até as narinas, e o resto era marrom-nogueira. O cavaleiro viu que não tinha saída. O cavalo não ia chegar à cocheira tão cedo.

— Tá certo. Vai com tudo, meu bem.

— É sério?

— Sim, pode fazer carinho. Esse aqui é um baita de um bunda-mole.

Penny checou se estava tudo bem com Michael, porque, verdade seja dita, ela era leve, mas não era feita de vento, e os braços do marido estavam começando a tremer.

Ela mergulhou a mão no pelo aveludado da faixa branca e reluzente do animal e mal pôde conter a alegria. Ela encarou seus olhinhos curiosos. *Açúcar. Por acaso tem açúcar aí, senhora?*

— Qual é o nome dele? — perguntou Penélope.

— Bom, o nome de corrida é Patrimônio da Cidade. — Ele deu um tapinha no peito do cavalo. — Nas cocheiras, chamam de Sangue nos Olhos, mas ele não faz jus ao nome.

— Ele não é muito rápido?

O cavaleiro riu.

— Você é *mesmo* nova por aqui, não é? Os cavalos dessas cocheiras são uns inúteis.

Ainda assim, Penélope ficou encantada, dando risada quando o cavalo sacudiu a cabeça, pedindo mais carinho.

— Oi, Sangue nos Olhos.

— Aqui, dá isso aqui pra ele. — Ele ofereceu alguns torrões de açúcar encardidos para ela. — Pode dar. Esse pangaré é uma causa perdida, não tem jeito.

Debaixo dela, Michael Dunbar estava concentrado em seus braços, se perguntando por quanto tempo ainda conseguiriam aguentá-la.

Enquanto isso, o corretor só pensava: vendida.

# violência entre irmãos

AGORA ERA A vez de Clay partir e deixar o pai com a casa e o Amahnu.

Na manhã ainda envolta em escuridão, ele parou à beira do sofá e observou Michael, adormecido.

Suas mãos estavam curadas das bolhas e dos cortes.

— Vou passar um tempo fora. — O Assassino acordou. — Mas eu volto.

\*\*\*

Por sorte, a estação Silver ficava em uma das linhas principais; passavam dois trens por dia em cada direção. Ele pegou o das 8h07.

Na estação, visitou suas memórias.

Da primeira tarde, quando chegou ali.

Parou para escutar.

A terra ao redor ainda cantava.

No trem, tentou ler, mas seu estômago já começava a se contorcer, como um desses brinquedos de dar corda.

Por fim, fechou o livro.

Nem adiantava tentar.

Em tudo que lia, Clay via meu rosto, meus punhos, e a jugular saltada em meu pescoço.

\*\*\*

Quando chegou à cidade, no fim da tarde, telefonou da estação, da cabine telefônica perto da Plataforma Quatro.

— Alô!

Pelo barulho alto de trânsito do outro lado da linha, Clay concluiu que Henry estava na rua.

— *Alô?* — repetiu Henry.

— Tô aqui.

— *Clay?! —* A voz ficou mais forte e brusca. — Você tá em casa?

— Ainda não. Hoje à noite.

— Quando? Que horas?

— Não sei. Talvez sete. Talvez mais tarde.

Isso daria algumas horas a ele.

— Ei... Clay? — Ele esperou. — Boa sorte, tá?

— Valeu. A gente se vê.

Quisera ele voltar para os eucaliptos.

\*\*\*

Ele chegou a pensar em fazer boa parte do caminho a pé, mas acabou pegando o trem e o ônibus. Na avenida Poseidon, desceu uma parada antes da que costumava descer, e a cidade já estava anoitecendo.

O céu, coberto de nuvens e nada mais.

Meio acobreadas, meio escuras.

Clay andou e parou, escorando-se no ar, como se apenas esperasse o dia em que nem isso lhe restasse e ele fosse despencar de vez, mas isso não aconteceria — e antes do que imaginava, já estava na boca da rua Archer. Aliviado por finalmente

chegar.

Morrendo de medo de estar ali.

\*\*\*

Em todas as residências, as luzes estavam acesas, as pessoas estavam em casa.

Como se antecipassem o drama que estava por vir, os pombos chegaram do nada e se apinharam no camarote dos fios elétricos. Empoleiraram-se em antenas de TV e, Deus me livre, até nas árvores. Havia um único corvo, todo emplumado, roliço, parecia um pombo de sobretudo tentando se disfarçar.

Mas não enganava ninguém.

\*\*\*

Então de volta ao nosso jardim — um dos únicos sem cerca, sem portão, só grama, que estava bem baixinha, recém-aparada.

Telhado, varanda, a janela, o vislumbre de um dos meus filmes.

Estranho, o carro de Henry não estava lá, mas Clay não tinha tempo para se preocupar com aquilo. Seguiu devagar.

— Matthew.

Ele só disse uma vez, com cuidado, para que seu tom fosse casual e calmo.

Matthew.

Meu nome e nada mais.

Só isso.

Quase mudo.

Deu mais alguns passos adiante, sentiu os pés afundarem na grama, e, no meio do caminho, diante da porta, ele esperou que eu me aproximasse — porém não me

aproximei. Cabia a ele gritar ou ficar parado e esperar, e ele optou, como tinha que ser, pela primeira alternativa. A voz mal parecia vir dele quando gritou “MATTHEW” e deixou cair a bolsa, e os livros de dentro dela — sua leitura.

Segundos depois, ele ouviu um movimento na casa, e Aurora latiu.

Fui o primeiro a dar as caras.

\*\*\*

Apareci na varanda vestido quase igual a Clay, com a diferença de que minha camiseta era azul-marinho, não branca. O mesmo jeans desbotado. Os mesmos tênis surrados. Eu estava vendo *Rain Man* — já tinha passado da metade.

Clay — como era bom vê-lo... mas não.

Meus ombros pesaram, mas só um pouco; eu não podia demonstrar que detestava tudo aquilo. Precisava parecer disposto e seguro.

— Clay.

Era a voz daquela manhã, havia tanto perdida.

O algoz no bolso.

Quando Rory e Tommy apareceram, não deixei se aproximarem demais, para o bem deles. Quando protestaram, ergui o braço.

— Não.

Eles ficaram onde estavam, e Rory murmurou algo que Clay não ouviu.

— Se pegar pesado vai ter que se ver comigo, tá ouvindo?

Agora já não sei se ele falou num volume normal e Clay só não ouviu por conta do ruído em seus ouvidos.

Fechei os olhos por um instante, dei um passo à direita e desci os degraus logo depois. Não sei como outros irmãos agem em momentos assim, mas, no caso dos



Dunbar, ninguém é dado a encenações, vamos direto ao ponto. Não seria como o encontro entre Clay e o Assassino, dois pugilistas estudando o adversário. Não. Comigo era diferente, e avancei nele rápido, quase correndo, e logo meu irmão caiu na grama.

Ah, ele lutou muito bem, sem dúvida, lutou com vontade e dedicação, indo pra cima, se esquivando e se fodendo — não há palavras bonitas para descrever o que se passou, porque ali não havia beleza nenhuma. Clay poderia treinar e sofrer à vontade, mas aquilo ali não era um treinamento chinfrim ou num parque de merda, era a vida à *minha* maneira, e eu o acertei de primeira; e não havia mais palavras, exceto por aquelas que ficaram presas na minha garganta:

Ele matou a gente.

Ele matou a gente, Clay, você não lembra?

Ficamos sem ninguém.

Ele abandonou a gente.

O que éramos está morto...

Mas ali os pensamentos não eram pensamentos, eram nuvens de socos, todos certos.

Você não lembra?

Você não vê?

E Clay.

O sorridente.

Em retrospecto, depois de tudo que ele acabou me contando, sei o que se passava em sua cabeça:

Você não sabe de tudo, Matthew.

Você não sabe.

Eu deveria ter contado...

Do varal.

Dos pregadores...

Mas ele não conseguia. Estava estirado no chão e mal lembrava que tinha sido atingido. Acontece que a queda foi tão feia que deixou um talho, uma cicatriz na grama, e o mundo só fazia girar, sem sentido. Ele achou que estivesse chovendo, mas a verdade é que não era água que caía do céu, era sangue. Era sangue e dor, e tentou se levantar, e tombou, até que Rory disse chega.

E eu ali — com o peito chiando, ofegante, puxando o ar.

E Clay na grama, todo encolhido, rolando até o céu. Quantos céus havia de fato? Pois o céu dele estava se partindo, e com ele vinham os pássaros. Os pombos. E um corvo. Eles revoavam em seus pulmões, e Clay ouviu o farfalhar de todas aquelas asas batendo, ligeiras, deslumbrantes, de uma só vez.

\*\*\*

Então ele viu uma garota.

Ela não disse nada.

Nada para mim, nada para Clay.

Simplesmente se agachou e pegou a mão dele.

Mal conseguiu dizer *bem-vindo de volta*, e, por incrível que pareça, foi Clay quem tentou falar.

Eu estava alguns metros à esquerda.

As mãos trêmulas, ensanguentadas.

Respirando a duras penas.

Meus braços estavam molhados de suor.

Rory e Tommy ficaram por perto, e Clay levantou um pouco a cabeça e olhou para a garota ao seu lado. Os olhos verdes gentis. Devagar, ele abriu um sorriso e disse:

— Guerra das Rosas, é?

Ele viu o semblante dela mudar da preocupação degradante para um sorriso largo e esperançoso, como cavalos adentrando o disco final.

\*\*\*

— Tudo bem com ele?

— Acho que sim.

— Só me dá um minuto, já levamos ele lá pra dentro.

Ele mal conseguiu ouvir o breve diálogo, mas sabia que éramos eu e Carey, e logo os outros se juntaram a nós. Aurora lambeu o rosto dele.

— Aurora! — briguei. — Xispa!

Ainda nenhum sinal de Henry.

\*\*\*

Finalmente, chegou a vez de Rory:

Ele não sossegará até se intrometer.

Mandou todo mundo sair da frente, pegou Clay no colo e o carregou nos braços, o corpo do irmão pendendo como um arco.

— Ei, Matthew! Olha só, o treino com as caixas de correio até que serviu pra alguma coisa! — Então se dirigiu a Clay, ensanguentado. — Vai dizer que não tava com saudade das conversas existenciais com seus maninhos?! — Por fim, fez a consideração mais feliz: — Ei... fez o que eu pedi? Chutou o saco dele?

— Duas vezes. O primeiro chute não foi muito bom.

E Rory gargalhou, bem ali nos degraus, fazendo o garoto em seus braços se contorcer de dor.

Conforme prometido e planejado, eu matei *mesmo* Clay.

E mais fiel que nunca à sua palavra, ele simplesmente não morreu.

Como era bom ser um garoto Dunbar novamente.

**a tec-tec,  
a cobra  
e lua**

ELES COMPRARAM A casa, naturalmente, e as coisas começaram a começar.

Michael continuava nos canteiros de obra, as mãos sempre empoeiradas, e Penny fazia suas faxinas, estudando inglês até chegar a hora. Passou a cogitar uma nova carreira e ficou entre duas matérias para lecionar: a primeira só poderia ser música. A outra era inglês para não falantes da língua.

Talvez tenha sido culpa da memória:

O pavilhão.

O calor do chão ao teto.

— Passaporte?

— *Przepraszam?*

— Merda.

Ela escolheu o inglês.

Inscreveu-se na faculdade, mas quis continuar com as faxinas à noite — numa empresa de contabilidade, no escritório de advocacia — até receber a carta de admissão. De pé na cozinha, parado quase no mesmo lugar onde anos depois seria desprezado e interrogado por uma mula, Michael perguntou à esposa, sentada à mesa:

— E aí?

Ele se acomodou ao lado dela.

Observou a insígnia e o papel timbrado.

Há quem celebre as coisas com champanhe, ou com uma noite fora em algum lugar bacana, mas Penélope recostou a cabeça no ombro de Michael e releu a carta.

\*\*\*

E assim, sem mais nem menos, o tempo passou:

Elas plantaram coisas no jardim.

Metade viveu. Metade morreu.

Assistiram à queda do Muro em novembro de 1989.

Pelas frestas da cerca no quintal, volta e meia avistavam os cavalos, e adoravam as excentricidades do bairro — quando, por exemplo, alguém surgia no meio da rua com uma placa de PARE para segurar o tráfego. E atrás vinha um jóquei com um cavalo, o grande favorito do páreo do dia seguinte, em Hennessey.

A peculiaridade mais importante do lugar, contudo, já na época, era a quantidade de campos abandonados; bastava saber onde procurar. Em alguns casos, como já sabemos, esses lugares poderiam ter significados profundos; um deles ficava perto da linha do trem.

Claro, haveria as Cercanias, e a pista moribunda do parque Bernborough, mas este também era crucial.

Então imploro para que você se lembre dele, por favor.

Tinha tudo a ver com a mula.

\*\*\*

No terceiro ano da faculdade de Penny, o telefone tocou na rua Archer, número 18; dr. Weinrauch.

Adelle.

Ela veio a falecer à mesa de jantar, tarde da noite, ao que tudo indicava, logo após redigir uma carta para um amigo.

— Parece que ela terminou, tirou os óculos e deitou a cabeça ao lado da Remington — explicou ele, e isso era triste e doloroso, mas tinha certa beleza, até.

Uma última combinação letal.

O derradeiro ponto final, incisivo.

É claro, os dois pegaram a estrada para Featherton, e Michael sabia que tinha sorte, comparado a Penélope. Pelo menos conseguiu prestar condolências na igreja e suar ao lado do caixão. Pôde conversar com o velho médico e observar a gravata dele, que pendia como os ponteiros de um relógio parado há tempos.

— Sinto muito, filho.

— Sinto muito, doutor.

Mais tarde, sentaram-se à mesa da velha casa, junto aos óculos de armação azul e à máquina de escrever. Por um bom tempo, Michael contemplou a ideia de colocar uma folha de papel e bater algumas linhas. Não fez isso, só ficou olhando para ela, e Penélope preparou um chá, e tomaram e caminharam pela cidadezinha, até um campo de flores.

Quando ela perguntou se ele levaria a máquina de escrever para casa, Michael respondeu que ela já estava em casa.

— Tem certeza? — insistiu ela.

— Tenho. — Ele se deu conta. — Na verdade, já sei o que tenho que fazer.

Por alguma razão inexplicável, parecia a coisa certa, então ele se retirou e foi

até o depósito; pegou a velha pá e cavou mais um buraco, à esquerda do cachorro e da cobra.

Ele se despediu da Remington.

Encontrou três bobinas de um plástico liso e resistente e a embrulhou, um plástico tão translúcido que ainda dava para ver as teclas — primeiro o Q e o W, e então a seção intermediária com o F e o G, o H e o J —, e no velho quintal de uma velha cidade de fundo de quintal, ele a carregou, ajeitou e enterrou:

A Tec-tec, a cobra e Lua.

O tipo de coisa que não aparece nos classificados.

\*\*\*

De volta ao número 18 da rua Archer, a vida tinha que seguir, e seguiu. Michael passava as noites em claro com Penélope, ela fazendo e checando a lição de casa. Ao fim do curso, arrumou um trabalho temporário no colégio Hyperno. A escola mais barra-pesada da cidade.

No primeiro dia, chegou em casa arrasada:

— Eles me devoraram viva.

No segundo, foi pior:

— Fizeram picadinho de mim.

De vez em quando gritava com eles, perdia o controle — deles e de si mesma —, e era aí que os jovens não deixavam barato e atacavam.

Uma vez, num acesso de fúria, berrou “QUIETOS, TODOS!” e murmurou um “*seus merdinhas*”, fazendo a turma cair na gargalhada. A farra, o escárnio adolescente.

Mas o negócio é que, até onde sabemos, por mais que fosse franzina,



permanentemente frágil, Penny Dunbar era mestre em dar um jeito de sobreviver. Passava o almoço e o intervalo com as turmas — rainha da detenção e do tédio —, e os agredia com um silêncio organizado.

No fim das contas, foi a primeira candidata em séculos a durar um ano letivo inteiro, e lhe ofereceram uma vaga em tempo integral.

Ela largou as faxinas.

Suas colegas a levaram para beber.

No dia seguinte, Michael se sentou ao lado dela diante do vaso. Massageou suas costas e tentou acalmá-la:

— Será que são esses os espólios da liberdade?

Ela vomitou e soluçou, mas deu risada.

\*\*\*

No começo do ano seguinte, quando Michael foi buscá-la no trabalho numa tarde qualquer, viu três adolescentes brutamontes em torno dela, com seu suor, cabelo raspado e bíceps. Por um momento, pensou em sair do carro, mas logo notou: ela segurava um exemplar de Homero; estava lendo em voz alta, e devia ser um dos trechos mais perversos, pois os garotos sorriam e urravam.

Ela estava com um vestido verde-menta.

Quando percebeu que Michael tinha chegado, fechou o livro, e os garotos abriram caminho. Diziam: “Adeus, senhora, adeus, senhora, adeus, senhora”, e ela entrou no carro.

Mas não quer dizer que ficou fácil — não ficou.

Na hora de sair para o trabalho, às vezes, ele a ouvia falar sozinha no banheiro, tentando criar coragem; era difícil encarar o dia. “Quem tá dando problema

agora?”, perguntava Michael, pois o trabalho dela, no fim das contas, consistia em lidar com os jovens mais difíceis, diretamente; às vezes levava uma hora, às vezes levava meses, mas ela sempre os vencida pelo cansaço. Alguns inclusive passavam a protegê-la. Se algum aluno aprontasse com ela, era levado ao banheiro e surrado na pia. Ninguém mexe com Penny Dunbar.

Em muitos aspectos, o título de “professora de inglês para não falantes” era uma ironia, já que boa parte dos alunos era de jovens cuja *primeira* língua era o inglês, mas que mal conseguiam ler um parágrafo — e esses eram sempre os mais revoltados.

Ela se sentava com eles à beira da janela.

Tinha levado um metrônomo de casa.

Os alunos ficaram olhando, incrédulos, e perguntaram: “Que porra é essa?”

Penny respondeu, categórica:

“Leia no ritmo.”

\*\*\*

Mas então, como haveria de acontecer, aconteceu.

Passados quatro anos de magistério, ela chegou em casa com um teste de gravidez, e daquela vez saíram para celebrar, mas esperaram o sábado.

Até lá, no dia seguinte, foram trabalhar:

Michael estava despejando concreto.

Comentou com alguns colegas — eles pararam e o parabenizaram com apertos de mãos.

Penélope estava no colégio, com um garoto beligerante, porém lindo.

Ela lia com ele à janela.

O metrônomo fazia *clic*.

No sábado, comeram no restaurante chique da Ópera de Sydney, caminharam pela cobertura, pela escadaria. A velha ponte se impunha, e balsas atracavam no terminal de Quay. No meio da tarde, quando deixaram o prédio, um navio chegara à doca. Havia uma multidão no calçadão, e bandos de câmeras e sorrisos. Entre o concreto e as vidraças estavam *eles* — Michael e Penny Dunbar —, e na base da escadaria surgiram cinco garotos, que ficaram ali parados... e logo se aproximaram para nos cumprimentar.

E saímos juntos — por entre as multidões e as palavras, em uma cidade inchada de sol.

E a morte veio andando ao nosso lado.

**parte cinco**  
cidades + águas + criminosos + arcos  
+  
histórias

## entrada triunfal

MAS É CLARO que Henry tinha que fazer uma entrada triunfal na noite de socos e bicadas e irmãos.

Quando paro para pensar agora, vejo que aquela noite foi como a última onda da nossa adolescência coletiva. Assim como tinha sido para Clay, ao sair pelo túnel do parque Bernborough. Era a noite perfeita para isso, e Henry, e nós. Na semana seguinte, de quando em quando, sentimos algo parecido com apego; um aceno final para os vestígios derradeiros de juventude e estupidez.

Nunca mais os veríamos ou faríamos parte desse mundo.

\*\*\*

Não foi muito tempo depois. A TV estava ligada.

Após muita discussão, *Rain Man* tinha sido substituído por um filme que Rory me deu de Natal. *A Última Festa de Solteiro*. Nas palavras de Rory, se era para assistir às porcarias dos anos 1980, que pelo menos fosse algo divertido. Nas palavras de Henry, era Tom Hanks no auge, antes de começar a pegar papéis toscos e ganhar Globos de Ouro e essas merdas; ele tinha pesquisado.

Estávamos nós quatro ali sentados.

Eu estava com uma compressa de gelo nos punhos.

Rory e Tommy gargalhavam.

Heitor estava esparramado feito uma malha de aço, ronronando no colo de

Tommy.

Clay estava no sofá, assistindo em silêncio; sangrando em silêncio.

Na parte favorita de Rory — quando o ex-namorado da protagonista cai pelado no teto solar de um carro —, Henry finalmente apareceu.

Primeiro vieram os passos.

Depois um molho de chaves derrubado.

Então a entrada.

Um rosto ensanguentado e sorridente, à luz do batente da sala de estar.

— Que porra é essa? — gritou ele. — Vocês estão de sacanagem com a minha cara? Não acredito que estão vendo esse filme sem mim!

\*\*\*

A princípio ninguém nem olhou para ele.

Na verdade, Clay olhou, mas não conseguia se mexer.

O restante estava absorto no caos da tela.

Foi só quando a cena acabou que Rory notou o estado de Henry, e então começaram os palavrões, o silêncio atordoado, a blasfêmia. Acabou com um longo “Je-sus Cristo...”.

Henry, inabalável, se jogou no sofá e olhou para Clay.

— Desculpa o atraso, cara.

— Tudo bem.

Este era o plano de Henry: chegar em casa daquele jeito pouco antes de Clay, para tentar me distrair. O problema foi que os dois garotos da marca de duzentos metros demoraram muito mais do que ele imaginava — e ele precisou beber muito mais do que supunha. Claro que além de tudo deixou o carro para trás,

voltando a pé do parque Bernborough. Quase rastejava de tão bêbado e surrado; aliás, pensando bem, foi um dos momentos estúpidos mais gloriosos de Henry. Ele planejou e executou tudo, e tudo por Clay.

Ele observou o irmão com certa satisfação.

— Bom te ver, cara. Como é estar de volta? Pelo jeito Matthew já fez as honras da casa, esse bombadinho de merda.

— Tudo bem. Eu já esperava. — Clay estava de frente para ele, e ficou chocado com o estrago. Os lábios, em especial, estavam detonados; as maçãs do rosto cozidas, tostadas. — Já não sei se posso dizer o mesmo de você...

— Ah, meu velho... — disse Henry, animado. — Pode ter certeza de que fiz por merecer.

— *E...?* — Era eu, plantado no meio da sala de estar. — Pode me explicar que porra é essa?

— Matthew — Henry suspirou —, você tá *atrapalhando* o filme. — Mas ele sabia. Tinha convocado Schwartz e Starkey (e, de quebra, a namorada do Starkey) para acabar com ele, mas eu poderia muito bem concluir o serviço. — Sabe, meus senhores — disse ele, sorrindo, os dentes iguais a ossos de açougue, sujos com uma densa camada vermelha —, se algum dia quiserem esse visual, é só chamar um escoteiro lourinho com punhos de ferro, um marginal com bafo podre e, para finalizar, a namorada do marginal, que bate mais que os dois juntos...

Ele tentou prosseguir com o discurso, mas não foi muito longe, pois em segundos a sala começou a girar, e as trapalhadas de *A Última Festa de Solteiro* ficaram ainda mais engraçadas. Por fim tombou para a frente, quase em cima de mim, e levou a TV junto.

— Cacete! — berrou Rory. — Ele está cagando um dos melhores filmes de *todos*

*os tempos.*

Mesmo assim, amparou o irmão. Só não deu para salvar os jogos de tabuleiro. Nem a gaiola, que caiu fazendo um estardalhaço parecido com o estrondo de aplausos dentro de um estádio.

\*\*\*

Nós nos agachamos em torno dele, embolado em carpete, sangue e pelo de gato. E pelo de cachorro. E, pelo amor de Deus, aquilo era pelo de *mula*?

Henry havia apagado.

Quando recobrou os sentidos, reconheceu Tommy primeiro.

— Tommyzinho, é você? O colecionador de bichos... e Rory, o rolo compressor humano e, aaah, é o Matthew, não é? O sr. Confiável. — E por último, com afeto: — Clayton. O sorridente. Você ficou anos fora, *anos*! Eu não disse?

Clay entendeu o recado.

O filme ainda passava, na TV tombada de lado; a gaiola também estava no chão, sem a porta — e um pouco para a esquerda, perto da janela, o aquário tinha desabado. Só percebemos quando a água chegou aos nossos pés.

Henry se voltou para o filme, mas o restante de nós ficou observando Tetê sair da gaiola e passar pelo peixe-dourado rumo à porta da frente, aberta. O pombo, que não era bobo, viu que o clima na sala não estava nada bom e resolveu dar o fora. E, além disso, estava furioso. Andava e batia as asas, andava e batia as asas. Só faltou sair com uma maleta. Chegou a olhar para trás:

“É isso! *Chega!*”, era o que parecia dizer, as penas acinzentadas e roxas fervendo de raiva. “Tô zarpando, seu bando de trouxas. Boa sorte pra vocês.”

Quanto ao peixe-dourado, Agamenon, ele se debatia de um lado para outro e



tragava o ar em busca de água; pulava pelo carpete. Certamente havia água em algum lugar fora daquele aquário, e ele estava determinado a encontrá-la.

## a escola dunbar

LÁ ESTAVAM ELES, nas alturas, em um futuro remoto:

Um pássaro rabugento.

Um peixe-dourado acrobático.

Dois garotos ensanguentados.

E eis aqui, Clay, de pano de fundo.

O que podemos dizer sobre ele?

Como começou sua vida, enquanto garoto, enquanto filho, enquanto Dunbar?

Foi bem simples, na verdade, com uma multidão de perguntas à espreita:

Antigamente, na maré do passado Dunbar, havia cinco irmãos. O quarto de nós era o melhor, um garoto de muitas qualidades.

Como *foi* que Clay se tornou Clay, afinal?

\*\*\*

No começo, éramos todos nós — cada um compondo uma parte do todo —, e nosso pai participou de todos os partos; foi o primeiro a nos receber nos braços. Segundo Penélope gostava de contar, ele ficava ao lado dela, bem atento, e chorava na beira da cama, radiante. Nunca recuava diante dos excrementos, dos pedaços que pareciam queimados, quando o quarto começava a girar. Para Penélope, isso era tudo.

Quando acabava, ela sucumbia à tontura.

Seu coração vinha à boca.

\*\*\*

Eles gostavam de nos contar que era curioso como cada um de nós tinha um charme particular ao nascer, um detalhe que amavam:

Comigo, eram os pés. Os pezinhos enrugados de recém-nascido.

Já Rory saiu com o nariz achatado e soltava uns grunhidos quando dormia; parecia que estava disputando a luta do título, mas pelo menos sabiam que ele estava vivo.

As orelhas do Henry pareciam de papel.

Tommy vivia espirrando.

E, claro, tinha o Clay no meio da gente:

O garoto que chegou sorrindo.

Reza a lenda que, quando Clay estava nascendo, deixaram os outros três — eu, Henry e Rory — aos cuidados da sra. Chilman. A caminho do hospital, quase encostaram o carro; Clay veio rápido. Como Penny lhe contaria tempos depois, o mundo ansiava por ele, e ela só não se perguntou por quê.

Seria para machucá-lo, para humilhá-lo?

Ou amá-lo e vê-lo triunfar?

Mesmo agora é difícil dizer.

\*\*\*

Era uma manhã úmida de verão, e quando chegaram à maternidade Penny estava aos berros, ainda caminhando, a cabeça coroando. Mais do que nascer, Clay foi

praticamente arrancado, como se tivesse sido sugado pelo mundo lá fora.

A sala de parto ficou coberta de sangue.

Parecia uma cena de crime.

Quanto ao menino, ele logo se aninhou na atmosfera abafada, com um sorriso peculiar e silencioso; assustado, imóvel. Quando uma enfermeira entrou, desavisada, levou um susto e blasfemou:

— Jesus Cristo.

Foi nossa mãe, zozza, quem respondeu.

— Espero que não — disse, e nosso pai ainda sorria. — Sabemos muito bem o que fizemos com *Ele*.

\*\*\*

Como já contei, quando garoto ele era o melhor de nós.

Para os nossos pais, em particular, tenho certeza de que era o menino de ouro, porque raramente brigava, mal chorava e adorava tudo que diziam e contavam. Noite após noite, enquanto todos dávamos desculpas esfarrapadas, Clay lavava a louça em troca de mais histórias. Para Penny, ele costumava pedir:

— Me conta de novo sobre Viena, aqueles beliches todos? E *aquela*, hein? — O rosto mergulhado na louça do jantar, os dedos cheios de espuma. — Me conta da estátua do Stálin? E quem *era* esse tal de Stálin?

Para Michael, ele pedia:

— Me conta da Lua e da cobra, pai?

Ele vivia na cozinha, enquanto nós víamos TV ou nos atracávamos na sala ou no corredor.

\*\*\*

Evidentemente, como é de se esperar, nossos pais eram também editores:

As histórias eram quase tudo.

Penny não contava a ele quanto tempo passaram no chão da garagem, entre golpes, pancadas e queimaduras, para exorcizar as vidas passadas. Michael não falava de Abbey Hanley, que virou Abbey Dunbar e por fim Abbey Desconhecida. Não citava a velha Tec-tec enterrada, ou *O marmoreiro*, nem contava que um dia a pintura foi uma de suas paixões. Não dizia nada sobre corações partidos, ou sobre como um coração partido poderia dar sorte.

Não. Por ora, boa parte da verdade bastava.

Para Michael, bastava contar que um dia estava na varanda de casa quando apareceu uma mulher com um piano.

— Não fosse por isso — contava a ele —, eu não teria você ou seus irmãos...

— Ou Penélope.

Michael sorria e dizia:

— Pois é.

O que eles não tinham como saber é que Clay chegaria, sim, a ouvir as histórias completas, pouco antes de ser tarde demais.

Ela sorria com dificuldade naquela época.

Seu rosto em processo de deterioração.

\*\*\*

Como você pode imaginar, as primeiras lembranças dele eram vagas, de duas coisas em particular:

Nossos pais, os irmãos.

Nossas silhuetas, nossas vozes.

Ele se lembrava das mãos de pianista da mãe, de como navegavam pelas teclas, guiadas por um senso de direção mágico — pressionavam o C, o A e todas as demais letras da frase QUER CASAR COMIGO.

Para o garoto, o cabelo dela era ensolarado.

O corpo, morno e esbelto.

Ele se lembrava de si mesmo com quatro anos, com medo daquele objeto marrom e empertigado. Cada um de nós lidava com ele à própria maneira; Clay o via como algo que não lhe cabia.

Quando a mãe tocava, ele deitava a cabeça no colo dela.

As coxas de varapau pertenciam a ele.

\*\*\*

Quanto a Michael Dunbar, Clay se lembrava do barulho do carro dele — o motor nas manhãs de inverno. A volta, já escuro. Nosso pai tinha cheiro de cansaço, dias longos e alvenaria.

No período que ficaria marcado como Dias de Comer Sem Camisa (como você logo verá), os músculos do pai ficariam gravados na memória de Clay; pois, além de trabalhar nas obras, às vezes ele se retirava para — e era assim que ele chamava — a câmara de tortura, isto é, fazia séries de flexões e abdominais na garagem. De vez em quando, também puxava ferro, mas nada muito exagerado. O que cansava mesmo era o número de vezes que repetia o movimento de erguer a barra acima da cabeça.

Às vezes, nós íamos lá para fora com ele:

Um homem e cinco garotos fazendo flexões.

Nós cinco desabando.

Sim — durante nossos anos de formação naquele lugar, nosso pai era bonito de se ver. Altura mediana e peso modesto, mas enxuto, em forma. Os braços não eram muito fortes ou robustos; eram atléticos e cumpriam o que prometiam. Dava para acompanhar cada movimento, cada espasmo.

Todos aqueles abdominais.

Nosso pai tinha uma barriga de concreto.

\*\*\*

Na época, eu me lembro, nossos pais formavam um casal de outro mundo.

Claro, brigavam às vezes, discutiam.

Aquela desavença-relâmpago típica do subúrbio, mas para todos os efeitos tinham se encontrado; eram um casal glorioso, alegre e divertido. Volta e meia pareciam em conluio por alguma razão, contraventores reincidentes; eles nos amavam, *gostavam* de nós, e esse era um bom truque. Junte cinco garotos em uma casa pequena para ver como é, o barulho que faz: um caldo de bagunça e rixas.

Eu me lembro de momentos como as refeições e de como às vezes era enlouquecedor: garfos caindo, facas apontadas e todos os garotos de boca cheia. Havia discussões, cotoveladas, comida no chão, comida nas roupas, e “Como o cereal foi parar na parede?”, até que certa noite Rory arrematou a bagunça; derrubou meia tigela de sopa na camisa.

Nossa mãe não entrou em pânico.

Ela se levantou e limpou, e ele terminou de comer sem camisa — ideia do nosso pai. Ainda estávamos comemorando quando ele disse:

— Vocês também.

Henry e eu quase engasgamos.

— Quê?

— Estão surdos?

— Ai, *merda*! — disse Henry.

— Quer que eu mande você tirar as calças também?

Passamos o verão todo assim, com as camisas amontoadas ao lado da torradeira durante as refeições. Mas, justiça seja feita, já na segunda refeição Michael Dunbar passou a tirar a camisa também. Tommy, que ainda estava naquela fase maravilhosa em que as crianças não têm filtro, gritou:

— Ei! Ei, pai! Por que você tá com os mamilos de fora?

Rolamos de rir, Penny Dunbar em especial, e Michael não deixou barato. Seu tríceps tremia de leve.

— E a mãe de vocês, molecada? *Ela* pode ficar de camisa?

Penélope nunca precisava de resgate, mas era Clay quem volta e meia se arriscava.

— Não — respondeu ele, mas ela se despiu.

O sutiã dela era velho, surrado.

Todo puído, remendado nas alças.

Ela comeu sorrindo mesmo assim.

E disse:

— Tomem cuidado pra não queimar o peito!

Já sabíamos o que dar para ela de Natal.



Nesse sentido, havia certo excesso entre nós.

Uma costura arrebitada.

Não importava o que fazíamos, sempre tinha mais:

Mais para lavar, mais para limpar, mais para comer, mais louça, mais discussões, mais brigas e objetos voando e pancadaria e peidos, e “Nossa, Rory, acho melhor você correr pro banheiro!” e, claro, muito mais negações. Todas as nossas camisetas deveriam vir com a frase *Não fui eu* estampada no peito, de tanto que a gente dizia isso.

Mesmo quando estávamos no comando, vivíamos à beira do caos. Éramos magros e ágeis, mas não adiantava: tudo era feito de uma vez só.

Uma memória vívida que carrego comigo é a dos cortes de cabelo; sairia muito caro ir ao barbeiro. Elas arrumavam a cozinha — montavam uma linha de produção com duas cadeiras —, e nos sentávamos, primeiro Rory e eu, depois Henry e Clay. Por fim, quando chegava a vez de Tommy, era Michael quem cortava, para dar um respiro a Penny, então ela voltava ao trabalho e cortava o cabelo do marido.

— Fica *quieto*! — dizia ele a Tommy.

— Fica quieto — dizia Penny a Michael.

Tufos de cabelo ficavam espalhados pela cozinha.

\*\*\*

Às vezes, e essa recordação é tão feliz que chega a doer, eu me lembro de quando nos amontoávamos no carro, o bando completo, empilhado. Essa ideia aquece meu coração de formas que não consigo explicar — como Penny e Michael, que cumpriam as leis à risca, de repente faziam coisas do tipo? É um desses raros

momentos perfeitos, um carro lotado. Sempre que passa um grupo espremido assim — uma tragédia anunciada —, todos estão berrando e gargalhando.

Pelo vão entre os bancos da frente, dava para vê-los de mãos dadas.

A mão de Penélope, frágil de tanto tocar piano. A mão de nosso pai, rachada de tanto trabalhar.

E um redemoinho de garotos ao redor deles, braços e pernas misturados.

No cinzeiro, acumulavam-se pirulitos, restos de pastilha e por vezes Tic Tacs. O para-brisa do carro nunca estava limpo, mas o ar era sempre refrescante: garotos chupando pastilhas para tosse, um festival de mentol.

\*\*\*

Uma das memórias afetivas mais fortes que Clay tem de nosso pai são as noites, logo antes de se deitar, quando Michael sempre duvidava dele. Então se agachava e sussurrava:

— Quer fazer xixi, filho?

Clay balançava a cabeça. Ainda sem dar o braço a torcer, o garoto era conduzido até o banheirinho de azulejos rachados, onde mijava feito um corcel.

— Ô Penny! — chamava Michael. — Parece que temos um Phar Lap aqui!

Ele lavava as mãos do garoto e se agachava de novo, sem dizer nada. Clay sabia o que isso queria dizer. Toda noite, durante um bom tempo, o pai o levava na corcunda até a cama:

— Pode me contar da velha Lua de novo, pai?

\*\*\*

Já nós, os irmãos, não passávamos de hematomas e pancadaria. Seguíamos o

protocolo dos irmãos mais velhos e saqueávamos tudo dele. Agarrávamos as costas de sua camiseta, o suspendíamos e o colocávamos em outro lugar qualquer. Quando Tommy chegou, três anos depois, passamos a fazer o mesmo com ele. Ao longo da infância do caçula, nós o prendíamos atrás da TV ou o largávamos no quintal. Se chorasse, era arrastado até o banheiro e imobilizado em um mata-leão; Rory ficava sempre encarregado de torcer seus dedos.

— Meninos? — vinha o chamado. — Meninos, vocês viram o Tommy?

Henry é que sussurrava, sob as madeixas loiras que escorriam na pia.

— Não quero ouvir um pio, moleque!

Ele fazia que sim, bem depressa.

Era assim que vivíamos.

\*\*\*

Com cinco anos, seguindo os nossos passos, Clay começou a tocar piano.

Odiávamos, mas tocávamos.

As teclas do QUER CASAR COMIGO e Penny.

Quando éramos bem pequenos, ela conversava com a gente em seu antigo idioma, mas só na hora de dormir. De vez em quando, parava para explicar algum aspecto da língua, mas fomos esquecendo com o passar dos anos. A música, por outro lado, era inegociável, com graus variados de sucesso:

Eu era quase competente.

Rory era absolutamente violento.

Henry poderia ter sido brilhante, mas não se dava ao trabalho.

Clay demorava para pegar o jeito, mas, quando pegava, nunca mais esquecia.

Tommy ainda era muito novo quando Penny ficou doente, embora talvez ela já

estivesse desanimada desde bem antes; tenho para mim que desde a época de Rory.

— Tá bom! — gritava ao lado dele, tentando ultrapassar a barreira de música desafinada. — Por hoje chega!

— Como assim?! — Ele estava profanando o pedido de casamento, que na época já começava a se apagar das teclas, embora jamais fosse sumir por completo. — O que foi isso?

— Eu disse que por hoje chega!

Volta e meia, ela se perguntava o que Waldek Lesciuszko diria do menino, ou melhor, dela própria. Por onde andava a paciência de Penélope? Onde poderia encontrar um galho de abeto? Ou, naquele país, um ramo de escova-de-garrafa ou eucalipto? Ela sabia que havia uma grande diferença entre cinco garotos e a filhinha estudiosa do papai, mas ainda assim sentiu a decepção bater ao ver o garoto sair dali emburrado.

Para Clay, ficar sentado no canto da sala era uma obrigação, mas uma obrigação que ele estava disposto a cumprir; ou pelo menos a tentar. Quando terminava, ele a seguia até a cozinha e soltava a palavra mágica:

— Mãe.

Penny parava diante da pia. Dava a ele um pano de prato xadrez.

— Acho que hoje vou falar sobre as casas — dizia ela —, e sobre como eu achava que eram feitas de papel...

— E as baratas?

Ela não se continha.

— Eram enormes!

\*\*\*

Acho que às vezes eles se perguntavam, nossos pais, por que escolheram viver daquele jeito. Muitas vezes, explodiam por bobagem, quando a desordem e a frustração se acumulavam.

Eu me lembro de um verão em que choveu por duas semanas sem parar, e chegamos em casa cobertos de lama. Penny perdeu a paciência de vez e recorreu à colher de pau. Acertou braços, pernas, onde quer que alcançasse (e a lama voava, feito fogo cruzado, feito estilhaço), até que por fim quebrou duas colheres e, sem ter mais o que jogar, tacou uma bota pelo corredor. No fim da trajetória, a bota por acaso ganhou velocidade e altitude e atingiu Henry no meio da cara. A boca dele sangrou, e ele engoliu um dente de leite. Penny se sentou no chão perto do banheiro. Quando alguns de nós corremos para consolá-la, ela se levantou de um pulo e disse:

— Vão pro *inferno*!

Foram horas até ela ir dar uma olhada nele, que ainda não tinha decidido: estava se sentindo culpado ou furioso? Afinal, perdeu um bom negócio.

— Não vou receber nada da fada dos dentes! — choramingou, mostrando a janelinha para ela.

— A fada dos dentes vai entender.

— Será que a gente ganha mais quando engole o dente?

— Não se estiver todo sujo.

\*\*\*

Para mim, as discussões mais memoráveis eram sobre o colégio Hyperno. As

correções sem fim. Pais abusivos. Ou hematomas por apartar brigas.

— Jesus, por que você não deixa eles se matarem logo de uma vez? — indagou nosso pai um dia. — Nossa, como você consegue ser tão...

Penny estava começando a ferver.

— Tão *o quê?*

— Não sei... Ingênua, burra mesmo... Por achar que pode mudar alguma coisa!

— Michael estava abatido, calejado do trabalho nas obras e de nos aturar. Acenou e saiu andando. — Você gasta tanto tempo corrigindo provas, tentando ajudar esses alunos, mas olha aqui... Olha essa casa!

Ele tinha razão; eram peças de Lego em toda parte, tufo de poeira, uma montanha de roupa suja. Nos espólios da liberdade dela, nosso banheiro parecia um banheiro público. Nenhum de nós sabia que tinha um escovão de limpeza ali.

— Mas então o que você quer? Que eu fique em casa fazendo faxina?

— Não... Não é isso que eu...

— Que eu pegue a porcaria do aspirador?

— Mas que merda, não foi isso que eu quis dizer!

— BOM, O QUE *FOI* QUE VOCÊ QUIS DIZER, ENTÃO? HEIN?

Era o tipo de som que fazia um garoto ficar apreensivo, quando a raiva se condensava em fúria. *Dessa vez é sério.*

E não acabava ali.

— ERA PRA VOCÊ ESTAR DO *MEU* LADO, MICHAEL!

— Eu tô! Eu tô.

Então vinha a voz baixa, pior ainda.

— Que tal demonstrar, então?

E então o pós-tempestade, o silêncio.

\*\*\*

Como eu já disse, contudo, momentos assim eram exceção à regra, e eles logo se reconciliavam ao piano:

Para nós, símbolo da desgraça da nossa juventude.

Para eles, ilha de calmaria no meio do caos.

Uma vez, ele ficou parado atrás de Penélope, enquanto ela se recuperava tocando Mozart; então Michael repousou as mãos no instrumento, na réstia de luz sobre o tampo, à beira da janela.

— Queria escrever *Desculpa*, mas esqueci onde guardei a tinta...

Penélope parou e se voltou para ele. Um indício de sorriso despontava na lembrança.

— E também não tem mais espaço para pintar — disse ela, e continuou tocando as teclas já pintadas.

\*\*\*

Sim, ela continuou tocando, a banda de uma mulher só, e embora às vezes o caos tomasse o ambiente, havia também o que chamávamos de discussões *normais* — brigas normais —, geralmente entre nós, garotos.

Com seis anos, Clay começou a jogar futebol, tanto a modalidade organizada quanto a improvisada, entre o jardim e o quintal dos fundos, em volta da casa. Com o tempo, os times passaram a ser nosso pai, Tommy e Rory contra Henry, Clay e eu. Na última jogada, podíamos chutar a bola por cima do telhado, mas só quando Penny não estava lendo na espreguiçadeira do quintal ou corrigindo uma pilha de provas.

— Ei, Rory — dizia Henry. — Vem pra cima que eu meto a porrada em você!

E Rory ia, pulava em cima dele ou se tacava em Henry e depois caía no chão.

Em todo jogo, sem exceção, era preciso apartá-los.

— Vamos lá...

Nosso pai encarava os dois, alternava entre um e outro:

Henry, todo louro e ensanguentado.

Rory da cor de um furacão.

— Lá aonde?

— Não se faça de sonso.

Ele ficava com a respiração rouca, pesada, o braço todo arranhado.

— Façam as pazes. Agora.

E eles faziam.

Apertavam as mãos, pediam desculpa e então:

— Sinto muito... por apertar a sua mão, seu *merda*!

Aí a briga recomeçava, só que dessa vez eram arrastados até os fundos, onde Penélope estava sentada no meio de um monte de papéis espalhados.

— O que vocês aprontaram *dessa vez*? — perguntava ela, de vestido, descalça, ao sol. — Rory?

— Que é?

Ela o encarava.

— Digo, *sim*?

— Preciso explicar. — Ela se dirigia à casa. — Henry?

— Eu sei, eu sei!

Ele já estava agachado, catando os papéis.

Ela trocava olhares com Michael e dava uma piscadinha sapeca, de



cumplicidade.

— Moleques desgraçados dos infernos!

Não me admira que eu tenha tomado gosto pela blasfêmia.

\*\*\*

E o que mais?

O que mais havia ali, naqueles anos que pulamos feito amarelinha?

Cheguei a mencionar que às vezes nos sentávamos na cerca dos fundos para acompanhar o trabalho dos cavalos na pista? contei que ficávamos vendo enquanto desmontavam tudo até aquilo virar só mais um campo abandonado?

Cheguei a mencionar a guerra de Lig 4 quando Clay tinha sete anos?

Ou a partida de ludo que durou quatro horas, talvez mais?

Cheguei a mencionar que foram Penny e Tommy que venceram a batalha, com Clay e Michael em segundo, eu em terceiro, e Henry e Rory (que eram forçados a jogar juntos) em último? E que um ficou jogando a culpa para o outro por não saber nem rolar um maldito dado?

Quanto ao que aconteceu no Lig 4, digamos que meses depois ainda encontrávamos pecinhas perdidas.

— Ei, olha! — gritávamos do corredor ou da cozinha. — Uma veio parar aqui!

— Vai lá pegar, Rory.

— Vai *você*.

— *Eu* é que não vou. É uma das suas peças.

E assim seguia. E seguia.

E seguia.

\*\*\*

Clay se lembrava do verão, Tommy perguntando quem era Aurora enquanto Penny lia a *Iliada*. Era tarde da noite, estávamos na sala. Tommy deitado no colo dela, com os pés em cima das minhas pernas, e Clay esparramado no chão.

Penny se inclinou e fez cafuné em Tommy.

— Não é uma pessoa, seu burro, é o céu. — respondi.

— Como assim?

Dessa vez foi Clay quem perguntou, e Penélope explicou:

— Sabe quando o sol está nascendo e o céu fica rosado?

Ele fez que sim, sob a janela.

— Bom, essa luz se chama aurora. Incrível, não é?

Clay sorria, Penny também.

Tommy ressurgia com mais uma dúvida.

— Heitor também quer dizer céu?

Foi a gota d'água para mim; me levantei.

— Vocês precisavam mesmo de cinco?

Penny Dunbar só deu risada.

\*\*\*

No inverno seguinte, começou uma nova temporada de futebol organizado, as vitórias e os treinos e as derrotas. Clay não era muito fã do esporte, mas jogava porque nós jogávamos, e imagino que seja isso mesmo que os irmãos mais novos fazem por um tempo: copiam os mais velhos. Nesse sentido, também devo dizer que, embora ele se destacasse entre nós, também sabia ser igualzinho. Às vezes,

jogando lá em casa, quando alguém discretamente socava ou dava uma cotovelada, Henry e Rory se estranhavam — era “Não fui eu!” para cá, “Ah, vai à merda!” para lá —, mas eu sabia que tinha sido Clay. Já na época seus cotovelos eram ferozes e cobriam uma área extensa; era difícil prever os golpes.

Às vezes, ele admitia a culpa.

Dizia:

— Rory, fui eu.

Você não sabe do que sou capaz.

Mas Rory não queria saber; era mais fácil brigar com Henry.

\*\*\*

Por isso (e por outros motivos), era mais cômodo recorrer à má fama de Henry nas horas de esporte e lazer — ele já tinha sido expulso por empurrar o árbitro. Depois, foi rechaçado pelos colegas de time por cometer o pecado capital do futebol; no intervalo, o técnico perguntou a eles:

— Cadê as laranjas?

— Que laranjas?

— Não me venham com essa! Vocês sabem, as laranjas fatiadas.

Até que alguém reparou.

— Olha, tem um monte de casca ali! Com certeza foi o Henry, foi o babaca do Henry!

Meninos, homens, mulheres; todo mundo ficou olhando.

Um grande vexame suburbano.

— É isso mesmo?

Não adiantava negar; as mãos falavam por ele.

— Fiquei com fome.

O campo ficava a seis ou sete quilômetros de casa. Costumávamos ir de trem, mas Henry foi intimado a voltar a pé, e todos nós, de quebra. Quando um de nós aprontava uma dessas, todos pagávamos o pato.

— Mas por que você empurrou o juiz? — perguntei.

— Ele ficou pisando no meu pé com aquela chuteira com travas de aço.

Então Rory:

— Precisava mesmo ter comido todas as laranjas?

— Foi porque eu sabia que assim você ia ter que voltar a pé pra casa também, seu imbecil!

E Michael:

— Ei!

— Tá bom... Desculpa.

Dessa vez ninguém retirou o pedido de desculpa, e acho que, de certa forma, todos estávamos felizes no dia, embora faltasse pouco para começar a desmoronar; até Henry, vomitando na sarjeta. Penny ficou ajoelhada com ele, a voz de nosso pai ao lado dela:

— Acho que *esses* são os espólios da liberdade.

Não tínhamos como saber.

Éramos apenas o bando Dunbar, alheios a tudo que estava por vir.

## peter pan

— CLAY... TÁ ACORDADO?

De início, Henry não obteve resposta, mas sabia que o irmão estava acordado. Se havia uma coisa que se podia dizer sobre Clay era que estava sempre acordado. O que surpreendeu Henry foram o abajur aceso e o menino ter algo a dizer:

— O que você tá sentindo?

Henry sorriu.

— Tô ardendo. E você?

— Tô cheirando a hospital.

— A sra. Chilman não tem jeito... Aquele treco que ela passa arde demais, né?

Clay sentiu uma queimação na lateral do rosto.

— Melhor que Merthiolate, vai... Ou o Listerine do Matthew.

\*\*\*

Mais cedo, algumas coisas tinham acontecido:

Limpamos a sala.

Convencemos o peixe e o pombo a ficarem.

As façanhas de Henry foram narradas na cozinha, e a sra. Chilman deu as caras, para remendar Clay, descobrindo que era Henry quem mais precisava de seus cuidados.

\*\*\*

Mas primeiro a cozinha. Antes de qualquer coisa, Henry tinha que se explicar, e então contou tudo por alto, sem dar detalhes; falou de Schwartz e Starkey, e da garota, e parecia bem menos jovial ali, e eu também. Para falar a verdade, eu estava prestes a tacar a chaleira nele ou dar com a torradeira naquela cabeça infame.

— Você fez *o quê*? — Mal pude acreditar no que estava ouvindo. — Eu esperava mais de você. Esse é o tipo de coisa que o Rory faria.

— Ei! — reclamou Rory.

— Pois é, cara — disse Henry. — Mais respeito comigo, por favor.

— Isso não é hora pra brincadeira. Estou avisando!

Também fiquei de olho na frigideira, que descansava no fogão, só esperando para entrar em ação.

— Mas que merda aconteceu, afinal? Espancaram você? Um caminhão te atropelou?

Henry tocou um dos cortes, quase com carinho.

— Tá bom, olha só... Schwartz e Starkey são gente boa. Fui eu que pedi. Começamos a beber, até que... — Ele respirou fundo. — Nenhum deles teve coragem, então tentei provocar a garota. — Ele olhou para Clay e Rory. — Aquela bocuda, sabem?

Você quer dizer aquela da alça do sutiã, pensou Clay.

— A dos peitos — disse Rory.

— A própria — concordou Henry, todo faceiro.

— E...? — perguntei. — O que foi que você fez?

Rory de novo.

— Aqueles peitinhos dela parecem suspiros.

Henry:

— Cacete, suspiros? Nunca tinha pensado nisso.

— Já podem parar com a palhaçada?

Henry me ignorou solenemente.

— Melhor que pizza — disse ele.

Meu Deus, tinha virado uma conversa particular entre os dois.

— Ou rosquinhas.

Rory deu risada e logo ficou sério.

— Hambúrgueres.

— Vai uma porção de batata frita para acompanhar?

— E uma Coca.

Rory deu risadinhas; isso mesmo, *risadinhas*.

— Calzones.

— Que porra é essa, calzone?

— Je-sus *Cristo*!

Os dois sorriam de orelha a orelha, Henry com sangue escorrendo do queixo.  
Consegui chamar a atenção deles.

— Tudo bem aí, Matthew? — perguntou Rory. — Essa foi a melhor conversa que tive com o Henry em anos!

— Talvez na vida.

— Falei do fundo do coração — disse Rory.

— Bom... — Enfiei o braço entre eles. — Sinto interromper o debate sobre pizza, hambúrguer e calzone, e essa conexão fortíssima que vocês descobriram por causa de um par de peitos comestíveis...

— Comestíveis! Tá vendo só? Nem o Matthew resiste!

— Mas, se não for nenhum incômodo para você, eu gostaria de saber que porra aconteceu.

Henry sonhava acordado diante da pia.

— E aí?

Piscou algumas vezes, voltando à realidade.

— E aí o quê?

— O que *aconteceu*?

— Ah, é... — Ele reuniu suas energias. — Bom, o negócio é que eles se recusaram a me bater, então fui pra cima dela... Eu já tava bebaço e pensei em tirar uma casquinha, digamos.

— E...? — indagou Rory. — Como foi?

— Sei lá. Fiquei travado.

Ele pensou bem antes de continuar.

— E aí?

— Rá! E depois?

Henry, meio sorriso, meio sofrido.

— Bom, ela percebeu que eu tava me aproximando. — Ele engoliu em seco e sentiu tudo de novo: — Aí ela esmurrou meu saco quatro vezes e me deu três socos na cara.

Houve um clamor genuíno de “Jesus!”.

— Pois é... Ela me comeu na porrada.

Rory em especial ficou empolgado.

— Viu, Clay? Quatro vezes! Isso que é comprometimento! Nada dessa ladainha de duas porradas nas bolas.

E não é que Clay riu? E gargalhou.



— E então... — prosseguiu Henry. — O Starkey e o Schwartz terminaram o serviço. Não tiveram escolha.

Fiquei perplexo.

— Por quê?

— Não é óbvio? — Henry foi objetivo. — Estavam com medo de serem os próximos.

\*\*\*

De volta ao quarto, muito depois da meia-noite, Henry, que estava deitado, se sentou na cama de súbito.

— Foda-se! — disse ele. — Já tô sóbrio o bastante, vou lá pegar o carro.

Clay suspirou e se virou na cama.

Caía uma cortina de chuva, praticamente um véu.

Quase seca ao tocar o chão.

\*\*\*

Mais cedo, pouco depois do enigma do rosto de Henry e da conversa sobre os peitos, houve arranhões na porta dos fundos e batidas à porta da frente.

Nos fundos, eram Aurora e Aquiles, diligentes à espera.

Para o cachorro:

— Você, pra dentro.

Para a mula:

— E você... enfia nessa sua cabeça oca que não vai entrar! A cozinha tá fechada.

Na frente, ecoaram batidas e um chamado:

— Matthew, é a sra. Chilman!

Abri a porta para aquela mulher baixinha e atarracada, com rugas onipresentes, olhos cintilantes e nenhuma recriminação. Ela estava ciente de que nossa casa fazia parte de um universo paralelo, mas não estava ali para julgar ninguém. Mesmo quando percebeu que ficamos só nós, os garotos Dunbar, nunca me questionou sobre nosso estilo de vida. A sra. Chilman era a voz da experiência... Ela viu garotos da minha idade e da idade de Rory serem despachados para morrer do outro lado do mundo. De início, trazia sopa (bem grossa e pelando), e nos pediu ajuda para abrir potes até o fim da vida.

Naquela noite, ela chegou preparada.

Economizou as palavras comigo:

— Oi, Matthew, tudo bem com você? Pensei em dar uma olhada no Clay, ele tá um pouco abatido, né? Depois quero ver as suas mãos.

Foi quando veio a voz do sofá, trazendo a tiracolo, de muito bom grado, Henry.

— Primeiro eu, sra. Chilman!

— Jesus amado!

Qual era o problema da nossa casa?

Fazia todo mundo blasfemar.

\*\*\*

O carro estava no estacionamento do parque Bernborough, e foram andando até lá, atravessando a cortina de umidade.

— Tá a fim de dar umas voltas? — perguntou Clay.

Henry se engasgou com o riso.

— Só se for dirigindo.

Ficaram em silêncio no carro, e em cada rua que viravam Clay catalogava os nomes. Passaram pela Empire, Carbine, Chatham, até chegarem à avenida Gloaming onde ficavam o Hennessey e o Naked Arms. Ele se lembrou de todas as vezes que andou pelas ruas com Carey Novac, quando ela era nova ali.

Ficaram perambulando, e Clay encarava o freio de mão.

— Ei... Ei, Henry! — disse ele quando pararam no semáforo da rua Flight, e mais parecia que estava conversando com o painel. — Obrigado pelo que fez por mim.

E verdade seja dita: Henry tinha uma determinação louvável, principalmente em momentos como aquele; ele deu uma piscadela com o olho roxo.

— A garota do Starkey não deixa barato, não.

A última parada antes de voltarem para casa foi a praça Peter Pan, onde encostaram o carro e ficaram olhando o vidro do para-brisa e a estátua no centro da praça. Através do véu de chuva, Clay via as pedras e o cavalo que deu nome à praça. A placa na base da escultura dizia:

PETER PAN  
UM CAVALO MUITO DISTINTO  
BICAMPEÃO DA CORRIDA QUE PARA A NAÇÃO

1932, 1934

Parecia que o cavalo também os observava, com a cabeça inclinada, mas Clay sabia — o cavalo queria chamar a atenção, ou mesmo arrancar pedaço de um de seus rivais. Rogilla em especial. Peter Pan detestava Rogilla.

No topo, o jóquei Darby Munro também parecia observar o carro, e Henry girou a chave. Quando o motor pegou, os limpadores do para-brisa começaram a

percorrer o vidro a cada quatro segundos, cavalo e montador aparecendo e sumindo, aparecendo e sumindo, até que Henry enfim falou.

— Ei, Clay — disse ele, balançando a cabeça, ameaçando um sorriso no canto da boca. — Me conta o que ele anda fazendo.

## guerras do piano

ANOS MAIS TARDE, era compreensível.

As pessoas entendiam errado.

Achavam que nós éramos daquele jeito por conta da morte de Penny e da partida de nosso pai. Claro que isso nos deixou mais brigões, mais cascas-grossas, mas não foi o que nos fez ter pavio curto. Não, no início, foi algo mais.

Foi a madeira, o porte empertigado.

O piano.

\*\*\*

Só sei que começou comigo, no sexto ano, e agora, conforme datilografo, me sinto culpado; peço desculpas. Afinal, esta é a história de Clay, e no entanto aqui estou, escrevendo sobre mim — mas por alguma razão sinto que é importante. É um fio condutor.

Até então, eu tirava a escola de letra. As aulas eram tranquilas, eu participava de todos os jogos de futebol. Podia contar nos dedos as vezes em que tinha me metido em briga, até que alguém se deu conta: fiquei marcado por tocar piano.

Não importava se éramos forçados a isso, ou que o piano, enquanto instrumento, tivesse uma longa história de rebeldia — Ray Charles era a ousadia em pessoa; Jerry Lee Lewis literalmente tacava fogo no piano. Entre as crianças do distrito de turfe, somente um tipo de garoto tocava piano; não importava

quanto o mundo tinha avançado. Não importava se era capitão do time de futebol ou boxeador juvenil amador. O piano atestava apenas uma coisa, e essa coisa, claro, era:

Você era homossexual.

\*\*\*

Todo mundo já estava cansado de saber que tocávamos, ainda que mal. Nada disso importava, no entanto, pois a infância se atém às coisas em diferentes momentos. Um jovem pode viver em paz por uma década inteira, mas nada impede que ele vire um excluído na adolescência. Ou alguém pode levar fama de *interessante* por colecionar selos no primeiro ano e ser perseguido pelo mesmo motivo no nono.

No meu caso, como eu já disse, o problema foi no sexto ano.

Bastou aparecer um garoto meio palmo mais baixo, só que muito mais forte, um *verdadeiro* boxeador juvenil — um garoto chamado Jimmy Hartnell Jr. O pai dele, Jimmy Hartnell, era dono da Academia de Boxe Tricolor, na avenida Poseidon.

E Jimmy, que moleque!

Era como um mercadinho de bairro:

Podia ser pequeno, mas quem cruzasse seu caminho pagaria caro.

Aquela franja ruiva.

Quanto ao começo disso, havia meninos e meninas no corredor, e réstias de sol e poeira. Havia uniformes e chamadas, e incontáveis corpos em movimento. Era muito bonita, desconcertante até, a forma como a luz traçava seu caminho; aqueles feixes perfeitos, longilíneos.

Jimmy Hartnell marchava pelo corredor, sardento, confiante, em minha direção. Camisa branca, bermuda cinza. Satisfação estampada no rosto. Era o perfeito vândalo escolar, seu cheiro era o cheiro de café da manhã, seus braços eram de carne vermelha.

— Ei! Não é o tal do Dunbar ali? Aquele que toca piano? — Ele esbarrou o ombro em mim, deliberadamente. — Que *princesa*!

O garoto usava o itálico como ninguém.

\*\*\*

Isso durou semanas, talvez um mês, e foi piorando. O esbarrão de ombro virou cotovelada, a cotovelada evoluiu para um soco no saco (embora menos letal que a boa e velha Peitos de Suspiro), que logo evoluiu para os favoritos: *beliscões no mamilo* no banheiro masculino, chave de braço em alguns cantos; mata-leão no corredor.

De muitas formas, em retrospecto, eram só os espólios da infância, distorcidos e devidamente aplicados. Não é muito diferente da poeira ao sol, despencando na sala.

Mas não significava que eu gostasse.

Ou que não fosse reagir.

Assim como muitas crianças nessa situação, não lidei com o problema de frente, pelo menos não no começo. Teria sido burrice, então revidei como pude.

Em outras palavras, culpei Penélope.

Eu me revoltei contra o piano.

\*\*\*

Claro, existem problemas e problemas, e meu problema naquele momento era o seguinte:

Perto de Penélope, Jimmy Hartnell era um frouxo.

Ainda que não conseguisse nos domar ao piano, ela sempre nos obrigava a praticar. Agarrava-se a um canto da Europa, ou pelo menos a uma cidade do Leste. A essa altura, tinha até um mantra (e, minha nossa, nós também):

— Se quiser, pode largar o piano quando chegar ao ensino médio.

Mas isso não ajudava muito.

Estávamos no meio do primeiro semestre, o que significava que eu ainda precisaria sobreviver à maior parte do ano.

\*\*\*

Meus esforços começaram sem muita convicção:

Eu ia ao banheiro no meio dos ensaios.

Chegava atrasado.

Tocava mal de propósito.

Em pouco tempo, passei a testá-la descaradamente; não tocava certas músicas, às vezes nem tocava. Penélope tinha toda a paciência do mundo com os jovens problemáticos de Hyperno, mas eles não a prepararam para isso.

No começo, tentou conversar comigo; dizia: “O que tá acontecendo com você?” e “Puxa, Matthew, você é melhor que *isso*.”

Claro que eu não disse nada a ela.

Eu tinha um hematoma no meio das costas.

Por mais ou menos uma semana nós nos sentamos juntos, eu à direita, Penny à esquerda, e olhei para a linguagem da música; as colcheias, o ritmo das semínimas.



Lembro a cara do meu pai também, quando saiu da câmara de tortura e nos encontrou em pé de guerra.

— De novo? — perguntou ele.

— De novo — respondeu ela, sem tirar os olhos da partitura nem para olhar para ele.

— Quer um café?

— Não, obrigado.

— Chá?

— Não.

Ela ficava ali sentada com o semblante de uma estátua.

\*\*\*

De quando em quando surgiam algumas palavras, brutas como um murro, quase todas minhas. Quando Penélope se dispunha a falar, era com serenidade.

— Não quer mais tocar? Tá bom. Vamos ficar sentados aqui. — A calma dela me dava nos nervos. — Vamos ficar o dia todo aqui, até você dar o braço a torcer.

— Não vou fazer isso.

— Vai, sim.

Hoje, olho para trás e me vejo ali, diante das teclas pintadas. Cabelo escuro despenteado, desengonçado, olhos reluzentes — e definitivamente tinham cor na época, eram azuis e claros como os dele. Eu me vejo, tenso e inconsolável, quando digo a ela mais uma vez:

— Não vou.

— O tédio vai acabar vencendo — contra-argumentou ela. — Mais fácil tocar do que não tocar.

— Isso é o que você pensa.

— Como é que é? — Ela não tinha me ouvido. — O que foi que você falou?

— Eu falei... — Me virei para ela. — Que isso é o que *você* pensa, porra!

Ela se levantou.

Queria explodir ao meu lado, mas ela o canalizava tão bem na época que não se deixava abalar, nem um pouquinho. Simplesmente se sentou de volta e me observou.

— Tá certo, então — disse ela. — Vamos ficar por aqui. Vamos ficar aqui sentados, esperando.

— Odeio o piano — murmurei. — Odeio o piano e odeio *você*.

Foi Michael Dunbar quem me ouviu.

Ele estava no sofá, mas de repente virou os Estados Unidos entrando na guerra com todas as forças; atravessou a sala a passos largos e me carregou até os fundos, e poderia muito bem ser Jimmy Hartnell, passando pelo varal, me arrastando sob os pregadores. O corpo tinha um espasmo a cada respiração; minhas mãos agarravam a cerca.

— *Nunca* mais fale assim com a sua mãe! — E me empurrou, dessa vez com mais força.

Bate, pensei. Pode bater.

Mas Penny estava logo ao lado.

Ela olhou para mim, me analisou.

— Ei — disse ela. — Ei, Matthew!

Levantei o rosto, não me contive.

A arma da imprevisibilidade:

— Levanta daí e já pra dentro! Ainda temos dez minutos, porra!

\*\*\*

No fundo, eu estava errado.

Sabia que era errado admitir — ceder —, mas fiz isso mesmo assim.

— Desculpa — pedi.

— Pelo quê?

Ela olhava para a frente.

— Você sabe. *Porra*.

Ela manteve o olhar focado na partitura, sem piscar.

— E...?

— Por dizer que te odeio.

Aproximou-se muito sutilmente de mim.

Aproximou-se sem nem se mover.

— Você pode falar palavrões o dia todo, e me odiar o dia todo, contanto que toque.

\*\*\*

Mas não toquei, não naquela noite, nem na seguinte.

Passei semanas, meses sem tocar piano. Se Jimmy Hartnell ao menos tivesse visto... Se ao menos soubesse tudo por que eu estava passando para me livrar dele:

Culpo Penny em seus jeans justos e a suavidade de seus pés; e também o som da respiração dela. Culpo os murmúrios na cozinha — com Michael, que a defendia acima de tudo —, e já que estou aqui, culpo Michael também, aquele capacho, e sua lealdade incondicional a Penélope. Acho que a única coisa que ele fez de certo nesse período foi dar petelecos na orelha de Rory e Henry quando

também se recusavam a tocar. Aquela guerra era minha, não deles, pelo menos não na época. E olha que eles também sabiam ser chatos, pode acreditar.

Não; para mim, aqueles meses foram intermináveis.

Os dias correram até o inverno, depois se atrasaram para a primavera, e Jimmy Hartnell continuava atrás de mim, nunca entediado ou impaciente. Beliscava os meus mamilos no banheiro e deixava hematomas na minha virilha; era especialista em golpes baixos, dominava essa arte, conforme ele próprio e Penélope esperavam qualquer reação da minha parte; eu estava ali para me baterem, me quebrarem.

Como eu queria que ela explodisse!

Que ela desse um tapa na própria coxa ou puxasse aquele cabelo sedoso.

Mas não, ah, não, ela fez jus a ele dessa vez, ao monumento de silêncio comunista. Chegara a mudar as regras: aumentou minha carga horária. Ficava esperando no banco a meu lado, e meu pai levava café, torrada com geleia e chá para ela. Levava biscoitos e frutas e chocolate. As aulas eram longas jornadas de dor nas costas.

Certa noite, ficamos sentados até meia-noite, e foi quando desabafei. Meus irmãos já tinham ido deitar e, como sempre, ela ficou esperando; Penélope ainda estava empertigada quando me levantei e cambaleei até o sofá.

— Ei, mocinho! — chamou. — Isso não vale. Ou você toca piano, ou vai pra cama.

Foi aí que me denunciei; desmoronei e senti o erro.

Descontente, me levantei; passei por ela, no corredor, desabotoando a camisa, e ela viu o que havia por baixo — no lado direito do peito, as marcas deixadas como a assinatura de certa nêmesis com franja ruiva da escola.

De pronto, ela esticou o braço.

Os dedos longos e delicados.

Ela me parou ao lado do instrumento.

— O que — indagou — é isso?

\*\*\*

Como eu já disse, na época meus pais formavam um casal de outro mundo.

Se eu os detestava por causa do piano?

Claro que sim.

Se os amava pelo que fizeram depois?

Pode apostar!

Porque em seguida vieram momentos assim.

\*\*\*

Lembro que me sentei na cozinha, na foz de luz.

Contei tudo, e escutaram com atenção, em silêncio. Até mesmo sobre a destreza de Jimmy Hartnell no boxe; primeiro só absorveram a informação.

— Princesa — disse Penélope, em algum momento. — Tem ideia do quanto isso é errado e idiota e... — Ela buscava algo a mais, pelo que parecia... o pior crime de todos. — *Sem imaginação?*

Tive que ser sincero.

— O que mais me dói são os beliscões nos mamilos...

Ela olhou para baixo e encarou o chá.

— Por que nunca disse nada?

Já meu pai estava com os olhos despertos, sagaz.

— É um garoto — disse ele, e piscou para mim, e ficaria tudo bem. — Estou certo ou não estou?

Penélope entendeu.

Ela se repreendeu, e rápido.

— Mas é claro... — sussurrou ela. — É como eles...

Os garotos do colégio Hyperno.

\*\*\*

No fim, tudo foi definido enquanto ela tomava chá. Surgiu a certeza abjeta sobre a única forma de me ajudarem, e não era comparecerem à escola. Não era buscar proteção.

Michael disse que tudo bem.

Uma declaração discreta.

Acrescentou que não restava nada a fazer além de dar o troco em Jimmy Hartnell e resolver a questão. Foi praticamente um monólogo, e Penélope concordou. Em determinado momento, quase riu.

Se ela estava orgulhosa dele e do discurso dele?

Feliz pelo que eu enfrentaria?

Não.

Hoje acho que era algo como um sinal de vida — me imaginar tomando as rédeas, o que, claro, era a parte mais fácil:

Imaginar era uma coisa.

Colocar em prática parecia quase impossível.

Quando Michael acabou de falar e perguntou o que *ela* achava, ela suspirou, mas estava, acima de tudo, aliviada. Não havia motivo para piadas, mas foi

justamente isso que ela fez.

— Bom... Se brigar com o garoto vai fazer ele voltar a tocar piano, então é tudo que nos resta. — Ela sorriu, envergonhada, porém surpresa; eu estava total e completamente desolado.

Meus pais, que existiam para me proteger, me criar do jeito certo, estavam me impulsionando, sem pensar duas vezes, para a derrota escolar iminente. Fiquei dividido entre o amor e o ódio por eles, mas agora vejo que fazia parte do treinamento.

Afinal, Penélope morreria.

Michael nos deixaria.

E eu, claro, ficaria.

Antes de tudo isso acontecer, contudo, ele me ensinaria e me prepararia para brigar com Hartnell.

Tinha tudo para dar certo.

# **cláudia kirkby**

## **dos braços quentes**

NA MANHÃ SEGUINTE, tanto Henry quanto Clay acordaram inchados.

Um deles se arrumou para a escola, todo roxo e quieto e amarrotado, e o outro se arrumou para trabalhar comigo, todo roxo e quieto e amarrotado. Ele começava a espera pelo sábado.

Daquela vez, no entanto, foi diferente:

A espera para vê-la correr.

\*\*\*

Muitas águas ainda rolariam naquele primeiro dia, em grande parte por conta de Cláudia Kirkby. Mas primeiro Clay foi ver Aquiles.

Eu trabalhava perto de casa, então poderíamos sair um pouco mais tarde, e Clay foi até o quintal. A luz do sol banhava os animais, mas golpeava Clay bem no rosto. Logo aliviaria o inchaço.

Primeiro ele fez uns carinhos em Aurora, até que ela começou a correr em círculos pela grama.

A mula sorria debaixo do varal.

Ficou olhando para ele e dizendo: Você voltou.

Clay fazia carinho na crina.

Estou de volta... mas não por muito tempo.



Ele se agachou, checou as patas da mula, e Henry apareceu, chamando por ele:

— Tudo certo com os cascos?

— Tudo certo.

— Ele fala! Vou correr até a banca de jornal!

Clay entrou na brincadeira enquanto dava uma atenção especial ao casco dianteiro da direita.

— Ó, Henry, de um a seis.

Henry abriu um sorriso.

— Pode apostar!

\*\*\*

Quanto a Cláudia Kirkby, na hora do almoço, Clay e eu estávamos sentados em uma casa, entre uma entrega de piso e outra. Quando me levantei para lavar as mãos, meu celular tocou, e pedi a Clay que atendesse; era a professora, que também trabalhava como orientadora. Ela ficou surpresa por Clay estar em casa, e ele explicou que era temporário. Quanto ao motivo do telefonema, ela vira o estado de Henry e queria saber se estava tudo bem.

— Lá em casa? — perguntou Clay.

— Bom... sim.

Clay ergueu o rosto e esboçou um sorriso.

— Não foi em casa que bateram no Henry. Ninguém aqui seria capaz de uma coisa dessas.

Eu me vi obrigado a intervir.

— Dá aqui essa porcaria!

Ele passou o celular.

— Srta. Kirkby? Certo, Cláudia. Não, tá tudo bem, ele teve um probleminha na vizinhança, nada de mais. Garotos, né?

— Ah, sim.

Falamos por alguns minutos, e a voz dela era calma — tranquila mas resoluta —, e a imaginei do outro lado da linha. Será que estava usando a saia preta e a camisa creme? E por que imaginei as panturrilhas dela? Quando eu ia desligar, Clay me fez esperar, para dizer a ela que tinha trazido os livros para devolver.

— Sabe se ele quer uma nova leva? — perguntou ela.

Ele escutou, pensou e fez que sim.

— De qual ele mais gostou?

Ele disse:

— *A batalha da rua Quinze.*

— Esse é bom.

— Gostei do enxadrista da história — explicou Clay, um pouco mais alto dessa vez. — Billy Wintergreen.

— Nossa, ele é *demais* — comentou Cláudia Kirkby.

Eu estava sobrando ali no meio.

— Estou atrapalhando a conversa? — perguntei (não muito diferente da posição em que me encontrava entre Henry e Rory, na noite em que Clay voltou para casa), e ela sorriu do outro lado da linha.

— Vem pegar os livros amanhã. Estarei aqui depois do trabalho.

Às sextas-feiras, o pessoal do colégio fazia um *happy hour*.

Quando desliguei, Clay me olhou com uma cara esquisita.

— Pode tirar esse sorrisinho besta da cara!

— Qual é o problema? — perguntou.

— Não se faz de bobo! Pega logo esse troço.

Carregamos as tábuas de assoalho para o andar de cima.

\*\*\*

No dia seguinte, de tarde, fiquei sentado no carro enquanto Clay ia até o pátio da escola.

— Você não vem?

Ela estava do outro lado do estacionamento.

Ergueu um dos braços à luz, e fizeram a troca de livros.

— Meu Deus, o que aconteceu com *você*?

— Tá tudo bem, srta. Kirkby, tinha que ser assim.

— Essa família Dunbar, hein... sempre me surpreendendo! — Então ela notou o carro. — Oi, Matthew!

Droga, fui obrigado a sair. Dessa vez reparei nos títulos:

*Golpe brutal.*

*Na gangorra.*

(Ambos do mesmo autor.)

*O rapazinho e o chefe.*

Quanto a Cláudia Kirkby, ela apertou minha mão, e seus braços pareciam quentes, o fim de tarde inundando o arvoredo. Perguntou como estavam as coisas, e se eu estava feliz por receber Clay de volta, e lógico que eu disse claro, mas que ele não ficaria por muito tempo.

Antes de irmos embora, ela olhou para Clay.

Pensou, decidiu e estendeu a mão.

— Vem cá — disse ela. — Me passa um desses livros.

Em um pedaço de papel, escreveu seu número de telefone e uma mensagem, depois guardou dentro do exemplar de *O rapazinho e o chefe*:

*Em caso de emergência  
(se acabar o estoque de livros, por exemplo)*

E ela *estava* usando aquele conjunto, do jeito que eu imaginei, e lá estava a sarda no centro da bochecha.

O cabelo dela era castanho e batia nos ombros.

Morri a caminho de casa.

\*\*\*

No sábado, chegou a hora, e nós cinco fomos ao hipódromo de Royal Hennessey, pois a notícia tinha se espalhado; McAndrew estava com uma aprendiz que era bala na agulha, e era a garota da rua Archer, número 11.

A pista tinha duas arquibancadas:

Os associados e a ralé.

Entre os associados havia classe, ou pelo menos classe de faz de conta, e champanhe velho. Havia homens de terno, mulheres de chapéu, e alguns nem eram chapéus. Tommy, inclusive, parou e perguntou: o que *são* essas coisas estranhas, afinal?

\*\*\*

Juntos nos dirigimos à ralé — a arquibancada pública, de pintura lascada —, com seus apostadores e festeiros, vencedores e perdedores, em grande parte homens gordos com roupas de mau gosto. Havia cerveja e nuvens e notas de cinco dólares,

e bocas cheias de carne e cigarro.

No meio, claro, ficava o padoque, onde os cavalos eram conduzidos pelos cavaleiros, dando voltas vagarosas. Os jockeys ficavam com os treinadores. Os treinadores ficavam com os donos. Havia cor e castanho. Selas e preto. Estribos. Instruções. Muitos meneios.

\*\*\*

Em determinado momento, Clay viu o pai de Carey (outrora conhecido como Ted das Cocheiras), e ele era alto para um ex-jockei, baixo para um homem, bem como Carey lhe contara. Estava de terno, apoiado na cerca, com o peso de suas mãos infames.

Após um ou dois minutos, sua esposa apareceu também, em um vestido verde-claro, com o cabelo meio ruivo, meio louro, fluido, na altura dos ombros: a formidável Catherine Novac. Ela balançava uma bolsa da mesma cor do vestido, inquieta, nervosa, calada. Em determinado momento, enfiou a bolsa na boca, como se mordesse um sanduíche. Dava para ver que detestava dias de turfe.

\*\*\*

Subimos e nos acomodamos no fundo da arquibancada, em assentos quebrados com manchas de mofo. O céu estava escuro, mas seco. Juntamos nosso dinheiro, Rory fez a aposta, e a observamos no padoque. Estava com o velho McAndrew, que a princípio não disse nada, só ficou olhando. Um homem feito cabo de vassoura, braços e pernas feito ponteiros de relógio. Uma hora ele se virou e fitou os olhos de Clay, um olhar áspero e límpido, azul-acinzentado.

Ele se lembrou de uma coisa que McAndrew dissera certa vez, não só para

Clay ouvir, como na cara dele. Algo sobre tempo e trabalho e eliminar o peso morto. Ele acabou tomando gosto por esse conselho.

Naturalmente, Clay sorriu quando a viu.

McAndrew a chamou para perto.

Quando lhe deu ordens, foram sete ou oito sílabas, nem uma a mais, nem uma a menos.

Carey Novac assentiu.

Em uma pernada, ela se aproximou do cavalo e montou.

Então trotou com ele para fora do portão.

# hartnell

NO PASSADO, NÃO tínhamos como saber.

Um novo mundo estava por vir.

Enquanto eu começava a empreitada para confrontar Jimmy Hartnell, nossa mãe logo começaria a morrer.

Para Penélope, era tão inócuo...

Até onde conseguimos lembrar, começou assim:

Eu estava com doze anos, em treinamento, Rory, com dez, Henry, com nove, Clay, com oito, e Tommy, com cinco, e a hora de nossa mãe havia chegado.

Era uma manhã de domingo, no fim de setembro.

Michael Dunbar acordou com o barulho da TV. Clay estava vendo desenho animado: *Mauro Meteórico: o cachorro espacial*. Eram seis e quinze.

— Clay?

Nada. O garoto estava com os olhos grudados na tela.

Ele murmurou mais firme.

— *Clay!*

Dessa vez o garoto virou o rosto.

— Pode abaixar um pouco?

— Ah, desculpa. Tá bom.

Quando Clay diminuiu o volume, Michael já estava mais desperto, então aproveitou para se sentar com ele, e quando Clay pediu uma história, ele contou

da Lua e da cobra e de Featherton, e não ousou pular nenhuma parte. Clay sabia quando ele deixava algo de fora, e consertar depois levaria mais tempo.

Concluída a história, Michael ficou assistindo ao desenho com Clay, um dos braços nos ombros do menino.

Clay sorria para o cachorro louro; Michael cochilava, mas logo acordou de vez.

— Olha — disse ele. — Tá no final já. — Ele apontou para a tela. — Vão enviar o Mauro de volta pra Marte.

Uma voz invadiu a sala, sorrateira.

— É Netuno, seu imbecil!

Clay e Michael Dunbar, os dois sorriram e se viraram para a mulher atrás deles, no corredor, em seu pijama velho.

— Vocês não guardam nada mesmo! — disse ela.

Naquela manhã, o leite estava estragado, então Penny fez panquecas. Quando os outros acordaram, brigamos, derrubamos suco de laranja e culpamos uns aos outros. Penny limpou a sujeira e chamou a nossa atenção:

— Vocês derrubaram a suco *outrra* vez!

E rimos, e nenhum de nós sabia:

Então ela derrubou um ovo no pé de Rory.

Então um prato escorregou de sua mão.

O que isso significava, se é que significava algo?

Agora eu sei que significava muito.

Ela estava começando a nos deixar naquela manhã, e a morte estava de mudança para nossa casa:

Feito alguém se empoleirando na janela.

Balançando ao sol, junto com a cortina.



Mais tarde, ela se aproximou e, como quem não queria nada, se apoiou na geladeira; se estava tomando conta da cerveja, fazia um ótimo trabalho.

\*\*\*

Por outro lado, quanto à contenda com Hartnell, foi exatamente como imaginei: incrível. Nas vésperas daquele domingo aparentemente mundano, compramos dois pares de luvas de boxe.

Desferimos socos, giramos.

Esquivamos.

Eu morava naquelas luvas vermelhas, gigantes, tais quais cabanas amarradas em meus pulsos.

— Ele vai me matar — falei, mas meu pai não deixaria isso acontecer.

Ele era apenas meu pai na época, e talvez seja tudo que posso dizer; é a melhor coisa que tenho a contar aqui.

Em momentos assim ele parava tudo.

Colocava a mão com luva de boxe no meu pescoço.

— Bom... — Ele pensava e falava comigo em voz baixa. — Você precisa começar a pensar desse jeito. Precisa se decidir. — As palavras encorajadoras o encontravam com facilidade, conforme ele encostava na minha nuca. Era tudo tão afetuoso, tão doce. Havia muito amor ali. — Ele pode te matar à vontade, mas você não vai morrer.

Ele era bom antes do início.

\*\*\*

Quanto a Penny, ela continuava perdendo as forças, e nós mal notávamos. A

mulher que conhecemos ao longo de nossas breves vidas — que nem resfriado pegava — de vez em quando parecia frágil. Mas ela disfarçava bem.

Havia momentos de aparente tontura.

Ou uma tosse fraca.

Uma sonolência de manhã, mas ela trabalhava tanto que achávamos natural. Quem éramos nós para alegar que era algo além do trabalho no colégio Hyperno — a convivência com os germes e as crianças. As noites em claro corrigindo provas.

Só precisava de descanso.

\*\*\*

Ao mesmo tempo, você nem imagina a glória com que treinávamos:

Lutávamos no quintal, lutávamos na varanda.

Lutávamos debaixo do varal, às vezes dentro de casa — onde tivesse espaço —, e primeiro éramos nosso pai e eu, mas com o tempo todo mundo entrou no esquema. Até Tommy. Até Penélope. O louro estava ficando grisalho, aos poucos.

— Cuidado! — disse Michael certa vez. — O *overhand* de canhota dela é assustador.

Quanto a Rory e Henry, nunca se deram tão bem — se peitavam, lutavam e se atracavam, batendo braços e antebraços. Rory chegou a se desculpar uma vez, e foi de coração — um milagre —, quando o acertou muito embaixo.

Na escola, levei da melhor forma que pude — e em casa fazíamos um trabalho de defesa (“Mantenha as mãos levantadas, atenção no seu jogo de pernas”) e ataque (“Tem que treinar esse cruzado sem parar”) — até que chegou o momento do agora ou nunca.

Na noite antes do evento, quando eu finalmente enfrentaria Jimmy Hartnell, meu pai entrou no quarto, que eu dividia com Clay e Tommy. Os dois dormiam nas camas de baixo do beliche triplo, e eu estava acordado no topo. Como as crianças costumam fazer, fechei os olhos quando ele entrou no quarto, mas ele me sacudiu de leve e falou:

— Ei, Matthew, que tal treinar mais um pouco?

Não precisava pedir duas vezes.

A diferença dessa vez foi que, quando fui pegar as luvas, ele disse que não seria necessário.

— Como assim? — sussurrei. — Na mão?

— Na hora vai ser na mão, não vai? — disse ele, devagar. — Fiz uma visitinha à biblioteca.

Eu o segui até a sala, onde ele apontou para uma fita de vídeo e um videocassete antigo (uma velharia preta e prateada), e me pediu que colocasse para funcionar. Depois fiquei sabendo que ele comprou o aparelho com dinheiro suado; economias de Natal. Quando li o título do vídeo, *Os Últimos Grandes Pugilistas*, senti meu pai sorrindo.

— Muito bom, né?

O videocassete engoliu a fita.

— Muito bom.

— Agora é só apertar o play.

Ficamos em silêncio, enquanto boxeadores desfilavam na tela; surgiam feito presidentes. Alguns eram em preto e branco, de Joe Louis a Johnny Famechon, Lionel Rose a Sugar Ray. Então cores e Joe Frazier. Jeff Harding, Dennis Andries. Tecnicolor, Roberto Durán. As cordas se dobravam sob o peso deles. Em boa

parte das lutas, os boxeadores caíam, mas se levantavam. Um pendor corajoso, desesperado.

Perto do fim, reparei *nele*.

O brilho nos olhos do meu pai.

Ele tinha abaixado o volume.

Pegou meu rosto, com calma.

Segurou meu maxilar.

Por um momento, imaginei que ele ecoaria a tela, diria algo no estilo dos comentários. Mas tudo que ele fez foi me segurar daquele jeito, meu rosto no escuro.

— Tenho que admitir, garoto... Você tem coragem.

Antes do início disso tudo.

\*\*\*

Certo dia, ou melhor, certa manhã, nessa mesma época, Penny Dunbar estava com uma aluna chamada Jodie Etchells. Era uma de suas queridinhas, prejudicada por conta da dislexia. Penny praticava com ela duas vezes por semana. A menina tinha olhos cansados, ossos largos e uma longa trança nas costas.

Na manhã em questão, liam com o metrônomo — o velho truque —, quando Penny se levantou para pegar um dicionário de sinônimos. Em seguida, acordou com alguém a chacoalhando.

— Professora — chamava Jodie Etchells. — Professora. *Professora!*

Penny recobrou os sentidos, fitando a menina e o livro a alguns metros de distância. Pobre jovem, Jodie Etchells. Ela própria parecia prestes a entrar em colapso.

— Tá tudo bem, professora? Tá tudo bem?

Os dentes dela eram bem alinhadinhos.

Penélope tentou esticar o braço, mas ele estava confuso.

— Estou bem, Jodie.

Ela deveria ter mandado a garota buscar ajuda, pegar um copo de água ou qualquer coisa que pelo menos a distraísse. Em vez disso, no entanto, disse:

— Por favor, abra esse livro e procure, vejamos, que tal *radiante*?

Mais Penny, impossível.

— Ou *melancólico*? Qual você prefere?

A garota, a boca e a simetria.

— Acho que *radiante* — respondeu a menina, e leu as palavras em voz alta. —

*Contente... alegre... animado.*

— Bom, muito bom.

Ela ainda não conseguia mexer o braço.

\*\*\*

E então a escola, chegou o momento, uma sexta-feira.

Hartnell e seus seguidores me abordaram:

Falaram em *piano e praticar e princesa*.

Eram virtuosos da aliteração e nem sabiam.

Jimmy Hartnell estava com uma franja um pouco mais comprida — já passava da hora de cortar — e me encarou de perto, flexionando os músculos. A boca era pequena, um talho, uma lata semiaberta. Logo se estendeu para um sorriso. Eu me aproximei dele e tomei coragem para me pronunciar.

— Te pego na pista de críquete na hora do almoço! — falei.

Era a melhor notícia que ele já tinha recebido.

\*\*\*

E então, certa tarde:

Como de costume, ela lia para os alunos enquanto eles esperavam o ônibus chegar. Dessa vez era a *Odisseia*. O capítulo sobre o Ciclope.

Havia meninos e meninas de verde e branco.

Os cortes de cabelo de sempre.

Conforme ela lia sobre Odisseu, e a astúcia dele frente ao monstro em seu lar, as palavras nadavam pela página; a garganta dela virou a caverna.

Quando ela tossiu, viu sangue.

Borrifado no papel.

Ela estranhou a vermelhidão, ficou em choque; era tão cintilante e brutal. Logo pensou no trem, na primeira vez em que viu o livro; os títulos impressos em inglês.

\*\*\*

E o que era o meu sangue perto *daquele* sangue?

Não era nada, nada mesmo.

Ventava no dia, eu me lembro bem, as nuvens corriam rápido pelo céu. Um minuto branco, um minuto azul; muita mudança de luz. Passou uma nuvem em forma de mina de carvão enquanto eu me dirigia à pista de críquete, sob o pedaço mais escuro de sombra.

A princípio, não vi Jimmy Hartnell, mas ele estava lá, na pista de concreto. Ostentava um sorriso tão grande quanto a franja.

— Ele chegou! — anunciou um de seus amigos. — A princesa *chegou*, caralho!

Segui em frente e levantei os punhos.

Costuma vir em ciclos agora, em curvas à direita e à esquerda. Eu me lembro de como ele era rápido e de beijar o concreto em poucos segundos. Me lembro do alvoroço das crianças da escola também, feito as ondas quebrando na praia. Em algum momento, avistei Rory; ele ainda era pequeno. Estava ao lado de Henry, o Labrador: louro e esbelto. Através dos losangos de arame da rede, pude ver o coro entoar *acerta ele*, enquanto Clay observava em silêncio, estupefato.

Mas era difícil acertar Jimmy.

Primeiro levei um soco na boca (é como mastigar um pedaço de ferro), depois mais para cima, e outro nas costelas. Na hora pensei que estavam quebradas, como as ondas que estouravam.

— Levanta, seu pianista de merda! — sussurrava o garoto, e logo me cercava de volta, saltitando.

Toda vez ele girava a meu redor e me acertava um cruzado de esquerda, então direita, e mais um de direita. Depois do terceiro, eu desabava.

Os garotos urravam e checavam se tinha algum inspetor chegando, mas ninguém tinha descoberto a briga ainda, e eu rastejava e me levantava depressa. Talvez já fosse o oitavo assalto.

— Pode vir — falei, e luz e sombra seguiam se revezando.

O vento uivava em nossos ouvidos, e mais uma vez ele se aproximou, me rondando.

Então, como já fizera antes, ele me pegou com a esquerda e prosseguiu com o roteiro do castigo — mas a tática parou de funcionar, pois bloqueei o terceiro soco e acertei o queixo dele. Hartnell cambaleou, mas se reequilibrou e voltou à

posição. Deu um salto para trás assustado, apressado, e acompanhei com um avanço e um cruzado de esquerda; tratei de engatar dois murros seguidos, com força, no talho, direto na bochecha.

Virou aquilo que os narradores de tudo quanto é modalidade — talvez até de competições de bolinha de gude — gostam de chamar de cenas lamentáveis, ao passo que trocávamos socos e tapas de qualquer jeito. A certa altura, fiquei de joelhos, e ele me beliscou e de imediato se desculpou, e o perdoei com um aceno; uma integridade silenciosa. A plateia tinha aumentado, chegaram a escalar a cerca de arame para assistir.

No fim das contas, eu o derrubei duas vezes, mas ele sempre se levantava desferindo socos. Caí quatro vezes, e na quarta não consegui me levantar. Então senti a presença das autoridades escolares, ainda que vagamente, pois as praias e as ondas tinham se dispersado; virado um bando de gaivotas, exceto meus irmãos, que ficaram. Foi lindo — e hoje percebo que nada surpreendente — como Henry estendeu o braço e agarrou alguns garotos fugitivos, que cederam a merenda a ele. Já naquela época apostando e vencendo.

Em um canto, próximo às estacas de críquete, Jimmy Hartnell estava em pé, de lado. Parecia mais um cachorro selvagem ferido, digno de compaixão e ao mesmo tempo perigoso de se chegar perto. O professor o segurou, mas Hartnell se soltou; em seguida quase tropeçou ao se aproximar de mim, e o talho agora era apenas uma boca. Ele se agachou e soltou:

— Se você toca tão bem quanto luta, deve ser muito bom no piano.

Apalpei a minha boca; a vitória do alívio.

Relaxe, sangrei e sorri.

Ainda tinha todos os dentes.



\*\*\*

E foi isso.

Ela foi ao médico.

Uma procissão de exames.

Para nós, ela ainda não tinha dito nada, tudo seguia dentro do normal.

Certa vez, contudo, uma brecha se abriu, e conforme datilografo, aqui sentado, fica cada vez mais claro e mais cruel. A cozinha vivia nos trinques, como água límpida e fresca.

E uma vez, dentre tantas, Rory e Henry se bicaram no quarto. Abandonaram as luvas e voltaram ao normal, e Penélope correu até eles.

Agarrou os dois pelo cangote.

Largou-os no quintal.

Como garotos pendurados para secar.

Uma semana depois ela estava no hospital; a primeira de muitas idas.

Mas na época, muito tempo atrás, um punhado de dias e noites antes, ela estava no quarto com eles, no chiqueiro de meias e peças de Lego. O sol estava se pondo atrás dela.

Jesus, vou sentir muita falta disso.

Ela chorava e sorria e chorava.

## o triunvirato

NO COMEÇO DA noite de sábado, Clay se sentou com Henry no telhado.

Eram quase oito horas.

— Como nos velhos tempos — disse Henry, e estavam felizes, embora ainda sentissem os hematomas todos. — Foi uma bela corrida — completou.

Ele se referia a Carey.

Clay observava na diagonal. Número 11.

— Foi.

— Ela deveria ter ganhado. Porra, que lástima!

\*\*\*

Mais tarde, ele aguardou.

As Cercanias, e o som regular dela; o suave farfalhar de pés.

Depois que ela chegou, demoraram a se deitar.

Sentaram-se na beirada do colchão.

Conversaram, e ele queria dar um beijo nela.

Queria pegar no cabelo dela.

Mesmo que fosse só com dois dedos, na mecha sobre o rosto dela.

Ao luar, ora parecia dourada, ora ruiva, e não dava para saber até onde os fios se estendiam.

Mas ele não encostou.

Claro que não:

Eles haviam estipulado regras, por alguma razão, e as seguiam, para não arriscar nem acabar com o que tinham. Bastava estar ali, a sós com ela, e havia muitas outras formas de exercer a gratidão.

Ele sacou o isqueiro do bolso, pequeno e pesado, e *El Matador no quinto*.

— É o melhor presente que já ganhei — disse ele, e o acendeu rapidinho, depois fechou. — Você montou tão bem hoje...

Ela entregou *O marmoreiro* a ele.

Sorriu e disse:

— Montei, né?

\*\*\*

A noite tinha começado bem. Mais cedo, como de costume, a sra. Chilman abriu a janela e chamou:

— Garotos Dunbar!

Henry foi quem respondeu primeiro.

— Sra. Chilman! Obrigado por nos remendar naquele dia. — E saiu para trabalhar. — Esses bobes estão um charme, hein!

— Cala a boca, Henry!

Mas ela sorria, e as rugas também fizeram seu papel.

Os dois garotos se aproximaram.

E se agacharam ao pé da casa dela.

— Ei, Henry! — disse a sra. Chilman, e era tudo uma grande farra.

Henry já esperava o que estava por vir. Sempre que ela aparecia na janela assim, pedia um livro da coleção dele. Todo fim de semana era a mesma coisa. Ela

adorava romance, crime e terror — quanto mais bobo, melhor.

— Tem algo pra mim?

Ele brincou:

— Se *tenho* algo pra você? Mas que pergunta! Que tal *O cadáver de Jack, o Estripador?*

— Já li.

— E *O homem que ela escondeu no porão?*

— Era o meu marido. Nunca encontraram o corpo dele.

(Os dois garotos riram — ela era viúva desde que eles se entendiam por gente, já podiam rir disso.)

— Tá certo, sra. Chilman. Porra, você é uma cliente difícil! E *Ladrões de almas?* Esse é lindo de morrer!

— Fechado. — Ela sorriu. — Quanto?

— Ah, me poupe, sra. Chilman! Sem joguinhos, por favor. Que tal o de sempre?

— Ele deu uma piscadela para Clay. — Vamos fazer assim, esse sai *por conta da casa*.

— Por conta da casa? — Ela os examinou. — Virou tratante agora, foi?

Henry gargalhou.

\*\*\*

Quando eles por fim se deitaram, ela rememorou a corrida.

— Mas eu perdi — disse ela. — Me ferrei.

Terceiro páreo.

Grande Prêmio, hipódromo de Lantern Winery.

Mil e duzentos metros, sua montaria se chamava O Pistoleiro, e largaram

muito mal, mas Carey o conduziu de volta ao páreo. Ela costurou o tráfego e assumiu a liderança — e Clay observou em silêncio absoluto enquanto o pelotão cruzava a reta; uma gangue de cavalgadas, e olhos e calor e sangue. E o pensamento em Carey no meio disso tudo.

O único problema foi no disco de chegada, quando ela fez a curva muito perto do segundo lugar, o Poperô — sem brincadeira, que nome —, e a vitória foi arrancada dela.

— Minha primeira vez na frente da comissão de corrida — disse ela.

A voz dela no pescoço dele.

\*\*\*

No telhado, depois que a transação foi aprovada (a sra. Chilman insistiu em pagar dez dólares), ela disse:

— E o que você conta, sr. Clay? Tá se cuidando?

— Mais ou menos.

— *Mais ou menos?* — Ela se aproximou um pouco. — Tem que se cuidar.

— Tá bom.

— Tá bom, gracinha.

Ela estava prestes a fechar a janela, quando Henry deu outra cutucada nela.

— Ei, por que *ele* é uma gracinha?

A sra. Chilman botou a cabeça para fora de volta.

— Você *faz* gracinha, Henry, mas ele é uma gracinha. — E fez um aceno final.

Henry se virou para Clay.

— Você não é uma gracinha porra nenhuma. Você é feio pra cacete.

— Feio?

— É, mais feio que as bolas do Starkey.

— Quer dizer que você fica manjando as bolas do Starkey?

Ele deu um empurrão de leve em Clay, e depois um peteleco na orelha.

Às vezes, mesmo para mim, é um mistério como garotos e irmãos se amam.

\*\*\*

Já no fim da noite, ele começou a contar para ela.

— É bem sossegado, lá.

— Imagino.

— Mas o rio está totalmente seco.

— E o seu pai?

— Também é bem seco.

Ela riu e ele sentiu o hálito, e pensou no calor, em como as pessoas eram quentes assim, de dentro para fora; em como o calor o atingia e desaparecia, e atingia de novo, e nada era permanente...

Ela ria e dizia:

— Não se faz de besta!

Clay só respondeu ok, o coração batendo forte demais para seus padrões; parecia que o mundo inteiro podia ouvir. Ele fitou a garota ao seu lado, e a perna pendeu um pouco. Ele olhou para o botão mais alto da camisa dela, o tecido:

O padrão xadrez.

De azul para azul-celeste.

De vermelho para rosa.

Os longos sulcos das clavículas, e o poço de sombra logo abaixo.

O cheiro sutil do suor dela.

Como ele conseguia amar tanto alguém e ser tão disciplinado, e manter o silêncio e a quietude por tanto tempo?

Talvez se ele tivesse feito algo antes: se tivesse tomado coragem, não teria sido como foi. Mas como prever uma coisa dessas? Como ele poderia saber que Carey — a garota deitada a seu lado, cuja respiração batia e voltava nele, que tinha uma vida, que *era* uma vida — completaria a trífeta, ou o triunvirato, de amor e perda?

Ele não tinha como saber, claro.

Não tinha.

A história ainda estava por vir.

## o único cigarro

FOI NESSA ÉPOCA que Penny Dunbar embarcou de mala e cuia para o hospital e para o mundo que a esperava ali.

Iriam cutucá-la, espetá-la e cortar uns pedaços.

Iriam envenená-la com delicadeza.

Quando falaram em radioterapia pela primeira vez, eu a visualizei sozinha no deserto e *bum*: quase como o Hulk.

Viramos caricaturas de nós mesmos.

\*\*\*

Desde o início, havia o prédio do hospital, a brancura infernal e as portas desagradáveis de shopping; eu odiava como se abriam.

Parecia que estávamos navegando.

Problemas cardíacos à esquerda.

Ortopedia à direita.

Também me lembro de atravessarmos juntos, nós seis, o terror agradável dos corredores. Me lembro do nosso pai, com mãos ensaboadas à exaustão, e a trégua entre Henry e Rory; esses lugares eram nitidamente artificiais. E Tommy, tão pequeno, sempre de short florido curtinho — e eu, ainda surrado, mas me recuperando.

Bem lá no fundo, contudo, muito atrás, vinha Clay, e era ele quem parecia mais



assustado ao vê-la. A voz dela se debatia e saía anasalada.

— Cadê o meu menino? Cadê o meu menino? Tenho uma história pra contar, uma das boas.

Só assim para ele se juntar a nós.

E para isso precisava reunir todas as forças.

— Ei, mãe... Me conta a história das casas?

A mão dela se esticou até ele.

\*\*\*

Ela foi internada e liberada mais duas vezes naquele ano.

Os médicos a abriram, fecharam e avermelharam.

Costuraram e poliram.

Às vezes, mesmo quando ela estava cansada, pedíamos para ver:

— Mãe, mostra a cicatriz grandona? É linda de morrer!

— Ei!

— O que foi? O *morrer*? Mas nem é palavrão!

Ela geralmente já estava em casa nesse horário, deitada na cama, com nosso pai a seu lado ou lendo para ela. Havia algo de especial na angulação deles; os joelhos dela encolhidos, de lado, em um ângulo de quarenta e cinco graus. O rosto dela recostado no peito dele.

Para falar a verdade, sob muitos aspectos essa foi uma época feliz, e vejo as coisas por essa perspectiva. Vejo as semanas passarem por mim e darem de ombros, meses desaparecerem em páginas. Ele lia em voz alta por horas a fio. As olheiras denunciavam o cansaço, mas o azul cor de mar não perdia o mistério. Era uma das coisas que nos consolava.

Sem dúvida, eram tempos tenebrosos, como as vezes em que ela vomitava na pia e, minha nossa, o cheiro horrível que tomava o banheiro. Ela ficou mais esquálida também, o que era difícil de acreditar. Mas voltemos à janela da sala. Ela lia a *Iliada* para nós, e Tommy, aos pedaços, dormindo.

\*\*\*

Enquanto isso, progredíamos.

Ditamos o nosso próprio ritmo:

As guerras do piano continuaram.

Meu duelo com Jimmy Hartnell poderia ter tomado diversos rumos, e de fato tomou muitos deles. Eu e ele viramos amigos de infância. Viramos aqueles garotos que brigam para encontrar algo em comum.

Depois de Jimmy, outros me provocaram, e me defendi de todos. Bastava falarem do piano. Mas nunca foi como Hartnell. Foi contra Jimmy que lutei pelo cinturão.

No fim das contas, contudo, não fui eu quem ganhou fama de briguento; foi Rory quem nasceu para isso.

Quanto às idades, o ano tinha passado, e eu cheguei ao ensino médio (enfim livre do piano); Rory estava no quinto ano, e Henry, um ano antes dele. Clay começou o terceiro ano, e Tommy estava no jardim de infância. As velhas histórias logo vieram à tona. Havia lembranças de pistas de críquete, e garotos superdispostos.

O problema era Rory.

A força dele era genuína e aterradora.

E as consequências, piores ainda.

Ele os arrastava pelo parquinho, como o bruto da *Iliada* — como Aquiles com o cadáver de Heitor.

\*\*\*

Certa vez, os alunos do colégio Hyperno apareceram para fazer uma visita no hospital.

Penny estava sentada na cama, toda perfurada.

Por Deus, tinha mais de dez crianças ali, amontoadas e barulhentas em torno dela, meninos e meninas.

— São tão... *peludos* — disse Henry.

E apontou para as pernas dos garotos.

Lembro que assistíamos à cena do corredor, o uniforme verde e branco deles; os garotos de cabeça raspada, as garotas perfumadas, e o cigarro disfarçado. Logo antes de deixarem o quarto, a garota que já mencionei aqui, a adorável Jodie Etchells, tirou um presente da mochila, um pacote curioso.

— Aqui, professora — disse, e ela própria desembulhou; as mãos de Penny estavam debaixo da coberta.

Então, os lábios da nossa mãe.

Racharam, secos e sorridentes:

Levaram o metrônomo para ela, e foi um dos garotos que disse. Acho que o nome dele era Carlos.

— Respira no ritmo, professora.

\*\*\*

As noites em casa eram as melhores.

O cabelo louro e o preto ficando grisalhos.

Quando não dormiam no sofá, ficavam jogando Palavras Cruzadas na cozinha, ou levando um ao outro à falência no Monopoly. Ou às vezes ficavam acordados no sofá, vendo filmes madrugada adentro.

Para Clay, havia claros momentos de destaque, e eram sempre as sextas à noite.

Um deles foi o final de um filme, quando subiram os créditos; acho que era *Adeus, Lênin!*.

Eu e Clay andamos juntos pelo corredor, depois de ouvirmos o volume alto.

Vimos a sala e vimos os dois:

Abraçados na frente da TV.

Estavam em pé, estavam dançando, mas uma música lenta — quase parados —, e o cabelo dela não desapegava do amarelo. Ela parecia tão fraca e quebradiça; toda braços e canelas. Estavam bem agarradinhos, e nosso pai não demorou a nos ver. Fez um cumprimento silencioso.

Chegou a sibilar as palavras...

*Vejam só que linda garota!*

E preciso admitir:

Entre o cansaço e a dor, na alegria daquele olhar, Michael Dunbar era realmente lindo, e até que não dançava mal.

\*\*\*

O outro caso se deu na varanda da frente, nos degraus, à brisa esfumada do inverno.

No Hyperno, dias antes, Penélope retomara as aulas como professora substituta e confiscara os cigarros. Para falar a verdade, achava que não cabia a ela

proibir os alunos de fumar. Sempre que tomava um maço deles, dizia que voltassem mais tarde para pegar de volta. Seria irresponsável da sua parte? Ou uma forma de mostrar o devido respeito? Não admira que todos tenham passado a amá-la.

De qualquer forma, fosse por constrangimento ou medo, ninguém voltou pelo maço de Winfield Blues, e Penny se deparou com eles à noite. Estava amassado no fundo da bolsa. Quando tirou a carteira e as chaves antes de dormir, segurou o maço.

— Mas o que é *isso*?

Michael a pegou no flagra.

Chame-os do que quiser, irresponsáveis ou ridículos, mas tenho muito carinho por esse momento. A doença tinha dado uma trégua, e eles foram para a varanda. Fumaram, tossiram e o acordaram.

Ao entrar em casa, poucos minutos depois, Penny se prontificou a jogar o resto fora, mas por alguma razão Michael a impediu.

— E se escondermos? — sugeriu ele, com uma piscadela. — Vai que precisamos de mais uma tragada... Pode ser nosso segredinho.

Mas um menino também estava a par.

Sabe, quando os dois levantaram o tampo do piano e esconderam o maço, não faziam ideia; ele os observava do corredor, e uma coisa, a certa altura, ficou clara:

Nossos pais podiam até dançar bem.

Mas não passavam de amadores quando o assunto era cigarro.

## central

CLAY NÃO QUERIA ir embora, ainda não, mas sabia que era hora.

Difícil mesmo era pensar em perder a corrida seguinte de Carey, no distrito de Warwick Farm, mas ela já esperava por isso. Quando saiu das Cercanias naquela noite de sábado, disse:

— A gente se vê quando você estiver por aqui, Clay. Também vou estar, prometo.

Ele a observou enquanto ela se afastava pela rua.

\*\*\*

A partida dele foi igual à da outra vez.

Sabíamos sem que nada precisasse ser dito.

Mas também foi muito diferente.

Dessa vez não foi tão pesado e lúgubre, é claro, pois o que precisava ser feito já tinha sido feito. Poderíamos seguir em frente.

Era segunda à noite, e estávamos finalmente chegando ao fim de *A Última Festa de Solteiro*, quando Clay se levantou para ir embora, suas coisas já no corredor. Rory olhou para ele, em choque.

— Tá de sacanagem que você vai embora logo *agora*, né? Ainda nem colocaram a mula no elevador!

(Chega a ser assustador como nossas vidas se assemelhavam ao filme.)

— É um burro — disse Tommy.

Rory de novo:

— Por mim pode ser um cruzamento de um cavalo quarto de milha com a porra de um pônei Shetland, tô nem aí!

Os dois caíram na gargalhada.

Então Henry:

— Pô, Clay, vê se sossega.

Ele fingiu se dirigir à cozinha e jogou nosso irmão no sofá, duas vezes — porque Clay tornou a se levantar. Até conseguiu se soltar, mas Henry deu um mata-leão nele e começou a arrastá-lo pela casa.

— Agora *you* vai ver o que é bom pra tosse, seu merdinha! Isso aqui não é o prédio do Barão...

Atrás deles, as trapalhadas de *A Última Festa de Solteiro* ficavam cada vez mais ridículas, e, assim que Heitor bateu em retirada, Tommy pulou nas costas de Clay.

— Ô Matthew! — chamou Rory. — Dá uma mãozinha aqui!

Eu estava parado na porta da sala.

Encostado no batente.

— Vem, seu velho! Ajuda a gente a derrubar ele!

Eles estavam ofegantes — ter Clay como adversário não era fácil —, então finalmente entrei na briga.

— Certo, Clay, vamos acabar com esses filhos da puta!

\*\*\*

Então, quando o embate chegou ao fim, e o filme também, levamos Clay de carro até a estação central; foi a primeira e única vez.

Fomos no de Henry.

Eu e ele na frente.

Os outros três no banco de trás, com Aurora.

— Porra, Tommy, essa cachorra precisa mesmo respirar tão alto?

Na estação, tudo seguia nos conformes, como era de se esperar:

O cheiro de café dos freios.

O trem noturno.

Os globos de luz laranja.

Na mala de Clay, nada de roupas; só a caixa de madeira, os livros de Cláudia Kirkby e *O marmoreiro*.

O trem estava pronto para partir.

Nós nos despedimos com apertos de mão.

Todos nós e ele.

Nosso irmão já estava quase chegando ao último vagão no instante em que Rory o chamou.

— Ei, Clay! — Ele se virou. — As moedas, lembra?

E, com um sorriso, embarcou.

E de novo, de novo, o mistério — como nós quatro fomos capazes de ficar ali de pé, com o cheiro dos freios e um cachorro.



# **a mulher que se tornou um garoto dunbar**

NO FIM DO meu primeiro ano do ensino médio, era evidente que as coisas não estavam nada bem. Sobrava muito ar nas roupas dela, uma mulher que era cada vez menos e menos. Por vezes, parecia, achávamos normal, ou pelo menos tentávamos encenar alguma normalidade. Fingíamos que era normal, ou considerávamos normal fingir; não sei muito bem qual era a nossa estratégia.

Acho que cada um tinha a sua vida e precisava seguir em frente, inclusive Penélope; nós, os garotos, continuamos sendo os garotos de sempre. Seguramos a onda.

Tivemos o corte de cabelo, tivemos Beethoven.

Cada um de nós teve uma lembrança particular.

Você sabe que sua mãe vai morrer quando ela resolve sair com você a sós.

Passamos por todos esses momentos como se estivéssemos brincando de amarelinha.

\*\*\*

Os outros ainda estavam no fundamental (Rory, no último ano), e, mesmo no hospital, Penélope esperava que *continuassem* tocando piano. Nos últimos anos,

Henry jurava que ela só permanecia viva para torturá-los com as aulas, ou pelo menos importuná-los com perguntas sobre as aulas, não importava em que cama estivesse deitada — fossem os lençóis encardidos de casa, ou os outros, amargos, tão perfeitos, brancos e alvejados.

O problema era que Penélope precisava encarar os fatos (e ela finalmente deu o braço a torcer):

Eles eram muito melhores de briga.

No piano, eram uma porcaria.

Assim, as perguntas insistentes sobre as aulas reduziram-se a um ritual.

Sobretudo no hospital, ela perguntava se continuavam praticando, e os garotos mentiam que sim.

Volta e meia, apareciam para visitá-la de lábios cortados e punhos arreventados, e, mesmo fraca e amarelada, Penny desconfiava, com razão.

— Que diabo está acontecendo?

— Nada, mãe. Sério.

— Vocês têm praticado?

— Praticado o quê?

— Você sabe.

— Claro.

Henry fazia as vezes. Mostrava os hematomas.

— De onde acha que veio isso aqui?

Já nem fazia mais questão de disfarçar o escárnio.

— Como assim? — perguntava ela.

— Beethoven. Você sabe como esse velho é duro na queda.

Ela abriu um sorriso, e seu nariz começou a sangrar.

\*\*\*

Apesar de tudo, quando voltava para casa, Penélope se sentava com eles ao piano para testá-los, enquanto definhava na cadeira ao lado.

— Vocês não praticaram *nada*! — disse ela a Rory, com um desdém meio debochado.

Ele baixou a cabeça e admitiu.

— Você está certíssima.

Certa vez, Clay parou no meio da música.

Ela já estava arruinada mesmo.

Ele também exibia uma mancha de um azul-marinho esmaecido no olho, resultado de uma briga com Henry.

— Por que parou de tocar? — Mas ela logo amoleceu. — Que tal uma história?

— Não, não é isso. — Ele engoliu em seco e fitou as teclas. — Pensei que talvez... você pudesse tocar um pouco.

E ela tocou.

*Minueto em sol maior.*

Com perfeição.

Nota por nota.

Já fazia muito tempo, mas ele se ajoelhou e deitou a cabeça no colo dela.

As coxas dela pareciam feitas de papel, de tão fininhas.

\*\*\*

Nessa época houve uma última briga memorável, no trajeto de volta da escola. Rory, Henry e Clay. Contra quatro caras. Tommy ficou de fora. Uma mulher

esguichou água nos garotos brigões com uma mangueira, uma mangueira e tanto, com um bocal de respeito e bastante pressão.

— Circulando, circulando! — gritou ela. — Chispem daqui!

— *Chispem daqui!* — repetiu Henry, imitando a voz da mulher, e recebeu outra esguichada. — Jesus! Que que foi isso? Que inferno!

Ela estava de camisola e chinelos surrados às três e meia da tarde.

— Essa é por dar uma de espertinho — declarou ela e atacou-o mais uma vez.  
— E essa, pela blasfêmia.

— Bela mangueira! — disse ele, no chão.

— Obrigada pela parte que me toca... Agora chispa daqui!

Clay o ajudou a se levantar.

Rory estava mais adiante, apalpando o maxilar, vendo se nada estava quebrado. Quando os garotos Dunbar chegaram em casa, encontraram um bilhete. Ela havia sido internada novamente. Os tenebrosos lençóis brancos. No rodapé, havia uma carinha de cabelo grande e sorriso aberto.

*TUDO BEM! VOCÊS PODEM LARGAR O PIANO!  
MAS VÃO SE ARREPENDER, SEUS MERDINHAS!*

De certa forma, foi poético, mas não no bom sentido.

Ela havia nos ensinado Mozart e Beethoven.

E nós aprimoramos seus palavrões.

\*\*\*

Logo em seguida, ela tomou uma decisão:

Queria fazer algo com cada um de nós. Talvez para que todos tivéssemos uma

lembrança pessoal e intransferível ao seu lado, mas espero que tenha sido, acima de tudo, um presente para si mesma.

No meu caso, foi um filme.

Em um cinema um pouco mais longe de casa.

O lugar se chamava The Halfway Twin.

Toda quarta à noite passavam um filme antigo, geralmente estrangeiro. Na noite em que ela me levou lá, era um sueco, *Minha Vida de Cachorro*.

Dividimos a sala com uns outros dez espectadores.

Terminei a pipoca antes de a sessão começar.

Enquanto isso, Penny travava uma batalha contra o picolé de chocolate.

Eu me apaixonei por uma das personagens do filme, Saga, uma moleca de cabelo curtinho e sem frescuras, e cortei um dobrado para acompanhar as legendas.

O filme chegou ao fim, mas permanecemos sentados no escuro.

Até hoje faço isso, sempre fico para ver os créditos.

— E aí? — perguntou Penélope. — O que achou?

— Incrível — respondi, porque era mesmo.

— Você se apaixonou pela Saga? — perguntou ela, com a embalagem toda lambuzada de sorvete derretido.

Minha boca ficou em silêncio, e meu rosto, vermelho.

Minha mãe era uma espécie de milagre, um milagre de cabelo longo e quebradiço. Ela apertou minha mão de leve e sussurrou:

— Que bom, porque eu me apaixonei por ela também.

Com Rory foi um jogo de futebol, na arquibancada.

Com Henry foi uma venda de garagem, em que acabou se exaltando enquanto pechinchava:

— Um dólar por essa porcaria de ioiô? Olha pra minha mãezinha. Vai ter coragem de fazer isso com ela?

— Henry, meu Deus! — brincou ela. — Isso é golpe baixo, até para você.

— Porra, Penny, assim não tem graça! — retrucou, mas havia risos e camaradagem entre eles.

Henry conseguiu o ioiô por trinta e cinco centavos.

Se eu tivesse que escolher, contudo, diria que a lembrança que deu a Tommy foi a que mais influenciou a história toda, além do seu momento com Clay. Veja só: Penélope levou o caçula ao museu, e a parte favorita dele foi uma exposição chamada *Planeta selvagem*.

Os dois passaram horas a fio andando pelos corredores:

Uma linha de montagem de animais.

Uma jornada de pelos e taxidermia.

Ele se encantou por tantos que não conseguiu eleger um só, mas o dingo e os leões estavam no topo da lista, assim como o esquisito e extraordinário lobo-da-tasmânia. Naquela noite, na cama, ele não parava de tagarelar, e nos contou todas as informações possíveis e imagináveis sobre os malditos lobos. Perdi a conta de quantas vezes ouvi a palavra lobo-da-tasmânia. Tommy disse que eles mais pareciam cachorros do que lobos, na verdade.

— *Cachorros!* — falou, quase gritando.

Nosso quarto estava escuro e silencioso.

Tommy caiu no sono no meio de uma frase, e seu amor por aqueles animais

seria o que o conduziria a todos eles: a Aurora e Heitor; a Telêmaco, a Agamenon e, claro, àquele bicho que era tão teimoso que só podia ser uma mula. Sim, não tinha como não terminar com Aquiles.

\*\*\*

Já Clay, ela o levou a muitos lugares e a lugar nenhum.

Não havia mais ninguém em casa.

Estávamos na praia com Michael.

Assim que saímos, Penélope chamou:

— Clay, faz um chazinho pra gente e vem aqui pra varanda.

Aquilo era só um aquecimento.

Quando ele chegou lá, Penny já estava sentada no chão, encostada na parede, cada milímetro de sua pele banhada pelo sol. Pombos se empoleiravam nos cabos de energia. A cidade se estendia diante deles, infinita; mãe e filho podiam ouvir seu canto ainda ecoando ao longe.

Quando bebeu o chá, pareceu que ela estava engolindo um reservatório inteiro, mas isso a ajudou a contar as histórias, e Clay ouviu com muita atenção. Ela perguntou quantos anos ele tinha, e ele respondeu:

— Nove.

— Acho que nove está de bom tamanho... Pelo menos, para começar a saber que tem muito mais...

A partir daí, ela fez o que sempre fazia; prosseguiu com as casas de papel e, no fim, lembrou o filho do seguinte:

— Um dia, Clay, vou te contar umas coisas que ninguém sabe, mas só se você quiser ouvir...

Ou seja, as histórias que eram *quase tudo*.

Que garoto de sorte.

Ela correu os dedos pelo cabelo batidinho do filho, e o sol já começava a baixar no horizonte.

A xícara de chá tinha tombado, e o menino só assentia, solene e sério.

\*\*\*

À noite, ao chegarmos em casa, exaustos da areia e do mar, Penny e Clay dormiam no sofá. Parecia que estavam entrelaçados um ao outro.

Dias depois, ele quase perguntou a ela quando viriam as últimas histórias, mas se conteve e não tocou no assunto. Talvez, de alguma maneira, ele já soubesse — elas viriam quase no fim.

Não. Em vez disso, as semanas se transformavam em meses, e prosseguíamos em nosso turbilhão caótico de sempre, e ela iniciou mais um tratamento.

A singularidade daqueles momentos não existia mais.

Já estávamos acostumados às notícias inconvenientes.

— Bem — disse ela, de forma bem abrupta —, meu cabelo já, já vai embora, então acho que chegou a hora. Prefiro que vocês façam isso antes deles.

Fizemos uma fila; era um mundo invertido, em que os barbeiros é que esperavam a vez de cortar. Todos nós ali, perto da torradeira, aguardando.

Eu me lembro de algumas coisas daquela noite — de Tommy, que foi o primeiro, contrariado. Mas ela conseguiu arrancar uma risada dele, uma piada sobre um cachorro e uma ovelha que entravam em um bar. Ele ainda usava aquela droga de bermuda florida, e cortou o cabelo de nossa mãe tão torto que doía só de olhar.



Depois foi Clay, então Henry; quando chegou a vez de Rory, ele disse:

— Vai entrar pro Exército?

— Claro — respondeu Penny. — Por que não?

— Rory, vem cá, deixa eu ver uma coisa. — Então olhou bem fundo nos olhos dele. — Seus olhos são os mais diferentes.

Eram pesados, mas suaves, como a prata. O cabelo dela estava curto, já quase desaparecendo.

Quando chegou a minha vez, ela pegou a torradeira para dar uma olhada no próprio reflexo. Implorou que eu tivesse piedade dela.

— Vamos lá. Bom, bonito e breve.

Por último foi o nosso pai, que não titubeou: ajeitou a cabeça dela, deixando-a bem retinha, e terminou em dois tempos, acariciando a cabeça de cabelo curtinho com delicadeza, e Penny se inclinou para a frente, apreciando o carinho. Não viu o homem atrás dela, nem seu rosto abruptamente dilacerado, nem o cabelo louro sem vida aos pés dele. Não viu nem mesmo como ele estava arrasado, enquanto eu e os demais observávamos. Ela estava descalça, de calça jeans e camiseta, e talvez esse tenha sido o golpe final para a gente.

Ela estava igualzinha a um garoto Dunbar.

Com aquele corte de cabelo, ela era uma de nós.

## retorno ao rio

DESSA VEZ, ELE não ficou esperando entre os eucaliptos. Apenas avançou e irrompeu silenciosamente na luz que banhava as árvores.

A vala continuava ali, um corte limpo e preciso, mas agora um espaço maior havia sido escavado, em ambos os lados do Amahnu, para que eles tivessem mais espaço no leito. O entulho que sobrou — a terra e os sedimentos, os galhos e as pedras — tinha sido removido ou nivelado. Ele correu a mão por um trecho de terra compactada. À direita, viu marcas de pneus.

Deteve-se outra vez no leito do rio, agachando-se entre todas as suas cores. Nunca tinha reparado antes na grande variedade que havia ali; uma aula de história sobre rochas. Sorriu e disse:

— Oi, rio.

Nosso pai, por sua vez, estava em casa, adormecido no sofá, com meia caneca de café. Clay o observou durante alguns segundos e foi até o quarto deixar a bolsa. Tirou os livros e a velha caixa de madeira, mas deixou *O marmoreiro* bem escondido lá dentro.

\*\*\*

Mais tarde, sentaram-se juntos nos degraus da varanda e, apesar do tempo fresco, os mosquitos estavam a toda, um inferno, pousando nos braços deles com sua pisada leve.

— Meu Deus, esses monstros não cansam, não é?

As montanhas escuras se erguiam ao longe, imponentes, um painel vermelho se estendendo por trás delas.

Mais uma vez, o Assassino falou — ou, pelo menos, tentou.

— Como foi...

Clay o interrompeu.

— Você usou equipamentos.

Um suspiro amigável. Será que ele fizera algo errado e não teve coragem de admitir? Teria o homem mutilado o etos da ponte?

— Eu sei... Não é uma coisa muito... Pont du Gard, né?

— Não — respondeu Clay, mas pegou leve: — Se bem que a Pont du Gard foi construída por mais de duas pessoas.

— Ou pelo diabo, se você...

— Eu sei — cortou Clay, novamente.

O garoto não conseguia nem dizer quanto estava aliviado por saber que aquela parte do trabalho já havia chegado ao fim.

Michael decidiu tentar de novo e terminar a pergunta que tinha sido interrompida.

— E em casa?

— Tranquilo.

Clay sentiu que o homem o observava — os olhos fixos nos hematomas quase desaparecendo.

Terminou de beber o café.

Nosso pai deu uma mordidinha na caneca.

Depois, baixou os olhos para os degraus, e lá eles ficaram, o mais longe que

podiam do menino.

— Foi Matthew?

Clay assentiu.

— Mas está tudo bem — garantiu ele, e, depois de refletir por alguns segundos, acrescentou: — O Rory me carregou pra dentro de casa depois.

Nosso pai abriu o mais ligeiro dos sorrisos.

— Tudo bem pra eles você ter voltado... voltado pra cá?

— Claro — respondeu Clay. — Eu tinha que voltar.

Então se levantou devagar, e havia muito, muito mais coisas que ele queria dizer guardadas dentro dele; havia Henry e Schwartz e Starkey (e não podemos nos esquecer da namorada de Starkey), e Henry e Peter Pan. Havia Cláudia Kirkby e eu. Havia todos nós na estação, ainda de pé ali enquanto o trem partia.

E é claro.

É claro que havia Carey.

Havia Carey e o Royal Hennessey, ela costurando pelo meio do pelotão... e a derrota para Poperô...

Mas também havia o silêncio. O não dito.

Para quebrá-lo, Clay falou:

— Vou entrar... enquanto ainda tenho sangue dentro do corpo...

\*\*\*

Mas então... como descrever o que aconteceu em seguida?

Uma surpresa.

No meio do caminho, ele acabou voltando; de repente, ficou expansivo, falante, o que, para Clay, significava seis palavras a mais.

Com a caneca de café na mão, disse:

— Gosto daqui, gosto de estar aqui.

Depois, ficou se perguntando por que tinha feito aquilo. Talvez para reconhecer uma nova existência — tanto da rua Archer quanto do rio —, ou mesmo uma forma de aceitação:

Pertencia igualmente aos dois lados.

A distância entre nós era ele.

# quando garotos ainda eram garotos

NO FIM, O fim teve que chegar.

A pancadaria estava perto de acabar.

Um cigarro já fora encontrado e fumado.

Até as guerras do piano haviam cessado.

Hoje sei que foram distrações muito válidas, mas incapazes de mudar a maré da vida dela.

O mundo dentro dela se avolumou.

Ela se esvaziou, transbordou.

Nos meses que se seguiram, presenciamos o que talvez fossem os últimos momentos de resistência da vida confiável, enquanto nossa mãe era castigada pelos tratamentos. Ela foi aberta e depois fechada de volta, como um carro parado no acostamento. Sabe aquele barulho, quando você faz a lata-velha voltar a funcionar e fecha o capô, rezando para aguentar só mais alguns quilômetros?

Cada dia era como essa ignição milagrosa.

Nós corríamos até o motor morrer de novo.

\*\*\*

Um dos melhores exemplos disso se mostrou muito claramente no comecinho de janeiro, no meio das férias de fim de ano:

A glória e a dádiva do desejo.

Sim, desejo.

Por mais que, nos anos anteriores, tivéssemos contado com a excitação pura e a mais absoluta estupidez de *A Última Festa de Solteiro*, foi no prelúdio do declínio de Penny que ocorreram também os preâmbulos da perversão da nossa adolescência.

Se era devassidão ou só a vida sendo vivida ao máximo, depende de como você enxerga a situação.

Enfim, era o dia mais quente do verão até o momento, como um prenúncio do que ainda estava por vir. (Clay gostava da palavra “prenúncio”, que aprendeu com um formidável professor com quem tivera aula, um homem com um vocabulário abundante. Enquanto os outros professores se atinham estritamente à ementa das disciplinas, o brilhante sr. Berwick mal entrava na sala e já saía testando os alunos para ver se estavam na ponta da língua algumas palavras que eles tinham *a pura e simples obrigação* de conhecer:

*Prenúncio.*

*Abominável.*

*Excruciante. Obnubilar.*

“Obnubilar” era uma palavra perfeita, pois era tão obscura quanto o próprio significado.)

\*\*\*

Mas sim, voltando ao assunto: ainda no começo de janeiro, o sol não dava descanso, e nosso bairro estava quente como uma fornalha, ardendo em brasa. Ao longe, ouvia-se o zumbido do trânsito, que seguia casualmente para o outro lado.

Henry estava na banca de jornal da avenida Poseidon, logo depois da esquina com a rua Tippler, e quando voltou arrastou Clay para um beco com um ar triunfante.

Olhou para os lados, ressabiado.

— Aqui — disse ele, num sussurro gritado, enquanto tirava a *Playboy* de debaixo da camiseta. — Dá só uma olhada *nisso*.

Entregou a revista ao irmão, abrindo-a bem no meio, onde a dobra atravessava o corpo da mulher — ela era firme e macia, e voluptuosa e incrível, em todos os lugares perfeitos, parecendo muito entusiasmada com os próprios quadris.

— Maneiro, né?

Clay olhou bem para a foto, é claro que olhou, e já sabia do que se tratava — afinal, tinha dez anos e três irmãos mais velhos; já vira mulheres nuas na tela do computador —, mas aquilo era totalmente diferente. Eram furto e nudez combinados, e ainda por cima num papel brilhante. (Como dizia Henry: “Isso é que é vida!”) Clay não podia estar mais eufórico e acabou se concentrando em um detalhe um tanto inesperado. Sorriu, olhou mais de perto e perguntou:

— Acho que ela esqueceu o resto da fantasia de coelho, né?

Dentro do peito, seu coração batia com força, e Henry Dunbar sorriu.

— Com certeza — respondeu ele. — Pode crer.

\*\*\*

Mais tarde, contudo, quando chegaram em casa (depois de várias paradas para secar a mulher na revista), encontraram nossos pais na cozinha, quase deitados no chão gasto da cozinha.

Nosso pai estava apoiado no armário, seus olhos de um azul arrasado.



Nossa mãe tinha vomitado — o lugar estava uma bagunça pavorosa — e dormia recostada nele; Michael Dunbar só encarava o nada, imóvel.

Os dois meninos, eles ficaram ali olhando.

De uma hora para a outra, a ereção os abandonou, desmanchou-se no fundo das calças.

Henry, repentinamente responsável e decidido, gritou:

— Tommy. Tá em casa? Não vem aqui na cozinha!

Ele e Clay ficaram observando a fragilidade de nossa mãe — e a mulher da *Playboy* ali, enrolada entre eles.

Aquele sorriso, aquelas formas perfeitas.

Só de pensar nela chegava a doer.

A coelhinha parecia tão... *saudável*.

\*\*\*

No início do outono, acabou acontecendo; veio a tarde predestinada.

Rory completava o primeiro mês no ensino médio.

Clay estava com dez anos.

O cabelo dela já tinha crescido de volta, com um tom de louro amarelo vivo e estranho, mas o restante dela estava mais lá do que cá.

Nossos pais saíram sem avisar.

Dirigiram até um prediozinho bege próximo a um shopping.

O cheiro de donuts fresquinhos entrando pela janela.

Uma cavalaria composta de máquinas hospitalares geladas, mas que queimavam, e do rosto canceroso do cirurgião.

— Por favor — disse ele —, sentem-se.

Ele disse *agressivo* pelo menos oito vezes.

Uma performance tão impiedosa.

\*\*\*

Já era noite quando eles voltaram, e todos fomos lá para fora. Sempre ajudávamos a carregar as compras, mas naquela noite não havia nada disso. Éramos apenas nós e os pombos nos fios de energia, que nos fitavam sem soltar um pio.

Michael Dunbar estava parado, as mãos pousadas no capô ainda quente, e Penny, logo atrás, acariciava as costas dele. À luz suave do dia que escurecia, o cabelo de nossa mãe parecia palha, amarrado em um rabo de cavalo apertado.

Ali ficamos, observando nossos pais, sem perguntar nada.

Talvez eles tivessem brigado.

Mas, em retrospecto, é óbvio que a morte também estava lá fora naquela noite, empoleirada ao lado dos pombos, pendurada no fio como quem não queria nada.

Ela também os observava, lado a lado.

\*\*\*

Na noite seguinte, na cozinha, Penny nos deu a notícia; esfacelada, devastada, triste. Nosso pai também era uma infinidade de fragmentos.

Lembro como se fosse hoje — Rory se recusando a acreditar, transtornado, dizendo “O quê?” e “O *quê?*” e “O QUÊ?”, ríspido, corroído pelo desespero, seus olhos prateados escurecendo.

E Penny, tão magra e tão estoica:

Ela se aferrou à estabilidade dos fatos.

Ela nos encarou com aqueles olhos verdes e selvagens.

Seu cabelo estava solto, bagunçado, e ela repetiu:

— Meninos, eu estou morrendo.

\*\*\*

Acho que a segunda vez foi demais para Rory:

Ele fechou as mãos com força.

Então, um barulho reverberou dentro de todos nós — um silêncio ruidoso, uma vibração inexplicável —, enquanto ele esmurrava e sacudia os armários. Chegou a me empurrar. Eu via tudo que estava acontecendo, mas não conseguia escutar nada.

Em seguida, agarrou a pessoa mais próxima, que por acaso era Clay, balançando-o, rugindo em seu peito; Penny se lançou nele e ficou no meio dos dois filhos, mas Rory não conseguia parar. Àquela altura, eu já ouvia algo, muito de longe, mas fui trazido abruptamente de volta à realidade pelo barulho ao meu redor, como se uma briga de rua estivesse acontecendo diante de mim. Rory continuava com as mãos em Clay, rugindo no peito do irmão, rasgando a camisa e os botões, gritando para o coração de Clay. Ele socou o mais quieto dos irmãos várias e várias vezes — até que o olhar de Clay se incendiasse, e seus olhos também ficassem vazios e endurecidos.

\*\*\*

Meu Deus, até hoje consigo ouvir.

Faço de tudo para me distanciar daquele momento.

Milhares de quilômetros, se possível.

Mas, mesmo agora, ouço a profundidade daquele berro.

Vejo Henry perto da torradeira, sem palavras no momento mais crucial.

Vejo Tommy, entorpecido ao lado dele, olhando para as migalhas de pão, embaçadas.

Vejo nosso pai, Michael Dunbar, irreparável, encostado na pia; então se agachando e consolando Penny, as mãos nos ombros trêmulos dela.

E eu, eu estou no meio disso tudo, cultivando o fogo interior que era só meu; paralisado, de braços cruzados.

Por fim, é claro, vejo Clay.

Vejo o quarto garoto Dunbar — cabelo preto, prostrado no chão de linóleo, rosto para cima, encarando o teto. Vejo os meninos e um nó de braços embolados. Vejo nossa mãe logo ao lado, envolvendo todos nós. Quanto mais penso nisso, mais percebo que talvez *aquela* fosse o verdadeiro furacão na cozinha, quando garotos eram apenas isso, garotos, e assassinos ainda eram apenas homens.

E vejo nossa mãe, Penny Dunbar, com apenas seis meses de vida pela frente.

**parte seis**  
cidades + águas + criminosos + arcos +  
histórias  
+  
sobreviventes

# **a garota que saiu do rádio**

QUARTA-FEIRA DE MANHÃ, Clay correu até a cidade em meio ao crepúsculo, chegando lá com o dia já claro.

Comprou um jornal na mercearia e, no meio do caminho de volta, parou e leu o programa das corridas.

Procurava um nome específico.

O Assassino ficou curioso a respeito do jornal, mas não se atreveu a perguntar. Eles conversavam, trabalhavam, escreviam e planejavam, e o homem se ocupou com outros pormenores. Havia páginas com esboços e medidas. Havia custos com madeira e com andaimes. Havia as pedras que usariam nos arcos — Clay disse que poderia contribuir, tinha algum dinheiro para isso, mas ouviu na mesma hora que não seria necessário.

— Confia em mim — disse o Assassino. — Tem buraco pra tudo que é lado por estas bandas. Sei onde arrumar umas pedras.

— Parece aquele vilarejo — comentou Clay, quase como quem não queria nada. — Settignano.

Michael Dunbar parou o que estava fazendo.

— O que foi que você disse?

— Settignano.

E assim, deixando-se levar pelo momento, pairando entre a distração e a percepção do que tinha acabado de dizer, e, mais importante, da referência que tinha acabado de fazer, Clay conseguiu aproximar-se do Assassino e, ao mesmo tempo, manter certa distância. Em um instante, apagou a generosidade da noite anterior — “Gosto daqui, gosto de estar aqui” — e acabou revelando que sabia muito, mas muito mais.

Pronto, ele pensou em dizer, durma com esse barulho.

Mas decidiu deixar quieto.

\*\*\*

Pouco depois de meio-dia e meia, o sol estava incendiando o leito do rio quando Clay disse:

— Escuta, me empresta as chaves do carro?

O Assassino estava se debulhando em suor.

Para quê?

Mas o que disse foi:

— Claro. Sabe onde estão?

Clay fez o mesmo pedido pouco antes das duas, e depois mais uma vez, às quatro.

Ele corria até os eucaliptos e se sentava no carro, no banco do motorista, ouvindo o rádio. Os cavalos daquele dia foram Espetáculo, depois Brasa, depois Bolo de Chocolate. A melhor colocação dela foi um quinto lugar.

Depois da última corrida, ao voltar para o rio, Clay disse:

— Obrigado por me emprestar o carro. Isso não vai se repetir. Não posso ser desleixado assim.

Michael Dunbar achou graça.

— Vai ter que fazer hora extra pra compensar.

— Tudo bem.

— Estou brincando — disse o homem, então criou coragem. — Não sei o que você foi fazer lá... — Surgiu um brilho momentâneo nos olhos cor de mar, vindo das profundezas de seu rosto. — ... mas deve ser bem importante. Quando um rapaz começa a deixar certas coisas pra trás, geralmente é porque tem garota na jogada.

Clay ficou perplexo na medida certa.

— Ah... E Settignano — prosseguiu o Assassino (aproveitando-se da desorientação de Clay) — foi onde Michelangelo aprendeu tudo sobre mármore, e era lá que ele buscava as lajes para suas esculturas.

Ou seja:

Não sei quando.

Não sei como.

Mas você encontrou. Encontrou *O marmoreiro*.

Encontrou a mulher também? Abbey Hanley, Abbey Dunbar? Foi assim que você conseguiu o livro?

Sim.

Penny te falou sobre ela, não foi?

Antes de morrer.

Ela te contou, você achou Abbey, e ela até te deu o livro — e o Assassino olhou para Clay e, naquele instante, o menino parecia uma escultura, feita de sangue e pedra.

Estou aqui, disse Michael Dunbar.



Eu abandonei vocês, eu sei, mas estou aqui.

Durma  *você* com esse barulho agora, Clay.

E foi isso que ele fez.

## **mãos de carrasco**

NA MARÉ DO passado Dunbar, passaram-se três anos e meio, e Clay estava deitado na cama, acordado. Aos treze anos o garoto era magricela, tinha cabelo escuro e jeito de menino. As batidas de seu coração eram como ferroadas na escuridão silenciosa da noite, e seus olhos ardiam como fogo.

Ele escorregou para fora da cama, já vestido.

Bermuda e camiseta, descalço.

Fugiu para o hipódromo, correu pelas ruas, aos berros, mas sem emitir som:

Pai!

PAI!

CADÊ VOCÊ, PAI?!

Era uma madrugada de primavera, pouco antes de amanhecer, e ele correu entre os amontoados de prédios, entre os vislumbres de casas, um garoto iluminado pelos faróis dos carros, fantasmas gêmeos que passavam por ele e iam embora.

Pai, chamava ele.

Pai.

Seus passos foram desacelerando e então cessaram por completo. Cadê você, Michael Dunbar?

Naquele mesmo ano, alguns meses antes, aconteceu:

Penélope morreu.

Foi em março.

A morte levou três anos; deveria ter durado seis meses. Uma briga com Jimmy Hartnell não era nada perto daquilo — podiam matá-la à vontade, mas ela simplesmente se recusava a morrer. Contudo, quando Penélope enfim sucumbiu, a tirania começou de imediato.

De nosso pai, esperávamos esperança, acho — uma postura homérica, corajosa, afetuosa —, algo como um abraço, algo que nos tirasse do fundo do poço.

Mas não recebemos nada parecido:

As viaturas da polícia já haviam partido.

A ambulância já deslizara pela rua.

Michael Dunbar andou em nossa direção, até nós, mas passou direto, e se foi. Pôs os pés no gramado e não parou mais.

Havia cinco de nós na varanda, à deriva.

\*\*\*

O velório foi um desses momentos cheios de luz.

O cemitério ensolarado no topo da colina.

Nosso pai leu uma passagem da *Ilíada*: “Eles arrastaram seus barcos para o mar amistoso.”

Vestia o mesmo terno do dia do casamento, o mesmo que usaria de novo anos depois, ao voltar e se deparar com Aquiles. Seus olhos cor de mar não brilhavam mais.

Henry fez um discurso.

Imitou o sotaque forçado que ela costumava fazer de brincadeira, e todos riram, mas ele estava com lágrimas nos olhos, e havia no mínimo uns duzentos alunos, todos da escola Hyperno, todos de uniforme, sóbrio e impecável, verde-escuro. Falaram do metrônomo. Ela havia ensinado alguns deles a ler. Os mais durões eram os que mais sofriam, acho. “Tchau, professora. Tchau, professora. Tchau, professora.” Alguns tocavam o caixão ao passar, sob toda aquela luz.

A cerimônia foi ao ar livre.

Depois eles iriam levá-la de volta para cremá-la.

O caixão sendo engolido pelo fogo.

Era um pouco como o piano, um primo insosso do instrumento. Por mais que tentassem dar um banho de loja nele, jamais deixaria de ser só um pedaço de madeira com margaridas em cima. Ela pedira que não a espalhássemos ao vento nem a guardássemos dentro de casa, como areia em uma urna, mas decidimos investir em uma pequena recordação — uma lápide que pudéssemos visitar para nos lembrarmos dela, para velarmos nossa mãe no topo da cidade.

Depois da cerimônia, nós a levamos embora.

De um lado do caixão, Henry, Clay e eu. Do outro, Michael, Tommy e Rory — a mesma divisão de quando jogávamos futebol na rua Archer. A mulher ali dentro não pesava nada. Já o caixão, ele pesava uma tonelada.

Ela era uma pena embrulhada em um bloco maciço de madeira.

\*\*\*

No fim do velório, e do respectivo sortimento de chás e bolos, ficamos do lado de fora.

Todos de calça preta. Todos de camisa branca.

Parecíamos um bando de mórmons, só que desprovidos dos pensamentos bondosos.

Rory estava calado e furioso.

Eu mais parecia outra lápide, mas meus olhos eram brasas incandescentes.

Henry encarava o horizonte.

Tommy ainda se desmanchava em lágrimas.

Então, é claro, havia Clay, antes de pé, empertigado, então cedendo e se agachando. No dia da morte dela, ele segurava um pregador, e naquele momento fazia o mesmo, apertando-o com força até machucar a palma da mão e então o guardando no bolso. Nenhum de nós havia reparado. Era novo em folha — amarelo —, e Clay o revirava entre os dedos compulsivamente. Estava esperando nosso pai, como todos nós, mas ele havia desaparecido. Ficamos ali, chutando nossos corações largados no chão feito pedaços de carne macios e sangrentos. A cidade cintilava aos nossos pés.

— Cadê ele, cacete?

Quem perguntou, enfim, fui eu, e então a espera se estendeu por duas horas.

Quando ele voltou, mal conseguia olhar para nós, e nós mal conseguíamos olhar para ele.

Estava encurvado, decrepito.

Era uma ruína ambulante trajando um terno.

\*\*\*

É bem curioso o que acontece depois de um velório.

Para todo lado há corpos, há feridos.

Nossa sala de estar mais parecia uma ala de hospital, mas não do tipo que se

veem nos filmes. Havia garotos áridos, tortuosos, cada qual fundido ao lugar em que havia se largado.

O sol, inadequado, brilhava.

\*\*\*

Quanto a Michael Dunbar, as rachaduras começaram a aparecer com uma rapidez surpreendente, mesmo para um homem em seu estado.

Nosso pai se tornou um pai pela metade.

Sua outra parte morreria junto com Penny.

Certa noite, dias depois do funeral, ele desapareceu outra vez, e nós cinco fomos procurá-lo. Tentamos primeiro o cemitério, depois o Naked Arms (uma lembrança que ainda está por vir).

Quando enfim o encontramos, levamos um susto; abrimos a garagem e topamos com ele deitado no chão, ao lado de uma mancha de óleo, já que a polícia havia apreendido o carro. A única coisa que faltava ali era uma galeria de Penny Dunbars, mas como, se ele nunca havia pintado nossa mãe?

Por um tempo, ele continuou aparecendo no trabalho.

Os outros voltaram para a escola.

Àquela altura, eu já estava empregado fazia um bom tempo em uma empresa de instalação de assoalhos e carpetes. Tinha, inclusive, comprado a perua de um conhecido, por trezentos dólares.

\*\*\*

Logo após a morte de Penny, nosso pai foi chamado na escola e portou-se como um perfeito charlatão: bem-vestido, barba feita.

Tudo sob controle. Estamos melhorando, seguindo em frente, disse ele, e diretores assentiram, professores acreditaram, sem enxergar o abismo que havia dentro dele, escondido sob as roupas.

Ele não era como tantos outros homens que buscam consolo na bebida, ou em agressão e abuso. Não, para ele era mais fácil se recolher; estava lá, mas nunca estava lá. Ficava sentado na garagem, com um copo que nunca nem chegava a tocar seus lábios. Nós o chamávamos quando o jantar ficava pronto, e até Houdini teria ficado impressionado. Foi um truque de desaparecimento lento e constante.

Foi assim que ele nos abandonou: aos poucos.

\*\*\*

Quanto a nós, os garotos Dunbar, aqueles primeiros seis meses transcorreram da seguinte forma:

A professora de Tommy, ainda no primário, ficou de olho nele.

Relatou que estava se saindo bem.

Os três que estavam no ensino médio precisaram conversar com uma professora que fazia as vezes de algo semelhante a uma psicóloga. O cargo já fora ocupado por outro profissional, mas o sujeito arrumara outro emprego, sendo substituído por um doce de pessoa: Cláudia Kirkby e seus braços quentes. Na época, tinha apenas vinte e um anos. Bem alta e com cabelo castanho, a jovem não usava muita maquiagem, mas estava sempre de salto alto. Era na sala dela que ficavam os pôsteres — Jane Austen e seu haltere, e *Minerva McGonagall é Deus*. Sua mesa estava sempre coberta de livros e de trabalhos nas mais variadas etapas de correção.

Depois das visitas à sala dela, muitas vezes eles tinham conversas típicas de

meninos, daquelas em que se diz muito sem dizer nada.

Henry:

— Foi na Cláudia?

Rory:

— Que pernas, hein?

Luvas de boxe, pernas e peitos.

Era só nisso que se fiavam os laços entre eles.

Eu:

— Vocês só falam merda, impressionante.

Mas eu também ficava pensando naquelas pernas, era inevitável.

Quanto à própria Cláudia, olhando mais de perto:

Tinha uma sarda apaixonante em uma das bochechas, bem no meio. Seus olhos eram castanhos e gentis.

Ensinando inglês, dava um show à parte nas aulas sobre *A ilha dos golfinhos azuis* e *Romeu e Julieta*. Como orientadora escolar, sorria muito, mas não sabia muito bem o que estava fazendo; durante a graduação, fizera uma eletiva de psicologia, o que a qualificava para lidar com desastres daquele calibre. Provavelmente, sendo a novata do corpo docente, ela se via obrigada a lidar com o trabalho extra; porém, talvez fosse mais uma questão de esperança do que qualquer outra coisa: se os meninos diziam que estavam bem, ela queria desesperadamente acreditar nisso; e dois deles até que estavam bem mesmo, dadas as circunstâncias, mas um deles não chegava nem perto disso.

\*\*\*

Ao longo daqueles meses que corriam rumo ao inverno, talvez tenham sido os



pequenos detalhes que nos mataram, afinal.

Era vê-lo chegar em casa do trabalho.

Sentado no carro, às vezes por horas.

Mãos rachadas ao volante.

Acabaram-se as pastilhas para tosse.

Não sobrou nenhuma Tic Tac.

Era eu pagando a conta de água, em vez dele.

E depois a de luz.

Eram os jogos de futebol no fim de semana:

Ele ficava lá, assistindo, mas não prestava atenção, até o dia em que não apareceu mais.

Seus braços perderam a força; viraram coisas murchas, famintas por propósito. Sua barriga de concreto virou reboco. Ao se tornar tudo que não era, ele morria.

Ele se esqueceu dos nossos aniversários; até mesmo do meu, de dezoito anos.

O limiar da vida adulta.

Às vezes comia com a gente, sempre lavava a louça, mas então voltava lá para fora, para a garagem, ou se postava embaixo do varal, e Clay se juntava a ele — porque ele sabia de algo que nós desconhecíamos. Era de Clay que nosso pai tinha medo.

Em uma das raras noites que nosso pai passou em casa, Clay o encontrou ao piano, com o olhar perdido nas teclas rabiscadas, e então parou bem atrás dele. Seus dedos estavam congelados no meio de CASAR.

— Pai?

Nada.

O garoto queria dizer a ele: pai, está tudo bem, tudo bem o que aconteceu, tudo

bem, tudo bem, não vou contar a ninguém. Nunca. Nadinha. Não vou contar para eles.

Mais uma vez, o pregador ali com ele.

Clay nunca o largava, para nada.

Em certas manhãs, depois de passar a noite deitado em cima dele, nosso irmão olhava a perna no espelho, os contornos do objeto marcados na coxa. Às vezes, Clay gostaria que nosso pai o arrancasse da cama e o arrastasse pela casa até o quintal... Mesmo que estivesse só de cueca, com o pregador enfiado no cóis, ele não ligaria.

Talvez assim ele pudesse voltar a ser criança.

Poderia voltar a ser apenas aquele garotinho de braços magricelas e pernas desengonçadas.

Ele seria arremessado com tanta força na haste do varal que os dois cairiam juntos no chão, o metal frio nas costelas. Olharia para cima, preso nas cordas — as fileiras silenciosas de pregadores. A escuridão não seria um problema, Clay veria apenas contornos e cores. Ele permaneceria ali por horas, suportando contente a surra até a manhã chegar, e então os pregadores eclipsariam a cidade — quando enfrentariam o sol. E venceriam.

Mas o problema foi exatamente esse.

Nosso pai nunca foi até ele no meio da noite, nunca o arrastou pela casa dessa forma.

Não havia nada além do compasso da distância, que aumentava aos poucos.

Michael Dunbar estava prestes a nos abandonar.

Não sem antes nos deixar sozinhos.

\*\*\*

No fim, passaram-se quase seis meses exatos do dia em que ela morrera:

Outono virou inverno, depois primavera, e ele foi embora sem dizer quase nada.

Era um sábado.

Naquele momento da madrugada em que não se sabe se está tarde ou cedo demais.

Ainda dormíamos no beliche triplo na época, e Clay ficava no meio.

Lá pelas quinze para as quatro, ele acordou. Encontrou nosso pai parado ao lado das camas.

— Pai? — perguntou, dirigindo-se apenas a uma camisa e um torso.

— Volte a dormir.

As cortinas se banhavam no luar, e o homem ficou ali, imóvel, então Clay compreendeu; fechou os olhos, como o pai havia mandado, mas continuou falando.

— Você vai embora, não é, pai?

— Fique quieto.

Pela primeira vez em meses, ele encostou no filho.

Nosso pai se inclinou para a frente e pousou uma das mãos na cabeça e a outra nas costas — e eram as mãos de um carrasco, sem sombra de dúvida. Eram mãos rachadas e endurecidas. Cálidas, mas maltratadas. Afetuosas, mas cruéis, desprovidas de amor.

Ficou ali por um longo tempo, mas, quando Clay voltou a abrir os olhos, ele tinha desaparecido; o trabalho estava, enfim, terminado. Contudo, de alguma

forma, ainda sentia as mãos dele, acalentando e tocando sua testa.

Estávamos os cinco em casa.

Adormecidos em nossos quartos, sonhando.

Éramos meninos, mas também éramos um milagre:

Porque ali estávamos, deitados, vivos e respirando...

Na noite em que ele nos matou.

Ele assassinou cada um de nós, em nossas camas.

# arkansas

EM SILVER, NO leito seco do rio, eles construíram dias que logo se transformaram em semanas, e semanas que se transformaram em meses. Foi assim que Clay estabeleceu sua rotina — aos sábados ele ia para as Cercanias, mas só quando Michael estava na mina.

Nos outros dias, eles acordavam todo dia antes do nascer do sol.

Voltavam muito depois de o sol sumir no horizonte.

Quando o inverno se firmou, eles fizeram fogueiras e trabalharam noite adentro. Os insetos já tinham se aquietado fazia tempo. Havia crepúsculos gelados em tons de vermelho e o cheiro da fumaça de manhã; assim, lentamente, muito lentamente, uma ponte ia se formando — mas quem olhasse não perceberia. O leito do rio mais parecia um quarto de adolescente, mas, em vez de meias e roupas, o que estava espalhado para todo lado era terra remexida e pedaços de madeira nos mais variados formatos.

A cada dia, eles chegavam junto com o sol e permaneciam lá.

Eram um menino, um homem e duas canecas de café.

— É só disso que a gente precisa — dissera ele, mas ambos sabiam que o Assassino estava mentindo.

Eles também precisavam de um rádio.

\*\*\*

Numa sexta-feira de manhã, pegaram o carro e foram para a cidade.

Clay encontrou o que queria num bazar de igreja:

Era comprido, preto e estava caindo aos pedaços — um toca-fitas quebrado que, por milagre, funcionava, mas só se estivesse preso com Durepoxi. Até veio com uma fita: uma coletânea caseira dos Rolling Stones.

Toda quarta e sábado, portanto, a antena ficava estendida num ângulo de quarenta e cinco graus. O Assassino logo entendeu; descobriu quais eram as corridas importantes.

\*\*\*

Quando Clay voltava para a rua Archer, sentia-se surpreendentemente vivo e exausto; empoeirado. Seus bolsos estavam sempre cheios de terra. Levou roupas, comprou botas, que eram marrons, depois ficaram bege, e por fim só desbotadas mesmo. Não desgrudava do rádio, e se ela corresse em Hennessey, ele ia assistir. Se fosse em qualquer outro lugar — Rosehill, Warwick Farm ou Randwick —, ele ficava colado ao rádio, lá dentro na cozinha, ou sozinho lá fora, no alpendre dos fundos. Então esperava por ela nas Cercanias.

Ela chegava e se deitava ao lado dele.

Falava dos cavalos.

Ele ficava olhando para o céu e não mencionava que ela nunca vencía. Sabia que aquilo a entristecia, mas tocar no assunto só pioraria as coisas.

Fazia frio, mas os dois nunca reclamavam; só ficavam lá deitados, de calça jeans e casacos pesados. O enigma das sardas vermelho-sangue. Às vezes ela vestia um casaco com capuz, e as mechas de cabelo cascadeavam para fora, fazendo cócegas no pescoço dele. Ela sempre encontrava um jeito de fazer aquilo.

Mais Carey Novac, impossível.

\*\*\*

Em julho, numa noite antes de partir para as minas, Michael Dunbar deixou anotações novas, para o andaime e os moldes dos arcos. Clay sorriu ao ver o esboço do cimbreiro, mas infelizmente estava na hora de recomeçar a cavar — daquela vez, para construir uma rampa e assentar os blocos de pedra.

Começou pelas paredes do leito do rio, criando uma estrada discreta e elegante; não era preciso só fazer a ponte, mas também tudo que a cercava — e ele trabalhava nisso com ainda mais afinco quando estava sozinho. Trabalhava e ouvia, e cambaleava até a casa, desabando no sofá velho.

\*\*\*

Desde Settignano, tinham chegado a um acordo tácito.

O Assassino não tocava no assunto.

Não perguntaria como Clay descobrira e quanto sabia sobre:

O *marmoreiro* e Michelangelo. E Abbey Hanley, Abbey Dunbar. E as pinturas. As pinturas *dele*.

Na ausência de Michael, Clay lia seus capítulos preferidos e os capítulos favoritos de Carey.

Os dela sempre foram os primeiros:

A cidade natal e a juventude dele.

O jovem de nariz quebrado.

A criação da *Pietà*, o Cristo — liquefeito — nos braços de Maria.

Os de Clay sempre foram os que falavam sobre *Davi*.

*Davi e os Escravos.*

Ele os amava tanto quanto o pai.

Também amava o trecho do livro que descrevia o local onde as estátuas se encontram atualmente — em Florença, na Galeria da Academia:

*Davi permanece, até hoje, no fim do corredor da galeria, em um domo de luz e espaço. Ainda tomado pela indecisão: eternamente temeroso, eternamente desafiador e decidido. Seria capaz de enfrentar o poderoso Golias? Ao longe, do alto, ele nos encara, e os Escravos aguardam, a distância. Já são séculos lutando e esperando — que o escultor retorne para finalizá-los —, e continuarão aguardando por mais alguns séculos...*

\*\*\*

Quando retornava para nossa casa, Clay passava algumas noites no telhado e outras em um dos cantos do sofá, lendo, enquanto eu ficava no outro, lendo.

Quase sempre todos nos reuníamos para ver algum filme.

Às vezes fazíamos uma sessão dupla.

*Louca Obsessão e Mad Max 2.*

*Cidade de Deus.* (“O quê?!”), gritou Henry, da cozinha. “Não acredito que vamos ver algo deste século!”) E depois, como contrapartida, *Mulher Nota 1000* (“Aí sim, 1985, bem melhor!”), presente de aniversário que Rory e Henry ganharam certa vez.

A noite da segunda sessão dupla foi inesquecível. Ficamos ali sentados e assistimos, boquiabertos.

Estarrecidos com as favelas do Rio.

Depois admirados com Kelly LeBrock.

Rory:



— Para de falar merda!

E:

— Essa porra desse filme tinha que ter ganhado o Oscar!

\*\*\*

De volta ao rio, no rádio, após um punhado, depois dezenas de corridas, a primeira vitória dela continuava se esquivando. Aquela primeira tarde em Hennessey — quando um infortúnio tirou a vitória de suas mãos — parecia já ter anos, mas não era tempo suficiente para a ferida cicatrizar.

Certa vez, ela disparou pela pista em uma égua chamada Pistola, até que um dos jóqueis à frente perdeu o chicote, que acabou acertando o queixo dela. Isso a distraiu por um instante, fazendo-a perder o embalo do cavalo.

Ela terminou em quarto, porém estava viva. E furiosa.

\*\*\*

Até que, enfim, aconteceu. Não havia como não acontecer.

Numa tarde de quarta-feira.

A corrida foi em Rosehill, e o cavalo era um corredor de milha chamado Arkansas. Clay estava sozinho no leito do rio.

Chovera durante muitos dias, e ela decidiu correr por dentro. Enquanto os demais jóqueis, com razão, conduziram suas montarias para o chão mais firme perto da cerca externa, Carey escutara McAndrew.

Ele dissera, curto, grosso e sábio:

— Leva ele pela lama mesmo, garota. Deixa ele bem colado à cerca... Quero ver marcas de tinta no lombo dele, entendeu?

— Pode deixar.

Mas o treinador viu a insegurança no rosto dela.

— Olha, ninguém correu ali o dia inteiro, deve estar firme o suficiente, e sem contar que você vai acabar fazendo uma rota um pouco mais curta.

— Peter Pan ganhou o campeonato assim.

— Não — corrigiu ele —, não ganhou. Ele fez o contrário e correu por fora, mas a pista *toda* tinha virado um lamaçal.

Carey não costumava cometer erros básicos como aquele; devia ser o nervosismo, e McAndrew abriu um breve sorriso — o máximo que se permitia em dias de competição. Boa parte de seus jôqueis não sabia nem quem era Peter Pan. Cavalo *ou* personagem.

— Só vai lá e ganha essa merda.

E foi o que ela fez.

\*\*\*

No leito do rio, Clay comemorou:

Pôs a mão em uma das tábuas do andaime e relaxou um pouco. Já ouvira beberões dizendo coisas como “Me dá quatro cervejas e eu não paro de rir nunca mais”, e era exatamente assim que se sentia.

Carey tinha vencido uma.

Ele imaginou a euforia dela, e o brilho nos seus olhos, e McAndrew.

O rádio estava prestes a passar para outra corrida, em Flemington, ao sul, mas o comentarista não conseguiu conter uma risada.

— Olha só pra ela! — disse ele. — Está abraçando o treinador durão... E *olha só o McAndrew!* Você já viu alguém tão *desconfortável* com um abraço?

O rádio riu, e Clay também.

Uma pausa, e então de volta ao trabalho.

\*\*\*

Quando foi para casa, passou a viagem de trem inteira estudando, fantasiando e elaborando diversas maneiras de comemorar a vitória do Arkansas, mas deveria ter adivinhado que nem tudo sairia como o planejado.

Foi direto para as arquibancadas de Hennessey.

Lá, viu Carey conquistar dois quartos lugares e um terceiro. Então sua segunda vitória. Era um velocista chamado Coágulo, cujo proprietário era um agente funerário cheio da grana. Aparentemente, todos os cavalos dele tinham nomes de problemas de saúde fatais. Embolia, Ataque Cardíaco, Aneurisma. O preferido do homem era Influenza.

— Muito subestimado — dizia ele —, mas mortal.

Ela manteve Coágulo sereno e relaxado o tempo todo, tomando a dianteira na curva. Depois da vitória, Clay ficou observando McAndrew.

Vestindo um terno azul-marinho, o homem estava tenso, mas entusiasmado. Quase conseguiu ler os lábios do treinador.

— Nem pense em me abraçar.

— Fica tranquilo — disse ela. — Dessa vez não.

\*\*\*

Depois, Clay foi para casa.

Cruzou as comportas de Hennessey, passou pela fumaça do estacionamento e seguiu pelas fileiras de lanternas traseiras vermelhas e reluzentes. Virou na

avenida Gloaming, barulhenta e congestionada como sempre.

Mãos no bolso.

A noite se desdobrando pela cidade, e então:

— Ei! — Ele se virou. — Clay?

Ela surgiu de trás do portão.

Tinha trocado a farda por jeans e uma camisa de botão, mas estava descalça. Seu sorriso, como sempre, era direto, uma linha reta.

— Clay, peraí! Peraí!

E ele sentiu o sangue e o calor emanando dela ao alcançá-lo, parando a poucos metros dele.

— Coágulo — disse Clay, e então com um sorriso: — Arkansas.

\*\*\*

Ela adentrou a escuridão e praticamente pulou em Clay.

Quase o derrubou.

Parecia que uma tempestade acontecia no coração dela — embora seu corpo estivesse quente e sereno —, e o trânsito permanecia parado, imóvel.

Ela o abraçou com uma força tremenda.

Não ligaram para as pessoas ao redor, ou nem sequer perceberam que estavam ali.

Os pés dela nos tênis dele.

As palavras dela mergulharam no fosso da saboneteira dele.

Naquele abraço vigoroso que dizia que os dois não eram apenas bons amigos, ele sentiu as vigas das costelas dela, um andaime de carne e osso.

— Senti saudade, sabia? — disse ela.

Ele a apertou, e doeu, mas eles gostaram; a maciez do peito dela comprimida e aplainada.

— Também estou com saudade.

Quando eles se soltaram, ela perguntou:

— Mais tarde?

— É claro — respondeu ele. — Vou pra lá.

Eles foram para lá e se comportaram — seguiram as regras e restrições, nunca estabelecidas mas sempre sentidas. Ela fazia cócegas nele, porém nada mais. Nada mais, embora tenha contado tudo a ele, e a melhor parte: os pés dela em cima dos dele.

## as buscas

ALGUNS FATOS DO passado eram bastante duros.

Nossa mãe havia morrido.

Nosso pai havia fugido.

Clay saiu para procurá-lo depois de uma semana.

A cada hora que passava, algo crescia dentro dele, mas o garoto não entendia muito bem o quê; era como o nervosismo antes de uma partida de futebol, mas que não se dissolvia por nada. Talvez a diferença estivesse no fato de que o futebol é jogado. Você corre, você chuta; a partida começa, a partida termina. Mas aquilo era diferente. Era como um infundável começo.

\*\*\*

Como todos nós, Clay sentia saudades dele de uma maneira estranha, exaurida.

A saudade de Penny já era grande e dolorosa o suficiente.

No caso dela, pelo menos sabíamos o que fazer; esta é a beleza da morte — ela é definitiva. Já com nosso pai, havia perguntas demais, e os pensamentos eram muito mais perigosos.

Como ele pôde nos abandonar? Para onde foi?

Ele está bem?

Naquela madrugada, uma semana depois, Clay percebeu que estava acordado, então se levantou e se vestiu. Pouco depois, saiu de casa; tinha que fazer algo para

preencher aquele espaço. Sua reação foi repentina e simples.

Foi para a rua e correu.

\*\*\*

Se você bem se lembra, ele saiu dizendo Pai! PAI! CADÊ VOCÊ, PAI?!

Contudo, naquela manhã fresca de primavera ele não conseguiu gritar.

Correu com força e com vontade, depois começou a caminhar pela escuridão das primeiras horas da manhã. Em uma descarga de medo e empolgação, não sabia para onde estava indo. Quando começou a gritaria interior, percebeu que estava perdido. Deu sorte e acabou perambulando até em casa.

Ao chegar, me encontrou na varanda.

Desci os degraus e o agarrei pela gola da camisa.

Puxei-o para perto e o abracei.

Como já contei, eu tinha acabado de fazer dezoito anos.

Achei que estava na hora de agir à altura.

— Você está bem? — perguntei.

Ele assentiu.

A angústia havia cedido.

\*\*\*

Na segunda vez em que ele fez isso, logo no dia seguinte, não fui tão compreensivo; de novo o agarrei pela gola, mas o arrastei pelo gramado.

— Porra, onde é que você tá com a cabeça? — perguntei. — Que merda é essa que você tá fazendo?

Mas Clay estava feliz, não conseguia se conter; tinha dominado a angústia,

mesmo que por pouco tempo.

— Presta atenção no que eu tô falando!

Paramos perto da porta de tela. Clay estava descalço e imundo.

— Você tem que me prometer — falei.

— Prometer o quê?

Só então ele percebeu o sangue seco entre os dedos do pé, como ferrugem; sorriu, satisfeito, apreciando o sangue.

— O que você acha, cacete? Para de sumir do nada!

Já bastava *ele* ter sumido — foi o que pensei, embora ainda não conseguisse dizer em voz alta.

— Tá — disse ele. — Não vou mais fazer isso.

Clay prometeu.

Clay mentiu.

Fez isso toda manhã, durante semanas.

\*\*\*

Às vezes nós também saíamos e procurávamos por ele.

Em retrospecto, fico me perguntando por quê.

Ele nunca correu perigo de verdade — o pior que poderia acontecer seria se perder outra vez —, mas de algum modo aquilo parecia importante, algo em que deveríamos prestar atenção. Perdemos nossa mãe e nosso pai, não podíamos perder mais um. Não podíamos permitir que aquilo acontecesse, ponto final. Apesar disso, nunca pegávamos leve com ele; quando voltava, ele apanhava tanto de Rory e Henry que ficava com as pernas dormentes.

Já naquela época, porém, o problema era que, por mais que o machucássemos,



nunca conseguíamos machucá-lo. Por mais que o segurássemos, nunca conseguíamos segurá-lo. Ele escapuliria no dia seguinte.

Certo dia, chegamos a encontrá-lo na rua.

Era uma terça-feira, sete da manhã.

Eu ia chegar atrasado no trabalho.

O tempo estava fresco e nublado, e foi Rory quem o avistou. Estávamos a vários quarteirões de casa, na esquina da Rogilla com a avenida Hydrogen.

— Olha ele ali! — disse Rory.

Nós o seguimos até a travessa Ájax, uma rua com casas que pareciam caixas de leite, e o atiramos numa cerca; fiquei cheio de farpas acinzentadas nos dedos.

— Porra! — gritou Henry.

— Que foi?

— Acho que ele me mordeu!

— Foi a presilha do meu cinto.

— Imobiliza o joelho dele logo!

Clay não percebeu na hora, mas, naquele momento, bem no fundo do coração, fez uma promessa: nunca mais seria imobilizado daquela forma, pelo menos não com tanta facilidade.

\*\*\*

Contudo, naquela manhã, enquanto o enxotávamos pelas ruas, ele também cometera um erro:

Pensou que tivesse acabado. Ledo engano.

Se, nos meses anteriores, Michael Dunbar se recusara a arrastá-lo pela casa, eu não teria o menor pudor em fazer isso; empurrei Clay pelo corredor, atirei-o para

o quintal dos fundos e peguei a escada.

— Vai — mandei. — Sobe.

— O quê...? No telhado?

— Vai logo, senão eu quebro as suas pernas. Aí eu quero ver você correr...

Ao chegar à beirada do telhado, mais desolado do que nunca, ele compreendeu na mesma hora o que eu queria lhe mostrar.

— Agora tá entendendo? Tá vendo o tamanho dessa cidade?

Isso o lembrou de um episódio cinco anos antes, quando ele cismou que faria um trabalho escolar sobre todos os esportes do mundo, e até pediu a Penélope um caderno novo. Nutria a ilusão de que bastava listar cada esporte que conhecia; no meio da primeira página, tinha reunido a ninharia de oito modalidades, e foi assim que percebeu que a empreitada era inútil. Naquele dia, no telhado, percebeu o seguinte:

Ali de cima, a cidade se multiplicava.

Estendia-se para todos os lados.

Era imensa e gigantesca e monstruosa. Era todos os adjetivos que já ouvira para descrever algo imbatível.

Por um momento, quase senti pena dele, mas tive que jogar a pá de cal e terminar o serviço.

— Pode correr quanto quiser, moleque, mas você nunca vai conseguir encontrar ele. — Meu olhar percorreu as casas ao nosso redor, os incontáveis telhados inclinados. — Ele foi embora, Clay, ele matou a gente. Ele assassinou a gente. — Eu me forcei a dizer, eu me forcei a gostar de dizer isso. — O que éramos... Já não resta mais nada daquilo.

O céu era um cobertor cinzento.

À nossa volta, não havia nada além da cidade.

A meu lado, um menino e seus pés.

“Ele matou a gente” pairava entre nós, e não sei como, mas sabíamos que era verdade.

Naquele dia, nasceu um apelido.

# o cavalo de riverina

DESDE AQUELE ABRAÇO no estacionamento, algo novo se instaurou. Na superfície, tudo parecia normal, enquanto o inverno continuava em toda a sua glória — as manhãs escuras, a luz límpida do sol —, assim como a construção incansável da ponte.

Numa sequência de corridas, ela ganhou quatro e passou a ter seis no total. Como sempre, ela saía do rádio, e Clay adorava se sentar e ficar imaginando a garota, o que ela estaria fazendo. Ela também ficou três vezes em terceiro lugar, mas nunca em segundo. A menina era incapaz de chegar em segundo.

Às quartas-feiras, quando Michael não estava e Clay sentia mais saudade das coisas do que de costume, o garoto pegava o rádio e a caixa e se embrenhava entre as árvores. Segurava o pregador e segurava o isqueiro, sorrindo para o metal e para as palavras nele. Ficava ali, entre os troncos de árvore, que mais pareciam modelos de gesso de partes do corpo, como braços e cotovelos. Às vezes, levantava-se no último *furlong*:

Vamos, Carey, toma a dianteira.

Uma cavalgada de nomes:

Kiama, Narwee e Engadine.

(Ao que parece, a garota tinha uma propensão a nomes de lugares.)

O Corta-Grama. O Cavaleiro do Rei.

Às vezes o Guerra das Rosas de novo.

Com ele, não usava o chicote uma vez sequer.

Então chegou um dia, chegou um cavalo; um jóquei que não pôde correr, ombro deslocado. Carey o substituiu. O cavalo tinha o nome de uma cidade do interior, na região de Riverina — e tudo estava prestes a mudar para ela e a mudar o curso do presente.

O cavalo se chamava Cootamundra.

\*\*\*

Já era agosto, e as manhãs estavam mais geladas do que nunca. Para todo lado era madeira e carpintaria. Eram amontoados de blocos de pedra. Eles trabalhavam em silêncio, usando apenas as mãos. Parecia que na verdade estavam construindo uma arquibancada, e, de certa forma, talvez estivessem mesmo.

Clay segurava as grandes pranchas de madeira.

— Aí não — dizia Michael Dunbar —, *ali*.

Ele realinhava.

Muitas noites, quando o pai encerrava o expediente, o garoto continuava no rio. Aplainava a madeira que precisava ser aplainada e esfregava uma pedra na outra para que ficassem do mesmo tamanho. Vez por outra, Michael levava um chá lá para fora, e eles se sentavam nas pedras e observavam os arredores, cercados de monólitos de madeira.

Às vezes, Clay subia no cimbre, que crescia a cada dia, a cada arco. O primeiro foi quase um teste, o segundo se construiu mais rápido e mais forte; foram aprendendo o ofício com a mão na massa. Por mais de uma vez, ele se lembrou de uma foto; a famosa de Bradfield — o homem que projetara a ponte Coathanger. O

grande arco estava ganhando contornos, e ele se postou com um pé de cada lado. O vão, como a morte, logo abaixo.

\*\*\*

Como sempre, estava ouvindo rádio, os dois lados da fita. Tinha vários clássicos, mas o preferido dele era “Wild Horses” — talvez uma homenagem a Aquiles, embora Clay acreditasse ser um apelo a Carey. Ela estava enterrada em todas aquelas músicas.

Então veio o sábado, no fim do mês, e o rádio sintonizado nas corridas; houve um problema no sexto páreo, nas porteiras. Um cavalo chamado Sonho Meu. O jóquei era Frank Eltham, e o cavalo se assustou com uma gaivota, causando uma confusão tremenda. Eltham conseguiu se segurar, mas justo quando pensou que tinha recuperado o equilíbrio, o cavalo escoiceou mais uma vez e pronto, lá se foi o ombro do homem.

O cavalo se machucou, mas sobreviveu. O jóquei foi direto para o hospital.

Sua montaria para a última corrida do dia tinha potencial — Cootamundra, uma revelação das pistas —, e o proprietário estava desesperado atrás de McAndrew, pedindo que ele arranjasse o melhor jóquei que conseguisse.

— Não dá para te arranjar *nada*. Eu só tenho ela.

Todos os jóqueis experientes já estavam agendados, e só lhe restava dar uma chance à aprendiz.

O velho treinador virou-se e chamou.

— Carey, vem cá.

Era o que ela mais queria. Estava louca para correr.

Quando recebeu a farda vermelha, verde e branca, seguiu direto para a Latrina

— alcunha dada ao vestiário das joquetas, porque o lugar não era nada além disso, uma privada velha — e saiu de lá pronta.

E ela já sabia.

O cavalo iria vencer.

Às vezes, dizia ela, você apenas sente.

McAndrew também sentia.

Estava calado, com um olhar fulminante e orientações precisas:

— Leva ele direto para a dianteira e só para quando chegar na avenida Gloaming.

Carey Novac assentiu.

Ele deu um tapinha nas costas dela, e a garota seguiu em frente.

\*\*\*

Em Silver, no Amahnu, eles escutaram a mudança de última hora, e, quando Clay parou do nada, Michael Dunbar percebeu.

É ela.

Carey Novac.

Aquele era o nome.

Eles se sentaram para escutar o páreo, e foi exatamente como McAndrew dissera; ela o conduziu à dianteira do pelotão. Nenhum outro cavalo chegou a emparelhar com o dela. Era um animal grande, marrom-escuro — um cavalo baio. Era corajoso e célere. Ganhou com bons quatro corpos de vantagem.

\*\*\*

Dali em adiante, foi isto que aconteceu:

Ao longo de todo o mês de setembro, sempre que Clay voltava da cidade, ou Michael da mina, eles apertavam as mãos e trabalhavam como dois desvairados.

Cortavam e mediam e serravam.

Lapidavam a borda de pedras; trabalhavam em um ritmo perfeito.

Quando Michael terminou de montar seu sistema de polias, testaram o peso de uma enjunta. Assentiram com cautela — depois com vontade —, felizes; as cordas tinham a força dos troianos, as roldanas pareciam de aço.

— Às vezes as minas ajudam — disse Michael, e Clay não tinha como discordar.

Havia momentos em que notavam a mudança na luz; o sol sendo engolido pelo céu. Nuvens negras se encontravam no pico das montanhas, depois pareciam se arrastar para longe. Ainda não tinham o que fazer ali, mas a hora delas não tardaria a chegar.

Certa manhã, estavam planejando o tabuleiro, decidindo o que usariam para cobri-lo.

— Madeira? — perguntou Michael Dunbar.

— Não.

— Concreto?

Tinha que ser arenito, nada mais serviria.

\*\*\*

Dali em diante, foi isto que aconteceu:

O dono do cavalo adorou a joqueta.

O nome dele era Harris Sinclair.

Disse que ela era destemida e sortuda.



Gostava de seu cabelo tagarela (“Parece até que quem fala é o cabelo”, dissera), de seu corpo esguio e de sua autenticidade.

Nas corridas anteriores à temporada de primavera, Cootamundra ganhou duas outras vezes, contra pelotões melhores e mais experientes. Ela contou a Clay que amava cavalos que se sentiam à vontade correndo na dianteira, porque eram os mais destemidos. Naquela noite de sábado, ventava de uivar. Os dois estavam nas Cercanias.

— Ele simplesmente sai da porteira e dispara — explicou ela, e o vento carregou as palavras para longe.

Mesmo quando ele chegou em segundo (a primeira vez que isso acontecia com Carey), o proprietário levou para ela, como prêmio de consolação, uma cerveja geladinha.

— Mas que porra é essa? — disse o velho McAndrew. — Me dá aqui essa cerveja.

— Ah, merda... — resmungou Sinclair. — Me desculpe, minha filha.

Ele era um desses homens de negócios durões, advogado — tinha uma voz grossa e autoritária —, e sempre parecia que tinha acabado de almoçar, e pode apostar que tinha sido um banquete.

\*\*\*

Quando chegou outubro, tudo corria bem com a ponte, e as renomadas corridas de primavera começaram.

Parte ocorreria perto de casa, mas a maioria seria no sul, em Flemington e em outras pistas famosas, como Caulfield, Mooney Valley.

McAndrew ia levar três cavalos. Um deles era Cootamundra.

Ele e Sinclair discordaram. Embora tivesse reconhecido o potencial da aprendiz — e antevisto a glória pessoal que poderia colher ao se associar a ela —, aquele segundo lugar plantara a semente da dúvida na cabeça do empresário. Até então, Carey tinha algo a seu favor: como era apenas uma aprendiz, o cavalo poderia participar de corridas menos disputadas. Nas corridas grandes, isso não aconteceria. Certa tarde, ela os encontrou; foi no escritório de McAndrew, coberto de papéis e pratos sujos do café da manhã.

Carey estava parada do lado de fora, bisbilhotando, a orelha colada na porta de tela.

— Escuta, eu só estou querendo explorar outras opções, entende? — disse Harris Sinclair, com sua voz grossa. — Eu *sei* que ela é boa, Ennis, mas estamos falando do Grupo Um.

— É uma corrida de cavalo.

— É o Grande Prêmio Sunline-Northerly!

— Sim, mas...

— Ennis, olha aqui...

— Não, olha aqui *você*. — A voz de espantalho a trespassou. — Não estou querendo puxar a sardinha pro lado de ninguém. Eu a escolhi porque ela é a cavaleira desse cavalo, e *ponto final*. Se ela se machucar, for suspensa ou se entupir de bolo nas próximas três semanas, tudo bem, a gente troca, mas nas condições atuais? Não vou mexer em time que está ganhando. Você precisa confiar em mim, tudo bem?

Fez-se um abismo de silêncio descrente, antes que McAndrew falasse outra vez:

— Quem é o treinador nessa merda?

— Ok... — disse Harris Sinclair, e a menina se afastou, tropeçando, correndo para longe.

Esqueceu-se completamente da bicicleta presa à cerca e foi direto para casa, para Ted e Catherine. Mesmo quando a noite caiu, a animação era intensa demais, e ela não conseguiu dormir, então escapuliu, saiu de casa e foi se deitar sozinha nas Cercanias.

Infelizmente, acabou deixando de ouvir as palavras que foram ditas logo depois.

— Mas Ennis... — dissera Harris Sinclair. — O proprietário sou eu.

Ela chegou perto, mas tão perto, só para ser substituída na última hora.

# a sobrevivência dos garotos dunbar

NO NÚMERO 18 da rua Archer, sobraram cinco de nós.

Éramos os garotos Dunbar e tocamos a vida.

Cada qual à sua maneira.

Clay, é claro, era o mais quieto dos cinco, mas não antes de ser o mais esquisito — aquele que saía correndo pelo bairro e que de vez em quando subia no telhado. Cometi um grande erro ao levá-lo lá para cima naquele dia, porque não demorou nada para ele transformar isso num hábito. Àquela altura já tínhamos aceitado que ele sempre voltaria das suas rondas pela região e se sentaria lá em cima, na companhia das telhas e da vista.

Quando perguntei se poderia correr com ele, ele só deu de ombros, e foi assim que começou:

O treino, a fuga.

A perfeição em forma de dor e felicidade.

\*\*\*

Naquele meio-tempo também havia Rory.

Acho que seu grande objetivo de vida era ser expulso da escola; desde o jardim de infância, tudo que ele mais desejava era sair de lá, por isso aproveitava todas as oportunidades. Deixou bem claro que eu não era guardião dele, muito menos seu

pai. Foi honesto e incontestável:

Cometia vandalismo.

Vivia matando aula.

Mandava os professores enfiarem o dever de casa naquele lugar.

Levava bebida alcoólica para a escola.

(“É só uma cervejinha, não sei por que esse alvoroço todo!”)

É claro que a única coisa positiva que surgiu de tudo aquilo foi meu encontro com Cláudia Kirkby, na primeira vez em que ele foi suspenso.

Lembro que bati à porta da sala, que entrei, que a mesa estava cheia de trabalhos. Era alguma coisa sobre *Grandes expectativas*, e bati os olhos numa redação que ganhou nota 2 de 10.

— Meu Deus, essa aí não é do Rory, é?

Ela até fez uma tentativa de arrumar a bagunça.

— Não, na verdade o Rory tirou 1 em 10... e isso foi só por ter entregado o exercício. Não escreveu nada que prestasse.

Mas não estávamos ali para falar de trabalhos escolares.

— Suspenso? — perguntei.

— Suspenso.

Ela foi sincera, mas muito cordial; fiquei impressionado com sua capacidade de manter o bom humor diante da situação. Suspensão não era motivo de risada, mas havia algo em seu tom de voz. Acho que ela estava tentando me reconfortar. Fiquei estranhamente feliz ao ver que vários alunos do último ano pareciam mais velhos que ela; se eu tivesse continuado na escola, teria terminado no ano anterior. Por algum motivo, achei isso muito relevante.

Mas ela não perdeu tempo e foi bem direta.

— Então tudo bem para você se ele for suspenso? — perguntou. Assenti. — E o seu... — continuou ela, hesitante.

Percebi que ela estava prestes a dizer “pai”. Ainda não tinha avisado na escola que Michael havia nos abandonado; eles ainda iriam descobrir, em seu devido tempo.

— Ele não está na cidade no momento... Mas acho que posso tomar conta disso por enquanto.

— E você tem...

— Dezoito anos.

Eu nem precisava ter dito nada, já que parecia um pouquinho mais velho — ou talvez isso só fosse verdade na minha cabeça. Sempre achei que Clay e Tommy pareciam muito mais novos do que realmente eram. Até hoje, tenho que me forçar a lembrar que Tommy não tem mais seis anos.

Na sala dela, continuamos conversando.

Ela me disse que seriam apenas três dias.

Porém, *outras* coisas a preocupavam:

Elas eram mesmo magníficas — suas panturrilhas, suas canelas —, mas não da forma que eu havia imaginado. Eram só, sei lá, *dela*. Não tem outro jeito de explicar.

— Então já falou com a diretora?

Ela teve que chamar minha atenção, já que meu olhar estava perdido, vagando pelo chão. Quando ergui o rosto, li o que estava escrito no quadro-negro. Palavras em uma letra cursiva bonita e arredondada. Algo sobre Ralph e Porquinho; o cristianismo presente na obra.

— Falou com a sra. Holland?

Outra vez, assenti.

— E, me desculpe, mas eu preciso perguntar — continuou ela. — Isso é porque... Você acha que é por causa...

Fiquei cativado pelo calor do olhar dela.

Ela parecia a primeira xícara de café pela manhã.

Logo me recuperei.

— ... da morte da nossa mãe? — completei.

Ela não respondeu nada, mas também não desviou o olhar. Falei para a mesa e suas folhas de papel:

— Não — respondi, e cheguei a estender a mão para tocar um dos trabalhos na mesa, mas consegui me conter a tempo. — Ele sempre foi assim, mas acho que agora ele se decidiu.

Nosso irmão ainda seria suspenso mais duas vezes; mais visitas à escola — e, para ser sincero, não foi um fardo para mim.

Esse era o Rory, no auge de seu romantismo.

Era Puck com um temível par de punhos.

\*\*\*

Depois foi a vez de Henry, que seguiu por outro caminho.

Era magro como um varapau. Tinha uma mente astuta.

A primeira manifestação de sua genialidade foi quando começou a ganhar dinheiro no pub da cidade, ao ver todos aqueles pingüços de meia-idade bebendo em pé do lado de fora do bar. Percebeu que todos estavam com seus cachorros e que os bichos estavam acima do peso, tão diabéticos quanto os donos.

Certa noite, quando ele, Clay e Rory estavam voltando do mercado, ele pôs a

sacolas de compras no chão de repente.

— Que merda é essa? — disse Rory. — Pega as sacolas, anda.

Henry virou-se para o outro lado.

— Saca só esses caras. — Tinha catorze anos e uma senhora língua. — Olha ali... Todos devem ter falado pras patroas que iam levar o cachorro para passear.

— Hein?

— *Olha pra lá, cacete!* Você tá cego, por acaso? Eles dizem que vão passear com o cachorro, mas aí vêm para o bar beber. Olha só o estado desse bando de golden retrievers!

Ele se aproximou dos caras e deu uma pequena amostra de seu sorriso contagiante, naquela que seria a primeira das muitas vezes em que o usaria.

— Ô sua cambada de preguiçosos, alguém aí quer que eu leve o cachorro para passear?

É claro que eles gostaram do garoto logo de cara.

Adoraram a empáfia.

Ele passou meses faturando vinte contos por noite.

\*\*\*

Aí foi a vez do Tommy, e eis o que aconteceu:

Nosso irmão mais novo se perdeu na cidade; estava tentando achar o museu.

Tinha só dez anos, e foi tão desesperador quanto os sumiços de Clay, embora Tommy, pelo menos, tivesse ligado para avisar. Estava em uma cabine telefônica a muitos quilômetros de distância, então pegamos o carro e fomos buscá-lo.

— E aí, Tommy! — gritou Henry. — Nem imaginava que *você* sabia o que era um telefone público!



Tivemos uma ótima tarde. Passamos umas boas horas dirigindo pela cidade e pelo litoral. Prometemos que o levaríamos ao museu outro dia.

\*\*\*

Quanto ao Clay e a mim, um belo dia começaram os treinos.

Eu o peguei no flagra de manhã, no meio da fuga.

O dia ainda estava raiando, e ele não conseguiu esconder a surpresa ao dar de cara comigo ao lado da caixa de correio; mesmo assim, tentou passar por mim como se não fosse nada. Pelo menos, estava de tênis.

— Quer companhia? — perguntei.

Ele deu de ombros, virou para o outro lado, e corremos.

Passamos a correr juntos todas as manhãs, e, ao voltarmos, eu ia para a cozinha, tomava um café, e Clay ia para o telhado — verdade seja dita, eu entendi por que ele gostava tanto de correr:

Primeiro as pernas se incendiavam de dor.

Depois a garganta e os pulmões.

Um sinal de que estava correndo pra valer era quando começava a sentir o cansaço nos braços.

Corríamos até o cemitério. Corríamos pela avenida Poseidon. Na Cabine, corríamos pelo meio da rua; certa vez, um carro buzinou para a gente, e nós nos dividimos, guinando cada um para um lado. Pisoteávamos os jasmins-manga apodrecidos. Do alto do cemitério, observávamos a cidade.

Houve também outras manhãs ótimas em que cruzávamos com os boxeadores da Tricolor, fazendo seu treino matinal de corrida.

— Ei, garotos! — diziam eles.

Colunas encurvadas, bochechas ainda sarando.

A respiração tribulada dos narizes quebrados no ringue.

É claro que um deles era Jimmy Hartnell, e um dia ele se virou para mim, correndo de costas. Assim como a maioria dos outros, vestia um mar de suor, uma mancha de respeito ao redor da gola da camiseta.

— Ei, Piano! — gritou ele. — Ei, Dunbar!

Então acenou para mim e continuou correndo.

Às vezes, quando eu cruzava com ele, nos cumprimentávamos, batendo as mãos, como jogadores de futebol na hora da substituição; um entrando no campo, outro saindo. Resolvemos todas as nossas diferenças na corrida.

Às vezes apareciam alguns outros coadjuvantes — jovens jóqueis, aprendizes de McAndrew.

Era um dos requerimentos dele para o primeiro ano do ofício de jóquei: os aprendizes tinham que correr com os caras da Tricolor, dia sim, dia não. Sem exceção.

Também me lembro da primeira vez em que corremos até Bernborough:

Era um domingo, um alvorecer incendiário.

A arquibancada ardia em brasa — como se tivessem botado fogo no lugar —, e a pista já estava inundada: de mato, escaras e erupções. O campo interno ainda não era uma selva, mas já caminhava para isso.

Fizemos oito tiros de quatrocentos metros.

Trinta segundos de descanso.

— De novo? — perguntei.

Clay assentiu.

Aquele universo dentro de seu estômago tinha desaparecido, e o sofrimento

era de uma beleza perfeita.

Em Bernborough, ele também voltou a ficar descalço, com o pregador no bolso da bermuda... E às vezes acho que ele planejou tudo. Às vezes, acho que ele já sabia:

Correríamos pelas ruas do bairro.

Clay procuraria por ele lá do telhado.

Mais do que procurar pelo nosso pai, acho que Clay já sabia que havia algo lá fora, e agora eu sei também — porque foi ali, naquele mundo contido no subúrbio, que nós treinamos e abrimos caminho até ele:

Corríamos e procurávamos, cada vez mais perto de encontrar uma mula.

## a foto

NO FIM DE semana em que Cootamundra correu na capital do turfe, ao sul do país, Ennis McAndrew tomou uma decisão sábia:

Não deixaria Carey montar de jeito nenhum.

Já haviam roubado a montaria dela no Grande Prêmio de Sunline-Northerly, sua primeira corrida no Grupo Um — e ela só tinha dezessete anos. Ele não poderia tomar conta dela na cidade, por isso não a levaria. Mas ela ficaria arrasada; bastava ver o corcel baio na grande curva para saber.

Então o que ele disse foi:

— Acho que você merece um fim de semana de folga.

Ele não era um treinador qualquer.

\*\*\*

Clay fez questão de voltar naquele sábado; falava-se muito disso no rádio, do cavalo e do jóquei substituto.

Na sexta à noite, Michael Dunbar pegou Clay de saída.

Deu carona para ele até a cidade, ambos calados como sempre, e quando chegaram à estação de trem, Michael tirou um envelope do porta-luvas e colocou no colo de Clay. Estava escrito *Carey Novac*.

— Mas o que...

— Só entrega pra ela, tá bom? Ela vai gostar. Prometo.

Não houve nenhum tom de *durma com esse barulho*, apenas um aceno, quase imperceptível, para o garoto. As luzes da ferrovia pareciam estar a quilômetros de distância, e a cidade estava sossegada, a não ser pelo burburinho de um bar ao longe. Por um instante Michael deixou transparecer um vislumbre do que fora no passado, e Clay retribuiu.

Sem disfarçar, o garoto tirou *O marmoreiro* da bolsa.

Guardou o envelope dentro do livro, com cuidado.

\*\*\*

Na rua Archer, no dia seguinte, tanto Ted quanto Catherine tinham ido trabalhar, então Carey e Clay estavam sozinhos na cozinha.

Tinham ajustado o radinho preto.

Havia um som estéreo na sala, digital e tudo, mas optaram por escutar naquele, ouvidos colados ao aparelho. Assim que se sentou, Clay se deu conta: que cozinha incrivelmente limpa.

Eles se entreolharam.

Nenhum dos dois estava disposto a falar.

O jóquei era um profissional experiente, Joe Bird, e quando a corrida começou, quase três da tarde, ele demorou para largar e não conseguiu sustentar a ponta; foi ultrapassado na grande curva. Quando tentou fazer com que o cavalo aumentasse a potência, de nada adiantou, e Clay ouviu, mas sobretudo observou Carey. Observou o cabelo quilométrico, os cotovelos apoiados na mesa, o rosto escondido nas mãos em concha; o semblante dela oscilava entre melancolia e tristeza, e tudo que ela conseguiu dizer foi:

— Putz!

\*\*\*

Foram ao cinema logo depois.

Ela se aproximou, pegou a mão dele.

Quando ele se virou, ela estava de olho na tela, mas uma lágrima escorria pelo rosto.

O que aconteceu em seguida foi muito esquisito.

Ele se aproximou e deu um beijo no rosto dela.

Não foi uma violação das regras, por assim dizer, e ambos sabiam disso. Ele sentiu o gosto salgado da dor e fitou a mão dela na dele.

\*\*\*

Mais tarde, foram até as Cercanias, e ela se deitou bem do lado dele. Estava pronta para colocar para fora, um número que ela soltou com ressentimento:

— Sétimo.

Sétimo, fracasso total.

Em certo momento ele contou as sardas dela, e eram quinze no rosto, tão minúsculas que precisava estreitar os olhos para ver. Havia uma décima sexta no pescoço. Mais vermelhas que o cabelo dela, sangue à luz bronze do sol.

— Eu sei, tem coisa pior — disse ela.

E havia mesmo, sem sombra de dúvida.

Ela recostou a cabeça nele por um instante.

Como sempre, Clay sentia a respiração dela; o calor, a andadura.

Parece bobagem, falar de respiração assim — em termos de ritmo de corrida —, mas foi assim que ele descreveu.

Ele baixou a cabeça um momento.

De novo, lá estava o décimo sexto pontinho de sangue. Queria tocá-lo, deixar a mão encostar distraidamente, mas quando deu por si estava falando.

Falou na língua que só ela compreendia, na expectativa de provocá-la:

— Esmagador de Ossos, Nossa Estrela Cintilante... Um páreo duro... — E seguiu: — O Santo... e Carabina...

Ele se referia a uma corrida específica e aos vencedores dela. Ela já havia contado essa história para ele — na primeira vez em que caminharam pelo bairro.

— Phar Lap, o maior de todos. — Ele hesitou, engoliu em seco e disse: — O Espanhol... — E esse quase doeu; O Espanhol, da linhagem de El Matador; mas ele tinha que continuar. — Ei... — disse ele e a abraçou, puxando-a para perto, sem muitas palavras. Apertou o braço de flanela dela. — Mas seu favorito continua o mesmo, né? Kingston Town, sempre.

Por fim, seu coração parou.

Ele sentiu o padrão xadrez.

— Meu Deus, você lembra.

Ele se lembrava de tudo a respeito dela. Jamais esqueceria como as palavras dela ganhavam velocidade enquanto ela contava do Grande Prêmio de Cox Plate de 1982. Que coincidência, justo na época em que Penélope havia se mudado para cá — e Carey no momento dizia o mesmo que os narradores: “Kingston Town não tem como ganhar.”

Ele a manteve embrulhada em seus braços.

O tom entre voz e sussurro:

— Dá até para ouvir a multidão indo à loucura quando ele surge do nada.

\*\*\*

Ele se levantou e a levantou junto, e fizeram a cama; estenderam a lona pesada de plástico e prenderam as bordas entre o colchão e o gramado.

— Vamos! — disse ele, já com o pé na pista e o livro debaixo do braço, com o envelope dentro.

Caminharam pela rua Archer, até a avenida Poseidon.

Durante o filme, ela havia segurado a mão de Clay, mas agora fazia o que costumava fazer desde que se tornaram amigos; ficou de braços dados com ele. Clay sorriu e fez pouco-caso. Nem passou por sua cabeça que pudessem parecer um casal de idosos ou que alguém pudesse interpretar mal. Ela era assim, vivia fazendo coisas doidas.

Passaram pelas ruas conhecidas, cheias de história — Empire, Chatham, Tulloch —, e pelos lugares que visitaram na primeira caminhada, mais adiante, como a travessa do Bobby. Passaram até pela barbearia cujo nome tanto adoravam, mas todos os caminhos levavam a Bernborough, onde a lua pendia sobre a relva.

No meio da pista, Clay abriu o livro.

Ela estava alguns metros à frente.

Já se aproximava da linha de chegada quando ele a chamou:

— Ei, Carey!

Ela se virou em câmera lenta.

Ele a alcançou e entregou o envelope.

Ela observou o envelope na palma da mão.

Leu o próprio nome em voz alta, e na pista de saibro de Bernborough, de certa



forma, recuperou a energia.

Ele notou o vidro marinho dos olhos dela.

— É a letra do seu pai?

Clay assentiu sem dizer nada, e ela abriu o envelope branco e fino, examinando a foto dentro. Imagino o que ela deve ter pensado — algo como *lindo, magnífico* ou *Pena que eu não estava lá* —, mas ela se ateve a segurar a foto e passá-la para ele.

A mão dela tremia de leve.

— Você — sussurrou ela — e a ponte.

# **o amor nos tempos do caos**

A PRIMAVERA SE transformava em verão, e seguíamos em marcha.

Era correr e viver.

E manter a disciplina, perfeitos idiotas.

Em casa, ficávamos à deriva; sempre tínhamos razões para brigar, gargalhar ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Nas ruas, era diferente:

Quando corríamos, sabíamos onde estávamos.

Acho que era a combinação perfeita de amor nos tempos do caos e amor nos tempos do controle; éramos puxados para os dois lados, e vivíamos entre extremos.

\*\*\*

Começamos a correr em outubro, quando Clay se inscreveu no atletismo — sem o menor ânimo, tampouco reticente. As competições não aconteciam no parque Bernborough (a região estava muito degradada), e sim em um clube em Chisholm, perto do aeroporto.

Todo mundo por lá detestou Clay.

Ele treinava apenas os quatrocentos metros e mal abria a boca.

Fez amizade com um garoto, um moleque animalesco chamado Starkey:  
O brutamontes do arremesso de peso e lançamento de disco.  
O ás da corrida de quatrocentos metros era um garoto chamado Spencer.  
Clay disparou a trezentos metros da linha.  
— Cacete! — disseram todos no clube.  
Venceu com meia-reta de vantagem.

\*\*\*

Em casa, era de tarde.

Uma tarde qualquer:

Briga número 278.

Rory e Henry estavam se engalfinhando.

A balbúrdia deles ecoava do quarto pela casa toda, um verdadeiro *quarto de menino* — a roupa de praia suja largada no chão, meias perdidas, mau humor e chaves de braço. E o linguajar do estrangulamento:

— Já falei pra você deixar essa tralha junto com o resto da sua tralha, mas você insiste em alastrar sua merda toda pro *meu lado*.

— Até parece que eu ia querer minha tralha *alastrada* (fala que nem gente!) pelo seu lado, por essa imundice toda aí!

— Tem imundice, mas você não sai daqui.

E por aí vai.

Dez minutos depois, entrei no quarto para apartar a briga, um emaranhado louro e ferrugem. O cabelo deles apontava para todos os lados — norte e sul, leste e oeste — e Tommy, pequenininho, nos aguardava na porta.

— Vai ter museu ou não?

Foi Henry quem ouviu e respondeu, sem tirar os olhos de Rory.

— Claro. Me dá um minutinho só. Um segundinho pra acabar com o Matthew.

E, simples assim, os dois eram amigos de novo.

Acabaram comigo depressa, sem dó.

Sobrou para mim sentir o sabor das meias.

\*\*\*

Nas ruas, esta era a rotina.

Clay corria.

Eu me empenhava para acompanhar o ritmo dele.

Dele e de seu bolso esquerdo, em chamas.

“Um, dois, um, dois.”

Nossa conversa se resumia a algarismos, isso quando ele dizia alguma coisa.

Em Bernborough, era sempre a mesma coisa.

Oito tiros de quatrocentos metros.

Trinta segundos de descanso.

Corríamos até cair.

\*\*\*

No museu, entramos todos, reclamando dos preços, mas valeu cada centavo; valeu só de ver o pequeno trocar olhares com o lobo-da-tasmânia. E não é que ele tinha razão? Era verdade, parecia mesmo um cachorro, com uma barriga oval esquisita; adoramos o bicho.

Tommy pirou com todos os animais:

Sobre nossas cabeças, o esqueleto da baleia-azul se estendia, gigantesco, do

tamanho de um prédio comercial deitado. Passamos pelo pescoço ágil do dingo de novo e pela marcha dos pinguins. Tommy curtia até as peças mais assustadoras do museu, em especial a cobra negra de barriga vermelha e o brilho e a elegância da taipan.

Para mim, no entanto, pairava um ar soturno, cúmplice de toda aquela taxidermia — algo morto e que relutava em ir embora. Ou, para ser franco, relutante dentro de mim:

Claro, a lembrança de Penélope.

Imaginei nossa mãe ali com Tommy.

Agachando-se lentamente para falar com ele; e tenho a impressão de que Clay sentiu o mesmo.

Volta e meia, eu notava que ele estava observando os painéis, mas o olhar passava de raspão pelos espécimes, principalmente os que estavam por trás do vidro. Com certeza estava pensando no reflexo dela, loura, varapau, sempre sorrindo.

Quando a visita chegou ao fim, ficamos de boqueira do lado de fora.

Todos estávamos exaustos, menos Tommy.

E a cidade frenética ao redor.

\*\*\*

Em uma das nossas corridas, aconteceu.

Veio de encontro a nós de manhã cedo.

Mundos se fundiram.

Deveríamos ter pensado nisso antes.

Estávamos correndo nas primeiras horas da manhã, na rua Darriwell, a poucos

quilômetros de casa. Clay viu o cartaz preso a um poste telefônico, parou para respirar e retrocedeu de imediato. Observou o anúncio com atenção:

Uma gata tinha acabado de dar cria.

Por que levar Tommy para ver animais mortos, quando animais vivos poderiam ir até ele?

Memorizei a primeira parte do número de telefone, e Clay, a segunda, mas quando ligamos, levamos uma patada. O anúncio já tinha três meses; o último filhote fora vendido fazia seis semanas. A mulher que atendeu, no entanto, sabia exatamente aonde poderíamos ir. Tinha uma voz masculina, densa, direto ao ponto.

— Tem um monte de site de animais, mas recomendo o *TDT*.

Ela se referia à *Tribuna do Distrito de Turfe* e acertou em cheio; muito astuta. Na primeira vez em que demos uma olhada no jornal — nosso periódico suburbano —, encontramos um border collie, um kelpie e um par de calopsitas *à venda*. Também um porquinho-da-índia, um periquito e três gatos de raças diferentes.

No rodapé, porém, ele estava à nossa espera, e ainda ficaria ali por mais um tempo. Eu deveria ter atinado para as chamadas no olhar de Clay; os olhos de repente sorriam, conforme o indicador dele se dirigia ao anúncio:

*MULA TEIMOSA MAS SINPÁTICA  
NUNCA DÁ COICE, NUNCA ZURRA*

\*\*\*

*\$200 (negociável)  
VOCÊ NÃO VAI SE ARREPENDER  
Tratar com Malcolm*

— Não mostra isso pro Tommy de jeito nenhum — comentei.

Mas Clay não estava nem aí. Com calma, apontou com o dedo mais uma vez, para o erro na primeira linha.

— Teimosa mas *sinpática* — brincou ele.

\*\*\*

Ficamos com um gato — de uma família de mudança para o exterior. Muito caro levar o bichano. Disseram que o nome dele era Rajado, mas era certo que isso ia mudar. O felino era uma bola de pelos ronronante, de lábios pretos e almofadinhas cor de asfalto — e um rabo que mais parecia uma espada desgrenhada.

Fomos de carro até o local, em Wetherill, a dois bairros de distância, e o gato veio para casa no colo de Clay; mal mexeu um músculo, apenas ronronou em sintonia com o motor, amassando as pernas de Clay com as garras, alegre que só.

Jesus, você tinha que ver a cara do Tommy.

Queria que tivesse visto.

Chegando em casa, corremos para a varanda.

— Ô Tommy! — chamei, e ele veio, e seus olhos eram joviais e persistentes.

Ele quase chorou quando pegou o gato, as listras em contraste com seu peito. Fez carinho, apertou e se declarou sem dizer uma palavra.

Quando Rory e Henry apareceram na varanda, ficaram encantados; em tempo recorde agouraram o irmão.

— Ei, por que só o Tommy ganhou um gato?

Clay desviou o olhar.

— Porque a gente gosta dele — respondi.

— E da *gente*, não?

Logo ouvimos a declaração de Tommy e a resposta abrupta de Clay.

— Vou chamar ele de Aquiles — anunciou Tommy.

— Não, esse não — disse Clay.

Na mesma hora olhei para ele.

Eu era teimoso e nem um pouco *simpático*.

Não, Clay, segura o faixa, *cacete*, falei, só com o olhar — mas quem eu estava tentando enganar? No fim, Tommy segurou o gato como um recém-nascido.

— Tá bom, Agamenon então.

Dessa vez foi Rory o estraga-prazeres.

— Mas que merda! Escolhe um nome que a gente consiga *pronunciar*.

Ele insistiu na homenagem a Penélope.

— Que tal Heitor?

O herói de Troia.

Agradou a gregos e troianos.

\*\*\*

Na manhã seguinte, vagueando pelo bairro, descobri vielas das quais jamais tinha ouvido falar, e acabamos na estrada Epsom. Não muito longe do túnel Lonhro. Os trilhos de trem acima chacoalhavam. Era uma das ruas esquecidas do bairro, com um único campo abandonado. A cerca já estava quase toda desmoronada. Os eucaliptos estavam trocando a casca; mantinham-se a postos, imponentes.

Nos fundos, o pedaço de terra, e tufo de grama despontando feito punhos em meio à poeira. Tinha arame farpado, corroído. Um barracão desbotado e acinzentado. E um trailer velho, caindo aos pedaços; um bêbado às três da manhã.

Eu me lembro do barulho dos passos dele, diminuindo o ritmo ao entrarem na



rua esburacada. Clay jamais desacelerava àquela altura da corrida; era sempre um, dois, um, dois... Então logo compreendi. Assim que coloquei os olhos no trailer e no terreno baldio, percebi que a lógica não morava ali, mas mulas com certeza sim. Fui até lá, falando com desgosto:

— Você ligou pro número da *Tribuna*, não ligou?

Clay seguiu em frente, decidido.

A respiração dele voltava ao normal rapidinho, da corrida à vida cotidiana.

— Não sei do que você tá falando.

Então vimos a placa.

Em retrospecto, se encaixava perfeitamente.

Reconheço e admito agora.

Na época, porém, fiquei desconfiado, e bem incomodado, conforme nos aproximávamos da cerca e da placa, que já tinha sido branca um dia. Suja e mofada, pendia torta do topo da cerca — talvez a melhor placa do bairro, se não de todos os bairros do mundo.

Em canetinha desbotada, avisava:

QUEM FOR FLAGRADO ALIMENTANDO OS CAVALOS VAI LEVAR  
CHUNBO!

— Meu Deus, olha isso! — comentei.

Como pode alguém escrever *chunbo* errado e acertar *flagrado*? Mas isso resumia bem o bairro, creio eu. Além do mais, não havia muitos cavalos por ali, e por um bom tempo parecia não haver mais nada...

Até que ela saiu de trás do barracão.

De repente, lá estava, a mula à espreita, e sua expressão de praxe:

Observava, avaliava.

E se comunicava.

Como um ser supremo, ainda que largado às traças.

Já fazia aquela cara de o-que-você-tá-olhando-hein, com seu focinho longo e assimétrico — até que observou mais um pouco e pareceu dizer: *Ah, então é isso. Vamos lá.*

Devagar, ajeitou-se entre as réstias de sol filtradas pelas folhagens.

De perto era quase encantador; falante, ainda que mudo, e bem-apessoado. A cabeça tinha uma textura à parte, um escovão, e um dégradé de cores displicentes, de areia a ferrugem; seu corpo, um solo arado. Os cascos eram da cor do carvão — e o que deveríamos fazer? Como falar com uma mula?

Mas era Clay quem cuidaria disso.

Olhou bem nos olhos do animal, muito semelhantes aos de um bezerro, como bebês a caminho do matadouro. Tristeza pura, mas cheios de vida. Ele apalpou o bolso; não era o pregador amarelo que procurava.

Não, era Clay Dunbar oferecendo o seu melhor:

Um punhado de açúcar.

Áspero e doce na palma da mão — e a mula se sentiu eternamente grata —, e a placa e a ortografia que fossem para o inferno! A mula começou a dilatar as narinas. E amansou o olhar quando Clay sorriu:

Sabia que um dia você viria.

## OS ESCRAVOS

VERDADE SEJA DITA: o velho Michael Dunbar tinha uma determinação louvável.

Daquela vez ele acertou em cheio: a foto era uma obra de arte.

Quando Clay retornou a Silver, ficou parado na cozinha, perto do fogão.

— E aí? Entregou?

Havia esperança em seus olhos abatidos.

As mãos distraídas faziam movimentos vagos.

Clay fez que sim.

— Ela adorou.

— Também adoro essa foto. Tenho outra de você. — Então, lendo os pensamentos de Clay, continuou: — É tão fácil espiar você lá fora! Você fica perdido no seu mundinho.

E Clay, com a resposta certa; e algo mais, pela primeira vez desde sua chegada.

— Me ajuda a esquecer — disse, erguendo os olhos do chão e encarando o pai.

— Mas não sei bem se é isso que eu quero.

Diante da pia estava certa Rainha dos Erros; Penny Dunbar, do cabelo louro.

— Pai... — Foi um choque e tanto, para ambos, e logo em seguida veio mais. — Sabe... Sinto tanta falta dela. Sinto muita saudade, pai, muita saudade.

E foi nessa hora, com alguns passos, que o mundo mudou:

Michael se aproximou e puxou o garoto para perto.

Agarrou-o pelo pescoço, pelos braços e o abraçou.

Foi quando nosso pai virou pai dele.

\*\*\*

Pouco depois, retornaram à ponte.

Como se nada tivesse acontecido.

Trabalharam no andaime e rezaram pelos arcos, ou melhor, para que os arcos durassem para sempre.

Mas, parando para pensar, é curiosa a relação entre pais e filhos — especialmente entre esse pai e *esse* filho. Existem centenas de pensamentos contidos em cada palavra proferida, isso quando chegam a ser proferidas. Esse dia em particular foi difícil para Clay, bem como os dias que se acumularam em seguida. Ainda tinha muito a dizer. De noite, às vezes, saía para conversar, mas voltava para o quarto com o coração acelerado. Ele se lembrava tão bem do menino que fora um dia, que pedia histórias de Featherton. Que era levado para a cama na corcunda.

Ele ensaiava à velha mesa árida; junto à caixa e aos livros, com a pena do Tetê na mão.

— Pai?

Quantas vezes seria capaz de ensaiar?

Certa noite, ele quase conseguiu, sob a forte luz da cozinha, mas deu meia-volta de novo. Na tentativa seguinte, por fim chegou perto, *O marmoreiro* firme debaixo do braço, e Michael Dunbar o pegou no flagra:

— Vem cá, Clay. O que você tem aí?

Clay ficou ali parado, capturado pela luz.

Ergueu o livro.

— É só que... Só que...

E levantou um pouco mais o braço. O livro, alvo e surrado, com a lombada danificada, aos pedaços. Segurou a Itália diante dele, os afrescos no teto e todos aqueles narizes quebrados — um para cada vez que ela havia lido o livro.

\*\*\*

— Clay?

Ele de calça jeans e camiseta; as mãos, dois blocos de concreto desgastado. Eles podiam até ter olhos parecidos, mas os de Clay estavam sempre em chamas.

Antigamente, ele também tinha uma barriga de concreto.

Você lembra?

Você tinha cabelo ondulado; ainda tem, mas já está grisalho, porque você morreu e ficou um pouco mais velho e...

— Clay?

Ele finalmente tomou coragem.

O sangue corria pela pedra.

Estendeu o livro.

— Me conta dos *Escravos* e do *Davi*, pai?

## a mão entre as dunas de areia

POR VÁRIOS MOTIVOS, era possível afirmar que o gato foi nosso maior erro; o bicho tinha uma miríade de hábitos desgraçados:

Babava de forma quase incontrolável.

Tinha um bafo pavoroso.

Soltava pelos sem parar, tinha caspa e uma tendência a jogar a comida toda para fora da tigela quando comia.

Vomitava.

(— Olha *só* pra essa merda! — gritou Henry uma manhã. — Bem do lado do meu sapato!

— Agradece por não ter sido *dentro* do sapato.

— Cala a boca, Rory! Tommy! Vem aqui limpar essa merda!)

Heitor miava a noite toda — e que miado patético e esganiçado ele tinha! Sem contar a mania de amassar pãozinho no colo de qualquer um que desse sopa, detonando o saco do infeliz com aquelas garras. Às vezes, quando estávamos assistindo à TV, ele passava de irmão em irmão, dormindo e ronronando em cima de cada um. Contudo, era Rory quem o odiava mais, e o nosso porta-voz nessa questão:

— Se esse gato vier rasgar as minhas bolas de novo, Tommy, eu mato o filho da puta, juro por Deus... e você vai ser o próximo, fique sabendo.

Mas Tommy estava muito mais feliz assim; então Henry o ensinara a responder:

— Primeiro ele tem que *encontrar* as suas bolas, Rory.

Aí nem o próprio Rory resistia: caía na gargalhada e até fazia carinho no lombo do tigrado, que cravava as garrinhas no short ao se acomodar no colo. Mal sabia Rory que ainda estavam por vir o peixe e o pássaro e Aquiles... mas antes desses ainda viria a cachorra. Foi Heitor quem abriu caminho.

\*\*\*

Àquela altura, já estávamos em dezembro, e havia um fato absoluto e imutável:

Clay tinha virado especialista nos quatrocentos metros.

A distância se tornou pouco para ele.

Não havia ninguém em Chisholm capaz de vencê-lo, mas eu sabia que isso mudaria em breve. O fim do ano traria as competições locais e regionais, e, se ele fosse bem, conseguiria até ir para o estadual. Comecei a procurar novas maneiras de treiná-lo e decidi me valer das velhas motivações de sempre. Comecei no mesmo lugar em que *ele* começou, na biblioteca:

Pesquisei livros e artigos.

Esquadrinhei os DVDs.

Tudo que eu conseguia achar a respeito de atletismo, até perceber uma mulher de pé atrás de mim.

— Ei, rapaz — disse ela. — Meu jovem? Já são nove horas. Tá na hora de fechar.

\*\*\*

Na sucessão de eventos que precedeu o Natal, aconteceu.

Heitor saiu e desapareceu.

Todos nos envolvemos nas buscas, e foi quase como procurar Clay na época de seus sumiços, só que, dessa vez, Clay estava com a gente. Saíamos todos pela manhã, e alguns também depois da escola; eu me juntava à busca quando chegava do trabalho. Fomos de carro até Wetherill, mas o gato não estava em canto nenhum. Até as piadas estavam começando a perder a graça.

— Rory... — disse Henry, enquanto vagavam pelas ruas. — Pelo menos o seu saco está ganhando um descanso.

— Né? Já vai tarde, aquele infeliz...

Tommy, que vinha um pouco atrás, ficou furioso ao ouvir isso, disparando e tentando derrubar os mais velhos.

— Vocês são uns babacas! — Cuspiu as palavras com raiva, debatendo-se e distribuindo socos, sacodindo os bracinhos de menino. — Seus babacas, cuzões do cacete!

A princípio, eles não o levaram muito a sério, na rua cada vez mais escura.

— Porra! Onde você aprendeu esses palavrões, Tommy?

— Né, cara? Mandou muito bem!

Mas então eles sentiram o olhar do menino e a dor em sua alma de dez anos de idade. Da mesma maneira que Clay ficara arrasado naquela noite, no futuro, na cozinha em Silver, Tommy estava arrasado naquele instante. Quando desabou no meio da rua, caindo de quatro, foi Henry quem se abaixou para pegá-lo; foi Rory quem o segurou pelos ombros.

— Nós vamos achar o Heitor, Tommy, tenho certeza.

— Estou com saudade dele — respondeu nosso irmão mais novo.



Todos o abraçamos.

Voltamos para casa em silêncio naquela noite.

\*\*\*

Quando todos os outros iam se deitar, Clay e eu assistíamos aos vídeos e líamos a pequena multidão de livros que peguei na biblioteca. Víamos filmes sobre os Jogos Olímpicos e uma infinidade de documentários. Qualquer coisa que tivesse a ver com corrida.

Meu preferido era *Gallipoli*, recomendado pela bibliotecária. Primeira Guerra Mundial e atletismo. Adorava o tio de Archy Hamilton — o treinador durão, sempre com o cronômetro.

“Suas pernas são o quê?”, perguntava ele.

O menino respondia: “Molas de aço.”

Vimos esse filme muitas e muitas vezes.

O preferido de Clay era *Carruagens de Fogo*.

1924.

Eric Liddell, Harold Abrahams.

Ele adorava duas partes:

Quando Abrahams via Liddell correndo pela primeira vez e dizia: “Nunca vi um corredor com tanta determinação, tanto comprometimento... Ele corre como um animal selvagem.”

E tinha a preferida dele do Eric Liddell:

“Então de onde vem o poder capaz de te levar até o fim da corrida? Vem de dentro.”

O que soava ainda mais emblemático graças à atuação de Ian Charleston e seu

fantástico sotaque escocês.

*Vem de dentro.*

\*\*\*

Com o passar do tempo, começamos a cogitar.

Será que deveríamos pôr um anúncio no *TDT* procurando um gato perdido, tigrado e irritante?

Não — jamais faríamos algo tão lógico.

Em vez disso, havia Clay e eu.

Líamos o resto da seção de classificados, o que culminava, sempre, na mula. Quando corríamos, ele sempre nos conduzia na direção do endereço do anúncio, e eu gritava “NÃO!”.

Ele me olhava, desapontado.

Dava de ombros, como quem diz “Qual é!”.

Para tirar a ideia da cabeça dele, cedi quando surgiu outra coisa, um anúncio do canil:

Uma border collie de três anos.

Fui pessoalmente até lá, busquei a cachorra e, ao chegar em casa, tive a maior surpresa da minha vida: dei de cara com todos eles, rindo e comemorando na varanda da frente. E, ali no meio, o maldito gato. O filho da mãe tinha voltado!

Saí do carro.

Olhei para o tigrado sem coleira, abatido.

Ele olhou para mim; o tempo inteiro, ele sabia.

Aquele gato tinha um talento nato para *Schadenfreude*.

Por um momento, cheguei a esperar que me cumprimentasse.

— Então acho melhor levar a cachorra de volta...

Rory atirou Heitor para o lado — o bicho voou uns cinco metros, com um miado esganiçado e horrível (aposto que estava felicíssimo por voltar para casa) — e veio com tudo para cima de mim.

— Agora você me arrumou um *cachorro* pro moleque? — perguntou ele, mas havia um tom de aprovação em sua voz.

E Tommy?

Bem, Tommy pegou Heitor no colo, protegendo-o de nós, se aproximou e abriu o carro. Abraçando ao mesmo tempo o gato e a cachorra, disse:

— Meu Deus, eu não acredito! — Então olhou para Clay e perguntou; por alguma razão, já sabia o que fazer. — Aquiles?

Outra vez, não.

— É menina — falei.

— Então tá bom, vai ser Aurora.

— Você sabe que Aurora não é uma...

— Eu sei, eu sei, é o céu.

E, por um momento, estávamos todos juntos de volta ao passado:

Ele na sala de estar, com a cabeça no colo da nossa mãe.

\*\*\*

Era um domingo de manhã, meados de dezembro. Fomos a uma praia no sul, nas profundezas do parque nacional. O nome oficial era Prospector, mas os moradores da área o chamavam de Anzacs.

Lembro-me da viagem de carro até lá:

A sensação meio nauseante de não ter dormido.

O vulto das árvores no escuro.

O clássico cheiro de tapete, madeira e verniz.

Lembro-me de subir correndo as dunas de areia, ainda geladas ao nascer do sol, porém inclementes: ambos chegamos ao topo destruídos, joelhos no chão.

Em determinado momento, Clay me ultrapassou e venceu a corrida, mas não se jogou na areia de imediato, o que era muito tentador, pode acreditar. Não, ele deu meia-volta para me ajudar, com o litoral e o oceano como pano de fundo; estendeu a mão e me puxou para cima, e, acompanhados por nosso sofrimento, ficamos ali, deitados na duna.

Depois, quando conversamos sobre aquele momento, quando ele me contou sobre todas as coisas, ele disse:

— Acho que foi um dos nossos momentos mais sublimes. Tanto você quanto o mar estavam em chamas.

\*\*\*

Àquela altura, Heitor não tinha apenas voltado.

Estava claro que ele nunca iria nos deixar, nunquinha.

Parecia haver umas catorze versões daquele maldito gato, porque aonde quer que você fosse, lá estava ele. Se fosse até a torradeira, lá estava ele, do lado, entre os farelos. Se fosse se sentar no sofá, lá estava ele, ronronando em cima do controle remoto. Teve até uma vez que fui ao banheiro e lá estava ele, observando do alto da cisterna.

Também tinha Aurora correndo ao redor do varal, contornando as sombras do felino. Podíamos passear com ela por quilômetros e quilômetros: pernas pretas, patas brancas, pintinhas douradas e olhos de cores diferentes. Ainda assim, ao

chegar em casa, ela saía correndo. Só agora vejo o significado disso. Ela provavelmente estava canalizando as lembranças — na melhor das hipóteses, as reminiscências; na pior, os espíritos inquietos.

Nesse aspecto, sempre havia algo fervilhando por ali, na casa número 18 da rua Archer. Para mim era morte e abandono, e uma sensação obrigatória de malícia. Isso resultaria na loucura do Natal, mais especificamente da véspera, quando eles chegaram com o pássaro e o peixe em casa.

Eu, eu vim do trabalho.

Henry estava radiante, delirante.

Soltei o meu tradicional “Je-sus *Cristo!*”

Ao que tudo indicava, eles tinham ido à loja de animais para comprar um peixe-dourado e adicioná-lo à lista, mas Tommy se apaixonou pelo pombo que morava lá. O bicho tinha se empoleirado no dedo dele, enquanto ele escutava a história: um bando de mainás perversos implicava com o pássaro na rua Chatham, até que o dono da loja se meteu e o resgatou.

— Será que ele não mereceu, hein? — questionou Rory, mas Tommy seguiu seus instintos.

Já tinha acabado de examinar o peixe. O pombo estava no braço dele.

— Aqui — falou —, vou ficar com este.

As escamas do peixe pareciam plumas.

Sua cauda era um ancinho dourado.

Não tiveram escolha senão trazê-los para casa, e lá estava eu, à porta, e só me restou recorrer à blasfêmia enquanto Tommy cuidava dos nomes.

Àquela altura, ele já tinha decidido tudo:

Nenhum deles chegava perto de ser um Aquiles.

— O peixe-dourado é Agamenon — informou ele —, e o pombo eu resolvi chamar de Telêmaco.

O rei entre os homens, o garoto de Ítaca:

O filho de Penélope e Odisseu.

O sol estava tingido de crepúsculo, e Rory olhava para Henry.

— Vou matar esse merdinha.

## carey novac

### no oitavo

APÓS AQUELE RETUMBANTE fracasso da sétima colocação no Grupo Um, Cootamundra foi posto em recesso durante o verão. Ao voltar, foi montado quatro vezes por Carey — três vitórias e um terceiro lugar.

Ela estava começando a ficar cotada.

\*\*\*

Para Clay, havia o rádio e o leito do rio, a cidade e as Cercanias.

Havia o silêncio do Amahnu, e as histórias que ouvira na cozinha — pois tinham passado aquela noite inteira acordados, depois que ele perguntou sobre os *Escravos* e *Davi*; haviam tomado café. Michael contou de quando achou o calendário. Emil Zátpek. Einstein. E todo o resto. Havia uma menina que certa vez quebrou a espaçonave de um menino e se sentava na primeira fileira na aula de inglês; o cabelo dela batia na cintura.

Não deu detalhes, como fazia Penélope — não estava morrendo, não precisava ir tão longe —, mas o esforço foi genuíno, e cheio de verdade.

— Não sei por que nunca contei essas coisas pra vocês — disse ele.

— Você teria contado — respondeu Clay — se não tivesse ido embora.

Mas suas palavras não tinham o objetivo de machucá-lo; o que quis dizer foi que aquelas eram histórias para se contar quando ele estivesse mais velho.

E você está as contando para mim agora.

Clay tinha certeza de que o pai havia entendido.

Já amanhecia quando começaram a falar de *Davi* e os *Escravos* aprisionados no mármore.

— Aqueles corpos retorcidos, desesperados — disse Michael —, lutando para sair da pedra.

O homem comentou que não pensava neles fazia décadas, mas que, de certa forma, estavam sempre com ele.

— Eu daria a minha vida para um dia atingir a grandeza que existe em *Davi*, nem que fosse por um momento. — Ficou observando os olhos do menino à frente dele. — Mas eu sei, eu sei...

Clay respondeu.

Foi um soco no estômago de ambos, mas ele teve que fazer isso:

— Vivemos a vida dos *Escravos*.

A ponte era tudo que tinham.

\*\*\*

Houve uma semana no meio de janeiro em que choveu muito lá em cima, nas montanhas, e o Amahnu começou a fluir outra vez. Viram o céu carregado cada vez mais próximo. Ficaram lá, nos andaimes, perto dos pesados cimbres de madeira, as farpas de chuva caindo ao redor.

— A água pode acabar carregando tudo isso.

Clay falou baixo, mas firme:

— Não vai acontecer.

Estava certo:



A água só chegou à altura da canela.  
Era como se o rio estivesse treinando.  
Era assim o aquecimento do Amahnu.

\*\*\*

Na cidade, ao longo do mês de março, crescia a expectativa para a temporada de corridas do outono, e dessa vez o Grupo Um já era dela.

Cootamundra.  
Oitavo páreo, domingo de Páscoa, Royal Hennessey.  
Era a corrida do prêmio Jim Pike.

\*\*\*

É claro que Clay foi para casa naquele fim de semana prolongado, mas antes foi fazer outra coisa.

Tinha ido a um lugar na avenida Poseidon que fazia vezes de chaveiro, sapateiro e gravador. Lá havia um senhor de barba branca como a neve, tipo Papai Noel, usando um macacão gasto. Quando viu o Zippo, disse:

— Ah, sim, eu me lembro disso aí. — Balançou a cabeça. — É, isso mesmo... El Matador no quinto. Uma garota... Uma frase muito curiosa pra um isqueiro... — Se antes apenas balançava a cabeça, passou a assentir com convicção. — Mas ela era uma graça de menina. — Entregou papel e caneta a Clay. — Escreve bem direitinho. O que vai ser?

— São duas frases.

— Dá aqui, vamos ver. — Pegou o papel translúcido da mão dele. — Rá! — Voltou a balançar a cabeça, vigorosamente. — Vocês, garotos, não regulam bem

das ideias. Vocês por acaso *sabem* quem foi Kingston Town?

Eles sabiam, e como.

— Pensei em colocar *Carey Novac no oitavo* embaixo da primeira frase, e a outra frase do outro lado.

Papai Noel abriu um sorriso, depois deu uma risada.

— Boa escolha. — Mas sua risada foi menos “Ho, ho, ho” e mais “He, he, he”. — “Kingston Town não pode vencer”, hein? O que isso quer dizer?

— Ela sabe — respondeu Clay.

— Bom, é o que importa.

O velho começou o trabalho.

\*\*\*

Quando saiu dali, um pensamento ocorreu a Clay.

Desde o dia em que saíra de casa, o dia em que partira para o rio, ele achou que o dinheiro — o rolo de notas dado por Henry — seria apenas para construir a ponte. Contudo, o tempo todo seu destino fora aquele. Clay gastou vinte e dois dólares ali.

Na rua Archer, número 18, ele deixou o restante do dinheiro na cama que ficava em frente à dele.

— Valeu, Henry — sussurrou —, pode ficar com o resto.

Pensou em Bernborough — nos meninos, eternos homens-quase-feitos —, virou-se e foi embora de volta para Silver.

\*\*\*

Bem cedo no Sábado de Aleluia, dois dias antes da corrida, ele acordou e se sentou

no escuro; procurava o Amahnu. Ficou sentado na beira da cama com a caixa nas mãos. Tirou tudo dali, exceto o isqueiro, e então guardou uma carta dobrada.

Ele a escrevera na noite anterior.

\*\*\*

Naquele sábado, à noite, eles estavam deitados lá quando Carey contou.

As mesmas instruções.

Larga com tudo.

Deixa ele correr.

Depois reza e vai até o fim na ponta.

Ela estava nervosa, mas era um nervosismo bom.

Perto do fim, ela disse:

— Você vem?

Ele sorriu para as estrelas robustas.

— É claro.

— E seus irmãos?

— É claro.

— Eles já estão sabendo disso? — Ela se referia às Cercanias. — E da gente?

Ela nunca havia perguntado aquilo antes, e Clay tinha certeza.

— Não. Eles só sabem que nós sempre fomos muito próximos.

A garota assentiu.

— Escuta, tenho uma coisa pra te dizer... — Ele hesitou. — Também tem outra coisa...

Aí ele travou totalmente.

— Que foi?

Ele se encolheu, por mais imóvel que estivesse.

— Nada não.

Porém era tarde demais, porque ela já estava sentada, apoiada nos cotovelos.

— Vai, Clay! Me conta! — pediu ela, cutucando-o.

— Ai!

— Me fala, vai.

Estava preparada para atacar de novo, bem nas costelas; e houve um caso em que isso aconteceu antes, em águas ainda por vir, quando as coisas não terminaram bem.

Mas aquela era a beleza de Carey, a beleza de verdade; muito além dos cabelos castanho-avermelhados e do vidro marinho — ela arriscaria pela segunda vez. Ela apostaria, e faria isso por ele.

— Me fala, ou vou te apertar de novo — disse ela. — Vou te matar de tanto fazer cosquinha.

— Tá bom! Tá bom...

Então ele disse.

Disse a ela que a amava.

— Você tem quinze sardas no rosto, mas tem que procurar bem para encontrar todas... e tem uma décima sexta bem aqui.

Ele tocou o pescoço dela.

Estava prestes a afastar a mão quando ela se apressou e segurou os dedos dele. A resposta estava na maneira como olhou para ele.

— Não — disse ela. — Não tire a mão.

Depois, muito depois, foi Clay quem se levantou primeiro.

Foi Clay quem rolou de lado, pegou um embrulho e colocou perto dela, no colchão.

Ele havia usado a seção de turfe do jornal.

O isqueiro estava dentro da caixa.

Um presente dentro de um presente.

E uma carta.

PARA SER ABERTA SEGUNDA-FEIRA À NOITE.

\*\*\*

Na segunda-feira depois da Páscoa, ela apareceu em uma das matérias do jornal: a menina de cabelo avermelhado, o treinador magricela e o cavalo castanho-escuro entre eles.

A manchete dizia *a aprendiz do mestre*.

No rádio, passaram uma entrevista com McAndrew feita naquela mesma semana, dias antes, em que questionaram a escolha pela joqueta. Disseram que ele poderia ter chamado qualquer jóquei do país para montar aquele cavalo, ao que McAndrew respondeu apenas:

— Prefiro a minha aprendiz.

— Sim, ela tem muito potencial, mas...

— Meu trabalho não é ficar respondendo a esse tipo de comentário. — A voz do homem era um poço de secura. — Na primavera passada, tiramos ela do Sunline-Northerly, e olha no que deu. Ela conhece bem o cavalo, fim de papo.

\*\*\*

Segunda-feira à tarde.

A corrida era às quatro e cinquenta. Chegamos lá por volta das três, e eu paguei a entrada. Quando fomos fazer nossa vaquinha perto do local das apostas, Henry tirou o rolo do bolso, com uma piscadela para Clay.

— Está tudo certo, meninos, essa é por minha conta.

Quando terminou, passamos pelos melhores lugares e subimos para a ralé. Todas as arquibancadas estavam praticamente lotadas. Encontramos lugares na última fileira.

Às quatro, embora fosse quase pôr do sol, ainda estava claro.

Às quatro e meia, Carey estava imóvel no padoque, e o céu começava a ficar amarelo atrás de nós.

Em meio a tanta cor e barulho e movimento, McAndrew estava de terno. Não dirigiu uma única palavra, apenas pousou uma das mãos no ombro da garota. Também estava com ele Petey Simms, seu melhor cavaliário, mas foi McAndrew quem a levantou até o lombo largo de Cootamundra.

Ela se afastou em um trote leve.

\*\*\*

Na largada, a multidão se levantou.

O coração de Clay pulou do box de largada.

O cavalo castanho-escuro e a joqueta dispararam para a frente do pelotão. As cores, vermelho-verde-branco.

— *Tudo como o esperado* — informou o narrador —, mas esse não é um pelotão comum. Vamos ver o que Cootamundra vai fazer... Vejamos que carta a jovem aprendiz vai tirar da manga... Livrando três corpos para Vermelho Central.

Eles assistiam da arquibancada.

Os cavalos corriam ao sol.

— Meu Deus... — disse o homem ao meu lado. — Cacete, cinco corpos de vantagem.

— Vamos lá, Coota, seu desgraçado de merda!

Quem disse isso, acho, foi Rory.

Na grande curva, a distância diminuiu.

Entrando na reta de chegada, ela exigiu mais dele.

Dois cavalos se adiantaram — Vermelho Central e Par de Diamantes —, e a multidão berrava o nome dos cavalos. Até eu. Até Tommy. Os gritos de Henry e Rory. Torcemos como loucos por Cootamundra.

E Clay.

Clay estava no meio de nós, de pé no assento.

Não se mexia.

Não soltava um pio.

Só na rédea e nos calcanhares, ela levou até o fim na ponta.

Dois corpos de vantagem e menina e vidro marinho.

Deu Carey Novac no oitavo.

\*\*\*

Fazia tempo que ele não ficava ali no telhado, mas foi o que fez naquela segunda-feira à noite; estava camuflado entre as telhas.

Mesmo assim Carey Novac o viu.

Depois de chegar em casa, com Catherine e Ted das Cocheiras, ela ficou sozinha na varanda. Ergueu a mão para ele, tudo muito sutil.

Vencemos, vencemos.

Depois entrou.

Querida Carey,

*Se você seguiu as regras direitinho (e eu tenho certeza de que seguiu), está lendo isso depois de chegar em casa, e Cootamundra ganhou hoje. Você ganhou de ponta a ponta, arrancando a vitória da mão deles logo na largada. Sei que gosta desse estilo de corrida. Sempre gostou dos cavalos ponteiros. Diz que são os mais destemidos.*

*Está vendo? Eu me lembro de tudo.*

*Eu me lembro do que você disse quando me viu pela primeira vez:*

*Olha ali. Tem um menino naquele telhado.*

*Às vezes, eu como torrada só para escrever o seu nome nas migalhas.*

*Lembro tudo que você já me contou sobre a cidade onde cresceu, sobre sua mãe e seu pai, seus irmãos — tudo mesmo. Lembro o dia em que você disse: “E você? Não quer saber qual é o meu nome?” Foi a primeira vez em que a gente se falou, na rua Archer.*

*Tantas vezes já desejei que Penny Dunbar estivesse viva só para vocês poderem conversar. Ela teria te contado várias histórias. Você teria passado horas na nossa cozinha... Ela teria tentado te ensinar a tocar piano.*

*Enfim... quero que fique com o isqueiro.*

*Nunca fui de ter amigos.*

*Tenho meus irmãos, você e mais ninguém.*

*Mas tá bom, já estou acabando, antes só queria dizer que, se por algum motivo o Cootamundra não tiver vencido, saiba que haverá outras oportunidades. Eu e meus irmãos certamente teremos feito uma apostinha, mas não foi no cavalo.*

*Com amor,*

*Clay.*

E às vezes, sabe, eu fico imaginando.

Gosto de pensar que, naquela noite, ela deu um último abraço nos pais, que Catherine Novac estava feliz e que o pai dela estava explodindo de orgulho. Eu imagino Carey no quarto dela; a camisa de flanela, a calça jeans, os antebraços. Eu a vejo com o isqueiro nas mãos, lendo a carta, pensando que Clay era de outro



mundo mesmo.

Quantas vezes será que ela leu a carta?, eu me pergunto.

Não sei.

Jamais saberemos.

Não, tudo que sei foi que ela saiu de casa naquela noite e quebrou a regra dos sábados:

*Sábado à noite nas Cercanias.*

Não às segundas.

Nunca às segundas.

E Clay?

Clay deveria ter voltado.

Deveria ter subido no trem naquela mesma noite — de volta para Silver e o Amahnu, de volta para a ponte, para apertar a mão do nosso pai —, mas também estava nas Cercanias, e ela chegou arrastando os pés.

E você e eu?

Nós não podemos fazer nada.

Um escreve, outro lê.

Você e eu não podemos fazer nada além de eu contar e você ouvir.

Por enquanto, fica por isso mesmo.

## o campeonato estadual e o aniversário

ENQUANTO OBSERVAMOS OS dois a caminho das Cercanias pela última vez, o passado se revira dentro de mim. Tanta coisa daquela época os conduziria àquele ponto da história, a cada passo que deram ali.

O campeonato local e o regional.

O aniversário e o campeonato estadual.

Os quatro animais de Tommy.

O ano-novo deu passagem a fevereiro, e lá estavam Clay e o incômodo das lesões (um garoto com pés de cacos de vidro), e a promessa, ou melhor, um aviso:

— Se eu vencer o estadual, vamos lá buscá-lo, combinado?

Ele se referia, claro, a Aquiles.

\*\*\*

Eu poderia seguir diversas ordens aqui, diversos caminhos, mas sinto que devo começar deste ponto, e este será o fio condutor:

Como foi o aniversário.

Um ano da morte de Penélope.

Naquela manhã de março, todos acordamos cedo. Ninguém foi trabalhar, ninguém foi para a escola, e às sete estávamos no cemitério; passamos por cima de túmulos e colocamos margaridas diante do dela. Tommy procurou nosso pai, mas falei para ele deixar isso pra lá.

Às oito, começamos a faxina; a casa estava nojenta, arrumamos tudo sem piedade. Jogamos fora roupas e lençóis, nos livramos de tralhas e de *um monte de porcaria*, mas preservamos os livros e as estantes dela. Os livros, sabíamos bem, eram sagrados.

Houve um momento em que paramos o que estávamos fazendo e nos sentamos na cama, nas beiradas. Eu segurava a *Odisseia* e a *Ilíada*.

— Vai... Lê um pedaço — pediu Henry.

*Odisseia*, canto doze:

*“Depois de deixar a corrente do rio Oceano,  
a nau alcançou a onda do mar larga-passagem  
(...) onde de Aurora nasce-cedo  
ficam arenas e moradas, e os levantes de Sol.”*

Até Rory ficou em silêncio e não saiu de perto.

As palavras se arrastavam e as páginas viravam; e nós, na casa, à deriva.

O quarto saiu flutuando pela rua Archer.

\*\*\*

Foi nessa época que Clay parou de competir descalço, mas ainda não usava tênis.

O treino era simples.

Corríamos de manhã cedo.

Voltas de quatrocentos metros em Bernborough.

De noite, víamos os filmes.

O começo e o final de *Gallipoli* — Jesus, e que final!

*Carruagens de Fogo* inteiro.

Rory e Henry sempre reclamavam, diziam que eram chatos *pra burro*, mas

nunca resistiam: eu os flagrava absortos.

Numa quinta-feira, dois dias antes do campeonato local, tivemos um problema. Uns garotos se embebedaram em Bernborough, e a pista estava coberta de cacos de vidro. Clay não tinha visto nem reparou no sangue no chão. Levamos horas catando os pedaços. Então me lembrei do que precisava lembrar — um trecho de um documentário (que ainda estava lá em casa):

*Altos e baixos dos Jogos Olímpicos.*

Para variar, estávamos reunidos na sala quando peguei a velha fita, daquela corrida incrível, ainda que trágica, em Los Angeles. Você deve saber de qual estou falando. Aquelas mulheres. Os três mil metros.

Até onde sei, a atleta vencedora (a romena Maricica Puică, incrivelmente empertigada) não ficou muito famosa, mas outras duas maratonistas, sim: Mary Decker e Zola Budd. Todos ficamos vidrados, na escuridão — Clay em especial, horrorizado —, conforme Budd, que tinha fama de ser uma atleta controversa, era acusada de fazer Decker tropeçar de propósito, numa colisão na reta da arena olímpica. (Mas é claro que ela não fez nada disso.)

Mas o que importa é:

Clay viu.

Ele viu o que eu esperava que visse.

— Dá uma pausa, rapidinho — pediu ele, e estudou as pernas de Zola Budd mais de perto enquanto ela corria. — Aquilo ali... é *fita adesiva* na sola do pé dela?

\*\*\*

Os cortes já estavam bem cicatrizados no dia do aniversário, mas desde que começamos a cobrir os pés de Clay com fita ele não quis mais saber de outra

coisa. Adorou a ideia. Quando terminei a leitura, no quarto de Penny e Michael, ele estava massageando as solas, em movimentos circulares. Os pés estavam calejados, mas bem cuidados.

Por fim, nos livramos das roupas dos nossos pais; guardamos apenas uma peça. Levei-a pelo corredor até achar um lugar apropriado para acomodá-la.

— Aqui — falei para Rory, que abriu o tampo das cordas do piano.

— Nossa, olha! — exclamou Henry. — Um maço de cigarro!

Primeiro guardei os livros, depois o vestido de lã azul. Por ora, pertenciam ao piano.

— *Rápido*, me ajuda a enfiar o Heitor aí dentro! — disse Rory, mas nem ele foi capaz de reunir forças para isso.

Colocou a mão com delicadeza no bolso e no botão dentro dele; ela nunca teve ânimo de remendar.

\*\*\*

No decorrer da história — em janeiro e fevereiro daquele ano —, admito que passamos por maus bocados. Mas tivemos bons momentos, vivemos coisas maravilhosas, como Tommy e os seus muitos bichos de estimação.

Adorávamos as travessuras de Agamenon, também conhecido como rei dos homens; às vezes, nos sentávamos só para observá-lo dando cabeçadas no vidro do aquário.

“Um... dois... três”, contávamos, e no quarenta só sobrava Rory.

— Você não tem nada melhor pra fazer? — perguntei uma vez.

— Não. Não tenho.

Ele ainda estava trilhando o caminho para a expulsão, mas achei que não

custava perguntar.

— E o dever de casa?

— Todo mundo tá cansado de saber que isso não serve pra nada, Matthew. — Ele ficava maravilhado com a tenacidade do peixe-dourado. — Porra, o peixe é muito melhor!

Naturalmente, Heitor seguia sendo Heitor, ronronando e destruindo bolinhas de garotos durante o verão, assistindo às atividades do banheiro de cima da cisterna.

— Ô Tommy! — berrava eu. — Tô tentando tomar banho!

O gato ficava sentado feito uma aparição, em meio ao nevoeiro do chuveiro. Me encarava fixamente, e eu jurava que estava abrindo um sorriso malicioso dizendo:

E *eu* estou tentando fazer minha sauna. Dá licença?

Ele lambia as almofadinhas cor de asfalto e estalava os lábios cor de pneu.

Telêmaco (que àquela altura já havíamos abreviado para Tetê) marchava dentro da gaiola. Apenas uma vez o troiano o atacou, e Tommy disse *não*, e Heitor voltou a dormir. Provavelmente sonhava com a sauna a vapor.

E tinha Aurora, e Aurora ainda corria, e quando Henry trouxe para ela um pufe que encontrara em um entulho (ele sempre ficava de olho nessas coisas), nós adoramos, porque ela o carregava de um lado para o outro. Nos momentos em que de fato Aurora se deitava nele, preferia o sol, arrastando o pufe e seguindo o caminho da luz. Então cavucava até ficar confortável, o que só poderia resultar em uma coisa:

— Ei, Tommy! Tommy! Vem cá ver uma coisa!

O quintal estava coberto de neve da espuma do pufe. Tinha sido o dia mais

úmido do verão daquele ano. Rory se virou para Henry.

— Você é mesmo um gênio!

— Que foi?

— Tá de sacanagem? O que tinha na cabeça quando trouxe essa porcaria de pufe pra casa?

— Não imaginei que o cachorro fosse *destruir* o pufe. Isso é culpa do Tommy. E é só...

Ele desapareceu e retornou com o aspirador de pó.

— Ei, ei! O aspirador não é pra isso.

— Por quê?

— Sei lá, vai estragar.

— Desde quando você se preocupa com o aspirador, Rory? — Dessa vez fui eu.

— Você nem sabe onde fica o botão de ligar dessa porcaria.

— É!

— Cala a boca, Henry!

— Até parece que sabe usar...

— Cala a boca, Matthew!

Ficamos assistindo enquanto Henry dava cabo do serviço. Aurora pulava de um lado para outro, latindo, agitada, e a sra. Chilman ria do outro lado da cerca. Ela estava na ponta dos pés, em cima de uma lata de tinta.

— Esses garotos Dunbar não têm jeito!

\*\*\*

Uma das melhores partes do aniversário foi a grande troca de quartos, que fizemos depois de guardar os livros e o vestido dela dentro do piano.

Primeiro desmontamos os beliches.

Dava para transformá-los em camas de solteiro, e embora não gostasse muito da ideia, me mudei para o quarto principal (os outros não queriam nem chegar perto), mas levei minha cama antiga. Nada no mundo me faria dormir na deles. Mas, antes disso tudo, decidimos que era hora de mudar: separar Henry e Rory.

Henry:

— Finalmente! Esperei por isso a vida toda!

Rory:

— Ah, é? Beleza, já vai tarde! Junta suas tralhas e dá o fora!

— Eu que vou ter que sair? Tá louco? — E empurrou o irmão com força. — Sai você!

— Sai você!

— Porra, dá para vocês calarem a boca? — gritei. — Por mim, me livraria de vocês dois, mas não dá, então vamos fazer o seguinte: vou jogar a moeda. *Dois vezes*. A primeira é para decidir quem sai.

— Ah, mas ele tem mais...

— Não me interessa. Quem vencer fica, quem perder sai. Rory, qual vai ser?

Joguei a moeda, bateu no teto do quarto.

— Cara.

Quicou no tapete; caiu em cima de uma meia.

Coroa.

— Merda!

— Ha, ha! Se ferrou, seu otário!

— Mas bateu no teto, não conta!

Olhei para Henry.



Rory insistiu.

— Bateu no teto, porra!

— Rory, cala a boca — mandei. — Escuta, Henry, vou jogar de novo. Se der cara, você fica com o Tommy. Coroa, com o Clay.

Deu coroa de novo, e a primeira coisa que Henry disse quando Clay se mudou foi:

— Dá uma olhada nisso.

E jogou a velha *Playboy* para o irmão — aquela, da musa de janeiro —, e Rory fez amizade com Tommy:

— Tira essa porcaria de gato da minha cama!

*Sua cama?*, perguntou Heitor, com seu clássico desdém.

\*\*\*

Já no meio de fevereiro, quando Clay se classificou para o campeonato regional, realizado na pista de atletismo E. S. Marks — onde a arquibancada era um bloco enorme de concreto —, já havíamos transformado a teia de fita adesiva em obra de arte. Fizemos daquilo um ritual; nossa versão de *suas pernas são o quê, ou o poder que vem de dentro*.

Primeiro, eu me agachava ao lado dele.

Devagar, desenrolava a fita adesiva.

Uma linha reta no meio.

Uma horizontal cortando a primeira debaixo dos dedos.

Começou como um crucifixo, mas o resultado ficou diferente, como um caractere de um alfabeto antigo e esquecido; às vezes as pontas ficavam enrolando.

Quando chamaram os atletas dos quatrocentos metros, fui com ele até a zona militar; o dia estava abafado e moroso. No caminho para a pista, ele pensou em Abrahams, e no homem bíblico, Eric Liddell. Pensou em uma sul-africana franzina, cujos pés cobertos de fita inspiraram os dele.

— Vejo você depois da corrida — falei.

Com o pregador no bolso do short, Clay disse:

— Ei, Matthew... — E em seguida apenas: — Obrigado.

Minha nossa, ele correu feito um guerreiro.

Era o verdadeiro Aquiles-relâmpago.

\*\*\*

No fim, já era quase noite do dia do primeiro aniversário, quando Rory tomou juízo e sugeriu:

— Por que não queimamos a cama?

Juntos, tomamos a decisão.

Reunidos à mesa da cozinha.

Mas não havia decisão a ser tomada.

Talvez seja uma verdade universal, garotos e fogo; assim como estamos fadados a tacar pedras. Catamos no chão e miramos em qualquer coisa. Mesmo no meu caso, beirando os dezenove anos:

Eu deveria ser o adulto.

Se me mudar para o quarto principal era a coisa adulta a se fazer, incinerar a cama seria o ato *adolescente*, e foi assim que segurei as pontas; apostei nos dois lados.

A princípio, não trocamos muitas palavras:

Clay e Henry ficaram encarregados do colchão.

Rory e eu pegamos o estrado.

Tommy, os fósforos e a terebintina.

Levamos tudo pela cozinha até o quintal e jogamos por cima da cerca. Foi mais ou menos no mesmo lugar, anos antes, em que Penélope conheceu Patrimônio da Cidade.

Cruzamos a cerca.

— Certo — falei.

Estava calor, e começava a bater uma brisa.

Ficamos um tempo ali parados, a mão no bolso.

Clay segurava firme o pregador — então colocamos o colchão de volta no estrado e fomos até as Cercanias. As cocheiras estavam desgastadas e tortas. A grama estava toda falhada.

Logo avistamos uma velha máquina de lavar ao longe.

Depois uma televisão estilhaçada, sem vida.

— Ali — falei.

Apontei — para o meio do terreno, só que mais perto de nossa casa —, e carregamos a cama dos nossos pais até lá. Dois de nós ficaram de pé, e três, de cócoras. Clay se resguardou em um canto, de pé, virado para nossa casa.

— Tá ventando um pouco, hein, Matthew? — comentou Henry.

— Parece que sim.

— É o oeste? — O vento ganhava força minuto a minuto. — Podemos acabar tacando fogo no terreno todo.

— Melhor ainda! — gritou Rory.

Assim que ameacei repreendê-lo, foi Clay quem atravessou tudo e todos — o

terreno, o gramado, a televisão. A carcaça solitária da máquina de lavar. Dirigiu-se ao nada:

— Não.

— Quê? — retrucamos em uníssono, e a ventania aumentou.

— O que foi que você disse, Clay?

Ele estava com um aspecto frio, em contraste com o calor do terreno. O cabelo curto e escuro estava lambido, e as chamas dentro dele, acesas; ele repetiu, em voz baixa.

Um “não” firme e derradeiro.

E entendemos.

Deixaríamos as coisas exatamente como estavam. Para morrer em paz ali — ou pelo menos era o que achávamos; afinal, como prever esse tipo de coisa?

Que Clay voltaria e se deitaria ali.

Apertaria o pregador até abrir um rombo na mão.

A primeira vez foi na noite antes do campeonato estadual, depois de passarmos um tempo sentados juntos na cozinha; ele e eu. Clay lançou a verdade entre nós:

Venceria o campeonato estadual e buscaria Aquiles.

Tinha os duzentos dólares — provavelmente as economias da vida inteira.

Nem esperou por uma resposta.

O que ele fez foi correr até a frente de casa, dar uma volta pelo bairro, alimentar a mula com um punhado das nossas cenouras — e acabar em cima do telhado.

Mais tarde, bem mais tarde, enquanto o restante de nós dormia, ele se levantou da cama e vagueou por ali; colheu um pregador novinho em folha. Pulou a cerca, atravessou a rua. Estava escuro, a lua não tinha aparecido, mas ele achou o

caminho com facilidade.

Foi perambulando.

A cama estava lá, deitada na penumbra.

Ele se encolheu feito um garotinho.

Deitou-se no escuro e ali sonhou, e pouco se importava com a vitória ou o campeonato estadual. Não; apenas conversou com um garoto vindo de uma cidadezinha do interior e com uma mulher que havia atravessado oceanos.

— Me perdoem — sussurrava para os dois. — Me perdoem, me perdoem, me *perdoem!* — Com o pregador espremido na mão, Clay se dirigiu a eles uma última vez. — Prometo que vou contar a história. Vou contar como trouxe o Aquiles para vocês dois.

A mula nunca foi para Tommy.

**parte sete**  
cidades + águas + criminosos + arcos +  
histórias + sobreviventes  
+  
pontes

# a garota do hipódromo gallery

CERTA VEZ, NA maré do passado Dunbar, havia uma garota que conhecia um garoto Dunbar, e que garota ela era.

Tinha cabelo castanho-avermelhado e olhos verdes gentis.

E uma constelação de sardas cor de sangue.

Ficou famosa por vencer uma corrida do Grupo Um e morrer no dia seguinte — e Clay era o culpado.

Ele viveu e respirou e se transformou na culpa.

No fim das contas, contou tudo para eles.

No início, porém, e muito apropriadamente, quando Carey o viu pela primeira vez, ele estava em cima do telhado.

\*\*\*

Ela cresceu numa cidade chamada Calamia.

O pai era jóquei.

O pai do pai também.

Antes disso, ela não sabia.

Ela adorava cavalos, o trabalho nas cocheiras, o treino de montaria, registros e histórias de cavalos puro-sangue.

Calamia ficava a sete horas dali, e as primeiras recordações dela envolviam o pai. Ele chegava das atividades da rotina matinal de jóquei, e ela perguntava como

tinha sido. Às vezes, acordava quando ele saía de casa, às três e quarenta e cinco da manhã. Coçando os olhos, pedia:

— Ei, Ted, posso ir junto?

Por alguma razão, sempre que acordava de madrugada, ela chamava a mãe de Catherine e o pai de Ted. De dia, não tinha nada disso; eram simplesmente mãe e pai. Essa era uma das inúmeras coisas sobre as quais não falaram nem escreveram, anos depois, quando a encontraram caída e morta.

\*\*\*

Como eu já disse, ela adorava cavalos, mas não do mesmo jeito que a maioria das garotas.

Era a atmosfera, não os laços.

As cocheiras mais do que as exposições.

Conforme crescia, nas férias escolares, ela e os irmãos imploravam ao pai que os levasse para cuidar dos cavalos, e ela adorava as manhãs de breu, as batidas de casco em meio à nevoa e à neblina. Adorava ver o sol se erguendo, enorme, lá longe, caloroso, por mais espesso e frio que o ar estivesse.

Na época, comiam torrada ao pé da cerca — toda branca, só com ripas horizontais, sem tábuas verticais — e adoravam os treinadores, os palavrões que murmuravam bem baixinho e os velhos jóqueis que ficavam sempre por ali, feito crianças calejadas de voz grossa. Era engraçado vê-los com as roupas de trabalho, de jeans e coletes e capacetes velhos.

Seus irmãos eram quatro e cinco anos mais velhos, e na idade certa também entraram para a indústria do turfe; era óbvio que estava no sangue.



\*\*\*

No turfe, sempre se fala em sangue.

Ou melhor, em linhagens de sangue:

Tal como acontece com Clay e o restante de nós, há muito o que descobrir no passado.

Segundo Carey, sua mãe, Catherine Novac, era o único membro da família que questionava ou desprezava o mundo do turfe, a depender do humor. Ora ficava fria, azul-claro; ora vermelho-acobreado, soltando fumaça. Naturalmente, adorava cavalos, adorava turfe, mas abominava o *ramo* do turfe; o desgaste, a reprodução desgovernada. A ganância desmedida. Era como uma linda prostituta que ela via sem maquiagem.

Os irmãos de Carey a chamavam de Catherine, a Grande, pois era formidavelmente rigorosa e séria; nunca estava para brincadeira. Nos dias de corrida, quando ela pedia que voltassem inteiros, eles sabiam o que aquilo queria dizer:

Não espere solidariedade se você cair.

A vida era dura para os jóqueis.

E era muito, mas muito mais dura para o cavalo.

\*\*\*

E então tinha o Ted.

Ted das Cocheiras.

Carey sabia da história.

No início da carreira, provavelmente era o aprendiz mais promissor do país,

um novo Pike, Breasley ou David Hugh Munro. Com um metro e setenta, era alto para um jóquei e baixo para um homem, mas tinha o físico perfeito para a montaria e um metabolismo de causar inveja: não engordava de jeito nenhum. O lado ruim é que seu rosto parecia ter sido arrumado de qualquer jeito, como se o fabricante estivesse com pressa. Se bem que isso ia da opinião de cada um. Uma garota chamada Catherine Jamison até que não achava nada mau. Adorava os traços desordenados e os olhos verdes gentis dele, adorava sobretudo poder carregá-lo nos braços — até que a tragédia bateu à porta certa manhã.

Ele tinha vinte e três anos.

Da noite para o dia, o metabolismo mudou.

Se antes podia devorar uma caixa inteira de pão de mel em dia de páreo, em determinado momento não podia nem chegar perto da embalagem.

\*\*\*

Já moravam na cidade fazia tempo; tinham se mudado para tentar a sorte. Catherine trabalhava como enfermeira em um hospital particular chamado Prince of Wales, perto de Randwick.

Então, em uma semana qualquer, passados alguns anos no ofício, Ted começou a se sentir diferente. Poucas horas antes da primeira luz do dia, fez sua visita rotineira ao banheiro, e a balança não mentiu; tampouco o espelho. A impressão que dava era que tinha sido esticado e também recheado, e de repente seu rosto tinha perdido a estranheza. Mas que importância tinha isso? Ele pretendia ser lindo ou montar o corredor de milha perfeito no hipódromo de Doncaster? O mundo parou de fazer sentido.

A pior parte eram as mãos.

Na pequena cozinha do apartamento, ele não ousou contemplar o café da manhã; ficou sentado à mesa, olhando para as próprias mãos, e eram as coisas mais carnudas que já tinha visto.

\*\*\*

Durante cinco longos anos, penou, ficou de dieta.

Fez sauna a vapor.

Viveu à base de folhas de alface.

Lia o jornal trancado no carro, debaixo do sol de meio-dia, em sua nova roupa de mergulho bem quente. Cortava grama usando casaco e calça jeans, com a roupa de mergulho por baixo. Ficava com câimbra, irritadiço. Corria com sacos de lixo amarrados nas pernas, sob calças de lã. Eram os espólios da indústria do turfe, e milhares de sonhos reprimidos: barras de chocolate e pensamentos impróprios envolvendo queijo.

Ele também teve sua cota de lesões — foi jogado do cavalo, quebrou os dois pulsos. Levou, nas cocheiras, um coice na cara e dois pisões. Certa vez, no distrito de Warwick Farm, no terceiro páreo, um cavalo à frente perdeu a ferradura; chegou a arranhar seu rosto, perto da orelha. Poderia ter sido mil vezes pior.

No auge da carreira, ele era como um soldado, um antigo corredor de bigas; cada corrida era como entrar em batalha. Entre o purgatório no estômago e a dor de dente, a enxaqueca e a tontura, o golpe final foi um caso grave de pé de atleta que pegou no vestiário do hipódromo...

— E foi isso que acabou comigo, no fim das contas — brincou ele com Carey quando ela tinha sete anos, a caminho da montaria matinal.

\*\*\*

O negócio é que Ted Novac estava mentindo, porque o que acabou com ele, no fim das contas, não foi o pé de atleta, ou as cólicas de fome, ou a desidratação e a privação. Foi um cavalo, claro:

Um alazão gigantesco, O Espanhol.

O Espanhol era um cavalo sensacional, magnânimo, como Kingston Town, ou Phar Lap. Ainda por cima era um garanhão puro, o que significava que sua linhagem teria continuidade.

Era treinado por Ennis McAndrew, o notável treinador-vassoura.

Quando o cavalo chegou à sua cocheira, McAndrew deu um telefonema.

— Quanto você tá pesando hoje?

Ele tinha discado o número de Ted Novac.

\*\*\*

O Espanhol fazia todas as grandes corridas de uma milha ou mais.

Ele galopava, ficava parado, fazia tudo que lhe pediam.

Chegar em segundo ou terceiro com ele era um fracasso.

Em quarto, um desastre.

No topo, aparecia sempre Ted Novac, o nome dele no jornal, com um sorriso distraído no rosto — ou seria uma careta de angústia por conta da comichão? Não. Com O Espanhol, ele nunca sentia coceira; ele mantinha o cavalo tranquilo por metade da corrida, então o aticava aos poucos ao longo de um *furlong* e por fim cruzava a linha de chegada na dianteira.

No final da carreira do cavalo, Ted pensou em se aposentar junto.

Somente uma corrida escapou deles, e não, não foi a Corrida que Para a Nação. Nem McAndrew nem Ted nem os donos se importavam com essa; era a Cox Plate que tanto cobiçavam. Segundo os verdadeiros especialistas, essa era a melhor corrida.

Para Ted foi um absurdo.

Ele não conseguiu bater o peso.

\*\*\*

Nas corridas em que a idade do cavalo determinava o peso do jóquei, mesmo sabendo com antecedência a marca a ser batida, Ted passava longe de alcançar o peso. Continuou fazendo o que sempre fazia. Aparava a grama de centenas de jardins. Em casa, desabava no chuveiro. A decisão foi tomada uma semana antes, a mão de um espantalho em seu ombro — e, claro, O Espanhol venceu.

Anos depois, ele teve dificuldade em contar a ela. Outro jóquei — Max McKeon, um bigodudo sempre afável — assumiu a ponta do pelotão e desapareceu na reta do hipódromo de Moonee Valley, e O Espanhol venceu com um corpo de vantagem.

Quanto a Ted Novac, ele escutou no carro, na entrada de casa.

Moravam em outro bairro na época — no número 11, aqui na rua Archer, anos antes de Penny e Michael —, e ele sorria e chorava, chorava e sorria.

Ele sentia a comichão, mas não coçava.

Era um homem com pés em chamas.

\*\*\*

Após se aposentar, ainda praticou a montaria de manhã por um tempo, e era um

dos jóqueis mais populares da cidade. Mas logo se mudaram de volta para o campo. Catherine gostava do interior, e a pior e mais sábia decisão que tomaram foi ficar com a velha casa na rua Archer. O turfe, pelo menos, lhes dera essa oportunidade.

Com o passar dos anos, tiveram filhos por lá. Ted voltou ao peso natural — mas ganhava uns quilinhos a mais quando exagerava no bolo. Naquela época, sentia que merecia.

Ele fazia vários bicos, desde vendedor de sapatos, passando por assistente em videolocadora, até trabalhador rural, e alguns exercia com esmero. Mas gostava mesmo era das manhãs cavalgando na pista. Chamavam-na de hipódromo Gallery.

Foi quando ganhou o apelido: Ted das Cocheiras.

Dois incidentes o definiram.

O primeiro foi quando o treinador, McAndrew, levou dois jóqueis promissores para assistirem a ele. Era uma terça-feira. O céu estava louro e reluzente.

— Viram isso?

O treinador não tinha mudado muito.

A não ser pelo cabelo, que ficou branco.

Ele apontou para o jóquei que dava voltas por ali.

— Viram o calcanhar dele? E as mãos? Nem parece que está montando.

Os dois garotos eram pura arrogância.

— Ele é gordo — disse um, e o outro riu, e McAndrew estapeou os dois, duas vezes cada, no queixo e na bochecha.

— Olha! Lá vem ele de novo. — Ele falava da mesma forma que todos os treinadores do mundo. Olhando para o nada. — Pois fiquem sabendo que esse

cara já montou mais vencedores que vocês dois serão capazes de montar a vida toda, seus bocós. Ele coleciona vitórias no *treino*.

Na mesma hora, Ted chegou a pé.

— McAndrew!

E McAndrew abriu um sorriso enorme.

— Oi, Ted.

— Que tal estou?

— Tava me perguntando que diabos o Pavarotti veio fazer aqui, pagando de jóquei.

Abraçaram-se com bastante afeto, com direito a tapinhas nas costas.

Estavam pensando no Espanhol.

\*\*\*

O segundo incidente ocorreu anos depois, quando os garotos Novac tinham treze e doze anos, e Carey, a menina, oito ainda. Seria o último trabalho nas cocheiras de Ted das Cocheiras.

Era primavera, feriado escolar, tinha chovido, e a grama estava verde e alta (é sempre impressionante como deixam a grama crescer para os cavalos puro-sangue), e o cavalo deu um coice, e Ted voou, e todo mundo viu. Os treinadores mantiveram as crianças afastadas, mas Carey deu um jeito de chegar perto: abriu caminho empurrando as pernas que encontrava pela frente — primeiro viu o suor, e o sangue brotando da pele, então a clavícula, partida ao meio.

Quando ele a viu, forçou um sorriso.

— Oi, pequena.

Aquele osso, tão branco e ósseo.

Tão cru e puro, como a luz do sol.

Ele estava estirado de costas, e homens de suspensório, homens de bota, homens de cigarro concordaram que não deveriam movê-lo. Formaram uma roda em deferência. A princípio, ele se perguntou se tinha quebrado o pescoço, pois não sentia as pernas.

— Carey — disse ele.

O suor.

O sol nascente, cambaleante.

Deslizando pela reta.

Ainda assim, ela não conseguia parar de olhar, ajoelhada ao lado dele. Observou o sangue e a terra, misturados nos lábios dele. Formando uma crosta no jeans e na camisa de flanela. Pegou até no zíper do colete. Uma selvageria se desgarrava dele.

— Carey — disse ele novamente, mas dessa vez prosseguiu com um pedido diferente. — Pode coçar meu pé?

Sim, claro.

O delírio.

Ele se imaginou nos velhos tempos, nos dias serenos de pé de atleta, e esperava distraí-la.

— Esquece a clavícula... É essa porcaria de coceira que tá me matando!

Ao sorrir, no entanto, não se conteve.

Ela tentou afrouxar as botas, e ele gritou de dor.

O sol se assentava e o engolia.



No hospital, dias depois, o médico entrou no quarto para uma consulta rotineira.

Apertou a mão dos garotos.

Bagunçou o cabelo de Carey.

Um cabelo de menino, embaraçado, castanho-avermelhado.

A luz era branco-clavícula.

Ao checar o progresso de Ted, o médico olhou para as crianças com ternura.

— O que vocês três querem ser quando crescer? — perguntou.

Os garotos não tiveram a chance de dizer nada... pois foi Carey quem o encarou, Carey quem sorriu, cerrando os olhos diante da claridade que entrava pela janela. Como quem não queria nada, ela apontou para o pai, todo surrado, pisado, e já estava a caminho:

Daqui, de Clay e da rua Archer. Ela disse:

— Vou ser igualzinha a ele.

## as figuras no rio

ENTÃO FOI ALI que acabei indo parar — entre as árvores — no dia após Cootamundra.

Fiquei parado, entre os eucaliptos, mais pernas em meio aos troncos.

A faixa comprida de sol se estendendo à minha frente.

Ouvi aquela nota, e por um tempo não consegui me mexer. Tinha música tocando no rádio dele, ou seja, ele não sabia.

\*\*\*

Fiquei observando os dois no leito do rio.

Nem sei por quanto tempo — e a ponte, mesmo o esqueleto, era muito mais bela do que eu poderia imaginar.

Os arcos seriam gloriosos.

A curvatura da pedra.

Igualzinha à Pont du Gard, não haveria nenhum trecho de tijolo e cimento; era uma construção de formas precisas. Brilhava a céu aberto, como uma igreja.

Além disso, pela maneira com que ele se apoiava nela, com que corria as mãos na pedra; pela maneira com que a ajeitava e conversava com ela; com que a modelava e se punha ao lado dela:

Aquela ponte era feita dele.

\*\*\*

No entanto, naquele momento, eu tive que encarar.

Deixei o carro para trás.

Bem devagar, abandonei as árvores, me revelei. Fiquei de pé, sob a tarde, e as figuras no rio, elas pararam. Nunca vou me esquecer daqueles braços; estavam cansados, mas a vida lhes dera firmeza.

Ergueram os olhos, e Clay disse:

— Matthew?

Nada teria sido capaz de me preparar para aquilo, enquanto eu descia na direção deles. Eu não passava de uma sombra do que tinha que ser, pois não esperava nada do que vi — todo aquele dinamismo, toda aquela vida no rosto dele no instante em que se voltou para mim, todo o encanto da ponte.

E fui eu, não ele, quem caiu primeiro, de joelhos na terra do leito do rio.

— É a Carey — falei. — Ela morreu.

## aquiles às quatro da manhã

E SE ELES NÃO tivessem ficado com aquela casa?

A número 11 da rua Archer.

Se ao menos eles não tivessem voltado...

Em vez de vender e tocar a vida, por que decidiram ser prudentes e alugar o imóvel?

Mas não — não posso ficar pensando nisso.

Mais uma vez, só o que posso fazer é contar a história.

Ela tinha uns dezesseis anos quando chegou à rua de garotos e animais que, naquela época, já dividiam o teto com uma mula.

\*\*\*

No início, houve a noite daquele dia de março em que Clay ganhou o campeonato estadual.

Foi na E. S. Marks, em Kensington.

Eu tinha colado a fita adesiva nos pés dele com o maior carinho.

O menino que chegou mais perto de alcançá-lo foi o filho de um fazendeiro que morava em Bega.

Custei um pouco a convencer Clay a ficar até o fim.

Ele não queria o pódio, nem a medalha; só queria Aquiles.

\*\*\*

Ele bateu o recorde estadual em um pouquinho mais de um segundo, o que, de acordo com a organização, era um feito e tanto para uma corrida daquele nível. Os árbitros apertaram a mão dele. Clay só pensava na via Epsom.

Assim que saímos do estacionamento, engrossando o trânsito do fim da tarde, ele ficou me encarando pelo retrovisor, e eu retribuí brevemente o olhar. “Trato é trato”, era o que sua expressão parecia afirmar, a medalha de ouro no pescoço da cachorra, que arfava no colo de Tommy. Eu me virei para trás e disse, em silêncio:

Deu sorte de ter se recusado a usar essa porcaria de medalha, senão eu ia usar o cordão para te esganar.

Deixamos Rory e Henry em casa.

E Aurora também.

Clay segurou Tommy pelo braço antes que ele conseguisse sair.

— Você vem com a gente.

\*\*\*

Quando chegamos lá, já à noite, ele esperava em frente à cerca, gritando e gemendo para o céu. Lembrei-me do anúncio nos classificados.

— “Não dá coice” — lembrei. — “Não zurra.”

Mas Clay me ignorou solenemente, e Tommy já estava apaixonado pelo quinto elemento daquele bando nada perigoso.

Estávamos ali havia um tempinho quando o trailer chacoalhou todo, cuspidando um homem porta afora. Trajava uma calça velha e puída e uma camiseta, além de um sorriso camarada. Aproximou-se da gente o mais rápido que conseguiu, o que não era muito, porque ele era um caminhão tendo que subir uma ladeira com uma roda a menos.

— São vocês os filhos da mãe que têm dado comida para este filho de uma égua desgraçado? — perguntou ele, com o sorriso maroto de uma criança.

Será que ele era o cavaliço que Penélope conhecera naquele primeiro dia, perto da cerca do número 18 da rua Archer? Jamais saberemos.

Só sei que a tarde já estava desbotando.

O homem se chamava Malcolm Sweeney.

Parecia uma rosquinha com roupa de gente.

Já tinha sido jóquei, depois virou cavaliço, depois se especializou em limpar a merda das cocheiras. Tinha um nariz inchado e vermelho, e algo me dizia que era por causa de bebida. Apesar do jeito maroto, dava para nadar no mar de amarguras que havia em seu rosto. Estava de mudança para o norte, para a casa da irmã.

— Meu irmão pode entrar rapidinho, só pra dar um oi pra ele? — perguntei, e Malcolm Sweeney deixou com o maior prazer.

Ele me lembrava um personagem de um livro chamado *O homem risonho, tristonho e enfadonho* — pleno de bondade, mas também de remorso.

— Você viu no jornal? — perguntou ele. — O anúncio?

Eu e Clay assentimos, e Tommy já estava lá dentro, grudado na mula, fazendo carinho na cabeça do animal.

— O nome dele é... — começou Malcolm.

— Não precisa dizer — interrompeu Clay, sem tirar os olhos de Tommy.

Sorri para Malcolm Sweeney da maneira mais encorajadora que consegui e então meneei a cabeça na direção de Clay.

— Esse garotão aqui vai te dar duzentos dólares para trocar o nome da mula — falei, sentindo que meu sorriso estava prestes a azedar. — Mas se for o caso pode

costrar trezentos.

O homem deu uma risada, eco de tempos melhores.

— Duzentos tá de bom tamanho — disse ele.

Clay e Tommy estavam ao lado da cerca.

— Aquiles? — disse um.

— Aquiles — concordou o outro.

Até que enfim, pensaram eles. Até que enfim.

\*\*\*

Com Aquiles, tivemos que nos precaver e pensar em tudo que poderia dar errado. Era um misto de beleza e estupidez, bom senso e excentricidade pura; difícil saber por onde começar.

Procurei na legislação, e é claro que havia uma lei — de 1946 — permitindo a criação de gado e outros tipos de rebanho, desde que com os cuidados apropriados. *Os referidos animais, dizia a lei, não poderão, em hipótese alguma, representar ameaça à saúde, à segurança ou ao bem-estar dos residentes da dita propriedade ou das propriedades adjacentes.* Ou seja: você podia ter o bicho que quisesse, desde que ninguém reclamasse. O que nos levava à sra. Chilman: nossa única vizinha.

Quando fui até lá, ela me convidou para entrar, mas ficamos conversando na varanda enquanto a tarde avançava. Perguntou se eu poderia abrir um vidro de geleia, e, quando mencionei a mula, a princípio ela soltou um chiado, as rugas se enterrando ainda mais nas bochechas. Mas então deu uma bela de uma gargalhada, vinda de dentro dos pulmões.

— Ah, mas esses garotos Dunbar são um espetáculo mesmo! — Também soltou

uns três ou quatro *maravilhosos* e ainda terminou com uma frase entusiasmada: — A vida devia ser sempre assim.

\*\*\*

Então chegou a hora de dar a notícia aos outros irmãos.

Para Henry nós contamos logo de cara, mas com Rory decidimos manter segredo; a reação dele seria impagável (e talvez tenha sido por isso que concordei com a coisa toda). O garoto já vivia em um estado de mau humor constante, porque Heitor não desistia de dormir na cama dele, e às vezes até Aurora aparecia por lá — para esfregar pelo menos o focinho no colchão:

— Ô Tommy! — gritava ele. — Vem tirar a porra desse gato de cima de mim.  
— Ou então: — Tommy, vem aqui e faz essa cachorra parar de respirar desse jeito!

Tommy tentava argumentar:

— Ela é um cachorro, Rory, ela tem que respirar.

— Não quando estiver perto de mim!

E por aí vai.

Deixamos para buscar a mula no sábado. Dessa forma, se algo desse errado (o que era possível), estaríamos todos em casa para limpar a bagunça.

Na quinta-feira arranjamos todos os suprimentos. Malcolm Sweeney não tinha mais reboque de cavalo, então teríamos que levar o bicho a pé. Todos concordamos que o melhor momento seria de manhã bem cedinho (quando começavam os treinos e as atividades matinais com os cavalos), às quatro da madrugada de sexta para sábado.

Nós quatro passamos a quinta-feira anterior com Sweeney, enquanto Rory provavelmente bebia em algum canto da cidade. Foi lindo, o céu e as nuvens em



tons de rosa, Malcolm observando tudo com um ar de admiração e gratidão.

Tommy escovava a crina enquanto Henry avaliava as ferramentas que tínhamos. Mostrou-nos estribos e cabrestos, satisfeito.

— A gente até pode fazer alguma coisa com essa tralha toda, mas esse troço aí é inútil — disse ele, meneando a cabeça na direção da mula e abrindo um sorriso.

\*\*\*

E foi isso que aconteceu — nós o trouxemos para casa.

Em uma manhã silenciosa no fim de março, quatro garotos Dunbar percorreram o bairro, e entre nós havia uma mula com nome de um grego.

Ela parou em algumas caixas de correio.

E, com movimentos meio desajeitados, ia lá e cagava na grama.

— Alguém trouxe um saquinho? — perguntou Henry.

Todos gargalhamos.

Minha lembrança mais marcante daquele dia é Malcolm Sweeney chorando baixinho na frente da cerca enquanto levávamos a mula embora. Enxugava as bochechas de leveduras e corria a mão pelo cabelo cor de gelo. Ele era úmido e cáqui; um velho triste e gordo, simplesmente belo.

E, a partir daí, o mesmo som se repetindo:

Os cascos ressoando pelas ruas.

Tudo ao nosso redor era urbano — a estrada, os postes, o trânsito; os gritos que vinham em nossa direção, lançados pelos boêmios que ainda estavam na rua àquela hora da manhã —, e, no meio de tudo aquilo, o ritmo das patas da mula, sendo conduzida por faixas de pedestres e vias expressas. Tivemos que dar nosso jeito para atravessar uma longa passarela e vários trechos escuros com postes de

luz ainda apagados:

Henry e eu de um lado.

Tommy e Clay do outro.

Dava para acertar o relógio com base na sincronia daqueles “pocotós” e para confiar a própria vida às mãos do Tommy, enquanto ele conduzia a mula para casa com todo o cuidado, rumo aos meses e à garota que estavam por vir.

## dois baús do tesouro

ENTÃO FOI ISTO que aconteceu:

Eles quebraram as regras não escritas.

Havia a sensação das pernas nuas dela.

Ele se lembrava de cada parte do corpo de Carey deitado no colchão, e do monte de plástico ao lado; e de como ela se movia, e de como o mordeu de leve. E da forma como o chamou para se deitar com ela.

— Vem cá, Clay.

Ele se lembrava.

— Abre com os dentes. Não precisa ter medo. Não vai me machucar.

Ele se lembrava de como, pouco depois das três da manhã, eles foram embora para casa, e Clay ficou na cama, acordado, e depois foi para a estação de trem.

De volta para a ponte e para Silver.

Carey, é claro, foi direto para o hipódromo. O sol ainda nascia quando o veterano Guerra das Rosas retornou da pista interna de treino — sem a joqueta.

Ela caíra de costas no meio da reta.

O sol estava frio e pálido.

O céu da cidade estava em silêncio.

E ali estava a menina, no chão, com o corpo torto, e todos saíram correndo.

No Amahnu, em Silver, quando dei a notícia, Clay disparou rio acima, completamente alucinado.

Nossa, a luz naquele lugar era tão intensa e abundante que consegui ver meu irmão com nitidez enquanto ele corria até as árvores, desaparecendo entre as rochas.

Perplexo, meu pai olhou para mim com tanta tristeza, mas também tanto amor. Tentou ir atrás de Clay, mas toquei em seu braço.

Toquei em seu braço e o detive.

— Não — falei. — Temos que confiar nele.

O Assassino virou o Assassinado.

— Mas e se...

— Não.

Eu não sabia tudo de que precisava saber, mas, em se tratando de Clay, tinha certeza absoluta de qual seria a escolha dele; naquele momento, ele escolheria o sofrimento.

Concordamos em esperar uma hora.

\*\*\*

Nas árvores lá no alto, ele se ajoelhou à beira da encosta — seus pulmões eram dois baús do tesouro cheios de morte.

Clay chorou copiosamente.

Percebeu, por fim, que aquele barulho em seus ouvidos era a própria voz.

As árvores, as rochas, os insetos:

Tudo foi desaparecendo até sumir de vez.

Pensou em McAndrew e em Catherine. No Ted das Cocheiras. Sabia que teria

que contar a eles. Teria que confessar que foi tudo culpa dele — porque garotas não desapareciam daquele jeito, não falhavam daquela forma sem que alguém as fizesse falhar. Carey Novac não morreu e pronto, eram garotos como ele que as faziam morrer.

Pensou nas quinze sardas.

Nos contornos e nos vislumbres do vidro marinho de seus dentes.

Na décima sexta sarda no pescoço.

Ela sempre conversava com ele; ela o conhecia de verdade. Ela entrelaçava seu braço ao dele. Às vezes, o chamava de idiota... Então ele se lembrou do aroma suave do suor dela, e das cócegas que o cabelo dela fazia em seu pescoço — o sabor dela ainda estava na boca de Clay. Ele sabia que, se procurasse, encontraria a marca dela próxima aos quadris; uma mordida muito visível que figuraria como um lembrete escondido de alguém, de algo a que ele sobrevivera.

A Carey dos olhos cintilantes estava morta.

\*\*\*

O tempo fechou, e Clay começou a sentir frio, rezando por chuva e violência.

O alagamento do íngreme rio Amahnu.

Mas o silêncio da estiagem conteve o garoto, e ele ficou ali, ajoelhado, apenas mais um daqueles fragmentos de rocha, um garoto carregado pela correnteza rio acima.

## as discussões

VERDADE SEJA DITA:

A jovem Carey Novac tinha uma determinação louvável.

Seus pais já tinham aceitado que os filhos homens seriam jóqueis, mas se recusavam a permitir que a garota tivesse a mesma ambição. Quando ela tocava no assunto, eles simplesmente diziam “não” em alto e bom som.

Apesar disso, aos onze anos, ela começou a escrever cartas para certo treinador de cavalos da cidade grande, pelo menos duas ou três vezes por mês. Primeiro, perguntou o que deveria fazer para se tornar joqueta, embora já soubesse muito bem. Como faria para começar a treinar quanto antes? Como poderia se preparar melhor? Assinava as cartas como *Kelly do Interior* e esperava pacientemente pelas respostas, dando como remetente o endereço de uma amiga em Carradale (uma cidade vizinha).

Um belo dia, na rua Harvey, em Calamia, o telefone tocou.

Mais ou menos no meio da ligação, Ted parou e soltou apenas um “Como é que é?”, e depois de um instante prosseguiu:

— É, fica na cidade vizinha. — E então: — Ah, é mesmo? *Kelly do Interior*? Você só pode estar de brincadeira comigo. Ah, não, é ela mesmo, tenho certeza absoluta...

*Merda*, pensou a menina que bisbilhotava da sala de estar.

Já estava disparando pelo corredor, no meio da fuga, quando ele a chamou.

— Ei, Kelly! — gritou ele. — Aonde a senhorita pensa que vai?

Mas, só pelo tom de voz do pai, a garota percebeu que ele estava sorrindo.

O que indicava que ainda tinha chances.

\*\*\*

Nesse meio-tempo, as semanas viraram meses, que viraram anos.

Ela era uma criança que sabia o que queria.

Era perseverante e determinada.

Matava-se de trabalhar no hipódromo Gallery — uma limpadora de merda com braços finos e muito talento —, mas se saía bem na sela.

— A melhor criança que eu já vi — admitiu Ted.

Catherine não se deixava impressionar.

Nem Ennis McAndrew.

\*\*\*

Sim, Ennis.

Sr. McAndrew.

Ennis McAndrew tinha regras.

Primeiro, fazia seus aprendizes esperarem; ninguém nunca montava no primeiro ano, nunca, e isso se ele *aceitasse* o novo aprendiz. O homem dava grande importância, é claro, à habilidade na montaria, mas também pedia para ver os boletins da escola, dando especial atenção aos comentários dos professores. Se lesse uma vez sequer as palavras “Se distrai com facilidade” nos relatórios, o aspirante a jóquei podia se despedir das cocheiras. Quando — e *se* — ele aceitava um aprendiz novo, fazia o pobre coitado chegar cedíssimo à cocheira durante três

dos seis dias na semana. O trabalho era limpar a sujeira com a pá e ajustar as guias nos cavalos. E observar. Mas nunca, em hipótese alguma, deveria falar. O que dava para fazer era anotar as dúvidas ou confiar na memória e deixar as perguntas para domingo. Aos sábados, os aprendizes podiam ir às reuniões antes das corridas. Mais uma vez, bico calado. Ele notava a presença dos aspirantes apenas quando *queria* notar. Na verdade, ele até os incentivava a ficar com as famílias ou a sair com os amigos, porque a partir do segundo ano os jovens mal teriam contato com as pessoas próximas.

Durante a semana, dia sim, dia não, os aprendizes podiam dormir até mais tarde, ou seja, chegar às cinco e meia na Academia de Boxe Tricolor para fazer o treino de corrida com os boxeadores. Quando alguém perdia um treino, o velho ficava sabendo — sempre.

Mas ainda assim.

Ele nunca tinha encontrado ninguém como ela.

Aos catorze anos, ela voltou a mandar as cartas, dessa vez assinando como Carey Novac. *Kelly do Interior* deixou de existir. Desculpou-se pelo erro de julgamento e disse que esperava que aquilo não tivesse passado uma imagem negativa de seu caráter. Já estava ciente de tudo — das regras dele para os aprendizes — e se dedicaria ao máximo; caso necessário, passaria dia e noite limpando as baias.

Por fim, recebeu uma resposta.

Nos rabiscos estreitos de Ennis McAndrew, vieram as duas frases idênticas e inevitáveis.

*Permissão da mãe.*

*Permissão do pai.*



E aquele era o maior problema de todos.

Os pais dela também eram resolutos:

A resposta ainda era um “não” bem firme.

Ela jamais poderia ser joqueta.

\*\*\*

Para Carey, aquilo era uma desgraça.

Claro que era perfeitamente aceitável que os patifes dos irmãos dela virassem jóqueis — jóqueis bem medíocres e preguiçosos, ainda por cima —, mas ela não podia. Certo dia, Carey chegou a pegar da parede da sala o porta-retratos com a foto do Espanhol, usando-o como argumento na discussão:

— O McAndrew tem até um cavalo da mesma linhagem deste aqui.

— O quê?

— Você não lê jornal, não? — E então: — Como tem coragem de não me deixar fazer o que você fez por tantos anos? Olha só pra ele! — As sardas dela estavam em brasa; o cabelo, embolado. — Você não se lembra mais de como era? Entrar na curva? Pegar a reta?

Em vez de pendurar o porta-retratos de volta na parede, ela o largou com força na mesinha de centro, e o vidro chegou a trincar.

— Isso vai sair da sua mesada — disse ele, e sorte a dela que a moldura era das baratas.

Mas a maior sorte (ou o maior azar, dependendo do ponto de vista) foi o seguinte:

Enquanto os dois, ajoelhados, limpavam o vidro quebrado, o pai falou, em um tom distraído, com o olhar perdido no assoalho:

— Claro que leio o jornal... O nome do cavalo é El Matador.

\*\*\*

Em certo momento, Catherine deu um tapa em Carey.

E é engraçado o que um tapa pode fazer:

Os olhos de aquarela da menina estavam um tantinho mais vivos — selvagens, ardendo de raiva. Ela estava de cabelo em pé, só algumas mechas.

Parado à porta, Ted disse:

— Você não deveria ter feito isso.

Estava apontando para a filha.

Mas a verdade era a seguinte:

Catherine só batia quando tinha perdido a discussão.

\*\*\*

E eis o que Carey havia feito:

Uma das melhores anedotas da boa e velha infância.

Férias escolares.

Ela saía de casa pela manhã dizendo que dormiria na casa de Kelly Entwistle, mas, em vez disso, pegou o trem e foi para a cidade. Já no fim da tarde, passou quase uma hora do lado de fora do Haras McAndrew; o pequeno escritório precisava de uma boa demão de tinta. Quando a espera ficou insuportável, entrou e encarou a mesa, atrás da qual estava a esposa de McAndrew, fazendo contas e mascarando chiclete.

— Com licença — disse Carey, absurdamente nervosa e tímida. — Estou procurando o sr. Ennis.

A mulher, com permanente no cabelo, olhou para ela, curiosa, ainda mascarando o chiclete.

— Você quer dizer o sr. McAndrew?

— Ah, isso... Desculpa. — Ela abriu um sorriso sem graça. — Estou meio nervosa.

Então a mulher percebeu; ajustou os óculos e, num único movimento, foi da confusão à compreensão.

— Por acaso você é a filha do Ted das Cocheiras?

*Merda!*

— Sim, senhora.

— Sua mãe e seu pai sabem que você está aqui?

O cabelo de Carey estava preso em uma trança firme.

— Não, senhora.

Havia quase um traço de remorso, de arrependimento.

— Meu Deus do céu, menina, você veio até aqui sozinha?

— Vim de trem. E de ônibus. Bom, na verdade, primeiro peguei o ônibus errado. — Estava prestes a começar a tagarelar, mas se refreou. — Sra. McAndrew, estou procurando um emprego.

E foi assim que ela conquistou a mulher.

— Quantos anos você tem mesmo? — perguntou ela, enrolando um cacho com a caneta.

— Catorze.

A mulher deu uma risada e depois fungou.

Às vezes Carey os ouvia conversando à noite, nos confins da cozinha.

Ted e Catherine.

Catherine, a Grande, a Beligerante.

— Escuta — disse Ted, um dia. — Se é para ela fazer isso, Ennis é o melhor do mercado. Vai cuidar bem dela. O homem nem deixa os meninos morarem na cocheira... Todo mundo tem que ter casa de verdade.

— Que herói.

— Ei... Para com isso...

— Tudo bem. — Mas ela estava longe de começar a ceder. — Você sabe que o problema não é ele, é a indústria.

Carey bisbilhotava do corredor.

De shortinho e camiseta de pijama.

Pés quentes e grudentos.

Dedões mergulhados no feixe de luz.

— Ah, você e essa porcaria de papo sobre a indústria — queixou-se Ted, e foi até a pia. — A indústria me deu tudo que tenho.

— Deu mesmo. — Uma reprimenda sincera. — Uma úlcera, colapsos. Quantos ossos fraturados, mesmo?

— Sem falar no pé de atleta.

Ele estava tentando melhorar o clima.

Não funcionou.

Catherine prosseguiu com a reprimenda, arruinando a esperança da menina no corredor.

— É da nossa *filha* que a gente está falando, e eu quero que ela viva de verdade... Não que passe pelo inferno que você passou e que os meninos vão...

Às vezes, essas palavras passam correndo por mim, me atropelam; são quentes, como os cascos dos puros-sangues.

Quero que ela viva.

Quero que ela viva.

Carey contou isso a Clay; certa noite, nas Cercanias, ela contou a ele.

E Catherine, a Grande, estava certa.

Estava certa sobre tudo e todas as coisas.

# o segredo da bicicleta

NÓS O ENCONTRAMOS rio acima, onde começavam os eucaliptos.

O que poderíamos dizer?

Michael apenas ficou ao lado dele; pôs a mão em seu ombro com muita delicadeza, e, em silêncio, retornamos.

\*\*\*

Dormi lá, não teve jeito.

Clay me forçou a dormir em sua cama e ficou sentado no chão, recostado na parede. Acordei seis vezes durante a noite, e ele permanecia no mesmo lugar, com as costas bem eretas.

Na sétima, por fim, tinha caído. Encontrei-o de lado, adormecido.

\*\*\*

Na manhã seguinte, levou apenas o que trazia no bolso:

A sensação de um pregador que definhava.

Na viagem de volta para casa, passou o tempo todo empertigado no banco. Não parava de olhar pelo retrovisor, quase como se esperasse vê-la.

— Encosta o carro — disse, em determinado momento.

Pensou que fosse vomitar, mas era só frio, muito frio, e ainda acreditava que Carey nos alcançaria, mas continuou sozinho, sentado no acostamento.

— Clay?

Tive que chamar mais de dez vezes.

Voltamos para o carro e retomamos o caminho.

\*\*\*

Os jornais falaram que fazia décadas que não se via uma joqueta com o potencial dela. Falaram do velho sr. McAndrew, que, nas fotos, parecia um cabo de vassoura partido. Falaram de uma família de jóqueis, e de como a mãe sempre fora contra a carreira que a filha decidiu seguir — queria proibi-la de entrar naquela indústria. Os irmãos estavam vindo do interior e chegariam a tempo do funeral.

Falaram de noventa por cento:

Noventa por cento dos jóqueis se contundem a cada ano.

Falaram de uma indústria inclemente, com salários predominantemente baixos, e de uma das carreiras mais perigosas do mundo.

\*\*\*

Mas e o que eles *não* falaram nos jornais?

Os jornais não falaram do sol no primeiro dia em que eles conversaram — tão próximo e tão imenso ao lado dela. Ou da luz dourada nos braços dela. Não mencionaram o som dos passos dela quando ia até as Cercanias, a forma como ela farfalhava ao se aproximar. Não mencionaram *O marmoreiro*, o livro que ela vivia pegando emprestado. Ou como ela amava o nariz quebrado dele. Mas quem precisa dos jornais, afinal?

Acima de tudo, não mencionaram se tinha sido feita uma autópsia, ou se ela sofrera os efeitos da noite anterior; eles tinham certeza de que fora uma morte

instantânea. Partiu em um estalar de dedos, tão depressa.

McAndrew resolveu se aposentar.

Afirmaram que a culpa não tinha sido dele, e estavam certos; a indústria era assim, essas coisas aconteciam mesmo, e o modo como ele cuidava de seus jóqueis era exemplar.

Foi o que todos disseram, mas ele precisava descansar.

Assim como Catherine Novac, lá atrás, os protetores dos cavalos disseram que o que aconteceu foi uma tragédia, mas que também era trágica a morte dos cavalos, forçados a correr e a se reproduzir à exaustão. A indústria estava matando a todos, diziam.

Mas Clay sabia que o culpado era ele.

\*\*\*

Quando chegamos em casa, ficamos um bom tempo sentados no carro.

Nós nos transformamos em nosso pai, na época da morte de Penny.

Só ali, sentados. Só ali, encarando o nada.

Não chuparíamos Tic Tacs ou pastilhas de hortelã nem se as tivéssemos ali.

Clay não parava de pensar, repetindo para si mesmo:

Não foi a indústria, fui eu, fui eu.

E, para dar o devido crédito aos demais, todos vieram.

Vieram e se sentaram no carro com a gente, e num primeiro momento disseram apenas “Oi, Clay”. Tommy, o mais jovem e o menos experiente, tentou falar de coisas boas, como o dia em que ela veio conhecer todos nós — em águas por vir — e como ela passou direto por dentro da casa e foi para os fundos.

— Lembra, Clay? — Clay não disse nada. — Lembra quando ela conheceu o



Aquiles?

\*\*\*

Naquela vez, ele não saiu correndo, só se pôs a andar pelo labirinto suburbano; as ruas e os campos do bairro.

Não queria comer nem dormir, e não conseguia se livrar da sensação de que a veria a qualquer momento. Ela era a garota às margens de tudo.

Para o restante de nós, estava claro que aquilo o atingira em cheio, mas não sabíamos da missa nem a metade — e como poderíamos ter compreendido? Não sabíamos que eles se encontravam nas Cercanias. Não sabíamos nada da noite antes do ocorrido, ou do isqueiro, ou de *Kingston Town*, de *El Matador* ou de *Carey Novac no oitavo*. Ou da cama que não tínhamos conseguido queimar.

Quando nosso pai ligava, o que aconteceu algumas noites seguidas, Clay apenas olhava para mim e balançava a cabeça. Eu dizia que cuidaríamos bem do nosso irmão.

\*\*\*

E o funeral?

Só podia mesmo ter sido algo muito iluminado, mesmo que não ao ar livre.

A igreja estava entupida de gente.

Apareceram pessoas de todos os tipos, de personalidades do turfe a âncoras de rádio. Todos queriam conhecê-la. Muitos diziam conhecê-la bem.

Ninguém sequer nos viu.

Ninguém ouviu as infinitas confissões dele.

Estávamos enterrados lá nos fundos da igreja.

\*\*\*

Durante um bom tempo, ele nem sequer conseguia encarar.

Não voltaria mais para a ponte.

O que fez foi fingir que estava tudo bem:

Ia trabalhar comigo.

Quando nosso pai ligava, eles conversavam.

Portava-se como o perfeito charlatão adolescente.

À noite, ficava olhando para a casa do outro lado da rua e para as sombras que se mexiam lá dentro. Ficou se perguntando onde estava o isqueiro. Será que ela havia colocado debaixo da cama? Será que ainda estava dentro da velha caixa de madeira, junto com a carta dobradinha?

Clay não se sentava mais no telhado, abandonou esse hábito por completo — ficava postado na varanda, inclinado para a frente.

\*\*\*

Certa noite, caminhou até Hennessey, para a arquibancada casualmente escancarada.

Nas cocheiras, havia uma pequena multidão.

Estavam reunidos em frente à cerca.

Cavaliços e aprendizes de jóquei, todos debruçados sobre alguma coisa. Clay ficou observando aquelas pessoas por uns vinte minutos; quando dispersaram, ele entendeu: estavam tentando soltar a bicicleta dela.

Apesar do vozerio que tomava conta de sua cabeça e do vácuo desolado em seu estômago, quando se deu conta, estava abaixado ao lado da bicicleta, com a mão

no cadeado com senha de quatro dígitos — e ele deduziu o segredo no mesmo instante. Sabia que ela teria voltado lá para o início sem ele, para o cavalo e Cox Plate:

De trinta e cinco corridas, O Espanhol venceu vinte e sete.

3527.

A tranca se soltou na mesma hora.

Ele fechou o cadeado de novo e embaralhou os números.

As arquibancadas pareciam muito mais próximas agora; duas bocarras abertas na escuridão.

## o ás do término

EM MUITOS ASPECTOS, parece ridículo, e quase trivial, voltar ao número 18 da rua Archer antes da chegada dela. Se tem uma coisa que aprendi, no entanto, é que se a vida continua em movimento após o fim de nossas histórias, ela ganha tração muito antes delas.

Na época, tudo estava mudando.

Uma espécie de preparação para o que se aproximava.

O antes-do-início de Carey.

Começa, como não poderia deixar de ser, com Aquiles.

\*\*\*

Para ser sincero, talvez eu não tenha ficado muito contente com os duzentos paus dúbios que gastamos, mas sempre vou me lembrar com carinho de um detalhe: Rory na janela da cozinha na manhã que trouxemos a mula para casa.

Como era de costume aos sábados, ele se levantou umas onze da manhã e saiu cambaleando pelo corredor. Imaginou que ainda estivesse bêbado, e sonhando.

Será mesmo?

(Ele balançou a cabeça.)

Mas que merda é essa?

(Esfregou os olhos.)

Até que, por fim, um grito ecoou pela casa:

— Ô Tommy, o que que é isso aqui?

— O quê?

— Como assim, “o quê”? Você só pode estar de sacanagem com a minha cara!

Tem um burro no quintal!

— Não é um burro, é uma mula.

— E daí?

A pergunta saiu com bafo de cerveja.

— Um burro é um burro, uma mula é um cruzamento entre...

— Por mim pode ser um cruzamento de um cavalo quarto de milha com a porra de um pônei de Shetland, tô nem aí...

Estávamos gargalhando com aquela discussão, até que Henry arrematou a conversa.

— Rory — disse ele —, esse é o Aquiles.

Ao fim do dia, ele já tinha nos perdoado, o que não significa que deixou de reclamar.

À noite, estávamos todos reunidos, incluindo a sra. Chilman, enquanto Tommy acariciava o cangote da mula e, com o tom mais afetuoso imaginável, dizia: “Bom garoto. Bom garoto.” Aquiles olhou para Tommy, o retrato da placidez.

— Meu Deus! Daqui a pouco ele vai querer levar o bicho pra jantar — resmungou Rory para Henry.

Mais tarde, Rory dormiu quase sufocado por Heitor e com Aurora ao lado, roncando baixinho. Dava para ouvi-los do outro quarto — um murmúrio baixo mas angustiado.

— Esses bichos querem acabar comigo!

\*\*\*

Quanto à corrida, imaginei que Clay diminuiria o passo ou relaxaria um pouco, já que o campeonato estadual tinha acabado e a mula estava sob nossa guarda. Eu não poderia estar mais errado. Por incrível que pareça, ele ficou ainda mais rápido, e por alguma razão isso me incomodava.

— Por que você não tira umas férias e vai se divertir um pouco? — sugeri. — Pelo amor de Deus, você acabou de vencer o estadual!

Seu olhar percorreu a rua Archer.

Todo aquele tempo, e nunca notei.

Aquela manhã não foi exceção:

Queimava dentro do bolso dele.

— Ei, Matthew. Você vem ou não vem?

\*\*\*

Em abril, os problemas começaram.

A mula era enigmática.

Ou melhor, era teimosia pura.

Aquiles amava Tommy, tenho certeza; acontece que amava Clay ainda mais. Era Clay quem tinha permissão para dar uma olhada nos cascos. Ninguém mais podia mexer neles. Também era Clay, e somente Clay, quem o acalmava.

Às vezes, tarde da noite, já de madrugada, Aquiles tocava o terror. Até hoje ouço o *ió ió* dele, melancólico e aterrador — um misto de zurro com rangido, um choro —, e, entre os barulhos da mula, as outras vozes.

— Cacete, Tommy! — gritava Henry.

— Alguém cala a boca dessa mula! — Esse era eu.

— Tira esse gato de cima de mim, porra!

E Clay permanecia deitado, em silêncio.

— Clay! *Acorda!*

Tommy sacudia Clay freneticamente até que ele se levantasse e fosse à cozinha. Via Aquiles pela janela, debaixo do varal, choramingando feito um portão enferrujado. A mula levantava a cabeça, apontando a fuça para os céus.

Clay ficava parado, assistindo, hipnotizado. Mas Tommy era impaciente. Aos poucos o restante de nós aparecia na cozinha, enquanto a mula continuava uivando para todos os lados. Então Clay ficava encarregado do açúcar. Abria a tampa do açucareiro, pegava uma colherada e ia com Tommy até o quintal.

— Faz assim, olha, uma conchinha com as mãos — explicava ele, agachado na porta dos fundos.

Eram noites escuras, mas não para a mula e a lua.

— Pronto — dizia Tommy, e Clay despejava o punhado de açúcar nas mãos do caçula.

Eu já tinha visto a cena antes, e Aquiles também. O bicho parava um instante, olhava para eles e se aproximava, saracoteando. Obstinado e todo contente.

Ei, Aquiles.

Oi, Clay.

Você está fazendo uma barulheira danada.

Eu sei.

Tommy se aproximava de Aquiles, os braços esticados, e a mula mergulhava o focinho nas mãos dele e aspirava tudo — cada cantinho, até não restar mais nada.

A última vez que aconteceu foi em maio, e Tommy já estava resignado. Ele

cuidava de todos os animais, sem hierarquia, e para Aquiles comprávamos mais ração, mais feno, e colhíamos as cenouras do bairro. Quando Rory perguntava quem tinha comido a última maçã, ele sabia que só podia ter sido a mula.

Naquele dia, o vento sul passou à meia-noite, soprando pelas ruas dos subúrbios, trazendo consigo o barulho dos trens. Tenho certeza de que foi isso que provocou Aquiles, que não se aquietava por nada neste mundo. Mesmo quando Tommy tentou acalmá-lo, ganhou um chega pra lá; Aquiles continuou com a cabeça erguida, zurrando, e em cima dele o varal girava.

— Cadê o pote de açúcar? — perguntou Tommy para Clay.

Mas daquela vez ele disse não.

Ainda não.

Não, daquela vez, Clay apenas se agachou ao lado de Aquiles, com um pregador junto à coxa, e se levantou bem devagar, estendendo as mãos para segurar o varal. Depois, ainda mais devagar, baixou uma das mãos e a pousou na cara da mula, uma savana de pelos seca e craquelada.

— Tá tudo bem — disse ele, tranquilizando a mula. — Já passou.

Mas Clay sabia melhor que todo mundo ali; certas coisas nunca passam. Mesmo quando Tommy o ignorou e apareceu com o pote de açúcar, e Aquiles tragou tudo — os cristais ao redor das narinas —, a mula ficou de olho em Clay.

Será que Aquiles viu o contorno no bolso dele?

Talvez, provavelmente não.

Uma certeza que carrego, no entanto, é que a mula estava longe de ser boba — Aquiles sempre soube.

Sabia que aquele era o garoto Dunbar.

O garoto de quem mais precisava.



\*\*\*

Naqueles meses de inverno, sempre subíamos o morro até o cemitério e entrávamos no terreno.

As manhãs estavam ficando cada vez mais escuras.

O sol descia pelas nossas costas.

Uma vez, corremos até a via Epsom, e Sweeney se mostrou um homem de palavra:

O trailer não estava mais lá, mas a barraca seguia definhando.

Sorrimos.

— *Chunbo* — disse Clay.

\*\*\*

Então chegou o mês de junho e, sem brincadeira, acho que Aquiles era mais inteligente que Rory, porque meu irmão foi suspenso mais uma vez e estava prestes a ser expulso do colégio; finalmente sua dedicação estava dando resultado e ele conseguiria o que tanto desejava.

Encontrei com Cláudia Kirkby de novo.

Daquela vez ela estava com o cabelo um pouco mais curto e usava um belo par de brincos prateados de flecha. Balançavam suavemente em suas orelhas. A mesa dela continuava coberta de papéis, e os pôsteres permaneciam intactos.

O problema era que tinha chegado uma nova professora à escola — outra jovem —, e Rory não demorou a irritá-la.

— Bom, aparentemente — explicou a srta. Kirkby —, ele estava surrupiando uvas da merenda de Joe Leonello e jogando no quadro. Quando a professora se

virou, foi atingida por uma, que caiu dentro do decote dela.

Ela contava a história como se estivesse recitando uma poesia.

Fiquei parado, fechei os olhos.

— Olha, sendo bem sincera — prosseguiu ela —, acho que a professora exagerou um pouco, mas não podemos mais tolerar esse tipo de comportamento.

— Ela tem todo o direito de ficar chateada, mas... — comentei, porém logo me atrapalhei. Fiquei perdido no creme da camisa *dela*, nas ondulações que o tecido formava. — Não foi muita coincidência, não? — Uma camisa pode ter marés? — Virar bem na hora...

Percebi assim que saiu da minha boca. Que idiotice!

— Você está dizendo que foi culpa *dela*?

— Não! Eu...

Ela estava tirando meu couro!

Com uma pilha de papéis em mãos, abriu um sorriso doce e reconfortante.

— Matthew, relaxa. Sei que você não quis dizer isso...

Eu estava sentado em uma carteira pichada.

A típica sutileza adolescente:

Uma carteira cheia de pintos.

Como resistir?

Então ela parou de falar e, com toda a tranquilidade, assumiu um risco silencioso — foi *naquele* momento que me apaixonei.

Colocou a mão em meu braço.

A mão dela era quente e delicada.

— Para falar a verdade — disse ela —, aqui acontece tanta coisa pior do que isso... mas com o Rory é diferente.

Ela estava do nosso lado e queria mostrar.

— Sei que não justifica — continuou ela —, mas ele está sofrendo... E é só um menino.

E, simples assim, como se não quisesse nada, ela acabou comigo.

— Estou certa ou não estou?

Tudo que ela precisava fazer era piscar para mim, mas não piscou, e ainda bem — pois ela havia repetido, palavra por palavra, uma frase que ouvi certa vez, e logo deu um passo para trás, sentando-se em outra carteira.

Eu precisava responder à altura. Tentei.

— Sabe...

E doeu engolir.

As águas ainda se revolviam em sua camisa.

— A última pessoa que me disse isso foi nosso pai.

\*\*\*

Algo estava por vir.

Algo triste, sobretudo para mim.

No inverno, mantivemos a consistência; corríamos em Bernborough, corríamos pelas ruas, e eu seguia para o café e a cozinha, enquanto Clay subia no telhado.

Quando cronometrei seus tempos, nos deparamos com um problema um tanto quanto incômodo.

O dilema mais temido do atleta:

Ele corria cada vez mais, mas não ficava mais rápido.

Achávamos que era falta de adrenalina; de repente, não havia mais motivação.

O que mais ele poderia fazer, além de vencer o campeonato estadual? Ainda faltavam meses para começar a temporada de atletismo; não à toa ele estava se sentindo letárgico.

Clay não estava convencido disso.

Eu corria ao lado dele, tentava instigá-lo.

— Um, dois, um, dois — dizia. — Vamos, Clay. O que Liddell faria, ou Budd?

Eu deveria saber que estava sendo muito bonzinho com ele.

\*\*\*

Quando Rory foi suspenso pela última vez, mexi meus pauzinhos, falei com meu chefe e consegui que ele trabalhasse comigo. Três dias de carpetes e assoalhos, e uma coisa ficou clara — ele não se importava de pôr a mão na massa. Ficava frustrado quando o trabalho terminava, queria mais; então ficou decidido: ele sairia da escola, ponto final. Quase tive que implorar para o liberarem.

Fomos até a sala da diretora.

Rory entrara escondido na sala dos professores e roubara a sanduicheira.

— Aquele pessoal come demais! — explicou. — Fiz um favor a eles, cacete!

Eu e ele estávamos de um lado da mesa. Cláudia Kirkby e a sra. Holland, do outro.

A srta. Kirkby usava terno escuro e camisa azul-clara, e a sra. Holland, não lembro. Só guardei na memória o cabelo grisalho dela, penteado para trás com gel, a suavidade de seus pés de galinha e o broche no bolso, do lado esquerdo; uma flor da região, o emblema da escola.

— Então é isso... — falei, me arriscando.

— Então é isso o quê? — perguntou ela.

(Não era a resposta que eu esperava.)

— Ele vai ser expulso?

— Ah, não sei se é o caso...

Eu a interrompi.

— Convenhamos, seria merecido.

Rory se exaltou, beirando a euforia.

— Ei, eu estou aqui!

— Olhem só para ele — falei.

Elas olharam.

— A camisa pra fora, a cara de nojo. Vocês acham que ele se importa, ainda que infimamente, com isso tudo? Por acaso ele parece consternado com essa situação?

— Infimamente? — Dessa vez foi Rory quem interveio. — Consternado? Porra, Matthew, engoliu um dicionário?

Holland sabia. Ela sabia que eu não era um imbecil.

— Para falar a verdade... Hmmm... Você poderia ter nos ajudado ano passado... Hmmm... com o programa do terceiro ano. Você nunca demonstrou muito interesse, mas tinha, não tinha?

— Ei, pensei que vocês tavam falando de mim!

— Cala a boca, Rory.

Foi Cláudia Kirkby quem falou.

— Assim que eu gosto. Firme — retrucou Rory, direcionando seu olhar firme para outro lugar.

A professora ajeitou o terno, tentando se cobrir.

— Para com isso — falei.

— O quê?

— Você sabe.

Retomei a conversa com Holland. Era de tarde, e eu tinha saído do trabalho mais cedo para me barbear e me arrumar, mas isso não significava que não estivesse cansado.

— Se você não expulsar o Rory dessa vez, eu vou voar por cima dessa mesa, arrancar seu distintivo de diretora, tomar o cargo e expulsá-lo eu mesmo! Juro.

Rory ficou tão animado que quase bateu palmas.

Cláudia Kirkby apenas balançou a cabeça, decepcionada.

A diretora conferiu se ainda estava com o broche.

— Hmmm, não sei, não...

— Vai, me expulsa logo! — clamou Rory.

E, para a surpresa de todos, ela o expulsou.

Diligente, cuidou de toda a papelada e sugeriu escolas nos arredores, mas eu disse que não seria necessário, que ele ia trabalhar. Trocamos apertos de mão e foi isso, deixamos as duas para trás.

No caminho para o estacionamento, dei meia-volta e corri até a escola. A diretora fez isso por nós ou por Cláudia Kirkby? Bati à porta, entrei na sala de novo, e as duas estavam lá dentro, ainda conversando.

— Srta. Kirkby, sra. Holland, me desculpem. Eu não queria causar problemas, e só... Obrigado.

Por alguma razão, comecei a suar. Foi o olhar solidário dela, acho, e o terno, e os brincos dourados. As pequenas argolas cintilantes.

— Ah, outra coisa... Desculpa deixar para fazer isso só agora, mas fiquei tão focado no Rory ultimamente que nem perguntei como vão as coisas com o Henry e o Clay.

A sra. Holland passou a bola para a srta. Kirkby.

— Vão bem, Matthew. — Ela se levantou. — São bons garotos — disse e sorriu.

Não piscou.

— Quem diria... — falei, balançando a cabeça em direção à porta. — Aquele ali também é.

— Eu sei.

Eu sei.

Ela disse “eu sei”, e fiquei com isso na cabeça por um bom tempo, mas começou assim que me retirei da sala. Por um momento, imaginei que ela fosse sair também e me encontrar ali, recostado na parede, ralando as costas, ainda atordado, mas a única voz no recinto era a de Rory.

— E aí? Você vem ou não vem? — No carro, perguntou: — Posso dirigir?

— Tá maluco? Nem pensar!

Ele arrumou emprego na mesma semana.

\*\*\*

Então do inverno se fez primavera.

Os tempos de Clay estavam bem piores, e foi então que aconteceu, em um domingo de manhã.

Desde que Rory tinha começado a trabalhar em uma oficina mecânica, passou a bater ponto no bar. E a começar e terminar rolos com garotas numa velocidade impressionante. Chegava sempre com nomes e observações; uma vez, eu me lembro, foi Pam, e Pam era cabelo louro e mau hálito.

— Que merda! — disse Henry. — E você disse isso pra ela?

— Aham! Ela me deu um tapa. Daí terminou comigo e me pediu uma bala de

hortelã. Não necessariamente nessa ordem.

Ele chegava de manhã trocando as pernas — dessa vez, era domingo, meio de outubro. Eu e Clay estávamos de saída para Bernborough quando Rory apareceu cambaleando.

— Meu Deus do céu, olha só pra *você*!

— Valeu, Matthew, bom dia pra você também. Pra onde as duas madames estão indo?

O típico Rory:

De calça jeans e casaco encharcado de cerveja, ele achou que seria uma ótima ideia ir correr com a gente.

O parque Bernborough também estava em um dia típico.

O nascer do sol tomava a arquibancada.

Fizemos a volta de quatrocentos metros juntos.

— Eric Lidell — comentei com Clay.

Rory abriu um sorriso.

Com um toque de malícia.

Durante a segunda volta, ele se embrenhou na mata.

Precisava mijar.

Na quarta, já tinha caído no sono.

Antes do último tiro de quatrocentos metros, no entanto, Rory parecia estar quase sóbrio. Ele olhou para Clay, olhou para mim, balançou a cabeça com desdém.

Na pista incandescente, indaguei:

— Qual é o problema?

De novo, o sorriso malicioso.



— Você tá errado — disse ele, e olhou de relance para Clay, embora a acusação fosse dirigida a mim. — Matthew, quem você tá tentando enganar? Não vem me dizer que *não* sabe o que tá acontecendo. — Ele estava prestes a me dar uma chacoalhada, me acordar. — *Pensa* um pouco, Matthew. Esse romantismo de merda... Tá, ele venceu o campeonato estadual. E daí, porra? Ele tá pouco se lixando pra isso.

Como isso era possível?

Como fora Rory, dentre todos nós, quem entendeu tudo e assim alterou a história dos Dunbar?

— Olha só pra ele! — continuou Rory. Olhei. — Ele não quer saber *dessa...* dessa... coisa *certinha*. — Ele se voltou para Clay. — Ou quer?

Clay balançou a cabeça.

E Rory não se deu por satisfeito.

Ele esmurrou meu peito.

— Ele precisa *sentir* bem no fundo do coração. — De repente, havia tanta gravidade nele, tanta dor, que aquilo nos tomou com a força de um piano. As palavras mais brandas eram as piores. — O Clay precisa sentir uma dor capaz de acabar com ele, porque é assim que nós *vivemos*, cacete!

Tentei argumentar.

Não consegui.

— Se você não for capaz de fazer isso, pode deixar que eu faço — concluiu ele, respirando com dificuldade, puxando o ar. — Você não precisa correr *com* ele, Matthew. — E olhou para o garoto encolhido ao meu lado, para as chamas nos olhos dele. — O segredo é tentar fazer ele parar.

\*\*\*

De noite, Clay veio falar comigo.

Eu estava assistindo a *Alien, o Oitavo Passageiro* na sala.

(Pouco sombrio ou quer mais?)

Ele agradeceu e disse que sentia muito. Respondi com os olhos grudados na tela, abrindo um sorriso para não perder o prumo.

— Pelo menos posso descansar um pouco agora... Minhas pernas e minhas costas estão me matando.

Ele desviou o olhar.

Eu estava mentindo; nós fingimos que acreditamos.

\*\*\*

Quanto ao treino, foi uma jogada de mestre:

Ficavam três garotos na marca de cem metros.

Dois na de duzentos. Então Rory, no trecho final.

Não foi difícil encontrar garotos dispostos a machucá-lo; ele voltava para casa com um monte de hematomas ou com a bochecha toda ralada. Eles castigavam Clay até que ele abrisse um sorriso — e era aí que o treino acabava.

\*\*\*

Uma noite, estávamos na cozinha.

Clay lavava e eu secava os pratos.

— Ei, Matthew — disse ele, baixinho. — Vou correr amanhã lá no Bernborough... E ninguém vai me parar. Tô tentando bater a marca do

campeonato estadual.

Não ousei olhar para ele, mas também não consegui ignorá-lo.

— Tava pensando aqui... Se você não se importar... — E o jeito que ele me encarou disse tudo. — Pode botar a fita nos meus pés?

\*\*\*

Na manhã seguinte, fui assistir.

Me sentei no fogaréu da arquibancada.

Caprichei na fita adesiva.

Estava dividido entre saber que aquela era a última vez que faria isso e admitir que, na verdade, já era um bônus. Podia enxergá-lo com outros olhos; eu vi a corrida só por ver. Feito Liddell e Budd juntos.

Ele quebrou o próprio recorde por mais de um segundo, em uma pista moribunda. Quando Clay cruzou a linha de chegada, Rory estava sorrindo, com as mãos nos bolsos; Henry berrou os números. Tommy correu até ele com Aurora. Todos o abraçaram e o carregaram.

— Ei, Matthew! — chamou Henry. — Novo recorde estadual!

O cabelo de Rory estava selvagem, enferrujado.

Os olhos, mais metálicos que nunca.

Quanto a mim, deixei a arquibancada e cumprimentei Clay e Rory com um aperto de mão.

— Olha só pra *você* — declarei, e estava falando sério. — A melhor corrida que eu já vi.

Em seguida, Clay se agachou e ali ficou, na pista, pouco antes da linha de chegada — tão agachado, que, se bobear, podia sentir o cheiro da tinta. Em doze

meses, estaria de volta, treinando com Henry, e os garotos e o giz e as apostas.

Por um tempo, um silêncio tenebroso se fez presente, conforme a madrugada se fragmentava em pedaços de dia.

Ele permaneceu no saibro, apalpando o bolso:

O pregador continuava ali, intacto.

Logo ele se levantaria, e logo sairia andando, rumo ao céu cintilante.

## as duas portas

ALÉM DO SEGREDO da bicicleta, havia duas portas com que se preocupar, e a primeira era a de Ennis McAndrew, logo ao lado do hipódromo.

A casa era uma das maiores da rua.

Antiga, muito bonita, com telhado de zinco.

Uma varanda gigante de madeira na frente.

Clay deu algumas voltas no quarteirão.

Brotavam camélias em todos os jardins da vizinhança, e algumas magnólias enormes. Muitas caixas de correio bem tradicionais também. Rory certamente teria adorado.

Clay tinha perdido a conta de quantas vezes já tinha passado por aquela porta — como Penny fizera antes, e Michael também — apenas naquela noite.

Uma porta vermelha e pesada.

De vez em quando, dava para ver as pinceladas.

As outras portas tinham ganhado ares gloriosos.

Clay sabia que aquela não seria promovida.

\*\*\*

Então a segunda porta:

Na rua Archer, do outro lado, na diagonal.

Ted e Catherine Novac.

Clay observava da varanda, os dias se transformando em semanas, e ele continuava trabalhando comigo. Nada de passar no Bernborough ainda, nada de cemitério, nada de telhado. Definitivamente, nada de Cercanias. Ele carregava a culpa aonde quer que fosse.

Uma hora não me aguentei; perguntei a Clay sobre a ponte, e ele simplesmente deu de ombros.

Eu sei, eu sei — eu já tinha quebrado a cara dele uma vez por ir embora.

Mas estava claro que ele precisava terminar o que começou.

Ninguém vivia daquele jeito.

\*\*\*

Finalmente, ele reuniu coragem para bater à porta de McAndrew.

Uma senhora atendeu.

Tinha cabelo tingido e com permanente — e aí eu sou obrigado a discordar de Clay, porque aquela porta assumiu, *sim*, ares gloriosos, assim que ele resolveu enfrentá-la.

— Sim?

Encarnando ao mesmo tempo o pior e o melhor de si, Clay disse:

— Desculpe incomodá-la, sra. McAndrew, mas, se não for problema, será que eu poderia falar com o seu marido? Meu nome é Clay Dunbar.

O velho que morava naquela casa reconheceria o nome.

\*\*\*

Também o reconheceram na casa dos Novac, mas o associaram ao garoto que volta e meia subia no telhado.

— Entre — convidaram, e ambos foram muito gentis com ele, tão enlouquecidamente gentis que chegava a doer.

Fizeram chá, e Ted apertou a mão dele, perguntou como estava. Catherine Novac sorriu, e era um sorriso para não chorar, ou para não morrer, talvez os dois; ele não conseguia se decidir.

Enfim, quando contou a eles, teve o cuidado de não olhar para o lugar onde ela se sentara naquele dia em que ficaram ouvindo a corrida no rádio — o dia do fracasso do grande cavalo baio. O chá dele ficou gelado, intocado.

Ele contou dos sábados à noite.

Falou sobre o colchão, o lençol de plástico.

Sobre *El Matador no quinto*.

Contou que se apaixonou por ela na primeira vez em que se falaram e que era culpa dele, que era tudo culpa dele. Clay cambaleou, mas não se deixou desabar, porque não merecia nem lágrimas nem compaixão.

— Na noite antes da queda, nós nos encontramos nas Cercanias, e tiramos a roupa, e...

Ele se deteve, porque Catherine Novac — em um lampejo louro-avermelhado — se levantou e foi até ele. Com delicadeza, a mulher o ergueu da cadeira e o abraçou forte, muito forte, acariciando seu cabelo curtinho, e foi tão amável que doeu ainda mais.

— Você veio nos ver, você veio — disse ela.

Sabe, é que Ted e Catherine Novac se recusaram a apontar dedos — e não seria para o coitado daquele menino que fariam isso.

Eles trouxeram Carey para a cidade.

Eles sabiam no que a filha estava se metendo.

Então, de volta ao McAndrew.

Porta-retratos com fotos de cavalos.

Porta-retratos com fotos de jôqueis.

A luz dentro da casa era amarelada.

— Eu te conheço — disse o homem, que parecia menor, como um galho partido acomodado na poltrona.

Logo no próximo capítulo, você vai ver aquilo que, lá atrás, Ennis pediu a Carey.

— Você é o peso morto que eu mandei que ela cortasse.

Seu cabelo branco tinha um tom amarelado. Usava óculos. Caneta no bolso. Havia um brilho em seus olhos, mas não era de felicidade.

— Imagino que você tenha vindo até aqui para me culpar, né?

Na poltrona em frente, o garoto, empertigado e desconfortável, observava o homem.

— Não, senhor. Vim dizer que você estava certo.

McAndrew ficou atônito. Encarou Clay profundamente e disse:

— Quê?

— Senhor, eu...

— Pelo amor de Deus, me chama de Ennis. E fala pra fora.

— Tá bom, bem...

— Fala *alto*, pra fora.

Clay engoliu em seco.

— Não foi culpa sua; foi minha.



Clay não disse ao velho o que tinha contado aos Novac, mas quis ter certeza de que McAndrew entenderia.

— Ela não parou de me ver, e aí aconteceu isso. Devia estar cansada demais ou com dificuldade de se concentrar...

McAndrew assentiu, devagar.

— Ela não estava com a cabeça no lugar.

— Sim. Acho que foi isso mesmo.

— Você estava com ela na noite anterior.

— Estava — confirmou Clay, e então foi embora.

O garoto já estava nos últimos degraus da varanda quando Ennis e a esposa saíram.

— Ei! Clay Dunbar! — gritou o velho.

Clay se virou.

— Você não tem ideia de quantos jóqueis eu já vi se estrepando — de repente, havia tanta compaixão em sua voz —, e por coisas muito menos importantes do que você. — O homem chegou a descer a escada, parando ao lado de Clay. — Escuta, filho. — Pela primeira vez, Clay percebeu um dente prateado na boca de McAndrew, lá no fundo, à direita. — Não consigo nem imaginar como deve ter sido difícil vir até aqui me dizer tudo isso.

— Obrigado.

— Vamos voltar lá pra dentro?

— É melhor eu ir pra casa.

— Tudo bem, mas se tiver alguma coisa que eu possa fazer por você... qualquer coisa... me avisa.

— Sr. McAndrew...

Com o jornal embaixo do braço, o homem se deteve e ergueu um pouco a cabeça, bem pouco.

Clay quase perguntou se Carey era boa mesmo, ou se poderia ter sido um dia, mas concluiu que nenhum dos dois seria capaz de suportar aquela conversa — então decidiu ir por outro caminho.

— Vai continuar treinando, não vai? — perguntou ele. — Não seria certo se você parasse. Não foi sua...

E Ennis McAndrew se empertigou, ajeitou o jornal e continuou andando. Disse para si mesmo “Clay Dunbar”, mas eu preferia que tivesse dito algo mais óbvio.

Deveria ter falado algo sobre Phar Lap.

(Em águas ainda por vir.)

\*\*\*

Na casa de Ted e Catherine Novac, só o que restava era encontrar as coisas:

O isqueiro, a caixa e a carta de Clay.

Eles não sabiam porque ainda não tinham chegado perto da cama dela, mas lá estava, no chão, embaixo da cama.

*El Matador no quinto.*

*Carey Novac no oitavo.*

*Kingston Town não pode vencer.*

Ted tocou as palavras.

No entanto, o que deixou Clay mais perplexo e, no fim, se mostrou mais significativo, foi o segundo dos outros dois itens que havia dentro da caixa. O primeiro era a foto que o pai dele tinha mandado, do garoto no alto da ponte, mas

o segundo Clay não tinha dado a ela; era algo que ela só poderia ter roubado, mas quando, ele jamais descobriria.

Era desbotado, verde e comprido.

Ela tinha ido lá, no número 18 da rua Archer.

Tinha roubado a droga de um pregador.

## seis hanleys

NO FIM DAS contas, a escolha de Ted e Catherine Novac acabou se fazendo sozinha. Se ela não virasse aprendiz do McAndrew, encontraria outro treinador; já que era assim, que tivesse o melhor.

Quando deram a notícia à filha, havia cozinha e xícaras de café.

Atrás deles, o relógio tiquetaqueava alto.

A menina olhou para baixo e sorriu.

Tinha quase dezesseis anos quando, no começo de dezembro, parou no meio do gramado, naquele bairro próximo ao hipódromo, com a tomada da torradeira aos seus pés. Deteve-se, olhou com mais atenção, e disse:

— Olha ali...

\*\*\*

Depois disso, obviamente, teve aquela vez, em um fim de tarde, quando ela atravessou a rua.

— E você? Não quer saber qual é o meu *nome*?

A terceira vez foi numa terça-feira, ao raiar do sol.

Só precisava se apresentar a McAndrew no início do ano seguinte, mas já estava saindo para correr com os meninos da Tricolor, semanas antes do que o velho treinador instruía.

— Jóqueis e pugilistas... — dizia ele, sempre. — Essas porras são quase a mesma

coisa.

Ambos viviam obcecados com a balança. Ambos tinham que lutar muito para sobreviver, dormiam com o perigo e a morte.

Naquela terça-feira no meio de dezembro, ela corria junto aos pugilistas com mares na camiseta. De cabelo solto — como quase sempre —, ela penava, na lanterna, para acompanhar o ritmo deles. Chegaram à avenida Poseidon. Via-se a fumaça rotineira, vinda das padarias e das construções, e, na esquina da avenida Marcha Noturna, foi Clay quem a avistou primeiro. Na época, ele treinava sozinho. A garota estava de short e regata. Quando ergueu os olhos, encontrou o olhar do garoto.

A camiseta desbotada dela era azul.

O short tinha sido uma calça jeans no passado.

Por um momento, ela se virou e ficou observando Clay.

— E aí, garoto! — gritou um dos boxeadores.

— E aí, garotos — respondeu ele, baixinho, mas foi para Carey.

\*\*\*

A vez seguinte foi no telhado; estava quente e já quase anoitecia quando ele desceu para encontrá-la; ela estava sozinha na calçada.

— Oi, Carey.

— Oi, Clay Dunbar.

O ar fervilhava ao redor deles.

— Como você sabe meu sobrenome?

Mais uma vez, notou aqueles dentes dela; não-exatamente-retos, vidro marinho.

— Ah, as pessoas conhecem muito bem vocês, os garotos Dunbar, pode acreditar. — Ela conteve um riso. — É verdade que vocês têm uma mula escondida em casa?

— Escondida?

— Você por acaso é surdo?

Estava tirando o couro dele!

Mas bem de leve, com carinho, então ele não ligou.

— Não — respondeu ele.

— Então vocês *não* têm uma mula escondida em casa.

— Não — repetiu ele. — Eu *não* sou surdo... A gente tem a mula já faz um tempinho. Também temos uma border collie, um gato, um pombo e um peixe-dourado.

— Um pombo?

Ele devolveu a alfinetada.

— Você por acaso é surda? O nome dele é Telêmaco... Nossos bichos têm os piores nomes do mundo, tirando talvez Aurora e Aquiles. Aquiles é um belo nome.

— Aquiles é o nome da mula?

Ele assentiu; a menina estava chegando perto.

Ela virou o rosto para o outro lado, observando os arredores. Sem pensar muito, ambos começaram a andar.

\*\*\*

Quando chegaram à esquina da rua Archer, Clay olhou para as pernas dela, vestidas em jeans; ali percebeu que ele era *mesmo* um garoto, afinal de contas.

Reparou também em como os tornozelos da garota se afunilavam nos tênis surrados — os Volleys. Quando Carey se mexia, ele prestava muita atenção na camiseta dela e no que conseguia entrever por baixo.

— É muito bom — disse ela, na esquina — ter vindo morar na rua Archer. — Ela brilhava à luz do poste. — Foi daqui que saiu o primeiro cavalo que venceu a Corrida que Para a Nação.

Clay tentou impressioná-la.

— Duas vezes. A primeira e a segunda corridas.

Funcionou, mas só até certo ponto.

— E você sabe quem era o treinador dele? — Com essa, ele não tinha a menor chance. — Era o De Mestre — respondeu ela mesma. — Ele ganhou cinco, mas ninguém sabe disso.

\*\*\*

Eles continuaram andando pelo bairro, passando por ruas com nomes de puros-sangues. Poseidon, o cavalo, foi um grande campeão, e ali havia também lojas com nomes que eles adoravam, como o Café Sela e Tridente, Costuras Cabeça de Cavalo, e o atual vencedor: a Barbearia Cortando Por Fora.

Perto do fim, já quase na avenida Entreaty, que levava ao cemitério, uma curva dava em uma ruela à direita, conhecida como travessa do Bobby. Carey então se deteve ali.

— É perfeito — disse ela, debruçando-se na cerca de madeira. — Eles chamaram a rua de travessa do Bobby.

Clay se encostou na cerca, a poucos metros dela.

A menina olhou para o céu.

— Phar Lap — disse Carey, e Clay pensou que os olhos dela tinham ficado marejados, quando na verdade estavam mais esverdeados e gentis do que nunca. — É uma travessa, não chega a ser uma rua, e batizaram com o apelido dele. Como não amar esse esporte?

Durante um tempo, fez-se algo próximo do silêncio, e só se ouvia o ar da decadência urbana. É claro que Clay sabia que a maioria das pessoas conhecia o cavalo mais icônico do país. Sabia da sequência de vitórias de Phar Lap, que quase ficou aleijado por causa do excesso de peso que carregava. Sabia dos Estados Unidos, que ele foi para lá, ganhou a corrida e, no dia seguinte, dizem, morreu. (Na verdade, foi umas duas semanas depois.) Como muitos de nós, Clay adorava quando as pessoas, para motivar alguém ou elogiar quem dava tudo de si, diziam: *Seu coração é tão grande quanto o do Phar Lap*.

O que ele desconhecia eram todas as coisas que Carey contaria a ele naquela noite, os dois debruçados naquela cerca aleatória.

— Sabe, quando Phar Lap morreu, o primeiro-ministro era o Joseph Lyons, e no mesmo dia ele conseguiu uma vitória na Suprema Corte (mas ninguém nem lembra qual foi). Só sei que, quando ele desceu as escadas do Tribunal de Justiça, alguém perguntou a ele sobre a sessão, e ele respondeu: “Qual é a graça de ganhar na Suprema Corte se Phar Lap está morto?” — Ela ergueu os olhos do chão, fixando-os em Clay; depois olhou para o céu. — Sou apaixonada por essa história.

Clay não se conteve.

— Você acha que ele foi assassinado, como dizem? — perguntou.

Carey se limitou a dar um riso de escárnio.

— Ah, não... — Feliz, embora triste pra caramba, e categórica. — Ele foi um cavalo fenomenal — prosseguiu ela —, e é por isso que sua história é perfeita...



Nós não o amaríamos tanto hoje se ele tivesse vivido mais.

\*\*\*

Eles continuaram a longa caminhada pelo bairro, da Tulloch até a Cabine, até chegar a Bernborough — “Até a pista de atletismo tem nome de cavalo!” —, e Carey conhecia todos eles. Tinha na ponta da língua o histórico de cada cavalo, quantos palmos mediam, quanto pesavam, se eram ponteiros ou se corriam entre os últimos e só disparavam no fim. Na praça Peter Pan, ela contou a Clay como, na época, Peter Pan era tão amado quanto Phar Lap; era um alazão escandalosamente pretensioso. Na praça de paralelepípedos vazia, ela pôs a mão no nariz da estátua e olhou para Darby Munro. Contou a Clay que aquele cavalo tinha perdido uma corrida certa vez: mordeu o pobrezinho do Rogilla, um de seus maiores rivais, enquanto eles se embolavam no pelotão já perto de entrar na reta final.

Como não poderia deixar de ser, sua corrida preferida (assim como a de todos os puristas do turfe) era a Cox Plate, e ela citou os grandes nomes que a ganharam: o Esmagador de Ossos, O Santo e o colossal Explosão e Poder. O poderoso Kingston Town: três anos seguidos.

Quando, enfim, contou a história de Ted e O Espanhol — de como ele havia sorrido e chorado, chorado e sorrido —, já estavam no túnel Lonhro.

Às vezes imagino Clay ficando para trás, esperando, enquanto ela caminhava até o outro lado. Vejo as luzes avermelhadas, ouço os trens de passagem. Eu o imagino observando Carey, o movimento do corpo dela, como se fosse uma pincelada, o cabelo longo desenhando uma trilha castanho-avermelhada.

Mas então eu paro, me recomponho, e ele consegue alcançá-la com facilidade.

Depois disso, como você pode imaginar, os dois se tornaram inseparáveis.

A primeira vez que ela subiu no nosso telhado foi também a primeira vez que eles foram para as Cercanias, no dia em que ela conheceu todos nós, e também Aquiles, o Grande.

Estávamos no comecinho do ano, e ela já havia estabelecido a rotina de treinos.

Ennis McAndrew fazia tudo à sua maneira, e alguns treinadores o chamavam de incomum. Outros diziam coisas ainda piores — acusando-o de ser *humano*. Realmente, esse pessoal das corridas de cavalo era de outro mundo mesmo; como eles mesmos dizem: “Nós somos diferentes.”

Todos os dias, ela estava em Hennessey às quatro da manhã ou na Tricolor às cinco e meia.

Tinha aulas de hipismo e avaliações, mas ainda demoraria até montar de verdade, na pista. Segundo as palavras de Ennis, sempre com sua linguagem corporal de cabo de vassoura, não se deveria confundir paciência com moleza, ou proteção com protelação. Tinha suas próprias teorias a respeito dos treinos e do momento de promover um jóquei. Essas baías, dizia ele, estão precisando de uma boa limpeza.

Muitas vezes, à noite, ela e Clay davam uma volta pelo bairro; certo dia, caminharam até a via Epsom.

— Foi aqui que o encontramos — disse ele. — A ortografia do Sweeney era mesmo incrível.

Na volta, Carey conheceu Aquiles; sem dar um pio, ela e meu irmão passaram pela porta da frente e foram direto para o quintal. Clay já tinha combinado tudo

bem mais cedo com Tommy.

— Impressão minha — disse Henry — ou aquilo era uma garota?

Estavam esparramados no sofá vendo *Os Goonies*.

Até Rory ficou de queixo caído.

— Tá me dizendo que uma *mulher* acabou de entrar aqui em casa? Que merda é essa?

Todos correram para os fundos, e a menina, que escovava Aquiles, ergueu os olhos; ela se aproximou deles, cheia de dedos e meio nervosa.

— Desculpa, eu passei direto por vocês agora há pouco.

Ela olhou bem para cada um de nós.

— É um prazer conhecer vocês, até que enfim.

Nesse instante, Aquiles se enfiou na frente dela, como um parente indesejado. Ela acariciou a crina dele. A mula nos olhou com austeridade:

Não quero ninguém interrompendo. Ouviram, seus putos?

Aquilo foi *do cacete*.

\*\*\*

Nas Cercanias, aconteceram algumas mudanças:

A cama tinha sido desmembrada.

O móvel foi roubado e queimado; acho que umas crianças queriam fazer uma fogueira, o que, no fim das contas, veio a calhar para Clay.

Já o colchão, esse foi mais difícil de achar. Ao encontrá-lo, ele parou ao lado e ficou em silêncio, e a menina perguntou se poderia se sentar na pontinha.

— Claro — disse ele —, claro que pode.

— Então você está me dizendo que às vezes vem dormir aqui?

Ele poderia ter ficado na defensiva, mas concluiu que não tinha motivo para agir assim com ela.

— Aham — respondeu ele. — Venho, sim.

Carey pôs a mão no colchão, como se pudesse arrancar um pedaço, se quisesse. E se qualquer outra pessoa tivesse dito o que ela estava prestes a dizer não teria soado da maneira certa:

Ela abaixou a cabeça, encarando os próprios pés.

E falou:

— Essa é a coisa mais estranha e mais linda que já ouvi. — E então, talvez alguns minutos depois: — Hã... Clay. — Ele se virou para Carey. — Qual era o nome deles?

Então pareceu que um longo tempo tinha se passado, silencioso e tranquilo, na pontinha do colchão, e a escuridão já não estava mais tão distante.

— Penny e Michael Dunbar — respondeu Clay.

\*\*\*

No telhado, ele mostrou a ela onde gostava de se sentar, meio escondido pelas telhas, e Carey escutou com atenção enquanto observava a cidade. Viu todos aqueles pontinhos de luz.

— Olha lá — disse ela —, é Bernborough.

— E lá — completou ele, incapaz de se conter —, o cemitério. Podemos ir um dia... Se você quiser, claro. Posso te mostrar a lápide dela.

Puxá-la para dentro de sua tristeza fez com que Clay se sentisse culpado — mais do que já se sentia —, mas Carey, sempre receptiva, nem se deu conta. Ela agia como se conhecê-lo fosse uma espécie de privilégio — e estava certa; fico

feliz por ela ter feito isso.

\*\*\*

Houve momentos em que Clay se abriu tanto que seu peito se dilacerou — eram muitas as coisas que ele enterrava bem fundo, longe da superfície. Mas, com Carey, tudo aquilo jorrava para fora como uma enchente; ela via nele algo que ninguém mais conseguia ver.

Aconteceu naquela noite, no telhado.

— Ô Clay. — O olhar dela vagou pela cidade. — O que tem aí nesse bolso que você tanto mexe?

Nos meses seguintes, ela iria forçar a barra cedo demais.

\*\*\*

No fim de março, em Bernborough, eles disputaram uma corrida.

Carey correu os quatrocentos metros como se fosse uma garota que não se importava em correr e não se importava em sofrer por isso.

Clay perseguiu a silhueta sardenta.

Ficou observando as panturrilhas robustas dela.

Só quando passaram pela gaiola de lançamento de disco foi que ele chegou perto de alcançá-la, e ela falou:

— Nem pense em pegar leve comigo.

E ele obedeceu.

Fez a curva e acelerou; no fim, ambos estavam com o corpo dolorido, mãos nos joelhos, ofegantes. Os pulmões ardiam, esperançosos, e fizeram o que tinham que fazer.

Uma parelha de respirações incandescentes.

Então, ela se voltou para ele e disse:

— De novo?

— Não, acho que já deu pra nós dois.

Foi a primeira vez que a mão dela o buscou, seu braço se entrelaçando ao dele.

Se ao menos Carey soubesse como estava certa ao dizer:

— Graças a Deus, estou morrendo.

\*\*\*

Então abril chegou, e um dia de corrida também, o que ela vinha aguardando com ansiedade.

— Espera só até ver esse cavalo — disse ela, sobre, é claro, El Matador.

Ela amava observar os apostadores e os agentes de apostas, aqueles cinquentões perdulários, coçadores de saco com barba por fazer e fedendo a álcool. Havia ecossistemas inteiros em suas axilas. Ela os fitava com tristeza e afeto... Ali era o fim da linha para eles, em muitos sentidos.

A parte favorita de Carey era ficar bem na cerca, com a arquibancada às costas, enquanto os cavalos entravam na reta de chegada:

A grande curva tinha o som de uma avalanche.

Os gritos de homens desesperados.

— Vai, Quebra-Queixo, seu filho da mãe!

Era sempre uma onda de longa amplitude — de aplausos e vaias, amor e desengano, e muitos queixos caídos. As barrigas testavam ao máximo o limite das calças e dos paletós, que tentavam represar o ganho de peso. Cigarros em muitos ângulos.

— Vai que é tua, Falcatrual!

As vitórias eram virtuosas, veneradas. As derrotas viravam aprendizado.

— Vem — disse ela, naquele primeiro dia —, quero te apresentar a uma pessoa.

\*\*\*

Atrás das duas arquibancadas ficavam as cocheiras; corredores e mais corredores de baias, todas ocupadas por cavalos — esperando suas corridas ou se recuperando delas.

Na baia de número 38, lá estava ele, imenso, confiante. Uma placa digital dizia EL MATADOR, mas Carey o chamava de Wally. Lá estava também um cavaleiro, Petey Simms, que vestia calça jeans e uma camisa polo surrada, marcando com um cinto o limite entre as peças de roupa. Apontando para cima, na plataforma de seu lábio, havia um cigarro. Ele sorriu ao ver a menina.

— Fala aí, pequena.

— Oi, Pete.

Clay deu uma bela olhada no cavalo: era um castanho de pelo brilhoso, com um caminho branco, como uma fenda, cortando sua fronte. Espantava as moscas tremelicando as orelhas; era macio, mas cheio de veias protuberantes. Suas pernas eram trincadas como galhos. A crina era aparada bem baixinho, um pouco mais curta do que a maioria, porque, por algum motivo, ele pegava muito mais sujeira do que qualquer outro cavalo da cocheira. “Até a poeira ama esse cara!”, dizia Pete.

O cavalo só piscou quando Clay se aproximou, com olhos imensos e profundos, dotados de uma gentileza equina.

— Vai sem medo, garoto — disse Pete. — Faz um carinho no grandão.

Clay olhou para Carey, como se pedindo permissão.

— Vai em frente — disse ela.

Ela foi antes e acariciou o cavalo, mostrando a Clay que não precisava ter medo; até encostar no bicho era intimidante.

— Esse filho da mãe ama a pequena, cara — disse Pete.

Era diferente de fazer carinho no Aquiles.

\*\*\*

— Como vai o nosso grandalhão?

A voz que irrompeu de trás era áspera como o deserto. McAndrew.

Terno escuro, camisa clara.

A mesma gravata que usava desde a Era do Bronze.

Pete não disse nada, porque sabia que o velho não queria uma resposta; estava falando consigo mesmo. Ele entrou na baia e correu as mãos pelo tronco do cavalo, depois se abaixou para inspecionar os cascos.

— Firmeza.

Levantou-se e olhou para Carey, depois para Clay.

— E esse aí, quem é?

A garota respondeu, meiga mas destemida:

— McAndrew, este é o Clay Dunbar.

O homem sorriu um sorriso de espantalho, deixando algo no ar.

— Bem, crianças — disse ele —, é melhor vocês se divertirem agora, enquanto podem. Porque, ano que vem... — Sua voz estava mais austera, e ele apontou para Carey: — Ano que vem, ele roda. Você vai ter que se livrar do peso morto.

Clay nunca se esqueceria dessas palavras.



\*\*\*

A reunião daquele dia era do Grupo Dois; a prova, Plymouth. Para a maior parte dos cavalos, um páreo no Grupo Dois era uma oportunidade e tanto; para El Matador, era só um aquecimento. A cotação dele era de dois para um.

As cores dele eram preto e ouro.

Farda preta. Braçadeiras douradas.

Clay e Carey se sentaram na arquibancada, e pela primeira vez o dia inteiro ela se mostrou nervosa. Quando o jóquei montou, ela olhou para o padoque e viu Pete acenando, chamando — estava ao lado de McAndrew, na cerca. A garota e Clay atravessaram a multidão.

Quando os portões se abriram, Clay reparou que McAndrew contorcia as mãos. Mirando os próprios sapatos, perguntou:

— Posição?

— Antepenúltimo — respondeu Pete.

— Bom. — Próxima pergunta. — Líder?

— Kansas City.

— Porra! Esse bicho é lerdo. Então a corrida está morosa.

Informações logo confirmadas pelo locutor:

“Kansas City tomando a ponta, Copo Meio Cheio aparece em segundo, livrando um corpo para Madeira Azul em terceiro...”

McAndrew de novo.

— Como ele está?

— Tá manhoso, brigando com o garoto.

— Jóquei de merda!

— Calma, o garoto tá segurando bem.

— Acho bom, cacete.

Entrando pela grande curva, já não havia motivo para se preocupar.

“Lá. Vem. El Matador!”

(O locutor era fã de uma pontuação dramática.)

E, simples assim, o cavalo assumiu a ponta. Abriu vantagem. Aumentou a distância. O cavaleiro, Errol Barnaby, brilhava no alto da sela.

O alívio no rosto do velho McAndrew.

Pete, com um cigarro na boca, mais brasa do que filtro, perguntou:

— Acha que ele está pronto para a Dama?

A resposta de McAndrew foi fazer uma careta e ir embora.

A nota final, contudo, veio de Carey.

Ela havia botado um pule de um dólar e deu o prêmio para Clay — que o gastou muito bem no caminho de casa:

Dois dólares e uns trocados.

Batata frita bem salgadinha.

\*\*\*

No fim das contas, aquele seria o último ano em que El Matador correria e venceria todos os páreos de que participasse — exceto aqueles que importavam.

Os do Grupo Um.

Em todas as corridas do Grupo Um, ele enfrentou uma das maiores montarias de seu tempo (e de todos os tempos); ela era imensa e retinta e majestosa, e o país inteiro estava apaixonado por ela. Diziam que ela era *tudo e mais um pouco* e figurava no mesmo rol que os maiores:

Kingston Town e Lonhro.

Black Caviar e Phar Lap.

Seu apelido era Jackie.

Na baliza, ela era Dama de Copas.

\*\*\*

Claro que El Matador era um cavalo excepcional, mas só conseguia ser comparado a um deles: um baio chamado Hay List, que era um dínamo, mas perdeu todas contra Black Caviar.

Para Ennis McAndrew e o proprietário, não restava saída. O Grupo Um tinha um número limitado de reuniões com a distância ideal, e Dama de Copas sempre estaria nelas. Ela nunca tinha sido derrotada, e jamais seria. Livrava cinco ou seis corpos para o segundo colocado — dois, se o cavaleiro a conduzisse com tranquilidade. De El Matador ela vencia só com um corpo de vantagem e uma única vez aconteceu de vencê-lo por apenas meia cabeça.

Suas cores eram como uma carta de baralho:

Branco com corações vermelhos e pretos.

Frente a frente, ela fazia El Matador parecer um moleque, ou, na melhor das hipóteses, um juvenzinho destrambelhado; tinha o pelo do castanho mais escuro que se pode imaginar, chegando quase a passar por preto.

Na TV, viam-se os closes nos boxes.

Ela parecia se elevar acima dos demais cavalos.

Sempre alerta, de prontidão.

Então vinha a largada, e ela despontava.

\*\*\*

Na segunda vez em que correram no mesmo páreo, no T. J. Smith, ele quase ganhou dela. O jóquei acelerou El Matador bem antes da entrada da grande curva, tomando brilhantemente a ponta. Mas Dama de Copas acabou botando o rival no bolso. Em cinco ou seis passadas imensas, assumiu a dianteira e chegou na frente.

De volta à cocheira, uma multidão gigantesca cercava a baia catorze. Lá dentro estava Jackie, a Dama de Copas.

Na baia quarenta e dois, havia apenas alguns entusiastas, e Pete Simms e Carey. E Clay.

A menina acariciou a faixa na fronte dele.

— Ótima corrida, garoto.

Pete concordou, acrescentando:

— Achei que ele ia levar dessa vez... mas aquela égua não é fácil, vou te contar.

No meio do caminho, lá pela baia vinte e oito, os dois treinadores ficaram frente a frente e trocaram um aperto de mãos. Conversaram sem se olharem nos olhos.

Por algum motivo, Clay gostava daquela parte. Mais até do que da corrida, na verdade.

\*\*\*

No meio do inverno, o cavalo foi aposentado depois de perder mais uma vez para sua eterna rival; foi um massacre total — ela abriu quatro corpos.

Ele, por sua vez, mal encabeçou o restante do pelotão. Aquela corrida eles viram na televisão do Naked Arms, que transmitia ao vivo pela TV a cabo. A

reunião foi em Queensland.

— Tadinho do velho Wally — lamentou ela, então chamou o bartender, um cara que se chamava Scotty Bils. — Amigo, que tal trazer umas cervejinhas pra gente afogar as mágoas?

— Afogar as mágoas? — Ele abriu um sorriso. — Mas ela ganhou! Além do mais, vocês são menores de idade.

Carey ficou ultrajada. Com o primeiro comentário, não o segundo.

— Vem, Clay, vamos embora.

Mas então o bartender olhou para a menina, depois para Clay; àquela altura, tanto Scotty Bils quanto o menino estavam mais velhos, e Scotty sentia que o conhecia de algum lugar, embora não conseguisse se lembrar de onde.

Quando ele se deu conta, os dois já estavam à porta.

— Ei! — chamou ele. — É você, não é? Você é um deles... Um dos que vieram aqui uns anos atrás... né?

— Um deles quem? — perguntou Carey.

— Sete cervejas! — gritou Scotty Bils, que quase não tinha mais cabelo.

Clay voltou para falar com ele.

— Ela disse que aquelas cervejas estavam muito boas.

\*\*\*

E o que foi que eu disse antes?

Carey Novac tinha o dom de fazer você contar as coisas, embora Clay fosse duro na queda. Do lado de fora, ele se recostou na fachada junto com ela. Estavam muito próximos, os braços roçando um no do outro.

— Sete cervejas? Do que aquele cara estava falando?

Clay estava com a mão enfiada no bolso.

— Por que toda vez que você fica desconfortável com alguma coisa você enfia a mão no bolso e segura... o que quer que seja que tem aí dentro?

Ela estava de frente para ele, encurralando-o.

— Não é nada.

— É sim que eu sei — insistiu ela.

Decidiu se arriscar e tentou pôr a mão.

— Para com isso — pediu ele.

— Ah, qual é!

Ela riu e, enquanto os dedos se aproximavam do bolso, a outra mão foi para as costelas de Clay, e é sempre um momento terrível e tenso quando um rosto se inflama e se transfigura; ele se desvencilhou e a empurrou para longe.

— PARA!

O grito de um animal acuado.

Carey cambaleou para trás e tropeçou, apoiando uma das mãos no chão para não se estatelar, mas recusou ajuda para se levantar. Ela se sentou, as costas na parede, os joelhos grudados no peito.

Ele tentou falar.

— Desculpa, eu...

— Não. Para. — Seus olhos em brasa fuzilaram o garoto. — Não começa, Clay.

— Estava magoada e queria magoá-lo também. — O que você tem, hein? Caramba! Por que você é sempre assim, um...

— Um o quê? *O quê?*

Um maluco do cacete.

Ah, o vernáculo dos jovens.

Cada palavra uma ferida aberta.

\*\*\*

Depois disso, eles devem ter passado uma hora sentados ali, e Clay ficou se perguntando qual seria a melhor maneira de consertar a situação — se é que teria conserto; o gosto amargo do conflito descendo pela garganta.

Tirou o pregador do bolso e, com delicadeza, apoiou na perna dela.

— Vou te contar tudo — disse ele, baixinho. — Tudo que eu puder, menos isso.

Ambos observaram o objeto.

— As sete cervejas, todos os apelidos dela... O pai dela, que tinha o bigode igualzinho ao do Stálin. Ela dizia que o bigode estava sempre acampado no rosto dele.

Carey deu uma risadinha, bem de leve; sorriu.

— Foi assim que ela descreveu pra mim, um dia... — E a voz dele foi virando um sussurro. — Só não conto do pregador. Ainda não.

A única chance de Clay conviver consigo mesmo era saber que, no fim das contas, contaria aquela história a ela — quando chegasse a hora de Carey deixá-lo para trás.

— Está bem, Clay. Vou ficar esperando.

Ela se levantou e o ajudou a se levantar; o perdão dela vinha junto com a persistência.

— Então, por enquanto, me conta o resto. — Falou de um jeito como se poucos dissessem isso. — Me conta tudo sobre todas as coisas.

\*\*\*

E foi isso que ele fez.

Contou tudo que eu já contei até agora, e muito do que ainda está por vir — só não falou de certo varal no quintal, e Carey fez o que mais ninguém seria capaz de fazer: viu aquilo que, por algum motivo, ele era incapaz de ver.

Quando foram ao cemitério depois disso, debruçados na cerca, ela deu a Clay um pedacinho de papel.

— Fiquei pensando — disse Carey, enquanto o sol se afastava — na mulher que terminou com o seu pai... e no livro que ela levou quando foi embora.

Suas sardas eram quinze coordenadas, com uma última na base do pescoço — porque ali, naquele papel amassado, havia um nome e vários números, e o nome que ela tinha escrito era HANLEY.

— Achei seis Hanleys na lista telefônica — disse ela.



## a corredeira

ELE ACORDOU.

Estava suando.

Emergiu das profundezas dos lençóis.

Depois que contou a verdade a McAndrew, e a Ted e Catherine Novac, lhe restava uma última e insistente questão.

Teria confessado apenas para aliviar a culpa que sentia?

Mas nem em seus momentos mais sombrios acreditava nisso; confessara porque era o que tinha que ser feito.

Eles mereciam saber o que tinha acontecido.

\*\*\*

Naquela noite, muitos dias depois, ele acordou e sentiu a garota ali:

Deitada em seu peito.

É um sonho, eu sei que é um sonho.

O poder da imaginação a mandou até ele.

Com cheiro de cavalos e morte, mas também viva, real; Clay sabia disso porque Carey estava morna. Imóvel, mas ele sentia a respiração dela.

— Carey — chamou, e ela atendeu.

Levantou-se, sonolenta, e sentou-se ao lado dele. Jeans e antebraços brilhando, como no primeiro dia em que conheceu aquele lugar.

— É você — disse ele.

— Sou eu... — Mas virou as costas. Ele fez menção de tocar o cabelo avermelhado dela. — Estou aqui porque você me matou.

Ele afundou em um redemoinho de lençóis.

Na cama, mas preso em uma corredeira.

\*\*\*

Depois disso, voltou a correr, de manhã, antes de ir trabalhar comigo. A teoria dele era perfeitamente lógica; quanto mais corria e menos comia, maiores as chances de, talvez, vê-la de novo.

O único problema era que não funcionava.

— Ela morreu.

Dizia ele, baixinho.

\*\*\*

Às vezes, à noite, ele andava até o cemitério.

Agarrava a cerca entre os dedos.

Desejava reencontrar aquela mulher, lá do começo, lá de trás — aquela que lhe pedira uma tulipa.

Onde está?, quase perguntou.

Onde se meteu agora que eu preciso de você?

Ele queria olhar bem para aquele vinco dela, para aquela ruga acima das sobrancelhas.

\*\*\*

Em vez disso, correu para Bernborough.

E foi o que fez todas as noites.

No fim, uns bons meses se passaram até que, certo dia, ele parou no meio da pista à meia-noite. O vento forte soltava um lamento. Era noite sem lua. Só havia a luz dos postes. E Clay ficou ali, perto da linha de chegada, depois se virou para o mato alto.

Por um momento, enfiou o braço; a vegetação estava gelada e hostil. Por um momento, ouviu uma voz. A voz vinda lá de dentro claramente chamou “Clay”. Por um momento, ele quis acreditar, então respondeu “Carey?”, mas sabia que não deveria entrar.

Não se moveu, apenas repetiu o nome dela — por horas e horas, até o sol nascer, constatando que não tinha volta. Ele viveria assim e morreria assim, sem o sol jamais nascer dentro dele de novo.

— Carey — sussurrou —, Carey.

E o vento açoitava à sua volta, até finalmente morrer.

— Carey — sussurrou, o desespero crescendo em sua última vã tentativa.

— Carey — murmurou ele —, Penny.

E alguém ali escutou.

## a garota do programa de auditório

NO PASSADO, DURANTE o ano que dedicaram àquela amizade, houve um tempo em que foi fácil ser Carey e Clay, que viviam juntos e estabeleceram uma relação de parceria. Mas eram tantos momentos... Às vezes ele tinha que parar e lembrar a si mesmo:

Ele não deveria se entregar tanto a uma paixão dessas.

Como se sentir merecedor?

Não, não era exagero afirmar que eles se amavam, nos telhados, nos parques, até mesmo nos cemitérios. Caminhavam pelas ruas do bairro, tinham quinze e dezesseis anos; se tocavam, mas nunca se beijavam.

A menina era boa e seu olhar emanava uma luz verde:

Carey Novac dos olhos cintilantes.

O menino era o menino dos olhos em chamas.

Eles se amavam quase feito irmãos.

\*\*\*

No dia da lista telefônica, eles ligaram para cada um dos nomes, de cima para baixo.

Não havia nenhum nome começando com A, então decidiram ligar para todos, torcendo para topar com um parente.

Acertaram na quarta tentativa.

O cara se chamava Patrick Hanley.

— Quê? Quem? *Abbey*? — disse ele.

Era a vez de Carey falar, pois estavam se alternando a cada nome, e ela ficou com o segundo e o quarto, depois de forçar Clay a ir primeiro. Ambos dividiam o fone, e, pelo tom de suspeita na voz do homem, souberam na hora que haviam encontrado. Os outros ficavam totalmente perdidos. Carey disse que estavam procurando uma mulher de um lugar chamado Featherton. No entanto, do outro lado da linha, desligaram.

— Então acho que a gente vai ter que ir lá — disse e procurou, outra vez, o endereço. — Fica na travessa Ernst, em Edensor Park.

\*\*\*

Estavam em julho, e ela teve uma folga no domingo.

Pegaram trem e ônibus.

Passaram por um descampado e uma ciclovia.

A casa ficava em uma esquina, na calçada à direita de uma rua sem saída.

À porta, ele os reconheceu no mesmo instante.

Eles o encararam, parado ao lado da parede de tijolinhos.

De cabelo escuro e camisa preta, tinha um bigode que mais parecia um arco preso acima dos lábios.

— Uau! — soltou Carey Novac, antes mesmo de se dar conta do que fazia. — Olha o tamanho desse bigode!

Patrick Hanley nem se abalou.

Quando Clay tomou coragem e falou, suas perguntas foram respondidas com outra:

— Que diabo você quer com a minha irmã?

Mas então o homem deu uma boa olhada no garoto; e ele era muito parecido com *ele* — Clay percebeu o instante em que sua atitude mudou. Será que Patrick estava se lembrando de Michael, não apenas como o homem com quem Abbey se casara, mas também como o menino com quem ela andava para cima e para baixo na cidade?

O clima ficou mais amigável, e seguiram-se as apresentações.

— Essa é Carey — disse Clay —, e eu sou Clay...

Patrick Hanley se aproximou e disse, sem cerimônia:

— Clay Dunbar.

Mas a fala os atingiu em cheio.

Pois tinha sido uma afirmação, não uma pergunta.

\*\*\*

Ela morava em um prédio belíssimo:

Várias janelas iluminadas em um Golias de concreto — algo que só o capitalismo poderia proporcionar—, e eles foram até lá umas semanas depois (quando Carey teve outra folga), em uma tarde de agosto. Ficaram ali parados, debaixo daquela sombra intimidadora.

— Esse negócio vai até o céu — comentou Carey; como de costume, seu cabelo estava solto, e as sardas pequeninas e rubras de seu rosto pareciam tensas. — Está pronto?

— Não.

— Ah, fala sério. Olha só pra você!

Ela encaixou o braço no dele, e os dois juntos poderiam muito bem ser

Michael e Abbey.

Ele continuou imóvel.

— O que tem pra ver em mim?

— Você!

Como sempre, ela estava de jeans, e dos mais surrados. A camisa de flanela desbotada. Um casaco preto, meio aberto.

Diante do interfone, ela o abraçou.

— Se eu morasse num lugar como esse, também não ia querer o meu nome na lista telefônica — disse ela.

— Acho que é a primeira vez que você me vê de camisa de botão.

— Pois é! — Ela puxou Clay para mais perto. — Tá vendo só? Eu bem que disse. Você está pronto.

Ele apertou o 182.

\*\*\*

No elevador, os pés não paravam quietos, ele estava quase vomitando de tão nervoso, mas, quando chegou ao corredor, já se sentia melhor. O ambiente era branco, com debruns em azul-escuro. E o fim do corredor oferecia a vista mais incrível da cidade. A impressão era de que, se esticassem a mão, tocariam na paisagem de prédios rodeada por água salgada.

À direita, via-se a Ópera de Sydney.

À esquerda, seu constante oponente.

O olhar deles partiu das velas e foi até a ponte Coathanger.

Atrás deles, uma voz ressoou.

— Meu Deus do céu.

Seus olhos de fumaça eram amáveis.

— Você é igualzinho a ele.

\*\*\*

Lá dentro, era a casa de uma mulher.

Não morava homem nem criança.

Percebia-se só de olhar.

Diante daquela que tinha sido Abbey Dunbar, dava para ver que ela era, e sempre havia sido, linda. Dava para notar que tinha um belo cabelo, roupas incríveis e era atraente em todos os aspectos — mas, mesmo com tudo isso, o amor e a lealdade falavam mais alto: ela não chegava aos pés de Penélope. Nem de longe.

— Querem beber alguma coisa? — perguntou.

— Não, valeu — responderam os dois ao mesmo tempo.

— Chá? Café?

Sim, os olhos cinzentos dela eram majestosos.

O cabelo curtinho era digno de uma artista de TV, com um corte majestoso. E não era necessário muito esforço para enxergar outra vez aquela menina, magricela como um bezerro.

— Que tal uma cervejinha? — sugeriu Carey, numa tentativa de aliviar o clima.

Sentiu que precisava bancar a espertinha com Abbey.

— Engraçadinha. — A mulher sorriu, a versão mais velha, e até as calças que vestia eram perfeitas. Além da camiseta impagável. — Gosto mais de você com a boca fechada.



\*\*\*

Quando me contou isso, Clay disse uma coisa muito engraçada.

Que a TV estava ligada ao fundo, passando um programa de auditório. Antigamente ela adorava *Jeannie É Um Gênio*, mas, pelo visto, depois de tantos anos as coisas tinham mudado. Ele não identificou qual era o programa, mas estavam apresentando os concorrentes. Um deles se chamava Steve, e Steve era um programador que, no tempo livre, gostava de jogar tênis e voar de parapente. Adorava ler e fazer atividades ao ar livre.

Quando todos já haviam se sentado e Carey estava mais calma, jogaram um pouco de conversa fora, falaram sobre escola e trabalho, sobre Carey e seu trabalho como aprendiz de joqueta, mas quem falava era Clay.

Abbey contou sobre o pai dele — um garoto encantador que vivia passeando com o cachorro por Featherton.

— Lua — disse Carey Novac em voz baixa, quase como se falasse consigo mesma.

Tanto Clay quanto Abbey sorriram.

Quando Carey voltou a falar em um tom normal, foi para fazer uma pergunta espinhosa.

— Você chegou a se casar de novo?

Abbey respondeu:

— Agora sim, bem melhor. Sim. Casei.

Enquanto Clay olhava para Carey, pensando “Graças a Deus você está aqui”, sentiu-se ofuscado pela luz. Aquele lugar era tão claro! O sol entrava direto pelas janelas, iluminando o sofá moderno, o forno imenso e até a cafeteira, como se

fossem objetos sagrados — mas ele sabia que não haveria um piano ali. Novamente, ele viu que, por mais que fosse tudo, ela não era nada. Ele era leal e resistiria firme e forte.

Quanto a Abbey, ela desviou o olhar, com a xícara de café aninhada nas mãos.

— Eu voltei a me casar, sim... duas vezes. — Então, de maneira abrupta, como se não suportasse mais esperar, disse: — Venha, quero mostrar uma coisa a você. Vem, vem comigo, eu não mordo — acrescentou quando viu que Clay hesitou, pois queria levá-lo ao quarto. — Aqui...

E por mais que ela não mordesse... Ali, atrás da cama, em um pequeno trecho da parede, Clay viu algo que lhe causou um tremendo aperto no coração e depois o arrancou devagarinho do peito:

Algo tão suave e singelo, em uma moldura prateada toda arranhada.

Um desenho das mãos de Abbey.

Um esboço tão simples e singelo quanto um desenho de palitinho, porém mais delicado.

Como palitinhos, porém macios; dava para se deitar naquelas linhas.

— Acho que ele tinha uns dezessete anos quando desenhou isso — contou ela.

E pela primeira vez Clay olhou para ela: viu o que havia sob a superfície, enxergando outra beleza.

— Obrigado por me mostrar isso — disse ele.

Abbey quis aproveitar a oportunidade. Talvez não soubesse nada sobre Clay e Penny, e cinco irmãos, e barulho e caos, e brigas envolvendo o piano, e morte. Mas havia um menino ali, na sua frente, e ela pretendia fazer aquilo valer a pena.

— Não sei nem como te falar isso, Clay — disse Abbey, entre o garoto e a garota. — Poderia dizer que sinto muito, que fui muito burra... mas aqui está você,

e agora eu vejo. — Por um momento, ela olhou para Carey e perguntou: — Ele é um garoto encantador, não é?

E Carey, é claro, olhou para ela, depois para Clay. A ansiedade nas sardas tinha desaparecido. Um sorriso que lembrava o mar. E é claro que ela respondeu:

— É claro que é.

— Foi o que pensei — disse Abbey Hanley, e em sua voz havia arrependimento, mas nenhuma autopiedade. — Acho que deixar o seu pai — prosseguiu — foi mesmo o meu melhor erro.

\*\*\*

Depois disso, acabaram tomando o chá — não tinham como recusar —, e Abbey tomou mais café e contou um pouco de sua própria história; ela trabalhava em um banco.

— É tudo chato pra burro — disse ela.

Clay sentiu o baque.

E comentou:

— Dois dos meus irmãos sempre dizem exatamente isso quando querem reclamar dos filmes do Matthew.

Os olhos cinzentos dela se arregalaram de leve.

— Mas *quantos* irmãos você tem?

— Somos cinco no total — respondeu ele —, e temos cinco bichos, contando o Aquiles.

— Aquiles?

— A mula.

— *Mula?*

Àquela altura, ele estava começando a relaxar, e quem falou, de repente, foi Carey:

— Você nunca vai conhecer uma família como essa.

E talvez aquilo pudesse ter magoado Abbey — a vida que ela jamais viveria —, e talvez tudo pudesse ter degradingolado a partir daí, então nenhum deles resolveu arriscar. Não falaram de Penny e Michael, e no fim foi Abbey quem pôs a xícara na mesa, dizendo, com afeto genuíno:

— Olha só pra vocês, garotos.

Balançou a cabeça, rindo sozinha.

Vocês me fazem lembrar do tempo em que estive com ele.

Foi o que ela pensou — ele notou —, mas não falou.

— Acho que sei por que você veio aqui, Clay — declarou ela.

Saiu da sala e, quando voltou, trazia *O marmoreiro*.

Tinha uma cor bronze desbotada, e a lombada estava toda rachada, mas a idade só o deixava mais interessante. Lá fora, já escurecia; ela acendeu as luzes da cozinha e pegou uma faca na parede ao lado da chaleira.

Na mesa, com muito cuidado, ela fez um corte bem rente à costura da lombada para extrair a primeira página: aquela que trazia a biografia do autor. Então, fechou o livro e o entregou a Clay.

Quanto à página em si, mostrou a eles, dizendo:

— Espero que não se incomodem, mas vou ficar com esta aqui. *Amo, e amo, e amo...* Ai, ai... — Mas seu tom era melancólico, não petulante. — Acho que eu sempre soube... Ele nunca foi para ser meu.

Na hora de irem embora, ela os levou até a porta, e os três pararam em frente aos elevadores. Clay fez menção de apertar a mão, mas ela se recusou, retrucando:

— Vem cá, me dá um abraço.

A sensação de abraçá-la foi bem peculiar.

Ela era mais suave do que parecia, e mais quente.

Ele jamais seria capaz de expressar sua gratidão, pelo livro e pelo toque dos braços dela. Sabia que nunca mais voltaria a vê-la, que não haveria mais nada a ser dito. Pela fresta derradeira, antes de as portas do elevador se fecharem por completo, ela abriu um sorriso.

## a última carta

ELE NUNCA MAIS voltaria a ver Abbey.

Clay, obviamente, estava errado.

Um dia, na maré do passado...

Ah, que se foda...

Então, no funeral de Carey Novac, quando estávamos sentados no fundo da igreja, Clay se enganou ao achar que ninguém havia reparado nele; pois, entre os que choravam pela perda, o pessoal do turfe e as personalidades, também havia uma mulher. Tinha olhos de fumaça doce, roupas caras e um corte de cabelo majestoso.

*Querido Clay,*

*Eu sinto muito, por inúmeros motivos.*

*Já deveria ter escrito esta carta há muito tempo.*

*Sinto muito pelo que aconteceu com a Carey.*

*Num instante, eu estava dando bronca pelos comentários atrevidos e, quando dei por mim, ela estava me dizendo o nome do cachorro dele... e num piscar de olhos (mesmo que tenha se passado mais de um ano), lá estavam todas aquelas pessoas na igreja. E eu, no meio da multidão parada na porta, vi você com seus irmãos lá no fundo.*

*Por um momento, quase fui falar com você. Agora me arrependo de não ter ido.*

*Naquele dia, quando nos conhecemos, eu deveria ter dito que vocês me lembravam Michael e eu. Não desgrudavam um do outro um instante. Percebi que estavam se protegendo de mim e de qualquer coisa que pudesse fazer mal a ela. Você estava tão arrasado naquela igreja... Espero que esteja bem.*

*Não vou perguntar onde estava a sua mãe ou o seu pai, porque sei bem que tem coisas que a gente prefere manter em segredo, principalmente dos mais velhos.*

*Não se sinta na obrigação de me responder.  
Não vou dizer que você deveria seguir em frente como ela gostaria que você  
fizesse, mas talvez você deva fazer o que tem que ser feito.  
Só acho que, de uma forma ou de outra, sua vida continua.  
Sinto muito se eu estiver me intrometendo demais; se for o caso, por favor, me  
perdoe.*

*Cordialmente,  
Abbey Hanley*

A carta chegou uns dias depois de Bernborough, naquela vez em que ele ficou na pista até o amanhecer. Foi entregue por ela mesma. Não tinha selo nem endereço. Apenas um *Clay Dunbar*, deixada na caixa de correio.

\*\*\*

Passada uma semana, ele atravessou a pé o bairro, e a cidade, até chegar à casa dela. Recusou-se a tocar o interfone. Esperou um morador sair e se esgueirou para dentro antes que a porta se fechasse. Pegou o elevador para o décimo oitavo andar.

Empacou na frente do apartamento dela e levou um bom tempo para bater à porta — e, quando o fez, foi bem de leve. Ficou surpreso quando ela abriu.

Assim como da outra vez, ela se mostrou gentil e impecável, mas seu rosto foi logo dominado pela preocupação. O cabelo e aquela luz... Eles eram letais.

— Clay? — disse ela, chegando mais perto; mesmo triste, continuava linda. — Meu Deus, Clay, você está tão magro...

Ele precisou se valer de toda a sua força de vontade para não abraçá-la de novo, para não se deixar envolver pela calidez da porta de sua casa. Mas foi firme. Não podia se render de jeito nenhum. Estava ali para falar com ela, e nada além

disso.

— Vou fazer o que você disse na carta — declarou ele. — Vou fazer o que tem que ser feito... Vou lá e vou terminar aquela ponte.

A voz dele estava tão seca quanto o leito do rio, e Abbey viu que tinha feito a coisa certa. Não perguntou o que ele queria dizer com “aquela ponte” nem se ele queria contar mais alguma coisa.

Ele chegou a abrir a boca, como se fosse continuar, mas então vacilou, e seus olhos ficaram marejados. Em um ataque de fúria, esfregou a cara para enxugar as lágrimas; e Abbey Hanley resolveu arriscar; fez uma aposta dupla, jogou para o alto o medo de cruzar os limites, não quis saber do lugar que lhe cabia naquela bagunça toda. Fez o que já tinha feito antes:

Encostou dois dedos nos lábios, beijou e depois levou-os até a bochecha dele.

Naquele instante, Clay sentiu vontade de contar a ela sobre Penny, Michael e tudo que acontecera com todos nós — e tudo que acontecera com *ele*. Sim, ele quis contar tudo a ela, mas, dessa vez, só apertou a mão dela; depois pegou o elevador e correu.



# **el matador**

## **VS.**

# **dama de copas**

EIS QUE, MAIS uma vez, a história se fez.

Depois que conheceu Abbey Hanley na companhia de Carey, depois que ela arrancou a primeira página de *O marmoreiro*, eles não tinham como saber o significado que isso teria. Primeiro foi apenas um marco; o começo de outro início, enquanto os meses voavam.

Na primavera, eles estavam de volta:

El Matador e a Dama de Copas.

No verão, havia a aflição da espera, pois Carey já tinha sido avisada:

Teria que cortar o peso morto, e Clay a faria se comprometer. Traçaria um plano.

\*\*\*

Enquanto isso, como você já deve ter adivinhado a essa altura, a única constante — a coisa que mais amavam — era o livro sobre Michelangelo, que ela chamava carinhosamente de o escultor, ou o artista, ou o favorito dele: o quarto Buonarroti.

Eles se deitavam nas Cercanias.

Ficavam lendo, capítulo por capítulo.

Levavam lanternas e pilhas de reserva.

Ela deixou uma lona de plástico ali para cobrir o colchão desbotado, e, quando iam embora, cobriam a cama, prendendo as pontas debaixo do colchão. Voltavam para casa de braços dados, os quadris se esbarrando.

\*\*\*

Em novembro, a história se repetiu.

A Dama de Copas era simplesmente imbatível.

El Matador deu tudo de si nas duas vezes em que voltaram a correr o mesmo páreo, mas acabou se cansando. Restava uma chance; ainda havia a corrida final do Grupo Um a ser disputada na cidade, no começo de dezembro, e Ennis McAndrew estava preparando El Matador. Disse que o potro se cansara porque ainda não estava pronto; mas aquela era a oportunidade de que ele precisava. Tinha um nome estranho — não era copa, taça, clássico grande prêmio, mas uma corrida chamada Desfile de Sant’Ana. Seria a última corrida de El Matador. O quinto páreo em Royal Hennessey. Dia 11 de dezembro.

\*\*\*

Naquele dia, fizeram o que ela gostava de fazer.

Apostaram um dólar em El Matador.

Carey pediu a um desocupado que fizesse o jogo para ela.

O cara se prontificou, mas os alertou, rindo:

— Você sabe que ele não tem chance, né? A Dama de Copas está no páreo.

— E daí?

— E daí que ele nunca vai ganhar.

— Falavam a mesma coisa do Kingston Town.

— O El Matador não é nenhum Kingston Town.

Ela se irritou.

— Olha, não sei nem por que tô falando com *você*. Quantas vitórias você teve recentemente?

Ele riu de novo.

— Não muitas.

E coçou as bochechas, cobertas de costeletas.

— Foi o que pensei. Você não tem nem a capacidade de mentir. Mas olha... —

Ela sorriu. — Obrigada por fazer a aposta, tá?

— De nada. — E quando foi cada um para um lado, ele os chamou mais uma vez. — Nossa, acho que você me convenceu!

\*\*\*

O público da tarde era o maior que já tinham visto, pois a Dama de Copas também estava se despedindo: ia para uma temporada de corridas do outro lado do oceano.

Quase não sobrou lugar na arquibancada, porém encontraram dois lugares e assistiram às voltas de Petey Simms no padoque. McAndrew, claro, parecia zangado. Mas fazia parte do trabalho dele.

Antes do salto, ela segurou a mão dele.

Ele olhou para o horizonte e disse:

— Boa sorte.

Ela apertou a mão dele com força e soltou — pois, quando os cavalos deram a

largada naquele dia, o público ficou de pé; todo mundo berrava, e uma mudança se deu.

Os cavalos cruzaram o disco, e havia algo errado.

Quando a Dama de Copas abriu uma frente, El Matador, preto e dourado, disputou o páreo, galope a galope, ao lado dela — o que não era pouca coisa, pois a cavalgada da égua era muito mais larga que a dele. Ela acelerava, mas El Matador se mantinha na briga.

A arquibancada ficou desesperada.

Todos berravam, um som gutural, de terror, pela Dama. Aquilo não podia ser verdade, não podia.

Mas era.

Cruzaram a linha juntos, os focinhos lado a lado.

A julgar pela cena, El Matador tinha conseguido, e pelo barulho também — pois um silêncio se instaurou no público.

Ela olhou para ele.

Pegou na mão dele.

As sardas quase explodiram.

Ele venceu.

Ela pensou, mas não falou nada, e ainda bem que não falou, porque aquela havia sido a melhor corrida que já tinham visto ou vivenciado da arquibancada, e eles sabiam, tinha um quê de poesia nesse pensamento.

Tão perto, tão perto, mas não.

A foto provava:

A Dama de Copas venceu por uma narina.

\*\*\*

— Por uma narina! Porra, uma narina! — lamentou Petey, mais tarde, nos confins das baías.

Mas McAndrew estava sorrindo.

Quando viu Carey toda chateada e abatida, aproximou-se e a observou. Na verdade, foi quase uma avaliação. Só faltou dar uma olhada nos meus cascos, pensou ela.

— Mas que diabo aconteceu com *you*? O cavalo ainda tá vivo, não tá?

— Ele devia ter ganhado.

— Devia nada... Nunca vimos nada igual a esse páreo. — E fez com que ela olhasse para ele, no fundo de seus olhos azuis, olhos de espantalho. — Deixa, que um dia você vence um páreo de Grupo Um com ele, tá bom?

O início de uma singela felicidade.

— Tá bom, sr. McAndrew.

\*\*\*

A partir dali, Carey Novac, a garota do hipódromo Gallery, daria início ao aprendizado, de corpo e alma. Começou no dia primeiro de janeiro.

Basicamente, ela passou a trabalhar dia e noite.

Não sobrava tempo para nada nem ninguém.

Ela montava, praticava a largada do boxe e, por dentro, implorava por corridas. Logo de cara, recebeu o aviso de McAndrew:

— Se me pentelhar, não vai sair disso.

Ela baixou a cabeça, contente; ficaria quieta e trabalharia pesado.

\*\*\*

Quanto a Clay, estava determinado.

Sabia que ela precisava deixá-lo.

E seria capaz de mantê-la afastada.

Ele já planejava voltar a treinar, dando o máximo de si, e Henry também estava pronto. Sentaram-se juntos no telhado certa noite, e a musa de janeiro ficou a par de tudo. Descolariam uma chave para o conjunto habitacional do Barrão e retornariam ao parque Bernborough. Haveria dinheiro e muitas apostas.

— Combinado? — perguntou Henry.

— Combinado.

Com um aperto de mão, a promessa toda veio a calhar, pois Henry estava fazendo um sacrifício — abdicando daquela mulher de bela anatomia. Por alguma razão qualquer, tomou a decisão: ele fechou a revista e deixou sua musa de lado, em um vão inclinado entre as telhas.

\*\*\*

Na noite de 31 de dezembro, Carey e Clay foram até Bernborough.

Correram uma volta na pista dizimada.

A arquibancada virava o inferno no pôr do sol; um inferno em que você entraria de bom grado.

Eles pararam, e Clay segurava firme o pregador.

Tirou do bolso devagar.

E disse:

— Agora preciso te contar...

E contou tudo, todos os detalhes, das águas que estão sempre por vir. Estavam a dez metros da linha de chegada, e Carey escutou em silêncio; apertou a mão que segurava o pregador.

Quando terminou de contar a história toda, ele disse:

— Agora você entende? Tá vendo? Eu ganhei um ano, mas não mereço. Um ano com *você*. Você não pode ficar comigo. Nunca.

Ele voltou o rosto para o gramado, o campo interno, e concluiu que não restava outra opção, mas Carey Novac jamais se daria por vencida. Não. Cavalos podiam perder, mas Carey, não; e detesto ela por isso, mas também podemos adorá-la pelo que fez em seguida.

\*\*\*

Ela virou o rosto dele e o segurou com força.

Pegou o pregador.

Ergueu-o devagar até a altura dos lábios.

E disse:

— Meu Deus, Clay, coitado, tadinho... — A arquibancada iluminava o cabelo dela. — Ela tava certa, sabe, a Abbey Hanley... Ela disse *encantador*... Você não vê? — De perto ela era delicada, mas visceral, capaz de mantê-lo vivo só com suas súplicas; a dor em seus olhos verdes gentis. — Eu nunca vou te deixar, Clay. Dá pra entender? Nunca.

Clay ficou de pernas bambas.

Carey o envolveu com força.

Apenas o segurou e abraçou e sussurrou, e Clay sentiu todos os ossos dentro dela. Carey sorriu e chorou e sorriu. E disse:

— Me encontra nas Cercanias. Aparece lá sábado à noite.

Ali ela o beijou no pescoço e carimbou as palavras.

— Nunca vou te deixar, nunca...

E é assim que gosto de me lembrar deles:

Posso vê-la abraçando-o, com força, em Bernborough.

Um garoto, uma garota e um pregador.

Vejo a pista e, por trás deles, aquele fogo.



## a cama em chamas

NA RUA ARCHER, número 18, eu estava eufórico, ainda que contido pela tristeza.

Clay estava fazendo a mala.

Por um tempo, ficamos lado a lado, na velha varanda do quintal, Aurora deitada no sofá. Dormia em cima do pufe murcho, todo surrado, que deixamos jogado ali em cima.

Aquiles estava debaixo do varal.

Ruminava e se lamuriava ao mesmo tempo.

\*\*\*

Ficamos com ele até o céu clarear o horizonte, e em seguida veio a perfeição dos irmãos, que não disseram nada, mas sabiam que um deles estava prestes a partir.

Sabe, quando Clay disse que faltava fazer uma coisa e pediu para Tommy pegar o óleo de terebintina, sem fósforos, todos saímos de casa em silêncio. Fomos às Cercanias.

Cruzamos com os monumentos domiciliares:

Distantes e espezinhados.

Fomos até o colchão e ficamos ali com ele, sem falar nada sobre a lona de plástico; não, ficamos ali parados, enquanto o isqueiro saía de um dos bolsos de Clay. O outro ainda guardava o pregador.

Continuamos ali até Tommy derramar o óleo e a chama se erguer. Clay se

agachou com o isqueiro, e primeiro a cama resistiu, mas logo cedeu, com um rugido.

Aquele som, o som da arrebentação.

O terreno se acendeu.

Nós cinco ficamos ali parados.

Cinco garotos e um colchão em chamas.

\*\*\*

Voltamos para dentro de casa, mas as Cercanias continuaram lá.

Daquela vez nem havia sinal do vento oeste.

Ele foi sozinho à estação central.

Deu um abraço apertado em cada um de nós.

Depois de Tommy, ele se despediu de mim — e nós dois pedimos a ele que esperasse, em momentos diferentes.

Levantei o tampo do piano e revirei o vestido em busca do botão. Ainda não era a hora dos livros, concluí.

Ele segurou o botão de Viena.

Mais uma vez, a decisão passava por ela.

Estava velho, mas imaculado, na palma da mão dele.

\*\*\*

Quanto a Tommy, foi uns dez minutos depois, quando estávamos todos na varanda, observando Clay ir embora.

O caçula cometeu uma loucura:

Confiou Heitor a Rory.

— Aqui — disse, depressa —, segura ele.

Rory e Heitor ficaram chocados, se encarando, um tanto desconfiados. Tommy entrou e saiu de casa correndo.

\*\*\*

Ficamos ali, observando Clay.

E, depois, Tommy, correndo atrás dele.

— Clay — gritou. — Ei, Clay!

Como não poderia deixar de ser, estava puxando Aquiles — e a mula, por incrível que parecesse, corria também. Aquiles! Correndo! Dava para ouvir o tropel oco enquanto eles desciam a rua às pressas. Clay deu meia-volta para ir ao encontro deles e olhou para o garoto e a besta.

Não houve um momento sequer.

Nem um segundo de hesitação.

Era assim que tinha que ser, e Clay estendeu a mão e pegou as rédeas.

— Valeu, Tommy.

Ele falou baixinho, mas todos nós ouvimos, e se virou e saiu andando e o levou junto, a manhã iluminando a rua Archer — e todos fomos até lá buscar Tommy. Ficamos observando, enquanto éramos deixados para trás.

Lá, no mundo dos subúrbios, um garoto caminhava pelas ruas com uma mula. Partiam para uma ponte em Silver e levavam as águas mais turvas com eles.

**parte oito**

ciudades + águas + criminosos +  
arcos + histórias + sobreviventes + pontes  
+  
fogo

## a piadista no corredor

CERTA VEZ — É uma das últimas vezes em que escrevo isto —, na maré do passado Dunbar, havia uma mulher que nos disse que iria morrer, e o mundo acabou naquela noite, naquela cozinha. Havia garotos no chão, em chamas; e o sol nasceu na manhã seguinte.

Todos nós acordamos cedo.

Nossos sonhos foram como um voo, como turbulência.

Às seis em ponto, até Henry e Rory, nossos notórios dorminhocos, estavam despertos e alertas.

Estávamos em março, boiando nos restos de verão, juntos no corredor, braços finos e ombros arqueados. Estávamos de pé, mas não conseguíamos nos mover. Não sabíamos para onde ir.

Nosso pai se aproximou, tentou; tocou no pescoço de cada um.

O máximo de apoio que foi capaz de oferecer.

O problema foi que, quando se afastou, vimos que se agarrou às cortinas e se apoiou no piano; ficou pendurado, o corpo tremendo. O sol jogava ondas quentes no ambiente, e ficamos quietos na sala, atrás dele.

Ele nos assegurou de que estava bem.

Quando se virou para nos encarar, contudo, seus olhos cor de mar estavam sem luz.

Quanto a nós:

Henry, Clay e eu estávamos de regata e shorts velhos.

Rory e Tommy estavam só de cueca.

Era assim que dormiam.

Todos nós trincamos o maxilar.

O corredor estava repleto de cansaço, de canelas finas de moleques. Todos fora de seus quartos — tensos, rumo à cozinha.

\*\*\*

Quando ela saiu, estava vestida para o trabalho, de calça jeans e uma camisa azul-escura. Os botões eram fendas de metal. A trança caía pelas costas; parecia pronta para montar ou algo assim, e a observamos com cuidado... e Penélope não pôde evitar:

Ela era uma trança loura, radiante.

— Nossa, o que aconteceu com vocês? Alguém morreu, por acaso?

E foi isso que acabou com a gente:

Ela deu uma risada, mas Tommy começou a chorar, e ela se agachou e o abraçou — e então chegamos nós, de regata, short e em frangalhos.

— Exagerei? — perguntou ela, e quando foi esmagada por todos aqueles corpos soube que sim, tinha exagerado.

Ela sentiu o aperto dos braços dos garotos.

Nosso pai olhava para o nada, desamparado.

## a mula de silver

ENTÃO LÁ ESTAVA ela.

Nossa mãe.

Tantos anos antes:

No corredor, de manhã.

E lá estava Clay, à tarde, em seu próprio corredor, ou, como ele mesmo dizia, na passagem.

A passagem de eucaliptos corpulentos.

\*\*\*

Foi Ennis McAndrew quem deu uma carona a Clay até lá, em uma caminhonete com reboque de cavalo. Pelo menos três meses haviam se passado desde que Clay o enfrentara.

A boa notícia era que McAndrew voltara a treinar, e, quando o viu com Aquiles em Hennessey, balançou a cabeça, parou tudo que estava fazendo e se aproximou.

— Olha só quem resolveu dar o ar da graça! E trouxe um amigo! — brincou.

\*\*\*

Passaram o caminho quase todo em silêncio e, quando finalmente abriram a boca, falaram olhando pela janela; o mundo para além do para-brisa.

Clay o indagou sobre O Espanhol.

E o cantor de ópera, Pavarotti.

— Pava-*quê*? — perguntou o homem, os nós dos dedos esbranquiçados no volante.

— Você chamou o Ted das Cocheiras disso uma vez, quando encontrou com ele no hipódromo de Gallery. Você apresentou dois jóqueis a ele, lembra? Para observarem e aprenderem a montar com ele. — Clay desviou o olhar do para-brisa e se voltou para a janela. Para as cordilheiras de espaço vazio. — Ela me contou a história uma vez.

— Ah, sim — disse Ennis McAndrew, permanecendo pensativo ao volante. — Aqueles jóqueis eram uns FDPs inúteis.

— FDPs?

— Inúteis.

Mas em seguida retomaram a dor.

Sentiam culpa por apreciar qualquer coisa.

Em especial, o prazer do esquecimento.

\*\*\*

Quando chegaram ao desvio, Clay disse que poderia seguir a pé, mas Ennis não deixou.

— Quero conhecer o seu pai. Quero ver essa tal ponte. Não custa nada. Já estamos aqui mesmo...

Subiram a colina, então pegaram a passagem, e os eucaliptos continuavam os mesmos. Estavam reunidos, esperando ali, na sombra, feito uma seleção de jogadores de coxas musculosas. Um time de árvores.

Não passaram despercebidas por McAndrew.



— Minha nossa, olha só isso!

\*\*\*

Do outro lado, à luz, eles o avistaram no leito do rio, e a ponte continuava a mesma. A obra estava parada havia meses, desde que eu afundara os joelhos na terra:

A curvatura, a madeira e a pedra.

As peças esperavam por isso.

Desceram da caminhonete.

Quando chegaram ao leito e olharam ao redor, foi Ennis quem se pronunciou primeiro:

— Vai ficar magnífica, não acha?

E Clay foi direto.

Respondeu apenas que sim.

\*\*\*

Eles abriram o reboque, retiraram o animal e o conduziram até o rochedo. A mula observou os arredores, obediente. Avaliou a secura do rio. Foi Clay quem fez as perguntas.

— Que foi? — perguntou para o animal. — Qual o problema?

Onde está a porcaria da água?

Mas Clay sabia que ela estava a caminho, e, a certa altura, a mula também saberia.

\*\*\*

Nesse meio-tempo, Ennis cumprimentou Michael com um aperto de mão.

Trocaram palavras secas, como amigos, como iguais.

McAndrew citou Henry.

Apontou para o cabresto e o feno.

— Dá até para fazer alguma coisa com essa tralha toda, mas o bicho é completamente inútil — disse.

Mas Michael Dunbar tinha resposta para aquilo. Quase distraidamente, olhou para Clay e para a sabedoria incorporada na mula e retrucou:

— Sabe, eu não teria tanta certeza disso. Ela é muito boa em invasão a domicílio.

Mais uma vez houve culpa e constrangimento, mas se McAndrew e Clay já sabiam contornar isso, o Assassino, por sua vez, tinha noção de que deveria saber fazer o mesmo.

\*\*\*

Por um tempo, observaram a mula — Aquiles, o andarilho vagaroso — conforme ela escalava o leito do rio e começava o trabalho no campo; baixava a cabeça e ruminava lentamente.

Sem pensar, McAndrew se pronunciou; discreto porém convicto, apontou para o garoto.

— Sr. Dunbar, tenha paciência com ele, tá bom? — E por fim: — Esse aí tem um coração de Phar Lap.

E Michael Dunbar concordou.

— Você não sabe da missa um terço.

\*\*\*

Dez minutos depois, café e chá já oferecidos e recusados, McAndrew se aprontou para ir embora. Apertou a mão do garoto e a do pai dele mais uma vez e tomou o caminho de volta para as árvores; Clay correu atrás dele.

— Sr. McAndrew!

À sombra, a caminhonete parou, e o treinador-vassoura saiu. Caminhou até a luz. Suspirou.

— Me chama de Ennis, pelo amor de Deus!

— Tá bom, Ennis — concordou Clay, desviando o olhar.

Os dois cozinham ao sol, um garoto e um senhor feito lenha prestes a incendiar.

— Sabe... Sabe a Carey... — começou ele, e doeu só de dizer o nome dela. — Sabe a bicicleta dela?

Ennis assentiu e se aproximou.

— Eu sei o segredo... É trinta e cinco, vinte e sete.

Ennis entendeu na mesma hora.

Os números, o cavalo.

Então voltou para a caminhonete, andando pela sombra.

— Vou contar pro Ted e pra Catherine, tá bom? Mas acho que eles não vão querer ir lá buscar. É sua. É só chegar e destravar.

\*\*\*

E assim foi embora:

Entrou na caminhonete.

Levantou a mão de vassoura.

Acenou para o garoto pela janela, e o garoto aos poucos foi embora.

# antes de a primeira luz do dia encontrar a casa

DERAM SEIS MESES de vida para ela — e talvez tivesse sido melhor assim. Decerto teria sido menos dolorido e mais rápido que sua batalha lendária à la Jimmy Hartnell, de morrer sem cair morta.

Havia todos os detalhes sórdidos, claro.

Não dei muita bola para eles:

Os remédios soam todos iguais, no fim das contas; um catálogo de pequenas variações. Para mim, ver alguém morrer é como aprender um idioma; envolve toda uma nova prática. Constroem-se torres com as caixas de remédios das prescrições médicas, contam-se pílulas e líquidos venenosos. Então minutos viram horas na enfermaria, e calcula-se quanto tempo leva a noite mais longa.

Para Penélope, basicamente era o caso do idioma mesmo, acho.

Havia a morte e seu vernáculo próprio:

A coleção de pílulas dela se chamava *A botica*.

Todo medicamento era uma *antagonia*.

A primeira vez que ela disse isso foi na cozinha, enquanto estudava todas aquelas caixas adesivadas quase com alegria. Leu os nomes em voz alta, de Ciclotassin a Exentium e a Distrepsia 409.

— Ei — disse ela, organizando-os; foi a primeira alfinetada contra a torre

farmacêutica. Era como se tivesse sido enganada (e, convenhamos, tinha sido mesmo). — Parece tudo a mesma coisa.

Em muitos aspectos, ela havia encontrado o título perfeito para eles, porque todos de fato soavam como anagramas, as palavras *anta* e *agonia* combinadas. Havia também esse elemento ridículo — a estupidez da luta — de se matar para sobreviver. Deveriam estampar avisos, como os cigarros. *Tome isto e morra lentamente.*

\*\*\*

Por mais fútil que fosse, ainda havia mais uma cirurgia, de novo o gosto rançoso de hospital.

Não se deixe enganar quando as pessoas falam do cheiro de hospital. Chega uma hora em que passa da dose, em que fica impregnado nas roupas. Semanas depois, mesmo em casa, o hospital continua em você.

Certa manhã, estávamos sentados à mesa quando Rory teve uma crise de arrepios. Quando os pelos do braço ficaram arrepiados, Penélope apontou para ele.

— Sabe o que é isso? — perguntou, olhando fixo para uma tigela de cereal; tentava vencer o desafio de comer. — Isso acontece quando um médico acabou de morrer enquanto dormia — explicou ela.

— Ou pior — disse o pai —, um anestesista.

Rory urrou em comemoração, enquanto roubava o café da manhã da nossa mãe.

— Odeio esses filhos da puta mais que tudo! — vociferou ele.

— Ei! Você tá acabando com o meu cereal, moleque!

Ela empurrou a cumbuca para ele e deu uma piscadinha.

\*\*\*

Então os tratamentos voltaram como ondas, e os primeiros foram açoites violentos, como se o corpo se rebelasse. Depois, aos poucos, ficaram mais profissionais; um surto corriqueiro.

Com o tempo, vieram como terrorismo.

Um caos calculado.

Nossa mãe, em chamas, desabando.

Um 11 de Setembro humano.

Ou uma mulher se tornando um país, e é possível vê-la indo embora de *si mesma*. Assim como os invernos de antigamente no Bloco do Leste, as ameaças chegaram mais rápido:

Os furúnculos brotaram feito minas em campos de batalha.

Executaram um blitzkrieg nas costas dela.

Os remédios causavam estragos no termostato de Penny; primeiro a queimavam, depois a congelavam, por último a paralisavam, e, quando ela se levantava da cama, desabava — o cabelo, como um ninho no travesseiro, ou penas no quintal, obra do gato.

Penny encarava aquilo como uma traição. Dava para ver nos seus olhos verdes desbotados; o pior de tudo foi a *desilusão* completa. Era incabível o mundo decepcioná-la assim e seu corpo também.

Na *Odisseia* e na *Ilíada*, os deuses intervinham — até que tudo saía do controle e virava uma catástrofe —, e *aqui* foi a mesma coisa. Ela tentou se reerguer, voltar a si, e por vezes chegava a acreditar.

No melhor dos cenários, logo ficávamos arrasados:

A luz idiota da enfermaria. As almas das enfermeiras afáveis.

Como eu odiava a maneira como andavam:

Aquelas pernas de matronas, forradas de meias!

Mas algumas... algumas mereciam todo o nosso respeito. Como odiávamos adorá-las por serem tão amáveis! Mesmo agora, enquanto bato nas teclas desta velha máquina, me sinto grato por todas aquelas enfermeiras; como a acomodavam nos travesseiros, feito o objeto quebradiço que ela era. Como conversavam com ela segurando sua mão, encarando nosso ódio. Aqueciam-na, apagavam as chamas, e, assim como nós, seguiam a vida e aguardavam.

\*\*\*

Certa manhã, quando a conta já estava estourando, Rory roubou um estetoscópio — resolveu pegar algo em troca, imagino —, já que nossa mãe virara uma impostora. Na época, ela estava amarelada, e nunca mais voltaria à sua cor natural. Já havíamos aprendido a diferença entre o amarelado e o louro.

Ela se agarrava a nossos braços ou à palma das nossas mãos e pulsos. De novo, os números: era tão fácil contar os nós dos dedos e os ossos das mãos dela. Olhava pela janela, para o mundo radiante e despreocupado.

\*\*\*

Também é uma cena e tanto, ver seu pai mudar.

Ele começa a enrugar em lugares novos.

Passa a dormir de outro jeito:

Debruçado no leito do hospital.



Puxa o ar, mas não respira.

Tanta pressão contida.

A exaustão, o aspecto surrado, as roupas com as costuras por um fio. Assim como Penny jamais voltaria a ser loura, nosso pai perdia o porte físico. Os dois representavam a morte da cor e da forma. Quando se vê uma pessoa morrer, não é só a morte *dela* que você testemunha.

\*\*\*

Mas de repente... ela recebia alta.

De algum jeito, ela se reerguia e passava pelas portas do hospital. E ia para o trabalho, claro, embora carregasse a morte nos ombros.

A velha senhora não se pendurava mais nos cabos elétricos.

Ou rodeava a geladeira.

Mas estava sempre à espreita:

Em um trem ou um ônibus, ou a pé.

No caminho de volta para casa, para cá.

\*\*\*

Em novembro, ela era um milagre.

Oito meses e ainda viva.

Houve mais uma temporada no hospital, duas semanas, e os médicos eram evasivos, mas às vezes paravam para nos dizer:

— Não sei como ela conseguiu. Nunca vi nada tão...

— Se você disser *agressivo* — interrompeu nosso pai e apontou com calma para Rory —, eu vou... Tá vendo aquele garoto?

— Sim.

— Bom, vou pedir pra ele descer a porrada em você.

— Desculpa... Como é que é?

O médico ficou bem assustado, e Rory, atento — essa frase funcionava melhor que sais aromáticos.

— Sério? — Ele já estava quase esfregando as mãos. — Posso mesmo?

— Claro que não. Tô brincando.

Mas Rory tentou vender a ideia.

— Pô, doutor, depois de um tempo você não sente mais nada.

— Vocês são completamente doidos — disse o homem.

À esquerda dele, a risada de Penny.

Depois de rir, se contorceu de dor.

— Talvez tenha sido isso — comentou ela com o médico — que me manteve viva.

Ela era uma criatura triste-feliz debaixo das cobertas.

\*\*\*

Naquela ocasião, quando ela saiu do hospital, decoramos a casa toda:

Serpentinas, bexigas, um cartaz feito por Tommy.

— Você escreveu *bem-vinda* errado — observou Henry.

— Como assim?

— É separado, com tracinho.

Penélope não ligou.

Nosso pai a pegou no colo e a tirou do carro, a primeira vez em que ela permitiu que fizesse isso, e na manhã seguinte todos nós ouvimos, antes de a

primeira luz do dia encontrar a casa:

Penny estava tocando piano.

Ela tocou durante o nascer do sol, tocou durante as nossas brigas. Tocou durante o café da manhã e continuou tocando por um bom tempo, e nenhum de nós conhecia a música. Talvez fosse desperdício de energia alimentar a ideia de que, quando nossa mãe estava tocando, não estava morrendo — pois sabíamos que ela voltaria em breve, depois de saltar de cabo em cabo.

Não havia por que fechar as cortinas ou trancar as portas.

Ela estava por perto, ali fora, à espera.

Morava na varanda da frente.

## pacto com o diabo

QUANDO CLAY VOLTOU correndo da conversa com McAndrew, encontrou nosso pai ao lado de Aquiles.

Ele perguntou se Clay estava bem.

Disse que tinha sentido saudade.

— Você não continuou o trabalho enquanto eu estava fora?

— Não. — Ele fez carinho na mula, mas com muito cuidado. — Poderia ter mil pessoas construindo essa ponte, e o mundo inteiro poderia aparecer aqui para vê-la... mas todos saberiam a quem ela pertence. — Michael entregou a Clay a guia do animal. — Você é o único que pode terminá-la.

\*\*\*

Durante um bom tempo, Clay ficou lá fora.

Ficou observando Aquiles comer.

A noite já estava de olho neles.

Um pensamento martelava sua mente e, a princípio, ele não soube bem por quê.

Acho que só queria conversar com ele.

A lenda da Pont du Gard:

*Era uma vez, na França, que ainda nem era França — era um mundo antigo —, um rio que se mostrava implacável. Hoje esse rio é conhecido como Gardon.*

*Durante séculos, as pessoas que moravam por perto nunca conseguiam terminar de construir uma ponte; e, se terminavam, o rio a destruía.*

*Então, certo dia, o diabo, a passeio, acabou indo parar na cidade e fez uma oferta aos aldeões. “Ah, mas eu posso construir essa ponte sem pestanejar! Vai levar só uma noite!”*

*Os aldeões quase foram às lágrimas.*

*“Porém...” O diabo não cabia em si de expectativa. “O primeiro a cruzar a ponte no dia seguinte será meu, e poderei fazer com ele o que eu bem entender.”*

*Então, organizou-se uma reunião no vilarejo.*

*Muito se discutiu até que, por fim, os moradores entraram em um acordo.*

*Aceitaram a oferta do diabo e ficaram olhando, arrebatados, a noite inteira, enquanto ele arrancava pedras do topo das montanhas e usava tudo que encontrava. Equilibrava e atirava as peças, fazendo os arcos de dois em dois e de três em três. Construiu a ponte e o aqueduto, e, pela manhã, foi cobrar o pagamento.*

*Havia proposto o trato e havia cumprido a parte que lhe cabia.*

*Mas, para sua surpresa, os aldeões foram mais astutos que ele... e soltaram uma lebre em cima da ponte, para que o bicho fosse o primeiro a cruzar o rio. O diabo ficou possesso:*

*Pegou a lebre e a esmagou.*

*Em um movimento épico, atirou-a em um dos arcos, e o contorno do animal ainda está lá, até hoje.*

Ali no campo, junto com Michael Dunbar, ao lado de Aquiles e do rio, Clay estava com o olhar perdido quando disse:

— Pai.

Os insetos estavam praticamente em silêncio.

Ali os crepúsculos eram sempre sangrentos, e aquele era o primeiro de Aquiles. Como era de se esperar, porém, a mula ignorou o acontecimento e continuou empenhada na atividade que nascera para fazer: aquele matinho era um prato cheio.

Mas Michael se aproximou e esperou.

Ainda não sabia muito bem como lidar com Clay, depois de tudo que o garoto tinha enfrentado. E então algo curioso aconteceu.

— Lembra quando perguntou se eu conhecia? A lenda da Pont du Gard?

— Claro que sim, mas...

Michael foi interrompido no meio da resposta.

— Então, eu não faria.

— Não faria... o quê?

Aquiles também estava prestando atenção; chegou a tirar os olhos da grama.

— O pacto... para o diabo construir a ponte em uma noite.

Naquele momento o céu já estava escuro, bem escuro, e Clay continuou falando.

— Mas faria isso por *elas*. — Comprimiu os lábios e voltou a abri-los. — Eu iria para o inferno se pudesse trazê-las de volta... Poderíamos ir nós dois, você comigo... Cada um em troca de uma delas. Sei que não estão no inferno, sei disso, tenho certeza, mas... — Sua voz falhou e morreu, e então ele voltou a pedir: — Pai, você tem que me ajudar.

A escuridão o partira ao meio. Ele morreria para trazê-las de volta. Penélope e Carey, pensou. No mínimo, devia isso a elas.

— A ponte tem que ficar perfeita — prosseguiu ele. — A ponte tem que ficar grandiosa.

Virou-se para contemplar o leito do rio.

Nada menos que um milagre.

## **as sete cervejas de penny dunbar**

DE ALGUMA MANEIRA, ela seguiu costurando um dia no outro.

Transformou-os em semanas.

Às vezes nos perguntávamos:

Será que ela tinha feito um trato com a morte?

Se fosse o caso, tinha sido o golpe do século; era a morte quem não conseguiria manter a palavra.

O melhor foi quando um ano tinha se passado.

O mês treze da sorte.

\*\*\*

Fora do hospital, um dia Penny Dunbar disse que estava com sede. Falou que queria uma cerveja. Tínhamos acabado de ajudá-la a subir os degraus da frente, mesmo ela dizendo que não precisava. Ela nunca bebia.

Michael a escorava pelo braço.

Ele olhou para ela e perguntou:

— O que houve? Precisa descansar?

Ela respondeu na lata, enfática:

— Vamos lá no Naked Arms.

A noite já virava a esquina, e Michael a puxou mais para perto.

— Não ouvi direito — disse ele. — O que você disse?

— Eu disse para a gente ir lá no pub.

Usava um vestido que tínhamos comprado para uma menina de doze anos, uma menina que não existia.

E sorriu, cercada pela escuridão da rua Archer.

\*\*\*

Durante um longo momento, a luz dela iluminou a rua inteira, e sei que parece estranho, mas é assim que Clay descreve o momento. Segundo ele, Penny estava tão pálida na época que sua pele parecia fina como uma folha de papel. Os olhos ficavam cada vez mais amarelados.

Seus dentes haviam se transformado em uma moldura velha.

Seus braços pareciam pendurados nos cotovelos.

Sua boca era a exceção — ou, pelo menos, o contorno dela.

Ainda mais em momentos como aquele.

— Vaaaaamos — disse ela, puxando o braço dele. Partida e ressequida, mas viva. — Vamos tomar uma... Afinal, você é ou não é o Mikey Dunbar?

Nós, os garotos, não perdoamos:

— Ah, Mikey, vamos lá... Hein, Mikeyzinho?

— Ei! — disse ele. — Se me chamarem assim de novo, vou botar todos vocês pra fazer faxina e aparar a grama.

Ele continuava de pé ali perto da varanda, mas percebeu que argumentar seria inútil, pois ela deu meia-volta e foi em direção à rua. Ainda assim, Michael tentou uma última vez.

— Penny... *Penny!*



E aquele foi um daqueles momentos que... sabe?

Dava para ver quanto ele a amava.

O coração dele estava completamente destruído, e ainda assim ele conseguiu reunir forças para seguir em frente.

Estava exausto, tão exausto, sob a luz da varanda.

Apenas destroços de um homem.

\*\*\*

Quanto a nós, os garotos, nossa vida era digna de uma sitcom.

Éramos jovens e burros e incansáveis.

Quando ele se virou para nós, logo eu, que me tornaria o responsável pela casa em pouco tempo, fui lá e disse:

— Ah, pai, sei lá. Acho que ela só precisa de uma cerveja.

— Você não tem que achar...

Então, ela o interrompeu.

Um braço oco, séptico.

A mão estendida, como as garras de um pássaro.

— Michael — chamou. — Por favor. Uma cerveja não vai matar a gente.

E Mikey Dunbar cedeu.

Correu a mão pelo cabelo ondulado.

Feito um menino, beijou sua bochecha.

— Está bem — concordou ele.

— Ótimo — respondeu ela.

— Está bem — repetiu.

— Você acabou de dizer isso. — Então, ela o abraçou, sussurrando: — Eu já

disse que te amo?

E ele mergulhou nas profundezas dela.

O pequeno mar negro que eram seus lábios.

\*\*\*

Michael a levou até o carro, as roupas dele parecendo encharcadas e escurecidas, mas ela seguia firme e forte com a ideia.

— Não, vamos andando.

E um pensamento o atingiu em cheio. Como se já não bastasse estar morrendo, essa mulher ainda quer me matar junto.

— Hoje vamos andar juntos — completou ela.

\*\*\*

Cinco garotos e uma mãe atravessavam o asfalto; eu me lembro dos nossos shorts e camisetas. Eu me lembro daquelas pernas de menina dela. Havia escuridão, depois a luz dos postes, e o ar ainda morno do outono. Neste momento em que me encontro, a imagem ganha forma na minha mente, mas logo chega ao fim:

Nosso pai ficou parado no gramado.

Parte dele estava afundando ali, e nos viramos para ver. Seu semblante estava carregado de solidão.

— Pai!

— Vem, pai!

Mas nosso pai se sentou na grama, a cabeça afundada nas mãos, e é claro que só mesmo o Clay:

Ele voltou ao gramado na frente da casa na rua Archer e se aproximou da

sombra a que se reduzira nosso pai. Chegou perto dele e foi se abaixando, devagar, até ficar agachado; quando achei que Clay tinha decidido ficar lá com ele, de repente meu irmão se levantou, enfiando as mãos naquela parte do corpo que todos os homens do mundo têm:

O ecossistema de cada axila.

Ergueu o nosso pai.

Eles se levantaram, cambaleantes, mas logo se endireitaram.

\*\*\*

Andamos acompanhando o ritmo de Penélope, tão pálida em cada movimento. Algumas esquinas depois, entramos na Gloaming, onde ficava o bar tranquilo e bem iluminado. As telhas cor de creme e marrons.

Lá dentro, enquanto procurávamos um reservado, nosso pai foi até o bar e fez um infame pedido.

— Sete cervejas, duas normais e cinco sem álcool, por favor.

Penny, no entanto, estava no encalço dele.

Pôs as mãos no balcão, toda suor e ossos protuberantes.

Cavou fundo em seus pulmões inférteis.

Parecia buscar alguma coisa lá dentro, algo que conhecesse e amasse.

— Que tal — elaborou a pergunta, pedaço por pedaço — você me ver sete cervejas comuns e ponto final?

O barman era jovem e já estava se virando para buscar o pedido. O crachá dizia “Scott”. Era chamado de Scotty Bils.

— Como?

Ela olhou no fundo dos olhos dele. O cabelo do rapaz começava a rarear, mas

em compensação lhe sobrava nariz.

— Sete cervejas normais, por favor.

E foi então que Ian Bils se aproximou; o pulso firme do Naked Arms.

— Tudo bem aí, Scotty?

— Esta moça... Ela pediu sete cervejas. — Levou a mão ao cabelo ralo, como uma equipe de busca. — E tem aqueles garotos lá...

E Ian Bils... Ele nem se deu ao trabalho de olhar para o lado.

Estava ocupado, encarando a mulher vacilante à sua frente, se escorando no balcão para se manter de pé.

— Vou te dar uma com pouco álcool, pode ser?

Penny Dunbar aceitou o meio-termo.

— Perfeito.

O velho taberneiro assentiu solenemente.

Usava um boné com um mustangue galopante.

— Vai ser tudo por conta da casa.

\*\*\*

Acho que existem vitórias e vitórias; aquela, em específico, acabou tendo um custo alto. Naquela noite, quando a levamos para casa, achamos que tinha chegado a hora.

No dia seguinte, ficamos em casa com ela.

Nós a vigiávamos, atentos à respiração.

A noite dos braços nus.

Ela fedia a cerveja e a doença.

\*\*\*

À noite, escrevi os bilhetes para justificar nossas faltas à escola.

Imitei os garranchos do nosso pai o melhor que pude.

*Como a senhora sabe, minha esposa está muito doente...*

Mas o que eu deveria ter escrito era isto:

*Cara srta. Cooper,*

*Peço que perdoe a falta do Tommy ontem. Ele achou que a mãe dele ia morrer, mas ela acabou não morrendo, e, para ser sincero, ele também estava de ressaca...*

O que não era bem verdade.

Eu, o mais velho, fui o único que consegui terminar a cerveja, e olha que não foi nada fácil. Rory e Henry dividiram. Clay e Tommy ficaram no colarinho — mas a verdade é que nada disso importava, porque pudemos ficar observando Penny Dunbar sorrir, toda satisfeita consigo mesma; uma garotinha magricela usando um vestido branco. Ela imaginava que poderia nos transformar em homens, mas aquela noite foi cada mulher por si.

A Rainha dos Erros não cometeu erro algum.

Ficou até o último gole da última cerveja.

## tour guiado pela cidade de featherton

QUANDO VOLTARAM A conversar sobre a Pont du Gard, o assunto veio como um prenúncio do começo do fim.

Caminharam e voltaram ao trabalho.

Trabalharam. E Clay não parou um segundo.

\*\*\*

Michael Dunbar contou cento e vinte dias consecutivos em que Clay trabalhou na ponte, e o resto é história. Dormiu pouco, comeu pouco, apenas um garoto que sabia trabalhar bem com as polias e carregava pedras que não tinha que estar carregando.

— Ali — dizia ele ao pai. — Não. Ali, não. Ali *em cima*.

Só parava para ficar uns minutinhos com a mula; Clay e o fiel Aquiles.

Diversas vezes dormiu do lado de fora, no chão de terra.

Cobria-se com mantas e cimbres.

O cabelo ficou todo emaranhado.

Ele pediu a Michael que o cortasse.

Tufos caíam aos pés dele.

Cortaram ao ar livre, ao lado da ponte, à sombra imponente dos arcos. Ele agradeceu e voltou ao trabalho.

\*\*\*

Quando Michael ia para a mina, forçava Clay a prometer que iria comer.

Chegou a ligar aqui em casa para pedir que a gente telefonasse pedindo notícias, o que eu fazia religiosamente; ligava para ele três vezes por semana, e o telefone chamava vinte e quatro vezes até ele atender: era o tempo de ir correndo até a casa.

Só falava da ponte e da construção.

Disse que só poderíamos ir lá quando ele tivesse terminado.

De construir a ponte, de deixá-la perfeita.

\*\*\*

Acho que uma das melhores coisas que Michael fez foi forçá-lo a tirar uma folga.

Um fim de semana.

Um fim de semana inteirinho.

Clay ficou relutante, é claro. Disse que iria ao barracão. Precisava buscar aquela pá atormentadora mais uma vez.

— Não.

O Assassino, nosso pai, era quem tinha a palavra final.

— Por que não?

— Você vem comigo.

Não foi surpresa que Clay tenha passado toda a viagem de carro apagado, enquanto o pai dirigia até Featherton; acordou-o quando chegaram à rua Miller.

Clay esfregou os olhos e entrou em ignição.

— Foi aqui? — perguntou. — Foi aqui que você enterrou eles?

Michael assentiu, entregando um copo de café a Clay.

Tudo começou a girar.

\*\*\*

No confinamento do carro, enquanto Clay tomava o café, nosso pai explicava calmamente. Não sabia se eles ainda moravam lá, mas a propriedade tinha sido comprada por um casal, os Merchison, embora parecesse que não havia ninguém em casa, a não ser pelos três residentes do quintal.

Durante um bom tempo, eles até se sentiram tentados a atravessar aquela grama ressequida, mas seguiram em frente e estacionaram perto do banco. Caminharam pelas ruas da velha cidade.

— Eu trabalhei nesse bar aqui... — disse ele. — Atirando tijolos para outros caras que atiravam tijolos para outros caras...

Então Clay comentou:

— Abbey também esteve aqui.

“Ô Dunbar, seu pirralho! Manda a porra do tijolo, caralho!”

Só o que Michael Dunbar soltou foi:

— Poesia.

\*\*\*

Depois disso, caminharam até o anoitecer, até chegarem à estrada; e Clay enxergou o início de tudo, Abbey tomando picolé, e o pai dele e a cachorra que se chamava Lua.

Na cidade, viu o consultório médico:

A temida sala do dr. Weinrauch.



E a assistente e boxeadora oficial, que vivia socando as teclas da máquina no escritório.

— Não era bem assim que eu imaginava — comentou ele —, mas acho que nunca é.

— Nunca imaginamos as coisas perfeitamente — respondeu Michael. — Na nossa cabeça sempre fica um pouquinho mais pra esquerda ou pra direita... Até pra mim, e olha que eu morei aqui.

\*\*\*

À noite, perto do fim, eles mataram o tempo.

Tinham que tomar uma decisão.

— Quer ir lá pegar? — perguntou Michael. — Quer exumar a máquina de escrever? Tenho certeza de que o casal não vai se incomodar.

Dessa vez, a decisão estava nas mãos de Clay. Foi Clay quem se mostrou firme e deu a palavra final. Foi nesse momento que, acho, ele percebeu:

Para começo de conversa, aquela história ainda não tinha chegado ao fim.

E, mesmo quando chegasse, não caberia a ele decidir.

A história podia ser dele, mas não seria escrita por ele.

Já era difícil o bastante estar ali e ter que vivê-la.

## comerciantes e vigaristas

AS SETE CERVEJAS foram um novo começo:

Uma linha do tempo de morte e de acontecimentos.

Em retrospecto, percebo como fomos grosseiros — Penny também, insolência pura.

Nós, os garotos, batíamos boca e brigávamos.

Aquele tanto de morte nos causava muita dor.

Mas às vezes tentávamos ludibriá-la, rir na cara dela ou cuspir em sua direção — sempre mantendo uma distância segura.

Na melhor das hipóteses, nós apenas a atrapalhávamos.

Já que a morte chegara para arrancá-la da gente, poderíamos pelo menos agir como maus perdedores.

\*\*\*

Naquele inverno, comecei um trabalho temporário em uma firma de assoalhos e carpetes. Depois de um tempo me ofereceram o emprego em tempo integral.

Eu tinha dezesseis anos e, na escola, era ao mesmo tempo bom e nada bom em várias matérias. Minha preferida era literatura; gostava de escrever, amava ler. Certa vez, a professora mencionou Homero, e o resto da turma riu e fez piadinhas, citando falas de Homer, personagem muito adorado de certo desenho norte-americano muito adorado; eu não disse nada. Naquele dia, eles também

debocharam do sobrenome da professora. No fim da aula eu fui até ela e disse:

— Odisseu é o melhor personagem.

A srta. Simpson ficou um tanto perplexa.

Eu gostava do cabelo dela, que tinha uns cachos meio doidos, e das mãos compridas e negras.

— Você sabe quem é Odisseu e não falou nada?

Eu estava constrangido, mas não consegui me conter:

— Odisseu, o engenhoso. Agamenon, rei dos homens, e... — inspirei rápido — Aquiles, dos pés velozes...

Dava para ver a mulher pensando: *Cacete!*

\*\*\*

Quando larguei a escola, não pedi permissão:

Comuniquei à minha mãe em seu leito de morte e a Michael Dunbar na cozinha. Nenhum deles concordou, mas eu já tinha me decidido. Por falar em engenhosidade, estávamos nos afogando em um mar de contas a pagar — desafiar a morte nunca foi um negócio barato —, mas não foi por isso que fiz o que fiz. Digo apenas que pareceu a coisa certa a se fazer, e mesmo quando Penny olhou para mim e pediu que eu me sentasse ao lado dela, eu me achava o dono da razão.

Com muito esforço, ela ergueu a mão.

Tocou meu rosto.

Dava para sentir o teto de zinco quente em que se transformara sua pele, ela queimando nos lençóis; era um daqueles *antagonistas* de novo — cozinhando-a por dentro.

— Promete pra mim que vai continuar lendo — pediu ela, engolindo em seco,

feito um maquinário pesado. — Promete pra mim, meu filho, promete?

— É claro — respondi.

Você tinha que ter visto como minha mãe ficou.

Ela pegou fogo bem ao meu lado, na cama.

Seu rosto pequenino se inflamou.

\*\*\*

Já Michael Dunbar, na cozinha, teve uma reação meio estranha.

Olhou para as contas a pagar e então para mim.

Então foi lá fora com sua caneca de café e a tacou com força na cerca — mas, de alguma forma, ela voou com o ângulo errado e caiu na grama.

Depois de um minuto, ele foi lá buscá-la, e a caneca estava intacta.

\*\*\*

Daí em diante, a porta se escancarou, e a morte entrou por todos os cantos; saqueou tudo.

Ainda assim, Penny se recusava a acompanhá-la.

No fim de fevereiro (já estávamos quase na marca dos vinte e quatro meses), tivemos uma de nossas melhores noites, quando uma voz chegou à cozinha. Estava quente e muito úmido. Até os pratos no escorredor estavam suando — noite perfeita para jogarmos Monopoly. Nossos pais estavam na sala de estar, vendo TV.

Eu era a cartola; Henry, o carro; Tommy, o cachorro; Clay, o dedal; Rory, como sempre, era o ferro (o mais próximo que ele já tinha chegado de *usar* um ferro de passar) e estava ganhando, fazendo questão de esfregar isso na nossa cara.

Rory sabia que eu odiava trapaceiros e odiava fanfarrões ainda mais — e ele estava sendo as *duas* coisas, ganhando de lavada, bagunçando o cabelo de todo mundo que tinha que pagar a ele... até que, com algumas horas de jogo, começou:

— Ei.

Esse fui eu.

— Que foi?

Esse foi o Rory.

— Você tirou nove, mas andou dez.

Henry sorriu e esfregou as mãos; essa ia ser boa.

— *Dez?* De onde você tirou essa merda?

— Olha. Você tava aqui, né? Leicester Square. Então pega essa porra desse ferro de passar e volta uma casa, e, já que vai parar na minha estrada de ferro, pode ir desembolsando vinte e cinco.

Rory ficou pasmo.

— Foi *dez*! Saiu dez!

— Se você não voltar, eu vou tomar esse ferro de você e te remover do jogo.

— Vai me *remover*?

Suávamos como comerciantes e vigaristas, e Rory, para variar, começou a respirar fundo e a se remexer, os dedos correndo pelo cabelo. Na época, as mãos dele já estavam endurecidas, e os olhos, implacáveis.

Ele abriu um sorriso que exalava perigo.

— Você só pode estar de sacanagem — protestou. — Para com essa palhaçada, Matthew.

Mas eu não ia deixar ficar por isso mesmo.

— Olha bem pra minha cara e me diz se eu tô achando graça de alguma coisa.

— Deixa de ser babaca, cara!

— O babaca aqui é você.

Fiz que ia pegar o ferro, mas não antes que Rory metesse os dedos suados e engordurados na pecinha, e começamos a brigar para ver quem iria levar — não, para ver quem iria *pinçar* — o ferro minúsculo, até que ouvimos uma tosse vinda da sala.

Paramos na mesma hora.

Rory tirou a mão.

Henry foi até a sala ver o que estava acontecendo, e voltou assentindo, como quem diz que está tudo bem.

— Tá bom. Onde é que a gente parou mesmo? — perguntou ele.

— O ferro — respondeu Tommy.

— Ah, é. Maravilha. Cadê ele?

Impassível, respondi:

— Já era.

Frenético, Rory esquadrinhou o tabuleiro.

— *Cadê?*

Mais impassível ainda, respondi:

— Engoli.

— Aham, claro — disse ele, incrédulo. — Não tô acreditando!

Ele já estava se levantando, mas Clay, no canto, encerrou a discussão.

— É verdade — disse ele. — Eu vi.

Henry estava eufórico.

— Quê? *Sério?*

Clay assentiu.

— Mandou pra dentro que nem remédio.

— O quê? Goela abaixo?

Henry explodiu em uma gargalhada escandalosa — o cabelo louro balançando na cozinha branca platinada. Rory se virou com um salto e olhou bem no fundo dos olhos dele.

— Se eu fosse você, Henry, calava essa boca agora mesmo!

Então, parou por um momento, foi lá fora e voltou com um prego enferrujado. Cravou o objeto com força na casa certa, pagou o que devia e me lançou um olhar colérico.

— Pronto, seu escroto. Quero ver você engolir essa merda.

Mas é claro que eu não tive que engolir nada, porque, assim que o jogo recomeçou e Tommy jogou os dados, ouvimos a mesma voz no cômodo ao lado. Era Penny, com um pé na Terra e outro no além.

— Ô Rory.

Silêncio.

Todos estacamos.

— Oi.

Em retrospecto, amo a maneira como ele se pôs de prontidão — como se levantou, pronto para correr até ela, para carregá-la aonde quer que fosse e para morrer por ela se necessário; como os gregos ao ouvir o chamado às armas.

Nós, os demais, ficamos sentados que nem estátuas.

Estávamos imóveis, mas alertas.

Meu Deus, o calor infernal daquela cozinha, a louça suando de nervoso, a voz que entrou cambaleando, pairando no tabuleiro entre nós.

— Olha na camisa dele... — Todos sentimos o sorriso na voz dela. — Bolso

esquerdo.

Diante disso, tive que deixar. Deixei o esquentadinho meter a mão no meu bolso.

— Eu devia aproveitar e te dar um beliscão no mamilo, seu desgraçado.

Mas ele logo encontrou.

Tirou a mão do meu bolso com o ferro entre os dedos, balançou a cabeça e o beijou; lábios duros na peça prateada.

Ele a pegou e foi até a porta; por um momento, voltou a ser o Rory que fora um dia, apenas um jovem sem toda aquela rigidez, como se o metal duro tivesse amolecido por um instante. Sorriu e bradou sua inocência, elevando a voz até o teto.

— O Matthew tá roubando de novo, Penny!

E a casa toda chacoalhou à nossa volta, Rory chacoalhando com ela.

Mas logo em seguida ele voltou à mesa, pôs o peão em cima da minha estrada de ferro e lançou um olhar que bateu em mim, depois em Tommy, Henry e Clay.

Era o menino com olhos de sucata.

Não ligava para nada, não dava a mínima para nada.

Mas aquele olhar tão assustado, tão desesperado, seguido das palavras de um menino despedaçado:

— O que é que a gente vai fazer sem ela, Matthew? O que a gente vai fazer, porra?



# futebol no leito do rio

FOI NO INÍCIO de dezembro.

Simplesmente entramos no meu carro e fomos.

Clay que esquecesse aquele papo de esperar até a ponte ficar pronta. A verdade é que todos já estávamos de saco cheio daquela situação, então peguei minhas ferramentas e meu material de trabalho; baixamos os bancos de trás para ganhar espaço. Aurora também foi com a gente. Tommy bem que tentou levar Heitor, mas falamos para ele não abusar da sorte — e, nossa, como pensamos nele enquanto dirigíamos.

Aquelas cordilheiras de espaço vazio.

Caímos na estrada, mas no carro mal se falou.

\*\*\*

Nesse meio-tempo, as nuvens estavam se acumulando, o que significava uma de duas possibilidades:

A tempestade seguiria direto, sem cair, e eles passariam anos esperando o dia em que seriam testados. Ou a enchente viria mais cedo, enquanto trabalhavam desesperadamente para terminar a ponte.

O momento mais sublime aconteceu, provavelmente, quando retiraram os moldes — os cimbres — para ver se os arcos se sustentariam sozinhos. Àquela

altura, já tinham se transformado em homens diferentes — do tipo que constroem pontes, e não do que são devastados por tragédias — e, como tais, falavam da força das enjuntas, das esperanças que nutriam para cada chave do arco.

Contudo, ali, no leito do rio, a simplicidade acabou falando mais alto — ou, pelo menos, era assim que Michael pensava.

— Vamos torcer pra essas desgraçadas aguentarem.

É como ver barbatanas no mar. Por mais que você saiba que são apenas golfinhos, será que você sabe *mesmo*? Não dá para ter certeza até ver de perto.

No fundo, eles sabiam que tinham feito o possível.

Tinham feito de tudo para que ficasse perfeita.

O arenito cintilava à luz da manhã.

— Preparado? — perguntou Michael.

Clay assentiu.

Tinha que ser um teste de verdade, então Michael foi para debaixo da ponte.

— Clay, fica aí... — disse. — Fica aí no claro.

Ele desmontou a última sustentação, e os arcos se mantiveram firmes, resistentes; então veio um sorriso, que logo se transformou numa risada.

— Vem cá! — disse ele. — Vem cá, Clay, *vem aqui pra baixo!*

Sob o arco, eles se abraçaram como meninos.

\*\*\*

Eu me lembro do momento em que a vimos, assim que chegamos lá.

A ponte parecia pronta, e o tabuleiro de arenito, perfeitamente uniforme.

— Meu Deus — disse Rory —, olha isso!

— Ih! — gritou Henry. — Olha ele lá!

Saltou do carro ainda em movimento.

Rindo, cambaleou e correu até Clay, erguendo-o nos braços e derrubando-o no chão.

No fim, é só mais uma história.

Sobre o amor entre garotos e irmãos.

\*\*\*

À noitinha, jogamos futebol no leito do rio.

Era algo que tínhamos que fazer.

Os mosquitos mal conseguiam nos acompanhar.

O chão era de uma rigidez violenta; embora nós nos derrubássemos, também segurávamos uns aos outros para não cair.

Também houve momentos em que paramos e ficamos só olhando, embasbacados, para a ponte — o tabuleiro monumental e os arcos, como irmãos gêmeos, bem à nossa frente. Ela se impunha como algo religioso, como uma catedral de pai e filho; parei diante do arco da esquerda.

E soube que a ponte era feita do meu irmão.

De pedra, mas também de Clay.

O que mais eu poderia me forçar a fazer?

Havia muitas coisas que eu ainda não sabia, e, se soubesse, talvez tivesse decidido chamá-lo antes — e ali ele aguardava, entre Aurora e Aquiles.

\*\*\*

— Ei!

Outra vez.

— Ei!

Quase gritei “pai”, mas acabei dizendo “Michael”, e lá de cima ele olhou para mim, no leito do rio.

— Está faltando um para completar os times.

Curiosamente, o olhar dele se voltou para Clay.

Aquele leito de rio era do Clay, aquela ponte era do Clay; portanto, o campo de futebol também era dele. Clay assentiu, e Michael logo se juntou a nós.

E você acha que a gente se sentou e teve uma conversa sincera e sentimental sobre a importância de nos unirmos mais do que nunca, sobretudo em tempos como aqueles?

Claro que não. Nós éramos os garotos Dunbar.

Em seguida, foi Henry quem falou com ele.

Passou a lista de instruções.

— Você pode atravessar por entre os arcos, tá? E chutar a bola por cima deles. Sacou?

— Saquei.

O Assassino abriu um sorriso vindo de muitos anos atrás, ainda que por uma fração de segundo.

— Ah — completou Henry —, e manda o babaca do Rory parar de roubar...

— Eu não tô roubando!

Jogamos bola em meio ao sangue do sol.

# a copa do mundo da morte

O RELÓGIO BATEU duas horas com elegância.

E, sem o menor encanto, duas e meia.

Ela voltou para a escola, professora substituta.

— Esse negócio de morrer é moleza — disse.

(Tinha acabado de vomitar na pia.)

Quando conseguiu, por fim, retomar suas atividades, às vezes não voltava para casa, e esbarrávamos com ela no meio do caminho, ou era a última pessoa no estacionamento. Uma vez a encontramos perto da linha do trem, recostada no banco do carro, próxima da estação, os trens passando de um lado, e o tráfego, do outro. Batemos à janela para acordá-la.

— Ainda viva, que beleza! — disse ela.

Certas manhãs, ela nos avisava:

— Se um de vocês vir o rosto da morte hoje, digam para a engraçadinha vir falar comigo.

Sabíamos que ela estava exibindo sua coragem.

Nos dias em que estava mal demais para sair, nos convocava para o piano.

— Vamos lá, garotos! Cadê meu beijinho?

Fazíamos fila para beijar a bochecha dela.

Toda vez poderia ser a última.

Sempre que havia qualquer resquício de alegria ou leveza, dava para ver que o afogamento não estava muito longe.

\*\*\*

No fim das contas, o terceiro Natal de fato *foi* o último dela.

Nós nos sentamos à mesa da cozinha.

Fizemos um esforço dos infernos; cozinhamos *pierogi* e um *barszcz* completamente tenebroso.

Ela finalmente estava pronta para cantar “Sto Lat” de novo, e cantamos por amor a Penélope; e por Waldek, a estátua, e por nenhum país.

Cantamos apenas pela mulher diante de nós.

Cantamos apenas pelas histórias dela.

\*\*\*

Em breve, haveria de ser.

Concederam a ela uma última escolha.

Morrer no hospital ou morrer em casa.

Na cama de lençóis assépticos, ela olhou para Rory, então para mim e para o resto de nós, e tentou decidir quem deveria se pronunciar.

Se fosse Rory, ele diria algo como: “Ei, você aí! Enfermeira! Isso mesmo, *você!* Desliga essa porra toda logo!” Se fosse eu, o pedido seria menos rude, ainda que brusco. Henry estufaria o peito e diria algo em um tom arrogante, e Tommy não daria um pio — era muito novinho.

Após uma breve deliberação, ela optou por Clay. Chamou meu irmão e sussurrou em seu ouvido.

Ele se virou para a enfermeira e a médica; uma mais gentil que a outra.

— Ela disse que vai sentir falta da comida daqui, mas quer estar em casa com a gente. — Ela deu uma piscadinha amarelada para ele. — E precisa continuar tocando piano... e ficar de olho *nele*.

Não foi para Rory que ele apontou, e sim para o homem com a mão no ombro de Tommy.

Foi a vez de Penny se pronunciar.

— Obrigada por tudo — disse ela às duas.

\*\*\*

Clay tinha treze anos na época.

Na escola, um orientador o chamou para conversar, depois de Henry simplesmente ter ido embora; perguntaram se ele precisava conversar. Dias obscuros antes de Cláudia Kirkby.

O nome dele era sr. Fuller.

Assim como Kirkby, ele não era psicólogo, e sim um professor, um cara bacana até, mas por que Clay se abriria com ele?

Não fazia sentido.

— Sabe... — começou o professor. Ele parecia bem jovem, com sua camisa azul-clara e uma gravata com estampa de sapos. Clay pensou: *Sapos?* — Às vezes é mais fácil falar com alguém de fora da família.

— Estou bem.

— Entendi. Bom, você que sabe. Qualquer coisa, estou aqui.

— Obrigado. Posso voltar pra aula de matemática?

\*\*\*

Tivemos momentos difíceis, claro, momentos terríveis, como a vez em que a encontramos no chão do banheiro, como uma andorinha que não conseguia voar.

Houve o momento com Penny e nosso pai no corredor, e a forma como ele a ajudou. Ele era um idiota, o nosso pai, pois olhava para a gente e murmurava *Olha que garota mais linda!*, mas tomava todo o cuidado para não machucá-la.

Hematomas, arranhões. Lesões.

Nada valia o risco.

Deveriam ter parado ao lado do piano e fumado um cigarro.

Mas a morte não dá descanso, imagino; é implacável e desfavorável. É bobo falar assim, eu sei, mas na hora não importa muito. É morrer em dobro.

Às vezes era preciso forçá-la a comer, a se sentar à mesa da cozinha; ela não conseguia engolir o cereal.

Henry teve seu momento uma vez, na garagem:

Ficou socando, num frenesi insano, um tapete enrolado, até que me viu e desabou no chão.

Fiquei ali parado, desarmado, desamparado.

Então me aproximei e estendi a mão.

Demorou um minuto até ele aceitá-la, e caminhamos juntos até o quintal.

\*\*\*

Às vezes, ficávamos todos no quarto deles.

Na cama ou estirados no carpete.

Éramos garotos e corpos, prostrados por causa dela.



Éramos prisioneiros de guerra.

E claro — mais tarde, quando li um trecho da *Odisseia* no aniversário —, fomos a *nós mesmos* que tentamos imitar.

Só que naquele momento era Michael quem lia para nós:

O barulho do mar e Ítaca.

Ele ficava em pé próximo à janela do quarto.

\*\*\*

Em intervalos regulares, uma enfermeira aparecia para examiná-la. Entregava Penny à morfina e passava mais tempo do que o necessário checando seu pulso.

Ou será que a mulher se concentrava tanto na tarefa para esquecer?

Para ignorar o motivo de estar ali, e quem e o que ela era:

A voz do desapego.

\*\*\*

Nossa mãe decerto era uma maravilha, mas uma triste e fascinante ruína.

Era um deserto escorado por travesseiros.

Os lábios estavam secos e áridos.

O corpo afundava nas cobertas.

O cabelo resistia.

Nosso pai até podia ler sobre os aqueus e sobre os navios que estavam prontos para zarpar.

Mas não havia mais mar ruidoso.

Nada de mar vinoso.

Apenas um único barco apodrecido, mas incapaz de afundar por completo.

\*\*\*

Mas sim.

Puta merda, sim!

Tivemos bons momentos, grandes momentos.

Havia Rory e Henry, esperando na porta da sala de matemática de Clay, ou de ciências, recostados na parede, tranquilos:

O cabelo cor de ferrugem.

O sorriso errante.

— Anda, Clay. Vem logo.

Todos corriam para casa e se sentavam com ela, e Clay lia, e Rory falava:

— Não entendo por que o Aquiles é tão bunda-mole.

Então um ligeiro movimento dos lábios dela.

Ainda tinha presentes a dar.

— Agamenon roubou a namorada dele.

Nosso pai os levava de volta para a escola, o olhar fixo no para-brisa, bronca após bronca, mas eles sabiam que não estava falando sério.

\*\*\*

Houve as noites em claro, no sofá, vendo filmes antigos, de *Os Pássaros* a *Sindicato de Ladrões*, até coisas que você jamais esperaria dela, como *Mad Max* e *Mad Max 2*. Ela adorava quase tudo dos anos 1980. Na verdade, os dois últimos eram os únicos que Rory e Henry aguentavam; todos os outros eram lentos demais. Ela sorria quando eles reclamavam e choramingavam.

— Filme chato pra burro! — matraqueavam, e era um lugar seguro, uma

coreografia ensaiada.

Um metrônomo.

\*\*\*

E, finalmente, a manhã que quero resgatar, e ela devia saber que estava chegando o momento, porque foi atrás dele às três em ponto:

Carregou o suporte do soro até a porta do nosso quarto e o chamou.

Eles se sentaram no sofá.

Ela sorria com dificuldade naquela época.

Seu rosto em processo de deterioração.

— Clay, chegou a hora, tá bom? — disse ela.

Então contou tudo a ele, a versão sem cortes. O garoto só tinha treze anos, era muito novo, mas ela disse que tinha chegado a hora. Penny falou dos tempos da rua Pepper e dos segredos envolvendo sexo e pinturas.

— Você devia pedir para o seu pai desenhar qualquer dia desses. — Mais uma vez, ela se levantou e tombou. — Só ignora a cara que ele vai fazer.

\*\*\*

Depois de um tempo, ela comentou que estava com calor.

— Podemos ficar na varanda?

Estava chovendo, e a chuva reluzia — uma cortina tão fina que brilhava sob as luzes das ruas —, e eles se sentaram no chão, as pernas esticadas. Encostados na parede. Ela o trouxe para perto, devagar.

Ela trocava a própria vida por histórias:

Da Europa à cidade de Featherton.

Uma garota chamada Abbey Hanley.

Um livro intitulado *O marmoreiro*.

Ela levou embora quando o deixou.

— Seu pai enterrou uma máquina de escrever, sabia? — revelou Penny.

Então contou todos os detalhes daquela quase morte. Falou de Adelle e de seu colarinho engomado, da máquina que chamava de velha Tec-tec, e houve uma época em que eles viajaram para lá, para aquela cidade de fundo de quintal, e enterraram a boa e velha Remington, e era uma vida e tanto, disse ela, era tudo.

— É o que somos de verdade.

\*\*\*

No fim, a chuva estava ainda mais suave.

O soro dela quase caiu.

O quarto garoto Dunbar ficou atordado.

Como um garoto de apenas treze anos sentado na varanda faz para digerir todas aquelas histórias? Tudo despejado nele de uma só vez?

Mas é claro que ele entendeu. Estava sonolento, mas também desperto.

Mãe e filho pareciam dois esqueletos de pijama, e ele era o único entre nós — o único que adorava as histórias deles, de coração. Era nele que ela confiava cegamente. Era ele quem ela imaginava um dia desenterrando a velha Tec-tec. Como são cruéis as reviravoltas do destino.

Eu me pergunto desde quando ele sabia:

Ele me deu as instruções.

A primeira luz da manhã só surgiria dali a meia hora, e às vezes existe, sim, sorte — pois o vento começou a mudar. Veio à procura deles, pelas laterais da

varanda, e os manteve ali. Começou a soprar e os encobriu.

— Ei... Ei, Clay...

E Clay se aproximou, se aninhou em seu rosto louro e quebradiço. Os olhos fundos dela já estavam cerrados.

— Agora você me conta as histórias.

E o garoto, ele poderia ter desabado e chorado no colo dela. Mas tudo que fez foi perguntar:

— Por onde eu começo?

— Por onde... — Ela engoliu em seco. — ... você quiser.

E, quando Clay travava, ela o conduzia.

— No passado — disse ela —, havia uma mulher que tinha muitos nomes.

Ela sorriu, mas manteve os olhos fechados.

Sorriu, e aos poucos o corrigiu.

— Não... — disse ela, e a voz dela era a voz da morte iminente. — É assim... —

A voz da sobrevivência.

Um esforço momentâneo para ficar com ele.

Ela se recusou a abrir os olhos, mas virou o rosto e falou:

— *Certa vez, na maré do passado Dunbar, houve uma mulher de muitos nomes.*

Ela viajou uma longa distância até o garoto ao seu lado, e Clay abraçou a história; tinha um trecho próprio para acrescentar.

— E que mulher ela era.

Em três semanas, ela se foi.

# retrato de um pai quando homem velho

LOGO NÃO RESTAVA mais nada:

Finalizaram a história, mas sem um ponto final, pois sabiam que algo estava por vir.

Quanto à ponte, no entanto, a obra e a faxina tinham acabado; eles a examinaram de tudo quanto era ângulo. De tarde, ela parecia brilhar mais, como se tivesse sido alimentada pelo calor do dia. Ficava iluminada, depois desbotava e por fim desaparecia.

O primeiro a atravessá-la foi Aquiles.

Parecia prestes a zurrar, mas não fez isso.

Para nossa sorte, nenhum pacto tinha sido feito com entidades más ou corruptoras; primeiro ele marchou com cuidado, examinando a ponte, mas no meio já tinha se apossado dela.

Quintais, cozinhas de subúrbio. Terrenos e pontes construídas à mão.

Para Aquiles era tudo a mesma coisa.

\*\*\*

Por um tempo, eles não sabiam o que fazer.

— Acho que você devia voltar para a escola.

Mas aquela época já tinha ficado para trás. Desde a morte de Carey Novac, Clay não via mais sentido em coisas do tipo. Agora era apenas um construtor, sem qualquer diploma ou certificado. Suas mãos eram a única prova de seu trabalho e de sua dedicação.

\*\*\*

Na época já tinha se passado um mês, e Clay retornara à cidade, mas não antes de Michael lhe mostrar.

Estavam na cozinha, com o fogão — e aquele não era um garoto qualquer. Ninguém construía uma ponte rápido daquele jeito, quanto mais daquela magnitude. Garotos não pediam para construir arcos; mas, até aí, garotos não faziam tantas coisas — e Michael pensou na manhã que os inundou, na última água por vir.

— Vou pra casa trabalhar com o Matthew — anunciou Clay.

— Vem comigo — disse Michael.

\*\*\*

Primeiro passaram por debaixo da ponte, e Michael deslizou a mão pela curvatura do arco. Beberam café na brisa fresca da manhã, com Aquiles logo acima.

— Ei, Clay — chamou Michael, baixinho. — Ainda não está pronta, né?

O garoto na pedreira disse:

— Não.

Pelo jeito da resposta, Michael soube que, quando acontecesse, ele nos deixaria para sempre — não porque ele queria, mas porque precisava, e ponto.

\*\*\*

Em seguida, aconteceu o que muito se esperava, desde Penélope, a varanda e as histórias:

Você devia pedir para o seu pai desenhar qualquer dia desses.

Ou ensinar você a pintar.

— Vem — disse Michael —, por aqui.

Ele conduziu Clay até os fundos do barracão, e foi aí que o garoto entendeu por que Michael o parara — quando foi pegar a pá atormentadora aquele dia, quando o levou até Featherton —, pois ali, em um cavalete improvisado, pendendo de lado, encontrava-se um esboço de um menino na cozinha, estendendo *algo* em nossa direção.

Sua mão estava aberta e um pouco curvada.

De perto dava para ver o que era:

Os fragmentos de um pregador quebrado.

Era a cozinha em que estou sentado.

Apenas um dos nossos inícios.

\*\*\*

— Sabe — comentou Clay —, ela me disse que eu devia pedir para você me mostrar.

Ele engoliu em seco; refletiu e ensaiou:

Ficou bom, pai, ficou muito bom.

Mas Michael foi mais rápido.

— Eu sei — disse ele. — Eu deveria ter pintado ela.



Michael se recusara a pintá-la, mas agora tinha Clay.

Ele desenharia o garoto.

Pintaria o garoto.

E se empenharia nisso ao longo dos anos.

Mas, antes desse início, houve isto:

## o quintal radiante

DURANTE A MAIOR parte do tempo nas últimas semanas, vivemos apenas com uma casca de gente. O restante dela estava fora de alcance. Era um sofrimento, a enfermeira e as visitas, e chegamos ao ponto de ler os pensamentos dela. Ou talvez fossem pensamentos incutidos em *nós mesmos*:

Como ela ainda tem pulso?

Houve um tempo em que a figura da morte vagava por aqui, ou saltava de cabo em cabo pela rede elétrica. Ou rodeava a geladeira, encurvada e cabisbaixa.

Estava sempre à espreita para tirá-la de nós.

Mas agora havia tanto para dar.

\*\*\*

Havia conversas silenciosas, precisávamos delas.

Ficávamos sentados na cozinha com nosso pai.

Ele disse que ainda tínhamos alguns dias.

A médica explicou ontem, e também na manhã de anteontem.

Os dias antes do início eram intermináveis.

Deveríamos ter comprado um cronômetro naquela época, e giz para anotar as apostas; mas Penny continuava vivendo, se recusando a morrer. Uma vitória que ninguém comemoraria.

Baixávamos a cabeça e encarávamos a mesa.

Por acaso, algum dia, chegamos a ter um saleiro e um pimenteiro que combinavam?

\*\*\*

E, sim, eu me pergunto sobre nosso pai, sobre como ele deve ter se sentido ao ter que agir como se os dias fossem apenas dias, pois esse foi um dos últimos desejos dela — que nos levantássemos e saíssemos de casa. Saíssemos e vivêssemos a vida.

Toda manhã, dávamos um beijinho na bochecha dela.

Ela aguentava firme estritamente para isso, parecia.

— Vai, meu docinho... Vai lá.

Não era a voz de Penélope.

\*\*\*

Tampouco era o rosto dela — aquela coisa que se contorcia e chorava.

Aquele par de olhos amarelos.

Ela jamais nos veria crescer. Apenas chorava e chorava em silêncio.

Ela jamais veria meus irmãos terminarem o colégio e outros marcos absurdos; jamais nos veria sofrer, suando frio na primeira tentativa de colocar uma gravata. Ela não estaria por aqui para interrogar as primeiras namoradas. Essa menina já ouviu falar de Chopin? Conhece o grande Aquiles? Todas essas bobagens carregadas de um lindo significado. Ela só tinha forças para romancear, para inventar as vidas que levaríamos:

Éramos ilíadas em branco, vazias.

Éramos odisseias à sua mercê.

Ela flutuava, embalada por aquelas imagens.

\*\*\*

E hoje eu sei o que acontecia:

Ela implorava a ajuda dele toda manhã.

O pior chegava quando íamos embora.

— Seis meses — disse ela. — Michael... *Michael*. Seis meses. Estou morrendo há um século. Me ajuda, por favor, me ajuda.

Naquela época, Rory, Henry e Clay já não matavam aula e corriam de volta para casa com tanta frequência. Ou pelo menos fomos ingênuos por acreditar que não faziam mais isso, pois um deles *chegou a voltar* algumas vezes, mas era bom em passar despercebido. Sempre saía da escola em horários diferentes e observava do canto da janela — até que um dia não conseguiu mais vê-la. Ele saía correndo de volta assim que botava os pés na escola.

Ao chegar, ficava de um lado para outro na frente de casa.

Tentou ver pela janela do quarto deles.

A cama estava desfeita e vazia.

\*\*\*

Sem pensar, deu um passo para trás.

Sentiu o sangue e a pressa...

Algo estava errado.

Algo está errado.

Ele sabia que precisava entrar; tinha que colocar o pé na casa, e, quando o fez, a luz bateu nele; incidiu direto no corredor. E atacou seus olhos.

Ainda assim, continuou andando — saiu pela porta dos fundos, que estava

aberta.

Parou ao se deparar com eles.

À esquerda, ouviu o carro — uma única nota sem tom —, e no fundo do coração já sabia a verdade: o carro não sairia da garagem.

Ele viu o pai de pé, na luz ofuscante do quintal, e a mulher em seus braços: a mulher do piano perdido, que estava morrendo mas não conseguia morrer, ou pior, que estava vivendo mas não conseguia viver. Ela pendia em seus braços como um arco, e nosso pai caiu de joelhos.

— Não consigo — disse Michael Dunbar e a colocou no chão com cuidado.

Olhou para a porta lateral da garagem, e falou com a mulher sob ele, as mãos repousadas em seu peito e seu braço.

— Eu fiz de tudo, Penny, mas não consigo, simplesmente não consigo.

O homem ajoelhado tremendo de leve.

A mulher no gramado se dissolvendo.

\*\*\*

E ele ficou ali parado, chorando, o quarto garoto Dunbar.

Por alguma razão, ele se lembrou de uma história:

Ele a imaginou em Varsóvia.

A garota no mar ruidoso.

Estava sentada, tocando piano, a estátua de Stálin ao lado dela. Ele açoitava os dedos dela com uma ferroada contida toda vez que ela relaxava as mãos ou cometia algum erro. Havia tanto amor silencioso nele; ela ainda era uma criança pálida. Foram vinte e sete advertências, por vinte e sete pecados musicais. Então o pai criou um apelido para ela.

No fim da aula, a neve caindo do lado de fora.

Ela tinha oito anos na época.

Quando completou dezoito, ele decidiu. Decidiu tirá-la dali.

Mas primeiro ele a interrompeu.

Ele a interrompeu e segurou suas mãos: estavam castigadas e pequenas e mornas. Então as fechou com delicadeza entre os próprios dedos monolíticos.

Ele parou e por fim disse a ela...

E o garoto.

Nosso garoto.

Esse garoto novo, calejado pela história, deu um passo à frente e acreditou em tudo.

Deu um passo à frente e se ajoelhou devagar.

Devagar, falou com nosso pai.

Michael Dunbar não o viu se aproximar, e, se estava surpreso, não demonstrou — ficou estupefato na grama, imóvel, paralisado.

O garoto disse:

— Pai... Tá tudo bem, pai.

E deslizou os braços por baixo dela, e se levantou, e a carregou. Não olhou para trás, nosso pai não reagiu, e naquele dia os olhos dela não pareciam amarelos; eram os dela, e sempre seriam. O cabelo dela escorria pelas costas de novo, suas mãos estavam viçosas e limpas. Ela não se parecia em nada com uma refugiada. Ele caminhou com ela, com toda a calma do mundo.

— Tá tudo bem — repetiu ele, agora para ela. — Tá tudo bem.

E ele teve certeza de que a viu sorrir, enquanto fazia a única coisa que podia, à própria maneira:

— *Już wystarczy* — murmurou baixinho, e então a carregou pela tradução. — Já chega, Rainha dos Erros.

E Clay parou com ela debaixo do varal, e foi então que ela fechou os olhos, ainda respirando, mas pronta para morrer. Conforme a levava até a nota que ouvira, que ecoava da fumaça na entrada, Clay teve certeza; a última coisa que Penélope viu no mundo foi um cabo e suas cores — os pregadores no varal, acima deles:

Tão leves quanto pardais, e radiantes sob a luz.

Por um momento eles eclipsaram a cidade.

Enfrentaram o sol. E venceram.

# a hora das águas grandiloquentes

E ASSIM SE fez a história.

Tudo levava à ponte:

Por fim, Penélope chegara a seu limite, mas para Clay era mais um começo. A partir do momento em que a pegou nos braços, a vida tomou um rumo que ele jamais imaginara. Quando voltou ao quintal, voltou ao varal, pegou o primeiro pregador que viu.

O pai não conseguia olhar para ele.

Jamais seriam os mesmos.

O que ele tinha feito e o que ele se tornara naquele momento em um instante virariam arrependimento.

Ele jamais se lembraria da caminhada de volta à escola.

Apenas da leveza do pregador.

Estava sentado, perdido no parquinho, quando Rory e Henry o encontraram, e o levantaram e o carregaram.

— Vieram buscar a gente — disseram, a voz deles qual um pássaro espatifado.  
— É a Penny, a Penny, ela...

A sentença nunca chegou ao fim.

Em casa, a polícia, então a ambulância.

A forma como tudo deslizava pela rua.



Já era fim de tarde, e nosso pai tinha mentido sobre tudo; aquele sempre fora o plano dela. Michael a ajudaria e diria a eles que tinha dado uma saída. Que tinha sido a própria Penny, tão desesperada...

Mas o garoto havia voltado para casa e arruinado tudo.

Ele apareceu e salvou o dia.

Viríamos a chamar nosso pai de Assassino.

Mas o salvador assassino era ele.

\*\*\*

No fim, haveria sempre a ponte.

Ela foi construída, e agora voltemos à enchente.

A tempestade nunca vem na hora certa.

No nosso caso, aconteceu no inverno.

O estado inteiro logo ficou submerso.

Eu me lembro da água interminável, a chuva açoitando a cidade.

E aquilo não foi nada comparado ao Amahnu.

\*\*\*

Clay ainda trabalhava comigo.

Estava correndo pelas ruas do bairro, perto de onde a bicicleta dela, por incrível que parecesse, permanecia intocada; ninguém chegou com um alicate ou desvendou o segredo. Talvez ninguém quisesse fazer nada disso, simples assim.

Os noticiários anunciaram a mudança de tempo, e a chuva começou muito antes; lá fora, Clay recebeu os primeiros pingos de água. Correu para as cocheiras em Hennessey.

Acertou os números da trava e conduziu a bicicleta com cuidado. Até uma pequena bomba de ar ele tinha levado, para encher os pneus vazios. Cootamundra, O Espanhol e El Matador. A coragem de Kingston Town. Clay bombeou com força, os nomes dentro dele.

Enquanto andava de bicicleta, avistou uma garota na avenida Poseidon, mais ao norte no bairro, perto da Academia de Boxe Tricolor e da Barbearia Cortando por Fora. Uma cabeleira loura contra o céu enegrecido.

— Ei! — chamou ele.

— Que tempo doido! — disse ela, e Clay saltou da bicicleta velha.

— Quer ficar com essa bicicleta?

— Eu nunca teria uma sorte *dessas*.

— Bom, hoje é o seu dia. Vai, pode levar.

Clay baixou o descanso e se afastou. O céu se transformava em tempestade, mas ele ficou observando enquanto ela se aproximava e pegava a bicicleta. E gritou:

— Você já ouviu falar de Carey Novac?

— Quê? Quem?

Gritar o nome dela doía, mas ele se sentiu melhor.

— A trava! — berrou ele através da cortina de água. — É trinta e cinco, vinte e sete! — Ele pensou mais um pouco. — Se você por acaso esquecer, lembra do Espanhol! — gritou, engolindo alfinetes de água.

— De *quem*?

Mas agora ela estava por conta própria.

Ele a observou mais um pouco, até que ela desapareceu no horizonte.

\*\*\*

Dali em diante, houve apenas mais chuva.

Não chegaria a cair por quarenta dias e quarenta noites.

Mas parecia que sim.

No primeiro dia, Clay se aprontou para pegar o trem até Silver, mas não deixamos. Nós cinco nos empilhamos na minha perua, com Aurora, claro, no banco de trás.

A sra. Chilman ficou cuidando dos demais.

\*\*\*

Em Silver, chegamos bem na hora:

Quando atravessamos a ponte, olhamos para baixo.

A água batia com força nos arcos.

Na varanda, sob a chuva, Clay pensou nelas; rio acima, aquelas árvores severas, e as pedras e os eucaliptos gigantes. Naquele momento, estavam todos assolados. Os detritos desciam descontroladamente.

Logo o mundo inteiro estava inundado, parecia, e os arcos da ponte já estavam submersos. Dia após dia, a água subia. A violência era hipnotizante; dava muito medo, mas era impossível não assistir à cena. Ou acreditar naquilo.

Então, uma noite, a chuva parou.

O rio continuou bradando, mas com o tempo começou a baixar.

Ainda não dava para saber se a ponte tinha sobrevivido — ou se Clay conseguiria atingir sua verdadeira meta:

Caminhar sobre as águas.

Dia e noite, o Amahnu correu marrom, agitado feito chocolate em um liquidificador. Mas durante o nascer e o pôr do sol havia cor e luz — o brilho, e então a extinção do fogo. A alvorada ficava dourada, e a água queimava, e depois sangrava na escuridão antes de virar noite.

\*\*\*

Por mais três dias, esperamos.

Ficávamos ali parados, observando o rio.

Jogávamos carteados na cozinha com nosso pai, enquanto Aurora se encolhia ao pé do fogão.

Não tinha espaço para todos nós, então baixamos os bancos da perua, e Rory e eu dormíamos ao relento.

Volta e meia, Clay ia até o barracão nos fundos da casa, onde Aquiles montava guarda, e via mais obras de arte em andamento. Seu favorito era um esboço rabiscado de um garoto ao pé dos eucaliptos — até que aconteceu, chegou o dia, um domingo.

\*\*\*

Como sempre, acordamos ainda no escuro.

Pouco antes da alvorada, ouvi passos — correndo, espalhando água —, e em seguida ouvi a porta do carro se abrir; senti a força da mão dele.

— Matthew — sussurrou ele. — Matthew! — E então: — Rory. *Rory!*

E de repente me dei conta.

Dava para sentir na voz de Clay.

Ele estava tremendo.

\*\*\*

As luzes da casa se acenderam, e Michael saiu com uma lanterna e desceu até a água, mas voltou correndo logo depois. Eu me esforçava para sair do carro, e ele cambaleava, mas falou comigo com clareza; estava em choque, incrédulo.

— Matthew, você tem que vir junto.

Será que a ponte não estava mais lá?

Devíamos estar lá, tentando salvá-la?

Mas, antes que eu pudesse dar um passo à frente, a primeira luz bateu no padoque. Olhei para o horizonte e vi.

— Meu Deus! — falei. — Je-sus *Cristo*! Ei! Ei, Rory!

\*\*\*

Quando nos juntamos na varanda, Clay se sentou no primeiro degrau e ouviu a si mesmo falar, no passado.

*Não foi por sua causa que eu vim*, disse ele ao Assassino, a Michael Dunbar — mas aqui, agora, ele sabia que não era bem assim. Clay tinha vindo por nossa causa. Só não sabia que seria tão dolorido assim, em face de algo milagroso.

Por um segundo observou a border collie, que estava sentada, lambendo os beijos, mas de repente se voltou para Rory. A história vinha se compondo havia anos — e ele olhou para o irmão, sério:

— Porra, Tommy, essa cachorra precisa mesmo respirar tão alto?

Rory, por sua vez, sorriu.

— Vamos — chamou Clay, no tom de voz mais doce que já o ouvi usar. — Vamos lá ver juntos.

Vamos até o rio ver.

\*\*\*

Quando todos chegamos lá, o nascer do sol estava batendo na água. O rio expandido queimava, iluminado pelas plumas da alvorada, e a ponte continuava submersa — mas intacta, e feita dele. A ponte era feita de Clay, o garoto de argila, e você sabe o que dizem sobre a argila, não sabe?

Será que ele conseguiria atravessar o Amahnu?

Será que poderia ser sobre-humano por um momento?

A resposta, evidentemente, era não, pelo menos para essa pergunta final, e dessa vez vimos tudo de perto.

\*\*\*

No fim de nossa caminhada, ele os ouviu:

Trocaram mais palavras do que haviam trocado em Silver.

*Eu daria a minha vida para um dia atingir a grandeza que existe em Davi...*

*Vivemos a vida dos Escravos.*

O sonho tinha acabado e foi respondido.

Ele jamais passaria por cima da água — um milagre feito de uma ponte —, nenhum de nós passaria; pois no fogo em que os arcos se envolveram, onde rio e pedra o mantinham empertigado, havia alguém genuíno e milagroso, e uma coisa que eu jamais esquecerei:

Claro, só podia ter sido ele.

Sim, ele, que pairava feito uma estátua, tão resoluto quanto costumava ficar na cozinha. Ficou observando e ruminando, despreocupado, com o olhar de sempre

envolto pelo seu pelo de palha — o focinho alarmado, controlado até o fim:

Estava cercado de rio e alvoreada; a água cobria suas patas, seus cascos sobre o rio e a ponte. Até que sentiu que era hora de falar. As duas perguntas de praxe, enquanto ruminava, e um sorriso teimoso digno de mula:

Que foi?, perguntou ele, à luz incandescente.

Qual o problema?

Se ele estava ali para testar a ponte de Clay — se esse era o motivo pelo qual ele foi até lá —, só nos resta concordar e admitir: estava fazendo um ótimo trabalho.

**depois do fim**  
a velha tec-tec,  
o retorno



NO FIM HAVIA um rio, uma ponte e uma mula, mas este não é o fim, é depois dele, e aqui estou, na cozinha, de manhã, com o quintal radiante e ensolarado atrás de mim, o sol cada vez mais alto.

Só sei que já perdi a conta:

De quanto tempo faz.

Há quantas noites estou sentado aqui, nesta cozinha que presenciou todas as nossas vidas? Foi aqui que uma mulher nos contou que iria morrer e que um pai voltou para casa. Que Clay foi tomado pelas chamas que incendiaram seu olhar, e esses foram só alguns dos muitos acontecimentos. Mais recentemente, foi onde ficamos, nós quatro, os garotos Dunbar, com nosso pai — foi onde ficamos esperando, juntos...

Então só o que resta agora é *isto*; eu aqui, sentado, batendo e batendo. Após voltar de Featherton com uma máquina de escrever, um cachorro e uma cobra, passei noite após noite aqui, enquanto todos dormiam, focado em escrever a história de Clay.

E como começar a contá-la?

Como falar do depois, de nossas vidas desde que eles terminaram a ponte? Certa vez, na maré do passado Dunbar, ele retornou para nossa casa, aqui na rua Archer, e depois nos abandonou — tínhamos certeza de que seria para sempre; e os anos trouxeram muitas coisas.

\*\*\*

Quando fomos embora do rio, Clay abraçou nosso pai e deu um beijo em Aquiles.

(Aquele patife estava lá fora curtindo um momento só dele — e voltou para nós com certa relutância.) Para Clay aquele era um momento de triunfo inimaginável, tamanho seu deslumbramento com tudo que vira. Mas logo esse sentimento deu lugar a uma tristeza incurável e interminável. Para onde ele deveria ir em seguida?

Enquanto recolhia suas coisas — a velha caixa de madeira com lembranças, seus livros, incluindo *O marmoreiro* —, ele se pôs a olhar a ponte pela janela. Qual era a serventia de uma obra-prima? Ela era a prova de tudo pelo qual ele tanto trabalhara, apenas isso, mas jamais seria capaz de salvar qualquer coisa.

Quando fomos embora, ele entregou a nosso pai:

O livro com a capa desbotada e as letras em bronze.

— Chegou a hora de te devolver isso.

No caminho para minha perua, ouvimos um arquejo final de nosso pai; ele correu atrás do meu irmão, chamando:

— Clay... Clay!

E Clay já sabia o que ele iria dizer.

Mas também sabia que iria nos deixar.

— Clay... O quintal...

E Clay levantou a mão, interrompendo-o.

Repetiu o que dissera a Michael anos antes, quando ainda era uma criança, e não uma ponte.

— Tá tudo bem, pai. Tá tudo bem. — Mas logo acrescentou: — Ela era mesmo demais, não era?

E nosso pai só pôde concordar.

— Era — disse. — Era mesmo.

Clay entrou no carro e nos observou enquanto apertávamos a mão de nosso

pai.

Houve uma conversa, e Tommy chamando Aurora, e Clay adormecendo na perua, o rosto colado à janela.

Não chegou a ver quando atravessamos a ponte dele.

\*\*\*

Em casa, levou a maior parte do dia e uma noite inteira, eu e ele sentados aqui nesta mesma cozinha. Meu irmão me contou tudo — sobre Penélope, sobre Michael e sobre todos nós —, e tudo que ele tinha sido com Carey. Por duas vezes quase desabei, e houve um momento em que fiquei tão enjoado que achei que fosse vomitar; mas ele continuava falando e me resgatando.

— Mas, Matthew, escuta só isso — dizia ele.

Ele me contou que, quando a carregou pelo quintal, ela tinha voltado a ser aquela menina pálida e loura de novo, e que os pregadores foram a última coisa que ela viu.

— Agora é contigo, Matthew. Você tem que ir lá e contar pra ele. Você tem que ir lá e contar para o nosso pai. Ele não sabe que foi assim que eu a vi. Ele não sabe que era assim que ela estava.

Quando as histórias chegaram ao fim, pensei em Penélope, e no colchão, e nas Cercanias. Por que não o queimamos quando tivemos a oportunidade, cacete? Meu Deus, tantas coisas passavam pela minha cabeça... Também não era para menos. Ele nunca mais seria o menino que tinha sido um dia; estava prestes a nos deixar, para nunca mais voltar. É que aqui havia tanto dele: o peso de tantas lembranças. Pensei em Abbey Hanley, depois em Carey — e o que ela disse a respeito dele em Bernborough.

Havíamos perdido nosso garoto encantador.

\*\*\*

Quando ele partiu, no dia seguinte, não houve muito papo — a essa altura, você já sabe bem como a gente é. Quem mais falou, acho, foi Clay, pois era ele quem estava preparado.

Para Rory foi algo como:

— Vou sentir saudade desses nossos papos existenciais.

Mesmo assim, Rory não abandonou a ferrugem e o arame que o envolvia. Eles riram para aliviar a dor.

Com Henry, foi simples.

— Boa sorte com a loteria... Sei que você ainda vai ganhar.

E Henry, é claro, o agarrou e o levantou, mas de leve, apenas uma brincadeira.

— Um a seis — respondeu.

Tentou oferecer um dinheiro ao irmão, pela última vez, mas Clay balançou a cabeça e recusou.

— Não precisa, Henry, pode ficar com ele.

E Tommy — o jovem Tommy.

Clay pôs as mãos nos ombros dele.

— Ela sempre vai estar lá, no lobo-da-tasmânia.

E foi isso que quase destruiu todos nós — até que não restou ninguém além de mim.

Por mim, ele conseguiu esperar.

Passou por nós todos, daquela maneira que os meninos fazem. Não faz mal se encostamos uns nos outros — ombros, cotovelos, punhos, braços; depois se virou

e me encarou.

Durante um tempo, não disse absolutamente nada; então, foi até o piano e levantou o tampo. Lá dentro ainda jaziam o vestido dela, assim como a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Devagar, ele pôs a mão lá dentro e me entregou os livros.

— Vai — disse ele —, abre o primeiro.

Dentro havia dois bilhetes.

O primeiro era a carta de Waldek. O segundo era um pouco mais recente:

*Em caso de emergência  
(se acabar o estoque de livros, por exemplo)*

Um número de telefone e as iniciais CK.

Cheguei perto de mandar meu irmão para aquele lugar, mas Clay se adiantou e disse:

— Leia tudo que ela te der, mas volte sempre para estes dois. — Os olhos dele estavam incandescentes, intensos. — Então, um dia, você vai sentir que chegou a hora. A hora de ir lá para Featherston e desenterrar a velha Tec-tec, mas tem que prestar muita atenção às distâncias, para não correr o risco de desenterrar a Lua ou a cobra... — Sua voz foi se transformando em um sussurro. — Promete pra mim, Matthew. Promete.

\*\*\*

E foi assim que aconteceu.

Ele nos deixou naquele mesmo dia, tarde da noite.

Ficamos olhando enquanto ele descia os degraus da varanda, cruzava o

gramado, botava os pés na rua Archer — e assim nossas vidas ficaram sem ele. Às vezes víamos uma sombra de relance, ou o vislumbrávamos caminhando pelas ruas do bairro, mas sabíamos muito bem que nunca era Clay.

Enquanto os anos galgavam, o que posso te dizer é isso:

Todos vivemos nossas próprias vidas.

De vez em quando vinha um cartão-postal de cidades onde ele provavelmente estava a trabalho — como Avignon e Praga e, mais tarde, uma cidade chamada Isfahan —, e todas, claro, eram lugares com pontes. O meu preferido veio da Pont du Gard.

Por aqui, não deixamos de sentir saudade nem por um minuto, mas não teve jeito: continuamos sendo nós mesmos; o passar dos anos chegou a somar onze — desde o dia em que nosso pai apareceu aqui perguntando se poderíamos ajudá-lo a construir uma ponte.

\*\*\*

Nesse meio-tempo, Tommy cresceu.

Fez faculdade e tudo — e não, ele não é veterinário.

É assistente social.

No trabalho, sempre leva em suas visitas um cachorro apelidado de O (a esta altura do campeonato, você já deve adivinhar o nome do animal) e tem vinte e quatro anos. As crianças com quem ele trabalha são problemáticas e rebeldes, mas todas amam o cachorro. Os bichinhos de estimação dele viveram para sempre, é claro — pelo menos até o instante em que morreram. Primeiro foi o peixe-dourado, Agamenon; depois Tetê, o pombo marchador; depois Heitor e, por último, Aurora.

Aos dezesseis anos, um dia Aurora já não conseguia mais andar, e todos nós a levamos juntos. No veterinário, foi Rory — pasmem! — quem disse:

— Acho que ela estava se segurando... esperando, sabe? — Então encarou a parede e engoliu em seco. E ali estava aquela cachorrinha batizada em homenagem ao céu e a Penélope. — Acho que ela estava esperando o Clay.

Só quem ainda está vivo é Aquiles, em Silver.

Tudo indica que aquela mula teimosa não vai morrer nunca.

Tommy mora perto do museu.

\*\*\*

Aí tem o Henry.

Bem, o que você acha que aconteceu com Henry? Estou curioso.

O que você esperaria do irmão número três?

Ele foi o primeiro a se casar, e, sempre que aparecia aqui, estava com um sorriso estampado no rosto. Foi trabalhar, claro, como corretor de imóveis, mas não antes de ter acumulado uma bolada — das apostas e de tudo que tinha juntado.

Durante um dos eventos de Venda Épica de Livros e Discos, uma menina se aproximou; passeava com seu cachorro pela rua Archer. O nome dela era Cléo Fitzpatrick. Para algumas pessoas, a vida simplesmente passa assim, serena, e Henry é um desses casos.

— Ei! — gritou ele, mas foi ignorado pela garota de short desfiado e camisa. — Oi, menina da mistura de corgi com shih tzu, ou sei lá que bicho é esse!

Ela pegou um chiclete e colocou na boca.

— É um kelpie, seu ridículo.

Mas eu estava lá. Ficou na cara. Deu pra ver bem nos olhos castanho-escuros da garota. Ela comprou um exemplar de *O idiota*, de Dostoiévski (uma escolha bem apropriada) e voltou na semana seguinte. Não deu um ano e eles já estavam casados.

\*\*\*

Rory, por incrível que pareça, é quem tem o relacionamento mais próximo com nosso pai, e vai bastante lá para a ponte. Continua meio casca-grossa — ou, como diria a sra. Chilman, um carinha difícil —, mas os anos o amaciaram um pouquinho, e eu sei que ele morre de saudades do Clay.

Por falar na sra. Chilman, foi pouco depois da morte dela que Rory se mudou para uma cidade nas redondezas: Somerville, que fica a uns dez minutos daqui. Mas ele gosta de voltar para cá para beber uma cerveja e ficar papeando e rindo. Ele gosta da Cláudia também, e de conversar com ela, mas na maior parte do tempo ficamos só eu e ele. Falamos sobre o Clay, sobre a Penny e repassamos a história:

— Deram seis meses de vida para ela... Cento e oitenta dias e uns quebrados. Cacete, eles não tinham a menor ideia da pessoa com quem estavam lidando, né?

Assim como os outros, hoje ele sabe o que aconteceu no quintal naquela manhã radiante; aquilo que nosso pai foi incapaz de fazer e que Clay, de alguma maneira, conseguiu. Sabe o que aconteceu depois, a história de Carey e das Cercanias; contudo, inevitavelmente, sempre voltamos ao momento em que ela nos deu a notícia, aqui mesmo, nesta cozinha.

— O que foi mesmo que o Clay disse sobre aquela noite? — pergunta ele, esperando ansiosamente pela resposta.



— Ele disse que você incendiou o olhar dele.

E, todas as vezes que ouve isso, Rory abre um sorriso.

— Eu arranquei ele da cadeira onde você tá sentado.

— Eu sei — respondo. — Eu me lembro.

\*\*\*

E eu?

Bom, eu consegui.

Levei muitos meses, mas de tanto ler os livros de Penélope — seus Everests de imigrante — e de abrir a carta de Waldek, acabei decorando o telefone de Cláudia.

Então, numa terça-feira, em vez de discar o número que tinha decorado, fui direto até a escola. Ela estava naquela mesma sala, corrigindo exercícios; quando bati, ela olhou de esguelha para a porta.

Sorriu o imenso sorriso dos vivos.

— Matthew Dunbar — disse, erguendo o rosto para me encarar. Então se levantou. — Finalmente.

\*\*\*

Como Clay pedira, fui a Silver.

Na verdade fui muitas vezes, quase sempre com Cláudia Kirkby.

Com bastante cautela, no início, eu e meu pai trocávamos histórias — sobre Clay, como filho e como irmão. Contei a ele o que Clay me pedira para contar, sobre o último vislumbre que tivera de Penélope — como a menina que ela fora um dia. Nosso pai ficou abismado.

Cheguei bem perto de dizer a ele, mas acabei me segurando:

Hoje eu sei por que você nos abandonou.

Contudo, assim como tantas outras coisas, isso é algo que se pode saber e não comentar.

\*\*\*

Demoliram a arquibancada de Bernborough e trocaram a antiga pista de saibro, mas acabamos confundindo as datas e perdemos o infame momento.

— Tantas lembranças incríveis — disse Henry quando fomos ver os escombros. — Todas aquelas apostas maravilhosas!

Todos aqueles apelidos e meninos enfileirados na cerca — o cheiro de eternos homens-quase-feitos.

Eu me lembro das vezes em que estive lá com Clay, e de Rory, com sua tarefa de contê-lo, e dos castigos.

Mas claro que as lembranças mais vívidas são de Clay e Carey.

É quem eu mais gosto de imaginar.

Os dois agachados perto da linha de chegada.

Aquele era mais um dos lugares sagrados de Clay. Com a ausência dele, ficou oco.

\*\*\*

Em matéria de lugares sagrados, contudo, as Cercanias continuam lá.

Os Novac já se mudaram há muito da rua Archer, voltaram para a vida no interior. No entanto, conhecendo o rumo da administração pública e da construção civil, as Cercanias continuam intocadas; por isso, o lugar ainda pertence a Carey e Clay, pelo menos no que me diz respeito.

Na verdade, passei a amar aquele lugar, principalmente nos dias em que sinto mais falta de meu irmão. Saio vagando pelo quintal, geralmente tarde da noite, e Cláudia sempre vem atrás. Pega na minha mão e caminhamos juntos até lá.

Temos duas filhas pequenas, e elas são lindas — desconhecem o que é arrependimento, são a alma e a essência de nossa vida aqui. Acredite ou não, nós lemos para elas a *Iliada*, e depois a *Odisseia*, e ambas estão aprendendo a tocar piano.

Sou eu quem as leva para as aulas, e praticamos juntos em casa. Sou eu quem fica diante das teclas que dizem QUER-CASAR-COMIGO, vigiando enquanto elas tocam, atento e metódico, com um galho de eucalipto na mão. Tenho que respirar fundo quando elas param e pedem:

— Papai, conta a história da Rainha dos Erros? — E, é claro: — Conta uma história do Clay?

E o que mais eu poderia fazer?

O que posso fazer além de fechar a tampa das teclas, enquanto vamos todos para a cozinha encarar a louça?

E tudo começa sempre do mesmo jeito:

— Certa vez, na maré do passado Dunbar...

A primeira se chama Melissa Penélope.

A segunda, Kristin Carey.

\*\*\*

E tudo culmina aqui:

Tem mais uma história que posso te contar agora, antes de deixar você em paz. Para ser sincero, é a minha história preferida, a de Cláudia Kirkby, a mulher dos

braços quentes.

Mas também é uma história sobre meu pai. E meu irmão.

E meus outros irmãos, e sobre mim.

\*\*\*

É que, sabe, certa vez, na maré do passado Dunbar, pedi Cláudia Kirkby em casamento; foi com brincos, não com um anel. Eram luazinhas de prata simples, mas ela adorou, disse que eram incríveis. Também escrevi uma longa carta para ela, falando de tudo que eu me lembrava dos tempos em que a conheci; de seus livros, e de sua gentileza com os garotos Dunbar. Escrevi sobre as panturrilhas dela, e sobre aquela sarda bem no meio de sua bochecha. Li tudo pra Cláudia na porta da casa dela, e ela chorou e disse que sim — mas logo depois se deu conta.

Ela se deu conta de que haveria problemas.

Estava estampado no meu rosto.

Quando eu disse que teríamos que esperar por Clay, ela apertou minha mão e disse que eu estava certo — e, assim, os anos galgaram. Foram galgando, e então nossas filhas vieram. Enquanto assistíamos a tudo se formar e se transformar, temíamos que ele nunca mais fosse voltar, mas pensávamos que, se continuássemos aguardando, isso o traria de volta. Quando você espera, começa a se sentir merecedor.

Quando cinco anos se passaram, porém, começamos a questionar.

Conversávamos noite adentro, em nosso quarto que, um dia, já fora de Penny e Michael.

Acabamos tomando uma decisão depois que Cláudia me perguntou, enfim:

— E se deixarmos para quando você fizer trinta?

Concordei e, mais uma vez, os anos continuaram passando, e ela ainda me deu um ano a mais; contudo, parecia que os trinta e um teriam que ser o limite. Fazia muito tempo que não recebíamos nenhum cartão-postal, e Clay Dunbar poderia estar em qualquer lugar — e foi então que finalmente me ocorreu:

Entrei no carro e fui. Cheguei a Silver no meio da noite.

Eu me sentei com nosso pai na cozinha de sua casa.

Assim como fez tantas vezes com Clay, ele tomou café, e eu olhei para o fogão e seus botões; fiquei ali, e meio que chorei de soluçar, implorando. Encarei-o do outro lado da mesa:

— Você tem que ir atrás dele.

\*\*\*

Assim que pôde, Michael deixou o país.

Pegou um avião para uma cidade e aguardou.

Todas as manhãs ele saía ao raiar do dia.

Chegava com o lugar abrindo e só voltava para casa quando fechava, já escuro.

Na época, estava nevando lá, congelando, e ele conseguia se virar com uma ou outra frase em italiano. Ficava admirando a estátua de *Davi*, e os *Escravos* eram tão fantásticos quanto ele sempre sonhara. Havia luta e conflito, e rostos voltados para fora tentando respirar, enquanto se digladiavam para sair do mármore. Em pouco tempo os funcionários da Academia passaram a reconhecê-lo e ficavam se perguntando se era louco. Como era inverno, não havia muitos turistas, então em uma semana começaram a notar a presença constante. Às vezes, ofereciam almoço. Certa noite, um deles não se conteve e perguntou...

— Ah — respondeu ele —, estou só esperando... Se eu der sorte, talvez ele

apareça.

\*\*\*

E foi assim que aconteceu.

Durante trinta e nove dias, Michael Dunbar passou manhãs e tardes inteiras na Galeria, em Florença, maravilhado por ficar ali com eles durante tanto tempo — pois *Davi* e os *Escravos* eram estonteantes. Às vezes, caía no sono, sentado e recostado perto das estátuas. Quem o acordava eram os seguranças, na maioria das vezes.

Mas então, no trigésimo nono dia, alguém tocou o ombro dele, e ele abriu os olhos e deu de cara com um homem agachado à sua frente. Viu a sombra do *Escravo* a seu lado, mas a mão era morna. O rosto dele estava mais pálido, mais adulto, mas era impossível não reconhecer o menino. Tinha vinte e sete anos, mas foi como naquele momento, tantos anos antes — Clay e Penélope, no quintal radiante —, pois Michael o viu como o menino que ele fora um dia. Você é o que gosta de histórias, pensou, e, de repente, havia apenas uma cozinha e a voz de Clay, baixinha, projetando-se do escuro em direção à luz.

Ele se ajoelhou no chão e disse:

— Oi, pai.

\*\*\*

No dia do casamento, ainda não tínhamos certeza de nada.

Michael Dunbar tinha feito tudo que podia, mas nossos anseios vinham mais do desespero absoluto do que da esperança em si.

Rory seria o padrinho.

Todos compramos ternos e sapatos chiques.

Nosso pai estava com a gente.

A ponte era uma obra sempre em construção.

A cerimônia aconteceria à noite, e Cláudia já tinha levado as meninas.

À tardinha, nós nos reunimos — do mais velho para o mais novo: eu, Rory, Henry, Tommy. Michael chegou logo depois. Estávamos todos aqui, na rua Archer, alinhados mas ainda com as gravatas frouxas. Esperávamos, como tinha que ser, na cozinha.

Houve momentos em que algo parecia soar lá fora. Quem saía logo voltava.

Todas as vezes a resposta era “não era nada”, mas então, Rory, com a esperança já no fim, falou de repente:

— *Isso*. — Prosseguiu: — Que que foi *isso*?

\*\*\*

Ele considerou ir a pé, mas acabou pegando trem e ônibus. Na avenida Poseidon, desceu um ponto antes, aproveitando o sol morno e amigável.

Andava e parava, escorando-se no ar, e, mais rápido do que esperara ou imaginara, viu-se à esquina da rua Archer, e não sentiu alívio nem pavor.

Só sabia que estava ali, que tinha conseguido.

Como sempre, tinha que ter pombos.

Estavam empoleirados lá em cima, nos fios elétricos, quando ele parou em frente ao jardim. E o que mais ele poderia fazer além de seguir em frente?

Foi o que fez, mas logo parou.

Deteve-se no nosso gramado e, atrás dele, estava a casa de Carey, onde, um dia, ela parou do nada, com o fio da torradeira a seus pés. Ele quase riu ao se lembrar

de nossas brigas — a violência entre garotos e irmãos. Viu a si mesmo com Henry no telhado, como se fossem crianças que conhecera tempos atrás.

Antes de se dar conta, ele disse a palavra “Matthew”. Meu nome, só isso.

Tão baixo e tão contido — mas Rory escutou —, e nos levantamos, juntos, na cozinha.

\*\*\*

Não sei se um dia eu serei capaz de explicar, ou de nutrir essa esperança, ou mesmo de arriscar um Je-sus *Cristo*.

Meu Deus, como contar isso da maneira certa?

Tudo que me resta é bater mais forte na máquina, para expressar para você como foi:

Vamos lá. Primeiro, todos corremos até a entrada e chegamos a arrancar a porta de tela das dobradiças — e, ali, na varanda, nós o avistamos. Ele estava no gramado, vestido para um casório, com lágrimas nos olhos, mas sorrindo. Sim, Clay, o sorridente, estava sorrindo.

Por incrível que pareça, ninguém se aproximou:

Todos ficamos imóveis.

E então, de repente, saímos da inércia.

No meu caso, foi um passo à frente, e depois disso tudo ficou muito mais fácil. Eu disse Clay, e Clay, e Clay, o menino, e depois só senti o vento, conforme meus irmãos passaram zunindo por mim; eles saltaram os degraus da varanda e o agarraram, derrubando Clay no gramado e caindo junto, formando um montinho de corpos e gargalhadas.

E eu fico me perguntando como deve ter sido para nosso pai testemunhar



aquela bagunça na frente da varanda. Fico imaginando a cena pelos olhos dele, Henry e Tommy, depois Rory, saindo de cima do meu irmão. Fico pensando em como deve ter sido presenciar o instante em que, assim que o ajudaram a ficar de pé, ele se levantou e sacudiu a terra, enquanto eu percorria os últimos metros que nos separavam.

— Clay — falei. — Oi, Clay...

Mas já não havia mais nada que eu pudesse dizer a ele, pois aquele menino, que também era o homem desta casa, finalmente se permitiu desabar, e eu o segurei nos braços, como o próprio amor.

— Você veio — falei. — Você veio.

E eu o abracei com tanta força, e depois todos nós, todos os homens que estavam ali, sorrimos e choramos, e choramos e sorrimos; e sempre houve uma certeza — pelo menos, era uma certeza para ele:

Um garoto Dunbar pode fazer muitas coisas, mas deve sempre voltar para casa.

## agradecimentos

Não haveria garotos Dunbar, nem ponte, nem Clay, se não fosse pela resistência, pela gargalhada e pelo coração coletivo de Cate Paterson, Erin Cline e Jane Lawson — que são todas moças de olhos cintilantes que falam a verdade. Que são, elas mesmas, garotos Dunbar. Obrigado por tudo.

Às minhas amigas e colegas: Catherine (a Grande) Drayton, Fiona (Riverina) Inglis, e Grace (PP) Heifetz — obrigado por terem aguentado firme. Muito obrigado por terem se disposto a envelhecer uma década e uns quebrados durante aqueles dias espartanos de leitura.

Tracey Cheetham: se 2016 foi possível, isto também é. A mais preciosa de todas aquelas pontes.

Judith Haut: pouquíssimas pessoas aguentaram minha idiotice tanto quanto você. É o Arkansas em seu sangue. Obrigado, como sempre, pelo seu amor e pela sua amizade, seja no rio ou na cidade.

William Callahan: talvez você nunca tenha a exata noção de sua importância para este livro. Você estava lá para me erguer. Você conseguiu comprar minha saída do Hades.

Georgia (GBAD) Douglas: a penúltima definitiva. Vou sentir saudade de nossas

conversas *ezistenciais*. Exasperadamente certa. Talvez eu mande fazer umas camisetas.

Bri Collins e Alison Kolani: ambas eternas salvadoras, ambas mestras; insubstituíveis.

Aos seguintes impávidos (uma palavra realmente maravilhosa), obrigado por me ajudarem tanto nesta última década, e, em alguns casos, mais recentemente:

Richard Pine, Jenny Brown (a Mais Gentil de Todos os Tempos), Kate Cooper, Clair Roberts, Larry Finlay, Praveen Naidoo, Katie Crawford, Kathy (a consertadora de *todas as coisas*) Dunn, Adrienne Waintraub, Dominique Cimina, Noreen Herits, Christine Labov, John Adamo, Becky Green, Felicia Frazier, Kelly Delaney, Barbara Marcus, Cat Hillerton, Sophie Christopher, Alice Murphy-Pyle, e (as geniais) Sandy Cull, Jo Thomson e Isabel Warren-Lynch.

A todas estas pessoas, nunca subestimem a importância da amizade e da camaradagem que vocês ofereceram tanto a mim quanto a este livro:

Joan DeMayo, Nancy Siscoe, Mandy Hurley, Nancy Hinkel, Amanda Zhorne, Dana Reinhardt, Tom e Laura McNeal, Andy, Sally, Inge, Bernd, Leena, Raff, Gus, Twain, Johnny e TW.

Menções especiais a:

Blockie: pelas caminhadas com Floyd; pela escuta. *Picasso*. Todas as estradas levam a Huddart.

Angus e Masami Hussey: vocês são cruciais e mudam vidas, são o melhor de continentes diferentes.

Jorge Oakim: eu pularia qualquer portão, em qualquer lugar. Obrigado por tudo.

Vic Morrison: não apenas pelos seus conselhos sobre música e transporte (e afinamento) de pianos, mas também por uma vida inteira de arte e risco, e pela história que me levou aos *Escravos*.

Halina e Jacek Drwecki: pelo amor e pelas discussões sobre as minúcias do polonês, e pelas histórias dos acampamentos e das baratas: *tão grandes!*

Maria e Kiros Alexandratos: pelas conversas preliminares sobre construção de pontes.

Tim Lloyd: pela ajuda e pelos conselhos a respeito do universo equestre, sem falar do tempo que você passou dirigindo comigo por Otford até encontrar algo que se aproximasse de uma mula.

HZ: pelos comentários costumeiramente sarcásticos sobre assassinar a língua alemã.

Zdenka Dolejská: por aquela única linha no idioma tcheco. Todos os pedacinhos são igualmente importantes. Obrigado.

Jules Kelly: expert em guardar segredos.

A misteriosa Frau H.

E Tim Smith: por toda a inspiração, e por aguardar na água.

Ao outro mz: décadas não desaparecem do nada. Elas desaparecem assim. Obrigado por me fazer enxergar como seria a minha vida se eu *não* tivesse terminado. Como sempre, você fez a diferença.

Por fim, a todos os leitores, em todos os cantos: nada disso existiria sem vocês. Obrigado por tudo de todas as coisas.

mz

## sobre o autor



© Hugh Stewart

MARKUS ZUSAK nasceu em 1975, em Sydney, na Austrália. Seu best-seller *A menina que roubava livros* lhe rendeu sucesso mundial, tendo sido traduzido para mais de quarenta idiomas e conquistado diversos prêmios. Pela Intrínseca, publicou também *A garota que eu quero* e *Eu sou o mensageiro*. *O construtor de pontes* foi escrito ao longo de treze anos – uma grande jornada para Zusak, mais grandiosa ainda para quem o lê.

## conheça os outros títulos do autor



*A menina que roubava livros*



*Eu sou o mensageiro*



*A garota que eu quero*

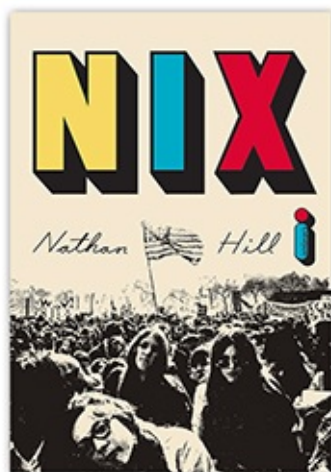


leia também



*Os prós e os contras de nunca esquecer*

Val Emmich



*Nix*

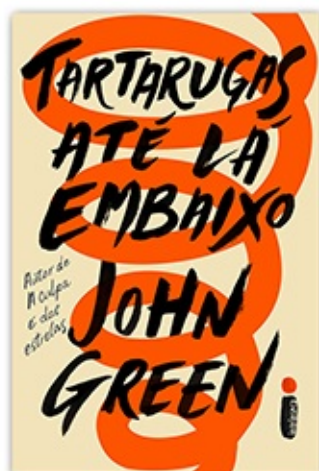
Nathan Hill



*Circo invisível*  
Jennifer Egan



*Extraordinário*  
R. J. Palacio



*Tartarugas até lá embaixo*

John Green